

**MALINCHE, A MULHER DE MUITOS NOMES:
UM ESTUDO SOBRE AS NARRATIVAS
LITERÁRIAS DO SÉCULO XXI**



El sueño de la Malinche, Antonio Ruíz

DÓRIS GIACOMOLLI

**MALINCHE, A MULHER DE MUITOS NOMES:
UM ESTUDO SOBRE AS NARRATIVAS
LITERÁRIAS DO SÉCULO XXI**

1ª edição

São Lourenço do Sul
Dóris Helena Soares da Silva Giacomolli
2023



CERTIFICADO DE REGISTRO DE DIREITO AUTORAL

A Câmara Brasileira do Livro certifica que a obra intelectual descrita abaixo, encontra-se registrada nos termos e normas legais da Lei nº 9.610/1998 dos Direitos Autorais do Brasil. Conforme determinação legal, a obra aqui registrada não pode ser plagiada, utilizada, reproduzida ou divulgada sem a autorização de seu(s) autor(es).

Responsável pela Solicitação:

Dóris Helena Soares Da Silva Giacomolli

Participante(s):

Dóris Giacomolli (Autor)

Título:

MALINCHE, A MULHER DE MUITOS NOMES: UM ESTUDO SOBRE AS NARRATIVAS LITERÁRIAS DO SÉCULO XXI

Data do Registro:

20/05/2023 23:10:50

Hash da transação:

0xe3ff1c799912cba3d0c6564423a3a87dbd6757f30f38051ab0c2d030591e2d00

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Giacomolli, Dóris

Malinche, a mulher de muitos nomes [livro eletrônico] : um estudo sobre as narrativas literárias do século XXI / Dóris Giacomolli. -- 1. ed. -- São Lourenço do Sul, RS : Ed. da Autora, 2023. PDF

Bibliografia.

ISBN 978-65-00-70164-7

1. Américas - História 2. Análise literária
3. Literatura - Século 21 4. Literatura
hispano-americana 5. Literatura inglesa I. Título.

23-157553

CDD-801.95

Índices para catálogo sistemático:

1. Análise literária 801.95

Eliane de Freitas Leite - Bibliotecária - CRB 8/8415

Sumário

| | |
|--|-----|
| Introdução | 8 |
| 1 Origens: as primeiras narrativas sobre Malinche | 23 |
| 1.1 As <i>cartas de relação</i> e o que dizem sobre Malinche..... | 23 |
| 1.2 Frei Bernardino de Sahagún e o <i>recolhimento de testemunhos</i> | 30 |
| 1.3 Gómara - proximidade com Hernán Cortés | 38 |
| 1.4 Las Casas e as denúncias contra a escravidão e mau tratos aos indígenas ... | 46 |
| 1.5. Bernal Díaz del Castillo- o soldado letrado | 50 |
| 1.6 Malinche pelo olhar indígena - <i>Lienzo de Tlaxcala</i> | 60 |
| 1.7 Diego Muñoz Camargo lê Bernal Díaz em <i>História de Tlaxcala</i> | 77 |
| 2 O confronto entre espanhóis e astecas..... | 80 |
| 2.1 A “conquista” vista do século XXI..... | 80 |
| 2.1.1 As consequências que se arrastam até os dias de hoje | 87 |
| 2.2 O papel de Malinche em eventos sangüinários da “conquista” | 90 |
| 2.3 Malinche figura-chave na busca e afirmação de identidades..... | 104 |
| 2.4 Cortés ou Bernal Díaz? | 144 |
| 3 Imagens de Malinche: narrativas literárias do século XXI | 156 |
| 3.1 Helen Heightsman Gordon “calça as sandálias” de <i>Malinalli em Em Malinalli do Quinto Sol: A Menina Escrava que mudou o Destino do México e da Espanha (2005)</i> | 157 |
| 3.1.1 Prólogo - <i>The many names of Malinally</i> | 159 |
| 3.1. 2 O que poderia ter sido escrito por Malinche | 169 |
| 3.2 Laura Esquivel - protagonista sob proteção em <i>Malinche (2006)</i> | 176 |
| 3.3 Desejo de remissão em <i>La verdadera historia de la Malinche (2009)</i> | 198 |
| 3.4 Malinche nos romances de Hancock - <i>War God: (2013) (2014)</i> | 231 |
| 3.5 Tese e defesa de Haino Burmester em <i>A Maldição de La Malinche (2016)</i> .. | 268 |
| 3.5.1 Malinche- participação ativa (em detalhes) no massacre de Cholula | 270 |
| 3.5.2 Malinche afastada dos eventos principais | 277 |

| | |
|---|-----|
| 3.5.3 A infância de Malinche..... | 284 |
| 3.6 Representação e tutela de César Librado Gutiérrez Y Samperio - de <i>La Malinche: Doña Marina, Malinaltzin, Malintzin, Malinalli. Una sola mujer</i> (2019) . | 288 |
| 3.7 V. Castro - Sexualização e imortalidade de Malinche em <i>The Erotic Modern Life of Malinalli The Vampire</i> (2019)..... | 299 |
| 3.7.1 Chicanas-mexicana-americanas..... | 305 |
| 3.7.2 Representações da vida sexual e amorosas da mulher Malinche | 309 |
| 3.7.3 Repesentações de <i>La Malinche - La Llorona</i> , Medéia e barragã do México | 317 |
| Considerações finais | 325 |
| Referências | 343 |

Men of God and men of war have strange affinities.
Cormac McCarthy

...pero la historia así lo dejó registrado como hecho
incontorno vertible y documentado, avalado por los
historiadores y confirmado por el novelista, a quien
le tendrán que perdonar ciertas libertades en nombre
no solo de su derecho de inventar, sino también de la
necesidad de llenar los vacíos para que no se llegue a
perder del todo la sagrada coherencia del relato.”
José Saramago

“Tú, hipócrita que te muestras humilde ante el extranjero
pero te vuelves soberbio con tus hermanos del pueblo.
Oh, Maldición de Malinche, enfermedad del presente
¿Cuándo dejarás mi tierra cuando harás libre a mi gente?
Gabino Palomares

"Creio que por causa dessas obras impias, criminosas e ignominiosas,
perpetradas de modo tão injusto, tirânico e bárbaro, Deus derramará sobre a Espanha
sua fúria e sua ira, porque toda a Espanha, bem ou mal, teve o seu
quinhão das sangrentas riquezas, usurpadas à custa de tanta ruína e extermínio."
Testamento- profecia de Las Casas

A terra nova era um paraíso,
o milho alto e os rios puros.
Dormia o ouro a cobiça ausente,
era o índio senhor do continente.
Foram chegando os conquistadores,
os africanos e os aventureiros.
O índio altivo se mesclou ao escravo:
nascia um novo tipo americano.
O interesse fabricou carimbos.
O ódio à toa levantou paredes.
A baioneta desenhou fronteiras.
A estupidez nos separou em bandeiras.
Fruto do suor-Raices de América

A terra queimará e haverá grandes círculos brancos no céu.
A amargura surgirá e a abundância desaparecerá.
A terra queimará e a guerra de opressão queimará.
A época mergulhará em graves trabalhos.
De qualquer modo, isso será visto.
Será o tempo de dor, das lágrimas e da miséria.
É o que está por vir.
Livro de Chilam Balam de Chumayel, trad. de B. Perret.

Malinche, a mulher de muitos nomes: um estudo sobre as narrativas literárias do século XXI

Resumo: Verificando o aspecto singular que caracteriza história, historiografia, fontes histórica e primária, a partir do pensamento de que o colonialismo admitiu e acobertou inúmeras lacunas na história através de doutrinação ideológica, privilegiando documentos escritos e oficiais, tidos como portadores da verdade e do fato histórico em si, percebe-se que inúmeros personagens históricos tiveram papéis relevantes na época dos acontecimentos, mas foram mantidos em silenciamento e desvalorização, pois permaneceram em total apagamento, em estado de esquecimento e impotência. Esses personagens e histórias vêm exigir um exame crítico e uma análise cuidadosa do passado e dos códigos do discurso hegemônico, instância de poder que tomou posse, ideologicamente, de somente uma forma de discurso, excluindo outras. Através da análise de romances literários do século XXI que se concentraram na figura de La Malinche, abre-se, nesse trabalho, bem como em inúmeros antes desse que passaram a estudar esses fatos tidos como verdade absoluta e a partir de um entendimento de que essas fontes devem ser criticadas e historicizadas, um novo objeto de estudo. Alguns personagens são vitalizados por releituras acadêmicas e romances. Este é o caso de *La Malinche*, cuja figura foi retomada em diversas épocas, por romancistas e historiadores, seja para contradizer a História que usa um discurso que valoriza o masculino em detrimento do feminino e/ou o discurso do conquistador espanhol em prejuízo da voz do indígena conquistada e subalterna, seja para validá-los. O objetivo é investigar e analisar as diversas maneiras em que essa personagem é representada nestes universos ficcionais que optaram por resgatar essa figura e como sua imagem continua a perseguir historiadores e romancistas por mais de quinhentos anos de sua existência. Percebemos que entre historiadores e romancistas há “esquecimentos”, heterogeneidades, recuos e disjunções em torno da figura de Malinche, mas que o que se procuram representar e/ou esconder sobre sua figura, tem importância capital visto que ela foi, primeiramente, mencionada nos parâmetros do cânone ocidental, mais tarde sua figura foi sendo reproduzida de acordo com estudos brotados de dentro de uma lógica falocêntrica sob um título despectivo. Malinche foi vista sob a conjuntura do período pré-hispânico e por uma sociedade dominada por uma determinada forma de colonialidade e, mais tarde, foi vista sob o ângulo do feminismo e defendida em sua condição de mulher e, no século XXI, pode ser vista sob a vertente do pós-colonialismo e de outros ângulos, sem a constância da subordinação. Em suma, Malinche foi acompanhada pelo epíteto de traidora e foi justamente a tentativa de isentá-la ou de culpá-la ou ainda de retirá-la da participação em eventos-chaves do processo de colonização e vitória das tropas espanholas que ela se manteve, através dos séculos, uma personagem tão revisitada. Romancistas e historiadores tentam colocá-la ora como personagem ativa no decurso das ações históricas, ora como sujeito passivo dos eventos, problematizada e reavivada de acordo com as mais diversas posições e pontos de vistas, evoluções políticas e históricas.

Palavras-chave: Malinche, Malinalli, Malintzin, ou Doña Marina; Literatura e história; Conquista e Independência de México; Representação cultural; América Latina.

Malinche, the woman of many names: a study of 21st century literary narratives

Abstract: In this thesis, verifying the singular aspect that characterizes history, historiography, historical and primary sources, from the thought that colonialism admitted and covered numerous gaps in history through ideological indoctrination, privileging written and official documents, considered as bearers of truth and the historical fact itself, it is clear that countless historical figures had relevant roles at the time of the events, but were kept silent and devalued, as they remained in total erasure, in a state of forgetfulness and powerlessness. These characters and stories come to demand a critical examination and a careful analysis of the past and the codes of hegemonic discourse, an instance of power that ideologically took possession of only one form of discourse, excluding others. Through the analysis of literary novels of the 21st century that focused on the figure of La Malinche, this work opens up, as well as countless before that, who started to study these facts considered as absolute truth and from an understanding that these sources must be criticized and historicized, a new object of study. Some characters are vitalized by academic readings and novels. This is the case of La Malinche, whose figure has been taken up at various times by novelists and historians, whether to contradict history that uses a discourse that values the masculine over the feminine and / or the speech of the Spanish conqueror to the detriment of the voice of the conquered and subordinate indigenous, whether to validate them. The purpose of this thesis is to investigate and analyze the different ways in which this character is represented in these fictional universes that chose to rescue this figure and how his image continues to pursue historians and novelists for more than five hundred years of his existence. We realize that among historians and novelists there are “forgetfulnesses”, heterogeneities, setbacks and disjunctions around the figure of Malinche, but that what they seek to represent and / or hide about his figure, is of paramount importance since she was first mentioned in the parameters of the western canon, later its figure was reproduced according to studies sprouted from within a phallogocentric logic under a descriptive title. Malinche was seen in the context of the pre-Hispanic period and by a society dominated by a certain form of coloniality and, later, it was seen from the angle of feminism and defended in its condition of woman and, in the 21st century, it can be seen from the perspective of post-colonialism and other angles, without the constant subordination. In short, Malinche was accompanied by the epithet of traitor and it was precisely the attempt to exempt her or to blame her or even to withdraw her from participation in key events in the process of colonization and victory of Spanish troops that she remained, through the centuries, such a character revisited. Novelists and historians try to place her sometimes as an active character in the course of historical actions, sometimes as a passive subject of events, problematized and revived according to the most diverse positions and points of view, political and historical developments.

Keywords: Malinche, Malinalli, Malintzin, or Doña Marina; Literature and History; Conquest and Independence of Mexico; Cultural representation; Latin America.

Introdução

É inegável que as literaturas são densamente marcadas pelo contexto em que são produzidas. No período inicial da colonização, o projeto literário dos países colonizados era promover no povo o sentimento de pertencimento, de identificação com a terra, visando levá-lo a um amálgama com os colonizadores. Segundo Alfredo Bosi (1993), o desvencilhamento do colonizado com o colonizador vai além do material e passa necessariamente pelo simbólico:

A colonização é um processo ao mesmo tempo material e simbólico: as práticas econômicas dos seus agentes estão vinculadas aos seus meios de sobrevivência, à sua memória, aos seus modos de representação de si e dos outros, enfim aos seus desejos e esperanças. Dito de outra maneira: não há condição colonial sem um enlace de trabalhos, de cultos, de ideologias e de culturas. [...] Às vezes o presente busca ou precisa livrar-se do passado; outras, e talvez sejam as mais numerosas, é a força da tradição que exige o *ritornelo* de signos e valores sem os quais o sistema se desfaria (BOSI *apud* CHAVES, 2004, p.160).

O colonialismo permitiu inúmeras lacunas na história dos indígenas, prova cabal é o silenciamento e a desvalorização sobre sua diversidade cultural tanto na nossa historiografia, bem como o apagamento das histórias individuais de personagens indígenas. Esse é o caso de Malinche, indígena que passou a habitar largamente o mundo fictício e acadêmico dos mais diferentes modos.

O objetivo é saber por quais maneiras ela é representada nestes mundos ficcionais que optaram por resgatar essa figura e como sua imagem continua a perseguir historiadores e romancistas depois de mais de 500 anos de sua existência e, sobretudo, de que maneira ela foi representada através do tempo e quais os espaços que ocupa.

Abre-se um pequeno espaço para pensar História, historiografia e fontes. Janotti (2005) assim se expressa afirmando que a História durante o século XIX fora pautada pela ideia do privilégio do documento que conteria, em si, uma reconstituição conclusiva do passado:

Desde metade do século XIX quando a História se estabelece como disciplina acadêmica, métodos rigorosos de análises foram impostos, privilegiando o documento escrito e oficial, pautando-se na autenticidade do documento, tendo este como o “relator da verdade”, do fato histórico em si. Essa concepção está intimamente ligada à escola metódica de preceitos positivistas, que acreditava que a comparação de documentos permitia reconstituir os acontecimentos do passado, desde que encadeados numa correlação explicativa de causas e consequências (JANOTTI, 2005, p.11).

Com o avanço dos estudos, esses preceitos positivistas foram ultrapassados; os documentos e as fontes históricas passaram a ser os registros oficiais, mas não mais detentores da verdade; o sentido dado a eles passou a ser outro que não aquele de mensageiro de uma verdade irretorquível e conclusiva contada a partir da visão das elites.

[...] a fonte histórica passou a ser a construção do historiador e suas perguntas, sem deixar de lado a crítica documental, pois questionar o documento não era apenas construir interpretações sobre eles, mas também conhecer sua origem, sua relação com a sociedade que o produziu (SILVA, 2006, p.162).

O conceito de fonte histórica ampliou-se significativamente, passando a serem entendidos como vestígios de diversas naturezas, deixados por sociedades do passado. Os historiadores passaram a estudá-los a partir de um entendimento de que essas fontes devem ser criticadas e historicizadas.

Carla Pinsk (2005) ao falar sobre fontes históricas, nos esclarece que elas “são todos os materiais dos quais os historiadores se apropriam por meio de abordagens específicas, métodos diferentes e técnicas variadas para tecerem seus discursos históricos” (PINSK, 2005, p. 7).

Pinsk (2005) define que há inúmeras outras fontes a serem interrogadas pelo historiador, sem que se deixe de observar que a história escrita por sujeitos não é imparcial, visto que eles estavam inscritos em suas próprias subjetividades e não podem ser ignorados os sujeitos das massas, que não foram o objeto primordial dessa escrita e o que tinham a dizer não foi registrado. Passaram, então, a ser considerados os que descreveram a história de um ponto de vista subalterno, os que não tiveram voz ativa no comando dos acontecimentos, os que foram silenciados, começaram a ser ouvidos.

Recorremos às palavras de Janotti (2005) que “embora as interpretações historiográficas se sucedam no tempo, percebe-se que as mais recentes conservam diversos conteúdos das anteriores, alguns são vitalizados por releituras, outros permanecem cristalizados na produção de grupos resistentes às novas ideias” (JANOTTI, 2005, p. 16).

Romancistas escolheram retomar a figura de *La Malinche*; muitos deles podem contradizer a História que usa um discurso que valoriza o masculino, em detrimento do feminino e/ou o discurso do conquistador espanhol, em prejuízo da voz do indígena conquistado e subalterno. Alguns romancistas, entretanto, escrevem

para confirmar a história e as fontes primárias, sem nenhum desejo de contradizê-las. Alguns a representam num universo de exclusão, outros a fazem crer que os recém-chegados eram enviados dos deuses. Assim como entre os historiadores, entre os romancistas há “esquecimentos”, heterogeneidades, recuos e disjunções em torno da figura de Malinche, pode-se perceber que o que se procuram representar e/ou esconder sobre sua figura, tem importância capital.

Quijano (2000) retoma a questão afirmando que a colonialidade se baseia em códigos do discurso hegemônico. Essa instância de poder tomou posse, ideologicamente, de uma das formas de discurso, excluindo outras:

A colonialidade é um dos elementos constitutivos e específicos do padrão mundial de poder capitalista. Se funda na imposição de uma classificação racial/étnica da população do mundo como pedra angular do dito padrão de poder e opera em cada um dos planos, âmbitos e dimensões materiais e subjetivas, da existência social cotidiana e da escala social. Origina-se e mundializa-se a partir da América (QUIJANO, 2000, p. 342).

Essa modernidade surgiu com as invasões europeias quando havia veemência da Europa de defender e estender seus domínios territoriais e impor sua cultura.

Para Mignolo (2017), o lado mais escuro da modernidade é a colonialidade¹ e a modernidade precisa assumir seus crimes tanto quanto suas glórias. O estudioso diferencia colonialismo, que foi a tomada dos territórios e a colonialidade, opressão cultural, a colonização do conhecimento da cultura e do saber, sustentadas sob “o fundamento racial e patriarcal do conhecimento (a enunciação na qual a ordem mundial é legitimada)” (MIGNOLO, 2017, p. 5).

O autor vem perceber que ainda que a história tenha o seu valor, é necessário recontá-la, mas, dessa vez prestando atenção à voz e visão dos colonizados a quem restou, na ocasião dos acontecimentos, assimilar os valores e a cultura europeia e aprender a se expressarem em sua língua, além de ter seus valores, cultura e religião negados com violência. A favor da colonialidade havia ainda o interesse das elites *criollas* que se adequavam do pensamento do colonizador.

¹ A “colonialidade” é um conceito que foi introduzido pelo sociólogo peruano Anibal Quijano, no final dos anos 1980 e no início dos anos 1990: “patrón colonial de poder” (matriz colonial de poder) foi descrito como quatro domínios inter-relacionados: controle da economia, da autoridade, do gênero e da sexualidade, e do conhecimento e da subjetividade. (MIGNOLO, 2017, p. 2).

Muito esclarecedor para a questão do pós-colonialismo, o pensamento de Luciana Ballestrin (2013) de que o tempo pode ser dividido em dois momentos, o histórico que se segue imediatamente após os processos de descolonização e um momento posterior a 1980, baseado em estudos literários:

Depreendem-se do termo “pós-colonialismo” basicamente dois entendimentos. O primeiro diz respeito ao tempo histórico posterior aos processos de descolonização do chamado “terceiro mundo”, a partir da metade do século XX. Temporalmente, tal ideia refere-se, portanto, à independência, libertação e emancipação das sociedades exploradas pelo imperialismo e neocolonialismo – especialmente nos continentes asiático e africano. A outra utilização do termo se refere a um conjunto de contribuições teóricas oriundas principalmente dos estudos literários e culturais, que a partir dos anos 1980 ganharam evidência em algumas universidades dos Estados Unidos e da Inglaterra. (BALLESTRIN, 2013, p.90).

Esse segundo momento deve-se aos estudos literários e culturais que descentralizaram as narrativas.

Recorremos aqui aos conceitos propostos por Costa (2006): o pós-colonialismo compartilha, através do “caráter discursivo do social”, do “descentramento das narrativas e dos sujeitos contemporâneos”, do “método da desconstrução dos essencialismos” e da “proposta de uma epistemologia crítica às concepções dominantes de modernidade” (COSTA, 2006, pp. 83-84).

Mignolo vem conceituar descolonialismo, ou seja, a ruína do colonialismo, desse longo e escuro processo pelo qual os europeus mantiveram sua dominação sobre civilizações complexas e elaboradas: “os incas em Tawantinsuyu e os astecas em Anahuac eram duas civilizações sofisticadas até a época da chegada dos espanhóis” (MIGNOLO, 2017, p. 3), mas sua cultura foi desconsiderada. Os espanhóis tomaram o poder e impuseram seu ponto de vista, em detrimento da cultura inca e asteca.

Escrevem Fernanda Frizzo Bragato e Natalia Martinuzzi Castilho que o descolonialismo visa promover uma libertação de toda uma herança colonizadora autoritária, sobretudo, que pesam nos campos epistemológico, cultural, social, político e jurídico:

O que se convencionou chamar de estudos descoloniais não pode ser caracterizado fora do contexto delimitado até aqui. A genealogia dos estudos subalternos, articulada às reflexões em torno da categoria “libertação” e da necessidade de produção de uma filosofia latinoamericana, orientou o sentido das discussões mais recentes em torno da modernidade e da pós-modernidade e seu diálogo, ou não, com o contexto das

sociedades periféricas. Nesse campo extremamente plural que procurava, de forma geral, comprometer-se com a produção contra-hegemônica de conhecimento e desafiar as nuances etnocêntricas, monolíticas e centralizadoras da modernidade europeia/norte-americana, destacaram-se, a partir do final dos anos 90, as ideias de alguns intelectuais articulados em torno de um projeto intitulado “modernidade/colonialidade”. A essa produção deu-se o nome de estudos descoloniais ou pensamento descolonial. (BRAGATO, CASTILHO, 2014, p.19).

Inserem-se aqui o pensamento de Nascimento (2018) que afirma que a descolonização vem para não priorizar a história e suas barbáries, mas para focar nos discursos silenciados, para prestar atenção ao que fala o marginalizado, o oprimido:

Os estudos culturais e os estudos descoloniais emergem com a intenção de produzir uma ruptura nas discussões realizadas a respeito de culturas e povos subalternizados ao longo dos séculos. Com impactos em épocas distintas, provocaram (e provocam) inúmeras discussões em uma ciência que ainda é fortemente marcada pelo positivismo (e suas consequentes reivindicações de uma suposta neutralidade e universalidade, marcadas por um sistema-mundo capitalista, masculinista, racista, cis-heteronormativo e ocidentalista). (NASCIMENTO, 2018, p. 85).

O descolonialismo é uma opção que não a monopolização da cultura e do conhecimento. Escreve o autor: “A “colonialidade” já é um conceito “descolonial” e projetos descoloniais podem ser traçados do século XVI ao século XVIII”. (MIGNOLO, 2017, p. 2). Seguindo esse pensamento, escreve Mignolo: “Assim, ocultadas por trás da retórica da modernidade, práticas econômicas dispensavam vidas humanas, e o conhecimento justificava o racismo e a inferioridade de vidas humanas, que eram naturalmente consideradas dispensáveis.” (MIGNOLO, 2017, p. 4).

O conhecimento ocidental se tornou hegemônico, “tornou-se uma mercadoria de exportação para a modernização do mundo não ocidental.” (MIGNOLO, 2017, p. 8). Assim, por muito tempo, se tornaram soberanas e disseminadas as classificações europeias, inclusive nas relações de gênero, tornando-se impensável que se pudesse arrancá-las dessas mãos históricas e tradicionais. É na lógica subjacente do colonialismo que se justifica a inserção de valores onde a mulher se subordina ao homem e o nativo ao homem branco:

Uma hierarquia de gênero/sexo global que privilegiava homens em detrimento de mulheres e o patriarcado europeu em detrimento de outras formas de configuração de gênero e de relações sexuais [...] Um sistema que impôs o conceito de “mulher” para reorganizar as relações de gênero/sexo nas colônias europeias, efetivamente introduzindo

regulamentos para relações “normais” entre os sexos, e as distinções hierárquicas entre o “homem” e a “mulher” (MIGNOLO, 2017, p. 11).

O processo do pensamento e ação descolonial se tornaram essenciais para a deslegitimação desses conceitos e para a invalidação do pensamento baseado no colonialismo: “A opção descolonial não visa ser a única opção. É apenas uma opção que, além de se afirmar como tal, esclarece que todas as outras também são opções, e não simplesmente a verdade irrevogável da história que precisa ser imposta pela força.” (MIGNOLO, 2017, p. 13). De acordo com Mignolo, o descolonialismo surge como reação à verdade única; se apresenta como uma opção de pensamento que não a concentração hegemônica no pensamento europeu: “A meta das opções descoloniais não é dominar, mas esclarecer, ao pensar e agir, que os futuros globais não poderão mais ser pensados como se uma única opção fosse disponível; afinal, quando apenas uma alternativa é disponível, “opção” perde inteiramente o seu sentido.” (MIGNOLO, 2017, p. 14).

Através da desconstrução da colonialidade, das múltiplas ocorrências advindas do colonialismo, se torna possível reconhecer a positividade de outras visões de mundo, operar e considerar a relevância de outros saberes que não a opção única, verdadeira e universal do pensamento eurocêntrico.

Mignolo (2010) ressalta que o pensamento descolonial e pensadores resistiram e se puseram a pensar e a teorizar sobre como retomar das mãos da história as memórias e os discursos dos quais ela se apoderou para transformá-los e guardá-los de forma pétrea e imobilizada:

Colonialidade e descolonialidade introduzem uma fratura entre a pós-modernidade e a pós-colonialidade como projetos no meio do caminho entre o pensamento pós-moderno francês de Michel Foucault, Jacques Lacan e Jacques Derrida e quem é reconhecido como a base do cânone pós-colonial: Edward Said, Gayatri Spivak e Hommi Bhabha. A descolonialidade - em contrapartida - arranca de outras fontes. Desde a marca descolonial implícita na *Nueva Crónica y Buen Gobierno* de Guamán Poma de Ayala; no tratado político de Ottobah Cugoano; no ativismo e crítica decolonial de Mahatma Ghandi; na fratura do Marxismo em seu encontro com o legado colonial nos Andes, no trabalho de José Carlos Mariátegui; na política radical, o giro epistemológico de Amílcar Cabral, Aimé Césaire, Frantz Fanon, Rigoberta Menchú, Gloria Anzaldúa, entre outros (MIGNOLO, 2010, pp. 14-15).

Como palavras importam, separam-se conceitos como decolonialismo e descolonialismo já que eles se direcionam por estudos diversos entre si, ainda que ambos se debrucem sobre os estudos da colonialidade quando intentam trazer à

tona conceitos e processos que foram sufocados pela colonização, pensamentos surgidos pela conferência de Bandung.² Os países que deixaram de ser colônias percebem que uma independência nacional não significa uma libertação total dos laços econômicos e não extingue as desigualdades sistêmicas. Apesar de os dois termos serem usados quase que de forma sinônima, o termo descolonial tem o sentido de desmonte e reversão do processo da colonização como se esse nunca houvesse existido. Por sua vez, decolonialidade é um termo usado por Catherine Walsh (2017) para mostrar a impossibilidade de negar a colonialidade, pois existem heranças indeléveis que exigem que se lide com esses processos a partir da herança da colonização, pensando em novas formas de viver mesmo que com esses legados.

A decolonialidade é um elemento da modernidade, bem como da colonialidade. O termo decolonialismo tem seu contorno específico que vai além de uma discussão político econômica do processo de colonialidade, pois envolve o que é simbólico, intersubjetivo, tratando da libertação, descolonização, dupla consciência comum e colonialidade, debatendo movimentos sociais em sua heterogeneidade, sua ação nas comunidades assim como na interface com o racismo, o patriarcado e os saberes indígenas, tradicionais e populares, enfim, valorização de todo o pensamento não eurocêntrico.

A decolonização surge com a força de outras fontes e de uma nova maneira de encarar os petrificados códigos do discurso hegemônico.

Escreve Luciana Ballestrin (2013) que decolonialismo “basicamente significa o movimento de resistência teórico e prático, político e epistemológico, à lógica da modernidade/colonialidade.” (BALLESTRIN, 2013, p.105). Aponta a autora que a decolonização se situa após a colonialidade a ainda mesmo como resistência ao pós-colonialismo:

Basicamente, a decolonização é um diagnóstico e um prognóstico afastado e não reivindicado pelo *mainstream* do pós-colonialismo, envolvendo diversas dimensões relacionadas com a colonialidade do ser, saber e poder. Ainda que assuma a influência do pós-colonialismo, o Grupo Modernidade/

² A Conferência de Bandung aconteceu na Indonésia, na cidade de Bandung em 1955, objetivando promover a colaboração econômica e cultural dos países da Ásia e África em oposição ao controle político e econômico exercido por Estados Unidos, Rússia e alguns países europeus sobre as nações africanas e asiáticas. Na verdade estes países reuniram-se para buscar defesa contra as forças capitalistas que o subjugavam: “Conferência de Bandung como marco inicial do estabelecimento de uma estratégia comum, bem como de princípios e valores que iriam reger as relações entre países do Terceiro Mundo.” (PEREIRA, MEDEIROS, 2015, p. 2).

Colonialidade recusa o pertencimento e a filiação a essa corrente. O mesmo se aplica às outras influências recebidas que possibilitaram o surgimento e o desenvolvimento da construção teórica do grupo. Contudo, aquilo que é original dos estudos decoloniais parece estar mais relacionado com **as novas lentes colocadas sobre velhos problemas latino-americanos** do que com o elenco desses problemas em si. (BALLESTRIN, 2013, p.108, grifo nosso).

Sob essas novas lentes do decolonialismo colocadas sobre velhos problemas latino-americanos é que viemos tentar analisar representações de *La Malinche* no século XXI por diversos autores e autoras e refletir sobre a “estrutura opressora do tripé colonialidade do poder, saber e ser como forma de denunciar e atualizar a continuidade da colonização e do imperialismo, mesmo findados os marcos históricos de ambos os processos” (BALLESTRIN, 2013, p.110) e sobre como essa opressão pode ter agido sobre a representação desta personagem histórica e literária.

Então, tanto os estudos culturais quando a descolonização e a decolonização estão propondo um novo olhar sobre a escrita da história, se dirigindo, dessa vez, para o lugar de onde olhamos vencidos.

Com a proposta de romper com as formas de pensamento hegemônicas, ambas tradições são questionadas por seus procedimentos teóricos e metodológicos. Essas dificuldades podem ocorrer pela escolha em se desvincularem dos campos engessados das disciplinas formalmente instituídas, dialogando ainda com outras formas de saber, muitas vezes desconsideradas pela academia. (NASCIMENTO, 2018, p. 85).

Quando olhamos para o passado e ouvimos o que tem a dizer os que foram vencidos e calados, percebemos que o passado e a história não tratam somente das vitórias dos grandes conquistadores, mas das derrotas dos conquistados. Aqui, cabem as palavras de Eduardo Galeano em *Veias abertas da América Latina*:

Para os que concebem a História como uma contenda, o atraso e a miséria da América Latina não são outra coisa senão o resultado de seu fracasso. Perdemos; outros ganharam. Mas aqueles que ganharam só puderam ganhar porque perdemos: a história do subdesenvolvimento da América Latina integra, como já foi dito, a história do desenvolvimento do capitalismo mundial. Nossa derrota esteve sempre implícita na vitória dos outros. Nossa riqueza sempre gerou nossa pobreza por nutrir a prosperidade alheia: os impérios e seus beaguins nativos. (GALEANO, 1971, p. 11).

Com o apontamento desse discurso pungente de Galeano, podemos registrar que os romances, ao recuperarem a memória, e ao fazê-la ultrapassar o portal entre história e literatura, permitem que Malinche carregue consigo uma representação

feminina que se *re-constitui* nas relações estabelecidas de poder, que se estabeleceu entre derrotas e vitórias.

Para o desenvolvimento deste trabalho vamos analisar a recriação, em narrativas ficcionais, dessa personagem histórica – Malinche – que teve sua vida contada pelos romancistas que se deram o direito de, através de um diálogo com a história, inventar espaços vazios deixados acerca dessa figura, visto que a historiografia ocidental tradicional parece não ter completado, de maneira satisfatória, o que havia a dizer sobre Malinche. É relevante apurar e constatar como a imaginação e o posicionamento ideológico dos romancistas e estudiosos atuaram nos espaços em branco que a escrita da história deixa em suas bases.

No primeiro capítulo, devem ser incluídas as origens e as primeiras narrativas sobre Malinche. Aqui se incluem olhares sobre o que se convencionou chamar de “conquista” e suas consequências. Existe um grande arquivo referente à conquista, e nele há registros sobre Malinche: as fontes do ponto de vista dos espanhóis como Hernán Cortés e as *Cartas de relación (1519 a 1526)*³, Bernardino de Sahagún e *Historia general de las cosas de la Nueva España-Florentine Codex (1577)*, Francisco López de Gómara, *La conquista do México (1552)*, Frei Bartolomé de Las Casas e a *Brevísima relación de la destrucción de las Indias (1552)*⁴, Bernal Díaz del Castillo e *A verdadeira história da conquista da Nova Espanha (1632)*, Também incluiremos nesse capítulo olhares indígenas sobre Malinche, como exemplo o *Lienzo de Tlaxcala* e analisaremos o papel de Malinche em eventos sangüinários da “conquista”.

No segundo capítulo, analisaremos o percurso dos movimentos nacionalistas e trabalhos deixados pelos historiadores e pesquisadores que leram as primeiras narrativas, para continuar a investigação da biografia dessa nativa que acompanhou os espanhóis em seu processo de invasão, conquista e espoliação das terras em que chegavam; trabalhos que investigam a biografia falha e omissa, que se

³ Primeira carta, escrita em 10 em julho de 1519, segunda carta, em 30 de outubro de 1520, terceira em 15 de maio de 1522, quarta em 15 de outubro de 1524 e a quinta carta foi escrita em 3 de setembro de 1526.

⁴ “O texto foi terminado em 8 de dezembro de 1542 e foi publicado pela primeira vez no ano 1552 sob o título: BREVISSIMA RELACIÓN DE LA DESTRUICION DE LAS INDIAS: COLEGIADA POR EL O BISPO DON FRAY BARTOLOME DE LAS CASAS Ó CASSAUS, DE LA ORDEN DE SANCTO DOMINGO – AÑO DE 1552. (GUTIÉRREZ, 2010, pp.2-3).

preocuparam em preencher e esclarecer as brechas deixadas acerca dessa figura. Como uma grande dama, filha de caciques, ou como escrava, vendida e usada tanto pelos próprios povos indígenas quanto pelos europeus, coisificada ou vítima de estupro; assim, ela continua a ressurgir no imaginário hodierno. Muitas dessas narrativas podem desconstruir a ideologia patriarcal, podem negar ou afirmar o mito negativo desse ícone da cultura mexicana, mas cada uma delas permitiu que *La Malinche* tivesse voz e reivindicasse uma interpretação para suas ações no passado bem como trabalhos cuja visão seja a dos conquistados como o *Lienzo de Tlaxcala*, trabalho produzido na segunda metade do século XVI, Diego Muñoz Camargo e seu projeto historiográfico, *História de Tlaxcala*, monografia escrita em 1592. Continuaremos investigando em Miguel León-Portilla em *Vision de los vencidos*, trabalho escrito em 1926 e estudos posteriores, *El laberinto de la Soledad*, principalmente o quarto capítulo do livro, *Los hijos de la Malinche*, de Octavio Paz (1947) escritos a partir das primeiras narrativas.

No capítulo III, nos centraremos nas narrativas ficcionais publicadas no século XXI: *Malinalli of the Fifth Sun: The Slave Girl Who Changed the Fate of Mexico and Spain* de Helen Heightsman Gordon (2005); *Malinche*, de Laura Esquivel (2006); *La verdadera historia de Malinche*, de Fanny Del Río (2009); *War God: Nights of the Witch, livro I* (2013), *War God: Return of the plumed serpent, livro II* (2014) de Graham Hancock e *A Maldição de La Malinche* de Haino Burmester (2016), *La Malinche: Doña Marina, Malinaltzin, Malintzin, Malinalli. Una sola mujer representada* de César Librado Gutiérrez Y Samperio (2019) e *The Erotic Modern Life of Malinalli The Vampire* de V. Castro (2019).

Atentar-nos-emos ao motivo que levou esses autores a resgatar o passado através dessa personagem; detendo-nos no momento e na língua em que escrevem, quem é a Malinche literária desses autores e qual o motivo que levou esses autores mexicanos e não mexicanos a retomarem uma construção que presumivelmente despertaria apenas a atenção local. Por que essa figura, cuja historiografia é ínfima, foi tão insistentemente retomada fora do país de origem?

Revisaremos as representações de La Malinche representada tanto como *La Llorona*, Medéia e barragã do México.

Serão instrumentos de pesquisa, o manancial de análises do papel e da influência de Malinche no ato da “conquista” e escritos gerados de estudos com base nas primeiras narrativas no decorrer do processo de dominação do México, assim como em produções mais recentes sobre a personagem Malinche, nos quais ela não despertou desejos de se fazer personagem literário, mas, ainda assim, se tornou personagem principal, objeto de curiosidade, de estudo e pesquisas: Miguel León-Portilla (1959), *Vision de los vencidos*; Milagros Palma (1990), *Malinche, el malinchismo o el lado femenino de la sociedad mestiza*; Cristina González Hernández (2002); Doña Marina (La Malinche) y la formación de la identidad mejicana de Hernán Cortés e Francisco Pizarro; Tzvetan Todorov (2003), *A conquista da América*; Margo Glantz (2006), *Las hijas de la Malinche*; Camilla Townsend (2006), *Malintzin’s choices An Indian Woman in the Conquest of Mexico*; Rosa Maria Spinoso de Montandon (2007), *La Llorona mito e poder no México*; Sonia Hernández (2008), *Malinche in Cross-Border Historical Memory*; Kellogg (2008), *Marina, Malinche, Malintzin Nahúa Women and the Spanish Conquest*; Sandra Messinger Cypess (2008), *La Malinche as Palimpsest II*; Powers (2008), *Colonial Sexuality Of Women, Men, and Mestizaje*; Portugal e Morais (2010) *História e Memórias*; Maria Emilia Granduque José (2011), *A presença de Malinche nas crônicas de índias do século XVI*; Daniele Salomão (2011), *Mestiçagem e construção de identidades: a trajetória da índia Malinali na sociedade mexicana*; Janaína de Azevedo Baladão de Aguiar (2013), *El sexto sol de Malinali*; Jorcy Foerste Jacob (2014) *Os filhos de Malinche: As representações sobre os indígenas na ótica de Diego Rivera*; Duverger (2014), *Cortés e seu duplo*; Magda Fabiane Seger (2014), *La Malinche, D. Marina: a “lengua” de Cortés segundo o “Lienzo de Tlaxcala”*; *Malinche: o ‘novo mundo’ é feito de representações*, Maria Luana dos Santos (2015); Virgilio Adrián Arias Ramírez (2016) *Malinche La abuela zoque*; María Elena Jones (2018), *El rol de intérprete de la Malinche en la Masacre de Cholula: ¿traidora o traicionada?*, entre outros tantos, com o intuito de perceber as diferentes abordagens dessa figura percebida tão contraditoriamente no meio cultural em que viveu, partindo da ideia de Díaz Del Castillo (2005), de que tenha sido uma “grande princesa,” até chegar à traidora, visão patriarcalista mexicana do século XIX, ou para salientar sua participação negativa e odiosa na construção da identidade nacional mexicana como denega Octavio Paz (1947) em *Los hijos de la*

Malinche, capítulo IV em *El laberinto de la Soledad*. Trataremos, ainda, do livro de Rebecca K. Jager (2015), *Malinche, Pocahontas, and Sacagawea: Indian Women as Cultural Intermediaries and National Symbols* para compreender o contexto cultural em que as mulheres eram oferecidas pelos homens de seu próprio povo como uma estratégia para garantir a paz ou manter boas relações com estrangeiros invasores.

Antes de nos concentrarmos na literatura do século XXI, faremos, no decorrer do trabalho, considerações sobre alguns livros publicados em data anterior ao ano 2000, a saber: *O Deus da Chuva chora sobre o México*, de Laszlo Passuth (1963), *Malinche*, de Jane Lewis Brandt (1981), *La Muerte del Quinto Sol* de Robert Somerlott (1992) e *La Princesa Azteca* de Colin Falconer (1996) e as usaremos como referências intertextuais, bem como com a intenção de perceber como foram representadas as Malinches literárias no século XXI.

Vale comentar que dois acontecimentos estão entre as catástrofes acontecidas na história da humanidade, tenebrosos, assombrosos e enigmáticos em sua totalidade, pois todos os que dele participaram e testemunharam já desapareceram. Testemunhos escritos não os explicam claramente, mas nos possibilitam pesquisar e inferir como aconteceram.

Esses dois fatos poderiam ser comparáveis, em extermínio e covardia, ao nazismo, por exemplo, mas que não foram sopesados como tais pela humanidade. O ápice dos horrores foi o extermínio de judeus, na Europa. Os olhares do mundo se concentram aí, ficando esquecidas atrocidades igualmente horripilantes que aconteceram nas Américas e em África; desimportantes, em analogia, enquanto aniquilamento de indígenas de terceiro mundo. Ao passo que Hitler é perfeitamente nomeado como um ser degradante e genocida, coleções e coleções de livros são destinados às glórias dos “conquistadores” que têm suas histórias contadas como homens valorosos.

Um desses assombros é que um homem analfabeto, sanguinário, rude como foi Pizarro, fosse capaz de sequestrar, quase que num instante, um homem do porte de Athualpa, pedir resgate, recebê-lo e, mesmo assim, assassinar o *Inca* tão temido e poderoso entre sua gente. O outro é o fato de que, contra todas as predições, um homem como Hernán Cortés entrasse no México, dele se apropriasse, vencesse Montezuma, o temido *tatloani* dos astecas, e que este tenha entregado Tenochtitlán facilmente, sem revidar, sem reagir, sem lutar. Causa-me

indignação que um espanhol sujo e malcheiroso tivesse destruído a cidade branca e brilhante em que fora convidado a entrar como se fosse um visitante ilustre. Porque quis entender, pus-me a investigar. Concentrei-me primeiramente em Montezuma e Hernán Cortés, e minha investigação levou-me a escrever um livro sobre esses dois homens. Nesse processo, encontrei uma personagem feminina para o meu romance. Para minha surpresa quase não havia fatos históricos relatados nos livros de história; quase nada, muitas lacunas, muitas contradições, muitas ausências. Estudei as fontes, Bernal Díaz, Cortés, Las Casas, Sahagún, Portilla, deparei-me com Octávio Paz, diversos trabalhos acadêmicos e meu livro surgiu: *O que querem os deuses* (2018). Escrevi, publiquei, mas eu tinha ainda mais a escrever, mais a falar, mais a perguntar, mais a descobrir sobre Malinche. Neste interim e ao mesmo tempo, dediquei-me ao segundo projeto, escrever sobre Athualpa e Pizarro. Escrevi: *Com a alma entre os dentes* (2019).

O resultado da escrita literária foi que meu protagonista se transformou em Montezuma em *O que querem os deuses*; e, evidentemente, Hernán Cortés o antagonista. Em *Com a alma entre os dentes* fiz de Athualpa meu herói e de Francisco Pizarro o vilão. Senti-me realizada porque tive uma espécie de vingança particular, mesmo que esses meus personagens indígenas não pudessem modificar a história. Aproveitei, cuidadosamente, as faltas de evidências concretas, as lacunas, os abertos, o não-escrito, o que os historiadores não disseram, porque não quiseram, porque não interessava ou porque não sabiam. Não pude fazê-los vencer, mas pude mostrar a indignidade daqueles que entraram em terras que não lhes pertencia e se acharam no direito de destruir todo um mundo que encontraram, saquear suas riquezas, apropriar-se de suas terras, possuir suas mulheres e transformar a todos em escravos nas *encomiendas* e nas minas de extração de minerais em nome de um rei que eles não conheciam e de uma religião que não queriam, de um deus que não adoravam e de uma ambição que eles ignoravam que existia. Senti-me, ao terminar esses romances, meio que um cavaleiro andante, um *Don Quixote de la Mancha* a lutar contra o acontecido que não tenho o poder de mudar, contra as injustiças que não tenho o poder de remediar.

Mas e Malinche? Bastou representá-la nos acontecimentos que resultaram na queda de Tenochtitlán? Eu tinha preenchido as lacunas deixadas pela história? Quis separar a verdade das lendas, tanto quanto possível, já que seria praticamente

impossível chegar ao que realmente aconteceu de fato, dar uma chance à personagem para que se chegue o mais próximo possível dos acontecimentos e pudesse responder questões sobre se Hernán Cortés teria usado Malinche para justificar-se e defender-se das armadilhas preparadas para si próprio. A instigação veio também das obras sobre Malinche, tanto literárias quanto acadêmicas. O que continuava a despertar a curiosidade e a atenção de tantos? Como Malinche habitava as memórias que os nativos de seu tempo conservavam? Daqueles que conviveram com ela? Daqueles que ouviram histórias sobre ela, dos pais, dos avós, daqueles que a lembravam? Como a viam nos primórdios da chegada dos europeus? E as representações europeias? E as modificações nas representações de Malinche que ocorreram logo após a “conquista”? Quantas transformações na forma de percebê-la ocorreram e por que ocorreram? Quais os motivos que levaram os autores literários e acadêmicos a escreverem sobre Malinche, tanto tempo depois de sua existência e a centrarem nela suas investigações?

Pensei em comparar obras literárias e pesquisar como as modificações históricas influenciaram essas obras. A ideia de um projeto acadêmico sobre Malinche surgiu. Não mais ficção, o que poderia ter sido, mas investigar quem foi ela, o que aconteceu com ela, após, quais as motivações dela ao agir como agiu, o que era plausível. Continuei a ler mais trabalhos acadêmicos sobre ela e me deparei com divergência de opiniões a respeito dessa indígena. Em 2018, quando eu já estava fazendo um doutorado, na FURG, sobre literatura indígena brasileira, tentei trocar o projeto, mas foi impossível essa troca no meio do curso. Iniciou-se o curso de doutorado na UFPel e o projeto já escrito, *Malinche, a mulher de muitos nomes: estudo sobre as narrativas literárias do século XXI*, foi aprovado.

Nesse trabalho, percebe-se a identificação de lacunas históricas sobre a figura feminina de *La Malinche*. As literaturas e trabalhos acadêmicos, em sua maioria, mais do que modificar a maneira como se percebe Malinche, ou tentam preencher espaços deixados pela história, ou são motivadas justamente por esses vazios que a história deixou. Ao preencher esses espaços, não conseguem transformar completamente de Malinche, que se aderiu a ela através da História.

Interessante perceber que a nova relação com a história não desencadeou um pensamento harmonioso e unânime sobre o valor da figura histórica de Malinche, para o entendimento da relação que ela manteve com os espanhóis e com

seu próprio mundo; não lançou uma luz sobre essa figura que continua sendo encarada de maneira conflituosa. Sua relação com quem tem a curiosidade despertada por sua figura continua sendo divergente, em pleno século XXI. As autoras feministas, que tentam defendê-la, que buscam uma nova forma de percebê-la e concebê-la, não o conseguem adequadamente, apesar de buscarem justificar suas ações através do amor romântico, que provavelmente não foi o sentimento que a moveu. Os dois médicos, autores de romances literários do século XXI, que se propuseram a vê-la de maneira justa e imparcial, tentam justificá-la, mas, para isso, ocultam fatos que marcaram negativamente sua figura, tirando da personagem o foco narrativo quando mencionam acontecimentos como o massacre de Cholula e do Templo Mayor, responsáveis, de modo eminente, por sua imagem de traidora.

Outro autor entre os romances literários escolhidos a representa como uma espécie de prostituta que troca favores por seus serviços e que obstinadamente engana os autóctones, procurando convencer a todos de que Cortés é o deus Quetzacoátl, mesmo quando a personagem não crê nisso.

Ao investigar a Malinche das fontes históricas, ao analisar as possibilidades presentes na literatura consultada, ao evidenciar as supostas novas leituras e visões de autores do século XXI, percebemos que eles se baseiam nas primeiras narrativas, (principalmente em Bernal Díaz del Castillo) para representá-la, com poucas exceções e, portanto, no antigo, no lacunar, no raro existente.

Muitos que escreveram as primeiras narrativas e os que se puseram a recolher testemunhos logo após os eventos e alguns que estudam e revisitam as fontes antigas não se preocuparam em historicizá-la. Não fizeram isso, detalhadamente, porque não era comum ou importante escrever a história de uma mulher indígena. Entretanto, muito do que se escreve sobre ela parte das primeiras narrativas e do silêncio que nelas consta, para construir a personagem. Muitos literatos se concentram e se influenciam enormemente no autor Bernal Díaz del Castillo, principalmente ao descrever detalhes sobre ela.

Se, segundo a teoria de Christian Duverger, Díaz não existiu, seu livro tenha sido escrito por Hernán Cortés e Del Castillo tenha sido somente um personagem fictício criado por Cortés, todas as personagens literárias que se baseiam nele, e

muitos dos estudos acadêmicos escritos, estão baseados em ficção ditada ou escrita pelo próprio Hernán Cortés.

Há, entre os habitantes do México que continuam a escondê-la, odiá-la e ignorá-la, desprezando sua casa e seu local de sepultamento; um desejo intencional de esquecê-la, de fazê-la representar o ódio ao estrangeiro que chegou, os escravizou, modificou suas vidas e roubou suas riquezas. Mignolo escreve que ao agir no domínio hegemônico da academia, onde a ideia de natureza como algo fora dos seres humanos foi consolidada e persiste se deve descolonizar o conhecimento (MIGNOLO, 2017, p. 6). Entretanto, os rastros que ela deixou nas fontes primárias não são inteiramente modificados na literatura selecionada, não deixando evidências concretas de que é inteiramente possível decolonizar o olhar, o pensamento, o imaginário, o conhecimento sobre essa personagem. Enquanto Hernán Cortés continua sendo considerado “o conquistador”, ela é a índia que ajudou o estrangeiro.

Esses sentimentos ainda afloram apesar da intenção de revisão histórica; há alguns autores hodiernos presos às impressões dos velhos historiadores de visões falocêntricas e europeicizantes. Percebe-se a admiração pelo cavaleiro medieval Hernán Cortés que apesar dos muitos perigos, ultrapassou e venceu-os corajosamente. Há também aquelas visões em que Malinche seria a bela dama que o acompanha estritamente por amor.

1 Origens: as primeiras narrativas sobre Malinche

1.1 As *cartas de relação* e o que dizem sobre Malinche

Hernán Cortés, considerado cronista conquistador, escreveu várias cartas, que se referem à conquista do México, ao imperador Carlos V que são conhecidas pelo nome de *Cartas de Relação*, nome justificado pelo seu conteúdo e forma, por pretender contar os fatos tais como aconteceram, pois precisava justificar seus feitos. Bruno Baendereck, em sua dissertação de mestrado, escreve sobre essas cartas: “Então, estamos diante de documentos históricos, as Cartas, escritas por um homem para legitimar seu impulso um tanto arbitrário de conquista, arbitrário uma vez que a formação de sua esquadra para o Iucatã assumiu o caráter de uma rebelião contra o governador de Cuba, Diego Velazquez.” (BAENDERECK, 2010, p.16). As cartas não foram escritas com a intenção de serem verdadeiras, mas de

contar uma verdade que fosse útil para Cortés, são armas de defesa própria que Cortés usa para justificar-se perante o rei Carlos V.

Escreve para a Coroa a fim de legitimar a empresa de conquista, bem como para informar sobre a realidade imediata encontrada e, por obrigação, cumpre com o dever de fazer relações. Trata de impressionar os leitores reais com a técnica hábil de desqualificar as relações anteriores devido à falta de dados seguros e oferecer o próprio como o único certo e verdadeiro. (BAENDERECK, 2010, p.16).

Essas cartas contêm alto valor documental, pois foram escritas pelo chefe de uma expedição, titular de uma concessão, e que se obrigava a informar ao rei o que acontecia em suas incursões, bem como conseguir o seu apoio, pois estava sofrendo a oposição do governador Diego Velázquez.

Verdadeiro ou não o seu conteúdo, Cortés precisava relatar seus feitos, sua coragem e heroicidade. Era vital que convencesse o rei Carlos V de que era seu súdito fiel e um cristão fervoroso que agia sempre com o objetivo de enriquecê-lo, mas, principalmente, de agregar milhares de almas à Igreja Católica.

As cartas escritas por Hernán Cortés se encontram preservadas em um códice da Biblioteca Imperial de Viena: “A primeira, escrita pela própria mão de Cortez⁵ (junho-julho de 1519) jamais encontrada, sendo substituída pelo relato enviado ao imperador pela Justiça e Regimento de Vila Rica de Vera Cruz (10 de julho de 1519), que se encontra junto com o códice mencionado.” (CORTEZ, 2007, p.10). A segunda Carta de Relato foi impressa na Espanha, em Zaragoza, no ano de 1524.

Gonzáles de Barcia, em seus *Historiadores primitivos de las Índias Occidentales*, 1749, e F.A., Lorenzana, em sua *História de Nueva España*, 1770, reproduziram a primeira, segunda e a terceira das cartas de relatos. Dom Pascual de Gayangos publicou as cinco cartas, sob o título de *Cartas e relatos de Hernán Cortez ao imperador Carlos V*, coligidas e ilustradas por D. Pascula de Gayangos, em Paris, em 1868, num volume de 572 páginas. (CORTEZ, 2007, p.11).

A essas cartas, Cortés agregou valores da cavalaria medieval, amante que era dessa literatura, estilo literário preferido dos leitores da época: “O romance de cavalaria foi o primeiro gênero literário de alcance continental escrito nas línguas vernáculas emergentes. Mas foi além da Europa. No tempo das grandes

⁵ Há as grafias Cortés e Cortez. há a pronúcia com S, mas também há com Z. Em língua o nome é grafado como Cortés, em língua espanhola como Cortez e em língua inglesa como Cortes, e assim estão nas referências bibliográficas.

navegações, romances cavaleirescos desembarcaram nas Américas.” (LOPES, 2009, p. 154).

Sérgio Buarque de Holanda afirma que “é fora de dúvida que os romances de cavalaria constituíram a leitura diletta e a inspiração de muitos conquistadores espanhóis”. (HOLANDA, 1994, p. 33). Cortés é mais um desses admiradores desse gênero literário, conforme deixa perceber em suas cartas de rei.

Como muitos indivíduos dessa época, Cortés agregou a seus escritos os valores da cavalaria herdados do passado medieval e transferidos para o século XVI por meio dos romances, que sobreviveram no momento renascentista ditando os modos de comportamento do homem. Não por acaso, a valorização da honra, da fama e a prontidão para servir ao rei era um preceito encontrado no grupo de espanhóis que conquistaram o México, muito embora se manifestassem, ao mesmo tempo, a audácia, a curiosidade e o individualismo próprios do momento quinhentista (JOSÉ, 2011, p. 43).

Cortés escreveu cinco cartas para descrever essas atitudes heroicas: a primeira em 1519; a segunda no ano seguinte; a terceira em 1522; a quarta em 1524 e a última em 1526, publicada por García Icazbalceta em 1855. A primeira delas, escrita em julho de 1519⁶, falando da chegada às novas terras, se perdeu, nunca foi encontrada. Afirma Elliott que, a “primeira carta de relações “perdida” de Cortés - a menos que, como é perfeitamente concebível, ele nunca tenha escrito tal carta, pois envolveria necessariamente uma série de explicações pessoais que poderiam tê-lo feito ficar à mercê da sorte” (ELLIOTT 1986, p. Xx, tradução nossa).⁷ Outros estudiosos afirmam que essa carta não teria sido escrita pelo próprio Hernán Cortés,

⁶ The Mexican historian, Jose Valero Silva, has even suggested that although Cortes may in fact have written such a letter he never sent, nor ever intended to send it. The lost First Letter, he argues, had it in fact been written, could only have provided evidence against Cortes. He could have added little to what had already been said, but by attempting to explain his position himself he ran the risk of undoing his whole strategy, which depended for its success on convincing the Emperor that his break with Velazquez had been in response to a demonstration of the popular will. (PADGEN, 1986, Introdução de J. H. Elliott. p. lxxiii) O historiador mexicano, José Valero Silva, chegou a sugerir que, embora Cortés possa, de fato, ter escrito tal carta, nunca enviou nem jamais pretendeu enviá-la. A primeira carta perdida, ele argumenta, se de fato ela tivesse sido escrita, só poderia ter fornecido evidências contra Cortes. Ele poderia ter acrescentado pouco ao que já havia sido dito, mas tentando explicar sua posição ele corria o risco de desfazer toda a sua estratégia, que dependia de seu sucesso em convencer o Imperador de que sua ruptura com Velázquez havia sido em resposta a uma demonstração da vontade popular. (PADGEN, 1986, Introdução de J. H. Elliott. P. Lxxiii, tradução nossa).

⁷ “the “lost” First Letter of Relation of Cortes - unless, as is perfectly conceivable, he never wrote such a letter, for it would necessarily have involved a number of personal explanations which could well have offered embarrassing hostages to fortune.” (ELLIOTT, 1986, p. xx).

“a primeira não foi, de fato, escrita por ele” (PADGEN, 1986, p. XI, tradução nossa)⁸ e sim, pelo Cabildo da Vila de Vera Cruz.

As que nos interessam especialmente para este trabalho são a segunda e a quinta carta, porque, nelas, Cortés se refere à Malinche. Nelas, o cronista conquistador fala sobre qual era o papel dela, que sua intérprete era uma mulher indígena de Putunchan, Tabasco. A quinta delas foi escrita em 1526, para dar contas ao rei de sua expedição do México a Honduras com a intenção de sublevar uma rebelião em uma colônia espanhola recém-fundada naquele lugar. A primeira edição dessa carta foi publicada em 1868. Nessa quinta carta, consta que sua intérprete se chamava Marina e viajava em sua companhia depois de ter sido dada a ele como presente.

Quando conta isso, ele descreve que falava de um cacique chamado Canec e que precisou, em certo momento, que suas palavras fossem confirmadas:

Respondi que era o capitão de quem o povo de Tabasco falara e que, se ele quisesse saber a verdade, teria apenas de perguntar **à intérprete com quem falava, Marina**, que viajava sempre na minha companhia depois de ter me sido dada como presente com vinte outras mulheres. Ela então disse a ele que o que eu havia dito era verdade e falou com ele sobre como eu havia conquistado o México e todas as outras terras que eu mantinha sujeitas e que havia colocado sob o comando de Sua Majestade (CORTÉS, 1986, p. 376, tradução nossa, grifo nosso).⁹

Sobre isso, acrescenta Jager (2015), que Malinche era de confiança do espanhol:

Este foi certamente um relato de Cortés, em que ele era o herói dos eventos. No entanto, provou que **ele confiava em Malinche para dar seu próprio testemunho** aos ouvintes indígenas. Cortés confiou nela para caracterizar eventos e convencer os índios americanos a se unirem à causa espanhola. (JAGER, 2015, p. 54, tradução nossa, grifo nosso).¹⁰

Malinche falava palavras por conta própria quando se referia e interferia em eventos importantes e não somente traduzia as palavras de Hernán Cortés. Ela

⁸ “the first was not, in fact, written by him” (PADGEN, 1986, p. xl).

⁹ I replied that I was the captain of whom the people of Tabasco had spoken, and that if he wished to learn the truth he had only to ask the interpreter with whom he was speaking, Marina, who traveled always in my company after she had been given me as a present with twenty other women. She then told him that what I had said was true and spoke to him of how I had conquered Mexico and of all the other lands which I held subject and had placed beneath Your Majesty's command. (CORTÉS, 1986, p.376).

¹⁰ This was certainly a self-serving account by Cortes, in which he alone was the hero of events. Yet it proved that he trusted Malinche to give her own testimony to Indian listeners. Cortes relied on her to characterize events and persuade American Indians to join the Spanish cause. (JAGER, 2015, p. 54).

trabalhava em relação ao convencimento de indígenas, para que se postassem ao lado do espanhol.

Salvadorini (1963) no trabalho intitulado *Las "relaciones" de Hernán Cortés*, que neste contexto da quinta carta enviada ao rei Carlos V, pode-se pensar que Cortés fala sobre Marina com total impassibilidade:

De fato, todas as relações humanas são vistas e descritas em uma função política; basta-nos pensar no caso de Marina, sua fiel intérprete e devota amante, de quem o conquistador **fala com absoluta indiferença**: "Marina, que sempre trouxe comigo, porque lá [em Tabasco] eles me deram junto com outros vinte mulheres." (SALVADORINI, 1963, p. 86, tradução nossa, grifo nosso).¹¹

Mas, nesse trecho acima, na quinta carta, pode-se perceber mais que isso. Aqui, ele deixa entrever que Malinche não apenas traduzia suas palavras, mas que falava por ele, dizia com suas próprias palavras coisas sobre ele que pudessem convencer os nativos de fatos sobre ele; Cortés credita a ela a capacidade de falar em seu nome, de comprovar que ele estava dizendo a verdade, que o cacique deveria confiar nela, e através dela, nele. E ela, segundo as palavras de Hernán, afirmou, confirmou que o que Cortés dizia era verdade e falou mais, falou sobre como ele tinha conquistado o México, de como ele tinha sujeitado para si muitas outras terras, em nome de Sua Majestade.

A segunda carta não foi escrita pelo próprio Cortés. Ainda que não tenha sido escrita de seu próprio punho, evidentemente continha suas afirmações, foi ditada por ele, segundo Elliott:

Esta carta, que geralmente substitui a primeira carta "perdida" de Cortés, traz todas as marcas de sua personalidade e, sem dúvida, foi escrita em grande parte por seu ditado. Deve, portanto, ser lida, como foi escrita, não como uma narrativa histórica precisa, mas como uma peça brilhante de súplica especial, projetada para justificar um ato de rebelião e para pressionar as reivindicações das Cortés contra as do governador de Cuba. **Apesar de toda a insistência de Cortés de que ele estava fornecendo uma relação "verdadeira"**, ele demonstrou uma capacidade magistral de supressão de evidências e engenhosa distorção. (ELLIOTT, 1986, p. Xx, tradução nossa, grifo nosso).¹²

¹¹ Efectivamente todas las relaciones humanas están vistas y descritas en función política; bástenos pensar en el caso de Marina, su fiel intérprete y amante devota, de la que el conquistador habla con absoluta indiferencia: "Marina, la que yo siempre conmigo he traído, porque allí [en Tabasco] me la habían dado junto con otras veinte mujeres. (SALVADORINI, 1963, p. 86).

¹² This letter, which customarily replaces Cortes's "missing" First Letter, bears all the stamp of his personality, and was no doubt written largely to his dictation. It should therefore be read, as it was written, not as an accurate historical narrative but as a brilliant piece of special pleading, designed to justify an act of rebellion and to press the claims of Cortes against those of the governor of Cuba. For all Cortes's eager insistence that he was providing a "true" relation, he displayed a masterly capacity for suppression of evidence and ingenious distortion. (ELLIOTT, 1986, p. xx).

Nessa segunda carta ao rei Carlos V, datada de 30 de outubro de 1520, Cortés se refere ao massacre de Cholula e da participação de Malinche nos fatos.

Vale citá-la por extenso:

Durante os três dias em que permaneci naquela cidade, eles nos alimentavam pior a cada dia, e os senhores e principais pessoas da cidade só raramente viam e falavam comigo. E estando um pouco perturbado com isso, minha intérprete, que é uma mulher indígena de Putunchan, que é o grande rio de que falei a Vossa Majestade na primeira carta, foi informada por outra mulher indígena e um nativo desta cidade que, muito perto, muitos dos homens de Montezuma estavam reunidos, e as pessoas da cidade haviam mandado embora suas mulheres e crianças e todos os seus pertences, e estavam prestes a cair sobre nós e nos matar a todos; e que, se quisesse fugir, deveria ir com ela e se abrigaria ali. **Tudo isso ela disse a Geronimo de Aguilar**, um intérprete que eu adquiri em Yucatan, de quem também escrevi a vossa Alteza; **e ele me informou**. Eu então peguei um dos nativos desta cidade que estava passando e o levei de lado secretamente e o questionei; e ele confirmou o que a mulher e os nativos de Tascalteca haviam me dito. **Por causa disso** e por causa dos sinais que observei, decidi evitar um ataque e mandei chamar alguns dos chefes da cidade dizendo que queria falar com eles. Eu os coloquei em uma sala e, enquanto isso, avisei nossos homens para estarem preparados quando um harquebus fosse disparado, para cair sobre os muitos índios que estavam fora de nossos alojamentos e sobre aqueles que estavam dentro. E assim foi feito que, depois de eu colocar os chefes na sala, os deixei amarrados e parti para longe, fazendo o arcabuz disparar e lutamos tanto que em duas horas mais de três mil homens foram mortos. (CORTÉS, 1986, p.74-75, grifos nossos, tradução nossa).¹³

Há uma discrepância quanto ao número de mortos de Cholula, abatidos nessas duas horas. Cortés fala em três mil mortos, mas Gómara fala em seis mil assassinados: Conta Gómara: "Ele ordenou a morte de alguns desses capitães, e o resto os deixou amarrados. Ele disparou a espingarda, que era o sinal, e todos os espanhóis e seus amigos atacaram as pessoas com grande ímpeto e raiva. Eles

¹³ During the three days I remained in that city they fed us worse each day, and the lords and principal persons of the city came only rarely to see and speak with me. And being somewhat disturbed by this, my interpreter, who is an Indian woman from Putunchan, which is the great river of which I spoke to Your Majesty in the first letter, was told by another Indian woman and a native of this city that very close by many of Mutezuma's men were gathered, and that the people of the city had sent away their women and children and all their belongings, and were about to fall on us and kill us all; and that if she wished to escape she should go with her and she would shelter here. All this she told to Geronimo de Aguilar, an interpreter whom I acquired in Yucatan, of whom I have also written to Your Highness; and he informed me. I then seized one of the natives of this city who was passing by and took him aside secretly and questioned him; and he confirmed what the woman and the natives of Tascalteca had told me. Because of this and because of the signs I had observed, I decided to forestall an attack, and I sent for some of the chiefs of the city, saying that I wished to speak with them. I put them in a room and meanwhile warned our men to be prepared when a harquebus was fired, to fall on the many Indians who were outside our quarters and on those who were inside. And so it was done, that after I had put the chiefs in the room, I left them bound up and rode away and had the harquebus fired, and we fought so hard that in two hours more than three thousand men were killed. (CORTÉS, 1986, p.74-75, grifo nosso).

fizeram de acordo com a pressa em que se encontravam e em duas horas mataram mais de seis mil" (GÓMARA, 2008, p. 129, grifo nosso, tradução nossa).¹⁴ Em duas horas mataram seis mil pessoas de Cholula: "Eles estavam andando apenas em cadáveres. [...] Os nossos levaram os despojos do ouro, da prata e da pena, e os índios amigos, muita roupa e sal, que era o que mais queriam, e destruíram o máximo possível, até Cortés mandar que parassem" (GÓMARA, 2008, p.129, tradução nossa).¹⁵

Já Vázquez de Tapia que participou da tomada de Tenochtitlan, tornando-se, mais tarde, prefeito da cidade do México, escreveu crônicas sobre essas viagens, fala que o número de assassinados em Cholula foram cerca de vinte mil: "Daquela feita acredita esta testemunha que entre mortos e cativos eram mais que dezenas de pessoas e que isto é o que sabe desta pergunta" (VÁSQUEZ DE TAPIA, 1972, p.17, tradução nossa).¹⁶

Quanto ao resultado final desse massacre, teria sido um ato falho de Sahagún quando ele diz que quando Montezuma e os mexicanos ouviram sobre o acontecido "tiveram grande medo" (SAHAGÚN, 2009, p. 44, tradução nossa)?¹⁷ O autor parece saber o que sentiram, ou talvez, suas palavras apenas expressem o que imaginava que os astecas sentissem quando soubessem da matança de Cholula.

Se foi para servir de aviso, a chacina foi um sucesso, pois como afirma Sahagún; todos souberam do acontecido e temiam os espanhóis:

Todo o caminho estava cheio de mensageiros daqui para ali, e de ali para cá, e de todas as pessoas aqui no México e onde os espanhóis vieram, em todas as regiões, o povo estava muito chateado e inquieto. Parecia que a terra estava se movendo; todos ficaram assustados e atônitos. E quando viram a destruição feita em Cholula, os espanhóis, com todos os índios amigos, vieram uma grande multidão em esquadrões com grande barulho e grande poeira, e de longe as armas brilhavam e causavam grande medo naqueles que olhavam. Eles tinham muito medo dos cães que traziam consigo, que eram grandes; tinham as bocas, mostravam as línguas e

¹⁴ "Mandó matar a algunos de aquellos capitanes, y los demás los dejó atados. Hizo disparar la escopeta, que era la señal, y arremetieron con gran ímpetu y enojo todos los españoles y sus amigos a los del pueblo. Hicieron conforme al apuro en que estaban, y em dos horas mataron más de seis mil." (GÓMARA, 2008, p. 129, grifo nosso).

¹⁵ "No pisaban más que cuerpos muertos. [...] Los nuestros tomaron el despojo de oro, plata y pluma, y los indios amigos mucha ropa y sal, que era lo que más deseaban, y destruyeron cuanto les fue posible, hasta que Cortés mandó que cesasen." (GÓMARA, 2008, p. 129).

¹⁶ "que de aquella fecha cree este testigo que entre muertos e catyvos fueron mas de veynte mill personas e questo es lo que sabe desta pregunta". (VÁSQUEZ DE TAPIA, 1972, p.17, grifo nosso).

¹⁷ "hubieron gran temor." (SAHAGÚN, 2009, p. 44).

latiam. Assim, eles causavam grande medo em todos que os viam. (SAHAGÚN, 2009, p.415, tradução nossa).¹⁸

Se assim foi, como sugere Sahagún, houve uma matança para que os outros nativos tivessem medo e porque os espanhóis julgassem que, à entrada de Tenochitlán teriam encontrado severos empecilhos e a conquista não tivesse sido tão rápida se, primeiramente, não tivesse havido a matança de Cholula que a precedesse.

Mais importante: se o massacre aconteceu, como conta Cortés em sua quinta carta de Relação, pela fala de Malinche que se preocupou em defender Cortés e os espanhóis, ela foi a agente principal do massacre de Cholula.

1.2 Frei Bernardino de Sahagún e o recolhimento de testemunhos

Bernardino de Sahagún nasceu na Espanha e em 1525 entrou na ordem franciscana. Frei Bernardino de Sahagún é considerado cronista religioso ao lado de Frei Francisco Dúran e frei Toríbio Benavante, o Motolínea. Em 1529 foi ao México em uma missão chefiada pelo frei Antonio de Ciudad Rodrigo.

Seu trabalho escrito, sua obra monumental *Historia general de las cosas de la Nueva España*, baseou-se no recolhimento de testemunhos de pessoas que presenciaram os fatos, na ocasião bem mais antigos, analisá-los detalhadamente e compilá-los em náhuatl e espanhol (SAHAGÚN, 2009, p. 13). Esta obra levou trinta anos de trabalho, e resultou em três versões nas quais Sahagún recolheu a tradição oral que transmitiam os seus alunos. Sahagún as enviou ao Conselho das Índias para a sua publicação onde as obras foram arquivadas, por motivos políticos. Os três exemplares acabaram na Biblioteca do Palácio Real de Madrid, onde ainda se conserva um deles. A obra é composta de doze livros, conhecidos como Códice florentino porque um dos manuscritos, após inúmeras peripécias, terminou na Biblioteca Medicea Laurenziana de Florença. O código Florentino foi escrito, sob o título de *Florentine Codex General History of the things of New Spain*, texto em

¹⁸ Todo el camino andaba lleno de mensajeros de acá por allá, y de allá por acá, y toda la gente acá en México y donde venían los españoles, en todas las comarcas, andaba la gente muy alborotada y desasosegada. Parecía que la tierra se movía; todos andaban espantados y atónitos. Y como vieron hecho en Cholula aquel estrago, los españoles, con todos los indios sus amigos, venían gran multitud en escuadrones con gran ruido y con gran polvoreda, y de lejos resplandecían las armas y causaban gran miedo en los que miraban. Ansimismo ponían gran miedo los lebreles que traían consigo, que eran grandes; traían las bocas abiertas, las lenguas sacadas, e iban carleando. Así ponían gran temor em todos los que los veían. (SAHAGÚN, 2009, p. 415).

nauhatl e tradução em espanhol sob o título *La Historia General de las cosas de la Nueva España*. Quando o bispo e inquisidor Frei Juan de Zumárraga ordenou a destruição de todo e qualquer símbolo religioso, códices e documentos que registravam a história dos astecas¹⁹, frei Bernardino de Sahagún se preocupou em registrar e recolher os pensamentos, conhecimentos e cultura dos que ainda estavam vivos²⁰, bem como de elaborar um acervo escrito que seria a base para um

¹⁹ The Mexicas were the last of the migrating peoples to arrive from the north. They entered the Valley in the early 1300s as the Toltec Empire was dissolving. The Mexicas had difficulty assimilating into the flourishing city-states. The latecomers were considered undesirables who lacked culture, and they were violently rejected. According to surviving Mexica codices, they founded their own city of Tenochtitlán on an island in Lake Texcoco in 1325. Once settled, they, too, absorbed relevant cultural antecedents from the nearby ancient ruins and established roots in central Mexico. The Toltecs' warrior culture was particularly influential in the rise of the Aztec Empire. Mexicas adopted a Toltec god of war (Huitzilopochtli), followed the Toltec warrior path, and took the Toltec ethos of conquest, tribute, and human sacrifice to remarkable new heights during the fifteenth century. Mexica creation stories expressed their origin, their migration experience, and their eventual dominance over the Valley, often borrowing from the cultural representations illustrated in the ruins of Teotihuacan and Tula. The Mexicas cultivated a strong cultural and historical affinity with the ancient Toltecs, whom they identified with the idealized past. The Mexicas justified their ascendancy over the Valley by claiming descent from the admired civilization of ancient Mexico. This proved an effective strategy as they built their own sprawling empire in Mesoamerica. Within a century this once-destitute tribe had achieved an expansive yet tenuous dominance over the Valley, reaching its zenith of power on the eve of Spanish arrival. Its island-capital city was a place of such splendor that Spanish conquistadors gasped in astonishment. Spaniards witnessed the constant bustle of more than 250,000 people participating in the various activities of Tenochtitlán. (JAGER, 2015, pp. 24-25). Os mexicas foram os últimos povos migrantes a chegar do norte. Eles entraram no vale no início dos anos 1300, quando o Império Tolteca estava se dissolvendo. Os mexicas tiveram dificuldade de assimilar as florescentes cidades-estados. Os retardatários eram considerados indesejáveis por falta de cultura e foram violentamente rejeitados. De acordo com os códices sobreviventes de Mexica, eles fundaram sua própria cidade de Tenochtitlán em uma ilha no lago Texcoco em 1325. Uma vez estabelecidos, eles também absorveram antecedentes culturais relevantes das ruínas antigas próximas e estabeleceram raízes no México central. A cultura guerreira dos toltecas foi particularmente influente na ascensão do Império Asteca. Mexicas adotaram um deus da guerra tolteca (Huitzilopochtli), seguiram o caminho dos guerreiros toltecas e levaram o *ethos* tolteca de conquista, tributo e sacrifício humano a novos patamares notáveis durante o século XV. As histórias de criação dos Mexicas expressaram sua origem, sua experiência de migração e seu domínio final sobre o vale, muitas vezes emprestando das representações culturais ilustradas nas ruínas de Teotihuacan e Tula. Os mexicas cultivaram uma forte afinidade cultural e histórica com os antigos toltecas, que eles identificaram com o passado idealizado, justificaram sua ascensão ao vale alegando descender da civilização admirada do antigo México. Isso provou ser uma estratégia eficaz quando eles construíram seu próprio império na Mesoamérica. Em um século, essa tribo outrora destituída alcançou um domínio amplo e tênue sobre o vale, atingindo seu auge de poder nas vésperas da chegada dos espanhóis. Sua capital da ilha era um lugar de tanto esplendor que os conquistadores espanhóis se embasbacaram de espanto. Os espanhóis testemunharam a agitação constante de mais de 250.000 pessoas que participam das várias atividades de Tenochtitlán. (JAGER, 2015, pp. 24-25, tradução nossa).

²⁰ For these reasons, it seems to me, to have written this history, which was written at a time when those who took part in the very Conquest were alive, has not been a superfluous task. And those who gave this account [were] principal persons of good judgment, and it is believed they told all the truth. (SAHAGUN, 1982, p.101). Por estas razões, parece-me, ter escrito esta história, que foi escrita numa época em que aqueles que participaram da própria Conquista estavam vivos, não foi uma tarefa supérflua. E aqueles que deram este relato eram pessoas importantes e de bom senso, e acredita-se que eles contaram toda a verdade. (SAHAGUN, 1982, p.101, tradução nossa).

futuro vocabulário. O texto original do código florentino é dividido em duas colunas, o da direita escrito em náhuatl e a da esquerda em espanhol.

Em O Código Florentino, *Florentine Codex, General History of the things of New Spain*²¹, Livro XII, Sahagún (1982) refere-se somente duas vezes à Malinche: “E foi dito, apresentado, divulgado, anunciado e reportado a Montezuma, e trouxe à sua atenção que uma mulher, uma de nós, aqui, veio acompanhá-los como intérprete. Seu nome era Marina e sua terra natal era Tepeticapa, na costa, onde a levaram pela primeira vez” (SAHAGÚN, 1982, p. 86, tradução nossa).²² Nesta breve referência, pode-se saber que uma mulher indígena acompanhava os espanhóis, que o nome dela era Marina, que seu lugar de origem era Tepeticapa e que servia de intérprete. O que para nós é pouca informação, certamente deve ter causado um sobressalto no tatloani Montezuma, em seus espiões e sacerdotes e assim Diego Muñoz Camargo descreve esse momento de estarecimento:

Chegando ao México com o retorno dos espiões que haviam enviado, referindo-se ao que tinham visto e relatado tudo, eles sabiam por suas conjeturas que eles eram finalmente homens porque adoeciam, costumavam comer, beber e dormir, e faziam outras coisas como homens; mas **eram muito admirados por não terem trazido mulheres, exceto Marina, que isso não podia ser senão que fosse pela arte e ordenação dos deuses, pois como ela conhecia sua língua era impossível saber;** e o que a besta e a espada, se perguntavam como era possível que as forças humanas pudessem exercitá-las. **E assim puseram-se numa confusão tão estranha, que esperaram para saber qual era o seu desígnio.** (CAMARGO, 1986, p. 111, grifo nosso).²³

²¹ Book I: The Gods, Book II: The Ceremonies, Book III: The Origin of the Gods, Book IV: The Soothsayers, Book V: The Omens, Book VI: Rhetoric and Moral Philosophy, Book VII: The Sun, Moon and Stars, and the Binding of the Years, Book VIII: Kings and Lords, Book IX: The Merchants, Book X: The People, Book XI: Earthly Things, Book XII: The Conquest. (Livro I: Os Deuses, Livro II: As Cerimônias, Livro III: A Origem dos Deuses, Livro IV: Os Adivinhos, Livro V: Os Presságios, Livro VI: Retórica e Filosofia Moral, Livro VII: O Sol, a Lua e as Estrelas, e a Vinculação dos Anos, Livro VIII: Reis e Senhores, Livro IX: Os Mercadores, Livro X: O Povo, Livro XI: Coisas Terrenas, Livro XII: A Conquista).

²² “And it was told, presented, made known, announced, and reported to Moteucçoma, and brought to his attention that a woman, one of us people here, came accompanying them as interpreter. Her name was Marina and her homeland was Tepeticpa, on the coast, where they first took her” (SAHAGÚN, 1982, p. 86).

²³ Llegados a México con el retorno las espías que habían mandado, refiriendo lo que habían visto, y dado noticia de todo, conocieron por sus conjeturas que al fin eran hombres pues enfermaban, usaban del comer y beber y dormir, y hacían otras cosas de hombres; pero se admiraban mucho de que no trajesen mujeres sino esa Marina, que aquello no podía ser sino que fuese por arte y ordenación de los dioses ¿que cómo sabía su lenguaje y que era imposible saberlo; *y qué la ballesta y espada* se preguntaban ¿que cómo era posible que fuerzas humanas las pudiesen ejercitar *Y así puestos* en tan extraña confusión, aguardaron a saber cuál fuese su desígnio. (CAMARGO, 1986, p. 111).

Mais uma vez, há referência a ela: “E quando o discurso que Moteucçoma dirigiu ao Marques concluiu, Marina informou-o, interpretando-o para ele. E quando o Marqués ouviu o que Moteucçoma disse, ele falou com Marina em retorno, balbuciando de volta para eles, respondendo em língua balbuciante” (SAHAGÚN, 1982, p. 118, tradução nossa).²⁴

Os astecas estudavam em escolas para aprender a falar bem: “O *calmenac* é uma escola de interpretação e de oratória, de retórica e hermenêutica. São tomados, pois todos os cuidados para que os alunos se tornem **bem falantes** e bons intérpretes.” (TODOROV, 2003, p. 44, grifo nosso). Os nobres iam para a escola para aprenderem a falar bem.

Assim escreve Seger (2014): “Falar bem fazia parte da educação familiar, sendo parte da educação formal das crianças. Falar bem e governar bem estavam associados, a ponto de os altos dignitários reais serem escolhidos de acordo com suas qualidades oratórias.” (SEGER, 2014, p. 148).

Saber expressar-se bem era muito importante para os astecas, conforme afirma Todorov:

É que, como diz um outro cronista (Juan Bautista Pomar, na Relação de Texcoco), aprendiam simultaneamente "a bem falar e a bem governar". Na civilização asteca - como em muitas outras -, os altos dignitários reais são escolhidos principalmente em função de suas qualidades oratórias. Sahagún conta que "entre os mexicanos, os reitores doutos, virtuosos e valorosos eram muito estimados" (VI, "Prólogo", 2)." (TODOROV, 2003, p. 44).

Se para os nobres em geral era importante saber comunicar-se e falar era condição de *status* social, para ser *tatloani* essa qualidade era cláusula *sine qua non*. Ser *tatloani* significava ser um grande orador:

A associação entre o poder e o domínio da língua é claramente marcada entre os astecas. O próprio chefe de estado é chamado de **tlatoani, o que quer dizer, literalmente 'aquele que possui a palavra'** (um pouco como nosso 'ditador'), e a perífrase que designa o sábio é "o possuidor da tinta vermelha e da tinta negra", ou seja, aquele que sabe pintar e interpretar os manuscritos pictográficos. (TODOROV, 2003, p. 97, grifo nosso).

Montezuma assumiu o título de *Huey Tlatoani*, o Grande Orador, "**um retórico e um orador nato**. A oratória exercia papel determinante na sociedade asteca:

²⁴ “And when the speech that Moteucçoma directed to the Marqués had concluded, Marina reported it to him, interpreting it for him. And when the Marqués had heard what Moteucçoma said, he spoke to Marina in return, babbling back to them, replying in babbling tongue” (SAHAGÚN, 1982, p. 118).

A arte de falar em público foi tecida em todos os assuntos, porque as habilidades orais eram necessárias para negociações em todo o império e para recitação cultural e histórias religiosamente importantes, poesia e história. Palestrantes talentosos foram críticos para o Império asteca, que estendeu sua autoridade sobre diversas comunidades com muitas variações linguísticas. (JAGER, 2015, p.29, tradução nossa).²⁵

Era uma educação exigida de muitos, quanto mais de Montezuma, que era o principal orador, o líder, o grande orador. “Quando falava, **atraía com suas frases refinadas e seduzia com seus raciocínios profundos**; todos ficavam satisfeitos com sua conversa tranquila.” (DURÁN, 1995, p. 45, grifo nosso). Sua capacidade oratória era maior do que a de todos os nobres já que era o *tatloani* escolhido, considerado aquele que falava bem “visto que o soberano asteca é, antes de mais nada, **um mestre da palavra - ato social por excelência -**, e que a renúncia à linguagem é o reconhecimento de uma derrota.” (TODOROV, 2003, p. 40, grifo nosso).

Entretanto, ainda assim, ao dirigir-se a Malinche, ao ouvir as palavras de Malinche, torna-se “balbuciante”, o que é incoerente com sua condição de *Grande Orador*, mostrando que estava em estado de violenta emoção.

Em *Historia general de las cosas de la Nueva España II* das páginas 401 a 449, no livro XII, Sahagún (2009) ao contar a história do encontro, ou desencontro, dessas duas civilizações, se refere à Malinche, mais de uma vez, somente como uma índia mexicana: “Foi dito a Moctezuma como os espanhóis trouxeram uma índia mexicana chamada Marina, da cidade vinha de Teticpac, que fica na costa do Mar do Norte, e que a trouxe por intérprete, que dizia, na língua mexicana, tudo o que o capitão Don Hernado Cortés ordenava” (SAHAGÚN, 2009, p.412, tradução nossa).²⁶ Ele menciona seu nome mais doze vezes.²⁷ Mais três vezes insiste em dizer que era

²⁵ The art of public speaking was woven through all subjects because oral skills were necessary for negotiations throughout the empire and for reciting culturally and religiously important stories, poetry, and history. Talented speakers were critical to the Aztec Empire, which extended its authority over diverse communities with many linguistic variations. (JAGER, 2015, p.29)

²⁶ “Fue dicho a Moctezuma cómo los españoles traían una india mexicana que se llamaba Marina, vecina del pueblo de Tetícpac, que es a la orilla de la mar del norte, y que traían ésta por intérprete, que decía en la lengua mexicana todo lo que el capitán don Hernado Cortés la mandaba.” (SAHAGÚN, 2009, p. 412).

²⁷ Este juntamente con Marina eran intérpretes de don Hernando Cortés; a éste tomaron por guía de su camino para venir a México. (SAHAGÚN, 2009, p. 413); Acabó de decir Moctezuma su plática, y Marina declaróla a don Hernando Cortés. (SAHAGÚN, 2009, p. 420); Como don Hernando Cortés hubo entendido lo que había dicho Moctezuma, dijo a Marina: «Decilde a Moctezuma que se consuele y huelgue y no haya temor, que yo le quiero mucho y todos los que conmigo vienen. (SAHAGÚN, 2009, p. 420); Y luego mandó el capitán don Hernando Cortés, por medio de Marina,

uma índia: "Marina, que era sua intérprete, que era indígena" (SAHAGÚN, 2009, p.421), e depois o capitão falou na língua de Marina, uma Índia (SAHAGÚN, 2009, p.427); "A índia que era intérprete, cujo nome era Marina" (SAHAGÚN, 2009, p.448, tradução nossa).²⁸ Frey Bernardino de Sahagún, que viveu ao tempo de Malinche, esteve no México, no século XVI, logo após a "conquista", recolheu testemunhos de quem a conheceu, de quem foi massacrado de uma ou outra maneira e que presenciou o massacre. Nem uma vez, se junta a esse nome o *doña*, usado por Bernal Díaz Del Castillo e jamais uma cognominação positiva originada pelo nome dela. Repete a informação que seu nome era Marina, que era intérprete e que era índia, como se sempre fosse a primeira vez que a mencionava.

Nem mesmo no ataque e massacre da cidade de Cholula, em que três pessoas, Cortés, Bernal Díaz e Gómara, testemunharam que ela teve uma participação mais direta, Sahagún a menciona: "E de lá os espanhóis partiram para Cholula; e chegando eles fizeram um grande massacre naqueles de Cholula. Quando Moctezuma e os mexicanos ouviram essas coisas, houve um grande temor." (SAHAGÚN, 2009, p.44, tradução nossa).²⁹ Para ele, ao que parece, Malinche era somente uma indígena prestando um serviço a um espanhol. Entretanto, quando faz referência à catequização dos indígenas, após a rendição dos astecas, Sahagún menciona a ajuda dela na tradução das palavras cristãs: "[...] como se por providência divina Deus tivesse ordenado que estas pessoas se convertessem à nossa santa fé católica [e] chegassem ao verdadeiro conhecimento dEle **como instrumento e meio de Marina**" (SAHAGUN, 2009, p. 827, tradução

que era su intérprete, la cual era una india que sabía la lengua de Castilla y la de México (SAHAGÚN, 2009, pp. 421-422); ésta comenzó a llamar a voces a los tecutles y piles mexicanos para que viniesen a dar a los españoles lo necesario para comer. (SAHAGÚN, 2009, p. 422); Y entonces el capitán los habló por la lengua de Marina, india, preguntándoles dónde eran. (SAHAGÚN, 2009, p. 427); Como Marina hubo dicho al capitán lo que los otomíes decían, díjoles el capitán: (SAHAGÚN, 2009, p. 429); La india que era intérprete, que se llamaba Marina, (SAHAGÚN, 2009, p. 448); Don Hernando Cortes, mandó a Marina que les dijese dónde está el oro, que había dejado en México. (SAHAGÚN, 2009, p. 449); Y luego un principal que llamaban Tlacutzin habló a Marina, respondiendo: (SAHAGÚN, 2009, p. 449); Y luego respondió un principal mexicano que se llamaba Cioacóad Tlacutzin, y dijo a Marina (SAHAGÚN, 2009, p. 449); Dijo luego Marina: «El nuestro capitán dice que no está aquí todo». (SAHAGÚN, 2009, p. 450); Otra vez dijo Marina: «El señor capitán dice que busquéis doscientos tesuelos de oro tan grandes como así». (SAHAGÚN, 2009, p. 450).

²⁸ "Marina, que era su intérprete, la cual era una india" (SAHAGÚN, 2009, p. 421), Y entonces el capitán los habló por la lengua de Marina, india, (SAHAGÚN, 2009, p. 427); La india que era intérprete, que se llamaba Marina, (SAHAGÚN, 2009, p. 448).

²⁹ "Y de ahí se partieron los españoles para Cholula; y llegados, hicieron gran matanza en los de Cholula. Como oyó estas cosas Moctezuma y los mexicanos, hubieron gran temor." (SAHAGÚN, 2009, p. 44).

nossa, grifo nosso).³⁰ Essa informação também consta em *Mestiçagem e construção das identidades: a trajetória da Índia Malinalli na sociedade mexicana* de Daniele Salomão (2011): “Ao tornar-se católica e batizada, Malinalli contribuiu com a evangelização, traduzindo para os índios práticas culturais dos espanhóis, e, dessa forma, seu ímpeto, sua força política e sua função estrategista e administrador ofuscaram-se pelo fervor religioso.” (SALOMÃO, 2011, p. 32). Malinche, logo depois de batizada, aderiu à religião e adepta à cultura dos conquistadores, aceitou novos valores sociais e religiosos. Para complementar a afirmação da nova religiosidade de Malinche e sua ajuda à conversão de indígenas à fé cristã, trazemos a *Historia de la nación Chichimeca* onde o historiador indígena Fernando de Alva Ixtlilxóchitl³¹ também escreve sobre a participação de Malinche na instrução dos indígenas na fé católica, escreve:

A língua Marina se encarregou de pregar a fé cristã e falar simultaneamente a do rei da Espanha. Em poucos dias, ele aprendeu a língua espanhola, o que economizou muito trabalho a Cortés e parece ter sido quase milagrosa e muito importante para a conversão dos nativos e a fundação de nossa santa fé católica. (ALVA IXTLIXÓCHIT, 1975, p. 258).³²

Sahagún se refere a ela, mas sem o pronome de tratamento indicador de respeito: *Doña*. Usa somente o nome, recusando-se a tratá-la como se fosse uma senhora, ou igualá-la a uma dama espanhola. Ao que parece, Malinche, mais tarde,

³⁰ “[...] como por providencia divina Dios tenía ordenado que esta gentes se convirtiesen a nuestra Santa Fe Católica [y] que viniesen al verdadero conocimiento de El por instrumento y médio de Marina” (SAHAGÚN, 2009, p. 827).

³¹ Fernando de Alva Ixtlilxóchitl (c. 1578-1650). Como veremos, este historiador novohispano produjo una obra que se encuentra en la encrucijada de los mundos indígena y español. Aunque tres de sus cuatro abuelos eran españoles, Alva Ixtlilxóchitl se identificaba con la aristocracia prehispánica de Tetzco. Gracias a su abolengo, fue nombrado juez gobernador de varias comunidades indígenas y, gracias a su conocimiento del náhuatl, fungió como intérprete en el Juzgado General de Indios. Su trabajo como historiador le ha merecido amplio reconocimiento como portavoz de la tradición tetzcocana, pero también ha sido tildado de impostor. La más ambiciosa de sus obras históricas es la llamada Historia de la nación chichimeca, que relata la historia del poderoso Pueblo acolhua desde la creación del mundo hasta la conquista española. (LOAEZA & KAUFFMANN, 2017, p. 177). Fernando de Alva Ixtlilxóchitl (c. 1578-1650). Como veremos, esse historiador novo-hispânico produziu um trabalho que está na encruzilhada dos mundos indígena e espanhol. Embora três de seus quatro avós fossem espanhóis, Alva Ixtlilxóchitl identificado com a aristocracia pré-hispânica de Tetzco. Graças à sua ascendência, foi nomeado juiz governador de várias comunidades indígenas e, graças ao seu conhecimento de Nahuatl, serviu como intérprete no Tribunal Geral da Índia. Seu trabalho como historiador lhe rendeu amplo reconhecimento como porta-voz da tradição tetzcocana, mas ele também foi considerado um impostor. A mais ambiciosa de suas obras históricas é a chamada História da nação Chichimeca, que conta a história do poderoso povo Acolhua desde a criação do mundo até a conquista espanhola. (LOAEZA & KAUFFMANN, 2017, p. 177, tradução nossa).

³² “a la lengua Marina se le encargó predicar la fe cristiana y hablar, simultáneamente, del Rey de España. En pocos días aprendió la lengua española, lo que ahorró a Cortés mucho trabajo, y parece haber sido casi milagroso y muy importante para la conversión de los indígenas y la fundación de nuestra santa fe católica”. (IXTLIXÓCHIT, apud FRANCO, 2016, p. 258).

depois da conquista, trabalhou com Sahagún para catequizar os indígenas, (SAHAGUN, 2009, p. 827). Fez, ainda, uso de seu conhecimento das línguas para convertê-los à religião do conquistador.³³ Essa é uma informação rara sobre a vida de Malinche.

Nem uma palavra sobre a participação dela no massacre de Colula ou do Templo Maior em Tenochtitlan. Também o nome dela atrelado a esse evento não é mencionado por León-Portilla que trabalha a partir do Código Florentino de Sahagún³⁴ e da *História de Tlaxcala* de Diego Muñoz, mestiço de Tlaxcala, apesar de ela estar desenhada em uma posição central, no meio a esse massacre, conforme retratado pelo *Lienzo de Tlaxcala*.³⁵ León-Portilla menciona também que as informações sobre a matança no Templo Maior durante a festa de Toxcatl, que os astecas celebravam em honra do deus Huitzilopochtli³⁶, foram retiradas, além dos dois mencionados anteriormente, principalmente de três fontes: dos vários textos

³³ She was also an effective evangelist who instructed indigenous listeners to open their hearts and minds to a loving Christian god that offered eternal salvation. (JAGER, 2015, p. 53). Ela também foi uma evangelista eficaz que instruiu os ouvintes indígenas a abrir seus corações e mentes a um deus cristão amoroso que oferecia salvação eterna. (JAGER, 2015, p. 53, tradução nossa).

³⁴ Fray Bernardino Sahagún was among the first Spanish chroniclers to record precolonial social organization in Mexico. He began his cultural study on the heels of the conquest in the late 1520s, and continued his work among the Indians for twenty years. The Project resulted in a twelve-volume ethnographic history of Mesoamerican lifeways known as the Florentine Codex. To conduct his investigation, he selected and trained Native teenage males to act as interpreters. Cultural biases are evident in Sahagún's work because his goal was certainly to justify and facilitate the Christianization project in Mexico. He also failed to differentiate between Indian groups, collapsing the diverse cultures of Native Mexico into one amalgamation. Nevertheless, Sahagún's work provided a foundation for European understanding of precolonial culture, society, and history. (JAGER, 2015, p. 31). Frei Bernardino Sahagún estava entre os primeiros cronistas espanhóis registrar organização social pré-colonial no México. Ele começou seu estudo cultural logo após a conquista no final da década de 1520, e continuou seu trabalho entre os índios por vinte anos. O projeto resultou em uma história etnográfica de doze volumes da Mesoamérica formas de vida conhecidas como Codex Florentine. Para conduzir sua investigação, ele selecionou e treinou adolescentes nativos para atuar como intérpretes. Vieses culturais são evidentes no trabalho de Sahagún porque seu objetivo era certamente justificar e facilitar o projeto de cristianização no México. Ele também não conseguiu diferenciar entre grupos indígenas, colapsando as diversas culturas indígenas México em uma fusão. No entanto, o trabalho de Sahagún forneceu uma base para a compreensão europeia da cultura pré-colonial, sociedade e história. (JAGER, 2015, p. 31, tradução nossa).

³⁵ *Lienzo de Tlaxcala* é um documento que pretendia mostrar ao rei da Espanha, Carlos V, toda a ajuda dada pelos tlaxcaltecas aos espanhóis nos episódios da conquista. Sua produção data do século XVI e foi feita a partir da memória dos acontecimentos ocorridos entre 1519 e 1521, quando Cortés deu início à sua aventura na América. Ele foi confeccionado em estilo pictográfico, composto por cerca de noventa e uma imagens, em vinte e duas das quais *La Malinche* se encontra representada. A "língua", tal como eram chamados os tradutores, aparece muitas vezes em destaque. (SEGER, 2014, p.12).

³⁶ The Mexicas identified Huitzilopochtli (a Toltec god of war) as their supreme deity, thus raising Huitzilopochtli to the level of Quetzalcoatl (the creator god of the Toltecs). (JAGER, 2015, p. 26). Os mexicas identificaram Huitzilopochtli (um deus tolteca da guerra) como sua divindade suprema, elevando Huitzilopochtli ao nível de Quetzalcoatl (o deus criador dos toltecas). (JAGER, 2015, p. 26, tradução nossa).

indígenas que compõem o *Codex Ramirez*³⁷, a *XII relacion* de Alva Ixtlilxochitl³⁸ e o *Codex Aubin*.³⁹

1.3 Gómara - proximidade com Hernán Cortés

Francisco López de Gómara nasceu em Sevilla, estudou na Universidade de Alcalá, foi um dos principais cronistas da conquista espanhola na América,

³⁷ TOVAR, Ivan de. Códice Ramírez, também conhecido como o Códice Tovar, é um manuscrito de autoria do jesuíta mexicano Juan de Tovar (1546?-1626?) é baseado na história dos astecas pelo frade dominicano Diego Durán (1537?- 1588?). Ele contém informações detalhadas sobre os ritos e cerimônias dos astecas, uma comparação elaborada do ano asteca com o calendário cristão, e a correspondência entre Tovar e seu companheiro padre jesuíta José de Acosta, para quem acredita-se que Tovar tenha escrito o trabalho. O manuscrito é ilustrado com 51 pinturas de página inteira em aquarela. Fortemente influenciado por manuscritos pictográficos do período pré-contato, as pinturas são de qualidade artística excepcional. O manuscrito está dividido em três seções. A primeira seção é uma história por Tovar das viagens dos astecas, antes da chegada dos espanhóis. A segunda seção (uma história ilustrada dos astecas) é essencialmente o mesmo que o Códice Ramírez, um manuscrito descoberto no México em 1856 por José Fernando Ramírez, e compõe o corpo principal do manuscrito. A terceira seção contém o calendário Tovar, que registra um calendário civil asteca com os meses, semanas, dias, letras dominicais e festividades religiosas de um calendário cristão de 365 dias.

³⁸ Fernando de Alva Ixtlilxóchitl, texcocano, descendiente por línea recta de los reyes de Acolhuacán. Este noble índio, versadísimo en las antigüedades de sua nación, escribió excitado por el virrey de México, algunas obras eruditas y muy apreciables, y son las siguientes: I Historia de la Nueva España; II. Historia de los señores Chichimecas; III. Compendio histórico del reino de Texcoco; IV. Memorias históricas de los toltecas y otras naciones de Anáhuac. Todas estas obras escritas en español, se conservan en la librería del colegio de jesuitas de México. El autor fue tan cauto al escribir que para quitar toda sospecha de ficción, hizo constar legalmente la conformidad de sus relaciones con las pinturas históricas que había heredado de sus nobilísimos antepasados. (CLAVIJERO, 2013, p.28) Fernando de Alva Ixtlilxochitl, texcocan, descendente por linha direta dos reis de Acolhuacán. Este nobre índio, muito versado nas antiguidades de sua nação, escreveu animado pelo vice-rei do México, algumas obras eruditas e muito apreciáveis, e são as seguintes: I História da Nova Espanha; II. História dos senhores de Chichimeca; III Compêndio Histórico do Reino de Texcoco; IV. Memórias históricas dos toltecas e outras nações de Anahuac. Todas estas obras escritas em espanhol, estão preservadas na biblioteca do colégio de Jesuitas do México. O autor foi tão cauteloso ao escrever que, a fim de remover todas as suspeitas de ficção, ele registrou legalmente a conformidade de suas relações com as pinturas históricas que herdara de seus nobres antepassados. (CLAVIJERO, 2013, p.28, tradução nossa).

³⁹ Anales geroglíficos.—El manuscrito representa la historia mexicana desde el principio hasta la conquista, en pinturas geroglíficas, con un texto explicativo em lengua mexicana 6 azteca, primero con sus mitos, después geográficamente, sobre todo en cuanto á nombres de lugar; sucesivamente uno después de otro, los reyes mexicanos: la primera época carece de interés, después los acontecimientos se aglomeran. Este ejemplar es una copia con un prefacio francés, bastante vago, escrito por Mr. Aubin. El original se compuso en 1576, y parece ser. Por consecuencia, el nº 14 de la Colección del Caballero Boturini.—Berlin, 1841.—BUSCHMANN. (CODICE AUBIN, 1902, p. 8). Anais geroglíficos.-O manuscrito representa história mexicana desde o início para a conquista em pinturas geroglíficas, com um texto explicativo no mexicano idioma asteca 6, primeiro com seus mitos, em seguida, geograficamente, especialmente com respeito a colocar nomes; sucessivamente um depois do outro, os reis mexicanos: a primeira época carece de interesse, então os eventos são aglomerados. Esta cópia é uma cópia com um prefácio francês, bastante vago, escrito pelo Sr. Aubin. O original foi composto em 1576 e parece ser. Como consequência, nº 14 da Coleção do Cavaleiro Boturini.-Berlin, 1841. BUSCHMANN. (CODICE AUBIN, 1902, p.8, tradução nossa).

trabalhando como secretário, capelão e biógrafo de Hernán Cortés. Presenciou alguns dos acontecimentos, de outros ouviu falar, e ainda outros lhe contou o próprio Hernán Cortés, pois que o envolviam diretamente bem como suas campanhas no México e interessava a ele, Cortés, que fossem conhecidos. Gómara, mais tarde, no ano de 1554, escreveu *La conquista do México*, para registrar os acontecimentos, impressa pela primeira vez em Zaragoza.

O autor de *La conquista do México* tinha conhecimento da necessidade de Hernán Cortés de possuir um bom tradutor e descreve a chegada de Jerônimo de Aguilar, que se juntou à expedição e passou a ser o tradutor. Esse tradutor se tornou falho, por falta de conhecimento da língua nahuatl, falada pelos autóctones de importantes povoados, inclusive pelos astecas. Surgiu a necessidade de alguém que falasse essa língua e surge Malinche. Gómara fala sobre a necessidade de um novo intérprete que entendesse aquele povo e de como Malinche passou à nova tradutora. Assim se refere Gómara à passagem que descreve como Malinche passou a fazer parte da expedição:

Assim, após o termo que eles tinham deixado, o senhor daquela cidade e quatro ou cinco outros, com sua boa companhia de índios, vieram a Cortés e trouxeram-lhe pão, coquetéis, frutas e coisas semelhantes para o acampamento, e até 400 pesos de ouro em joias, e algumas pedras turquesa de pouco valor e cerca de vinte mulheres de seus escravos para cozinhar pão e guisado para comer o exército, com o qual eles pensavam fazer um grande serviço, porque os viam sem mulheres, e porque Todos os dias é necessário moer e assar pão de milho, em que as mulheres gastam muito tempo. [...] Cortés os recebeu e os tratou muito bem, e deu-lhes resgate, o que os deixou muito felizes, e distribuiu as vinte escravas entre os espanhóis como companheiras. (GÓMARA, 2008, p.56-57, tradução nossa).⁴⁰

Ela recebeu a promessa de Cortés de que seria recompensada com mais do que a liberdade se ela o servisse:

Tudo isso fora feito sem linguagem, **porque Jerónimo de Aguilar não entendia esses índios**, que eram de outra língua muito diferente da que ele conhecia; pelo qual Cortés ficou preocupado e triste, por não entender com aquele governador e por conhecer as coisas daquela terra; **mas então ele**

⁴⁰ Así que, pasado el término que llevaron, vino a Cortés el señor de aquel pueblo y otros cuatro o cinco, comarcanos suyos, con buena compañía de indios, y le trajeron pan, gallipavos, frutas y cosas así de bastimento para el campamento, y hasta 400 pesos de oro en joyuelas, y algunas piedras turquesas de poco valor y unas veinte mujeres de sus esclavas para que les cociesen pan y guisasen de comer al ejército, con las cuales pensaban hacerle gran servicio, porque los veían sin mujeres, y porque cada día es menester moler y cocer el pan de maíz, en que se ocupan mucho tiempo las mujeres. [...]Cortés los recibió y trató muy bien, y les dio cosas de rescate, con las que se alegraron mucho, y repartió aquellas veinte mujeres esclavas entre los españoles por camaradas. (GÓMARA, 2008, p.56-57).

deixou essa preocupação, porque uma daquelas vinte mulheres que lhe deram em Potonchan conversou com as do governador e ele as compreendeu muito bem, como os homens de sua própria língua; e assim Cortés a tomou de lado com Aguilar, e prometeu-lhe mais do que liberdade, se ela realmente o tratasse e àqueles de sua terra, desde que ele os entendesse, e ele a quisesse por seu *faraute* e secretária. (GÓMARA, 2008, p. 64, grifo nosso, tradução nossa).⁴¹

Gómara descreve quem era Malinche, de acordo com o que ela contou de si mesma, após aprender a língua espanhola. Dessa história, Gómara presumivelmente tomou ciência pelo que ela contou a Cortés, e estes detalhes, Cortés passou a Gómara que era seu secretário e escritor particular. Gómara escreve, então, ela era de um lugar chamado Jalisco, seus pais eram ricos e parentes do cacique do lugar, que foi roubada por mercadores e vendida por eles numa feira de Xicalango, perto de Tabasco:

Depois disso, ele perguntou quem ele era e de onde ele era. Marina, que recebeu o nome cristão, disse que era de Jalisco, de um lugar chamado Viluta, filha de pais ricos e parentes do senhor daquela terra; e que quando ela era menina, alguns mercadores tinham sido roubados em tempos de guerra, e levados para vender na feira de Xicalanco, que é uma grande cidade em Cozacualco, não muito longe de Tabasco; e dali chegara ao poder do Senhor de Potonchan (GÓMARA, 2008, p.64, tradução nossa).⁴²

Franco (2016) se refere a Gómara; escreve que seu livro e suas palavras refletem o que Cortés disse a ele:

Embora escrita por um homem que nunca pôs os pés na Nova Espanha, a **história de López de Gómara reflete, com quase absoluta certeza, o ponto de vista de Cortés**, bem como o dos conquistadores de quem o autor conseguiu obter testemunhos diretos. Não deve surpreender o fato de este autor apresentar Cortés como o principal protagonista, o criador da estratégia e o autor intelectual e prático da conquista. **López de Gómara descreve La Malinche como uma escrava a quem Cortés ofereceu liberdade em troca de sua atuação como farauta (derivada do francês "Hérait" ou arauto) e secretária. O historiador oficial de Cortés insiste que ela era escrava, em contraste com a ênfase de Bernal Díaz del**

⁴¹ Todo esto se había hecho sin lengua, porque Jerónimo de Aguilar no entendía a estos indios, que eran de otro lenguaje muy diferente del que él sabía; por lo cual Cortés estaba preocupado y triste, por faltarle faraute para entenderse con aquel gobernador y saber las cosas de aquella tierra; pero después salió de aquella preocupación, porque una de aquellas veinte mujeres que le dieron en Potonchan hablaba con los de aquel gobernador y los entendía muy bien, como a hombres de su propia lengua; y así que Cortés la tomó aparte con Aguilar, y le prometió más que libertad si le trataba verdad entre él y aquellos de su tierra, puesto que los entendía, y él la quería tener por su faraute y secretaria. (GÓMARA, 2008, p. 64, grifo nosso).

⁴² Tras esto, le preguntó quién era y de dónde. Marina, que así se llamaba después de cristiana, dijo que era de cerca de Jalisco, de un lugar llamado Viluta, hija de padres ricos y parientes del señor de aquella tierra; y que cuando era muchacha la habían robado algunos mercaderes en tiempo de guerra, y llevado a vender a la feria de Xicalanco, que es un gran pueblo sobre Cozacualco, no muy lejos de Tabasco; y de allí había llegado a poder del señor de Potonchan. (GÓMARA, 2008, p. 64).

Castillo em suas origens nobres. (FRANCO, 2016, p. 256, grifos nossos, tradução nossa).⁴³

Segundo Jean Franco (2016), Malinche, sob os olhos de Gómara, que por sua vez escreveu o que Cortés lhe disse, Malinche seria uma escrava e não teria origem nobre. Franco escreve também que Cortés e Malinche chegaram a um acordo, segundo Gómara. Nesse acordo, Malinche trabalharia para Cortés e em troca, ele daria a ela liberdade, ao final.

A respeito do lugar de nascimento de Malinche, Seger (2014) conclui que são três os principais locais mencionados como o presumível lugar do nascimento de La Malinche, a saber: *Huilotlan*, *Painalla* e *Tetícpac*.

As localidades de *Huilotlan*, *Oluta* ou *Viluta* têm sido mencionadas pelos autores antigos em duas regiões diferentes, assim como *Jalisco* e *Coatzacoalcos*, no istmo de *Tehuantepec*. Se destacarmos a ideia de que *La Malinche* era natural de *Jalisco*, há falta de uma explicação convincente de como, desde um lugar tão remoto, havia chegado a *Tabasco* onde a encontraram os espanhóis. Admitindo que Huilotlán, Oluta ou Viluta seja uma mesma localidade, grafada de diferentes modos, as opiniões dos cronistas estariam em sintonia, se não quanto à localidade do nascimento de La Malinche, ao menos quanto à região. Painalla encontra-se a pouca distância da província de Coatzacoalcos. A esse cacicado pertenceria também à população de Tetícpac citada por alguns autores antigos, como aquela onde La Malinche nasceu. Assim, pois, a zona de onde ela era originária seria Coatzacoalcos. (SEGER, 2014, p. 118).

Como Bernal Díaz afirma que o local de nascimento de Malinche é Painalla, Seger (2014) comenta que existe uma tradição oral tardia desse povoado que afirmava ser este o lugar do nascimento de La Malinche. Hoje em dia, esse lugar não existe, mas que alguns historiadores admitem ter sido esse o verdadeiro local de nascimento:

Ainda que a localidade de Painalla seja admitida por um grande número de historiadores, lugares como Oluta e Huilotlan e Tetícpac, mencionados por Bernardino de Sahagún, não são descartados como a terra natal de La Malinche. De fato, quando de seu casamento com um dos capitães de Cortés, este lhe outorgou, como uma espécie de dote, os povoados de Huilotlán e Tetícpac, os quais, na realidade, segundo essa versão de seu

⁴³ Aunque escrita por un hombre que nunca puso un pie en la Nueva España, **la historia de López de Gómara refleja, con certidumbre casi absoluta, el punto de vista de Cortés**, así como el de los conquistadores de quienes el autor pudo obtener testimonios directos. No debería sorprender el hecho de que este autor presente a Cortés como el protagonista principal, el creador de la estrategia y el autor intelectual y práctico de la conquista. López de Gómara describe a La Malinche como una esclava a quien Cortés ofreció la libertad a cambio de que fungiera como su faraute (derivado del francés "héraut" o heraldo) y secretaria . **El historiador oficial de Cortés insiste en que ella era una esclava, en contraste con el énfasis que hace Bernal Díaz del Castillo en sus orígenes nobiliarios** . (FRANCO, 2016, p. 256, grifos nossos).

nascimento já lhe pertenceriam por herança. Assim, pois, conforme os dados trazidos pelas fontes documentais, a região onde havia nascido La Malinche seria Coatzacoalcos, e a localidade, muito provavelmente, seria Painalla (SEGER, 2014, p. 118).

Gómara faz questão de destacar que ela começou a fazer a tradução, mas Aguilar seria o intérprete mais importante: "Esta Marina e suas companheiras foram os primeiros cristãos batizados de toda a Nova Espanha, e ela sozinha, com Aguilar, **o verdadeiro intérprete** entre os nossos e os daquela terra" (GÓMARA, 2008, p. 64, grifo nosso, tradução nossa).⁴⁴

Quando era necessário falar a língua náhuatl, Malinche era necessária: "Cortés fez com que falassem com Marina e disseram que eram de Cempoala" (GÓMARA, 2008, p.68, tradução nossa).⁴⁵ Gómara se refere à Malinche como a "índia tradutora": "E perguntou à índia que servia de *faraute*, disse a Cortés que não só eles eram de línguas diferentes, mas também eram de outro senhor, não sujeitos a Montezuma, mas de certo modo e pela força" (GÓMARA, 2008, p. 69, tradução nossa).⁴⁶

Não parece que ela interviesse nas perguntas e respostas, apenas traduzia, segundo Gómara: "E pediu-lhes com Marina para os senhores que estavam lá naquela terra. Eles responderam que tudo era do grande Sr. Moctezuma" (GÓMARA, 2008, p. 69, tradução nossa)⁴⁷, ou para explicar algum fato que desconheciam, referente aos costumes do lugar: "E muito mais sangue de homens sacrificados, segundo Marina" (GÓMARA, 2008, p.71, tradução nossa).⁴⁸ Gómara cita que Malinche não entende o que falam dois nativos que encontram pelo caminho: "Ele chegou ao pé da colina sem ver homem da cidade, senão dois, que Marina não entendeu" (GÓMARA, 2008, p.80, tradução nossa),⁴⁹ mas que afinal conseguiram comunicar-se pois, no povoado, havia um tradutor que falava a língua

⁴⁴ "Esta Marina y sus compañeras fueron los primeros cristianos bautizados de toda la Nueva España, y ella sola, con Aguilar, **el verdadero intérprete** entre los nuestros y los de aquella tierra." (GÓMARA, 2008, p. 64, grifo nosso).

⁴⁵ "Cortés les hizo hablar con Marina, y ellos dijeron que eran de Cempoallan." (GÓMARA, 2008, p. 68).

⁴⁶ "Y preguntada la india que servía de faraute, dijo a Cortés que no solamente eran de lenguaje diferente, sino que también eran de otro señor, no sujeto a Moctezuma sino en certa manera y por fuerza." (GÓMARA, 2008, p. 69).

⁴⁷ "y les preguntó con Marina por los señores que había por aquella tierra. Ellos respondieron que toda era del gran señor Moctezuma." (GÓMARA, 2008, p. 69).

⁴⁸ "y mucha más sangre de hombres sacrificados, según dijo Marina" (GÓMARA, 2008, p. 71).

⁴⁹ "Llegó al pie del cerro sin ver hombre del pueblo, sino a dos, que no los entendió Marina." (GÓMARA, 2008, p. 80).

de Culúa e a dali, que era a língua que se falava em toda a região. Para interrogar coletores de impostos de Montezuma, Cortés usou tanto Malinche, quanto Aguilar: "Cortés fingiu não conhecê-los, e pediu-lhes que Aguilar e Marina lhe dissessem quem eram, o que queriam e por que eram prisioneiros. Eles disseram que eram vassallos de Moctezuma" (GÓMARA, 2008, p. 82, tradução nossa).⁵⁰ Em um lugar chamado Zaclotan, no vale Zacatami, a caminho de Tenochtitlan, Cortés usou Malinche e Aguilar, para comunicar-se com o cacique Olintlec: "Cortés falou com seus farautes, que eram Marina e Aguilar, e contou-lhes o motivo de sua vinda àqueles lugares" (GÓMARA, 2008, p. 99, tradução nossa),⁵¹ e mais adiante, pelo caminho, nos esclarece Gómara que os dois ainda trabalhavam juntos, como tradutores: "E lá ele examinou com Marina e Aguilar; que, após uma hora, confessou que era espião"(GÓMARA, 2008, p.109, tradução nossa),⁵² do que se deduz que Cortés ainda utilizava os serviços de Aguilar como tradutor, já bem perto de encontrar Montezuma, e não somente os de Marina, como se subentende pelas palavras de Bernal Díaz.

Gómara se refere a um fato vastamente mencionado nos romances literários, que é o protagonismo de Malinche no massacre de Cholula. Relata que ela descobriu que ali se armava um ataque aos espanhóis, pois uma das mulheres do povoado lhe pediu para que fosse morar com ela:

Quando os nossos já iam partir, pelo mau tratamento que lhes foi dado e mau humor que lhes mostraram, aconteceu que a esposa de um cacique, que por ser piedosa, ou porque os barbados pareciam bem, contou à Marina de Viluta, ele ficou lá com ela, que a amava muito, e ela sentiria se eles a matassem com seus mestres. Ela disfarçou as más notícias, e descobriu quem e como eles estavam planejando. Depois correu para procurar Jerónimo de Aguilar e juntos contaram a Cortés. Ele não caiu no sono, mas rapidamente pegou alguns vizinhos, que, examinados, confessaram a verdade do que estava acontecendo, como aquela senhora disse (GÓMARA, 2008, p.127, grifo nosso, tradução nossa).⁵³

⁵⁰ "Cortés; el cual hizo como que no los conocía, y les preguntó con Aguilar y Marina que le dijeren quiénes eran, qué querían, y por qué estaban presos. Ellos dijeron que eran vasallos de Moctezuma." (GÓMARA, 2008, p. 82).

⁵¹ "Cortés les habló con su farautes, que eran Marina y Aguilar, y les dijo la causa de su venida a aquellos lugares." (GÓMARA, 2008, p. 99).

⁵² "y allí lo examinó con Marina y Aguilar; el cual, al cabo de una hora, confesó que era espía" (GÓMARA, 2008, p. 109).

⁵³ Estando ya los nuestros para marcharse de allí, por el ruin tratamiento que les daban y mal talante que les mostraban, sucedió que la mujer de un principal, que por ser piadosa, o por parecerle bien aquellos barbudos, dijo a Marina de Viluta, que se quedase allí con ella, que la quería mucho, y sentiría que la matasen con sus amos. Ella disimuló la mala nueva, y le saco quien y cómo la tramaban. Corrió luego a buscar a jerónimo de Aguilar, y juntos se lo dijeron a Cortés. Él no se

A esse fato, principalmente, Malinche deve seu epíteto de traidora. Se ela teve essa participação no massacre ou não, nunca poderemos ter certeza, se tal fato realmente ocorreu ou se Gómara, secretário e biógrafo de Hernán Cortés, ouviu, e conversou sobre isso, enquanto Cortés escrevia suas *cartas de relación* ao rei Carlos V. O certo é que a dúvida, para uns, a certeza, para outros, foi lançada.

Inserese aqui a observação de Maria Emilia Granduque José (2011) afirmando que Gómara utilizou as cartas de Relación de Hernán Cortés para escrever sua narrativa:

Desse modo, o clérigo Francisco López de Gómora utilizou as Cartas de Relación de Cortés como referente temporal e argumentativo sobre a conquista e, posteriormente, o soldado Bernal Díaz del Castillo favoreceu-se da *De la conquista de Mexico* de Gómora para elaborar a sua versão particular do evento. Outros cronistas também lançaram mão da leitura dos primeiros relatos, já que as novidades da América não constavam em livros antigos e nos autores clássicos (JOSÉ, 2011, p. 20).

Gómara usa o nome Marina quinze vezes⁵⁴, durante toda a narrativa, um pouco mais que o número de vezes que Bernardino de Sahagún cita o nome da tradutora. Nenhuma vez ele refere-se a ela, à semelhança de Bernal Díaz, usando a palavra *Doña*.

Quando do encontro de Cortés e Montezuma, na rua principal de Tenochtitlan, quando a participação de Malinche parece vital, segundo Bernal Díaz del Castillo, Gómora não a menciona, nem para aludir que fez a tradução das palavras de boas-vindas do tatloani a Cortés. Somente quando os espanhóis já se achavam hospedados no palácio, já tinham comido e repousado, Gómora torna a

durmió, sino que rapidamente hizo coger a un par de vecinos, que, examinados, le confesaron la verdad de lo que pasaba, como aquella señora dijera. (GÓMARA, 2008, p. 127, grifo nosso).

⁵⁴ porque una de aquellas veinte mujeres que le dieron en Potonchán, hablaba con los de aquel gobernador y los entendía muy bien. (GÓMARA, 2008, p.54); Marina, que así se llamaba después de cristiana, dijo que era de Xalisco. (GÓMARA, 2008, p.54); Esta Marina y sus compañeras fueron los primeros cristianos bautizados de toda la Nueva-España. (GÓMARA, 2008, p. 54); Cortés les hizo hablar con Marina, y ellos dijeron que eran de Cempoallan. (GÓMARA, 2008, p. 59); y preguntoles con Marina por los señores que había por aquella tierra. (GÓMARA, 2008, p. 59); a lo que Marina dijo, y también se hallaron el tajón sobre que ponían los del sacrificio, (GÓMARA, 2008, p. 62); Llegó al pie del cerro sin ver hombre del pueblo, sino dos, que no los entendió Marina. (GÓMARA, 2008, p. 71); y preguntolescon Aguilar y Marina que le dijessen quién eran, (GÓMARA, 2008, p.73); Cortés les habló con sus farautes, que eran Marina y Aguilar, (GÓMARA, 2008, p. 91); y allí lo examinó con Marina y Aguilar; (GÓMARA, 2008, p. 102); dijo a Marina de Viluta que se quedase allí con ella, (GÓMARA, 2008, p. 120); y con la misma dijo, según Marina y Aguilar declaraban: (GÓMARA, 2008, p.133); Creo que aquí se casó Juan Jaramillo con Marina, (GÓMARA, 2008, p. 327); preguntó Marina qué era, y respondieron que fiesta y bailes. (GÓMARA, 2008, p.346); Habloles con Marina, rogándoles mucho que viniesen sus señores a verle, (GÓMARA, 2008, p. 348); Aquellos mensajeros holgaron mucho de hablar con Marina, (GÓMARA, 2008, p. 349).

escrever as palavras ditas por Montezuma e se refere à participação de Aguilar e Malinche, e não só dela: "Ele fez tudo isso muito a sério e, de acordo com Marina e Aguilar, declarou: Senhor e cavaleiros, estou muito feliz em ter homens como vocês em minha casa e em meu reino" (GÓMARA, 2008, p. 139, tradução nossa).⁵⁵

Camilla Townsend acrescenta que, na viagem a Honduras, em outubro de 1524, Jerônimo de Aguilar não os acompanhou:

Talvez não seja surpreendente que, segundo todos os relatos, ela tenha aprendido espanhol rapidamente, que Jerônimo de Aguilar tenha se tornado cada vez menos importante e ela, cada vez mais, à medida que os meses passavam. Por volta de 1524 - e provavelmente muito mais cedo - Cortés não convocou mais Aguilar; nessa época, Malintzin fez toda a sua tradução entre o espanhol, o náhuatl e o maia (TOWNSEND, 2006, p. 57, tradução nossa).⁵⁶

Gómara descreve com detalhes, por exemplo, os animais que habitam as redondezas de uma lagoa: "Ao redor dessa lagoa existem infinitas lebres, coelhos, macacos ou gatilhos de muitos tamanhos; porcos, veados, leões e tigres, e um animal chamado *aiotochtli*, não maior que o gato, que tem a cara de um patinho, pés de porco-espinho ou ouriço e uma cauda longa" (GÓMARA, 2008, p. 61, tradução nossa).⁵⁷ Explica detalhadamente, por páginas e páginas, a cidade e suas casas, o que comia Montezuma, sua casa de armas, suas roupas, suas mulheres, seus templos, seus deuses e o aprisionamento do tatloani. O biógrafo e escritor achou necessária essa descrição minuciosa de tudo o que via e sabia; entretanto descreveu Malinche com poucas palavras, muito *en passant*. Ele não achou necessário falar sobre outras participações diretas de Malinche em eventos, além do massacre de Cholula, talvez porque não tenha havido essa participação, que ela se mantivesse em sua função de serviçal dos espanhóis e intérprete de Hernán Cortés.

Não se pode ter certeza de que ela teria tido realmente essa participação ou isso foi um fato inventado para justificar esse massacre. Ela pode ter contado tal conversa a Aguilar e os dois foram contar a Cortés. Poderia ter sido uma maneira

⁵⁵ "Hizo todo esto con mucha gravedad, y con la misma dijo, según Marina y Aguilar declaraban: Señor y caballeros míos, mucho me alegra tener tales hombres como vosotros en mi casa y reino." (GÓMARA, 2008, p. 139).

⁵⁶ "It is perhaps not surprising that by all accounts she learned Spanish and Spanish ways quickly, that Jerónimo de Aguilar became less and less important and she more and more so as the months passed. By 1524 - and probably much sooner- Cortés no longer called on Aguilar at all; by then, Malintzin did all his translation between Spanish, Náhuatl, and Maya." (TOWNSEND, 2006, p. 57).

⁵⁷ "Alrededor de aquella laguna se crían infinitas liebres, conejos, monillos o gatillos de muchos tamaños; puercos, venados, leones y tigres, y un animal llamado aiotochtli, no mayor que el gato, el cual tiene rostro de anadón, pies de puerco espín o erizo, y cola larga." (GÓMARA, 2008, p. 61).

que ela achou para fazer-se importante, para chamar a atenção sobre sua pessoa, para reclamar mais tarde alguns benefícios para si mesma.

O certo é que Gómara somente torna a falar sobre ela, de maneira particular, quando conta que esta se casou com Juan Jaramillo: "Eu acho que Juan Jaramillo se casou aqui com Marina, quando ele estava bêbado. Eles culpam Cortés, que o consentiu apesar de ter filhos com ela" (GÓMARA, 2008, p 324, tradução nossa).⁵⁸ Apesar de ter sido aclamada, mais tarde, por ter sido a mãe do primeiro mestiço, quando Gómara se refere a Martín Cortés, não nomeia Malinche como sendo a mãe. Ele a trata apenas por "uma índia":

Quando enumera os filhos de Cortés, López de Gómara se limita a mencionar um Martín Cortés (além do filho de Cortés com o mesmo nome, com sua esposa espanhola Juana de Zúñiga), "nascido de um índia".⁵⁹ Aqui Dona Marina aparece, simplesmente, como a mãe anônima de um dos primeiros mestiços, o filho bastardo que Cortés legitimou por meio de um decreto papal. **É importante destacar o silêncio sobre o papel de Marina na reprodução.** (FRANCO, 2016, pp. 256-257, grifos nossos, tradução nossa).⁶⁰

A afirmação de que Jaramillo, tinha se casado em estado de embriaguez será ferozmente combatido por Bernal Díaz del Castilho, anos mais tarde.

1.4 Las Casas e as denúncias contra a escravidão e mau tratos aos indígenas

Segundo frei Josaphat (2008), Las Casas nasceu em 1484, foi missionário entre os indígenas, fez denúncias contra os conquistadores, chamando-os de ladrões e assassinos que deviam restituir aos indígenas o que lhes tinha sido roubado e "condenou como tiranos aqueles que a cristandade consagrou como heróis" (JOSAPHAT, 2008, p. 18).

De acordo com Lawrence A. Clayton (2011), Las Casas adquiriu fama ainda enquanto era vivo por sua forte crítica sobre o modo cruel como os espanhóis entraram nas novas terras e sua luta em defesa dos indígenas.

⁵⁸ "Creo que aquí se casó Juan Jaramillo con Marina, estando borracho. Culparon a Cortés, que lo consintió teniendo hijos con ella." (GÓMARA, 2008, p. 324).

⁵⁹ (GÓMARA, 2008, p. 374).

⁶⁰ Cuando enumera a los hijos de Cortés, López de Gómara se limita a mencionar a un tal Martín Cortés (además del hijo de Cortés del mismo nombre, habido con su esposa española Juana de Zúñiga), "que era nacido de una índia". Aquí Doña Marina aparece, simplemente, como la madre anónima de uno de los primeros mestizos, el hijo bastardo a quien Cortés legitimó mediante un decreto papal. Importa destacar el silencio en torno al papel de Marina en la reproducción. (FRANCO, 2016, pp. 256-257).

As opiniões sobre Frei Bartolomé de las Casas são controversas; alguns aludem a que ele ajudou a criar o que se chama de Lenda Negra⁶¹ que se refere à imensa crueldade dos espanhóis contra os indígenas e há os que o consideram um traidor da nação espanhola, por postar-se ao lado dos indígenas contra seus compatriotas, como, por exemplo, o historiador Francisco Javier Clavijero, autor de *La Historia Antigua de México*⁶².

Antonello Gerbi escreve que Bartolomé de las Casas tomou “medidas tutelares humilhantes impostas aos nativos por parte da Espanha; ao se considerar os nativos fracos e tolos; terminava-se por tratá-los como menores de idade necessitados de proteção.” (GERBI, 1996, p. 76). Outros consideram⁶³ que ele

⁶¹ The counter argument to the Black Legend was the White Legend. It came into existence in the twentieth century, constructed by patriotic Spaniards to counter the Hispanophobic Black Legend that had been used by Protestants in Spain's rival European states, especially England, to batter the image of Catholic Spain in the many wars of competition among European nations over the centuries. The White Legend argued that Spain was no worse than her English, French, and Dutch rivals in their invasions of America, and that, in fact, the bringing of Christianity — with a few excesses acknowledged, given the innate corruption of man — to the Amerindians freed them from the deceptions of the devil and endowed them with eternal salvation. (CLAYTON, 2011, p. 7).

⁶² Bartolomé de Las Casas, famoso dominicano español, primer obispo de Chiapas, y sumamente benemérito de los indios. Los terribles escritos presentados por este venerable prelado a Carlos V y a Felipe II, en favor de los indios y contra los españoles, impresos en Sevilla, y por odio a la España, traducidos a porfía en todas las lenguas de Europa, contienen algunos puntos de la historia antigua de México; pero tan desfigurados y alterados, que es imposible apoyarse en el testimonio del autor, aunque tan apreciable por otros títulos. El fuego del cielo que lo consumió, exhaló humo mezclado con la luz, esto es, lo falso mezclado entre lo verdadero: no por deseo de engañar a su rey ni al público, porque sospechar en él una intención torcida, sería injuriar su virtud reconocida y reverenciada aun por sus enemigos, sino porque no habiendo estado presente a lo que cuenta de México, se fió demasiado de las relaciones de otros, como he hecho ver en mi Historia. (CLAVIJERO, 2013, introdução XXXV).

No quiero decir que Solís sea un adulador; ni Las Casas un calumniador, sino que en mi pluma sería calumnia o adulación lo que aquellos autores escribieron, el uno por el deseo de engrandecer a su héroe, y "1 otro por celo en favor de los indios. (CLAVIJERO, 2013, p. 7).

⁶³ Em capítulo intitulado A causa remota, em História universal da infâmia, livro escrito em 1935 por Jorge Luis Borges, podemos ler: “Em 1517, o padre Bartolomé de las Casas sentiu muita pena dos índios que se extenuavam nos laboriosos infernos das minas de ouro antilhanas, e propôs ao imperador Carlos v a importação de negros que se extenuassem nos laboriosos infernos das minas de ouro antilhanas.” (BORGES, 2012, p.13).

Ainda que as Leyes nuevas, promulgadas em 1542 por Carlos V, tenham modificado profundamente o sistema da encomienda, limitando a possibilidade de exploração dos índios, não desapareceu a hipótese de um emprego legítimo de escravos nas plantações americanas, transferido para os negros africanos. Esta linha foi sustentada também por Bartolomé de las Casas. (MARCOCCI p. 2010, 63).

Em Las Casas, Alonso de Sandoval e a defesa da escravidão negra, Juliana Beatriz Almeida de Souza escreve que Las Casas estimulou a escravidão negra para poupar os indígenas de serem escravos: “Foi nessa época, (1521) também, que sustentou ser de melhor proveito para a Coroa substituir os índios por “negros ou outros escravos das minas”. Com eles, pensava, se obteria muito mais ouro do que com os índios. (SOUZA, 2006, p. 26).

Las Casas teria elaborado uma instrução entregue pelo cardeal Cisneros aos três monges, em que se admitia a entrada de escravos negros na América. Em junho do ano seguinte, em uma carta, os monges jerônimos aprovavam e recomendavam a introdução da escravidão negra. No mesmo ano,

também defendia a entrada dos espanhóis na América, pois deles advinha a cristianização dos indígenas e que defendia a escravidão de negros para, dessa sorte, aliviar o sofrimento dos indígenas. Jorge Luis Borges afirma que a escravidão de negros, e sua introdução na América, se devem a ele, apesar de que foram os portugueses que levaram os primeiros negros para as Américas em 1503, bem antes que o frei recebesse uma *encomienda* no Novo Mundo. Menéndez Pidal, por exemplo, dizia que o frei sofria de paranoia extrema quando defendia os indígenas em seus escritos, o que foi desmentido por Juan Goytisolo. Frei Servando Teresa de Mier, Antonio Llorente, José Martí e Enrique Buenaventura o defendem, julgando-o benéfico e piedoso. O certo é que Frei Bartolomé de las Casas era contemporâneo de Hernán Cortés e seu inimigo, se levantou contra a escravização dos indígenas e contra os massacres e as violências perpetradas por homens como Hernán Cortés e outros chamados de conquistadores do Novo Mundo e que, em *Brevísima relación de la destrucción de las Indias*. Há muitos pontos que coincidem com Miguel León-Portilla em *Visión de los vencidos*, principalmente quanto ao massacre de Cholula.

Diz-nos Las Casas, no capítulo *De la Nueva España*, que os habitantes de Cholula saíram a receber os espanhóis, com grande reverência e que estes decidiram fazer ali uma matança para mostrar sua valentia e bravura, bem como para que os indígenas os temessem dali e diante, para que passassem a ser “ovelhas mansas” (LAS CASAS, 2006, p. 57, tradução nossa).⁶⁴ Cortés massacrrou mais de seis mil habitantes de Cholula, por pensar, disse ele, que havia um complô armado contra os espanhóis. Las Casas não se refere à Malinche, nessas páginas. Como nos diz Clayton (2011), pode ter sido um ato de astuta inteligência (p. 92), talvez se referindo a não existência de nenhum complô, mas a que tenha sido apenas uma demonstração de força, ou um ato que tinha a intenção exclusiva de aterrorizar os habitantes da terra, para que não viessem a representar ameaças futuras, o que talvez tenha dado resultado, pois entraram em Tenochtitlan sem represálias.

em um memorando, Las Casas propôs a Carlos V que cada colono tivesse escravos negros: dois homens e duas mulheres. (SOUZA, 2006, p. 27).

⁶⁴ “ovejás mansas.” (LAS CASAS, 2006, p. 57).

De Cholula, os espanhóis seguiram para Tenochtitlan onde tornaram a ser muito bem recebidos e, depois de acomodados por Montezuma em palácios, o prenderam naquele mesmo dia, e o colocaram sob a guarda de oitenta espanhóis.

Quanto ao massacre do templo, assim nos conta Las Casas: os filhos de senhores nobres de Tenochtitlan, cerca de dois mil indígenas, estavam em um cerimonial e os espanhóis decidiram fazer outra matança, motivados, segundo Las Casas, a fazê-los temer cada vez mais os espanhóis: "Aqueles espanhóis concordaram em cometer outra coisa para aumentar o seu medo em toda a terra, indústria, como eu disse, que eles têm usado com frequência" (LAS CASAS, 2006, p.63, tradução nossa).⁶⁵ Atacaram quando os indígenas ainda dançavam:

E eles começam com as espadas nuas a abrir aqueles corpos nus e delicados e a derramar aquele sangue generoso, que não deixaram a ninguém com vida. Os outros fizeram o mesmo nos outros lugares. Era uma coisa que todos aqueles reinos e pessoas colocavam em reverência e angústia e luto, e se enchiam de amargura e dor. (LAS CASAS, 2006, p.63, tradução nossa).⁶⁶

Ressalta-se que em *Brevísima relación de la destrucción de las Indias*, Las Casas não se refere à Malinche, nem uma única vez, nem como tradutora, nem como amante de Cortés. Ele ignora seu papel no massacre de Cholula, na matança do Templo Maior, enfim, em todo o episódio da entrada dos espanhóis no México.

Enquanto muitos falam da participação de Malinche, nesses dois importantes eventos, o massacre de Cholula e a matança no Templo Maior, durante a festa de Toxcatl, celebrada pelos nahuatls em honra de Huitzilopochtli, Las Casas não a menciona. Talvez ele estivesse tão-somente preocupado com a violência espanhola contra os indígenas, o quanto esses sofriam nas mãos dos estrangeiros para pensar em traição, conluio e sobre quem estava ajudando os conquistadores, não havendo, em suas meditações, lugar para uma indígena chamada Malinche, Malintzin ou *Doña Marina*. Afinal, ele estava lutando contra os de sua própria raça, tentando denunciar os maus tratos aos indígenas ao rei espanhol.

⁶⁵ "acordaron aquellos españoles de cometer otra cosa señalada para acrecentar su miedo en toda la tierra, industria, como dije, de que muchas veces han usado." (LAS CASAS, 2006, p. 63).

⁶⁶Y comienzan con las espadas desnudas a abrir aquellos cuerpos desnudos y delicados y a derramar aquella generosa sangre, que uno no dejaron a vida. Lo mismo hicieron los otros em las otras plazas. Fue una cosa ésta que a todo aquellos reinos y gentes puso en pasmo y angustia y luto, e hinchó de amargura y dolor. (LAS CASAS, 2006, p. 63).

1.5. Bernal Díaz del Castillo- o soldado letrado

A verdadeira história da conquista da Nova Espanha foi escrito por Bernal Díaz Del Castillo que é considerado por muitos como um cronista autêntico e verdadeiro.

Assim é descrito por Gutiérrez Y Samperio (2019): “Um soldado que, sem ser letrado, **é o autor dos relatos mais confiáveis da conquista do México**, Bernal Díaz del Castillo, que em suas últimas histórias aos 82 anos adicionou anedotas divertidas.” (GUTIÉRREZ Y SAMPERIO, 2019, p .649, tradução nossa, grifo nosso).⁶⁷ Percebe-se que o autor não põe em dúvida a história escrita por Bernal Díaz e considera que o que ele escreve não é duvidoso.

Considerado cronista conquistador, Bernal Díaz, em 1568, terminou seus escritos após, aproximadamente, trinta anos depois da queda de Tenochtitlan. Ele enviou uma cópia para a Espanha para que fosse publicada, o que não aconteceu até 1632, pois o manuscrito foi achado em uma livraria de Madrid em 1630; foi publicado somente cinquenta anos depois da morte de seu autor. Muitos têm restrições quanto aos motivos pelos quais a história foi contada, visto que o livro somente foi escrito trinta anos após os acontecimentos a que se refere. Del Castillo pode ter escrito esse livro como meio de garantir que os direitos e privilégios adquiridos nas novas terras.

Segundo Carrasco (2008), uma cópia deste manuscrito foi para Madri em 1575 e frei Alonso Remón adicionou algumas passagens e apagou outras; essa versão foi publicada em 1632 e se tornou o modelo de várias edições em inglês entre 1800 e 1844. Em 1904, o pesquisador Género García foi à Guatemala e obteve permissão para publicar uma cópia do manuscrito original. Sua verdadeira história é, na verdade, uma história idealizada, escrita com fins determinados, para conseguir o reconhecimento real a respeito de seus esforços, uma vida confortável, sendo servido ele e seus descendentes, indefinidamente, pelos nativos mexicanos conquistados e que conseguiu ser bem sucedida em convencer muitas gerações de leitores dos méritos políticos e literários dos fatos.

⁶⁷ “Um soldado que sin ser letrado es el autor de los relatos más fidedignos de la conquista de México, Bernal Díaz del Castillo, quien en sus últimos relatos a la edad de 82 años agregó amenas anedotas.” (GUTIÉRREZ Y SAMPERIO, 2019, p. 649).

O capítulo V de seu livro é totalmente dedicado à Malinche onde ele conta uma história detalhada sobre a indígena. Sobre esse capítulo e comparando-o às Cartas de Relação de Hernán Cortés, Vittorio Salvadorini escreve sobre a vivacidade em relação à Malinche demonstrado por Díaz del Castillo: “Muito mais viva, talvez por estar menos interessada, é a memória que Bernal Díaz del Castillo nos deixou da Marina.” (SALVADORINI, 1963, pp. 86-87, tradução nossa).⁶⁸ Ela teria nascido na cidade de Painala, a oito léguas da cidade de Guazacualco, e seria filha do cacique do lugar. O pai morrera quando era pequena e a mãe casou-se com outro cacique mais jovem e teve um filho com o outro marido o qual pretendiam que fosse cacique algum dia e para evitar qualquer obstáculo, deram Malinche a índios oriundos de Xicalango. Disseram aos habitantes da cidade que Malinche havia morrido e o corpo de uma escrava que tinha morrido ocupou o lugar dela no funeral. Os índios de Xicalango deram ou venderam Malinche ao povoado de Tabasco, que, posteriormente a deram a Cortés.

Em 1864, foi publicado o livro do frei Diego de Landa, *Relación de las cosas de Yucatán*, que diz que Malinche foi doada como presente aos espanhóis, o que foi muito importante para os recém-chegados, pois Malinche sabia de muitos fatos cruciais sobre o lugar novo em que tinham aportado. Diego de Landa escreve, também, sobre a origem de Malinche:

Onde, entre outras coisas e índias apresentadas pelos de Tabasco, eles deram a ele uma índia que mais tarde se chamaria Marina, que era de Xalisco [Jalisco], filha de pais nobres e roubada de uma criança e vendida em Tabasco; e de lá também o venderam em Xicalango e Champotón, onde ele aprendeu a língua de Yucatán, com a qual Aguilar chegou a entender, e assim Deus forneceu, a Cortés, bons e fiéis intérpretes, **onde ele teve notícias e entrada na coisas sobre o México, das quais a Marinha sabia muito** sobre como lidar com comerciantes indígenas e as principais pessoas que falavam disso todos os dias. (DE LANDA, 2010, p. 92, tradução nossa, grifo nosso).⁶⁹

⁶⁸ “Mucho más vivo, ta vez por ser menos interesado, es el recuerdo que de la misma Marina nos ha dejado Bernal Díaz del Castillo.” (SALVADORINI, 1963, pp. 86-87).

⁶⁹ Donde entre otras cosas e indias que le presentaron los de Tabasco, le dieron una india que después se llamó Marina, la cual era de Xalisco [Jalisco], hija de padres nobles y hurtada de pequeña y vendida en Tabasco; y que de ahí la vendieron también en Xicalango y Champotón donde aprendió la lengua de Yucatán, con la cual se vino a entender Aguilar, y que así proveyó Dios a Cortés de buenos y fieles intérpretes, por donde vino a tener noticia y entrada en las cosas de México, de las cuales la Marina sabía mucho por haber tratado con mercaderes indios y gente principal que hablaban de esto cada día. (DE LANDA, 2010, p. 92).

Del Castillo teria conhecido a mãe e o meio-irmão quando esse já era um homem e comandava a cidade de Painala. Os dois, mãe e irmão, se tornaram cristãos, com os nomes de Marta e Lázaro.

Quanto ao encontro de Malinche com sua mãe, durante a viagem a Honduras, diz Bernal Díaz que, em 1523, a conheceu pessoalmente, pois Malinche acabou por encontrar a mãe que a vendera e que a mãe teve medo dela. Segundo Bernal Díaz, nesse capítulo de seu livro que dedica à Malinche, a tradutora de Cortés encontra a mãe e o meio-irmão Lázaro, na cidade de Guazacualco: “Quando a mãe e o filho, o irmão, vieram, reconheceram-se uns aos outros e claramente Dona Marina era filha porque se parecia muito com ela” (DEL CASTILLO, 2012, p. 55, tradução nossa).⁷⁰ Del Castillo continua, dizendo que a mãe e o irmão ficaram com medo de Malinche por acreditarem que ela teria procurado por eles para matá-los e choraram:

Eles tinham medo dela, acreditando que ela havia mandado encontrá-los e matá-los, e eles choraram. Quando Dona Marina viu isso, ela os consolou e **disse que não deveriam ter medo, que quando eles a entregaram às pessoas de Xicalango, eles não sabiam o que estavam fazendo, e ela os perdoou**, deu-lhes muitas joias e roupas de ouro, e disse que eles poderiam voltar para sua cidade (DEL CASTILLO, 2012, p.55, tradução nossa, grifo nosso).⁷¹

Malinche, tendo sido vendida pela mãe, perdido sua fortuna, casa e tendo servido de escrava por anos, é amável com a mãe, ao reencontrá-la, a ponto de dar-lhe joias e roupas. Talvez tenham sido adornos adicionados pela imaginação e criatividade de Del Castillo, ao contar o que viu depois de tantos anos do fato acontecido, isso se realmente Bernal Díaz esteve presente a esse encontro e se houve esse encontro.

Se Bernal Díaz viu a cena, como escreve que viu, ele não pode ter entendido o que ela disse. Apesar de ele ter afirmado que ouviu quando ela disse a eles para que não tivessem medo dela e que eles não sabiam o que estavam fazendo, ele não poderia ter entendido, pois ele falava espanhol e ela falava em nahuatl com seus parentes; Bernal Díaz não entendia a língua nativa de Malinche.

⁷⁰ “When the mother and her son, the brother, came, they recognized one another, and clearly doña Marina was her daughter because she looked very much like her.” (DEL CASTILLO, 2012, p.55).

⁷¹ They were afraid of her, believing that she had sent for them to find and kill them, and they cried. When doña Marina saw this, she consoled them and said they should not be afraid, that when they gave her to the people from Xicalango, they did not know what they were doing, and she forgave them, gave them many golden jewels and clothes, and said they could return to their town. (DEL CASTILLO, 2012, p.55).

Sobre esse encontro que Bernal Díaz escreve que presenciou, Camilla Townsend em seu livro, *As escolhas de Malinche*, põe em dúvida as palavras de Bernal Díaz:

Bernal Díaz disse que todos os senhores e reis indígenas locais foram convocados e que Malintzin se dirigiu a eles. **Ele alegou entender exatamente o que ela disse em seu discurso nahuatl, o que torna sua história suspeita. Ele também disse que ela trocou palavras com um meio-irmão e com alguém que ficou parada ao lado dela, como mãe, o que parece pouco plausível. Se Díaz estava fabricando a história em sua totalidade, ou apenas embelezando, nunca saberemos.** Quase não importa se os espanhóis estavam olhando para uma cena emocional e, em caso afirmativo, o que os atores indígenas disseram, com ou sem a compreensão dos europeus. O que parece claro é que durante a semana em que a empresa passou em Coatzacoalcos, Malintzin teria visto pelo menos algumas das pessoas que ela queria ver, e ela teria o poder de dizer o que queria dizer. (TOWNSEND, 2006, p. 126, tradução nossa, grifo nosso).⁷²

Quantas das passagens que conta Bernal Díaz podem não ter sido fatos, podem ter sido criadas por sua imaginação fértil e generosa, isso nunca saberemos, somente podemos inferir por uma ou outra pista. Se uma parte do que ele disse temos certeza de que foi criação de uma mente imaginativa, mais fatos dos que contou podem ser invenção, inspiração de um escritor. Sua narrativa, ao ser confrontada com outras como a de Gómara (2008) e Sahagún (2009) ou até mesmo as cartas de Cortés, visto que quase não se referem à Malinche como uma pessoa importante, provoca, no mínimo, estranheza; o que pode nos levar a crer que partes nas quais ele se refere à Malinche também foram inventadas, romanceadas por ele.

Bernal Díaz, ao escrever sua história depois de retornar a Espanha, usou suas próprias recordações, baseando-se, ainda, nas cartas de Hernán Cortés, publicadas em 1522 até 1526, e na história de Francisco López de Gómara. Bernal fez críticas a esse trabalho por julgar que Gómara não esteve presente como ele, em diversos eventos e que, portanto, sua história era a verdadeira, em detrimento daquela que contava o biógrafo de Cortés. Escreve José (2011): “Bernal Díaz dá a entender, como o próprio título sugere, a veracidade e a unicidade de sua obra, pois

⁷² Bernal Díaz said that all the local indigenous lords and kings were summoned and that Malintzin addressed them. He claimed to understand exactly what she said in her Nahuatl speech, which renders his story suspect. He also said she had words with a half brother and with someone who stood to her as a mother, which seems quite plausible. Whether Díaz was fabricating the story in its entirety, or only embellishing, we will never know. It almost does not matter whether the Spaniards were looking on at an emotional scene, and if so, what the indigenous players said, with or without the Europeans' comprehension. What seems clear is that during the week that the company passed in Coatzacoalcos, Malintzin would have seen at least some of the people she wanted to see, and she would have had the power to say what she wanted to say. (TOWNSEND, 2006, p. 126)

se há uma versão verdadeira subentende-se que as demais não sejam” (JOSÉ, 2011, p. 53). A história toda de Bernal Díaz é contestada como parcial, enfeitada, manipulada e com segundas intenções e que muitos dos eventos que conta não foram testemunhados por ele próprio, falta que ele mesmo identifica em Gómara, por exemplo, na frase: “É assim que pegamos Aguilar, e nenhum outro, como escreve o cronista Gómara, e não me surpreende, porque o que ele diz é boato” (DEL CASTILLO, 2012, p. 36, tradução nossa).⁷³ Del Castillo clama que o que ele diz é verdade, o que não acontece com os relatos de Gómara, porque ele não estava presente, somente esteve nos locais depois dos fatos acontecidos, apenas ouviu contar os fatos. Quando ele acusa Gómara de mentir, por não ter estado presente aos acontecimentos, lança dúvidas sobre o que ele próprio conta sobre Malinche porque ele não esteve presente, por exemplo, durante a infância dela, e como já percebemos, também não traduziu as palavras que foram trocadas entre mãe e filha.

De acordo com Del Castillo, durante a expedição a Honduras que se seguiu à conquista de Tenochtitlan, Malinche e Jaramillo casaram. Respondendo à acusação de Gómara de que o noivo estivesse bêbado e de que Cortés o estivesse obrigando ao casamento, Díaz del Castillo parece irritado com as palavras do autor de *La conquista do México* e as desmente no seu livro *A verdadeira história da conquista da Nova Espanha*. Contradizendo Gómara, Del Castillo proclama que Malinche era muito imponente e importante para que Jaramillo tivesse que beber para casar-se com ela.

Por que ela casou-se com Jaramillo, não está claro, mas além de seu filho Martin, que ela teve com Cortés, ela teve uma filha, Maria, que foi criada e batizada como filha de Jaramillo. O que se pode ter certeza é que, após o casamento, Jaramillo e Malinche receberam muitos bens de Cortés:

Jaramillo, Malintzin e a pequena María instalaram-se em um terreno perto da praça principal da Cidade do México. Jaramillo adquiriu os bens de um cavaleiro, comprando uma cota de malha, boas roupas, vinho e azeite. Em 1528, o conselho concedeu ao casal terra perto dos bosques de Chapultepec para construir outra casa, plantar um pomar e pastar suas ovelhas. As atas do cabido mencionavam particularmente que a terra não era apenas para Jaramillo, mas também para “sua esposa, Dona Marina”.

⁷³“This is the way we got Aguilar, and not in any other, as the chronicler Gómara writes about him, and I am not surprised, because what he says is from hearsay.” (DEL CASTILLO, 2012, p. 36).

embora as esposas geralmente não fossem nomeadas nesse contexto. (TOWNSEND, 2006, pp.140-141, tradução nossa).⁷⁴

O casamento com Malinche deu a Jaramillo uma nova posição social, além de riquezas:

No meio dessa cena desastrosa, no entanto, Malintzin descobriu que pelo menos algumas das promessas de Cortés para ela haviam sido cumpridas. Ela escolhera bem o marido, pelo menos em relação a fatores materiais; Cortés continuou a apoiar a causa de Jaramillo, assim como ele foi capaz. Isso era algo que ainda estava em seu poder fazer. Na primeira reunião do cabildo da cidade após o retorno da expedição de Honduras, em 1526, Jaramillo foi nomeado alcaide, ou “magistrado”, uma posição frequentemente usada para reconhecer um indivíduo de mérito. Dentro de alguns anos, em 1530, muito possivelmente como resultado da visita de Cortés à Espanha, Jaramillo receberia a posição de maior prestígio do cabildo regidor, uma nomeação real agora geralmente reservada aos nobres. Jaramillo também protegeu energicamente sua *encomienda* de Xilotepec. Era uma grande comunidade a quarenta e dois quilômetros a noroeste da Cidade do México. Em uma estratégia típica dele, Cortés atribuíra um quarto da renda a um homem de pouca posição social, que deveria permanecer em casa e supervisionar as operações, e três quartos a um de seus favoritos - nesse caso, Jaramillo. (TOWNSEND, 2006, p.139, tradução nossa).⁷⁵

Após a morte de Malinche, Jaramillo casou-se novamente com Dona Beatriz e deixou à esposa, em testamento, dois terços de sua herança e somente um terço à filha Maria.⁷⁶ A filha de Malinche, e supostamente filha de Jaramillo, pois foi registrada como sua filha e de Malinche, entrou na justiça para reaver os bens:

⁷⁴ Jaramillo, Malintzin, and little María set up housekeeping on a plot of land near the main square of Mexico City. Jaramillo acquired the goods of a gentleman, buying a coat of mail, good clothing, wine, and olive oil. In 1528 the council awarded the couple land near the woods of Chapultepec to build another home, plant an orchard, and graze their sheep. The cabildo’s minutes particularly mentioned that the land was not only for Jaramillo but also for “his wife, doña Marina,” though wives were generally not named in this context. (TOWNSEND, 2006, pp.140-141).

⁷⁵ In the midst of this disastrous scene, however, Malintzin found that at least some of Cortés’s promises to her had been made good. She had chosen her husband well, at least as regards material factors; Cortés continued to support Jaramillo’s cause as well as he was able. This was something it was still in his power to do. At the first meeting of the city’s cabildo after the return of the expedition from Honduras in 1526, Jaramillo was named *alcalde*, or “magistrate,” a position often used to recognize an individual of merit. Within a few years, in 1530, very possibly as a result of Cortés’s visit to Spain, Jaramillo would receive the more prestigious position of *cabildo regidor*, a royal appointment now generally reserved for noblemen. Jaramillo also energetically protected his *encomienda* of Xilotepec. It was a large community forty-two miles northwest of Mexico City. In a strategy typical of him, Cortés had assigned one-quarter of the income to a man of little social standing, who would be expected to remain in residence and oversee operations, and three-quarters to one of his favorites- in this case, Jaramillo. (TOWNSEND, 2006, p.139).

⁷⁶ **Probanza de Méritos y Servicios de la famosa doña Marina.** Archivo General de Índias. Signatura Patronato, 56, N3. R4. Portal de Archivos Españoles. Fecha de Creación: 1542.16-05. Acompanhando esse documento no que ele se refere a acontecimentos da vida de Malinche (como seu casamento com Juan de Jamarillo e vivuvez deste último em 1527), é possível sugerir que Cortés a tenha recebido quando ela tinha ao redor de quinze anos, e que sua morte teria ocorrido antes dos trinta anos.

A evidência de que Malintzin recebeu tal “presente de casamento” (uma encomenda) vem do testemunho coletado mais de dez anos depois de sua morte pela filha que ela mais tarde deu a Jaramillo. Na década de 1540, a filha e o marido argumentaram que deveriam herdar a encomenda original de Juan Jaramillo de Xilotepec no vale central (em vez da parte de um terço que ele queria deixar), porque **Malintzin trouxera para o casamento como um dote a encomienda de Olutla e Tetiquipaque, que foram subsequentemente retiradas dela, e que deveriam, por direito, ter sido entregues a sua filha.** Obviamente, o casal estava fortemente motivado a fazer essa afirmação, mas eles tinham uma lista impressionante de mais de vinte testemunhas e todos pareciam concordar com isso, embora no passado eles tivessem estado frequentemente na garganta deles em outras questões. Mais significativamente, talvez, eles tivessem ao seu lado o pai da segunda esposa de Juan Jaramillo - a mulher que herdaria dois terços dos lucros da encomienda se sua reivindicação não fosse apresentada. O sogro de Jaramillo disse, muito especificamente, que ele não permitiria que seu relacionamento com os diretores do caso interferisse em sua declaração da verdade. **Ele e outras testemunhas disseram que estavam certos de que Malintzin havia recebido Olutla e Tetiquipaque - ou porque estavam presentes na época ou porque era de conhecimento geral.** (TOWNSEND, 2006, p.131, tradução nossa, grifos nosso).⁷⁷

Em suma, temos evidências mais convincentes de que a alegação feita pela filha de Malintzin era verdadeira do que a que temos para inúmeras outras alegações mais tênues feitas pelos espanhóis, que há muito assumimos que refletem a realidade. Parece quase certo que Malintzin exigiu - e recebeu - direitos exclusivos para comandar o trabalho de Olutla e Tetiquipaque, o local de seu nascimento. (TOWNSEND, 2006, p.132, tradução nossa).⁷⁸ Malinche tornou-se uma mulher rica, após a conquista, recebendo bens e escravos.

Como resultado, ela deixou os dias de ser uma amante vulnerável para sempre e entrou nas fileiras de espanhóis bem nascidos com direitos legais.

⁷⁷ The evidence that Malintzin received such a “wedding present” comes from testimony collected more than ten years after her death by the daughter she later bore to Jaramillo. In the 1540s, the daughter and her husband argued that they should inherit Juan Jaramillo’s original encomienda of Xilotepec in the central valley (rather than the one-third share he wanted to leave them) because Malintzin had brought to the marriage as a dowry the encomienda of Olutla and Tetiquipaque, which had subsequently been stripped from her, and which should, by rights, have been handed down to her daughter. Obviously, the couple was strongly motivated to make this claim, but they had an impressive list of over twenty witnesses who all seemed to agree in this, though in the past they had often been at each other’s throats on other issues. Most significantly, perhaps, they had on their side the father of Juan Jaramillo’s second wife—the woman who stood to inherit two-thirds of the profits of the encomienda if their claim were not brought forward. Jaramillo’s father-in-law said very specifically that he would not allow his relationship to the principals of the case to interfere with his telling the truth. He and other witnesses said that they were certain Malintzin had received Olutla and Tetiquipaque—either because they had been present at the time or because it was common knowledge. (TOWNSEND, 2006, p.131).

⁷⁸ In sum, we have more compelling evidence that the claim made by Malintzin’s daughter was true than we have for numerous other more tenuous claims made by Spaniards, which we have long assumed reflected reality. It seems virtually certain that Malintzin demanded—and received—unique rights to command labor from Olutla and Tetiquipaque, the place of her birth. (TOWNSEND, 2006, p.132).

Somente nesse estado ela cruzou a fronteira para sua terra natal e ficou cara a cara com aqueles que ela já conhecera. E mais. Aparentemente, ela foi capaz de informar as pessoas de sua terra natal que o altepetl de Olutla tinha sido dado a ela como uma encomienda. Cortés dera a ela seu dote. Para Malintzin ter exigido uma *encomienda* era notável: apenas três indígenas no México os receberam em um sentido permanente. (TOWNSEND, 2006, p.131, tradução nossa.)⁷⁹

Houve um laço entre Hernán Cortés e Malinche, prova é que tiveram um filho e que ela foi ricamente privilegiada, depois de finalizada a conquista do México pelos espanhóis e que havia uma identificação do casal tão marcante por parte dos nativos que eles chegavam mesmo a usar o mesmo nome para referir-se aos dois; usavam o termo Malinche para identificar também a Cortés, conforme notifica Bernal Díaz: “Xicotenga, o ancião, começou a falar com Cortés da seguinte maneira: “Malinche, Malinche” (DEL CASTILLO, 2012, p.145, tradução nossa).⁸⁰ Conta ele:

Antes de ir mais longe, gostaria de dizer que em todas as cidades pelas quais passamos e em outras onde eles sabiam sobre nós, eles chamavam Cortés de “Malinche”, e daqui em diante, vou chamá-lo assim, Malinche, em todas as conversas que poderíamos ter com quaisquer índios desta província, bem como com a cidade do México, e eu não o chamarei de Cortés, exceto quando apropriado. A razão pela qual Cortés recebeu esse nome é que, como Dona Marina, nosso intérprete estava sempre em sua companhia, especialmente quando chegavam embaixadores ou em discussões com caciques, e ela falava em língua mexicana, chamavam Cortés de capitão da Marina. Para resumir, eles o chamavam de Malinche (DEL CASTILLO, 2012, p.146-147, tradução nossa).⁸¹

Bem interessante pensar que Malinche poderia ser também chamada de Cortés, ou capitã, ou de qualquer outro nome associado ao do capitão Hernán Cortés; mas não, isso não aconteceu: Cortés foi chamado pelo nome com que a chamavam.

⁷⁹ As a result, she left the days of being a vulnerable mistress behind forever and entered the ranks of well-born Spaniards with legal rights. Only in that state did she cross the border to her homeland and come face-to-face with those she had once known. And there was more. Apparently, she was able to inform the people of her homeland that the altepetl of Olutla had been given to her as an encomienda. Cortés had given it to her as her dowry. For Malintzin to have demanded an encomienda was remarkable: only three indigenous persons in Mexico ever received them in a permanent sense. (TOWNSEND, 2006, p.131).

⁸⁰ “Xicotenga the elder began to speak to Cortés in this way: “Malinche, Malinche:” (DEL CASTILLO, 2012, p.145).

⁸¹ Before going any further, I would like to say that in all the towns through which we passed and in others where they knew about us, they called Cortés “Malinche,” and from here on, I will call him this, Malinche, in all the conversations we might have with any Indians in this province as well as the city of Mexico, and I will not call him Cortés except where appropriate. The reason Cortés was given this name is that, as doña Marina our interpreter was always in his company, especially when ambassadors arrived or in discussions with caciques, and she spoke to them in the Mexican language, they called Cortés “Marina’s captain,” and for short they called him Malinche. (DEL CASTILLO, 2012, p.146-147).

Importante ressaltar que Bernal Díaz escreveu seu texto inspirado nas novelas de cavalaria, à maneira de Cortés em suas cartas ao rei:

Como Bernal Díaz adotou as atitudes dos cavaleiros, todos os seus feitos no processo da conquista e no manejo de sua pluma foram determinados por tal referência. É nesse sentido que a América foi vista pelo olhar maravilhoso dos romances literários e percebida tal como os lugares descritos pelos contos de cavalaria [...] A menção ao livro *Amadis de Gaula* foi o meio que o cronista utilizou para ser entendido pelo público leitor. Já que este era o romance de cavalaria mais popular da Espanha do XVI e certamente conhecido por grande parte da população, seria mais fácil estabelecer uma relação entre as cidades americanas descritas por Bernal Díaz e as cidades encantadas presentes nas novelas. Antes mesmo de o cronista efetuar essa associação para auxiliar a compreensão daquilo que narrava, ele próprio baseou-se nos contos de cavalaria como componente indicativo durante os primeiros anos na América. (JOSÉ, 2011, p. 45).

Bernal Díaz, à semelhança de Hernán Cortés, foi apaixonado pelos cavaleiros da literatura medieval, grande admirador de *Amadis de Gaula*, obra do ciclo de novelas de cavalaria, na qual o personagem Amadis se aventura pelo mundo em busca das suas origens, sempre protegido pela feiticeira Urganda e perseguido pelo mago Arcalaus. Bernal é, também, apaixonado por El Cid, o campeador, ou Rodrigo Díaz de Vivar, um dos cavaleiros medievais venerado como símbolo máximo das novelas de cavalaria, com uma história envolta em mitos e lendas.

Não é totalmente por acaso que o livro de Bernal Díaz foi considerado por Francisco Rico, editor de muitos clássicos da literatura medieval, um grande trabalho da literatura espanhola, podendo ser comparado com *Canção de El Cid*, *Dom Quixote* e *Amadis de Gaula*. O que não é novidade é que Bernal Díaz foi um grande admirador dos livros de cavalaria:

Bernal Díaz, que tinha uma grande fraqueza pelas histórias romanas, coloca uma série de discursos na boca de Cortés, repletos de referências sonoras aos heróis clássicos. Estes, muitas vezes, supostamente são, como afirmava Díaz, transcrições das próprias palavras de Cortés e têm sido usados como evidência de sua educação clássica. Mas todas elas podem ser encontradas em fontes mais óbvias - as baladas e os romances de cavalaria, tão adorados por *Dom Quixote*, que eram imensamente populares na Espanha na época (PADGEN, 1986, pp. Xliv-xlv, tradução nossa).⁸²

⁸² Bernal Díaz, who had a great weakness for Roman stories, puts a number of speeches into Cortes' mouth which are full of high-sounding references to classical heroes. These have often been assumed to be, as Díaz claimed, transcripts of Cortes' own words, and have been used as evidence of his classical education. But all of them can be traced to more obvious sources - the ballads and romances of chivalry, so beloved of *Don Quixote*, which were immensely popular in Spain at the time. (PADGEN, 1986, pp. xlv-xlv).

Quando Bernal Díaz escreveu, já era um homem velho, já tinham se passado mais de 30 anos dos eventos em que acompanhou Hernán Cortés na entrada de Tenochtitlan : “A história de Bernal Díaz, que foi composta quando seu autor era um homem idoso, é escrita como se fossem registros diretos, não mediados, dos próprios eventos à medida que se desdobravam” (PADGEN, 1986, p. Lviii, tradução nossa).⁸³

Não são poucos os acadêmicos que sugerem a semelhança entre seus escritos e a obra de Cervantes e seu cavaleiro andante:

Bernal Díaz aparece, mesmo antes de você lê-lo, quase no espírito de Miguel de Cervantes (menos o humor e a sátira), registrando as grandes aventuras de como ele e seus camaradas espanhóis corajosamente enfrentavam os erros da crueldade e idolatria indígena a serviço de seu governante soberano Charles V (CARRASCO, 2008, p. xiv, tradução nossa).⁸⁴

Ele esteve com Cortés na sua marcha pela capital asteca e também participou da segunda entrada, aquela que provocou a queda final de Tenochtitlan. Por isso, por serviços prestados à Coroa, Bernal Díaz recebeu do imperador no ano de 1520, *encomiendas, terras*, as quais perdeu, em 1530. Voltou à Espanha para advogar em uma junta convocada pelo Conselho Real das Índias, em seu nome e de outros *encomienderos* que pediam perpetuidade sobre as terras recebidas, mas foram derrotados pelas acusações do frei Bartolomé de Las Casas de que as campanhas militares em que se encontraram Cortés e Bernal Díaz foram caracterizadas como brutais e cuja violência contra os nativos não se justificavam. Os livros de López de Gómara e de Las Casas foram vividamente refutados por Bernal Díaz. A intenção de Bernal Díaz era, sem dúvidas, destacar-se no evento da conquista e dizer-se merecedor das *encomiendas* que recebera, dizer que também desempenhara um papel importante nos eventos e ter seu nome reconhecido como um conquistador. O homem já velho, amante das novelas de cavalaria medieval, que sentou para escrever sua história e queria ser lido e acreditado e se tornar um herói, poderia ter escolhido, à maneira de Dom Quixote que sonhava em imitar seu herói

⁸³ “Bernal Díaz's history, which was composed when its author was an old man, are written as if they were direct, unmediated records of the events themselves as they unfolded. “(PADGEN, 1986, p. lviii)

⁸⁴ Bernal Díaz appears, even before you read him, almost in the spirit of Miguel de Cervantes (minus the humor and satire), recording the high adventures of how he and his Spanish comrades courageously righted the wrongs of indigenous cruelty and idolatry in the service of their sovereign ruler Charles V. (CARRASCO, 2008, p. xiv).

Amadis de Gaula, se tornar um deles, na sua própria aventura pelo novo mundo. Poderia ele ter escolhido sua própria Aldonça Lourenço, a obscura lavadeira da beira de um rio e torná-la sua Dulcineia del Toboso. Poderia a escolhida ser Malinali, Malinche, a índia quase insignificante que fazia o trabalho de tradução para Hernán Cortés. É ímpar que Bernal Díaz tenha dedicado um capítulo inteiro de seu livro à sua protagonista feminina, Malinche. Enquanto os outros que escreveram suas histórias a mencionavam de passagem como uma índia que traduzia, ele a tenha tratado por *Doña Marina*, como se fosse uma grande dama espanhola, ou uma heroína que vivesse nas páginas da literatura medieval. Bernal Díaz teria sido o primeiro a tornar Malinche um personagem literário, uma invenção, enfeitada pela imaginação. O certo é que Bernal Díaz se torna a principal fonte ao descrever a personagem Malinche. Sobre isso escreve Maes (2013):

Infelizmente, no que diz respeito a Malinche, você nunca saberá exatamente o que os olhos dos astecas ocultaram e terá que fazer conjecturas sobre como ela realmente experimentou sua juventude turbulenta e sua vida como intérprete e coabitando com o grande Hernán Cortés. No entanto, **existem fontes inestimáveis, como a verdadeira história de Bernal Díaz del Castillo**, que contém algumas indicações veementes sobre Malintzin e já orientam os historiadores sobre a identidade dessa mulher enigmática. (MAES, 2013, p 34).⁸⁵

Esses indícios veementes, muitos escritores encontrarão. Entre todas as escassas informações existentes, Bernal Díaz será a fonte primária, a mais abundante, a que orientará, não só os futuros historiadores, mas os romancistas que se sentirem atraídos pela figura enigmática de Malinche.

1.6 Malinche pelo olhar indígena - *Lienzo de Tlaxcala*

Os tlaxcaltecas eram inimigos do povo asteca e foram de ajuda primordial para Hernán Cortés e seus homens, fornecendo a eles comidas, batedores e guerreiros. Esses dados históricos foram registrados em documentos “para o estabelecimento de sua própria legitimação histórica e para suas reivindicações perante os espanhóis.” (SEGER, 2014, p. 59). Esses acontecimentos estão

⁸⁵ Desafortunadamente, por lo que se refiere a Malinche, nunca se sabrá exactamente lo que escondieron los ojos de la azteca y se tiene que hacer conjeturas sobre cómo experimentó realmente su juventud turbulenta y su vida como intérprete y conviviente del gran Hernán Cortés. Sin embargo, existen fuentes de un valor incalculable como la ya mencionada Historia Verdadera de Bernal Díaz del Castillo que contienen algunos indicios vehementes sobre Malintzin y orientan ya a los históricos acerca de la identidad de esta mujer enigmática. (MAES, 2013, p 34).

ilustrados no *Lienzo de Tlaxcala*, que foi confeccionado em estilo pictográfico, no século XVI, quase trinta anos após os acontecimentos narrados a partir da memória dos acontecimentos ocorridos entre 1519 e 1521.

Magda Fabiane Seger em sua dissertação de Mestrado, *La Malinche, D. Marina: a “lengua” de Cortés segundo o “Lienzo de tlaxcala”*, explica o que são *lienzos*:

Esses *lienzos*, ou telas, são compostos por um ou vários pedaços de tecidos, que podem ser produzidos a partir de diferentes tipos de material, desde algodão até fibras mais duras. Pelo seu tradicional formato, quadrangular ou retangular, e suas grandes dimensões, eram frequentemente utilizados na elaboração de mapas e registros histórico-cartográficos que requeriam espaços para relacionar os âmbitos geográficos e sociais com a narrativa de acontecimentos quase sempre datados. (SEGER, 2014, p. 18).

Segundo Seger (2014), os *lienzos* são documentos manuscritos conhecidos como Códices da Mesoamérica:

O *Lienzo* é um códice, e os códices mesoamericanos encontram-se entre os mais complexos objetos culturais dos povos ameríndios. Trata-se de manuscritos que utilizam o sistema de escrita indígena e que foram confeccionados antes e depois da conquista espanhola do século XVI. Esses documentos têm a forma de livros, de tiras, de biombos, de rolos e de *lienzos* - tecidos quadrados de grandes dimensões - e tratam de temas históricos e religiosos, **bastante vinculados com a identidade étnica dos povos que os produziram**. (SEGER, 2014, p. 40, grifo nosso).

Esse documento é singular porque é um dos poucos que contém um ponto de vista indígena sobre os acontecimentos: “O *Lienzo de Tlaxcala* é um documento único. Por seu intermédio podemos acompanhar os eventos que constituem a assim chamada “conquista do México” a partir de uma perspectiva pouco usual: a indígena.” (SEGER, 2014, p. 40). Ele não somente narra a “conquista” sob uma visão indígena, mas apresenta um olhar único sobre Malinche: “Além disso, outra singularidade observável no documento é o destaque que ele confere a uma mulher nativa: *Malintzin*.” (SEGER, 2014, p. 40).

O *Lienzo de Tlaxcala* que se conserva até os dias atuais não é aquele confeccionado originalmente; “a versão hoje conhecida desse documento admirável provém de uma cópia feita por Alfredo Chavero no século XIX. Antes desta, outras cópias⁸⁶ foram elaboradas em séculos precedentes, provavelmente em

⁸⁶ Desde sua origem, o *Lienzo* sofreu uma grande quantidade de mudanças. O original parece ter sido criado por volta de 1552 a pedido do cabildo ou do conselho indígena da cidade de Tlaxcala. Ele é aceito como um documento colonial de meados do século XVI, em que é mostrado um conjunto de

consideração à enorme importância desse documento. (SEGER, 2014, p. 70). Esclarece a autora que os *lienzos* apresentam uma “variante singular do encontro entre os espanhóis da expedição de Hernán Cortés e “reinos” indígenas do planalto mexicano. Trata-se de uma versão que praticamente não consta na historiografia tradicional sobre essa matéria.” (SEGER, 2014, p. 70). Apresenta dados sobre as escolhas e sobre o protagonismo dos nativos. E, importante ressaltar, “o Lienzo nos permite um acercamento da atuação de Malinalli e, inclusive, uma noção de sua figura, praticamente a única que possuímos.” (SEGER, 2014, p. 70).

A cópia física (confeccionada em tecido de algodão pintado, medindo cinco metros de altura por dois metros de largura) do *Lienzo de Tlaxcala* se encontra no “Museu Nacional de Antropologia e História, enriquecido com documentos pictóricos do Arquivo Histórico e do Instituto Nacional de Antropologia e História (INAH); está hoje conservado na seção de “*Testimonios Pictográficos*” da *Biblioteca Nacional de Antropologia e História*.” (SEGER, 2014, pp.69-70).

O povo de Tlaxcala desafiava a autoridade dos astecas. Os tlaxcaltecas nunca chegaram a se render a eles e, juntamente com os espanhóis, foram protagonistas de sua derrota. Segundo Bernal Díaz, os espanhóis e os tlaxcaltecas lutaram muitas batalhas antes que houvesse um acordo entre eles e uma aliança para derrotar Tenochtitlan:

O encontro inicial de Cortés com os tlaxcaltecas teria sido, de fato, violento. A aliança entre os dois lados viria somente depois de um prolongado embate de forças e de uma série de negociações e pressões de ambas as partes. Temos conhecimento de que várias batalhas foram travadas e que houve um grande número de perdas de vidas até que os senhores de Tlaxcala propuseram a paz ao capitão (SEGER, 2014, p. 129).

Embora, no *Lienzo*, os tlaxcaltecas somente tenham retratado fatos nos quais aparecem como amigos e colaboradores dos espanhóis, não se pode esquecer de que houve muitas batalhas travadas entre os espanhóis e o povo de Tlaxcala e que estas foram suprimidas do *Lienzo*, porque não interessava aos tlaxcaltecas contar ao rei Carlos V que esse povo tinha tratado os espanhóis como inimigos, anteriormente.

eventos envolvendo não só as ações de Cortés para conquistar a México-Tenochtitlan, mas também as que se seguiram a estas, por meio de uma escrita de tipo iconográfico. Em seus painéis, os tlaxcaltecas contam a sua participação em tais acontecimentos. Apesar de este ser um documento muito conhecido, especialmente por aqueles historiadores que lidam com os códices, ignora-se o paradeiro do texto original. (SEGER, 2014, p. 72).

Somente após serem derrotados pelos espanhóis, os tlaxcaltecas decidiram juntar-se a eles em batalha contra o objetivo comum: os astecas.

Segundo pesquisadores, a intenção primordial do *Lienzo de Tlaxcala* seria demonstrar ao rei espanhol a sua efetiva ajuda aos espanhóis durante a conquista. Provando essa participação e aliança perante o imperador Carlos V, poderiam garantir para si, privilégios da coroa espanhola, após a conquista:

O povo desse “reino” participou ativamente das lutas contra os astecas, seguindo uma tradição de rivalidade e disputas da era pré-Cortésiana. Entretanto, ao demandarem privilégios da monarquia espanhola por essa participação, sua gente estava manejando com a tradição hispânica. Nesse sentido, podemos até mesmo equiparar o *Lienzo* a outros documentos de *probanza*, por meio dele, os *tlaxcaltecas* estavam justificando e afirmando o seu direito a ter certos privilégios pelos serviços prestados à coroa espanhola. (SEGER, 2014, p. 74).

Como Malinche aparece em destaque no documento, sempre em companhia de Hernán Cortés, o *Lienzo*, um documento de *probanza*, deve ter garantido a ela muitos privilégios da Coroa Espanhola, pois é uma prova, de que ela esteve sempre ao lado de Cortés, e foi aliada essencial no trajeto que levou à “Conquista”.

Podemos pensar, ao observar o *lienzo*, documento probatório de que os tlaxcaltecas ajudavam Cortés a conseguir seu objetivo, que estes se tornaram bastante próximos de Malinche e a viam como intermediária dos acontecimentos. O *lienzo* foi capaz de demonstrar a participação ativa dos tlaxcaltecas, pois que esses foram recompensados pela Coroa. Malinche, que aparece em destaque em vários desenhos, conseguiu uma posição de importância na Nova Espanha. Os embaixadores de Tlaxcala conseguiram do imperador Carlos V uma concessão através da qual a cidade adquiriu o título oficial de *La Leal Ciudad de Tlaxcala*; se tornou ligada diretamente à coroa e adquiriu um estatuto jurídico específico.

Malinche se encontra representada em vinte e duas dessas lâminas, o que demonstra o papel de destaque da indígena, segundo a visão dos tlaxcaltecas que confeccionaram o documento. Ao estudar o documento não buscamos unicamente compreender qual a interpretação que os nativos deram sobre a participação de La Malinche nos acontecimentos que redundaram na entrada de Hernán Cortés em Tenochtitlan, mas, também, comparar essa outra visão indígena com aquela que nos foi legada pelos documentos ocidentais, nos quais ela foi invisibilizada, bem como em uma tentativa de traduzir uma perspectiva que não a dos conquistadores ou do ocidente europeu.

Como a escrita do século XVI considerava como protagonistas somente os homens, o fato de Malinche ter sido descrita pelos cronistas de maneira constante e favorável é revelador da importância dela. Se pensarmos somente em termos do *Lienzo de Tlaxcala*, percebemos que esse documento aponta para a representatividade dessa figura, pois foi o que os artistas consideraram que era importante destacar. Malinche foi, nesse jogo de leitura e interpretação daqueles que pintaram os *lienzos*, importante o bastante para obter papel de proeminência, em vinte por cento dos painéis pintados.

O ponto mais interessante no trabalho de Seger (2014) é a menção à divisão do códice em duas partes, a qual ocorre a partir do painel vinte e nove, que marca, também, o centro da tela considerada como um todo e marca o começo do desaparecimento de Malinche das imagens do *Lienzo*, ela que, até então teve sua imagem desenhada em dezenove das vinte e oito cenas da primeira metade do *Lienzo*. A partir desse marco, ela aparece em somente três das cinquenta e oito cenas que seguem. Difícil explicar o desaparecimento de Malinche das cenas seguintes. Segundo se sabe, ela permaneceu sempre ao lado do espanhol, mesmo nas batalhas até a volta à Tenochtitlan, depois do episódio lembrado como *La Noche Triste*. Entretanto, ela não aparece, nem mesmo nos eventos que se tem conhecimento, através das primeiras narrativas, que ela esteve presente.

Segundo Seger (2014), o painel vinte e nove separa as sequências em que ela mais aparece e o de número quarenta e dois divide o documento em duas metades, coloridas de maneira diferente, pois, a partir desse, foram empregadas amplas quantidades de pigmentos de cor amarela, verde e bege, que contrastam com as cores mais suaves usadas nos painéis de um a quarenta e dois em que predominam o ocre e o verde. Poderia ser que o artista que confeccionou as pinturas tenha sido outro e que esse, ao reconstruir o contexto histórico, não visse a tradutora da mesma forma que o primeiro, ou melhor, que não a considerasse tão importante nos eventos. Pode ser, também, que conforme os acontecimentos fossem se tornando distantes, uma nova visão sobre os acontecimentos e sobre Malinche tenha se formado.

Seguer (2014) descreve como Malinche aparece no *Lienzo*:

A primeira vez que ela surge é na cena dois do *Lienzo* e continua, em sequência, presente até a lâmina nove. Depois, ela aparece alternadamente nas cenas, algumas vezes sequencialmente e, outras, não. [...] Entre as lâminas dois a nove, teremos a presença de La Malinche em todas elas.

Depois disso, ela volta a aparecer nas lâminas onze, quatorze e quinze, dezenove a vinte e três. Novamente podemos encontrá-la no conjunto de cenas das lâminas vinte e seis a vinte e nove, quarenta e cinco e quarenta e oito. As imagens referidas contam os eventos que se sucedem entre o encontro de Cortés com os senhores tlaxcaltecas e a queda de Tenochtitlan, cobrindo, portanto, um estendido período de tempo que vai de 1519 a 1521. Devemos considerar, assim, de início, que os produtores do documento operaram uma seleção de acontecimentos decisivos e representativos da história que queriam contar (SEGER, 2014, pp. 127-128).

Os espanhóis já sabiam, antes de chegar à Tlaxcala, que esse povo mantinha contínua guerra contra os astecas, que desejavam subjugar-los e inseri-los como mais um dos povos dominados e pagadores de tributo a Montezuma, pois os astecas faziam guerra a um povo vizinho previamente escolhido e avisado e quando a luta se dava, os guerreiros vencidos serviam de escravos ao povo vencedor e sacrifício aos deuses.

Os astecas não iam para batalhas sem uma grande formalidade que as antecedesse. A guerra, para eles, tinha diferentes conceitos; não era somente para matar, mas costumavam fazer guerras cerimoniais, para mostrar força e capacidade para dominar, fazer escravos e vítimas para os sacrifícios, quando se fizessem necessários. Todorov (2003) também nos fala que esse foi um dos fatores que tiveram relevância na guerra imposta aos astecas pelos espanhóis:

Os astecas não concebem e não compreendem a guerra total de assimilação que os espanhóis estão fazendo contra eles (inovando em relação à sua própria tradição); para eles, a guerra deve acabar num tratado, estabelecendo o montante dos tributos que o perdedor deverá pagar ao vencedor. Antes de ganhar a partida, os espanhóis já tinham obtido uma vitória decisiva: a que consiste em impor seu próprio tipo de guerra; a superioridade deles já não é mais posta em dúvida (TODOROV, 2003, p. 54-55).

Os astecas não guerreavam sem um minucioso cerimonial no qual tudo era previsto de antemão. Os guerreiros marcavam o lugar, todos os povos dali deixavam um espaço sem nenhum tipo de plantação, longe das povoações, para que ali se dessem as batalhas. Eles estabeleciam as regras das batalhas, soltavam previamente uma saraivada de flechas; até mesmo o tempo que as batalhas durariam era pré-definido. Nessa arena de tensão e de muitas batalhas travadas foi que os espanhóis encontraram os tlaxcaltecas.

Bernal Díaz descreve os primeiros encontros com o povo de Tlaxcala dessa maneira:

No meio disso, um esquadrão de mais de três mil tlaxcaltecas, esperando em uma emboscada, veio de repente e com grande fúria, e eles começaram

a atirar flechas em nossos cavaleiros que agora estavam todos juntos, jogavam flechas e lanças endurecidas pelo fogo nelas, e trabalhou maravilhas com suas espadas de duas mãos. Naquele instante chegamos com nossa artilharia, escopetas e bestas. Pouco a pouco, os índios começaram a se afastar, embora permanecessem um bom tempo lutando em boa ordem. Naquele escaramuça, quatro dos nossos homens foram feridos, e parece-me que, alguns dias depois, um deles morreu de feridas. Como já era tarde, os tlaxcaltecas se retiraram e nós não os perseguimos; eles deixaram cerca de dezessete mortos, sem contar os muitos feridos (DEL CASTILLO, 2012, p.117, tradução nossa).⁸⁷

Então, houve lutas entre os espanhóis e os guerreiros de Tlaxcala; os espanhóis venceram. O primeiro encontro de intermediação entre o povo derrotado e o povo vitorioso, quando os tlaxcaltecas estavam em desvantagem, após terem perdido a guerra contra os espanhóis é pintado no *Lienzo* como uma rendição, mas como um primeiro acordo de cumplicidade e comprometimento entre os estrangeiros e os nativos.

Del Castillo comenta que “se os tlaxcaltecas, que nossos amigos de Cempoala nos haviam feito acreditar serem pessoas pacíficas, nos tivessem reduzido a tal condição, o que aconteceria quando nos encontrássemos em guerra com as grandes potências de Montezuma?” (DEL CASTILLO, 2012, p. 124, tradução nossa).⁸⁸ Isso demonstra a fúria dos ataques do povo de Tlaxcala antes desse primeiro encontro. Nem mesmo o povo asteca, povo que comandava a região e que tinha subjogado quase todos os povos da redondeza tinham conseguido, até então, vencer o povo de Tlaxcala, tal era a maestria de seus guerreiros.

Malinche, primeiramente, é descrita no documento indígena, intermediando esse encontro de Cortés com os líderes do povo de Tlaxcala. O que parece um primeiro encontro é um acordo de capitulação e uma oferta de paz aos espanhóis por parte dos embaixadores de Tlaxcala. Nesta cena, Aguilar não é descrito e Malinche aponta para Hernán, acentuando que é com ele que devem negociar. Isso

⁸⁷ In the midst of this, a squadron of more than three Thousand Tlaxcalans waiting in ambush came on suddenly and with a great fury, and they began to shoot arrows at our horsemen who were now all together, showered arrows and fire-hardened spears on them, and worked marvels with their two-handed swords. In that instant we arrived with our artillery, escopetas, and crossbows. Little by little the Indians began to turn away, although they stayed a good while fighting in good order. In that skirmish, four of our men were wounded, and it seems to me that a few days later one of them died of his wounds. As it was late, the Tlaxcalans withdrew and we did not pursue them; they left about seventeen dead, not counting the many wounded. (DEL CASTILLO, 2012, p.117).

⁸⁸ “if the tlaxcalans, whom our friends from Cempoala had made us believe were peaceful people, had reduced us to such a condition, what would happen when we found ourselves at war with the great powers of Montezuma?” (DEL CASTILLO, 2012, p. 124).

sugere que, de acordo com os tlaxcaltecas, Marina representou um papel essencial neste encontro; apesar de precisar de Aguilar para transformar suas palavras em náhuatl em espanhol, ela foi mais do que uma tradutora, mas uma negociadora entre Hernán e esse povo que foi a chave para que os espanhóis saíssem vencedores, pois os líderes e caciques de Tlaxcala emprestaram milhares de guerreiros para que a vitória sobre os astecas fosse obtida.

O *Lienzo* não mostra Aguilar em seus desenhos, mas Bernal del Castillo menciona o papel de Malinche ao falar aos embaixadores tlaxcaltecas e a presença do tradutor Aguilar:

Doña Marina e Jerónimo de Aguilar conversaram com os mensageiros que estávamos enviando e disseram-lhes que os tlaxcaltecas deveriam vir imediatamente para fazer a paz, que se não viessem dentro de dois dias íamos matá-los e destruir suas terras, e nós vá procurá-los em sua cidade. Com estas palavras ousadas, eles foram para a cidade principal onde Xicotenga era o ancião e Maseescaci. (DEL CASTILLO, 2012, pp.125-126, tradução nossa).⁸⁹

A mensagem que Malinche enviou pelos embaixadores foi que eles deveriam render-se ou seriam mortos. Bernal Díaz escreve que os mensageiros, quando chegaram a Tlaxcala, encontraram os dois caciques: Maseescaci e Xicotenga. Esses ouviram a mensagem, ficaram hesitantes, mas afinal decidiram fazer as pazes com os estrangeiros; mandaram chamar os caciques e pessoas mais importantes da cidade vizinha, Guaxocingo e, quando estavam todos reunidos, o cacique Xicotenga falou aos demais, pedindo para que se tornassem aliados dos espanhóis.

Bernal Díaz então descreve o papel de Malinche:

Cortés contou-lhes através de nossos intérpretes, Dona Marina e Aguilar, que sempre nos acompanhavam em todas as expedições, mesmo à noite, para não ficarem com medo e irem imediatamente contar seus caciques na cidade-chefe para entrarem em paz porque a guerra é ruinosa para eles. (DEL CASTILLO, 2012, p. 129, tradução nossa).⁹⁰

Ao invés de total extermínio; haveria a chance de ganhar aliados nas guerras contra os astecas, guerras essas que tinham lutado por anos para evitar a

⁸⁹ Doña Marina and Jerónimo de Aguilar spoke to the messengers we were now sending and told them that the Tlaxcalans should immediately come to make peace, that if they did not come within two days we would go to kill them and destroy their lands, and we would go to seek them in their city. With these bold words, they went to the head town where Xicotenga the elder and Maseescaci were. (DEL CASTILLO, 2012, pp.125-126).

⁹⁰ Cortés told them through our interpreters, doña Marina and Aguilar, who always went with us on every expedition, even at night, that they should not be fearful and that they should go immediately to tell their caciques in the head town to come in peace because war is ruinous for them. (DEL CASTILLO, 2012, p. 129).

subjugação total e o oferecimento de seus guerreiros aos deuses astecas. Dessa ajuda que os tlaxcaltecas recebiam contra os astecas, pode ter vindo a ideia de que Malinche era a salvadora, era a ajuda da qual tinham necessitado por muito tempo.

No *Lienzo*, eles não pintam nenhum mural sobre as guerras que tinham lutado contra os espanhóis, retratam apenas o acordo, a aliança que fizeram.

Seger (2014) afirma que, na lâmina número sete (Figura 1), Malinche recebe escravas: “O que mais chama a atenção na imagem, porém, é a grande quantidade de mulheres que aparecem na cena. Devemos notar que suas roupas são tão ou mais elaboradas do que aquelas usadas por La Malinche” (SEGER, 2014, p. 137).

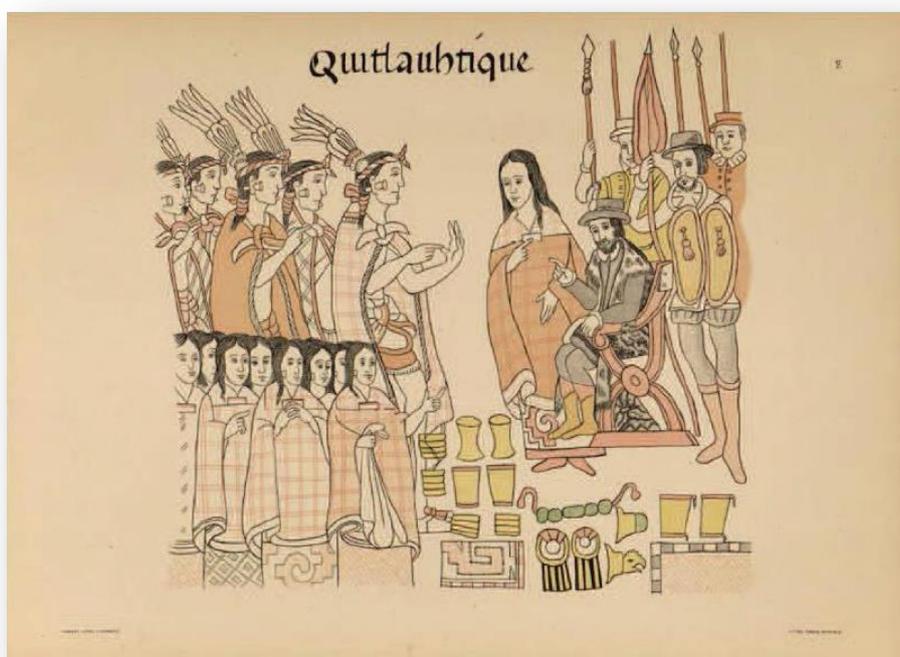


Figura 1: Lâmina 07 do Lienzo de Tlaxcala.
Fonte: SEGER, 2014.

Muñoz Camargo corrobora esse fato de Malinche ter recebido escravas, ao afirmar:

[...] permanecendo os nossos nesse bom acampamento apresentaram a Cortés mais de trezentas mulheres bonitas muito bonitas, bem vestidas, que lhe deram para o seu serviço porque elas eram escravas que foram dedicadas ao sacrifício de seus ídolos e foram presas e condenadas à morte por excessos e crimes que tinham cometido contra suas leis e estatutos, [...] eventualmente, até mesmo essas três centenas de mulheres foram dadas e oferecidas para capitão Cortés para servi-lo a ele e aos seus companheiros, e enquanto eles disseram-lhes que não as queriam receber, mas que virou e respondeu-lhes que apreciava muito e não queríamos receber, porque a religião cristã não permitia, porque se elas não eram

batizadas cristãs não poderia ser feito, e quando isso fosse feito, seria para levá-los para a sua esposa e companhia, por ordem da santa madre igreja, não o podiam ter, porque sua lei proibia-o diante de nosso Senhor, mas com grandes súplicas e persuasões recebidas, a título de que foram recebidos para servir Malintzin sustentando que os índios sentem tanto quando eles não recebem os presentes ainda que seja uma flor, porque, eles dizem, suspeita-se de inimizade, pouco amor e pouca confiança. Diante de como foi apresentando, assim era costume entre eles. (MUÑOZ CAMARGO, 1892, p.137, tradução nossa).⁹¹

Malinche, de escrava, passa a receber escravos. Aqui fica claro que ela tinha se tornado muito poderosa aos olhos dos indígenas, pois só os poderosos eram dignos de receber escravos. Aqui fica a dúvida se realmente Cortés se negava a receber escravas para servir a seus homens. Muitos historiadores⁹² comentam a crueldade dos espanhóis com os indígenas, não importando se fossem homens ou mulheres. Até mesmo o religioso Bartolomé de las Casas foi um importante senhor de escravos, mesmo enquanto lutava a favor deles. Somente a título de ilustração nesse trabalho que se centra em Malinche, percebemos o historiador, importante recurso de nossas primeiras narrativas, Bartolomé de las Casas, como personagem do romance de Helen Heightsman Gordon (2011). Despertou-me o interesse, visto que não conheço outro romance que se detenha em Malinche, no qual esse nome histórico, autor de *Brevísima relación de la destrucción de las Indias* (1552), tenha sido representado como personagem. Enquanto personagem, Bartolomé de las Casas, e o pai acompanharam Nicolas de Ovando à Hispaniola em 1502 e Velásquez a Cuba em 1511. Em *Malinalli do Quinto Sol: a escrava que mudou o*

⁹¹ [...] estando pues los nuestros en este buen alojamiento presentaron á Cortés más de trescientas mujeres hermosas de muy buen parecer, muy bien ataviadas, las cuales le daban para su servicio porque eran esclavas que estaban dedicadas para el sacrificio de sus ídolos y estaban presas y condenadas á muerte por excesos y delitos que habían cometido contra sus leyes y fueros, [...] finalmente aquestas trescientas mujeres se dieron y ofrecieron al capitán Cortés para que le sirviesen á él y á sus compañeros, y al tiempo que se las presentaron no las quiso recibir sino que las tornaron a llevar, respondiéndoles que se los agradecia mucho é que no las queria recibir porque en su religión cristiana no se permitia aquello, porque si no fuesen cristianas baptizadas no se podia hacer, y cuando esto oviese de ser sería para tomarlas por su única mujer y compañía por orden de la santa madre iglesia, que no las poían tener porque su ley los vedaba como adelante mediante nuestro señor lo verían, mas con todo esto com grandes ruegos y persuasiones las recibió á título de que se recibían para que sirviesen á Malintzin, advirtiendole de que sientem mucho los índios cuando no los reciben los presentes que dan aunque sea una flor, porque dicen que es sospecha de enemistad y de poco amor y poca confianza del diante y de que presenta la cosa, que así se usaba entre ellos (MUÑOZ CAMARGO, 1986, p.137).

⁹² FORGUES, Roland. *Mujer, creación y problemas de Identidad en America Latina*. Venezuela: Consejo de Publicaciones de la Universidad de los Andes, 1999. PRESTA, Ana María. *Indígenas, españoles y mestizaje en la región andina*. In: Morant, Isabel (dir.). *Historia de las mujeres en España y América Latina*. Vol. II: *El mundo moderno*. Madrid: Cátedra, 2006, pp. 555-581. SOCOLOW, Susan Migden. *The Women of Colonial Latin America*. New York: Cambridge University Press, 2007.

*destino do México e da Espanha*⁹³, a autora assim apresenta Las Casas: “O jovem Bartolomé de las Casas observou algumas cenas que mais tarde o assombrariam com culpa e raiva.” (GORDON, 2011, p. 90).⁹⁴ Helen Heightsman Gordon assim descreve mais cenas que provocam o desgosto em Las Casas. Velásquez é representado como alguém que tinha inclinações hedonistas para matar os nativos, o que provocava contrariedade em Las Casas. “Essas cenas o levariam a uma cruzada vitalícia, na qual ele se tornou uma voz que não podia ser silenciada... uma consciência que não podia ser negada.” (GORDON, 2011, p. 90, tradução nossa).⁹⁵ O que via, a violência contra os nativos, provocava violentos sentimentos no padre: “Las Casas ficou em choque olhando para as pilhas de cadáveres, braços, pernas, troncos estripados e várias cabeças espalhadas olhando em volta, depois se retirou para ficar à espera.” (GORDON, 2011, p. 91).⁹⁶ Então, “Las Casas vomitou até se sentir fraco.” (GORDON, 2011, p. 91).⁹⁷ Essas e várias outras passagens do romance representam um jovem que se enojava com a violência contra os indígenas.

Histórias contadas em voz alta ao pé da fogueira ofenderam Bartolomé novamente. “Quando eu estava nas Ilhas do Caribe”, um soldado relatou: “precisávamos de comida, e os nativos não nos traziam o bastante. Meu cachorro ficou com fome.” O idiota estava choramingando nos meus calcanhares. Vi uma índia na estrada carregando um bebê que estava mamando. Como eles não nos alimentavam, pensei que seus moleques também não deviam ser alimentados, puxei o bebê dos braços da mãe e joguei-o ao meu cachorro. Meu cachorro comeu melhor do que eu naquele dia. (GORDON, 2011, p. 91, tradução nossa).⁹⁸

Enojado ou não, o autor de *Brevísima relación de la destrucción de las Indias* (1552) foi um padre dono de imensas “encomiendas”: “Las Casas, bom padre e bom fazendeiro, era o símbolo e a encarnação dessa cristandade que se dava por

⁹³ Malinalli of the Fifth Sun: The Slave Girl Who Changed the Fate of Mexico and Spain.

⁹⁴ “The Young Batolome de Las Casas observed some scenes that would later haunt him with guilt and anger.” (GORDON, 2005, p. 90).

⁹⁵ Bartolomé de las Casas observed some scenes that would haunt him with guilt and anger. These scenes would drive him into a lifetime crusade in which he became a voice that could not be stilled... a conscience that could not be denied. (GORDON, 2005, p. 122).

⁹⁶ “Las Casas stood in shock looking at the piles of corpses, arms, legs, disembowled trunks and several heads strewn looked around, then retreated to lie in wait.” (GORDON, 2005, p. 91).

⁹⁷ “Las Casas vomited until he felt weak.” (GORDON, 2005, p. 91).

⁹⁸ Stories told around the campfire offended Bartolomé anew. “When I was in the Carib Islands”, one soldier related, “we needed food, and the natives wouldn’t bring us much. My dog got hungry. The bugger was whining at my heels. I saw na Indian woman on the road carrying a sucking baby. Since they wouldn’t feed us, I thought their brats shouldn’t be fed either, I tore the baby from the mother’s arms and tthrew it to my dog. My dog ate better than I did that day.” (GORDON, 2005, p. 123).

evangelizadora mesmo na medida em que se fazia conquistadora.” (JOSAPHAT, 2008, p. 24).

O certo é que os indígenas tornaram-se escravos, apesar destes escrúpulos. Cortés recebeu mulheres como escravas. O que não se sabe é quantas ele teria doado à Malinche nem quantas teriam sido usadas pelos homens de Cortés.

Susane Rodrigues de Oliveira no trabalho intitulado *As mulheres indígenas nas lutas contra a opressão e dominação colonial no Peru (séculos XVI -XIX)* escreve: “As mulheres indígenas sofreram brutalmente com a marginalização, a escravidão e a violência sexual cometida pelos colonizadores.” (OLIVEIRA, 2010, p. 4). A respeito de violência cometida contra as mulheres indígenas, Marina Basso Lacerda (2010) também escreve:

Como se vê, foram múltiplos os papéis da mulher indígena. Abusadas sexualmente, exploradas como escravas, dotadas do nobre papel de mães de famílias de filhos considerados legítimos e ilegítimos. [...] Foram, também, junto com seu povo, vítimas do extermínio quando este foi conveniente. (LACERDA, 2010, p. 44).

Apesar de tudo, a alguns indígenas foi permitido algum tipo de poder, a maioria figurativamente e apenas por algum tempo. Quando não foram mais úteis, os espanhóis foram retirando esse poder pouco a pouco, para proclamarem-se, eles e somente eles, os senhores absolutos do Novo Mundo.

Como já comentamos o Massacre de Cholula, aqui inserimos esse fato novamente para descrever a lâmina nove (Figura 2), do *Lienzo de Tlaxcala*.



Figura 2: Lâmina 09 do Lienzo de Tlaxcala.
Fonte: SEGER, 2014.

Nessa figura, Malinche está de pé, apontando para o templo. Qual teria sido a exata participação dela? Já levantamos a hipótese de que ela tenha maquinado esse massacre para apresentar-se bem aos olhos de Cortés. Seger (2014) observa que ela aponta para o templo como se estivesse comandando a batalha. O *Lienzo* pode sugerir que ela tivesse inventado a existência de um complô para sobressair-se e, mancomunada com os tloxcaltecas, cujo objetivo também era esse, tenha avisado Hernán Cortés.

Seger (2014) analisa a lâmina:

Um dos enviados volta-se para falar com *La Malinche*, que se encontra de pé; ela aponta para o templo como se estivesse comandando a batalha, mas pode também estar mostrando que ali ocorreu a vitória dos espanhóis. Ao saber por *La Malinche* da traição dos índios de *Cholula*, Cortés ordena o ataque, como mostra a imagem. Aos pés do templo, veem-se corpos esquartejados, assim como um guerreiro abatido nas escadarias deste. Um cavalo coloca suas duas patas dianteiras em cima do corpo de um dos cholultecas; em cima dele, um espanhol empunha uma lança e está pronto para lançá-la. Atacam o templo um guerreiro tloxcalteca e um soldado

espanhol, novamente representando as forças invasoras. Um sacerdote defende o templo, e um homem, talvez do povo, está caído, provavelmente atingido pela lança do espanhol que está subindo a pirâmide. Foi dessa maneira que os *tlaxcaltecas* pintaram a matança de *Cholula* no *Lienzo*. Não foi isso que disse desse episódio o franciscano Bernardino de Sahagun, que, em seu *Códice Florentino*, assinala que as forças dos espanhóis abateram-se sobre os habitantes “civis” da cidade, sobre mulheres, crianças e velhos, e não sobre guerreiros armados. Portanto, *Cholula* foi um capítulo da conquista cujo protagonismo foi conferido à *La Malinche*, mas há narrativas divergentes sobre isso. (SEGER, 2014, pp. 140-141).

A imagem 14 (Figura 3) do *Lienzo de Tlaxcala* retrata o massacre do Templo Mayor e Malinche está retratada nele, em meio a mortos, cabeças degoladas, braços e pernas decepadas.



Figura 3: Lâmina 14 do Lienzo de Tlaxcala.
Fonte: SEGER, 2014.

Sobre os altares, depositadas, estão as armas dos guerreiros astecas, que nesse momento, pediam que os deuses as fortalecessem, em meio a danças e ilibações, durante a festa de *Toxcatl*.

No *Florentine Codex*, Frei Bernardino de Sahagún (1982) conta:

Quando as coisas já estavam acontecendo, quando a festa estava sendo observada e havia danças e cantos, com vozes altas na música, o canto era como o barulho das ondas quebrando contra as rochas. Quando chegou a hora, quando chegou o momento de os espanhóis fazerem a matança, saíram equipados para a batalha. **Eles vieram e fecharam cada um dos lugares onde as pessoas entravam e saíam. E quando eles fecharam essas saídas, eles se posicionaram em cada uma delas, e ninguém**

mais conseguiu sair. Quando isso foi feito, eles entraram no pátio do templo para matar pessoas. Aqueles cuja missão era fazer a matança, foram a pé, cada um com sua espada de metal e seu escudo de couro, alguns deles cravejados de ferro. Então eles cercaram aqueles que estavam dançando, indo entre os tambores cilíndricos. Eles atingiram os braços de um baterista; ambas as mãos foram cortadas. Então eles atingiram seu pescoço; sua cabeça caiu longe. Então eles esfaquearam todos com lanças de ferro e os atingiram com espadas de ferro. Eles atingiram alguns na barriga, e então suas entranhas se derramaram. Eles abriram as cabeças de alguns, eles realmente cortaram seus crânios em pedaços, seus crânios foram cortados em pequenos pedaços. E alguns eles bateram nos ombros; seus corpos se abriram e rasgaram. Alguns penetraram nas panturrilhas, algumas nas coxas, algumas em suas barrigas, e então todas as suas entranhas se derramavam. E se alguém ainda tentasse fugir, seria inútil; ele apenas arrastava seus intestinos. Havia um fedor como se fosse enxofre. Aqueles que tentaram escapar não podiam ir a lugar nenhum. (SAHAGÚN, 1982, pp. 132-34, tradução nossa, grifo nosso).⁹⁹

Não é mencionada, no trecho de Sahagún, a presença de Malinche, mas os tlaxcaltecas a retratam em meio a esse massacre em uma posição central. Os espanhóis abriram as portas do templo e entraram matando, conforme Sahagún (1982) narrou. Não houve tradução, não houve conversas.

Não está claro o que fazia Malinche, em meio a esse massacre, conforme retratado pelo *Lienzo de Tlaxcala*.

Seger (2014) descreve a cena representada no Lienzo:

No centro da imagem, vê-se o quartel general dos espanhóis, no pátio, encontram-se dois cavaleiros e um soldado a pé empunhando sua espada e seu escudo. Na frente dele, dois guerreiros tlaxcaltecas brandem seus escudos e armas. Atrás deles, está La Malinche, em meio à batalha. Vestindo seus trajes de viagem, ela está com o corpo de frente e o rosto meio frontal. Aponta com a mão direita para o combate, como se estivesse a comandá-lo. Percebe-se, pois, que a *lengua não acompanhou Cortés em sua viagem, a qual está representada* na lâmina doze, e que ele está acompanhado dos seus aliados tlaxcaltecas. (SEGER, 2014, pp. 150-151).

⁹⁹ When things were already going on, when the festivity was being observed and there was dancing and singing, with voices raised in song, the singing was like the noise of waves breaking against the rocks. When it was time, when the moment had come for the Spaniards to do the killing they came out equipped for battle. They came and closed off each of the places where people went in and out. And when they had closed these exits, they stationed themselves in each, and no one could come out any more. When this had been done, they went into the temple courtyard to kill people. Those whose assignment it was to do the killing just went on foot, each with his metal sword and his leather shield, some of them iron-studded. Then they surrounded those who were dancing, going among the cylindrical drums. They struck a drummer's arms; both of his hands were severed. Then they struck his neck; his head landed far away. Then they stabbed everyone with iron lances and struck them with iron swords. They struck some in the belly, and then their entrails came spilling out. They split open the heads of some, they really cut their skulls to pieces, their skulls were cut up into little bits. And some they hit on the shoulders; their bodies broke open and ripped. Some they hacked on the calves, some on the thighs, some on their bellies, and then all their entrails would spill out. And if someone still tried to run it was useless; he just dragged his intestines along. There was a stench as if of sulfur. Those who tried to escape could go nowhere. (SAHAGÚN, 1982, pp. 132-34).

Na figura quinze, do *Lienzo*, se veem representadas cenas que se seguiram ao ataque do Templo Maior e à morte de Montezuma. Novamente Malinche está nela, bem no centro.



Figura 4: Lâmina 15 do Lienzo de Tlaxcala.
Fonte: SEGER, 2014.

Sua cabeça está representada em tamanho maior, até mesmo do que a do tatloani e do próprio Cortés. De acordo com Seger (2014) essa lâmina mostra os espanhóis retornando à Tenochtitlan; traz os dizeres “yepeqyaoyotl ycha mote cuicoma”: "A guerra já começou na casa onde está Moteczuma."¹⁰⁰ (SEGER, 2014, p. 151).

Pode-se inferir, pelo *Lienzo de Tlaxcala*, lâmina 14 (Figura 3), que Malinche também tomou uma parte expressiva no ataque ao Templo Mayor.

Assim Seger (2014) descreve essa lâmina:

O cerco aos espanhóis está descrito na lâmina quatorze. Na sua parte superior está registrado em mexica *ycqnyaoaltz a cca*. Segundo Chavero (1892, p.35), isso quereria dizer: “ya los habían encerrado en la casa con guerra”. Podemos notar que a frase sai da boca de um chefe guerreiro mexica. No centro da imagem, vê-se o quartel general dos espanhóis, no pátio, encontram-se dois cavaleiros e um soldado a pé empunhando sua espada e seu escudo. Na frente dele, dois guerreiros tlaxcaltecas brandem seus escudos e armas. Atrás deles, está La Malinche, em meio à batalha. Vestindo seus trajes de viagem, ela está com o corpo de frente e o rosto meio frontal. **Aponta com a mão direita para o combate, como se**

¹⁰⁰ “ya empezaron la guerra en la casa en que está Moteczuma”.

estivesse a comandá-lo. Percebe-se, pois, que a *lengua* não acompanhou Cortés em sua viagem, a qual está representada na lâmina doze, e que ele está acompanhado dos seus aliados tlaxcaltecas. (SEGER, 2014, pp. 150-151, grifo nosso).

Na lâmina de número 29, Cortés e Malinche estão em Tlaxcala, reorganizando-se para contra-atacar Tenochtitlan e a partir daí Malinche desaparece de cena.



Figura 6: Lâmina 29 do Lienzo de Tlaxcala.
Fonte: SEGER, 2014.

Segger (2014) formula algumas hipóteses para o fato:

A partir daqui, os escribas tlaxcaltecas começam a suprimir a imagem de La Malinche. Há um enorme hiato que se estabelece entre as lâminas vinte e nove e quarenta e cinco, a próxima a ser analisada. *Doña Marina* ou *La Malinche* desaparece do *Lienzo* sem deixar rastros. O porquê de ela não ser mais retratada neste documento é uma incógnita, mas podemos aventar algumas explicações para o fato. A primeira seria de que ela perdera o papel de destaque que desempenhara antes. Outra seria que a *lengua* não participara dos eventos descritos nas próximas lâminas, tendo ficado na cidade, após a conquista de Tenochtitlan. Isto até mesmo em razão do nascimento, em 1522, do filho Martín que teve com Cortés. (SEGER, 2014, p. 166).

A vida de Malinche passa a ser um vácuo, a partir daí, apenas com preenchimentos raros, aqui ou lá.

Percebe-se, claramente, que os escritores de literatura usam as bases históricas das fontes primárias para escreverem seus romances e somente a partir dos vácuos deixados nessas bases, usam a imaginação para preenchê-los. Pouco se distanciam dessas bases históricas. Como Malinche é um personagem com múltiplos espaços em brancos, e sobre a qual muito pouco se sabe, as lacunas, à

espera de que a imaginação dos escritores preencha, são imensas. Quando ela desaparece das fontes históricas, casa-se com Jaramilo e sai do círculo de poder, ela desaparece dos romances literários que acabam no momento que ela separa-se de Hernán Cortés.

São raros os escritores literários que a mencionam depois da conquista. Um exemplo que podemos mencionar é Robert Somerlott (1992) que escolheu trazer de volta no romance literário *A morte do quinto sol*¹⁰¹ um período chamado pelos historiadores de “conjuração dos três irmãos”. No México, em 25 de abril de 1564, ele apresenta uma Malinche envelhecida, que conta, em primeira pessoa, um tempo passado, quando era jovem e conheceu Hernán Cortés, mas ainda viva para presenciar a tentativa de restabelecer o poder Cortésiano. Essa tentativa ocorreu e foi apoiada por franciscanos crioulos e componentes do Conselho das Índias e contou com a participação ativa de três filhos de Hernán Cortés: por Martín, seu filho com Malinche, Luís, seu filho com outra indígena de Hermosilla e o segundo Martín, filho dele com Juana de Zúñiga. No tempo presente da narrativa, há tentativas de se trazerem, para o México, os ossos de Cortés. Ocorre a prisão dos filhos de Cortés, incluindo Martín que ele teve com Malinche, que não ousa aparecer em público pelo qual é execrada e por temer que isso acarrete a morte do filho no cárcere.

1.7 Diego Muñoz Camargo lê Bernal Díaz em *História de Tlaxcala*

Diego Muñoz Camargo, na sua *História de Tlaxcala*, escrita em 1592, conta a vida de Malinche desde a sua infância e o convívio dela com os espanhóis. Assim nos diz José (2011):

Embora nascida de um pedido oficial do governante dessa província ao cronista, com a finalidade de apresentar a história dos aliados indígenas na metrópole hispânica, a obra de Muñoz Camargo é também um esforço pessoal seu para valorizar os feitos de seu grupo e destacar a participação dos tlaxcaltecas no processo da conquista. (JOSÉ, 2011, p. 36).

Essa obra se divide em dois livros. O primeiro se trata da história antiga, antes da chegada dos espanhóis. O que nos interessa aqui é o segundo livro, *A conquista*. No primeiro capítulo, Diego Muñoz Camargo, cronista tlaxcalteca do final do século XVI, afirma “que passou os primeiros anos de sua formação sob a mentalidade da Nova Espanha, mas que, ao mesmo tempo, manteve contato com

¹⁰¹ La Muerte del Quinto Sol.

sua família materna de origem nativa, da qual ele aprendeu nauatl” (SANTACRUZ; MARTÍNEZ, 2018, p. 9).

Diego Muñoz Camargo comenta sobre os mensageiros que voltavam com notícias para Montezuma sobre a chegada de estrangeiros e que, com eles, havia uma mulher nascida ali. Diz o cronista que Montezuma quis saber se as pessoas que chegavam eram deuses ou humanos e despachou, secretamente, à Cempoala, feiticeiros, encantadores e adivinhos para que trouxessem informações:

Eles carregavam uma espada, uma besta e um novo estranho, e foi que trouxeram consigo uma mulher que era linda como deusa, porque falava a língua mexicana e a dos deuses, que entendia o que eles queriam e se chamava Malitzin, porque como ela foi batizada eles a chamavam de Marina; e finalmente neste argumento de se eles eram deuses ou homens que eles não podiam determinar, porque se eles fossem deuses, eles disseram, não derrubem nossos oráculos, ou maltratem nossos deuses, porque eles eram seus irmãos, e então que eles maltratam e derrubam eles não deveriam para ser deuses, mas pessoas bestas e bárbaras, e assim ofendem nossos ídolos, eles lhes darão o pagamento. Estas e outras razões e coisas tratadas como homens sem sentido, e por outro lado eles entenderam que eles eram deuses, porque eles vieram em animais muito estranhos e nunca viram ou ouviram no mundo: e como eles viram pessoas e as comunicaram pela intercessão de Marina, eles chamavam cavalos de veado, que na língua mexicana são chamados de Mazatle e todos os tipos de animais são chamados de veados; Eles também chamavam o cavalo Tlacoxolotl porque era chamado de Danta, que é nesta parte. (CAMARGO, 1986, p. 111).¹⁰²

Diego Muñoz Camargo usa o segundo capítulo de sua crônica para explicar quem era Malinche, mas esclarece que, para falar de Marina, usou as informações do livro de Bernal Díaz, já que esse autor era testemunha ocular e que tinha convivido com Malinche. Continua ele dizendo que Malintzin foi uma índia de valor, nascida no México, furtada dos pais e entregada a mercadores, levada a Tabasco, depois Potonchan até Acosamilco. Acrescenta que outros diziam que era filha de um mercador que a tinham levado consigo para outras terras e que talvez, por ser

¹⁰² Llevaron una espada, una ballesta y otra nueva más extraña, y era que traían consigo una mujer que era hermosa como diosa, porque hablaba la lengua mexicana y la de los dioses, que por ella se entendía lo que querían y que se llamaba Malitzin, porque como fue bautizada la llamaron Marina; y finalmente sobre este argumento de si eran dioses u hombres no se sabían determinar, porque si fuesen dioses, decían ellos, no derribaran nuestros oráculos, ni maltrataran a nuestros dioses, porque fueran sus hermanos, y pues que los maltratan y derriban no deben de ser dioses, sino gentes bestiales y bárbaras, y pues que así ofenden a nuestros ídolos ellos les darán el pago. Estas y otras razones y cosas trataban como hombres sin sentido, y por otra parte entendían que eran dioses, porque venían en animales muy extraños y jamás vistos ni oídos en el mundo: y como veían a las gentes y las comunicaban por intercesión de Marina, llamaban a los caballos venados, que en la lengua mexicana se llaman Mazatle y todo género de bestias llaman venado; también llamaban al caballo Tlacoxolotl por llamarse así la Danta, que las hay en esta parte.(CAMARGO, 1986, p. 111).

formosa, a tivesse dado como esposa a algum cacique vizinho e que este poderia tê-la apresentado a Hernán Cortés. Ainda outros diziam que Marina pertenceria à província de Xalisco de um lugar chamado Huilotla; filha de pais ricos o que, segundo Camargo, era contraditório, pois Xalisco pertencia aos Chichimecas que falavam outra língua e era uma terra tosca e grosseira; Marina falava náhuatl e era muito educada e discreta. Na verdade, Diego Muñoz Camargo não sabia onde Malinche tinha nascido. Ele menciona rumores de que, talvez, ela tenha sido presenteada em Potonchan, que tivesse sido trazida para ser vendida em Xicalanco, província próxima a Coahuatzacoalco, que ficava separada de Tabasco e que ali, tenha sido presenteada aos estrangeiros, juntamente com outras vinte mulheres. Segundo ele, ela conhecia a língua, sabia muito de Montezuma, de seus inimigos, de suas riquezas, de seu imenso tesouro e de seu império.

Diego Muñoz descreve que Aguilar se encontrava já naquelas terras, pois tinha vindo em um navio por ordem de Diego Velázquez, governador da Ilha de Cuba, e que ali ficou prisioneiro dos indígenas de Yucatán e que este procurou servir aos caciques muito bem e por isso teria ganhado de presente, como esposa, Malintzin. Logo Jeronimo de Aguilar teria aprendido a língua e se adaptado aos costumes indígenas. Malintzin, compelida pela mesma necessidade, aprendeu bem a língua da terra. Quando Cortés chegou à costa, Aguilar e Malintzin começaram a servir de intérpretes. Cortés a deu, para que fosse protegida, a Juan Perez de Arteaga, um soldado muito nobre da Companhia, que mais tarde passou a se chamar Juan Pérez Malintzin. Como Malintzin não conhecesse mais do que as línguas mexicana (nauatl), de Vilotla e de Cosamel, ela falava para Aguilar e este traduzia em espanhol. Isso aconteceu até que Malintzin veio a falar o idioma espanhol. (MUÑOZ CAMARGO, 1986. pp.57-58). Isso que Diego Muñoz descreve não aparece em nenhum outro relato. Ele descreve Malinche como esposa de Jeronimo de Aguillar e que, ao chegar ao acampamento espanhol juntamente com Aguilar, Malinche é deixada sob os cuidados de Juan Pérez de Arteaga. O que se sabe é que, quando Cortés repartiu as vinte mulheres recebidas como escravas entre os seus, ela passou a pertencer a Alonso Hernández Puertocarrero, um dos capitães da esquadra de Cortés e que depois disso conheceu Jerônimo de Aguilar e começou a trabalhar com este como intérprete.

O que Bernal Díaz diz a respeito de Arteaga é que as pessoas costumavam chamar Hernán Cortés de Malinche porque ela estava sempre em companhia dele, especialmente quando os embaixadores chegavam ou havia o que discutir com os caciques dos povos. Todos chamavam Cortés de "capitão da Marina", e que este nome adaptava-se aos dois: Malinche. Então, nos diz Bernal Díaz que esse nome acabou se adequando também a um homem chamado Juan Pérez de Artiaga, cidadão de Puebla, porque sempre estava com *doña* Marina e Jerônimo de Aguilar, aprendendo a língua, e também lhe chamavam de Juan Pérez Malinche. Bernal Díaz esclarece que quando referir-se, em seu livro, ao nome Malinche, refere-se ao capitão e não à La Malinche (DEL CASTILLO, 2012, p. 146-147).

Interessante essa possibilidade sugerida pelo projeto historiográfico de Diego Muñoz Camargo: Malinche não seria mais do que uma mulher passada de um homem a outro, sem que sua vontade fosse respeitada: Primeiramente a Aguilar, depois a Juan Perez de Arteaga e ainda a Alonso Hernández Puertocarrero antes de passar a Hernán Cortés que a teria passado a Juan Jaramillo.

2 O confronto entre espanhóis e astecas

2.1 A “conquista” vista do século XXI

Em 1519, um conquistador ambicioso e calculista chamado Hernán Cortés partiu de Cuba e chegou às margens do México com a expansão do império em suas veias. Ele pretendia apropriar-se das terras recém-descobertas em nome da coroa da Espanha, converter os habitantes ao catolicismo e saquear as terras ricas de seus metais preciosos, o ouro. (LEVY, 2008, introdução, tradução nossa).¹⁰³ Com essas palavras Buddy Levy (2008) abre seu livro que decidiu intitular *Conquistador Hernán Cortés, king Montezuma, and the last stand of the aztecs*.

Em março de 1519, Cortés, segundo esse autor, chegou a Pontonchan, com uma tripulação de trinta balestreiros, homens que atiravam bestas, uma espécie de arco, doze homens com revólveres, quatorze peças de artilharia pequena e alguns

¹⁰³ In 1519 an ambitious and calculating conquistador named Hernán Cortés sailed from Cuba and arrived on the shores of Mexico with empire expansion in his veins. He intended to appropriate the new-found lands in the name of the crown of Spain, to convert the inhabitants to Catholicism, and to plunder the rich lands of their precious metals, namely gold. (LEVY, 2008, s/n introduction).

canhões, dezesseis cavalos espanhóis, altamente treinados e mais alguns cavalos de guerra qualificados e completamente desconhecidos dos nativos. Trouxeram, ainda, para a terra, cães selvagens e cães de guerra bem treinados: mastins e cães-lobo. Além disso, havia piratas e mercenários espanhóis. Investiram para o vale do México, entraram em Tenochtitlán (fundada em 1325) e encontraram uma civilização desenvolvida, com um estilo de vida sofisticado:

Os astecas possuíam calendários elaborados e precisos, sistemas de irrigação eficientes para suas inúmeras culturas durante todo o ano, jardins zoológicos e botânicos inigualáveis na Europa, ruas imaculadas da cidade com métodos de gerenciamento de resíduos, artes e joias impressionantes, educação estatal, esporte sob a forma de um jogo de vida ou morte, um aparato militar dedicado e organizado e uma vasta rede de comércio e tributo que estende a totalidade de seu imenso império, até o sul da Guatemala. [...] Em Tenochtitlán - na época entre as cidades mais populosas e vitais da terra, muito maiores que Paris ou Pequim - Cortés finalmente enfrentou Montezuma, o carismático e enigmático governante asteca. (LEVY, 2008, p.2, tradução nossa).¹⁰⁴

Com a chegada desses espanhóis os astecas perderam seu império em 1521, quando essa capital foi conquistada por Hernán Cortés e seu bando. Nessa época, eram governados por Montezuma II.

Cortés e sua tripulação de cristãos logo descobririam que os astecas também possuíam uma religião altamente evoluída e ritualizada muito mais complexa que a sua própria, uma religião que seu povo seguia com igual, se não maior, fé e convicção. Em vez de um Deus, eles zelosamente adoravam um panteão de divindades em elaborados e cerimônias sofisticadas. (LEVY, 2008, p.2, tradução nossa).¹⁰⁵

Buddy Levy (2008) compara Cortés e sua gente com Montezuma e os astecas:

Os espanhóis, forjados a fogo pelas cruzadas, saqueavam, estupravam e matavam em nome de Deus e do país, mergulhando em culturas densas com pouco respeito por seus séculos de existência; os astecas usavam força militar e violência para subjugar tribos vizinhas independentes e realizavam ritos de sacrifício humano e canibalismo. (LEVY, 2008, pp.2-3, tradução nossa).¹⁰⁶

¹⁰⁴ The Aztecs possessed elaborate and accurate calendars, efficient irrigation systems for their myriad year-round crops, zoos and botanical gardens unrivaled in Europe, immaculate city streets with waste-management methods, astounding arts and jewelry, state-run education, sport in the form of a life-or-death ballgame, a devoted and organized military apparatus, and a vast trade and tribute network stretching the entirety of their immense empire, as far south as Guatemala.[...] At Tenochtitlán – at the time among the most populated and vital cities on earth, much larger than Paris or Peking – Cortés finally confronted Montezuma, the charismatic and enigmatic Aztec ruler. (LEVY, 2008, p.2).

¹⁰⁵ Cortés and his Christian brethren would soon discover that the Aztecs also possessed a highly evolved and ritualized religion much more complex than their own, a religion that its people followed with equal, if not greater, faith and conviction. Instead of one god, they zealously worshipped a pantheon of deities in elaborate and sophisticated ceremonies. (LEVY, 2008, p.2).

¹⁰⁶ The Spaniards, fired and forged by the Crusades, would pillage and rape and kill in the name of God and country, subsuming indigenous cultures with little respect for their centuries of existence; the

Após a conquista dos astecas, os espanhóis iniciaram a colonização da região sob o nome de Vice-Reino da Nova Espanha.

Os espanhóis aliaram-se com outros povos indígenas inimigos dos astecas e formaram um grande exército que atacou Tenochtitlán em 1521.

No livro *Mexico and the Spanish Conquest*, Ross Hassig (2006) aponta que esses aliados foram de importância vital para os espanhóis, apesar de terem sido minimizados nos relatos históricos dos espanhóis:

Durante esta fase final da conquista, os espanhóis compuseram menos de 1% das forças reunidas contra os astecas; mais de 99% eram índios. E, embora as contas espanholas geralmente minimizem as contribuições de seus aliados, o papel dos indígenas foi crucial. Além das barreiras linguísticas, apenas líderes nativos podiam comandar suas tropas em batalha e garantir sua cooperação. Apesar de que os aliados indígenas reforçarem os espanhóis, eles necessariamente operavam como forças independentes sob sua própria liderança. Seu apoio, no entanto, não era inquestionável. (HASSIG, 2006, p. 149, tradução nossa).¹⁰⁷

Apesar disso, Cortés desfez-se de alguns. Como exemplo, Xicotencatl, o Jovem,¹⁰⁸ um líder tlaxcalteca, foi apreendido por Cortés, acusado de traição e enforcado, o que, segundo Hassig (2006), não foi o caso, pois conseqüentemente, a execução de Xicotencatl foi provavelmente inventada por Cortés com a aparente assistência de Chichimecateuctli, que foi o principal beneficiário dessa morte. (HASSIG, 2006, p.150).¹⁰⁹

Além dos aliados que conseguiu vários outros fatores ajudaram Hernán Cortés em sua empreitada contra Tenochtitlán. Fácil controle do acesso e fluxo de homens e material a Tenochtitlan, o que poderia facilmente prender os astecas dentro da cidade, sem alimentos e água pois também tiveram acesso ao aqueduto que fornecia Tenochtitlan. Apesar de poderosa, Tenochtitlán era uma cidade vulnerável, pois não era autossustentável em alimentar sua população de duzentas

Aztecs used military force and violence to subjugate independent neighboring tribes and performed rites of human sacrifice and cannibalism. (LEVY, 2008, pp.2-3).

¹⁰⁷ Throughout this final phase of the conquest, Spaniards composed less than 1 percent of the forces arrayed against the Aztecs; more than 99 percent were Indians. And although Spanish accounts generally minimize the contributions of their allies, the role of Indian leaders was crucial. In addition to the linguistic barriers, only native leaders could command their troops in battle and ensure their cooperation. Although Indian allies reinforced the Spaniards, they necessarily operated as independent forces under their own leadership. Their support, however, was not unquestioning. (HASSIG, 2006, p. 149).

¹⁰⁸ Também personagem literário em todos os romances do *corpus* escolhido. Não foi aqui analisado porque não tinha relação direta com a personagem analisada, La Malinche.

¹⁰⁹ Accordingly, Xicotencatl's execution was most likely contrived by Cortés with the apparent assistance of Chichimecateuctli, who was the main beneficiary of that death. (HASSIG, 2006, p.150).

mil pessoas. O alimento chegava através de canoas, por uma série de lagos interconectada. Havia a agricultura produzida nas chinampas, mas que não era suficiente para toda a população: "Para lidar com esse dilema, Tenochtitlan direcionou-se para as *chinampas*¹¹⁰ - campos artificiais construídos nos lagos do vale do México, com apenas alguns metros de profundidade." (HASSIG, 2006, p.152).¹¹¹

Cortés agiu sobre a distribuição de comida para os habitantes da cidade: "Cortar esse fluxo foi um grande golpe, embora não decisivo, para os astecas, e sinalizou o início da estratégia de Cortés de matar os defensores de fome em vez de derrotá-los exclusivamente no campo de batalha." (HASSIG, 2006, p.152, tradução nossa).¹¹² Mais do que tentar vencer militarmente, Cortés e os espanhóis cortaram, o acesso ao alimento de toda a cidade, não somente dos guerreiros, como também da população civil. Os habitantes, enfraquecidos pela falta de alimentação e água, foram alvos fáceis para a varíola.

Os canhões que os espanhóis possuíam poderiam matar facilmente, mas a taxa e a velocidade dos tiros eram baixas e a maior parte dos combates foi *mano-a-mano*: espadas, lanças e armaduras de aço dos espanhóis contra as espadas e lanças de madeira e obsidiana dos astecas com suas armaduras de algodão. A massa de guerreiros astecas era imensa. Os espanhóis correram riscos de serem vencidos. Para a desventura dos astecas não aconteceu, por mais um motivo: "Além disso, os astecas não podiam atacar por trás porque estava protegido por um grande número de aliados, permitindo que os espanhóis se concentrem em sua frente."

¹¹⁰ To construct chinampas, the builders drove stakes into the lake bed to form enclosures into which soil, taken primarily from the lake bottom, was dumped. These excavations both created deeper canals between the fields and yielded very fertile soils. The end product was a series of artificial islands of exceptional fertility that required no irrigation because they rose about half a meter above the lake level and the crops' roots easily reached the water table. (HASSIG, 2006, p.152). Tradução: Para construir chinampas, os construtores lançavam estacas no leito do lago para formar recintos onde o solo, retirado principalmente do fundo do lago, era despejado. Essas escavações criavam canais mais profundos entre os campos e produziram solos muito férteis. O produto final era uma série de ilhas artificiais de fertilidade excepcional que não exigiam irrigação porque subiam cerca de meio metro acima do nível do lago e as raízes das culturas atingiam facilmente o lençol freático. (HASSIG, 2006, p.152).

¹¹¹ "To deal with this dilemma, Tenochtitlan turned to chinampas – artificial fields constructed in the lakes of the Valley of Mexico, which were only a couple of meters deep." (HASSIG, 2006, p.152).

¹¹² "Cutting this flow was a major, though not decisive, blow to the Aztecs, and it signaled the initiation of Cortés's strategy of starving out the defenders rather than defeating them solely on the battlefield." (HASSIG, 2006, p.152).

(HASSIG, 2006, p.152, tradução nossa).¹¹³ Se não fosse a fome, a sede e a varíola os astecas poderiam ter vencidos, porque aprendiam rapidamente as novas táticas espanholas de guerrear:

Os astecas tentaram lutar à sua maneira, mas foram forçados a ajustar suas táticas em resposta ao armamento espanhol. Canhões foram particularmente devastadores porque eles poderiam matar à distância que as armas astecas não poderiam alcançar. Mas os astecas logo aprenderam que os canhões só podiam disparar em linha reta, então eles começaram a esquivar de um lado para o outro em vez de marchar em linhas retas, e eles se abaixaram quando os canhões estavam prestes a disparar, em vez de permanecerem ereto. Além disso, se um canhão disparasse de longe o suficiente que os astecas poderiam desviar do tiro, também estavam muito longe para as forças espanholas explorar as brechas que causavam. (HASSIG, 2006, p.155, tradução nossa).¹¹⁴

Prestes a perder a guerra, Cortés e seus homens fugiram para o mar, onde contavam com o poder dos navios espanhóis:

A pequena força de Cortés não era páreo para os astecas que se aproximavam e ele abandonou a ilha para encontrá-los no mar, onde ele tinha a vantagem de navios espanhóis. Neste primeiro embate naval, os brigantinos se mostraram convincentemente superior, navegando e atacando as canoas que fugiram para canais estreitos demais para que os navios de Cortés as seguissem. (HASSIG, 2006, p.156, tradução nossa).¹¹⁵

As batalhas foram longas, muitas vezes os astecas as venceram; mas, mais de uma vez, foram forçados a retroceder:

Os astecas estavam sendo lenta, mas inexoravelmente empurrados para trás ao longo das calçadas, e eles reconheceram que tinham que tomar a ofensiva ou estariam condenados. Durante a campanha, os astecas haviam atacado os campos de espanhóis, mas agora Cuauhtemoc ordenou um ataque noturno simultâneo de terra e água em todos os três campos espanhóis. Os ataques noturnos eram difíceis de coordenar e controlar, mas os astecas sabiam exatamente onde eram os campos espanhóis. Além disso, eles sabiam que os brigantinos eram menos úteis à noite. Os ataques foram realizados em duas noites sucessivas, mas, embora vários espanhóis tenham sido mortos, os astecas não

¹¹³ Moreover, the Aztecs could not attack the rear, because it was protected by large numbers of Indian allies, allowing the Spaniards to concentrate on their front. (HASSIG, 2006, p.152).

¹¹⁴ The Aztecs tried to fight in their own way but were forced to adjust their tactics in response to Spanish weaponry. Cannons were particularly devastating because they could kill from a distance that Aztec weapons could not reach. But the Aztecs soon learned that the cannons could fire only in a straight line, so they began to dodge from side to side instead of marching in straight lines, and they ducked when the cannons were about to fire rather than remaining erect. Moreover, if a cannon fired from far enough away that the Aztecs could dodge the shot, it was also too far away for the Spanish forces to exploit the breach it caused. (HASSIG, 2006, p.155).

¹¹⁵ Cortés's small force was no match for the approaching Aztecs and he abandoned the island to meet them at sea, where he had the advantage of Spanish ships. In this first naval engagement, the brigantines proved convincingly superior, sailing through and overturning the canoes, which then fled into canals that were too narrow for Cortés's ships to follow. (HASSIG, 2006, p.156).

conseguiram desalojar os exércitos. (HASSIG, 2006, p.164, tradução nossa).¹¹⁶

Perdiam batalhas, recolhiam feridos e mortos, reuniam forças e contra-atacavam. Finalmente, em uma dessas campanhas, tiveram sucesso:

A campanha continuou como antes, embora os espanhóis tivessem revezes da experiência. Durante um ataque em 30 de junho, os astecas fingiu uma retirada e Cortés os perseguiu, deixando de preencher um violar antes de atravessar, algo que era mais fácil de fazer agora que menos aliados acompanharam esses ataques. Os astecas enviaram sua guerra canoas na brecha e depois se virou e atacou, pegando os espanhóis entre as duas forças. Cortés foi ferido na perna e foi apreendido e arrastado por vários astecas até que foi resgatado por seus homens. Sessenta e oito outros espanhóis foram capturados vivo, e oito cavalos foram mortos. (HASSIG, 2006, p. 165, tradução nossa).¹¹⁷

Enfim, houve uma grande vitória dos astecas, mas ficou conhecida porque os espanhóis a contaram. Conhecemos o episódio pelo que os espanhóis chamaram de *A noite triste* em 30 de junho de 1520, *La Noche Triste*. Se os astecas pudessem escrever sobre o que houve e isso ficasse conhecido certamente seria como uma noite de alívio, uma noite em que eles acalentaram a esperança de terem ficado livres dos invasores.

Nessa ocasião, os espanhóis capturados foram levados ao Templo Maior e sacrificados. Se pudessem ver, os astecas mortos no massacre do templo enquanto dançavam e faziam oferendas aos seus deuses, se sentiriam vingados. “Dez dos cativos espanhóis desta batalha foram levados ao México e ao Grande Templo em Tenochtitlán e sacrificados. Suas cabeças decepadas foram então enviadas para a frente de batalha e jogadas nos espanhóis, que devem tê-los desmoralizado.” (HASSIG, 2006, p. 166, tradução nossa).¹¹⁸

¹¹⁶ The Aztecs were being slowly but inexorably pushed back along the causeways, and they recognized that they had to take the offensive or they were doomed. Throughout the campaign, the Aztecs had attacked the Spaniards' camps, but now Cuauhtemoc ordered a simultaneous night attack from land and water on all three Spanish camps. Night attacks were difficult to coordinate and control, but the Aztecs knew precisely where the Spanish camps were. Moreover, they knew that the brigantines were less useful at night. The attacks were carried out on two successive nights, but although a number of Spaniards were killed, the Aztecs failed to dislodge the armies. (HASSIG, 2006, p.164).

¹¹⁷ The campaign continued as before, although the Spaniards did experience setbacks. During an assault on 30 June, the Aztecs feigned a withdrawal and Cortés pursued them, neglecting to fill a breach before he crossed, something that was easier to do now that fewer allies accompanied these assaults. The Aztecs sent their war canoes into the breach and then turned and attacked, catching the Spaniards between the two forces. Cortés was wounded in the leg and was seized and being dragged off by several Aztecs when he was rescued by his men. Sixty-eight other Spaniards were captured alive, and eight horses were killed. (HASSIG, 2006, p. 165).

¹¹⁸ “Ten of the Spanish captives from this battle were taken to the Mexico and the Spanish Conquest Great Temple in Tenochtitlan and sacrificed. Their severed heads were then sent to the battlefield and thrown at the Spaniards, which must have demoralized them.” (HASSIG, 2006, p. 166).

Depois de rechaçados, Cortés recebe reforços espanhóis, volta à Tenochtilán e contra-ataca.

Mesmo nos dias finais da batalha por Tenochtitlan, quando estavam exaustos e famintos e seus melhores soldados já estavam mortos ou feridos, os astecas ainda eram capazes de cortar e matar muitos indígenas inimigos quando atacavam sem o apoio da Espanha. A superioridade convencional dos astecas era tão impressionante que os espanhóis às vezes se disfarçavam de indígena e marcharam no meio de seus aliados para convencer os astecas a atacar o que parecia ser uma força indígena sem apoio das armas espanholas. Se os astecas atacassem, os espanhóis disparariam suas armas antes que percebessem o que estava acontecendo. Durante a conquista, os astecas capturaram armas. Mas canhões e presumivelmente arcabuses foram destruídos ao invés de usados quando caíram nas mãos astecas, porque os astecas não tinham pólvora e não podiam dominar a complexidade das armas, não tendo nenhuma similar. Por exemplo, quando os espanhóis entraram pela primeira vez na praça central de Tenochtitlan, eles colocaram um canhão no topo da pedra de sacrifício de gladiadores e dispararam contra os astecas no pátio. Eles então fugiram quando contra-atacados, deixando o canhão para trás. (HASSIG, 2006, p. 172, tradução nossa).¹¹⁹

Como comentado por Hassig (2006), a falta de domínio das armas espanholas, foram decisivas para a derrota asteca. Quando Cortés capturou Cuauhtemoc, obteve a vitória:

Embora os astecas tivessem esgotado todas as suas armas, a resistência continuava. Cortés ordenou que os brigantinos navegassem através dos canais entre as casas. Ele também ordenou a um general que procurasse Cuauhtemoc para que ele pudesse ser capturado vivo. Depois desse assalto terrestre final, os astecas se renderam. (HASSIG, 2006, p. 173, tradução nossa).¹²⁰

Se os dois lados, espanhóis e astecas, tivesse visto o outro como realmente eram, talvez o resultado fosse diferente e pudéssemos saber como a região do vale do México seria hoje, no século XXI. Erroneamente, os astecas acharam que os

¹¹⁹ Even in the final days of the battle for Tenochtitlan, when they were exhausted and hungry and their best soldiers were already dead or wounded, the Aztecs were still able to cut off and kill many enemy Indians when they attacked without Spanish support. The Aztecs' conventional superiority was so striking that the Spaniards sometimes disguised themselves as Indians and marched in the middle of their allies in order to entice the Aztecs into attacking what appeared to be an Indian force unsupported by Spanish arms. If the Aztecs did attack, the Spaniards would fire their weapons before the Aztecs realized what was happening. Throughout the conquest, the Aztecs captured weapons. But cannons and presumably harquebuses were destroyed rather than used when they fell into Aztec hands, because the Aztecs lacked powder and could not master the weapons' complexity, having no similar ones of their own. For instance, when the Spaniards first entered Tenochtitlan's central plaza, they placed a cannon atop the gladiatorial sacrifice stone and fired at the Aztecs in the courtyard. They then fled when counterattacked, leaving the cannon behind. (HASSIG, 2006, p. 172).

¹²⁰ Even though the Aztecs had exhausted all their weapons, resistance continued, and Cortés ordered the brigantines to sail through the canals among the houses. He also ordered a general search for Cuauhtemoc so he could be captured alive. After this final land assault, the Aztecs surrendered. (HASSIG, 2006, p. 173).

espanhóis eram melhores do que eram e perderam um tempo precioso em rechaçá-los. Esperaram que eles tomassem conhecimento de seus segredos e táticas, de seus inimigos e tomassem ciência sobre o modo pelo qual lutavam. Deixaram que eles entrassem em sua cidade e se acercassem de seu *tatloani*. Os convidaram para dentro de seus castelos em vez de eliminá-los logo que atracaram seus navios. Dito isso, vale complementar que, às vezes, vacilar significa perder a batalha e que o mal, depois de cortado, não progride e não evolui.

2.1.1 As consequências que se arrastam até os dias de hoje

Ross Hassig (2006) faz uma pergunta que se revela um balanço do que significa para o México atual aquela derrota para o bando espanhol: “Se a conquista do México foi uma vitória de indígena sobre indígena, no entanto, ao invés de uma vitória espanhola sobre os índios, por que todos os índios se saíram tão mal depois disso? A resposta pode ser encontrada em grande parte nos diferentes objetivos perseguidos tanto pelos indígenas quanto pelos espanhóis.” (HASSIG, 2006, p. 180).¹²¹ Os indígenas que ajudaram os espanhóis, não puderam alcançar a grandiosidade do que estavam fazendo.

O encontro dos espanhóis com os índios não foi simplesmente "contato cultural", no qual inovações benéficas foram livremente adotadas ou fundidas nas culturas existentes. Foi uma conquista, sinalizada por derrota militar e afetando bastante o domínio cultural. As noções conquistadas pelos mesoamericanos sobre a natureza da o mundo não era apenas questionado, mas suprimido, subordinado, destruídas e ideias culturais estranhas foram impostas, pelo menos superficialmente, mesmo que não tenham sido internalizados. A derrota de Tenochtitlán deixou os espanhóis com uma vitória que eles poderiam reivindicar, e eles apreenderam o poder político e econômico com o qual eles poderiam impor sua cultura. A derrota deixou os astecas e o resto Mesoamérica com pouca alternativa a não ser se adaptarem: eles perderam o poder de manter sua própria cultura em algo acima do local nível. (HASSIG, 2006, p. 180, tradução nossa).¹²²

¹²¹ “If the conquest of Mexico was an Indian victory over Indians, however, rather than a Spanish victory over Indians, why did all the Indians fare so poorly thereafter? The answer can be found largely in the different goals pursued by the Indians and the Spaniards. (HASSIG, 2006, p. 180).

¹²² The Spaniards’ encounter with the Indians was not simply “culture contact,” in which beneficial innovations were freely adopted or merged into the existing cultures. It was a conquest, signaled by military defeat and greatly affecting the cultural realm. The conquered Mesoamericans’ very notions about the nature of the world were not merely questioned but suppressed, subordinated, or destroyed, and alien cultural ideas were imposed, at least superficially, even if they were not internalized. The defeat of Tenochtitlan left the Spaniards with a victory they could claim, and they seized the political and economic power with which they could impose their culture. Defeat left the Aztecs and the rest of Mesoamerica with little alternative but to adapt: they had lost the power to maintain their own culture at anything above the local level. (HASSIG, 2006, p. 180).

Indubitavelmente, os indígenas que ajudaram os espanhóis e que acharam que estavam fazendo um bem para si próprios, pois que estariam livres da superioridade astecas, não poderiam imaginar o mal que estavam fazendo a si próprios e à cultura que compartilhavam:

Cada grupo ou facção agiu no que parecia ser o seu melhor interesse em decidir se aliava-se ou não aos espanhóis. Mas ninguém teria buscado conscientemente o destino que finalmente aconteceu a todos, por isso é duvidoso que algum dos índios que se aliaram aos espanhóis tenham previsto o abalo mundial que a conquista traria. (HASSIG, 2006, p. 193, tradução nossa).¹²³

Nada mais impróprio, realmente, do que o termo “encontro”, bem como o termo “conquista.” Mais apropriado seria denominar esse episódio de massacre, genocídio, escravidão ou desastre. Caberiam ainda as palavras desencontro ou colisão. Cabe também aqui as palavras escritas por Eduardo Galeano sobre o que resultou, para os indígenas, essa entrada dos espanhóis (aqui se incluem as outras invasões de portugueses) em seus territórios, que cortou a sequência da evolução e progresso dessas culturas.

As ilhas artificiais e os aquedutos criados pelos astecas deslumbraram Hernán Cortez, embora não fossem de ouro. A conquista rompeu as bases daquelas civilizações. Piores consequências do que o sangue e o fogo da guerra teve a implantação de uma economia mineira. As minas exigiam grandes transposições populacionais e desarticulavam as unidades agrícolas comunitárias; não só extinguíam inúmeras vidas através do trabalho forçado como também, indiretamente, extinguíam o sistema coletivo de cultivos. Os índios eram conduzidos aos socavões, submetidos à servidão pelos “encomienderos” e constrangidos a entregar a troco de nada as terras que, obrigatoriamente, tinham deixado ou que não podiam cuidar. Na costa do Pacífico os espanhóis destruíram ou deixaram secar enormes cultivos de milho, mandioca, feijão, feijão-branco, amendoim, batata-doce; o deserto devorou rapidamente grandes extensões da terra que tinha recebido vida da velha rede de irrigação. Quatro séculos e meio depois da conquista, só restam rochas e matagais no lugar da maioria dos caminhos que uniam o império. (GALEANO, 1971, p.45).

Esses povos não conseguiram até os dias de hoje, se recuperar desse espólio que sofreram. O que sobrou foram despojos de guerra, restos e fragmentos que resultaram em declínio e pobreza, que não cessam de se estender. Segundo o economista Gerardo Esquivel, professor-pesquisador do Colégio do México, essa é “uma região tão pobre que precisa de uma estratégia de desenvolvimento integral,

¹²³ Each group or faction acted in what it felt to be its own best interests in deciding whether or not to ally with the Spaniards. But none would have knowingly sought the fate that ultimately befell them all, so it is doubtful that any of the Indians who allied with the Spaniards foresaw the world-shattering changes the conquest would bring. (HASSIG, 2006, p. 193).

de um investimento massivo de infraestrutura que mude a dinâmica dessas terras”. O que resultou do processo de “conquista” foi um México despojado de suas riquezas.

Ross Hassing percebe que as consequências das mudanças intencionais feitas pelos espanhóis se alastram até os dias de hoje, nas áreas de religião e organização política. Outras mudanças não foram intencionais, tais como alterações na economia indígena, introdução de animais desconhecidos e inexistentes na região, despovoamento e mudanças na organização social.

Converter as pessoas à religião católica tinha também finalidade política, pois que fazia com que a Espanha tivesse a benção da igreja e fosse vista com bons olhos. Os espanhóis, assim que se sentiram fortes o suficiente para fazer isso, suprimiram as religiões nativas: “Como a hierarquia religiosa nativa desmoronou, assim também sucumbiu o apoio crucial à estrutura social nativa e seu regime político.”¹²⁴(HASSIG, 2006, p. 184, tradução nossa). Mesmo que as crenças dos nativos não morrerem em seus âmagos, qualquer demonstração ou menção pública a elas, desapareceram. “No início da década de 1530, o bispo Zumarraga iniciou uma eclesiástica inquisição no México, na tentativa de erradicar as crenças nativas. Um grande número de índios foram julgados e condenados por heresia e queimados na fogueira, entre eles vários líderes políticos de destaque.” (HASSIG, 2006, p. 185, tradução nossa).¹²⁵Esse fato aterrorizador, muito provavelmente, manteve os nativos impedidos de externar qualquer de suas crenças originais. Os espanhóis mantinham exércitos por medo de rebeliões nativas que, entretanto, nunca aconteceram.

Em meados do século XVI, as cidades indígenas adotaram amplamente formas políticas, incluindo conselhos municipais, vereadores, juízes e outros funcionários. [...] Apesar da presença de oficiais indígenas, o controle, mesmo no nível municipal foi cada vez mais exercido por espanhóis ou proprietários de terras que permitiam aos índios operassem somente dentro dos limites prescritos. (HASSIG, 2006, p. 186, tradução nossa).¹²⁶

¹²⁴ As the native religious hierarchy crumbled, so, too, did a crucial support of the native social structure and its political regime. (HASSIG, 2006, p. 184).

¹²⁵ In the early 1530s, Bishop Zumarraga began an ecclesiastical inquisition in Mexico in an attempt to eradicate native beliefs. A number of Indians were tried and convicted of heresy and burned at the stake, among them several prominent political leaders. (HASSIG, 2006, p. 185).

¹²⁶ By the mid-sixteenth century, Indian towns had largely adopted Spanish political forms, including town councils, councilmen, judges, and other officials. Despite the presence of Indian officials, control even at the town level was increasingly exercised by Spanish clergy or landowners who permitted the Indians to operate only within prescribed limits. (HASSIG, 2006, p. 186).

O poder de mando dos indígenas, que já era a nível figurativo, ficou cada vez mais, a cargo dos espanhóis. A maior consequência desse contato com os espanhóis foi o despovoamento. Graças à guerra e aos vírus trazidos, a população, que eram de cerca de 25,2 milhões de pessoas, caiu em 95 por cento, para pouco mais de um milhão. A maioria dos que morreram eram bebês, crianças, idosos e enfermos, o que deixou uma população incomum perfil. Afortunadamente, para os espanhóis, essa mortalidade não afetou o sistema econômico, pois havia braços para trabalhar, gratuitamente, em suas *encomiendas*: “A maior porcentagem daqueles que sobreviveram eram adultos, portanto, embora a população total agora fosse significativamente menor, era, de fato, mais saudável em termos econômicos”. (HASSIG, 2006, p. 188, tradução nossa).¹²⁷

Dito tudo isso, ficam evidentes as razões da pobreza que se abateu sobre o México e que só evoluíram até os dias atuais. A origem está na entrada dos espanhóis em suas terras e em suas vidas. Esses homens provocaram abalos que assolaram a cultura, a vida econômica e populacional dos que conseguiram sobreviver.

2.2 O papel de Malinche em eventos sanguinários da “conquista”

Com informações retiradas do Código Florentino de Sahagún, León-Portilha nos diz que os tlaxcaltecas eram inimigos do povo de Cholula.

Nesta época, os tlaxcaltecas eram inimigos de Cholula. Eles temiam os cholultecas; eles invejaram e amaldiçoaram; suas almas queimavam com ódio pelo povo de Cholula. É por isso que eles trouxeram certos rumores para Cortés, para que ele os destruísse. Eles disseram: "Cholula é nossa inimiga. É uma cidade do mal. As pessoas são tão corajosas quanto os astecas e são as amigas dos astecas." Quando os espanhóis ouviram isso, eles marcharam contra Cholula. Eles foram guiados e acompanhados pelos tlaxcaltecas e os chefes de Cempoala, e todos eles se armaram em ordem de batalha. (LEÓN-PORTILLA, 1992, p. 40, grifo nosso, tradução nossa)¹²⁸

¹²⁷ “The largest percentage of those who survived were adults, so even though the total population was now significantly smaller, it was, in fact, healthier in economic terms.” (HASSIG, 2006, p. 188).

¹²⁸ At this time the Tlaxcaltecas were enemies of Cholula. They feared the Cholultecas; they envied and cursed them; their souls burned with hatred for the people of Cholula. This is why they brought certain rumors to Cortes, so that he would destroy them. They said to him: "Cholula is our enemy. It is an evil city. The people are as brave as the Aztecs and they are the Aztecs' friends." When the Spaniards heard this, they marched against Cholula. They were guided and accompanied by the Tlaxcaltecas and the chiefs from Cempoala, and they all marched in battle array. (LEÓN-PORTILLA, 1992, p. 40).

Um capítulo do livro de León-Portilha, *Negotiations Before the Battle*, é baseado em fontes retiradas da *Historia de Tlaxcala* de Diego Munoz Camargo. Portilla nos diz que os tlaxcaltecas avisaram os habitantes de Cholula para receberem bem os espanhóis que esses eram amigos, mas que não quiseram ouvir os conselhos dos tlaxcaltecas, por isso morreram: “Antes de a batalha começar, a cidade de Tlaxcala enviou mensageiros e embaixadores a Cholula para pedir paz e dizer que eles não marchariam contra os cholultecas.” (LEÓN-PORTILLA, 1992, p. 45, tradução nossa).¹²⁹

Informações anteriores retiradas do *Código Florentino* de Sahagún dizem que os tlaxcaltecas eram inimigos dos cholultecas e, portanto, ressalta uma enorme discrepância no que se refere às informações de Diego Muñoz. Sahagún nos diz que os primeiros avisaram os últimos que iriam em paz. Ora, inimigos não mandam mensageiros dizendo que irão a sua cidade, com estrangeiros, mas que irão em paz. E, se mandassem, os habitantes de Cholula acreditariam, esperariam tranquilamente os inimigos e os amigos de seus inimigos que viessem e lhes dariam acomodações pelos dias que quisessem permanecer?

Nas *Cartas de relação*, Cortés (PADGEN, 1986, p.74) escreve ao rei que Malinche descobriu um complô. O mesmo nos diz Bernal Díaz:

Então Dona Marina foi rapidamente ao capitão e contou-lhe tudo o que passara com a índia. Cortés imediatamente ordenou que ela fosse trazida diante dele, e a questionou sobre essas tramas e ela disse a ele nem mais nem menos do que os sacerdotes já tinham dito, então ele colocou um guarda sobre a mulher para que ela não pudesse escapar. (CARRASCO, 2008, p. 139, grifo nosso, tradução nossa).¹³⁰

León-Portilha descreve o massacre de Cholula baseado em texto extraído de *Historia de Tlaxcala* de Diego Munoz Camargo:

Os tlaxcaltecas ficaram enfurecidos com o tratamento desumano de Patlahuatzin. Eles tomaram essa crueldade impensável como uma grande afronta, uma vez que todos os embaixadores eram tradicionalmente respeitados e honrados por reis e senhores estrangeiros, a quem eles relatavam os tratados, guerras e outros eventos que aconteciam nessas províncias e reinos. Por isso disseram a Cortés: "Senhor mais valente, desejamos ajudá-lo, a fim de buscar vingança contra Cholula por sua

¹²⁹ “Before the battle began, the city of Tlaxcala sent messengers and ambassadors to Cholula to ask for peace and to say that they were marching not against the Cholultecas.” (LEÓN-PORTILLA, 1992, p. 45).

¹³⁰ Then Doña Marina went swiftly to the Captain and told him all that had passed with the Indian woman. Cortés at once ordered her to be brought before him, and questioned her about these treasons and plots, and she told him neither more nor less than the priests had already said, so he placed a guard over the woman so that she could not escape. (CARRASCO, 2008, p. 139).

maldade insolente, e conquistar e destruir aquela cidade e sua província. Um povo tão teimoso e cruel, tão perverso e malvado. tiranos, não devem permanecer vivos. E se não houvesse outra causa além disso, eles mereceriam o castigo eterno, pois não nos agradeceram por nosso bom conselho, mas nos desprezaram e nos desprezaram por causa de nosso amor por você. " O valente Cortés respondeu-lhes com um rosto severo: "Não tenha medo. Prometo vingança." E ele manteve essa promessa, travando uma guerra cruel em que vastas multidões foram massacradas, como está registrado nas crônicas. (LEÓN-PORTILLA, 1992, pp. 46-47, tradução nossa).¹³¹

Nesse excerto, os tlaxcaltecas declaram-se desejosos de vingar os espanhóis e por isso querem matar os cholultecas e Cortés promete a eles a vingança desejada. Qual teria sido a verdadeira intenção de Cortés ao praticar o massacre de Cholula? Talvez quisesse provocar o temor (SAHAGÚN, 2009, p. 415), ou talvez quisesse ajudar os novos amigos, os tlaxcaltecas?

Malinche não é mencionada. Mas Cortés a menciona nas cartas *de relación*.

Considerando-se que Diego Muñoz Camargo era descendente de nativos de Tlaxcala, escreve a única monografia existente daquela nacionalidade *A História de Tlaxcala*, em 1585, não muitos anos depois dos fatos, e não menciona a participação de Malinche o que é deveras surpreendente. Seria por que ela não estava envolvida nesse evento? Teria Malinche sido apontada por Hernán Cortés em sua carta a Carlos V, sem ter nada a ver com os acontecimentos do massacre de Cholula? Quando acusado por ter sido cruel demais com os nativos, teria Cortés inventado essa história? León-Portilla descreve um retrato dos fatos: "Então o massacre repentino começou: golpes de faca, golpes de espada e morte. O povo de Cholula não o previra, não suspeitava disso. Eles enfrentaram os espanhóis sem armas, sem suas espadas ou seus escudos. **A causa do massacre foi a traição.**" (LEÓN-PORTILLA, 1992, p. 40, grifo nosso, tradução nossa)¹³² Que traição teria

¹³¹ The Tlaxcaltecas were enraged at this inhuman treatment of Patlahuatzin. They took such unthinkable cruelty as a great affront, since all ambassadors were traditionally respected and honored by foreign kings and lords, to whom they reported the treaties, wars and other events that took place in these provinces and kingdoms. Therefore they said to Cortes: "Most valiant lord, we wish to accompany you, in order to seek vengeance against Cholula for its insolent wickedness, and to conquer and destroy that city and its province. A people so obstinate and vicious, so evil and tyrannous, should not remain alive. And if there were no other cause than this, they would deserve eternal punishment, for they have not thanked us for our good counsel, but have scorned and despised us because of our love for you." The valiant Cortes answered them with a stern face: "Have no fear. I promise you revenge." And he kept this promise, waging a cruel war in which vast multitudes were slaughtered, as is recorded in the chronicles. (LEÓN-PORTILLA, 1992, pp. 46-47).

¹³² "Then the sudden slaughter began: knife strokes, and sword strokes, and death. The people of Cholula had not foreseen it, had not suspected it. They faced the Spaniards without weapons, without

sido essa? Quem seria o traidor? Malinche, como diz Cortés em sua carta ao rei? Estaria Cortés somente buscando justificativa para o injustificável?

Sobre isso escreve Jager (2015):

Cortés **justificou a brutalidade contra Cholula** em sua quinta carta de relação, na qual ele insistia que Malinche descobrira uma conspiração nativa para interromper o avanço espanhol. [...] **Cortés usou essa história do aviso de Malinche para justificar seu ataque preventivo a Cholula, retratando como um ato de autodefesa.** Embora **Bernal Díaz tenha substanciado a alegação de Cortés em sua lembrança**, é difícil determinar se o ataque do espanhol a Cholula foi justificado. Malinche não deixou nenhum registro. Os autores espanhóis deram a única explicação e usaram a suposta espionagem de Malinche como justificativa para suas ações. Muitas autoridades na Espanha, recusou-se a aceitar a conta de Cortés e lamentou sua brutalidade contra os índios (particularmente Bartolomé de las Casas). (JAGER, 2015, p. 55, tradução nossa, grifos nossos).¹³³

Ao dizer que somente reagiu a um ataque que soubera iminente, justifica a si mesmo. Mais tarde Bernal Díaz conta a mesma história que Hernán Cortés.

Ele poderia ter agido exclusivamente para mostrar amizade ao povo de Tlaxcala e assim obter aliados poderosos na sua investida contra Tenochtlán. O papel de Malinche nesses eventos pode ter sido nulo. Então talvez, Malinche tenha passado à história como traidora, não só, mas principalmente pelo papel desempenhado por ela como aquela que denunciou a descoberta do complô contra Cortés e responsável por um monstruoso massacre sendo que a única prova contundente contra ela teriam sido as palavras de Hernán Cortés. Talvez o que soubesse do massacre tenha sido somente o que presenciou, como testemunha ocular.

Jager (2015) credita à Malinche um papel ativo no massacre: "No entanto, as negociações falharam em Cholula, e foi o aviso de Malinche que supostamente instigou o ataque espanhol à cidade. Malinche estava profundamente envolvida na

their swords or their shields. The cause of the slaughter was treachery." (LEÓN-PORTILLA, 1992, p. 40).

¹³³ Cortes justified the brutality against Cholula in his fifth progress letter, in which he insisted that Malinche had uncovered a Native plot to halt the Spanish advance.[...] Cortés used this story of Malinche's warning to justify his preemptive attack on Cholula, portraying it as an act of self-defense. Although Bernal Díaz substantiated Cortés's claim in his recollection, it is difficult to determine whether the Spaniard's attack on Cholula was warranted. Malinche left no record herself. The Spanish perpetrators gave the only explanation, and they used Malinche's alleged espionage as justification for their actions. Many authorities in Spain refused to accept Cortés's account and lamented his brutality against the Indians (particularly Bartolomé de las Casas).(JAGER, 2015, p. 55)

diplomacia e também na elaboração de estratégias quando a diplomacia não teve êxito.” (JAGER, 2015, p. 98).¹³⁴

Diego Muñoz Camargo, Sahagún e suas testemunhas oculares e contemporâneas aos fatos não citam o nome dela como participante ativa do massacre.

Bernal Díaz escreve sua versão dos fatos anos mais tarde, e corrobora a versão de Cortés. Entretanto, Carrasco (2008) ressalta:

Mesmo uma leitura casual dos resumos mostra que Díaz del Castillo continuava com argumentos polêmicos **com pelo menos dois outros livros (As Cartas de Cortés e A História da Conquista do México de Francisco López de Gómara)** e também impulsionava energeticamente uma certa justificação teológica. pela destruição cruel de cidades e pessoas. Os estudantes ficaram surpresos com as descrições detalhadas e insensíveis da violência cometida pelos maias e pelos mexicas, mas também ficaram incomodados com as justificativas de Díaz del Castillo sobre as marcas espanholas, o abuso sexual, as punições exemplares e os massacres. (CARRASCO, 2008, p. Xvi, grifo nosso, tradução nossa).¹³⁵

No ensaio introdutório de J. H. Elliott no livro *Hernán Cortés: Letters from Mexico* ele menciona que muito do que escreveu Bernal Díaz baseou-se no livro de Gómara (2009) *De La conquista de México*: “É duvidoso que houvesse muitos letrados ou homens latinos entre os seguidores um tanto desonestos de Cortés, e Díaz certamente copia Gómara, de quem ele emprestou muito mais do que ele estava preparado para admitir.” (ELLIOTT, 1986, p. xlii, tradução nossa).¹³⁶

Não há dúvidas da fidelidade e admiração que Bernal Díaz sentia por Hernán Cortés, visto que o defendeu em todo o seu trabalho escrito, bem como a si mesmo e todos os outros companheiros espanhóis. Ele poderia ter lido as cartas de Cortés, o que este tinha falado sobre Malinche, que esta tinha denunciado o complô, e escreveu o mesmo em *A história da conquista da nova Espanha*. Bernal Díaz,

¹³⁴“Negotiations ultimately failed in Cholula, however, and it was Malinche’s warning that supposedly instigated the Spanish attack on the city. Malinche was deeply involved in diplomacy and also in strategizing when diplomacy proved unsuccessful.” (JAGER, 2015, p. 98)

¹³⁵ Even a casual reading of the abridgments shows that Díaz del Castillo was carrying on polemical arguments with at least two other books (the Letters of Cortés and The History of the Conquest of México by Francisco López de Gómara) and also energetically pushing a certain theological justification for the vicious destruction of towns and people. Students were taken aback by the detailed and callous descriptions of violence committed by the Maya and the Mexica, but they also were troubled by Díaz del Castillo’s justifications of Spanish brandings, sexual abuse, exemplary punishments, and massacres. (CARRASCO, 2008, p. xvi).

¹³⁶ “It is doubtful that there were many letrados or hombres latinos amongst Cortes’ somewhat disreputable followers, and Díaz is surely only copying Gomara, from whom he borrowed far more than he was ever prepared to admit.” (ELLIOTT, 1986, p. xlii).

talvez, fosse o próprio Hernán Cortés, como afirma Duverger (2014), um personagem fictício, um autor inventado por outro autor.

Em Tápia (1972) se fala da participação dos tlaxcaltecas, do medo de Cortés e dos homens, mas não se refere à Malinche ou sua participação do massacre de Cholula:

Cholula aceitou com relutância, e nenhum dos dois queria nos alimentar, nem milho para os cavalos, mas todas as pessoas de má arte. E como o Marquês viu todas essas coisas, ele temeu alguma traição e ordenou que todo o povo estivesse muito pronto, e andassem com grande cuidado; ele sabia que ali, perto de Cholula, havia uma guarnição de pessoas do México e, ratificado disso, ele determinou que, antes de nos levarem para dormir, para cuidarmos uns dos outros, e eu o fiz, embora não com pouco perigo para nós. E isso foi feito com a ajuda daqueles de T'laxcala que estavam a nosso favor, por causa das amizades que fizeram conosco, e a cidade de Cholula foi destruída, embora logo tenha sido redefinida e povoada. (VÁSQUEZ DE TAPIA, 1972 pp. 17-18, tradução nossa).¹³⁷

Em muitos romances, Malinche tem participação ativa quanto ao massacre de Cholula. Observemos dois exemplos de romances do século XX como Malinche é representada no evento:

Jane Lewis Brandt (1981) escreve *Malinche* e descreve a participação da personagem-título nos acontecimentos de Cholula. A autora cria um personagem-narrador totalmente fictício, Arturo Mandragón, que descreve os acontecimentos em Cholula. Diz ele que os espanhóis foram recebidos com música e que os nobres traziam suas esposas para conhecer os espanhóis e que um banquete foi preparado para eles. Durante o banquete, uma mulher da nobreza se ajoelhou ao lado de Malinche e conversou longamente com ela. Depois disso, ela chama Cortés e vários espanhóis que prendem a dama de Cholula. A indígena confessa, aterrorizada, que Montezuma havia subornado os nobres de Cholula para que aniquilassem os espanhóis quando esses saíssem da cidade, com a ajuda de astecas que esperariam do lado de fora da cidade. Logo depois, chega perto de Malinche e a reprova por estar do lado dos espanhóis, sendo indígena. Malinche responde que o motivo era que havia se tornado cristã. (BRANDT, 1981, pp.152-157) Vemos que

¹³⁷ Cholula aceptaron de mala gana, y ni nos querían dar de comer, ni maiz para los caballos, sino toda la gente de mal arte. Y como el Marqués vió todas estas cosas, temió de alguna traición y mandó que toda la gente estuviese muy apercebida, y andando con gran aviso inquiriendo, supo que allí, cerca de Cholula, estaba una guarnición de gente de México y, ratificado dello, determinó, que antes que nos tomasen durmiendo, de dar en los unos y en los otros, y así lo hice, aunque no con poco peligro nuestro. Y así se hizo con ayuda de los de T'laxcala que estaban en nuestro favor, por las amistades que habían hecho con nosotros, y se destruyó la Ciudad de Cholula, aunque presto se tornó a redificar y poblar. (VÁSQUEZ DE TAPIA, 1972, pp. 17-18).

Jane Lewis Brandt (1981) no que se refere ao massacre de Cholula, segue as indicações de Gómara e Cortés e, mais exatamente e com detalhes, a indicação de Bernal Díaz Del Castillo: Malinche teria descoberto o complô, contou o plano a Cortés que comanda o massacre.

Conclui-se que a autora do romance *Malinche*, Jane Lewis Brandt (1981) segue fielmente a indicação de Bernal Díaz para construir a representação de sua personagem quanto ao massacre de Colula.

Sobre esse massacre, nos diz Clayton (2011), que pode ter sido um ato de astuta inteligência; Sahagun avalia que pode ter sido uma demonstração de força com a intenção de espalhar o terror e Las Casas compartilha dessa opinião. Em Codex Aubin, não há referências à Malinche. Quando aqui se fala de *Malintzin*, se fala do capitão, de Hernán Cortés, que assim era chamado pelos nativos. É narrado que Montezuma pede a Cortés para que a festa de Toxcatl aconteça e seja celebrada pelos nahuatls em honra de Huitzilopochtli:

Concluído, disse **Moctezuma a Malintzin**: "veja como Deus nos permitiu celebrar este 10º feriado, agora finalmente dançaremos e se por embriaguez (narcóticos) começarmos a confusão ou gritos, terminaremos." E o capitão respondeu: "Chega, você não dirá o que eu ouvi". Então eles saíram (os espanhóis) para atacar ou executar outros castelhanos que vieram, permanecendo sozinhos na cidade com seu povo Tonatiuli (Alvarado). Moctezuma se reuniu com seu povo, ele disse: "Eu tenho consultado com Deus, e agora vamos celebrar. Organizem as coisas como deveria ser". Eles, os nobres, responderam: "Vamos chamar os mais velhos que se foram, e manifestar-nos em ordem "respondendo os anciãos" é feito como de costume e, em seguida, "em seguida, disse um cacique:" fazer isso o conhecimento do homem que ficou, nós passá-lo em Cholula, que já se reuniram morto em muito, e é bom que tenhamos um bom número de escudos." Moctezuma disse: "nós somos tolos? e o personagem respondeu: "bem, chega." (CODICE AUBIN, 1902, p.98, grifo nosso, tradução nossa).¹³⁸

Diz o códice Albin que os espanhóis chegaram a Tenochtitlan em 25 de novembro, dez dias antes da chegada da festa dos Quecliulli. Eles seguiram lá, nas

¹³⁸ Concluidos, dijo Moctezuma á Malintzin: "vea Dios cómo nos permitió celebrar esta 10ª festividad. Ahora para terminar bailaremos, y si por la embriaguez (narcótico) comienza la confusión ó gritería, terminaremos." Y contestó luego el capitán: "Basta, no liareis lo que he oído." Luego partieron (los españoles) á atacar ó correr á otros castellanos que venían, quedando solo en la ciudad con su gente Tonatiuli (Alvarado). Reunido Moctezuma con los suyos, dijo: "He consultado con Dios, y ya (pie llegó su fiesta, solemnicémosla. Disponed las cosas de cómo ha de ser." Respondieron los nobles: "llamemos á los ancianos que se han ido; y presentes les manifestaremos el objeto," contestando los ancianos: "que se haga como de costumbre y luego." Entonces dijo un principal: "haced esto del conocimiento de ese hombre que hospedamos, no nos pase lo de Cholula, que ya reunidos los mataron en montón, y bueno es que guardemos un buen número de escudos." Dijo Moctezuma: "necio, ¿acaso estamos y respondió el personaje: "bien, basta." (CODICE AUBIN, 1902, p. 98).

festas de Atemoztli, titill, Izcalli, Cuahuitlehua, Xilopehualiztli, Tozoztontli, Huitozotli. Em Tozcatl os astecas sacrificariam prisioneiros à Huitzilopochtli, dançariam e cantariam canções. Apesar de ficarem com medo de que se repetisse o massacre de Cholula, os astecas se desarmaram porque os espanhóis eram amigos e de confiança.

Segundo León-Portilla (1992) que se baseou em Codex Ramires, Codex Aubin e XII *relacion* de Alva Ixtlilxochitl para narrar com detalhes a festa de Toxcatl e a posterior matança que ocorreu, Montezuma pede que Malinche que interfira a favor da junto a Cortés e a esse Montezuma se refere como a um deus: “Por favor, peça ao deus para me ouvir. Está quase na hora de celebrar a festa do Toxcatl. Ela durará apenas dez dias e pedimos sua permissão para segurá-la. Nós simplesmente queimamos um pouco de incenso e dançamos nossas danças. Haverá um pouco de barulho por causa da música, mas isso é tudo. O Capitão disse: "Muito bem, diga a ele que podem." (LEÓN-PORTILLA, 1992) p.80, tradução nossa)¹³⁹ E Hernán Cortés permite que aconteça a festa à Huitzilopochtli.

Essa matança foi motivada, segundo Las Casas, pelo desejo de fazê-los temer cada vez mais os espanhóis.

Relembrando, a figura catorze, do *Lienzo de Tlaxcala* mostra Malinche como figura central na matança. Ela estava lá, mas não se sabe o porquê, qual era o seu papel. Nenhuma outra fonte a menciona.

Seger (2014) diz que Malinche teria ativa participação nesse massacre, que ela conquistado a confiança das mulheres locais denunciado o complô. Talvez Malinche tenha sido apenas uma justificativa para os massacres, inclusive o de Tapeaca, povoado inimigo do povo de Tlaxcala:¹⁴⁰

O uso de La Malinche para justificar atos condenáveis como “o massacre de Cholula” não aparece tão somente nesse momento, mas também no caso do chamado complô de Tepeaca. Esse episódio, muito parecido com o anteriormente referido, também envolveu um ato violento a uma cidade indígena com grande número de mortos entre os nativos [...] ela teria conquistado a confiança das mulheres locais e, cientificada de que os homens armavam uma reação, teria denunciado o complô. Há de ser correta essa informação: vê-se que ela, nesses momentos, ultrapassou a

¹³⁹ “Please ask the god to hear me. It is almost time to celebrate the fiesta of Toxcatl. It will last for only ten days, and we beg his permission to hold it. We merely burn some incense and dance our dances .. There will be a little noise because of the music, but that is all.” The Captain said: "Very well, tell him they may hold it.” (LEÓN-PORTILLA, 1992. p.80).

¹⁴⁰ It was a large, important polity located in today's central Puebla and maintained hostile relations with the Tlaxcalteca. (GÓMARA, p. 2009, 172).

condição de intérprete, assumindo a defesa e proteção dos interesses castelhanos. (SEGER, 2014, p. 122).

Em Tápia (1972) se fala da ansiedade de Cortés em guerrear, mas ele não cita qualquer participação de Malinche:

E como **o Marquês não via a hora para começar a guerra** e parecia que os dias duravam um ano, como lastimava o passado, mandou preparar as pessoas e levou confirmam os de Tlaxcala de sua amizade, que lhe prometeram ser bons amigos e fiéis e dar-lhe grande ajuda das pessoas, para guerrear contra os de Cholula; e assim determinado a sair, com os espanhóis e cavalos eu tinha, e os homens de guerra que deram aqueles de Tlaxcala, o que seria mais de três mil homens, e concordou em entrar nos povoados sujeitos à Província de Tepeaca. Quando chegamos, nós os achamos tão propositalmente e com tantas pessoas, que nos deram muitos dias - bem para fazer. Enfim, chegamos a uma cidade principal na província, Acacingo, onde asentamos em Real e de lá fomos à cidade de Tepeaca e em toda a província, e fizemo-lhes guerra, que os fizeram se arrepender do que passou e pedirem a paz, que foi aceita com as condições que o Marquês colocou. (VÁSQUEZ DE TAPIA, 1972, pp. 45-46, grifo nosso, tradução nossa).¹⁴¹

Las Casas não menciona a participação de Malinche, nessa outra matança desmedida: "Outro grande massacre foi feito na cidade de Tepeaca, que era muito maior e mais vizinhança e gente, onde matavam com espadas infinitas pessoas com grande peculiaridade de crueldade." (LAS CASAS, 2006, p.60, tradução nossa).¹⁴²

Gómara (2009), biógrafo de Cortés, descreve como se deu essa guerra, no capítulo 117 chamado *A Guerra de Tepeaca*. Escreve ele que o chefe dos espanhóis declarou guerra contra uma grande cidade chamada Tepeaca, porque se dizia, não há confirmação de quem dizia isso, que dez ou doze espanhóis tinham sido assassinados perto dali, quando se dirigiam para o México. Também não há testemunhos quanto aos nomes dos espanhóis ou de sua quantidade exata. As declarações de Gómara dizem que para compensar esses crimes, os habitantes de Tepeaca deveriam jurar obediência ao rei espanhol, bem como se tornarem amigos

¹⁴¹ y como el Marqués no vía la hora que tomar a comenzar la guerra y le parecía que cada día se le hacía un año, según estaba lastimado de lo pasado, mandó aparejar la gente y tomó a confirmar los de Tlaxcala en su amistad, los cuales le prometieron ser buenos amigos y fieles y de le dar gran ayuda de gente, para tornar hacer la guerra a los de Cholula; y así determinó de salir, con los españoles y caballos que tenía, y con la gente de guerra que le dieron los de Tlaxcala, que serían más de tres mil hombres, y acordó de entrar por los pueblos sujetos a la Provincia de Tepeaca, a donde llegados, los hallamos tan a propósito y en tanta cantidad de gente, que nos dieron muchos días-bien que hacer. Em fin, que llegamos a un pueblo principal de la Provincia, que se dice Acacingo donde asentamos Real y de allí corrimos la Ciudad de Tepeaca y toda la provincia, y les hicimos de tal manera la guerra, que les hicimos que se arrepintiesen de lo pasado y pidiesen la paz, la cual se aceptó con las condiciones que el Marqués les puso. (VÁSQUEZ DE TAPIA, 1972 pp. 45-46).

¹⁴² "Otra gran matanza hicieron en la ciudad de Tepeaca, que era mucho mayor y de más vecinos y gente que la dicha, donde mataron a espada infinita gente con grandes particularidades de crueldad." (LAS CASAS, 2006, p.60).

dos espanhóis e prometer não receber ninguém mais de Cholula ou do México.

Afirma, ainda, que os caciques de Tepeaca afirmaram que os espanhóis tinham sido assassinados por uma causa justa, pois tinham atravessado as terras que pertenciam a eles, em tempos de guerra e sem permissão. Se esse motivo fosse justo, todos os espanhóis deveriam ser assassinados. E, além do mais, os espanhóis não aceitariam esse motivo como justo e não fariam amizade com o povo de Tepeaca; mas, continua afirmando Gómara, os espanhóis, apesar disso, continuaram fazendo ofertas de paz as quais os caciques não aceitaram porque não os queriam como amigos já que deviam consideração aos mexicas (astecas) e os hospedariam sempre que viessem à Tepeaca, ao contrário dos espanhóis. Por último disseram que não seriam súditos dos espanhóis porque não obedeciam a quem não conheciam. Ameaçaram que se os espanhóis não voltassem à Tlaxcala, seriam mortos. A guerra então começou e foi muito feroz e milagrosamente, já que foi uma guerra justa, amplamente planejada e esperada por ambas as partes, nenhum espanhol morreu. Ao final, os caciques de Tepeaca imploraram paz, aceitando se tornarem súditos de Sua Majestade espanhola. Então Cortés escravizou os assassinos dos espanhóis e extraiu deles um quinto para a Coroa (GÓMARA, p. 2009, p. 269).

Não há menção ao nome de *doña* Marina.

Cortés também não menciona Malinche na guerra contra Tepeaca:

Depois que estive nesta província por vinte dias, embora minhas feridas não tivessem sido totalmente curadas e as de minha companhia ainda fossem fracas, parti para outra província chamada Tepeaca, que pertence à liga e confederação de Culua, nossos inimigos, e onde, fui informado, dez ou doze espanhóis foram mortos na estrada, que passa por ali, de Vera Cruz para a grande cidade. Esta província de Tepeaca é muito grande e em parte faz fronteira com Tascalteca e Churultecal. Quando cruzamos a fronteira muitos dos nativos saíram para lutar conosco e defender a estrada contra nós o melhor que puderam, nos atacando de posições fortes e perigosas. Mas, para não dar conta de todos os detalhes do que nos aconteceu nesta batalha, que seria muito longa, direi apenas que, depois de termos feito nossos pedidos de paz em nome de vossa Majestade e que eles não haviam obedecido, fez guerra contra eles e eles lutaram muitas vezes com a gente. Com a ajuda de Deus e a fortuna real de Sua Majestade, nós sempre os expulsamos e matamos muitos, sem que eles matassem ou ferissem um único espanhol. E, embora, como eu disse, esta província seja muito grande, dentro de vinte dias nós havíamos subjugado e pacificado muitas cidades e aldeias, e os senhores e chefes vieram e se ofereceram

como vassallos de sua majestade. (CORTÉS, 1986, pp. 145-146, tradução nossa).¹⁴³

Bernal Díaz menciona a guerra onde foram escravizados pelos espanhóis e tlaxcaltecas muitos mexicas e pessoas de Tepeaca, nomeia os espanhóis mortos como soldados de Narvaez, mas não menciona nenhuma participação de Malinche:

Com vários milhares de tlaxcaltecas, Cortés agora se movia contra o povo de Tepeaca, onde os mexicanos haviam colocado sua maior guarnição. A força conjunta de mexicanos e tepacanos foi derrotada e muitas das pessoas foram escravizadas pelos espanhóis e tlaxcaltecas. Cortés decidiu que iríamos para a província de Tepeaca, que ficava perto, e outra cidade perto de Tepeaca, chamada Cachula, porque ali os mexicanos tinham matado muitos de nossos soldados e os soldados de Narváez que estavam a caminho do México. (DEL CASTILLO, 2012, p. 334, tradução nossa).¹⁴⁴

Resulta que, nesses autores revisados, não há menção do nome de Malinche no evento chamado *Guerra de Tepeaca*, como nos diz Seger (2014), mas, ao pesquisar Cervantes de Salazar, descobrimos que ele dedica três capítulos de seu livro *Crónica de la Nueva España* (1914), nos quais ele conta o desencontro de Hernán Cortés, Malinche e os espanhóis e os habitantes do povoado de Tepeaca. Nestes capítulos, ele atribui à Malinche papel relevante.

Francisco Cervantes de Salazar, que esteve nas Índias, um dos primeiros professores da Universidade do México, em 1536; nomeado cronista oficial de Nova Espanha, escreveu seu trabalho inspirado em *La conquista do México de Gómara*

¹⁴³ After I had been in this province twenty days, although my wounds were not fully healed and those in my company were still rather weak, I departed for another province which is called Tepeaca, which belongs to the league and confederation of Culua, our enemies, and where, I was informed, ten or twelve Spaniards had been killed on the road, which passes through there, from Vera Cruz to the great city. This province of Tepeaca is very large and in part borders on Tascalteca and Churultecal. When we crossed the border many of the natives came out to fight with us and defend the road against us as best they could, attacking us from Strong and dangerous positions. But so as not to give an account of all the details of what befell us in this battle, which would be too lengthy, I will say only that after we had made our demands for peace on Your Majesty's behalf and they had not complied, we made war on them and they fought many times with us. With God's help and the Royal fortune of Your Majesty we always routed them and killed many, without their killing or wounding a single Spaniard. And, although, as I have said, this province is very large, within twenty days we had subdued and pacified many towns and villages, and the lords and chieftains have come and offered themselves as Your Majesty's vassals. (CORTÉS, 1986, pp. 145-146).

¹⁴⁴ With several thousand Tlaxcalans, Cortés now moved against the people of Tepeaca where the Mexicans had posted their largest garrison. The joint force of Mexicans and Tepeacans were defeated and many of the people were enslaved by the Spaniards and Tlaxcalans. Cortés decided we would go to the province of Tepeaca, which was close, and another town near Tepeaca, named Cachula, because there the Mexicans had killed many of our soldiers and Narváez's soldiers who were on the way to Mexico. (DEL CASTILLO, 2012, p. 334).

(1554) e nas *Cartas de relación* de Hernán Cortés, bem como de fontes e testemunhos de povos que sobreviveram aos eventos ocorridos.

No capítulo XIV *Cómo Cortés fue a Tepeaca y entró en ella sin resistencia, y de lo que más subcedió*, Salazar conta que entraram em Tepeaca e que foram bem recebidos e por lá ficaram por quatro meses, guerreando com outros povos inimigos. No capítulo XV *Cómo estando Cortés en Tepeaca, los mexicanos tentaron de matar con traición a los cristianos y cómo les descubrió, y el castigo que hubo*, ele conta:

Embora temessem muito Cortés, os capitães das guarnições mexicanas estavam determinados, com os da província que cercavam Cortés, entrarem nos aposentos onde ele estava, matando-o ou ateando fogo à casa, para que ele e nenhum dos seus pudessem escapar. (SALAZAR, 1914, p. 464, tradução nossa).¹⁴⁵

Os astecas, juntamente com os habitantes de Tepeaca preparam-se para invadir o lugar onde os espanhóis estavam para matá-los. Malinche ouve de habitantes, mulheres que confiaram nela por ser indígena, o que pretendiam fazer. Salazar(2014) nos fala sobre esse momento que antecipa a fala das mulheres:

Mas como essa traição não podia ser tão secreta que algumas mulheres, parentes ou amigos não soubessem, e pouco sabem calar a boca. Gostando de Marina, a tradutora, que era mexicana e parecendo estranha à nação espanhola e como mulher de sua lei e geração iria manter em segredo, duas das que conheciam a traição, estavam com ela em boa conversa e passatempo, depois de ter um lanche, que é quando, mais que em outras horas, os corações são descobertos, disseram a ela: (SALAZAR, 1914, p. 464, tradução nossa).¹⁴⁶

Malinche ouve as palavras ditas pelas mulheres indígenas que acreditaram que, segundo Salazar (2014) que ela deveria amar mais os indígenas que aos espanhóis:

“Marina: O grande amor que temos por ti e sendo tu da nossa lei e geração, pelo qual tu és obrigado a nos amar muito mais do que os cristãos, forçamos a descobrir o que se passa, para que com o tempo vocês se juntem conosco e não você morra uma morte ruim, antes seja uma senhora a e fique em liberdade.” (SALAZAR, 1914, p. 464, tradução nossa).¹⁴⁷

¹⁴⁵ Aunque tenían mucho a Cortés, se determinaron los Capitanes de las guarniciones mexicanas con los de la provincia cercar a Cortés en los aposentos donde estaba, y entrándole, matarle o pegar fuego a la casa, para que ni él ni ninguno de los suyos pudiesen escapar. (SALAZAR, 1914, p. 464).

¹⁴⁶ Pero como esta traición no pudo ser tan secreta que algunas mujeres, parientas o amigas e hijas de los de la liga no lo supiesen, y ellas saben poco calar. Aficionándose a Marina, la lengua, que era mexicana, pareciéndoles que como extraña de la nasción española y como mujer de su ley e generación las guardara secreto, dos de las que sabían la traición, estando con ella en buena conversación y pasatiempo, después de haber merendado, que estonces más que en otro tiempo se descubren los corazones le dixerón: (SALAZAR, 1914, p. 464).

¹⁴⁷ «Marina: El amor grande que te tenemos y ser tú de nuestra ley e generación, por lo cual estás obligada a querernos mucho más que a los cristianos, nos fuerza a descubrirte lo que pasa, para que

Malinche age como amiga, fala mal dos espanhóis para ganhar a confiança delas: “Marina então suspeitou do que elas queriam dizer; ela as acariciava muito, falando mal dos cristãos, dizendo que não queria nada além de ser livre. Elas então, ao verem uma recepção tão boa, revelaram a traição que mais largamente aqui vai contada.” (SALAZAR, 1914, p. 465, tradução nossa).¹⁴⁸

Malinche ouve, pede que não contem a ninguém o que tinham acabado de revelar e corre a pedir a Cortés que chame Aguilar para traduzir para o espanhol exatamente o que tinha acabado de descobrir: “Marina agradeceu-lhes muito pelo aviso, prometeu manter segredo e pediu a elas que não contassem a outra pessoa. Com isso, despedindo-se, foi até Cortés, ao qual disse para chamar Aguilar para dizer em língua castelhana o que ela descobrira.” (SALAZAR, 1914, p. 465).¹⁴⁹

E assim foi feito. Cortés castigou os indígenas e mandou chamar seus capitães e tornou-se mais cuidadoso: “Aguilar chegou e Marina falou tudo o que havia acontecido. Cortés mandou-as chamar, confessaram sem tormento, entregaram muitos dos índios que se davam como amigos. Cortés deu a eles grandes castigos, escreveu aos capitães que viessem, redobrou os cuidados, enquanto isso, não permitindo que nenhum dos seus estivesse descuidado.” (SALAZAR, 1914, p. 465).¹⁵⁰

Francisco Cervantes de Salazar escreve que os indígenas eram pessoas miseráveis, a serviço do demônio (palavra que ele repete 147 vezes em seu texto, para contar a versão da “conquista” na região):

Esteja claro que nessa jornada interessa o serviço de Deus, a redenção destes miseráveis, a submissão do demônio, o servir a nosso rei, o ilustrar vossas pessoas e enobrecer e afamar vossa nação, o ganhar glória e nome perpétuo, o aclarar vossos descendentes e outros muitos e maravilhosos proveitos que nem todos, mas qualquer um deles basta para inflamar e

con tiempo te recojas con nosotras y no mueras mala muerte, antes seas señora y estés en tu libertad.» (SALAZAR, 1914, p. 464).

¹⁴⁸ Marina sospechó luego lo que querían decir; acariciólas mucho, diciendo mal de los cristianos, diciendo que no deseaba cosa más que verse libre. Ellas estonces, como vieron tan buena entrada, descubrieron la traición más largamente que aquí va contada. (SALAZAR, 1914, p. 465).

¹⁴⁹ Marina les agradeció mucho el aviso, prometiéndoles de guardar secreto y aun avisólas, para más asegurarlas, que no lo dixesen a otra persona. Con esto, despidiéndose a su tiempo dellas, se vino do Cortés estaba, al cual dixo que mandarse llamar a Aguilar para que en lengua castellana dixese lo que ella había aprendido. (SALAZAR, 1914, p. 465).

¹⁵⁰ Vino Aguilar, y Marina descubrió todo lo que con las indias había pasado. Mandólas llamar Cortés, confesaron sin tormento, encartaron a muchos de los indios que se habían dado por amigos, hizo Cortés gran castigo en ellos, escribió a sus Capitanes que se viniesen, velóse con más cuidado en el entretanto, no permitiendo que alguno de los suyos estuviese descuidado. (SALAZAR, 1914, p. 465).

animar qualquer ânimo, quanto mais o do espanhol.(SALAZAR, 1914, p. 116 tradução nossa).¹⁵¹

Escreve ele sobre os indígenas:

Quase não havia cidade que não tivesse guerra com o vizinho, e eram as leis dos cruéis, especialmente entre mexicanos e tlaxcaltecas, que nenhum perdoava a vida de outrem. Não era costume, como as leis humanas permitem, que o vencedor, sendo capaz de matar os vencidos, usando misericórdia, fizesse dele escravo ou desse a ele como resgate; mas, não, apenas vencedores matavam os derrotados e os sacrificavam quando fossem trazidos, vivos, mas depois da morte eles os esfolavam, vestiam-se em seus couros e comiam sua carne cozida; os senhores, as mãos e as coxas, e o resto, o resto do corpo. Acontecia, e isto raramente, que se algum dos cativos deixavam com vida, ele teria que ser senhor ou muito importante, para quem eles davam licença para livremente ir para a terra deles / delas e levar as notícias do castigo rigoroso que os prisioneiros tinham. (SALAZAR, 1914, p. 64, tradução nossa)¹⁵²

Apesar de ter havido rumores que os indígenas teriam envenenado a comida dos espanhóis, Salazar (1914) acredita que a história de que foi Malinche que descobriu e de que era muito leal, foi a que ele preferiu acreditar: “Há outros [que] dizem que na comida os mexicanos tentaram matar os nossos, que poderiam mais facilmente se Deus, que estava envolvido, não desse uma mão. De qualquer forma, embora a segunda traição seja a mais certa, Marina foi quem, sendo tão leal como foi vista, a descobriu.” (SALAZAR, 1914, p. 465).¹⁵³

Cortés estando trabalhando sob a vontade divina e, sendo Malinche leal aos espanhóis, fez uma boa ação descobrindo o complô de Tepeaca.

¹⁵¹ Veáis claro que en esta jornada se interesan el servicio de Dios, la redención destes miserables, el rendir al demonio, el servir a nuestro Rey, el ilustrar vuestras personas y el ennoblecerse y afamar vuestra nasción, el ganar gloria y nombre perpetuo, el esclarecer vuestros descendientes y otros muchos y maravillosos provechos, que no todos, sino cualquiera dellos basta a inflamar y encender cualquier ánimo, cuanto más el del español.(SALAZAR, 1914, p. 116

¹⁵² casi no había pueblo que con el vecino no tuviese guerra, y eran las leyes dellos tan crueles, principalmente entre los mexicanos y tlaxcaltecas, que ninguno perdonaba la vida a otro. No se usaba, como las leyes humanas permiten, que el vencedor, pudiendo matar al vencido, usando de misericordia, le hiciese su esclavo o lo diese por rescate, sino que, no, solamente vencedores mataban a los vencidos y los sacrificaban cuando los traían vivos, pero después de muertos los desollaban y se vestían de sus cueros y comían, cocidas, sus carnes; los señores, las manos y muslos, y los demás, lo restante del cuerpo. Acontecía, y esto pocas veces, que si a alguno de los captivos dexaban con la vida, había de ser señor o muy principal, al cual daban licencia para que libremente fuese a su tierra y llevase las nuevas del castigo riguroso que en los prisioneros se había hecho, y que dixese a los indios que escarmentasen de trabar con ellos otra vez batalla, si no, que se diesen por sus masceguales y esclavos si querían vivir en quietud, porque sus dioses les favorecían, y si quisiesen hacer lo contrario, que supiesen que harían con ellos lo que habían hecho con los que habían captivado. (SALAZAR, 1914, p. 64)

¹⁵³ Hay otros [que] dicen que en la comida pretendieron los mexicanos matar a los nuestros, que pudieron más fácilmente si Dios, cuyo negocio se trataba, no les fuera a la mano. Como quiera que sea, aunque la segunda traición es la más cierta, Marina fue la que, siendo tan leal como se ha visto, la descubrió. (SALAZAR, 1914, p. 465).

2.3 Malinche figura-chave na busca e afirmação de identidades

Analisaremos a extensão do desempenho de Malinche como tradutora que acompanhou Hernán Cortés e sua expedição de captura do tatloani Montezuma e a tomada de Tenochtitlan em escritos gerados de estudos com base nas primeiras narrativas, no decorrer da invasão do México pela expedição espanhola. Entre eles estão os trabalhos de Miguel León-Portilla (1959), *Vision de los vencidos*; Milagros Palma (1990), *Malinche, el malinchismo o el lado femenino de la sociedad mestiza*; Cristina González Hernández (2002), *Doña Marina (La Malinche) y la formación de la identidad mejicana de Hernán Cortés e Francisco Pizarro*; Tzvetan Todorov (2003), *A conquista da América*; Margo Glantz (2006), *Las hijas de la Malinche*; Camilla Townsend (2006), *Malintzin's choices An Indian Woman in the Conquest of Mexico*; Rosa Maria Spinoso de Montandon (2007), *La Llorona mito e poder no México*; Sonia Hernández (2008), *Malinche in Cross-Border Historical Memory*; Kellogg (2008), *Marina, Malinche, Malintzin Nahúa Women and the Spanish Conquest*; Sandra Messinger Cypess (2008), *La Malinche as Palimpsest II*; Powers (2008), *Colonial Sexuality Of Women, Men, and Mestizaje*; Portugal e Morais (2010) *História e Memórias*; Maria Emilia Granduque José (2011), *A presença de Malinche nas crônicas de índias do século XVI*; Daniele Salomão (2011), *Mestiçagem e construção de identidades: a trajetória da Índia Malinali na sociedade mexicana*; Janaína de Azevedo Baladão de Aguiar (2013), *El sexto sol de Malinali*; Jorcy Foerste Jacob (2014) *Os filhos de Malinche: As representações sobre os indígenas na ótica de Diego Rivera*; Duverger (2014), *Cortés e seu duplo*; Magda Fabiane Seger (2014), *La Malinche, D. Marina: a "lengua" de Cortés segundo o "Lienzo de Tlaxcala"*; *Malinche: o 'novo mundo' é feito de representações*, Maria Luana dos Santos (2015); Rebecca Kay Jager (2015), *Malinche, Pocahontas, and Sacagawea: Indian Women as Cultural Intermediaries and National Symbols*; Virgilio Adrián Arias Ramírez (2016) *Malinche La abuela zoque*; María Elena Jones (2018), *El rol de intérprete de la Malinche en la Masacre de Cholula: ¿traidora o traicionada?*.

Miguel León-Portilla nasceu em 1926, é antropólogo, filósofo e historiador mexicano, *expert* em literatura e pensamento náhuatl das eras pré-hispânica e colonial. Em 2013 recebeu o prêmio de *Lenda Viva*, outorgado pela Biblioteca do

Congresso dos Estados Unidos. Diz León-Portilla que os povos nativos no México vivem sem direitos fundamentais, marginalizados e discriminados, foram maltratados, despojados e tiveram suas terras desapropriadas. O autor de *A visão dos vencidos* garante que seu objetivo de vida é resgatar os legados dos povos originários e preservar a riqueza de seu patrimônio cultural, bem como também, resguardar essa herança. As informações sobre Malinche no livro de León-Portilla (1992) foram tiradas, segundo ele, do Código Florentino de Sahagún. Ele explica que os mensageiros de Montezuma podiam entender os espanhóis porque Cortés trazia consigo Jerónimo de Aguilar e *Malinnczin, La Malinche*, uma nativa da costa do Golfo, que falava tanto náhuatl quanto maia. Ela se juntou aos espanhóis (que a chamaram *Doña Marina*) e que ela, por vontade própria, serviu fielmente como intérprete em toda a conquista e também menciona o fato de que os mensageiros comunicaram a Montezuma que os estranhos vinham acompanhados por uma mulher da terra que falava a língua náhuatl.

Como retirou essas informações do *Código Florentino*, também conferem os dados de que ela fora encontrada na costa e que sua cidade natal era Tepeticapa. Mas, no capítulo 7, León-Portilla torna a referir-se rapidamente à Malinche para falar de um convite do Príncipe Ixtlilxochitl de Tezcoco que convidam os espanhóis para que fiquem em sua cidade e descansem antes da marcha para Tenochtitlan e adverte que esta visita é mencionada apenas no *código Ramirez*, mas não é corroborada nem por Sahagún, nem Bernal Díaz ou nenhuma outra fonte.

Assim se refere León-Portilla ao papel de Malinche no encontro: “Finalmente, com La Malinche e Aguilar como intérpretes, Ixtlilxochitl implorou a Cortés que o acompanhasse até Tezcoco, para que ele e seu povo pudessem servi-lo”. (LEÓN-PORTILLA, 1992, p. 58, tradução nossa).¹⁵⁴

Os espanhóis entraram em Tenochtitlan. León-Portilla descreve o encontro e menciona somente *La Malinche* como intermediadora.

Aqui, Aguilar não traduz mais os encontros de línguas. Diz-nos León-Portilla que Montezuma deu as boas-vindas aos estrangeiros, e que tomassem posse de suas terras e suas casas. Assim que Montezuma terminou de saudar os espanhóis, e que Malinche traduziu suas palavras para a língua espanhola para que o capitão

¹⁵⁴ “At last, with La Malinche and Aguilar as interpreters, Ixtlilxochitl begged Cortes to accompany him to Tezcoco, so that he and his people might serve him”. (LEÓN-PORTILLA, 1992, p. 58).

Cortés pudesse entendê-las ele se dirigiu a ela, para que ela traduzisse e afirmasse aos astecas e a Montezuma que eles eram amigos, tinham vindo em paz, que não havia motivo para que os temessem, que desde há muito desejavam conhecer o tatloani e que agora que viam seu rosto e ouviam sua voz, o amavam e seus corações estavam contentes, pois tinham vindo ao México como amigos. Malinche traduziu as palavras e então os espanhóis apertaram a mão do tatloani e bateram em suas costas com sinal de amizade. (LEÓN-PORTILLA, 1992, pp. 64-65).

Para contextualizar, essa afirmação é duvidosa, pois há vários testemunhos de que Montezuma não recebeu o colar de vidros que Cortés tinha trazido de presente para o chefe os astecas, das mãos do espanhol. O presente foi entregue a um subalterno do tatloani, pois ninguém poderia ter contato com ele; não era permitido tocá-lo. O tatloani não teria permitido que os estrangeiros agarrassem sua mão. Voltando à Malinche, ela atém-se exclusivamente ao papel de tradutora e, quando é mencionada, seu papel se resume a isso, traduzir sem iniciativa própria. E então, após Montezuma ter sido preso, todo o seu tesouro carregado para o meio do pátio do palácio, Malinche toma a iniciativa. Chama todos os nobres para que tragam comida e água fresca para os espanhóis:

La Malinche chamou os nobres juntos. Ela subiu para o telhado do palácio e gritou: "Mexicanos, avancem! Os espanhóis precisam da sua ajuda! Traga-lhes comida, purê e água. Eles estão cansados e com fome; eles estão quase desmaiando de exaustão! Por que você não vem para frente? Está zangado com eles?" (LEÓN-PORTILLA, 1992, p. 69, tradução nossa).¹⁵⁵

León- Portilla especifica de quem tirou essas informações: de um capítulo do *Codex Florentino* de Sahagún, cujo autor as obteve de seus informantes nativos. Não há referência sobre esse fato em nenhum outro dos documentos históricos até agora estudados.

De tudo o que se diz sobre Malinche essa é a mais estranha, difícil de analisar. Não se sabe quais motivos a teria levado, de livre e espontânea vontade a chamar os nobres astecas. Nenhum comentário de Sahagún sobre alguém ter ordenado ou sugerido que Malinche, de uma sacada talvez, chamasse todos os nobres. Ao ouvir esse testemunho de seus informantes, Sahagún deveria ter pedido

¹⁵⁵ "La Malinche called the nobles together. She climbed up to the palace roof and cried: "Mexicanos, come forward! The Spaniards need your help! Bring them food and purê water. They are tired and hungry; they are almost fainting from exhaustion! Why do you not come forward? Are you angry with them?" (LEÓN-PORTILLA, 1992, p. 69)

maiores explicações, minúcias do acontecido; deveria ter estranhado essa declaração. Montezuma acabava de ser encarcerado, saqueado e Malinche lembra-se de subir no telhado do palácio, prédios altos, como são descritos os palácios de Tenochtitlan e gritar os nobres para que viessem alimentar os espanhóis. E a pergunta: - Estão bravos com eles? Após a descrição dos fatos pode-se inferir que Malinche queria convencer os nobres de que os espanhóis deviam ser alimentados porque era obrigação dos nobres fazer isso. Malinche pode ter querido dizer que eram deuses, pode ter querido convencer os nobres de que eram deuses e de que deviam alimentá-los. Poderia estar em um papel de convencimento por parte daquela que absorveu completamente os desejos espanhóis e precisava que todos os outros indígenas viessem a satisfazer-lhes os desejos também. Os informantes de Sahágún continuam a descrição dos eventos: os nobres estariam com medo de se aproximar, esmagados de terror diante das feras que seriam os espanhóis para eles, mas mesmo assim, não se atreveram a ignorar o pedido; trouxeram água e comida, entregaram e correram para uma distância segura. No capítulo *The Massacre According to the Codex* em Aubin (p. 98): "Disse Moctezuma a Malintzin":¹⁵⁶ há uma referência sobre Montezuma pedindo à Malinche que fale aos deuses, mas aqui, Montezuma está se dirigindo ao capitão Hernán Cortés e não à tradutora. Poderia ser isso que aconteceu em León-Portilla, na página 69; Cortés poderia ter subido no telhado, cercado de canhões e cavaleiros armados e pedido aos astecas amedrontados que lhe trouxessem comidas. Mas a menos que tenha havido um erro de tradução, não foi, porque ele usa o pronome pessoal feminino para referir-se à pessoa que subiu ao terraço. Segundo León-Portilla, esse testemunho foi dado por informantes de Sahagún, isto é, por alguém que viu o fato ou que ouviu contar por algum ascendente que tenha sido testemunha ocular. Parece que vamos ficar com a estranheza de um fato tão sem explicação.

Após a independência e o nascimento da República mexicana, no ano de 1810, houve, no México, uma luta política entre liberais e conservadores e uma vontade de que se consolidasse uma nova memória sobre o passado histórico que deveria ser cristalizada nas mentes dos mexicanos.

Os políticos liberais queriam edificar a nova nação sobre as antigas raízes indígenas e os conservadores queriam se sustentar exclusivamente no

¹⁵⁶ "dijo Moctezuma á Malintzin":

passado das guerras de conquistas e da glória dos espanhóis. Os liberais pareciam ser herdeiros dos escritos de Las Casas e os conservadores herdavam o discurso da crônica militar, enaltecendo as ações dos conquistadores. (PORTUGAL; MORAIS, 2010, p. 96).

Políticos liberais mais nacionalistas, adeptos de um México asteca, em busca de uma identidade que mais se identifiquem, ansiavam por novas maneiras de ver sua história:

Por isso, era vital encontrar outra maneira de se entender a história mexicana e, com isso, rever a imagem de Cortés, dos astecas, de modo que cada um dos dois lados fosse contemplado. Essa nova história tinha que lidar com as diferenças e, por isso, começou a se forjar um novo discurso, de uma nova nação mexicana, que seria então mestiça, e que marcharia rumo ao progresso. (PORTUGAL; MORAIS, 2010, p. 97).

Eles procuram ver os astecas como símbolo nativo, elemento aglutinador, e preferem ver Malinche, figura chave da “conquista” do México, como culpada da destruição dos indígenas.

Durante a segunda década do século XX surgiu uma nova visão política para a nação; e alguns autores e romances adquiriram uma tendência miscigenadora entre espanhóis e indígenas, tornando-os parceiros, amigos, iguais. O indígena é celebrado e o espanhol não é execrado, mas responsável por fazer algo importante para o México, pois tornou o país católico.

Nem todos os autores do começo do século XXI viram o surgimento da mestiçagem com bons olhos, preferindo encarar o resultado do relacionamento entre Hernán Cortés e Malinche como indesejado, advindo não de um relacionamento amoroso, mas uma decorrência de uma relação senhor-escrava, impossível de evitar, sem direito à escolha ou livre-arbítrio, o que derivou em um mestiço triste e inconformado consigo mesmo. Essa inconformidade no modo de encarar a mestiçagem perpetuou-se até a metade do século XX, dividindo-se entre a visão amorosa do relacionamento, ou mais indulgente com relação à Malinche¹⁵⁷ e a visão coercitiva¹⁵⁸ da relação sexual entre Cortés e Malinche e entre os conquistadores e as mulheres nativas.

No artigo *Marina, Malinche, Malintzin Nahúa Women and the Spanish Conquest*, Kellogg (2008) reflete sobre a vida das mulheres astecas e, por consequência, na vida de Malinche antes da chegada dos espanhóis, sua provável

¹⁵⁷ Colleen A. Swee (2012), Rosario Castellanos (1975), Sabina Berman (1985).

¹⁵⁸ Octavio Paz (1947), Wood (1998), Castañeda (1990), Herren (1991). Carol, L. Maturo (1994).

passagem de nobre e filha de caciques à escrava e, posteriormente, a coisificação, quando se torna objeto a ser doado em troca de alianças políticas. Paradoxalmente, as mulheres indígenas eram independentes e autônomas, podiam ocupar papéis de autoridade. A autora pretende mostrar como Malinche ilustra aspectos importantes da vida das mulheres e seus papéis na pós-conquista período. Ela parte do princípio de que a relação de Cortés e Malinche sintetiza o caráter das relações entre nativos e espanhóis, pois ele foi pai de quatro filhos com a segunda esposa, espanhola, casamento que ocorreu após seu relacionamento com Malinche; pois com a primeira esposa não teve filhos. Teve, ainda, outro fora do casamento, também com uma mulher espanhola, uma prima, e quatro filhos mestiços, com quatro diferentes mulheres indígenas, uma das quais foi Malinche. Muitas vezes, geravam crianças que foram legitimadas pelos pais, como no caso de Cortés, que reconheceu o filho e foi mandado para a Espanha, ainda menino, para ser educado. Esse filho foi batizado com o nome de Martin, em homenagem ao pai de Hernán Cortés. (KELLOG, 2008, pp. 87-89).

As relações entre homens espanhóis e mulheres indígenas foram violentas, muitas vezes de estupro, até mesmo coletivo. Kellogg (2008) diz, corroborada por diversos historiadores, que houve tantas violações sexuais contra as mulheres, por parte dos espanhóis, em todos os lugares colonizados por eles, que chegam a ser vistos como uma parte normal dessa gama de relações sexuais. A frequência de violência sexual e a pré-disposição de Cortés em distribuir as mulheres indígenas entre homens mostram que esses conquistadores usavam o falo como extensão de suas espadas, e a violência, a violação e o abuso foram atributos dos atos dos espanhóis tanto contra a cultura dos indígenas, quanto aos seus deuses, suas terras e suas mulheres.

Jorcy Foerste Jacob, no seu trabalho *Os filhos de Malinche: as representações sobre os indígenas na ótica de Diego Rivera (1920-1940)* ressalta que Malinche foi representada por Diego Rivera como a mãe do primeiro mestiço mexicano, uma imagem de mediadora entre os indígenas e os espanhóis. Malinche viveu com o espanhol Hernández de Portocarrero, após, tornou-se amante de Cortés, e com ele teve um filho, Martin. Depois, Cortés terminou o relacionamento e

a deu em casamento ao capitão Juan Jaramillo, com quem Malinche teve uma filha, Maria. Assim refere-se Townsend à polêmica entre Del Castillo e Gómara:

Nos últimos tempos, estudiosos modernos e nacionalistas mexicanos - por razões compreensíveis - tendem a aceitar a visão de Gómara, atribuindo menos que bons motivos ao conquistador, complacência e vulnerabilidade à mulher indígena. Parece plausível, no entanto, que foi Bernal Díaz quem se aproximou da verdade. (TOWNSEND, 2006, p. 127, tradução nossa).¹⁵⁹

Diz-se que ela teve mais quatro filhos, mas não há nada que comprove que estes sejam filhos do marido.¹⁶⁰

Jacob (2014) escreve que o Estado do México foi edificado a partir do mito de origem, no qual o povo asteca era o antepassado da nação, e quem colaborou com os espanhóis foram descritos como traidores à nação. Malinche seria a nova Eva do Gênesis, representada como a Eva Mexicana; ao renegá-la o mexicano renega esse passado.

Davíd Carrasco (2008), professor de civilizações mesoamericana na Universidade de Harvard, publica o livro *The History of the Conquest of New Spain by Bernal Díaz del Castillo* que contém, na íntegra, o livro de Bernal Díaz, alguns apêndices, mapas e artigos. O autor registra que Del Castillo escreveu mais como um soldado que lembra os grandes feitos dele e de seus camaradas, ao estilo Miguel de Cervantes, de forma idealizada e com um olhar unidimensional, relatando diálogos e encontros entre espanhóis e indígenas de forma distorcida, favorecendo os espanhóis.

Esse livro é citado aqui porque, apesar de referir-se a Bernal Díaz del Castillo que é, sem sombra de dúvida, um admirador de Malinche, talvez o único dentre as primeiras narrativas, não há como falar da entrada dos espanhóis no México, sem referir-se à Malinche, sem citá-la mais de uma vez, pelo menos, nem que seja apenas como uma índia que traduzia as palavras dos espanhóis para os nativos. Neste livro de Carrasco, há a inclusão de alguns artigos tais como: Powers (2008),

¹⁵⁹ In recent times, modern scholars and Mexican nationalists—for understandable reasons — have tended to accept Gómara's vision, ascribing less than good motives to the conquistador and compliancy and vulnerability to the indigenous woman. It seems plausible, however, that it was Bernal Díaz who came closer to the truth. (TOWNSEND, 2006, p. 127).

¹⁶⁰ Suárez Peralta, soldado de las confianzas de Cortés, es el único que menciona que doña Marina, tuvo seis hijos, Martín hijo de Cortés y María hija de Jaramillo; los otros cuatro podría suponerse que también fueron hijos del alférez, pero esto último no está documentado. (ARIAS RAMÍREZ, 2016, p. 37) Suárez Peralta, soldado da confiança de Cortés, é o único que menciona que Marina, teve seis filhos, Martín, filho de Cortés e María, filha de Jaramillo; os outros quatro podem ser considerados filhos do tenente, mas este último não está documentado. (ARIAS RAMÍREZ, 2016, p.37, tradução nossa).

em seu artigo *Colonial Sexuality Of Women, Men, and Mestizaje*, trata do papel da mulher indígena no processo de mestiçagem como vítimas de estupro, abuso sexual ou, ainda, traidora. A mais famosa delas, segunda a autora, é Malinche, que ainda ecoa na literatura desde os nacionalistas mexicanos até às feministas do século XX. Todavia, o que nos interessa aqui, especialmente, é o trabalho de Sandra Messinger Cypess, *La Malinche as Palimpsest II*, pois Malinche, justifica Carrasco, e não há como não concordar, “é a fascinante história da mulher indígena mais proeminente deste encontro colonial, Doña Marina ou Malinche” (CARRASCO, 2008, p. 23, tradução nossa).¹⁶¹ E também não há como discordar que “ela se tornou um dos símbolos culturais mais poderosos das relações de gênero no México e entre os latinos nos Estados Unidos, como evidenciado pelos inúmeros estudos, romances recentes, pinturas e debates sobre suas ações e significado histórico.” (CARRASCO, 2008, p. 23, tradução nossa).¹⁶²

De acordo com Cypess (2008) em *La Malinche as Palimpsest II*, Malinche é um arquétipo feminino na América Latina, e tornou-se um dos maiores mitos do México, comparado, em paradoxo, ao da Virgem de Guadalupe já que, ao contrário da Virgem, Malinche representa o egoísmo, identidade nacional negativa, sexualidade sem consideração com valores morais e culturais; o mal supremo. Na mitologia popular, Malinche corresponde às figuras de *La Chingada* e *La Llorona*. Malinche seria a primeira *chingada*, palavra que tem significado altamente negativo, a mulher violada e que se submete ao estupro. *La Llorona* é uma figura que chora por seus filhos perdidos e Malinche estaria no lugar de todas as mulheres indígenas que lamentam terem tido filhos com espanhóis. Cypess (2008) diz que os textos, acadêmicos ou literários, inspiram-se nos escritos sobre a conquista, e cada um deles foca em elementos diferentes, em pontos de vista diferentes, de forma que sua narrativa reflita as necessidades políticas e históricas de cada período.

Quando se pretendeu, após a independência do México, construir um sentimento de nacionalidade e se buscar uma identidade nacional, ressurgiu,

¹⁶¹ “is the fascinating story of the most prominent indigenous woman of this colonial encounter, Doña Marina or Malinche.” (CARRASCO, 2008, p.23).

¹⁶² “she has become one of the most powerful cultural symbols of gender relations in Mexico and among Latinos in the United States, as evidenced by the scores of studies, recente novels, paintings, and debates about her actions and historical significance.” (CARRASCO, 2008, p.23).

juntamente com a necessidade de auto definição, autoestima e cidadania, a personagem Malinche, como um símbolo de traição ao país.

Rosa Maria Spinoso de Montandon, ao escrever, em 2007, seu trabalho *La Llorona mito e poder no México*, reconstitui o processo pelo qual se instaurou, historicamente, no imaginário social, a lenda de uma aparição, um fantasma de uma mulher de longas roupas brancas, que chora e procura, eternamente, os filhos perdidos. Ela teria sido uma indígena que foi amante de um fidalgo espanhol e, após ter sido abandonada por ele, vingou-se, matando os próprios filhos e foi condenada a vagar, a chorar por eles. Ao se edificar os nacionalismos de estado, há a necessidade de um contraponto e, assim, essa lenda de *La Llorona* que se liga à Virgem, tem Malinche, por contraposição.

Dona Marina, Marina, Malinali ou Malinche tem sido misturada com as lendas astecas, como por exemplo, *La Llorona*, uma mulher que chora por seus filhos perdidos:

Andava Motecuhzoma tão sem sossego que não conseguia aquietar seu coração, e, em parte, desejava que se cumprisse já o que lhe tinham profetizado para poder aquietar-se. E com esse cuidado, mandou chamar todos os prepostos e mandachuvas dos bairros e, perguntando-lhes se por acaso tinham sonhado alguma coisa sobre a vinda daquelas gentes, que o revelassem, ainda que fosse contra sua pessoa [...], que não o fazia senão para pôr empenho por seus filhos, que eram os que mais lhe doíam. O mesmo encomendou a todos os que tinham por costume andar de noite, que se topam com aquela mulher que dizem que anda de noite chorando e gemendo, que lhe perguntem o que é que chora e geme, e se informem de todos os que sobre esses negócios pudessem saber. (DURÁN, 1995, p. 499).

Uma dessas vertentes remete *La Llorona* à deusa Cihuacoatl, protagonista do sexto dos onze avisos que teriam prenunciado o fim do império asteca citados na crônica do frei Bernardino de Sahagún. Outra vertente assimila *La Llorona* à Medeia, pelo infanticídio. Associa-se à Malinche, primariamente por ter sido violada ou seduzida por uma potência masculina dominante, e então, pela traição: “Reais ou ideais, no México elas (as ambíguas relações da sociedade para com as mulheres ao longo da história) estão representadas simbólica e dialeticamente pela Virgem de Guadalupe e pela Malinche, as duas caras da mulher: a mãe e a amante, que se fundem popularmente na trágica figura de *La Llorona*.” (MONTANDON, 2007, p. 23).

Montandon (2007) sublinha que passa despercebido o resgate que os mexicanos fizeram, aproximando simbolicamente as figuras de *La Llorona* à *La*

Malinche, e paradoxalmente, à Virgem de Guadalupe, apesar de ser uma nação essencialmente patriarcalista:

E a esse respeito chamamos a atenção para as palavras do antropólogo chicano Jose Limón, que atenta para a pequena ou nula atenção que a historiografia mexicana tem dado ao fato de que a sociedade mexicana, tão fortemente machista e patriarcal, desde cedo tenha articulado sua história antiga e sua nacionalidade justamente em torno dos símbolos femininos. Malinche continua a ser um ícone cultural feminino compartilhado pela cultura mexicana e mexicano-americana, o que justifica o protagonismo dela no espetáculo musical de José Limón. (MONTANDON, 2007, p.137).

Malinche é *La Chingada*, a traidora de raça indígena, que foi chamada por Roger Bartra de “grande prostituta pagã.” (BARTRA, 1987, p. 205).¹⁶³ Além disso, nos mitos, nas crônicas e nos códices indígenas muitas vezes a representam como um vulcão.¹⁶⁴ Segundo Montandon (2007) “*La Llorona* assimilada a *La Malinche* foi condenada, por exemplo, a ser vulcão ou a ser açoitada por palavras pejorativas como *malinchismo*.” (MONTANDON, 2007, p. 22). Malinchismo é sinônimo de traição, de quem se vende ou passa para o lado dos estrangeiros, traindo sua própria gente. Em algumas tradições populares ela aparece como a Virgem. Ela é entendida em vários aspectos, muitas vezes conflituosos, como a encarnação da traição, a vítima quintessencial da vitória dos espanhóis. Malinche é uma figura ambígua nos relatos dos espanhóis e náhuatl, mas, apesar disso, *La Malinche* permanece iconicamente potente. Há, ainda, tentativas de conciliar as representações sobre o passado mexicano dos chamados liberais e conservadores hispanistas.¹⁶⁵

Segundo a autora, e essa versão, também será citada na obra literária de Haino Burmester (2016) em *A maldição de La Malinche*, que associava Medeia à *La Malinche* caiu no agrado dos intelectuais nacionalistas do século XIX, “assim nasceu

¹⁶³ “gran prostituta pagana” (BARTRA, 1987, p. 205).

¹⁶⁴ “Malintzin, es admirada por unos, vilipendiada por otros, pero que su figura permanecerá en la conciencia histórica de nuestra nación, como su nombre: que parece ostentar simbólicamente ese volcán, ya apagado, en el eje volcánico de México: La Malinche”. (MURIEL, 1992, p. 257) “Malintzin, é admirada por alguns, insultada por outros, mas que sua figura permanecerá na consciência histórica de nossa nação, como seu nome: que parece mostrar simbolicamente esse vulcão, já extinto, no eixo vulcânico do México: La Malinche.” (MURIEL, 1992, p 257, tradução nossa).

¹⁶⁵ Esses, avessos ao mito de traição, mas utilizando-se da mesma fonte colonial, magnificaram a figura de Malinche e criaram o mito de amor entre ela e Cortés. Eles intencionam configurar a identidade nacional rechaçando a herança indígena e fundamentando a origem da pátria na Conquista. Para eles, o México era filho da Espanha, o que significava o triunfo da civilização e do cristianismo sobre a barbárie e o paganismo. (JACOB, 2014, p.129).

La Malinche, transformada em *La Llorona* por traidora, pela obra e pena dos homens de letras.” (MONTANDON, 2007, p. 119).

Diz a lenda que *la Llorona*, a Mulher Lamentosa, cujos gritos às vezes são ouvidos ao vento, é na verdade Dona Marina chorando por seus filhos perdidos. Mas Dona Marina não perdeu seus filhos: graças em grande parte a seus esforços, eles sobreviveram à juventude, conquistaram lugares para si no mundo dos conquistadores e viveram para ter seus próprios filhos. Essas crianças honraram a avó e ensinaram os filhos a fazer o mesmo. Se a sombra de *Malintzin* ainda anda na terra e chora, talvez seja porque a posteridade tem invejado uma mulher indiana cativa que sobreviveu a seus dias da melhor forma possível até mesmo nesse pequeno consolo. (TOWNSEND, 2007, p. 174, tradução nossa).¹⁶⁶

Daniele Salomão (2011) em sua dissertação intitulada *Mestiçagem e construção de identidades: a trajetória da Índia Malinali na sociedade mexicana* nos escreve que Malinali ressurgiu durante o período de construção do nacionalismo mexicano, no século XIX: “Este salto temporal (século XVI/XIX) na construção desse texto deu-se pelas representações da Índia Malinali, que estariam confeccionadas nessa época também. Malinche e *Llorona* - duas representações atemporais sobre a Índia.” (SALOMÃO, 2011, p. 69). Salomão relembra que neste período houve a aproximação de um antigo mito asteca com a figura de Malinche: “A *Llorona* deixou-se conhecer por uma marca inexplicável na alma: ou a morte ou a loucura – os símbolos da traição, símbolos estes, que estarão diretamente relacionados à representação da Malinali.” (SALOMÃO, 2011, p. 69).

Esse mito da mulher vestida de branco que vagava pelas noites a chorar pelos filhos perdidos, A *Llorona*, foi também aproximada da deusa Cihuacóatl, a “deusa serpente”, deusa da Terra, que se podia encontrar vestida de branco e carregando um berço (cuna) nas costas. Houve ainda a associação destas duas figuras míticas a uma terceira: a da Virgem de Guadalupe. Escreve Salomão (2011): “Entretanto, o que se associou à Malinali foi a deusa Cihuacóatl, figura de lua guerreira, única mulher que lutou junto aos conquistadores, aos astecas a consideravam uma deusa. A *Llorona* era a própria Malinali, ou seja, a própria invocação da Cihuacóatl.” (SALOMÃO, 2011, p. 70).

¹⁶⁶ Legend has it that *la Llorona*, the Wailing Woman, whose cries are sometimes heard in the wind, is actually doña Marina weeping for her lost children. But doña Marina did not lose her children: thanks largely to her efforts, they survived their youth, won places for themselves in the world of the conquerors, and lived to have children of their own. Those children honored their grandmother and taught their children to do the same. If the shade of Malintzin still walks on earth and weeps, perhaps it is because posterity has begrudged a captive Indian woman who survived her days as best she could even that small consolation. (TOWNSEND, 2007, p. 174).

Diz-nos a autora que a representação de Malinche “vai do monstro ao fétido às vezes, utilizada como um xingamento e que, no século XIX, criou-se o contra-herói. A identidade de Malinalli, no nacionalismo, transformou-se na mulher que traía, a Eva mexicana, monstro, fantasma entre outros.” (SALOMÃO, 2011, p. 73).

Ao tentar definir um conceito de nação mexicana houve uma tendência a procurar novos valores e, nessa busca, os olhares voltaram-se às origens e aos mitos quase esquecidos no tempo. Houve, no México, após a independência, uma urgência de um modelo que pudesse servir de inspiração ao novo sentimento de nacionalismo e, ao olhar para o passado, viu-se o indígena como ponto de partida, como parte integrante e como fundador da nação, enfim, encontrava-se um símbolo nacional.

A historiografia, ao tentar definir uma identidade e criar uma consciência nacional, se volta para o passado, para antes da chegada dos espanhóis, para os indígenas que ali estavam, olhando-os com um novo olhar, ainda que nessa nova maneira de vê-los como eram no passado, se rejeitasse a realidade indígena, o presente, pois não houve uma valorização nem um resgate do indígena. Uma coisa era se inventar uma cidadania, criar uma identidade, ver o indígena como uma figura mítica, como um símbolo, representá-los na ficção; outra, bem diferente, era aceitá-los no presente, “conviver com sua miséria, alcoolismo e mendicância, nas ruas, nos mercados e nas praças. Eram essas as mazelas sempre apontadas como os grandes entraves sociais para o desenvolvimento mexicano” (MONTANDON, 2007, p. 128).

Nessa nova forma de ver, procuraram-se figuras simbólicas que representassem esse sentimento que surgia e que encontraram apoio na figura de Cuauhtémoc, o herói indígena, o último tatloani, morto e torturado por Hernán Cortés e *La Malinche*, a anti-heroína, a figura controversa, considerada a fonte do primeiro mestiço e, ao mesmo tempo, um contraponto da fidelidade nacional; entre o passado indígena e a xenofobia, os estrangeiros representavam tanto os espanhóis, quanto os americanos. Montandon (2007) justifica esse apego à figura de Malinche por parte dos literatos e acadêmicos à necessidade de decifrar essa figura enigmática, tão pouco compreendida e suavizar os constantes ataques à ela por parte do discurso nacionalista que, na ânsia de justificar a derrota mexicana e a vitória

espanhola, concentraram nela toda a culpa, chegando a aproximá-la de Medeia e de *La Llorona*.

Malinche, uma enigmática figura feminina, uma mulher de uma família nahuatl, amante e intérprete de Cortés, sempre presente durante todos os encontros de Cortés com Montezuma e outros indígenas importantes, bem como espiã de seus contemporâneos e conterrâneos a favor de Hernán Cortés, para com quem teve uma lealdade inabalável, aquele que era o estrangeiro que veio para destruir o lugar a que ela pertencia, não desapareceu após quinhentos anos de sua participação na história. Ainda que sua história tenha sido enfraquecida e quase apagada das narrativas espanholas, ela continuou a aparecer em pinturas coloniais de artistas nahuatl e retornou com força total no final do século XVIII. De acordo com Seed (2009), nos anos que antecederam a independência da Espanha em 1821, intelectuais mexicanos, como parte de um esforço maior para se distinguir de seus senhores espanhóis, tornaram-se cada vez mais interessados em temas indígenas. Assim, de acordo com várias visões, La Malinche ressurgiu: O jesuíta colonial e historiador Francisco Javier Clavijero transformou Malinche em uma heroína romântica. A tendência romântica na literatura no México estendeu-se até o final de no século XIX e representações abrangentes carregaram o ícone de La Malinche com ela. O historiador americano William Prescott escreveu *Conquest of Mexico* (1843) e alcançou sucesso ao mostrar Malinche como uma grande dama, elegante, chegando inclusive a mencionar que ela teria se reconciliado com sua família após a Conquista.

É crucial perguntar: havia pátria antes da “conquista”? Se não havia, fica a questão sobre a quem Malinche traiu, pois não poder-se-ia esperar algo mais de alguém que foi vendida pelos nativos e doada como um objeto, como oferenda de paz, aos estrangeiros que chegaram. Fica ainda a questão sobre qual é a identificação dos mexicanos com aqueles nativos, que não foram poucos¹⁶⁷, que traíram os astecas, também povo nativo, ao aliar-se aos estrangeiros. Se havia pátria, os valores não eram cristãos. Vale dizer que Malinche foi a primeira mulher batizada sob os valores cristãos, a primeira católica das Américas, batizada pelo frei

¹⁶⁷ Povos que ajudaram os espanhóis: Os tlaxcalteca, o cacique gordo de Cempoala, os zapoteca, os chontales. Houve também aqueles povos que não interferiram, como os chichimeca e os tarasco. (ARIAS RAMÍREZ, 2016)

Bartolomé de Olmedo, com o nome de Marina. Não se sabe a que ponto os mexicanos identificam-se com os mestiços, oriundos do acasalamento de espanhóis e índias nativas. Importante frisar que o primeiro mestiço foi o filho de Malinche e Cortés. Durante o governo de Porfírio Dias, houve uma tentativa de construção de uma nova narrativa do passado e a criação de uma nova identidade cultural e a imagem de Malinche passou a oscilar entre aquela que destruiu o mundo indígena e a mãe da nova sociedade mexicana. Alguns autores pretendem rever esta tendência de considerar Malinche como a traidora da pátria, preferindo uma visão menos maléfica da personagem historicamente controversa.

Em *Doña Marina (La Malinche) y la formación de la identidad mejicana* (2002), Cristina González Hernández procura soluções para vários impasses a respeito da identidade mexicana que se baseiam em Malinche para afirmarem-se. No segundo momento da república mexicana ela foi convertida, pelo discurso nacionalista mexicano, em traidora da pátria. Esse momento é também descrito por mais autores:

O segundo momento do governo de Porfírio Dias (1876 – 1911), chamado de “porfiriato”, foi o articulador para a construção de um Estado na América Latina e esse mesmo período foi também o responsável por criar uma narrativa do passado mexicano unificadora de identidade cultural compartilhada pelos diversos grupos sociais. Era preciso criar uma história abarcadora de todas as épocas do passado mexicano, um relato integrador das diversas raízes da nação. Isso se tornaria realidade na coleção enciclopédica México através dos séculos, publicada em 1889. A partir disso, o México não era mais branco e nem índio, mas sim fruto da mestiçagem de dois povos. (PORTUGAL; MORAIS, 2010, p. 97).

Após realizar uma pesquisa antropológica no México e no Peru, Cristina González Hernández percebe que houve uma época, período porfiriano, em que se tentou romantizar a relação de Hernán Cortés e Malinche, bem como uma tentativa de resgatar e tornar magnificente a imagem de Malinche para fazer-se uma reconciliação entre liberais e conservadores hispanistas.

Sobre esse momento, temos a visão de Portugal & Morais (2010):

A conquista espanhola era vista como um momento de dor para os mexicanos, por se tratar de um episódio violento, responsável pela destruição de uma antiga e maravilhosa cultura, a dos astecas, mas ao mesmo tempo essa dor era a responsável pelo nascimento do México mestiço, fruto da fusão entre espanhóis e indígenas. (PORTUGAL; MORAIS, 2010, p. 97).

Em *Malinche in Cross-Border Historical Memory* (2008), Sonia Hernández vem para evocar questões sobre racismo e sentimentos anti-indígenas, lembrar que

Malinche evoca questões de orgulho e raça e de que muitos não gostam da ideia de ser descendente de La Malinche. Muitos mexicanos conseguem justificar a personalidade meio explosiva pelo fato de terem herança indígena, e pela mistura de sangue indiano e espanhol. A vida e a herança que Malinche deixou evocam uma relação íntima entre índole e mestiçagem.

Segundo a autora, o epíteto *malinchista* se refere diretamente ao nome de Malinche, mas à percepção política da traição seu povo. Esta concepção surgiu na Revolução Mexicana, durante o governo de Porfirio Díaz¹⁶⁸, em uma ditadura cujos líderes eram contrários a privilégios concedidos a estrangeiros e reescreveram a história do México, na qual os espanhóis seriam os intrusos e quem os tivesse ajudado, seriam os traidores da nação. A partir de então, Malinche passou a ser considerada uma traidora, aquela que traiu seu próprio povo em benefício dos invasores estrangeiros e, mesmo depois dessa situação política ter sido ultrapassada, o nome de Malinche continuou a ser sinônimo de traição. Segundo Hernández (2008), no sul do Texas, o epíteto identifica, por exemplo, uma mulher que se casou um norte-americano; enfim, *malinchismo* é um termo que ultrapassou fronteiras. Dentro do México, muitos ignoram que Malinche tenha dado origem ao que significa mexicano, hoje em dia; era simplesmente uma indígena que sabia as línguas necessárias para ser a tradutora, e que o fato de ter tido um filho com Cortés não significa que ela desempenhou um papel na criação de uma nova raça e que teve suas próprias razões para agir como agiu. Para alguns Cortés pegou o que quis dentro do México, não só Malinche, mas tudo e todos. Mais opiniões são de que havia uma natureza coercitiva no relacionamento, que o que importava realmente era a vontade de Hernán Cortés e não a de Malinche. O certo é que há uma luta entre o passado que inclui Malinche, pelo lado indígena e Cortés, representando os espanhóis que trouxeram a fé católica e um “verdadeiro Deus”, como afirmam alguns. Até mesmo José Limón escreveu: “Afinal, a Espanha também é a pátria mãe; ela nos deu nosso senhor Jesus Cristo e sua crucificação”.

¹⁶⁸ Foi presidente da República do México em três períodos políticos: presidente interino de 23 de novembro a 11 de dezembro de 1876, presidente de 17 de fevereiro de 1877 a 30 de novembro de 1880 e durante o período chamado *porfiriano*, de 1 de dezembro de 1884 a 25 de maio de 1911.

Hernández (2008) acrescenta que o nome de Malinche é associado à *La Llorona* e, também, à *Bloody Mary*¹⁶⁹; tanto Malinche quanto *Bloody Mary* têm seus nomes associados a um insulto.

María Elena Jones, PhD em Antropologia e Etnologia da América pela Universidade Complutense de Madrid, em seu trabalho de 2018, *El rol de intérprete de la Malinche en la Masacre de Cholula: ¿traidora o traicionada?*, justifica o título de Malinche como a traidora ao referir-se ao Massacre de Cholula, episódio que ficou conhecido com esse nome porque os nativos de Cholula estavam planejando um ataque contra Hernán Cortés. Após pesquisar o mundo asteca antes da “conquista”, explica como foi, historiograficamente, que se dedicou a aprofundar seus conhecimentos sobre Malinche, personagem tão mitificada e que, apenas com muita acuidade, com uma busca minuciosa através de numerosos historiadores, se consegue diferenciar o que é verdade e o que é mito a respeito dessa figura.

Ao descobrir uma emboscada conjurada contra Cortés, Malinche contou ao amante e esse ordenou um massacre que aniquilou com a população de Cholula, matando igualmente homens, mulheres e crianças. Jones (2018) argumenta que, no intuito de exterminar o povo asteca, ela não hesitou em denunciar os habitantes de Cholula, os cholultecas, que seriam um empecilho a Hernán Cortés para que este pudesse chegar à capital asteca, Tenochtitlan. Isso, para Malinche, não seria uma traição, pois nem os astecas, nem os moradores de Cholula eram seu povo, já que

¹⁶⁹ According to English cultural and historical tradition, Mary I is perceived to be a villainous queen whose torture and persecution of English Protestants earned her the regrettable nickname “Bloody Mary.” From the time of her reign (1553-1558), Mary’s supporters and opponents characterized her between the extremes of the biblical heroine Deborah, who redeemed the country from religious destruction, and the villain Jezebel, who persecuted God’s faithful subjects. Until very recently, the prevailing image of Mary Tudor was as a cruel, tyrannical, and hysterical woman whose premature death saved England from Catholic and Spanish oppression. Over the centuries, the mutation of Mary’s character and reputation became a tool in the hands of Protestant historians who portrayed her as the antithesis of the Virgin Queen, Elizabeth I, and the subsequent rise of England’s glory as a world power in the seventeenth and eighteenth centuries. This traditional image of Mary Tudor even infiltrates popular culture today. (SCOTT, 2014, p. 7) De acordo com a tradição cultural e histórica inglesa, Mary I é vista como uma rainha vilã cuja tortura e perseguição aos protestantes ingleses lhe valeram o lamentável apelido de “Bloody Mary”. Desde o tempo de seu reinado (1553-1558), os partidários e oponentes de Mary caracterizou-a entre os extremos da heroína bíblica Débora, que redimiu o país da destruição religiosa, e o vilão Jezabel, que perseguiu os súditos fiéis de Deus. Até muito recentemente, a imagem prevalecente de Mary Tudor era uma mulher cruel, tirânica e histérica cuja morte prematura salvou a Inglaterra da opressão católica e espanhola. Ao longo dos séculos, a mutação do caráter e reputação de Maria tornou-se uma ferramenta nas mãos de historiadores protestantes que a retrataram como a antítese da Rainha Virgem Elizabeth I e o subsequente aumento da glória da Inglaterra como uma potência mundial no século XVII e XVIII. Essa imagem tradicional de Mary Tudor se infiltra até hoje na cultura popular. (SCOTT, 2014, p. 7).

ela vinha de um povo chamado zoque que vivia ou em Panala ou em Huiulotla, situado entre os maias e astecas e totalmente submisso a este último povo. A autora também argumenta que a difamação de Malinche é consequência do menosprezo e da omissão de seu nome nos relatos dos conquistadores espanhóis. Talvez, ainda, ela tenha se tornado um bode expiatório para justificar a derrota dos nativos.

Quando se propôs a tornar Malinche seu objeto de trabalho, a intenção de María Elena Jones foi analisar a história deste personagem mítico que tem causado tantas opiniões controversas e representá-la de maneira diversa, mais próxima de um meio-termo, nem santa, nem traiçoeira.

Virgilio Arias Ramírez (2016) nos diz que a história é uma extensão do tempo, um descobrimento apaixonante que pode se fixar como imagens que se enraízam e semeiam inquietudes. Malinche se tornou uma dessas inquietudes, pois ele investigou, por anos, a vida e a origem de Malinche, com a mais nítida intenção de modificar o estigma que pesa sobre a figura de Malinche: “Esperamos que as versões dessas páginas sirvam para esclarecer algumas dúvidas a esse respeito e, acima de tudo, que o estigma de ter sido uma traidora dos mexicas será apagado” (ARIAS RAMÍREZ, 2016, p.13, tradução nossa)¹⁷⁰

Ao aprender história no México, comenta que os professores falavam copiosamente sobre a conquista do México, mas referiam-se parcamente à Malinche, nunca falando sobre o papel necessariamente importante que ela deve ter desempenhado, já que ela foi “la lengua” que traduziu o encontro, ou desencontro, das duas civilizações que levou Tenochtitlan, a capital dos astecas, ao colapso total em 13 de agosto de 1521. E desse pouco que os professores e a história falavam de Malinche, surgiu no autor de *Malinche La abuela zoque*, a pergunta: “Mas dando uma olhada na história, podemos perguntar: quem era essa pessoa chamada Malinche? O que inspirou livros, romances, peças teatrais, você gastou tanto tinta e papel nisso e isso gerou polêmicas rudes?” (ARIAS RAMÍREZ, 2016, p.13, tradução

¹⁷⁰ “Esperamos que las versiones de estas páginas, sirvan para esclarecer algunas dudas al respecto y mayormente, que se borre el estigma de haber sido traidora de los mexicas.” (ARIAS RAMÍREZ, 2016, p. 13)

nossa)¹⁷¹. Reconhece ele que há um grande vácuo na história desta mulher que foi uma personalidade que perdurou no tempo e no sentimento de tantos e pergunta-se:

Por que só deveria apontar para os tlaxcaltecas? E como pessoa, só para Malinche? Devemos lembrar, que certamente o Império Mexica, que durou 196 anos de grandeza incomparável - foi um dos onze mais poderosos que já existiram - sujeitou muitos povos, então eles esperavam uma oportunidade de se libertarem dos pesados tributos impostos depois de uma guerra. (ARIAS RAMÍREZ, 2016, p.59, tradução nossa)¹⁷²

Segundo ele, outras pessoas são também culpadas e deve-se ter em mente que não existia conceito de pátria, como temos hodiernamente e, principalmente, que Malinche era órfã, escrava e que foi doada aos espanhóis e que não devia fidelidade ou respeito aos astecas. Assim ele conclui:

Uma personalidade que não deve ser demonizada, merece seu lugar na história porque contribuiu com sua inteligência e sacrifício em uma companhia estranha, é verdade, mas que teve muito a ver com o que seria a segunda miscigenação mexicano-espanhola, tendo um filho com Hernán Cortés Pizarro-Martín-, o primeiro foi completado por Gonzalo Guerrero com uma princesa maia, na península de Yucatán. Ela também era uma mulher que, com resignação, e provavelmente desenvolveu involuntariamente a igualdade de gênero, que na Europa medieval, nem mesmo remotamente aceitava esse direito às mulheres; Resumindo: ela era uma figura histórica que, pela sua inteligência, coragem e sentimento feminino, registrou o nome de Malintzin, em muitas donzelas como elas e lugares no México. (ARIAS RAMÍREZ, 2016, p. 65-66, tradução nossa)¹⁷³.

A amante de Cortés foi, certamente, uma mulher que usou de sua inteligência e beleza, bem como de sua habilidade linguística, para impor-se, para abrir seus caminhos. E provavelmente, não agiu exclusivamente por má índole ou por desejo de destruir os astecas, ou por desejo de vingar-se das desgraças que a vida tinha

¹⁷¹ “Pero dando una mirada a la historia, bien podemos preguntar: ¿Quién fue esa persona llamada Malinche? ¿Que há inspirado libros, novelas, obras de teatro, se has gastado tanta tinta y papel en ella y que ha levantado rudas polémicas?” (ARIAS RAMÍREZ, 2016, p. 13)

¹⁷² “¿Por qué debe señalarse sólo a los Tlaxcaltecas?, y como persona ¿Sólo a la Malinche?. Debemos recordar, que ciertamente el imperio mexica que duro 196 años de grandeza inigualable — fue uno de los once impérios más poderosos que han existido—, había sometido a muchos pueblos, por lo que éstos, esperaban una oportunidad para liberarse de los pesados tributos impuestos después de una guerra.” (ARIAS RAMÍREZ, 2016, p. 59)

¹⁷³ Una personalidad que no debe ser satanizada, merece su lugar en la historia porque aportó su inteligencia y sacrificio en una empresa extraña, es cierto, pero que mucho tuvo que ver, con lo que sería el segundo mestizaje mexicanoespañol, al tener un hijo con Hernán Cortés Pizarro —Martín—, el primero lo había consumado Gonzalo Guerrero con una princesa maya, en la península de Yucatán. También fue una mujer que con resignación, y probablemente sin proponérselo desarrolló la equidad de género, que en la Europa medieval, ni remotamente se aceptaba ese derecho a la mujer; en resumen: ella fue un personaje histórico que por su inteligencia, valor y sentimiento femenil, grabó el nombre de Malintzin, en muchas doncellas como ellas y lugares de México. (ARIAS RAMÍREZ, 2016, pp. 65-66)

Ihe proporcionado, mas também para ter compensações financeiras. Sobre isso nos fala Camilla Townsend (2006):

Não há uma moral simples para essa história. Vidas reais sempre abrangem mais de uma verdade. “A verdade” sobre Malintzin e seus dois filhos é tão multifacetada quanto a verdade sobre todos as outras pessoas com sangue indígena que, sem nunca ter pedido ou desejado, nasceram na era da conquista. Malintzin, doña María e don Martín tentaram proteger-se, entrando no mundo espanhol e perder como resultado de suas escolhas, tornando-se vítimas da doença do Velho Mundo e das maquinações pessoais e políticas dos europeus que não os valorizavam como eles mereciam ser valorizados? Possivelmente. Mas outros argumentos podem ser feitos igualmente bem, talvez melhores. Malintzin veio de um longa fila de sobreviventes, pessoas que arrancaram suas vidas da terra em bons e maus anos, e que não demonstraram seus sentimentos quando foram aprisionados nas guerras perenes sobre recursos entre os estados indígenas. Nas circunstâncias mais difíceis de Malintzin ela mesma mostrou o mesmo espírito de vida sobre a morte, o mesmo tipo de orgulho, e ela conseguiu colocar seus filhos e os filhos de seus filhos em posições mais fortes do que eles pareciam ter sido predestinados. (TOWNSEND, 2006, p. 173, tradução nossa).¹⁷⁴

A tradutora ganhou muitos bens, após a vitória de Hernán Cortés. Da lista de bens que coube a Malinche após Hernán Cortés não considerar mais útil mantê-la ao seu lado, como amante e decidiu casá-la com Juan Jaramillo, o casal, então, recebeu uma *encomienda* em Xilotepec, hoje chamada de Jilotzingo, um pomar em San Cosme e uma casa na rua de Medinas hoje Cuba, no centro histórico. Esta casa, “La Hacienda Galindo”, que Malinche recebeu no ano de 1524, situa-se perto de San Juan del Río e foi lá que, provavelmente, ela terminou seus dias.¹⁷⁵

¹⁷⁴ There is no simple moral to this tale. Real lives always encompass more than one truth. “The truth” about Malintzin and her two children is as multifaceted as the truth about all the other people with indigenous blood who, without ever having asked for it or wanted it, were born into the age of conquest. Did Malintzin, doña María, and don Martín attempt to protect themselves by entering the Spanish world and lose as a result of their choices, becoming victims of Old World disease and of the personal and political machinations of Europeans who did not value them as they deserved to be valued? Perhaps. But other arguments can be made equally well, perhaps better. Malintzin came from a long line of survivors, people who wrested their lives from the land in good years and bad, and who did not show their feelings when taken prisoner in the perennial wars over resources among indigenous states. In the most difficult of circumstances Malintzin herself showed the same spirit of life over death, the same kind of pride, and she succeeded in placing her children and her children’s children in stronger positions than they seemed to have been fated. (TOWNSEND, 2006, p. 173).

¹⁷⁵ Respecto a los bienes de la Malinche, que tuvo por los servicios prestados en la conquista, se citan: la encomenda del pueblo de Xilotepec hoy estado de México; la huerta de San Cosme, que edificó su marido Juan Jaramillo, además em 1528 les dieron cerca de Chapultepec, otra que había sido de Moctezuma; dentro de la ciudad tuvieron una casa en las calles de Medinas, hoy república de Cuba. Al referirse a la Historia de la Hacienda Galindo, los señores José Luis Prudencio Bilbao y Jesusa D. Bilbao —Querétaro 2000 Tiempo Fuerte—, dicen: “Según cuenta la leyenda, Hernán Cortés regaló la Hacienda Galindo a la “Malinche” — allá por 1524— en agradecimiento a su extraordinaria actitud de servicio, a su talento conciliador y a sus conocimientos” y agregan, “De este hecho pensamos, que nace la leyenda pues es evidente que el capitán don Juan Jaramillo y su esposa Marina (Malinche), llegan en 1524 a la región de San Juan del Río según lo establece en sus

A protagonista deste trabalho foi pouco lembrada durante o século XIX. Ninguém comentava sobre sua vida; mulher e indígena não eram objeto de pesquisas ou personagens de novelas. Então, o México se libertou do jugo da Espanha e pela primeira vez Malinche torna-se personagem do romance *Xicoténcat* (1826); sua imagem já era de traidora da pátria?¹⁷⁶

Fernanda Aparecida Ribeiro escreve em *Malinche e a narrativa histórica feminina no século XXI*, que “Malinche é um símbolo transnacional porque motiva a discussão de questões próprias às mulheres, como maternidade, presença feminina em questões políticas e de guerra, bem como de identidade.” (RIBEIRO, 2017, p. 474)

Diz-nos Ribeiro (2017) que a “imagem de Malinche se faz em uma rede intertextual, que começa com as crônicas de Conquista, passa pelos discursos nacionalistas do século XIX e chega ao final do século XX com diversas facetas, algumas delas incompatíveis entre si.” (RIBEIRO, 2017, p. 474). Essa autora ressalta que, nas últimas décadas tem havido a preocupação de obras literárias, principalmente as escritas por mulheres, em “desmascarar a subordinação das mulheres legitimada pela ideologia patriarcal e, pode-se dizer, pela literatura canônica, além de desvendar a manipulação da história para impor determinados princípios e valores na sociedade” (RIBEIRO, 2017, p. 474). e comenta que “algumas autoras têm se destacado na ficção por resgatar figuras históricas, a saber Laura Esquivel, que ou foram esquecidas e silenciadas ao longo do tempo por uma realidade arbitrária e por um discurso que valoriza o masculino em detrimento do feminino.” (RIBEIRO, 2017, p. 470). Malinche é a escolhida em muitos desses

proprios escritos el propio fundador de esa ciudad Don Nicolás de San Juan Montañés. También se establece que Don Juan Jaramillo —por indicaciones del de esa ciudad Don Nicolás de San Juan Montañés. También se establece que Don Juan Jaramillo —por indicaciones del Gobernador Hernán Cortés— erigió una finca para doña Marina (Malinche) cerca de un nuevo poblado de San Juan del Río”. (ARIAS RAMÍREZ, 2016, pp. 59-60).

¹⁷⁶ Published anonymously in Philadelphia, it is one of the first texts to present a negative view of La Malinche, according to Luis Leal. Calling her Doña Marina, the unknown author paints a literary portrait of her as the evil temptress and betrayer of la patria. This text made an impact in Mexico. By 1870, the phrase “seller of her nation” had become integrally associated with Marina in the portrait developed by Eligio Ancona in *Los mártires del Anahuac* (The Martyrs of Anahuac). (CYPESS, 2008, p. 432)

trabalhos literários¹⁷⁷, bem como acadêmicos¹⁷⁸ que têm por objetivo “retratar protagonistas que se tornaram emblemas contraditórios em suas culturas.” (RIBEIRO, 2017, p. 470).

Segundo Maes (2013) houve “uma visão negativa dos 50-60 anos, secundados e propagados por certos pró-homens da comunidade letrada mexicana, incluindo os escritores eruditos Octavio Paz (1947) e Carlos Fuentes¹⁷⁹ (1970), embora este último aja com mais sutileza e acabe por ser um pouco mais graciosamente clemente com Malinche.” (MAES, 2013, p. 13).

Maes (2013) fala sobre as primeiras mulheres escritoras que se opuseram a Paz e Fuentes (1970) e tentaram reabilitar o nome de Malinche:

Elena Garro, Rosario Castellanos e Sabina Berman [...] as três estão no mesmo comprimento de onda no respeito a seu objetivo final, perseguem um único objetivo, ou seja, substituir a linguagem lacerante, que, de fato, é a "agressão verbal" que utilizam a e Fontes para um discurso em defesa de Malinalli e impor, bem como as circunstâncias permitem, honrar a esta mulher extraordinária. (MAES, 2013, p. 19, tradução nossa).¹⁸⁰

Quando as feministas dos anos 70 começaram a clamar por liberdade e Malinche tornou-se nome-chave. Diz Ribeiro (2017) que essa tendência na literatura contemporânea vem à tona nos anos 70 do século XX, uma década após o início da chamada “segunda onda do feminismo” quando “aparece como um movimento libertário.” (RIBEIRO, 2017, p. 474). As contestações começaram: traidora? Por quê? A quem ela devia fidelidade? Alegavam que Malinche era uma vítima, uma escrava que lutou por sua vida e sua liberdade. Nos anos 70, Malinche tornou-se, em uma visão satírica de vários autores mexicanos, mais poderosa que Hernán Cortés, que teria sido manipulado por ela, que se tornaria defensora dos povos nativos. A década de 70 despertou também a atenção de mulheres acadêmicas para a figura de Malinche, já que o termo *malinchista* servira, desde a década de trinta

¹⁷⁷ Elena Garro (1989), Sabina Berman (1985), Marisol Martín del Campo (1999), Fanny del Río (2009), Helena Alberú de Villava (1995), Laura Esquivel (2006).

¹⁷⁸ Beatriz Aracil (2014), Rosario Castellanos (1996), Sandra Messinger Cypress (2008), Milagros Palma (1990), Miguel Angel Menendez (1994).

¹⁷⁹ “a visión negativa de los años 50-60, secundada y propagada por ciertos prohombres de la comunidad letrada mexicana, entre ellos los escritores doctos Octavio Paz y Carlos Fuentes (1970), aunque este último actúa con más sutileza y resulta ser algo más clemente frente a Malinche.” (MAES, 2013, p. 13).

¹⁸⁰ Elena Garro, Rosario Castellanos y Sabina Berman [...] las tres están en la misma onda por lo que respecta a su meta final, o sea, persiguen un único objetivo común, a saber, sustituir el lenguaje lacerante o, como quien dice, la 'agresión verbal' que utilizan Paz y Fuentes por un discurso en defensa de Malinalli y tributar –tan bien como las circunstancias lo permiten honores a esta mujer extraordinaria. (MAES, 2013, p. 19).

para difamar as mulheres mexicanas e chicanas para desafiar este uso sexista, as feministas chicanas reavivaram a imagem de Malinche, que foi vista como intermediária não somente entre indígenas e espanhóis, mas entre americanos e mexicanos. Assim, Malinche foi, também, reconstruída como um símbolo de independência sexual.

Os autores dos anos 80 e 90 começaram a considerá-la mais que uma sobrevivente, uma mulher inteligente, que conseguiu o melhor que pode, dentro de suas condições. Se os espanhóis vencessem e sobrevivessem, ela sobreviveria, se ficasse ao lado deles, se os ajudasse na vitória.

Em 1947 Octávio Paz escreve o artigo *El laberinto de La soledad* no qual encara o relacionamento entre Cortés e Malinche como uma forma de estupro, o espanhol que estupra a nativa e que essa prole, derivada de tal relacionamento, não poderia ser saudável e feliz:

A linguagem popular reflete o ponto em que nos defendemos de fora: o ideal de "homilia" consiste em "rachar" nunca. Aqueles que se abrem são covardes. Para nós, ao contrário do que acontece com os outros povos, uma fraqueza ou traição nos abre. Os mexicanos podem duplicar, humilhar, "agachar", mas não "rachar", isto é, permitir que o mundo exterior penetre internamente. O "rachado" é de pouca confiança, é um traidor ou um homem de lealdade duvidosa, que se preocupa com segredos e não pode enfrentar os perigos como se poderia esperar. As mulheres são seres inferiores porque, quando se entregam, elas se abrem. Sua inferioridade constitucional está enraizada em seu sexo, em sua "embriaguez", a cura que nunca se curou. (PAZ, 1947, p. 10)¹⁸¹

O mexicano, devido à Malinche, só poderia resultar em um ser acabrunhado e escondido dentro de si mesmo. Diz ele sobre Malinche:

Em contraste com Guadalupe, que é a mãe virgem, a Chingada é a mãe violada ... a passividade [da Chingada] é ainda mais desprezível: não oferece resistência à violência, é uma pilha inerte de sangue, ossos e poeira. Sua mancha é constitucional e reside, como dito acima, em seu sexo. Essa passividade aberta ao exterior leva-a a perder sua identidade: ela é a Chingada. Perde seu nome, não é ninguém agora, é confundido com nada, é nada. E ainda assim é a hedionda encarnação da condição feminina. Se a Chingada é uma representação da mãe estuprada, não acho necessário associá-la à Conquista, que também foi uma violação, não

¹⁸¹ El lenguaje popular refleja hasta qué punto nos defendemos del exterior: el ideal de la "hombría" consiste en no "rajarse" nunca. Los que se "abren" son cobardes. Para nosotros, contrariamente a lo que ocurre con otros pueblos, abrirse es una debilidad o una traición. El mexicano puede doblarse, humillarse, "agacharse", pero no "rajarse", esto es, permitir que el mundo exterior penetre en su intimidad. El "rajado" es de poco fiar, un traidor o un hombre de dudosa fidelidad, que cuenta los secretos y es incapaz de afrontar los peligros como se debe. Las mujeres son seres inferiores porque, al entregarse, se abren. Su inferioridad es constitucional y radica en su sexo, en su "rajada", herida que jamás cicatriza. (PAZ, 1947, p. 10)

apenas no sentido histórico, mas na carne dos índios. O símbolo da entrega é a senhora Malinche, a amante de Cortés. É verdade que ela voluntariamente se entrega ao Conquistador, mas este, mal deixa de ser útil, esquece-o. Doña Marina tornou-se uma figura que representa o índio, fascinado, violentado ou seduzido pelos espanhóis. (PAZ, 1947, pp. 77-78)¹⁸²

Ao mesmo tempo em que surgia essa visão, outra, mais nacionalista começava a se formar na segunda metade do século XX, mais exatamente de 1940 a 1970; não a de que Malinche fosse uma vítima, mas sim uma traidora da pátria, aquela que tinha escolhido por sua livre e espontânea vontade, formar uma aliança com o invasor e seu nome passa a ser associado com o epíteto *malinchista*.

Ireneo Paz, avô de Octavio Paz, escreveu dois romances sobre Malinche: *Amor y suplicio* (1873) e *Doña Marina* (1883), ambos do período da pós-reforma no México e já atribuem à Malinche os adjetivos que hoje são atrelados ao *malinchismo*, qualidade daquele que se deixa atrair, que prefere o estrangeiro em detrimento do nacional.

A reputação de Malinche foi alterada ao longo dos anos de acordo com a mudança das perspectivas sociais e políticas, especialmente após a Revolução Mexicana: “Numa visão nacionalista, se *La Malinche* gerou o primeiro mexicano também gerou a traição à raça, à nação, o “malinchismo” para os mexicanos, que criaram tal termo pejorativo como patrulha contra os que se encantam ou se deixam seduzir pelo estrangeiro.” (MONTANDON, 2007, p. 20).

Bem mais tarde, seu neto, Octavio Paz (1947) em *Los hijos de la Malinche*, nos diz que, para os europeus, o México é um país à margem da história universal.

Frisa-se que muitos autores, de diferentes nacionalidades e em distintas épocas, sentiram suas curiosidades despertadas pela figura de Malinche.

¹⁸² Por contraposición a Guadalupe, que es la Madre virgen, la Chingada es la Madre violada... la pasividad [de la Chingada] es aún más abyecta: no ofrece resistencia a la violencia, es un montón inerte de sangre, huesos y polvo. Su mancha es constitucional y reside, según se ha dicho más arriba, en su sexo. Esta pasividad abierta al exterior la lleva a perder su identidad: es la Chingada. Pierde su nombre, no es nadie ya, se confunde con la nada, es la Nada. Y sin embargo, es la atroz encarnación de la condición femenina. Si la Chingada es una representación de la madre violada, no me parece forzoso asociarla a la Conquista, que fue también una violación, no solamente en el sentido histórico, sino en la carne misma de las indias. El símbolo de la entrega es doña Malinche, la amante de Cortés. Es verdad que ella se da voluntariamente al Conquistador, pero éste, apenas deja de serle útil, la olvida. Doña Marina se ha convertido en una figura que representa a las indias, fascinadas, violadas o seducidas por los españoles. (PAZ, 1947, pp. 77-78).

Octávio Paz¹⁸³ viveu por um tempo nos Estados Unidos, e ao ver-se fora do México, voltou seu olhar para o povo mexicano. Ao encontrar-se com mexicanos que viviam nos Estados Unidos, que não assimilavam a sociedade que os rejeitava, percebeu que seus conterrâneos, com ares furtivos e inquietos, sentiam vergonha de sua própria origem. Desse olhar para si próprio e para os de sua nacionalidade, nasceram suas reflexões; do desejo de compreender como os norte-americanos o viam, encontrou sua própria imagem que interrogava.

Ao tentar compreender a essência da individualidade mexicana e as raízes que mantêm esse homem preso à sua cultura, Octávio Paz fala de um lugar pós-revolução mexicana e de uma parcela concreta de mexicanos que é composta por seres insondáveis, reservados, hermeticamente fechados e que essa ocorrência se avulta porque, a isso, se somam as festas solenes e o culto à morte que os tornam estranhos aos estrangeiros. Então, ele associa essa condição mexicana à figura de Malinche, do que ela representou na “conquista” de seu povo. Assim como todo o processo de conquista se configura em uma violação, não no sentido metafórico, mas literal, que se deu nos corpos dos nativos e na carne das indígenas, a figura de Malinche é a marca viva daquela que se dá voluntariamente ao conquistador, que é usada e logo esquecida por ele. Essa representação é a chaga que permanece aberta; Malinche é aquela que foi violada e seduzida pelos espanhóis. Para Octávio Paz os mexicanos são os *Hijos de la Chingada*:¹⁸⁴

Daí o sucesso do adjetivo depreciativo "malinchista", recentemente posto em circulação pelos jornais para denunciar todos os infectados por tendências estrangeiras. Os malinchistas são os defensores da abertura do México para o exterior: os verdadeiros filhos de La Malinche, que é a

¹⁸³Paz's literary career began in the early 1930s. He fought on the Republican side in the Spanish Civil War and later undertook a diplomatic career, which included posts in France, India, Japan, and Switzerland. He quit this career in 1968 in protest against the government killings of student protestors at the Plaza de Tlatelolco (see part VII of this volume). While he remained very critical of the Mexican political system, he became increasingly conservative in his later years, which often placed him at odds with other Latin American intellectuals. In 1990 he was awarded the Nobel Prize for Literature. (JOSEPH, Gilbert M., HENDERSON, Timothy J. 2002).

A carreira literária de Paz começou no início dos anos 1930. Ele lutou no lado republicano na Guerra Civil Espanhola e mais tarde empreendeu uma carreira diplomática, que incluiu cargos na França, Índia, Japão e Suíça. Ele deixou essa carreira em 1968 em protesto contra as mortes do governo de manifestantes estudantis na Plaza de Tlatelolco (ver parte VII deste volume). Embora permanecesse muito crítico em relação ao sistema político mexicano, ele se tornou cada vez mais conservador em seus últimos anos, o que muitas vezes o colocou em desacordo com outros intelectuais latino-americanos. Em 1990, ele foi premiado com o Prêmio Nobel de Literatura. (JOSEPH, Gilbert M., HENDERSON, Timothy J. 2002, tradução nossa).

¹⁸⁴ ¡Viva México, hijos de la Chingada! (PAZ, 1947, p.31).

Chingada em pessoa. Novamente o fechado aparece em oposição ao aberto (PAZ, 1947, p.36, tradução nossa).¹⁸⁵

Diz-nos Paz (1947) que, do mesmo modo que não se perdoa uma mãe que abandona o filho para ir atrás do pai deste, não se perdoa a traição de Malinche que encarna em sua figura, o amaldiçoado, o aberto, o abjeto, aquela que se deixou encantar pelo que veio para matar e destruir. Daí, do nome Malinche, surgiu a designação “malinchista”, para qualificar pejorativamente a todos que se deixam contagiar pelos estrangeiros.

Neste desprezo por Malinche, se inclui a vontade do povo mexicano, segundo Paz (1947) de esquecer o passado, de fechar essa porta aberta de maneira tão violenta, de renegar o hibridismo representado pela relação carnal, pelo filho de Hernán e Malinche, resultado dessa relação, o primeiro mestiço da Nova Espanha, atual México. Malinche e Cortés permanecem não como passado, não como figuras históricas, mas como símbolos desse repúdio, de um conflito não resolvido.

Em *Malinche, el malinchismo o el lado femenino de la sociedad mestiza* de Milagros Palma (1990), responde a Octávio Paz quando ao que ele escreve sobre o papel representativo de Malinche na história do México. Primeiramente ela analisa as palavras de Bernal Díaz, na qual ele descreve Malinche como uma mulher “entrometida y desenvuelta”. Diz ela: "O texto do cronista Bernal Díaz é muito bom na metamorfose de um escravo, já que o doce está tomando forma, torna-se humano e o objeto inanimado termina em sujeito." (PALMA, 1990, p.138, tradução nossa).¹⁸⁶

Ela observa a passagem de Malinche de escrava a sujeito e, logo, à traiçoeira: “Mulheres, objetos, escravos, tornam-se sujeitos, tornam-se traidores de acordo com a lógica arquetípica do pensamento patriarcal.” (PALMA, 1990, 138, tradução nossa).¹⁸⁷

¹⁸⁵ De ahí el éxito del adjetivo despectivo "malinchista", recientemente puesto en circulación por los periódicos para denunciar a todos los contagiados por tendencias extranjerizantes. Los malinchistas son los partidarios de que México se abra al exterior: los verdaderos hijos de la Malinche, que es la Chingada en persona. De nuevo aparece lo cerrado por oposición a lo abierto. (PAZ, 1947, p.36).

¹⁸⁶ “El texto del cronista Bernal Díaz muestra bien la metamorfosis de una esclava, como va tomando forma el regalo, se va humanizando, y de objeto-inanimado termina em sujeto.” (PALMA, 1990, p.138)

¹⁸⁷ “La mujer, objeto, esclava, convertida en sujeto, se vuelve traidora según la lógica arquetípica del pensamiento patriarcal.” (PALMA, 1990, 138).

Segundo a escritora, se homens indígenas dão suas mulheres como objetos, como presentes aos estrangeiros, isso se chama reciprocidade, mas a mulher que se dá espontaneamente aos estrangeiros e entram nos jogos masculinos são chamadas traiçoeiras; "a traição vem depois de um tempo que o objeto ganha vida" (PALMA, 1990, p.138, tradução nossa).¹⁸⁸

Discorre ela que se Malinche tivesse se mantido no anonimato quando foi entregue como presente aos conquistadores, teria passado despercebida, mas como ela se destacou e se tornou sujeito, é individualizada para que se consiga condená-la melhor. A autora escreve que com o surgimento do nacionalismo, e da busca angustiante de uma identidade indígena, se olhou para trás e, nessa reinterpretação da história, Malinche é condenada. (PALMA, 1990, p.142).

Sobre a conversa de Malinche com a mulher do povoado de Cholula, antes do massacre, Palma escreve:

A velha mulher nada mais é do que um instrumento dos chefes cholultecas que precisam da cumplicidade de Malinche para o triunfo de seu projeto. Se a velha fala com Malinche, é porque os homens não a consideram igual, ela, também, quer fazê-la desempenhar o papel tradicional clandestino e subterrâneo que foi atribuído às mulheres nas sociedades de guerra e que necessariamente mina as fundações de qualquer poder masculino. A recompensa era casar com seu filho, um dos chefes que estava à frente da trama. (PALMA, 1990, 143, tradução nossa).¹⁸⁹

Sobre o excerto do texto de Octávio Paz, onde ele diz que um menino não perdoa uma mãe se essa o abandona, o povo mexicano não perdoa a traição de Malinche¹⁹⁰, escreve Palma:

Está claro que este texto de Paz não pode cantar de galo. O que o autor mexicano propõe é condenar de uma vez por todas o mundo feminino. Aqui não há salvação possível, Malinche será a imagem de abjeção da mulher e selará para sempre a infelicidade do "macho". A solução teria sido Malinche ser estuprada e ficar com seus filhos, como a maioria das mulheres faz na América central. (PALMA, 1990, 145, tradução nossa).¹⁹¹

¹⁸⁸ "la traición viene después una vez que el objeto toma vida." (PALMA, 1990, 138).

¹⁸⁹ La anciana no es más que un instrumento de los caciques cholultecas que necesitan de la cumplicidade de Malinche para el triunfo de su proyecto. Si la anciana habla con Malinche es porque los hombres non la consideran una igual. Ella además la quiere hacer jugar el rol tradicional clandestino, subterráneo, que se les ha atribuido a las mujeres en las sociedades guerreras y que socaba necessariamente las bases de cualquier poder masculino. La recompensa consistia en casarse com su hijo, uno de los caciques que estaba a la cabeza del complot. (PALMA, 1990, 143).

¹⁹⁰ Y del mismo modo que el niño no perdona a su madre que lo abandone para ir en busca de su padre, el pueblo mexicano no perdona su traición a la Malinche. (PAZ, 1947, p. 78)

¹⁹¹ Más claro que esse texto de Paz no puede cantar un gallo. Lo que se propone el autor mexicano es condenar de una vez por todas el mundo femenino. Aquí no hay salvación possible, Malinche será la imagen de abyección de la mujer y sellará para siempre la desgracia del "macho". La solución hubiera sido que Malinche fuera violada y que se quedara com sus hijos, como sucede com la mayoría de las mujeres en Centroamérica. (PALMA, 1990, 145).

Quanto ao mito que une Malinche a *La Llorona*, Palma diz que Malinche não abandonou seus filhos e que essa é uma imagem manipulada, a história é tergiversada, para que ela se encaixe no mito da traição. Continua ela, em resposta às palavras de Octávio Paz: “O México é uma ferida aberta. O México está ferrado porque quando Moctezuma abre as portas de Tenochtitlan para os espanhóis e recebe Cortés com presentes, os astecas perdem o jogo, sua luta final é um suicídio.” (PAZ, 1947, p. 79, tradução nossa).¹⁹² Milagros Palma continua seu texto, respondendo a Octavio Paz:

No entanto, esta expressão metafórica que personaliza a tragédia de cada povo, de cada um continente, em carne feminina é, às vezes, tratada com mais serenidade por Octavio Paz quando é lançada em andanças filosóficas de oposições entre masculino e feminino entre o fechado e o aberto. O aberto é feminino por excelência e o que se abre como a mulher que abre as pernas para ser penetrada, rachada, se submete femininamente. O vencido se abre e é penetrado como a mulher. (PALMA, 1990, p.146).¹⁹³

Palma conclui, escrevendo que a imagem de Malinche tem sido manipulada para que haja uma exaltação do masculino, para legitimar uma superioridade masculina. (PALMA, 1990, pp.148-149).

Margo Glantz (2006), em *Las hijas de la Malinche* também refere-se a Octávio Paz (1947) e a uma compilação de seus textos que foi intitulada *México*, para a qual Octavio Paz teria selecionado capítulos de *O labirinto da solidão* as palavras textuais do autor. Em *Las hijas de la Malinche*, Margo Glantz (2006), fala sobre as palavras de Paz(1947) e à acusação machista que pesa sobre Malinche:

É significativo, então, que nestas páginas se continue lendo palavras como as de Paz (1947). Escreve Margo Glantz:

As mulheres são seres inferiores porque, quando se entregam, elas se abrem. Sua inferioridade constitucional está enraizada em seu sexo, em sua "explosão", "ferida que jamais cicatriza" A partir dessa mesma "fatalidade anatômica" que configura uma ontologia, participa Malinche, o paradigma das mulheres mexicanas, enfim, a *Chingada*. (GLANTZ, 2006, p. 164).¹⁹⁴

¹⁹² Mexico es una llaga abierta. Mexico es chingada porque cuando Moctezuma abre las puertas de Tenochtitlan a los españoles y recibe a Cortés con presentes, los astecas pierden la partida, su lucha final es un suicidio. (PAZ, 1947, p. 79).

¹⁹³ Sin embargo esta expresión metafórica personalizando la tragedia de todo um Pueblo, de todo um continente, en la carne feminina, es a veces tratada com más serenidade por Octávio Paz quando se lanza en divagaciones filosóficas de oposiciones entre masculino y femenino entre lo cerrado y lo abierto. Lo abierto es femenino por excelência y el que se abre al igual que la mujer que abre las piernas para ser penetrada, rajada, se somete femininamente. el vencido se abre y es penetrado al igual que la mujer.(PALMA, 1990, p.146).

¹⁹⁴ Las mujeres son seres inferiores porque, al entregarse, se abren. Su inferioridad es constitucional y radica en su sexo, en su «rajada», «herida que jamás cicatriza». De esa misma «fatalidad

O artigo fala do surgimento de muitas autoras: “um dos fenômenos mais importantes da literatura mexicana desde 1968 é o surgimento de uma vasta produção de literatura feminina.” (GLANTZ, 2006, p. 177)¹⁹⁵ e assegura que “definir as diferenças individuais neutraliza o efeito da mitigação, absorve a traição”. (GLANTZ, 2006, p. 177).¹⁹⁶ Traição essa, que segundo Paz, todas as mulheres mexicanas seriam herdeiras. Reflete a autora: “A ponte é atravessada pelo fato: o rosto refletido, a Malinche, a *Chingada*, o lugar onde os estereótipos estão localizados, que são mexicanos - históricos - e muitos traidores.” (GLANTZ, 2006, p. 177).¹⁹⁷

Camilla Townsend primeiramente apaixonou-se pela língua náhuatl e em 1998 se tornou fascinada por Malinche e passou a investigar documentos e lugares que pudessem ajudá-la a tornar Malinche uma figura compreensível, para que as pessoas pudessem olhá-la de uma forma mais humana, como uma pessoa real, com todas as suas complexidades. Além disso, estudou costumes do povo no qual Malinche provavelmente viveu, os Nahúa: como viviam, como eram consideradas as crianças, qual era o trabalho concernente às mulheres e aos homens, como eram feitos os casamentos, quem era destinado a se tornar escravo de outros povos. Esse não foi o caso de Malinche, ela não se tornou escrava de guerra contra os astecas. Townsend assim se refere:

Quase certamente, havia aqueles entre o seu próprio povo que haviam sido cúmplices dela ter sido levada. [...] Ou se fosse um ano magro, o agregado familiar poderia simplesmente ter precisado de bens que os mercadores de passagem tivessem. O agregado familiar pode tê-la castigado - ou a mãe - por comportamento de cumplicidade: certamente dependentes recalcitrantes tinham sido ameaçados de venda antes. Alguém com algum poder pode simplesmente tê-la odiado. Mais de um desses cenários poderia facilmente ter sido verdade de uma só vez... (TOWNSEND, 2006, p. 31, tradução nossa).

Ela foi, provavelmente, roubada por mercadores, ou vendida pela mãe que acabara de enviuar, tese amparada nos escritos de Bernal Díaz Del Castillo.

anatômica» que configura una ontología, participa la Malinche, el paradigma de la mujer mexicana, en definitiva, la Chingada. (GLANTZ, 2006, p. 164).

¹⁹⁵ Uno de los fenómenos más importantes en la literatura mexicana desde 1968 es la aparición de una vasta producción de literatura femenina. (GLANTZ, 2006, p. 177).

¹⁹⁶ “definir las diferencias individuales contrarresta el efecto de mitificación, absuelve la traición”. (GLANTZ, 2006, p. 177).

¹⁹⁷ “El puente se atraviesa mediante la escritura: el rostro reflejado, el de la Malinche, el de la Chingada, el lugar de encuentro de los estereotipos, ser mexicana -ahistórica- y mujer -la traidora.” (GLANTZ, 2006, p. 177).

Segundo Del Castillo (2005), Malinche era de uma família poderosa, o pai seria um cacique, o pai morreu e a mãe a quer fora do caminho para que o filho do segundo marido assumisse o lugar de cacique algum dia. A mãe então a vendeu para mercadores e disse ao povo que a filha morreu. Townsend diz que isso seria possível, mas improvável, desumano inclusive. Outra improbabilidade seria uma mulher herdar tanto poder de acordo com os costumes do povo Nahúa. Camilla Townsend encontra discrepâncias pois, se isso fosse verdade, uma criança não saberia o que foi dito após sua venda. Essa história teria paralelos com os contos de Amadís de Gaula, favorito de Díaz, que pode ter inventado isso, ele próprio ou Malinche pode ter inventado essa história. Camilla Townsend pretendeu apresentar Malinche de uma forma mais humana, como uma pessoa legítima, com todas as suas complicações. Nada mais próprio de alguns seres humanos que receber “presentes” de pessoas vencidas, empobrecidas, saqueadas, talvez chorando por um parente assassinado pelos espanhóis ou mortos pela varíola.

Em 1524, Malinche e Cortés saíram em expedição ao mar do Caribe. Díaz Del Castillo (2005) conta que, ao passarem pelo local onde Malinche teria nascido, ela conversou com a mãe e o meio-irmão. Supondo que Díaz Del Castillo (2005) estivesse certo e Malinche tenha sido mesmo vendida pela mãe para que o irmão de outro casamento herdasse seus bens, seria muito interessante saber quais palavras ela usou para conversar com a mãe. Segundo Townsend:

Parece praticamente certo que Malintzin exigiu - e recebeu - direitos exclusivos de comandar o trabalho de Olutla e Tetiquipaque, o local de seu nascimento. Se ela voltou para lá com a intenção de proteger algumas pessoas de *altepetl* ou punir outras pessoas, nunca saberemos (TOWNSEND, 2006, p. 132, tradução nossa)¹⁹⁸.

Townsend pergunta-se qual teria sido a intenção de Malinche em pedir, ou exigir, se tinha tal poder, o comando e a propriedade das terras onde nasceu. Provavelmente desforra, mas, isso, só podemos inferir, nunca saberemos por certo. Um pouco antes desta viagem, ela casou-se, oficialmente e aos olhos da Santa Madre igreja, com Juan Jaramillo um espanhol, capitão de Hernán Cortés. López de Gómara diz que ele estava bêbado quando casou.

¹⁹⁸ “It seems virtually certain that Malintzin demanded—and received—unique rights to command labor from Olutla and Tetiquipaque, the place of her birth. Whether she returned there with the intention of protecting some of the altepetl’s people or punishing others we will never know.” (TOWNSEND, 2006, p. 132).

Díaz Del Castillo (2012) contradiz Gómara:

Durante essa viagem, um cavalheiro chamado Juan Jaramillo casou-se com ela na cidade de Orizaba, diante de certas testemunhas, uma delas chamada Aranda, ex cidadã de Tabasco. Ele falou do casamento, e não é como diz o cronista Gómara. Doña Marina teve uma grande presença e comandou absolutamente todos os índios da Nova Espanha (DEL CASTILLO, 2012, p.55, tradução nossa)¹⁹⁹

Malinche não casaria contra sua vontade, não porque Cortés estivesse cansado dela, ou porque não a quisesse mais como amante; ela tinha vontade própria, era uma pessoa importante, acostumada a ser obedecida por todos os nativos na nova Espanha, do que se deduz que ela escolheu casar-se com Jaramillo:

Restava, no entanto, o caminho a ser tomado em breve por muitas outras amantes indianas de um conquistador: ela poderia se casar com um espanhol menos poderoso, para quem o casamento com um índio influente seria mais atraente do que prejudicial. Enquanto o homem fosse poderoso o suficiente, seus interesses ainda seriam protegidos. O momento do casamento repentino - no início de uma grande expedição que Malintzin obviamente não teria favorecido a si mesma - fala muito. Ela deve ter negociado para um marido. Documentos jurídicos do século XVI fornecem ampla evidência de que as nobres indígenas estavam bem conscientes de que poderiam usar maridos espanhóis para sua vantagem em batalhas legais por terra e outros assuntos. (TOWNSEND, 2006, p. 130, tradução nossa)²⁰⁰

Esperar que Cortés casasse com ela era impraticável, provavelmente ela não queria isso, pois ele era um incorrigível mulherengo; possivelmente ele planejasse casar-se com uma espanhola, ou uma nativa de grande importância, já que a esposa Catalina estava morta, provavelmente por suas mãos. O arranjo mais seguro a que Malinche poderia aspirar seria casar-se com um espanhol, mesmo que bêbado e de um nível social abaixo de Cortés e abaixo dela mesma; um status social muito mais garantido que uma posição vulnerável de amante.

¹⁹⁹ During that journey a gentleman named Juan Jaramillo married her in the town of Orizaba, before certain witnesses, one of them named Aranda, a former citizen of Tabasco. He spoke of the marriage, and it is not as the chronicler Gómara tells it. Doña Marina had a great presence and commanded absolutely among all the Indians in New Spain. (DEL CASTILLO, 2012, p.55).

²⁰⁰ There remained, however, the path soon to be taken by many another Indian mistress of a conquistador: she could marry a less powerful Spaniard, one for whom marriage to an influential Indian would be more attractive than damaging. As long as the man were powerful enough, her interests would still be protected. The timing of the sudden marriage - at the start of a major expedition that Malintzin would obviously not have favored herself - speaks volumes. She must have bargained for a husband. Sixteenth-century legal documents provide ample evidence that Indian noblewomen were well aware that they could use Spanish husbands to their advantage in legal battles over land and other matters. (TOWNSEND, 2006, p. 130).

As preocupações de Malinche com ela mesma e depois com seus filhos a levaram a fazer várias escolhas que não foram necessariamente negativas se forem encaradas como motivadas por um sentimento de autopreservação: “Em um sentido material, Malintzin realmente fez bem para ela e seus filhos - especialmente considerando o contexto, os destinos alternativos que poderiam tê-los esperado.” (TOWNSEND, 2008, p. 140, tradução nossa).²⁰¹

Se formos analisá-la à luz da concepção de necessidade de segurança e sobrevivência de si e de sua prole, mesmo porque as premências, costumes e pensamentos eram completamente outros no século XVI e ainda outros para os nativos da sociedade mesoamericana. Ela tinha razões e objetivos definidos e específicos e devia considerar-se livre para forjar seus próprios caminhos e pautar sua conduta de acordo com seu próprio código moral para atingi-los.

É possível que Malintzin estivesse aproveitando uma oportunidade para ganhar algo que desejasse - que ela estivesse tentando se apoderar de poder suficiente para proteger a si mesma e a seus filhos, e possivelmente outras pessoas em Olutla. Isso nunca pode ser provado sem sombra de dúvida, uma vez que Malintzin não nos deixou um registro de seus pensamentos. Mas o pano de fundo contextual de seu casamento, quando cuidadosamente reunido em sua totalidade, oferece alguma evidência circunstancial poderosa para tal cenário, e virtualmente nenhuma evidência para a versão mais tradicional da história que tendeu a ser aceita sem questionamentos. (TOWNSEND, 2008, p. 127, tradução nossa).²⁰²

Talvez ela tenha morrido em janeiro de 1529. Assim como não se sabe ao certo como viveu e de algumas atitudes podemos apenas fazer conjecturas, também não se tem certeza da data de sua morte.²⁰³

²⁰¹ In a material sense, Malintzin had indeed done well for herself and her children—especially considering the context, the alternative fates that might otherwise have awaited them. (TOWNSEND, 2008, p. 140).

²⁰² It is possible that Malintzin was seizing an opportunity to gain something that she wanted—that she was attempting to grab hold of enough power to protect herself and her children, and conceivably even certain other people in Olutla. This can never be proven beyond a shadow of a doubt since Malintzin did not leave us a record of her thoughts. But the contextual backdrop to her marriage, when carefully pieced together in its entirety, offers some powerful circumstantial evidence for such a scenario, and virtually no evidence for the more traditional version of the story that has tended to be accepted without question. (TOWNSEND, 2008, p. 127).

²⁰³ On January 29, 1529, Juan de Burgos, a witness in the residencia against Cortés, referred to her as “ya difunta”—literally, “already dead,” implying that her death had been recent and premature. See AM, 1:160. We do not know what Malintzin died of, but barring the extremely unlikely scenario that she died in her twenties of an inherited disease such as cancer, she must have succumbed to one of the constant epidemics introduced by Europeans. If she had died of complications of pregnancy or childbirth, that fact undoubtedly would have come out in the lengthy case pursued by her daughter, as it would have strengthened the case that María really was Jaramillo’s child, not Cortés’s. In older works on Malintzin, it is often assumed that she lived to a ripe old age. (TOWNSEND, 2006, p. 205)

Apesar de tão poucos dados sobre Malinche, isso não impediu que ela fosse acusada de traidora por mexicanos pós-independência e odiada por muitos que a veem representativa da traição dos valores indígenas; nem que haja quem a defenda, por considerar que Malinche não foi servil à cultura espanhola, mas que aderiu ao sistema de ideias dos que chegavam num assimilacionismo incondicional, e que passou a ver os acontecimentos sob a ótica dos estrangeiros, ajudando enormemente no processo que não teria ocorrido sem ela, o que a torna, dessa maneira, realmente responsável por todos os eventos posteriores, as mortes, os massacres, a grande epidemia (*uey çahuatl*), o regime de servidão dos nativos e, devido ao fato de ter tido um filho com um dos estrangeiros que ficaram para repovoar aquelas terras, é figura primordial na mestiçagem que ocorreu a partir de então.

Tzvetan Todorov (2003) em *A conquista da América: a questão do outro*, diz que a vê como a iniciadora da mestiçagem entre culturas, uma mediadora intercultural; aquela que glorifica a mistura, que prenuncia o México como é, hodiernamente. Ele defende que Malinche não foi apenas subalterna e submetida ao conquistador, mas que ela assumiu a ideologia do estrangeiro ainda que, nesse percurso, tenha servido como elemento destruidor. Para justificar a proeminência de Malinche nos círculos que frequentava, Todorov recorda que o Código Florentino, Florentine Codex (1982) representa Malinche como figura central do primeiro encontro entre Cortés e Montezuma, conforme é retratada na figura cinco e capa. Para Todorov (2003), embora reconheça que Malinche é responsável, em muito, pela vitória rápida dos espanhóis e que ela não agiu coagida pela força, como muitos outros indígenas que cederam ao medo, pois assumiu inteiramente ideologia e as crenças daqueles que vinham, ela deve ser reconhecida por seu importante papel na miscigenação e união das duas culturas.

Em 29 de janeiro de 1529, Juan de Burgos, uma testemunha na residência contra Cortés, referiu-se a ela como “ya difunta” - literalmente “já morta”, indicando que sua morte havia sido recente e prematura. Veja AM, 1: 160. Não sabemos do que Malintzin morreu, mas, a não ser pelo cenário extremamente improvável de que ela tenha morrido em seus 20 anos de doença hereditária, como o câncer, ela deve ter sucumbido a uma das constantes epidemias introduzidas pelos europeus. Se ela tivesse morrido de complicações da gravidez ou do parto, esse fato, sem dúvida, teria saído no longo caso perseguido por sua filha, já que teria fortalecido o caso de que María realmente era filha de Jaramillo, não de Cortés. Em trabalhos mais antigos sobre Malintzin, supõe-se frequentemente que ela viveu até uma idade madura. (TOWNSEND, 2006, p. 205, tradução nossa).

Maria Emilia Granduque José (2011) escreveu sua dissertação em história *A presença de Malinche nas crônicas de Índias do século XVI* movida pelo desejo de descobrir por que a intérprete Malinche foi descrita com tanta intensidade nessas Crônicas de Índias e o que levou os cronistas de Índias a inserirem Malinche em seus relatos ao lado de Cortés, já que a História se preocupava somente em registrar os feitos masculinos deixando para as mulheres, os intérpretes e os escravos um lugar secundário e este segundo plano seria, pela lógica, destinado à Malinche. A pretensão inicial da estudiosa era estudar a figura de Malinche a partir desse rótulo de traidora, buscando nas crônicas do século XVI qual a imagem de Malinche na conquista e saber se Malinche foi considerada culpada pela conquista desde essa época, ou se tal visão nasceu mesmo do discurso nacionalista mexicano. Ao final, a estudiosa quer responder a pergunta: “Malinche trabalhou simplesmente na função de transmissora de mensagens ou operou para além desse encargo?” (JOSÉ, 2011, p. 12). A autora declara que seu interesse sempre foi estudar a indígena Malinche, por essa ser uma figura específica na história da conquista do México e explica que o que chamou sua atenção foi a imagem dela fixada pela historiografia pós-conquista, como a índia que ajudou Cortés durante a tomada do governo asteca. A estudiosa afirma que o aparecimento de Malinche nos relatos de Índias alterou a lógica das crônicas que deveriam exacerbar os grandes homens da conquista e silenciar a presença dos que não representavam a postura moral valorizada pela época e, no entanto, Malinche foi inserida.

Maria Emilia Granduque José (2011) chama a atenção ao fato de que o humanista Francisco López de Gómara destaca Malinche como a principal responsável pela descoberta da traição dos índios de Cholula, salvando os espanhóis do ataque surpresa tramado por ordem dos astecas (JOSÉ, 2011, p. 10). Mas, é bom lembrar que Gómara fundamenta seus argumentos no relato oral ditado por Cortés, pois ele pessoalmente, nunca esteve nas terras recém-descobertas.

A estudiosa chama a atenção para o que acredita serem as causas do interesse que a figura de Malinche desperta em acadêmicos e romancistas, quais sejam: especulações ou hipóteses criadas com a intenção de explicar porque Malinche aceitou passivamente ajudar os espanhóis durante a conquista, a incerteza quanto a essas causas e a obscuridade que envolve seu passado. Esse interesse se

intensificou quando essa figura foi convertida, pelo discurso nacionalista mexicano, em traidora da pátria.

Sobre o assunto de Cholula, José (2011) diz do papel relevante de Malinche, que lhe garantiu o epíteto de traidora no discurso nacionalista mexicano. Foi Malinche quem mediou a interrogação feita aos índios de Cholula pelos espanhóis, transmitindo as ameaças dos conquistadores e os castigos aplicados pela traição, informações também encontradas em Del Castillo (DEL CASTILLO, 2012, p. 223). A participação dela foi além de seu papel de levar e trazer mensagens entre os espanhóis e os habitantes de Cholula e traduzir a Cortés os motivos do ataque, já que ela se dedicou a investigar quem eram os traidores e qual era o plano para matar os espanhóis, diz-nos José (2011, p. 88). Esse acadêmico baseia-se principalmente no depoimento de Bernal Díaz (DEL CASTILLO, 2012, p. 227) para falar sobre os acontecimentos que antecederam ao massacre e em Francisco López de Gómara, segundo o qual a tradutora dissimulou-se para a senhora indígena agradecendo o aviso e afirmando que fugiria para não ser punida junto com os estrangeiros.

Bernal Díaz, em *História verdadeira*, se propõe a defender os atos de Hernán Cortés, no massacre de Cholula. Cortés fala somente em três mil mortos, e é acusado por Las Casas de impiedade. Bernal Díaz acusa Las Casas de não falar a verdade quando esse faz críticas ao tratamento dado aos indígenas mexicanos. É Bernal Díaz apoiado por Gómara, que leu suas palavras (GÓMARA, 2008, p.129), quem diz que em duas horas foram mortos seis mil cholultecas (DEL CASTILLO, 2012, p. 223). Diz José (2011): “Mais uma vez o espaço cronístico foi usado por Bernal Díaz para legitimar sua narrativa a partir do testemunho de vista, contradizendo outros relatos escritos por autores que não estiveram presentes no evento.” (JOSÉ, 2011, p. 87).

Rebecca Kay Jager (2015) em *Malinche, Pocahontas, and Sacagawea: Indian Women as Cultural Intermediaries and National Symbols*, chama a atenção para o fato de que os mitos são uma maneira pela qual uma sociedade fixa e lembra sua história e que somente alguns são escolhidos para perpetuá-la e que algumas figuras se tornam lendárias para proporcionar uma reflexão adequada da identidade nacional e se propõe a traçar como os escritores manipularam as narrativas de

mulheres indígenas que influenciaram na formação de uma identidade nacional, de maneira real ou imaginada, em especial três delas, Malinche, Pocahontas²⁰⁴ e Sacagawea²⁰⁵, dentro de um contexto cultural em que as mulheres eram oferecidas, e aceitas, aos estrangeiros como uma estratégia para garantir a paz ou manter boas relações. Escreve Jager (2015): “Esse presente mais precioso, moças, estava de acordo com uma estratégia diplomática mesoamericana. O objetivo era garantir relações futuras e cimentar alianças com os poderosos recém-chegados.” (JAGER, 2015, p. 53, tradução nossa).²⁰⁶

Essa prática, dar mulheres como sinal de boa-vontade, era recorrente entre as tribos para selar acordos de paz e como política de boa vizinhança. Depois, excepcionalmente, durante as invasões dos europeus, se tornou também usual oferecer mulheres a esses estrangeiros que as aceitavam porque elas significavam uma via de entrada ao mundo indígena. Os registros encontrados para o trabalho são predominantemente visões europeias. Quase nada existe, de oficial, da visão indígena dos acontecimentos. Quase nenhuma delas era mencionada pelo nome. Eram generalizadamente tratadas pelos europeus como “mulheres indígenas”:

Intermediárias do sexo feminino raramente eram mencionadas pelo nome. A tradução difícil ou o viés cultural levaram os homens europeus a substituir os nomes indígenas das mulheres por termos genéricos fáceis, como “mulher pele-vermelha” ou “mulher índia”. Por outro lado, as mulheres nativas que participaram das colisões culturais mais famosas do Novo Mundo foram nomeadas e descritas: Malinche, no México Central, Dona Inez, no sudoeste americano, Pocahontas, na costa atlântica central, Sacagawea, no norte das Montanhas Rochosas, Molly Brant, no nordeste americano, e Tekakwitha, no leste do Canadá, são as mais conhecidas. Suas experiências, separadas por centenas de anos e milhares de quilômetros, sugerem que as mulheres nativas estavam intrinsecamente

²⁰⁴ Pocahontas was a daughter of Chief Powhatan, ruler of the Powhatan Confederacy, in what is now eastern Virginia. In 1607, when English colonists arrived to make their fortunes in Jamestown, she was a vivacious young girl who befriended the foreigners and acted as a liaison between them and her people. (JAGER, 2015, p. 6). Pocahontas era filha do chefe Powhatan, governante da Confederação Powhatan, no que hoje é o leste da Virgínia. Em 1607, quando os colonos ingleses chegaram para fazer fortuna em Jamestown, ela era uma jovem vivaz que fez amizade com os estrangeiros e atuou como uma ligação entre eles e seu povo. (JAGER, 2015, p. 6, tradução nossa).

²⁰⁵ Sacagawea was the Shoshone woman who accompanied Lewis and Clark on much of their cross-continent trek to the Pacific and back from 1804 to 1806. Sacagawea acted as a translator, cultural informant, and guide through the Columbia River Plateau. (JAGER, 2015, p. 6). Sacagawea foi uma mulher dos Shoshone que acompanhou Lewis e Clark em grande parte de sua jornada através do continente para o Pacífico e de volta de 1804 a 1806. Sacagawea atuou como tradutora, informante cultural e guia pelo planalto do rio Columbia. (JAGER, 2015, p. 6, tradução nossa).

²⁰⁶ “This most precious gift, young women, was in accordance with a Mesoamerican diplomatic strategy. It was intended to ensure future relations and cement alliances with the powerful newcomers.” (JAGER, 2015, p. 53).

envolvidas no contato na fronteira e na mediação. (JAGER, 2015, p. 4, tradução nossa).²⁰⁷

Algumas delas se sobressaíram e foram nomeadas; entre essas poucas, está Malinche, cujo nome foi citado pelas primeiras narrativas, o que criou a possibilidade de que vários autores literários e estudiosos de vários lugares e de tempos diferentes pudessem dedicar-se a escrever sobre ela.

Jager explica que “os europeus não entenderam a experiência feminina em diplomacia. As pessoas de fora interpretaram a cooperação das mulheres indígenas como prova de sua atração pelos homens europeus e pela cultura europeia.” (JAGER, 2015, p. 5, tradução nossa).²⁰⁸ Os europeus consideravam que se as mulheres indígenas cooperavam era porque os preferiam em detrimento dos homens indígenas, o que refletia sua superioridade, e uma maior força e superioridade dos homens brancos, comparando-os aos indígenas.

Quando as ações das mulheres são examinadas no contexto de suas culturas nativas, surge uma interpretação alternativa: comunidades indígenas implantadas e respeitadas intermediárias femininas. Essas mulheres tinham obrigações sociais femininas de atuar como tradutoras, mediadoras, informantes e consultoras, a fim de facilitar as interações e estabelecer relacionamentos produtivos com os recém-chegados poderosos. As intermediárias de sucesso exerceram considerável influência durante o contato na fronteira e seus contemporâneos (indígenas e não indígenas) valorizaram seu conselho. (JAGER, 2015, p. 5, tradução nossa).²⁰⁹

Dentro do território de origem, elas eram valorizadas em seus papéis de negociadoras e agentes de trocas culturais.

Seu trabalho exigia habilidades de comunicação altamente desenvolvidas em linguagem e persuasão. Estavam constantemente em movimento, adaptando-se às novas terras e povos. As mulheres tinham que pensar

²⁰⁷ Female intermediaries were rarely mentioned by name. Difficult translation or cultural bias led European men to substitute women's Indian names with easy generic terms, such as “squaw” or “Indian woman.” Native women who participated in the most famous cultural collisions of the New World, on the other hand, were named and described: Malinche in Central Mexico, Dona Inez in the American Southwest, Pocahontas on the mid-Atlantic coast, Sacagawea in the northern Rocky Mountains, Molly Brant in the American Northeast, and Tekakwitha in eastern Canada are the most widely known. Their experiences, separated by hundreds of years and thousands of miles, suggest that Native women were intricately involved in frontier contact and mediation. (JAGER, 2015, p. 4).

²⁰⁸“European men misunderstood female expertise in diplomacy. The outsiders interpreted Indian women's cooperation as proof of their attraction to European men and European culture.” (JAGER, 2015, p. 5).

²⁰⁹ When the women's actions are examined within the context of their Native cultures, an alternative interpretation arises: indigenous communities deployed and respected female intermediaries. These women had feminine social obligations to act as translators, mediators, informants, and advisers in order to ease interactions and forge productive relationships with powerful newcomers. Successful female intermediaries wielded considerable influence during frontier contact, and their contemporaries (Indian and non-Indian) valued their council. (JAGER, 2015, p. 5).

rapidamente; eles estavam sempre no meio dos eventos e sempre sendo observados. Hostilidade e violência podem entrar em erupção em um instante. Seu sucesso e segurança pessoal exigiram um grau extraordinário de empatia, confiabilidade e paciência. (JAGER, 2015, p. 7, tradução nossa).²¹⁰

Essas mulheres deveriam ter certas habilidades para que o empreendimento a que se submetiam fosse bem-sucedido, principalmente habilidades de comunicação. "Malinche se tornou imediatamente perceptível e, em última análise, indispensável às negociações durante a conquista." (JAGER, 2015, pp.95-96 tradução nossa).²¹¹

Para compreender e analisar Malinche, Jager (2015) baseia-se totalmente em Bernal Díaz del Castillo, como se pode perceber nesse excerto:

Ela nasceu filha de pais privilegiados dentro do Império Asteca e recebeu uma educação de elite. Ela aprendeu uma dolorosa lição de humildade depois que a mãe e o padrasto a trocaram com um cacique maia de Xicalango. Foi trocada pela segunda vez por comerciantes de Tabascan, que mais tarde a ofereceram aos espanhóis em 1519. (JAGER, 2015, p. 96, tradução nossa).²¹²

A autora segue as diretrizes que Díaz del Castillo anunciou em *História Verdica*: "Díaz e historiadores nativos retrataram Malinche como uma mulher de consequência e influência" (JAGER, 2015, p. 96, tradução nossa).²¹³

A vida pessoal de Malinche diz a Jager (2015) que ela foi preparada desde os mais tenros anos para representar-se valiosa para os espanhóis. A autora do livro acredita que Malinche foi uma conselheira de Hernán Cortés nos mais intrincados mistérios e revelou a ele a intimidade dos astecas: "Como os conquistadores continuaram em direção à sede do poder asteca em Tenochtitlan , ela aconselhou

²¹⁰ Their work required highly developed communication skills in language and persuasion. They were constantly on the move, adapting to new landscapes and peoples. The women had to be quick thinking; they were always in the middle of events and always being watched. Hostility and violence could erupt in an instant. Their success and personal safety demanded an extraordinary degree of empathy, trustworthiness, and patience. (JAGER, 2015, p. 7).

²¹¹ "Malinche made herself immediately noticeable and ultimately indispensable to negotiations during the conquest." (JAGER, 2015, pp.95-96).

²¹² She was born the daughter of privileged parents within the Aztec Empire and received an elite education. She learned a painful lesson in humility after her mother and stepfather traded her to a Maya cacique from Xicalango. She was exchanged a second time to Tabascan merchants, who later offered her to the Spanish in 1519. (JAGER, 2015, p. 96).

²¹³ "Díaz and Native historians portrayed Malinche as a woman of consequence and influence." (JAGER, 2015, p. 96).

Cortés sobre as complexidades diplomáticas dentro do Império diverso e controverso” (JAGER, 2015, p. 96, tradução nossa).²¹⁴

Quando Jager (2015) descreve o encontro de Malinche com a mãe, segue os passos de Bernal Díaz:

A lealdade de Malinche aos espanhóis foi posteriormente interpretada como rejeição de sua indianeidade. Há evidências consistentes, no entanto, que Malinche agiu com preocupação por seus compatriotas indígenas. O exemplo mais persuasivo veio anos após a vitória espanhola em Tenochtitlan, quando Malinche teve a oportunidade de falar com sua família indígena que a rejeitara quando criança. Em 1524, Cortés estava pronto para expandir o domínio espanhol, e sua comitiva decidiu conquistar Honduras. Ao longo do caminho, a reunião foi em Coatzacoalcos, a cidade de nascimento de Malinche e o lugar em que ela foi forçada a deixar quando criança, quando sua mãe a vendeu para os comerciantes maias. De acordo com a comprovada estratégia de campanha de Cortés, ele convocou os caciques da província para ouvir seu discurso. Entre os caciques estavam a mãe e o meio-irmão de Malinche. Ambos choraram de medo de sua vingança. Díaz descreve a reunião de Malinche com seus parentes. (JAGER, 2015, p. 100, tradução nossa).²¹⁵

A autora interpreta a passagem do reencontro de acordo com o pensamento de Bernal Díaz del Castillo: Malinche teve um gesto nobre ao perdoar a mãe que a vendera, tendo isso como prova de que manteve-se fiel a seu povo: “Se essa passagem representa com precisão o evento, mesmo que parcialmente, revela o compromisso de Malinche com os dois lados.” (JAGER, 2015, p. 100, tradução nossa).²¹⁶ Essa passagem, segundo Jager (2015), deve deixar esclarecido o afeto de Malinche pela família indígena, além de sua fidelidade aos espanhóis.

Quanto ao entendimento de Bernal Díaz del Castillo, relativo à cena presenciada por ele, Jager (2015) escreve:

A descrição de Díaz do evento certamente foi um reflexo de sua perspectiva cristã espanhola, e não está claro o quanto da língua nahuatl Díaz entendeu. No entanto, ele testemunhou tensão, lágrimas e o efeito calmante das palavras de Malinche na família dela. Ele também pode ter perguntado

²¹⁴ “As the conquerors continued toward the Aztec seat of power in Tenochtitlán, she advised Cortés on diplomatic intricacies within the diverse and contentious empire.” (JAGER, 2015, p. 96).

²¹⁵ Malinche’s loyalty to the Spaniards was later interpreted as a rejection of her Indianness. There is consistent evidence, however, that Malinche acted with concern for her indigenous countrymen. The most persuasive example came years after the Spanish victory in Tenochtitlan, when Malinche had the opportunity to address her Indian family who had rejected her as a child. By 1524 Cortes was ready to expand Spanish domain, and his entourage set out to conquer Honduras. Along the way, the party stayed in Coatzacoalcos, the town of Malinche’s birth and the place she was forced to leave as a child when her mother sold her to Maya merchants. In accordance with Cortes’s proven campaign strategy, he summoned the caciques of the province to hear his speech. Among the assembled caciques were Malinche’s mother and half brother. Both wept in fear of her revenge. Díaz describes Malinche’s reunion with her relatives. (JAGER, 2015, p. 100).

²¹⁶ “If this passage accurately represents the event, even partially, it reveals Malinche’s commitment to both sides.” (JAGER, 2015, p. 100).

a Malinche sobre a cena dramática mais tarde, enquanto os espanhóis continuavam no curso sul. (JAGER, 2015, p. 100, tradução nossa).²¹⁷

Jager (2015) põe em questionamento o efeito e as consequências da entrada dos espanhóis no mundo indígena e pondera o quanto Malinche teria ficado orgulhosa da ajuda que prestou a eles: “Se Malinche tivesse vivido para ver o legado de seu trabalho, talvez ela sentisse arrependimento ou remorso, mas durante a conquista ela era jovem, apaixonada e motivada em sua missão de facilitar uma nova civilização no México.” JAGER, 2015, p. 100, tradução nossa).²¹⁸

Ilustra bem esse ponto o trabalho de Jager (2015). Ao analisar a figura de Malinche a autora baseou-se principalmente na obra de Bernal Díaz del Castillo que, como já foi dito, provavelmente foi altamente romanceado pelo autor. Se ela for vista pelos olhos espanhóis será uma figura elogiável, pois estes, provavelmente, não teriam avançado pelo território indígena sem a intercessão da indígena. Se for vista pelos olhos mexicanos, talvez não tanto. Jager (2015) escreve que o esforço das mulheres chicanas contra o simbolismo de Malinche encontra resistência:

Apesar dos esforços das mulheres chicanas para dismantlar o simbolismo negativo que cerca a Malinche mítica como traidora/prostituta, a caracterização mostrou-se difícil de desalojar. Em 1982, uma estátua de Cortés, Malinche, e seu filho foi erguida na cidade de Coyoacan, onde o casal viveu após a conquista. A escultura pretendia apaziguar o debate de gênero, revelar Malinche como uma heroína mais simpática e celebrar o mestiço. Mas os estudantes explodiram em protesto; rejeitaram a comemoração de Malinche, que para eles representava traição. Os manifestantes procuraram chamar a atenção para a condição dos índios vivos do México, resistir à dominação estrangeira e apoiar a soberania nacional. A mítica Malinche havia abandonado os índios e a soberania mesoamericana. A estátua foi finalmente removida. (JAGER, 2015, p. 205, tradução nossa).²¹⁹

²¹⁷ Díaz's description of the event was certainly a reflection of his Christian Spanish perspective, and it is unclear how much Nahuatl Díaz understood. Yet he witnessed tension, tears, and the calming effect of Malinche's words on her family. He also may have asked Malinche about the dramatic scene later, as the Spaniards continued on their southern course. (JAGER, 2015, p. 100).

²¹⁸ “Had Malinche lived to see the legacy of her work, perhaps she would have felt regret or remorse, but during the conquest she was young, passionate, and driven in her mission to facilitate a new civilization in Mexico.” (JAGER, 2015, p. 100).

²¹⁹ Despite Chicana efforts to dismantle the negative symbolism surrounding mythic Malinche as traitor/whore, the characterization proved difficult to dislodge. In 1982 a statue of Cortes, Malinche, and their son was erected in the town of Coyoacan, where the couple had lived after the conquest. The sculpture was intended to appease the gender debate, to reveal Malinche as a more sympathetic heroine, and to celebrate the mestizo. But students erupted in protest; they rejected the commemoration of Malinche, who to them represented betrayal. The protesters sought to bring attention to the condition of Mexico's living Indians, to resist foreign domination, and to support national sovereignty. Mythic Malinche had abandoned the Indians and Mesoamerican sovereignty. The statue was ultimately removed. (JAGER, 2015, p. 205).

Segundo Jager (2015) o mito de Malinche traidora e indesejada, persiste no México. A figura de Malinche por mais que seja defendida por feministas e estudiosos da academia não conta com a simpatia nem os jovens estudantes. Tal fato se encontra comprovado pela rejeição à estatua representativa de Malinche como sendo a mãe da mestiçagem e a precursora do encontro entre os dois mundos.

O incidente com a estátua também foi comentado por Camilla Townsend (2006) em *Malintzin's choices An Indian Woman in the Conquest of Mexico*:

Os sentimentos compreensivelmente são profundos. Em 1982, foi erguida uma estátua de Malinche, Cortés e seu filho Martín, em Coyoacán, nos arredores da Cidade do México, onde os dois se estabeleceram temporariamente após a queda da capital indígena em 1521. No meio de novas discussões sobre Malinche que surgiram nos anos setenta, a estátua pretendia respeitar suas provações e enfatizar o caráter mestiço (ou misto) da nação. Mas o trabalho logo teve que ser removido devido à evidente força dos protestos estudantis que eclodiram: os jovens não queriam nenhum monumento que apresentasse Malinche sob uma luz positiva, pois em suas mentes ela estava intimamente associada à dominação por estrangeiros, e com traição. Os apaixonados manifestantes estudantis de 1982 estavam defendendo suas convicções. Como eles entendiam a situação, eles defendiam a soberania de sua nação e defendiam os índios oprimidos. Mas, por mais admiráveis que sejam seus sentimentos e ativismo, nenhum deles poderia ter pensado na verdadeira jovem que percorreu um caminho sinuoso até o rio um dia em 1519, sabendo que ela seria entregue aos recém-chegados como companheira de cama e cozinha. Se os alunos estivessem pensando nela, eles não teriam visto um inimigo tão óbvio, mas uma escrava assustada que, por uma reviravolta do destino, se viu em um ponto potencialmente muito ruim. (TOWNSEND, 2006, p. 17, tradução nossa).²²⁰

De acordo com Camilla Townsend que intenta fazer ver uma imagem de Malinche mais humana, uma indígena assustada que tentou fazer o melhor que pode ao ser dada como escrava “de cama e mesa” aos espanhóis, os estudantes

²²⁰ The feelings understandably run deep. In 1982 a statue was erected of Malinche, Cortés, and their son, Martín, in Coyoacan, on the outskirts of Mexico City, where the two temporarily took up their abode after the fall of the indigenous capital in 1521. In the midst of the new discussions about Malinche that had emerged in the seventies, the statue was intended to be respectful of her trials and to emphasize the mestizo (or mixed-blood) character of the nation. But the work soon had to be removed due to the strength of feeling evident in student protests that erupted: the young people wanted no monument that presented Malinche in a positive light, for in their minds she was too closely associated with domination by outsiders, and with betrayal. The impassioned student protestors of 1982 were defending their convictions. As they understood the situation, they were standing up for their nation's sovereignty and speaking up for the downtrodden Indians. But however admirable their feelings and their activism, none of them could have been thinking of the real young girl who walked down a winding path to the river one day in 1519, knowing that she was to be given away to the newcomers as a bedfellow and cook. If the students had been thinking of her, they wouldn't have seen such an obvious enemy, but rather a frightened slave who through a twist of fate found herself in a potentially very bad spot. (TOWNSEND, 2006, p. 17).

não foram justos. O que os estudantes percebem é que, através de Malinche, o México foi entregue aos espanhóis, com consequências desastrosas que se refletem até hoje na vida dos indígenas remanescentes da colonização espanhola que enfrentam pobreza, discriminação e marginalização.²²¹

2.4 Cortés ou Bernal Díaz?

Existem fontes de valor incalculável, como a citada *História Verdadeira* de Bernal Díaz del Castillo, que contém algumas evidências veementes sobre Malintzin que **orientam os escritos históricos sobre a identidade dessa mulher enigmática** (MAES, 2013, p. 34, grifo nosso).²²²

Christian Duverger (2014) dedicou-se a estudar a origem de *História Verdadera de La conquista de la Nueva España*, de Bernal Díaz del Castillo. Com *Cortés e seu duplo*, problematiza os relatos da conquista e questiona a autoria de uma das principais fontes de pesquisa sobre o período: *Historia verdadera de la conquista de Nueva España*.

O texto de Duverger (2014) nos interessa porque compreendemos que a imagem que se criou de Malinche está indelevelmente conectada à criação da personagem descrita neste trabalho de Bernal Díaz e que, se há nele alguma discrepância, isso se reflete na representação posterior de Malinche, tanto em trabalhos acadêmicos quanto literários, visto que a maioria deles bebe na fonte dos escritos de Bernal Díaz.

A tradutora de Hernán Cortés é descrita, com muitos detalhes, em um capítulo inteiro do livro de Bernal Díaz, o que não ocorreu em nenhum trabalho de

²²¹ En México, la mayor desventaja de serlo es la discriminación, considera el 43.2 por ciento de los encuestados, junto con la marginación y la pobreza, dijo el 21.6 por ciento, y la exclusión y el analfabetismo, con 5.8 y 4.3 por ciento, respectivamente.

La mayoría reconoce que a los indígenas les va más mal, que para ellos es más difícil la vida, mientras que el 21 por ciento menciona que la mayor ventaja de serlo es que tienen tradiciones, el 28.4 por ciento no sabe, y 18.1 cree que no hay ventajas.

Las respuestas pueden obedecer, entre otras cuestiones, a la imagen perpetuada que tienen los pueblos originarios como personas que padecen constantemente miseria, marginación y discriminación, sostuvo Natividad Gutiérrez Chong, del Instituto de Investigaciones Sociales (IIS). (Excerto retirado do artigo *En México, ser indígena representa discriminación, marginación y pobreza: encuesta UNAM*. Disponível no link: https://www.dgcs.unam.mx/boletin/bdboletin/2016_490.html. Universidade Nacional Autônoma do México). Acesso em 26.09.2019.

²²² Sin embargo, existen fuentes de un valor incalculable como la ya mencionada *Historia Verdadera* de Bernal Díaz del Castillo que contienen algunos indicios vehementes sobre Malintzin y orientan ya a los históricos acerca de la identidad de esta mujer enigmática. (MAES, 2013, p. 34).

outro historiador da época. Existem apenas informações esparsas e, muitas vezes, contraditórias.

A questão não é somente afirmar se esses detalhes inseridos no livro *História Verdadera de La conquista de la Nueva España* são verdadeiros, e isso tem seu mérito e valor, evidentemente, mas, sobretudo, importa o porquê de estarem lá. Importante a pergunta sobre qual foi o motivo que levou esse autor a escrever tanto sobre Malinche, do porquê da preocupação dele em apresentar *la lengua* de Hernán Cortés, sua tradutora, em pormenores, quando havia tantos lá, para registrar o que se passava, e disseram meia dúzia de palavras sobre ela. Fica a curiosidade sobre o que havia de diferente, de especial, na relação do autor de *História Verdadera* com a índia nativa daquelas terras que estava fazendo o papel de traduzir as palavras dos autóctones para os espanhóis. Depois de possuir esse conhecimento, se pode, a partir daí, analisar as informações que nos passa esse autor sobre Malinche.

Seguindo pistas em manuscritos, documentos e algumas inexplicáveis cópias, cuja origem e autoria permanecem incógnitas, surgem algumas questões embaçadas e dúvidas sobre a autoria de *História Verdadera de La conquista de la Nueva España*, que, segundo Duverger, ocupa lugar na literatura hispânica entre Cid e Dom Quixote e que foi escrita com a intenção de se tornar uma crônica elogiosa a Cortés e contestar o livro de Gómara sobre o qual Bernal Díaz discordava em muitos pontos. Duverger expõe a dúvida sobre se teria sido um ardil do escritor de *História Verdadera de La conquista de la Nueva España* se contrapor a Gómara para copiar-lhe a história, afinal, Díaz del Castillo afirmava que Gómara não contava a verdade sobre o que realmente tinha acontecido já que este não presenciara os fatos como ele, pois esse somente acompanhara os passos do conquistador espanhol, mas que não estivera presente em todos os embates e acontecimentos como ele próprio, Bernal Díaz del Castillo, seu soldado-companheiro do dia a dia.

O autor de *Cortés e seu duplo* levanta questões sobre as divergências e omissões sobre a biografia de Del Castillo. Duverger (2014) afirma que apesar de a conquista do México ter sido muito documentada, 1850 páginas de “documentos cortesianos” e de não possuir buraco negro historiográfico “não se encontra em lugar algum o rastro de Bernal Díaz” (DUVERGER, 2014, p. 55). E deveria haver, já que, na *História verídica*, Díaz se descreve como um ajudante de Hernán Cortés, sempre presente onde quer que esse se encontrasse.

Conveniente ressaltar que Bernal Díaz, em 1539, leva um pedido de reconhecimento de seus direitos a terras no novo México, que é negado. O Conselho das Índias igualmente diz não às suas pretensões, alegando que ele não teria tomado parte da conquista e nenhuma *encomienda* teria sido concedida a ele em troca de serviços prestados em batalha. O mais interessante é que em 09 de fevereiro de 1539, ele se apresenta diante do alcaide da Cidade do México para renovar seu pedido. Acontece que esse alcaide é Juan Jaramillo, o marido de Malinche, casamento descrito por Bernal Díaz no capítulo V de seu livro, que devia conhecer muito bem Bernal Díaz, declarou no processo que o autor do pedido lhe era desconhecido (DUVERGER, 2014, p. 64-65).

Quando Malinche fala a Montezuma, “Cortés faz dela uma personagem-chave da conquista, que é capaz de falar em grau de igualdade com o soberano asteca” (DUVERGER, 2014, p. 122).

Sabe-se que o *taloani* evocava suas palavras dentro de um discurso senhoril, o *tecpillahtolli*, o único a ser usado por aqueles que se dirigissem a ele, devido à posição e dignidade do interlocutor. As palavras náhuatles eram carregadas de prefixos e sufixos reverenciais, as frases eram formuladas segundo os princípios do discurso indireto e da inversão. Malinche teria que exprimir-se muito corretamente, num discurso muito bem elaborado e Bernal Díaz, observador da cena, teria que perceber a correção desses discursos e ainda, que as palavras possuíam essas necessárias distinções: “Então Montezuma disse-lhe outras palavras muito polidas.” (DEL CASTILLO, 2012, p. 193, tradução nossa).²²³

Mas, Bernal Díaz fez ainda mais. Quando do encontro de Malinche com a mãe e o meio-irmão, ele relacionou esse evento ao José bíblico, que se tornou conselheiro do faraó do Egito, à semelhança de Malinche, que se tornou conselheira e tradutora de Cortés. Aos olhos de Bernal Díaz, há um paralelismo da atitude de Malinche, quando José, tendo se tornado governador do Egito, e reencontrou os irmãos enviados pelo pai para conseguir trigo. Em equivalência, Malinche teve a mesma misericórdia com quem a tinha vendido.

Na verdade, sempre causou estranheza que Bernal Díaz se ponha a falar sobre Malinche e dedique a ela um capítulo todo de seu livro, que fizesse questão

²²³ “Then Montezuma said to him other very polite words” (DEL CASTILLO, 2012, p. 193)

de esclarecer para posteridade sua real importância, que era uma grande dama e que pertencia à nobreza indígena, que Juan Jaramillo não estava bêbado e que quis casar-se com ela e que não o fez somente obedecendo a ordens de Cortés. Que amigo dedicado seria ele, para, ao escrever seu livro, lembrasse-se de Malinche, de quem ela era, de detalhes de sua vida, coisas que ela provavelmente teria falado sob a luz da fogueira em um acampamento qualquer. O escritor de *História Verdadera de La conquista de la Nueva España* escreveu “um romance de capa e espada, evidentemente, mas no qual a intriga mistura os amores de Cortés pela princesa Malinche.” (DUVERGER, 2014, p. 82). Mais provável seria que ele precisasse, então, de uma dama para ser sua personagem feminina e a única à disposição para completar a lista de personagens necessários para tornar seu livro interessante, mais à moda da literatura medieval lida na época, pois é muito conhecida sua paixão pelos romances de cavalaria (PADGEN, 1986, pp. xlv-xlv, CARRASCO, 2008, p. xiv e MACEDO, 2008):

Nada a estranhar que este espírito de cavalaria encontrasse guarida nas descrições da conquista deixadas por cronistas espanhóis, e que personagens ficcionais inspirassem a ação dos desbravadores das novas terras anexadas aos domínios dos reis católicos. O relato de Bernal Díaz de Castillo, a *Historia Verdadera de la Conquista de Nueva España*, apresenta-nos correlações interessantes entre o conquistador Hernán Cortez e o herói da Reconquista hispânica, o Cid, ou o personagem Rolando das canções de gesta. Nas últimas páginas, o escritor recorda que dos 500 acompanhantes de Cortez restaram apenas 5, tendo os demais morrido vítimas dos índios (MACEDO, 2008, p. 6).

Ele nos fala que esse Bernal da lenda, autor de *História Verdadera de La conquista de la Nueva España* e que alguns historiadores chamam de inventor do romance moderno, escreveu uma carta, repetitiva e confusa, a Carlos V, em 22 de fevereiro de 1552, com a intenção de apresentar queixas contra a corrupção no Novo Mundo. Nessa carta, Bernal se confessa iletrado, o que para Duverger (2014) encaminha-se para se revelar um quase analfabeto, visto ainda que há mais cartas de Bernal que certamente teriam sido escritas por terceiros. E, então, Duverger (2014) assevera que sua pesquisa desqualifica Bernal Díaz como autor e afirma: “Tudo nos leva a crer que Bernal Díaz Del Castillo nunca escreveu nada, pois nunca soube escrever. Em todo caso, não suficientemente para compor *História verídica*” (DUVERGER, 2014, p. 153).

Duverger (2014) chega até onde sua pesquisa se dirigia: ao verdadeiro autor, o homem que possuía todos os motivos e condições para escrever a *História Verdadera*: Hernán Cortés: “O Cortés em pessoa” (DUVERGER, 2014, p. 171).

Em março de 1527, Cortés é proibido de escrever. A Coroa espanhola emite uma ordem e todos os escritos de Cortés começam a ser apreendidos e queimados. Talvez a intenção fosse mesmo mudar o rumo da história, tirar Hernán Cortés dos epítomes históricos.

Teria sido assim que o espanhol Hernán Cortés decidiu criar, recriar o que era real; apresentar sua história da maneira que queria que a historiografia a registrasse. Não há dúvidas que Cortés sempre teve intenção de criar sua própria imagem, nós sabemos, pois isso fica claro em suas *Cartas de Relación* em que ele precisa defender-se e outorgar legitimidade a seus atos, perante o rei.

A obra: – *História Verdadera de La conquista de la Nueva España*. O personagem de ficção: – O escritor. O único realmente fictício seria o escritor-narrador-testemunha: – Bernal Díaz de Castillo.

Se o autor for Hernán Cortés temos que pensar nas palavras dele, tão escassas quando se refere à Malinche, na sua segunda carta ao rei Carlos V: “minha intérprete, uma índia de Putunchan.” (CORTÉS, 1986, p. 75). Concluímos que essas palavras sobre Malinche puderam, afinal, se tornar mais numerosas. Finalmente, ele pode se tornar mais prolixo; pode falar sobre Malinche; e, então, se descobre a lógica de haver, nesse livro, um capítulo inteiro que fala sobre ela, conta sobre sua infância, sobre seu rapto. Tudo o que nos surpreendia por vir de um soldado que acompanhava a expedição ao México, se torna perfeitamente explicável quando pensamos que Cortés é o verdadeiro escritor.

Em *La Malinche: del don al contrato sexual*, Jean Franco (2016), percebe uma semelhança entre Cortés e Bernal Días quanto à maneira de ver Malinche:

Pelo contrário, Bernal Díaz del Castillo eleva Doña Marina a uma posição de muitas maneiras semelhante à de Cortés. E certamente, do ponto de vista dele, ela era o membro mais poderoso da população indígena depois de Montezuma (FRANCO, 2016, p. 257, grifo nosso, tradução nossa).²²⁴

²²⁴ Por el contrario, Bernal Díaz del Castillo eleva a Doña Marina a una posición **en muchos sentidos semejante a la de Cortés**. Y es que ciertamente, desde su perspectiva, ella era el miembro más poderoso de la población indígena después de Moctezuma (FRANCO, 2016, p. 257, grifo nosso, tradução nossa).

Lacroix (2007) nos assegura que Bernal Díaz não conseguiria escrever se não houvesse o livro de Gómara.

O que Díaz del Castillo não confessa é que, graças ao nosso autor, ele pôde ver todo o grande panorama da conquista do México e tudo isso organizado cronologicamente, usando uma estrutura lógica e sistemática que só é viável quando o autor é o titular de uma disciplina universitária e a cultura correspondente, como é o caso de Francisco López de Gómara. Portanto, podemos garantir que, se o Gómara não existisse, Bernal Díaz pode nunca ter conseguido escrever sua verdadeira história. Por outro lado, deve-se levar em conta que também serviu para refrescar a memória de alguns eventos já confusos e esquecidos. (LACROIX, 2007, p. XIX).²²⁵

São muitas as opiniões de que Bernal Díaz não poderia ter escrito seu livro, tão completo e detalhado cronologicamente, tantos anos depois, sem ter um arquivo abastecido, sem conhecimento universitário e sem uma cultura equivalente. Não ocorreu a Lacroix (2007), apesar de seu comentário, que Bernal Díaz não tenha escrito *Historia verdadera de la conquista de la Nueva-España*, que o escritor fosse outro, mais provável, ou seja, Hernán Cortés.

Tanto Hernán Cortés quanto Bernal Díaz evidenciam seu amor e veneração pelos clássicos de cavalaria e assim, como um cavaleiro medieval, representam a figura de Hernán Cortés e, por conseguinte, dos espanhóis que o acompanharam.

Foi mencionado, neste trabalho, que ele poderia ter necessitado uma personagem feminina para representar, em seu livro, a donzela medieval, e que a figura escolhida pode ter sido Malinche, por fornecer certas qualidades de conduta e ação: ser mulher, bonita e jovem e por estar em uma relação amorosa com o cavaleiro espanhol que comandava a expedição. Ele poderia estar observando os fatos e quando se sentou para lembrar o passado e escrever seu livro, a imagem de Malinche lhe sugeriu o ideal de dama espanhola e, talvez por isso a tenha tratado por *doña*, epíteto apontado a ela somente em seu livro, já que nenhum outro escrito da época se refere a ela dessa maneira. Todo romance de cavalaria precisa, como elemento vital de sua estrutura, de uma bela dama, que seja fiel. É acentuada a fidelidade de Malinche, se não sua pureza. A pureza foi deixada por conta dos

²²⁵Lo que no confiesa Díaz del Castillo es que gracias a nuestro autor pudo tener a la vista todo un grandioso panorama de la conquista de México, y todo ello organizado cronológicamente, utilizando un armazón lógico y sistemático que sólo es factible cuando el autor es poseedor de una disciplina universitaria y la correspondiente cultura, como es el caso de Francisco López de Gómara. Por tanto podemos asegurar que si no hubiera existido el Gómara, Bernal Díaz tal vez nunca hubiera logrado escribir su Historia verdadera. Por otra parte hay que tomar en cuenta que también le sirvió para refrescarle la memoria de algunos hechos ya confusos, ya olvidados. (LACROIX, 2007, p. XIX).

romances literários que se seguiram à descrição detalhada de Del Castillo. Malinche era fiel a Hernán Cortés e aos espanhóis. Diz-nos Huizinga:

O cavaleiro e sua dama, ou, por outras palavras, o herói que serve por amor — é este o motivo primário e invariável de onde a fantasia erótica partirá sempre. É a sensualidade transformada em ânsia de sacrifício, no desejo revelado pelo macho de mostrar a sua coragem, de correr perigos, de ser forte, de sofrer e sangrar diante da amada (HUIZINGA, 1978, p. 74).

Sem ela, Cortés não teria realizado totalmente suas façanhas. No capítulo V, de *Historia verdadera de la conquista de la Nueva-España*, o autor sente necessidade de abrir um parênteses em sua história para falar sobre a infância de Malinche, seu local de nascimento, Painala, sobre o casamento da mãe, do nascimento de outro herdeiro, de nomear o nome cristão dado à mãe, Marta e o Lázaro para o meio-irmão, e de como Malinche foi dada como morta e de que seu corpo foi substituído por uma filha de escrava que tinha morrido e como culminância, Malinche, *doña* Marina foi dada a uns índios de Xicalango. E então Bernal diz como soube desses acontecimentos os quais dificilmente saberia um soldado de Cortés; ele esclarece ao leitor que soube disso muito bem porque em 1523 ele ainda permaneceria com Cortés e foi com ele e com Malinche a Honduras, na última viagem que esta faria em companhia do conquistador. No caminho para tentar conter a rebelião de Cristóbal de Olid, passaram por Guazacualco, onde Malinche conversou com a mãe. Bernal Díaz estava bem próximo para presenciar os fatos e lembrou-se de contá-los em detalhes muitos anos mais tarde bem como de explicar que *doña* Marina era uma mulher excelente e uma boa intérprete nas guerras travadas no México, Tlaxcala e Nova Espanha e que, por isso, Cortés a tinha sempre consigo.

Outro fato marcante da viagem a Honduras foi que Malinche casou-se com Juan Jaramillo, na cidade de Orizaba, e mais marcante ainda é o fato de que uma testemunha chamava-se Aranda e era um cidadão de Tabasco. Díaz não teria como se lembrar de tudo isso, anos mais tarde, se não tivesse perto de si um documento que contivesse a informação, principalmente essa, do nome e local de nascimento da testemunha.

São esses pequenos detalhes que nos levam a concordar com Duverger. Somente Hernán Cortés teria interesse, registro e necessidade de falar sobre isso, porque esse fato foi importante para ele, porque ele sentiu necessidade, nessa viagem, de afastar-se de Malinche, mas como tivesse um filho com ela, precisava

deixá-la amparada e por isso o casamento. E guardou consigo uma cópia desse documento de casamento, que releu muitos anos mais tarde, para escrever sobre ele. E mais, lembrou-se de dizer que o marido não estava bêbado, pois que não necessitaria estar bêbado para casar-se com ela, pois era uma mulher de grande presença e comandava muitos indígenas da Nova Espanha. Não seria ruim para Jaramillo casar-se com ela. Ainda que fosse impensável para ele próprio, Hernán Cortés, o grande conquistador, casar-se com Malinche, achou necessário dizer que seria um excelente negócio para Jaramillo. E então, o autor volta a relembrar o encontro de Malinche com sua mãe, de como esses, a mãe e o meio-irmão tiveram medo dela e de como, surpreendentemente, ela não guardava rancor e lhes deu presentes, roupas, ouro e joias. Malinche, durante esse encontro já estava casada com Jaramillo e lembrou-se o autor de frisar, feliz e agradecida ao Deus cristão por ter sido batizada e por ter um cavaleiro por marido e por ter um filho de seu senhor Hernán Cortés. E, muito importante, o autor lembrou-se de dizer que quando ela estava para ser nomeada cacique, ela disse que não desejava isso, que seria mais feliz e preferiria servir a Cortés e Jaramillo. Como o autor sabe disso? Nunca saberemos, mas o autor sabia. Ele sabia, mas somente escreve isso, não dá outros motivos, não cita as causas de sua sapiência, nem de como veio a saber: ²²⁶"Eu sei disso com absoluta certeza" (DEL CASTILLO, 2012, p.55), conta ele. Sabia por que Malinche disse isso a ele. Falou a Hernán Cortés que preferia ir com ele, a ficar e ser uma grande proprietária de terras. Ela diria isso a Cortés, mas não diria a Del Castillo porque os seres humanos não saem falando de seus segredos mais íntimos, de seus desejos mais escondidos, aos amigos e colegas de expedição. Ela diria isso a Hernán Cortés, seu senhor, o pai de seu filho. O autor sabia, e não se preocupou em explicar como sabia, porque quem escreveu *Historia verdadera de la conquista de la Nueva-España*, aqui concordando com Duverger, pois não lhe faltaram argumentos em sua tese, nem mesmo provas e evidências, era o arrogante Hernán Cortés.

Cinco décadas mais tarde, pela imaginação de Brandt (1981) Cortés dá a ela uma propriedade que abarca toda a cidade de Painala. Ali, uma Malinche rica e poderosa teria passado a viver com a mãe e o meio-irmão. Só esta cena, esse

²²⁶ "I know this with absolute certainty." (DEL CASTILLO, 2012, p.55).

vácuo, esse não-dito, na imaginação de um escritor, daria páginas e páginas de boa literatura.

Malinche é uma personagem histórica, uma mulher que viveu no México, que se encontrou com os espanhóis, que lhes serviu de tradutora e que depois recebeu bens materiais em troca de seu trabalho. Teve um filho com Hernán Cortés e depois disso, casou-se com o espanhol Juan Jaramillo e passou a viver com ele nas terras que recebeu como despojo de guerra e por lá morreu, em data incerta.

Esses dados não a tornariam uma obsessão para os escritores que muitos anos após sua morte, continuam revisitando assiduamente sua figura e representando-a de tantas maneiras diferentes.

Assumimos que o que não foi dito sobre ela é que a torna tão especial, bem como o que foi dito de uma maneira controversa.

Se pensarmos que Bernal Díaz é o autor e nos perguntarmos por que ele se ocupou de falar sobre tantos detalhes a respeito de Malinche, não há como não parecer estranho. A explicação seria ou porque se tornaram muito amigos, ou porque ele precisaria de uma personagem feminina importante para seu romance. E Malinche seria o personagem histórico que se transforma em personagem fictício, romantizado por um escritor velho que quer adornar sua história.

*Doña Marina, Eles espalharam que ela tinha morrido*²²⁷, é um título que não faz sentido se, nele, não houver menção à morte de Malinche. Não há um porquê para o título, já que não se sabe como Malinche morreu, nem quando.

Sobre a morte de Malinche, Gutiérrez Y Samperio (2019) escreve que "aparentemente, aconteceu em Xilopotec quando tinha 29 anos" (GUTIÉRREZ Y SAMPERIO, 2019, p. 231).²²⁸ Ou seja, a morte dela é uma incógnita.

Poderia ter sido a incógnita que rodeia essa morte que fez com que o autor Del Castillo colocasse esse título no capítulo, para vir a falar disso mais tarde e acabou esquecendo (DEL CASTILLO, 2012, p.50), o que seria improvável a menos que ele tivesse sabido, muito mais tarde, de murmúrios sobre a morte dela. Ou pode-se concluir que o autor, durante a fuga do México, no que foi chamado pelos historiadores e acadêmicos de "Noite triste" ao ouvirem os mexicas gritarem que não

²²⁷ *Doña Marina, They Spread It around That She Had Died.*

²²⁸ "aparentemente ocurrió em Xilopotec cuando contaba com 29 años" (GUTIÉRREZ Y SAMPERIO, 2019, p. 231).

deixariam ninguém vivo, concluiu que Malinche havia morrido. Isso é mencionado muito mais tarde, já no capítulo 15, chamado *Alvarado estava cercado e o México estava em revolta*²²⁹. Escreve-nos o narrador: “Nós não entendemos por que eles disseram isso, mas você verá mais adiante. Esqueci-me de escrever sobre a alegria que sentíamos ao ver nossa Dona Marina viva”²³⁰ (CASTILLO, 2012, p.323). Malinche era considerada, pelo autor de *História Verdica*, como uma deles, uma pessoa de quem gostava (e muito), tanto ficou feliz ao revê-la com vida e não se esqueceu de escrever sobre essa felicidade.

Se pensarmos que Hernán Cortés é o autor, que Malinche foi importante para ele, como tradutora e como mulher, como amante e mãe de seu filho, a presença dela na *História Verdica* é mais condizente, ainda que transformada em personagem literária. Talvez ele não tenha dito a verdadeira história de Malinche, mas provavelmente disse o que sabia sobre ela, porque talvez nem soubesse, com certeza onde ela tinha nascido ou como tinha sido sua infância, mas o fato é que biografia, historiografia, ou ficção, o que está escrito sobre ela nesse livro é o bastante para preencher lacunas, para que despertasse a imaginação de futuros escritores. Escreveu o que ela lhe disse, talvez, romanceando sua própria figura, para fazer-se importante ao homem que dirigia a expedição e que era seu chefe, e assim tornou-se uma princesa vendida por sua própria família por motivos de herança. Mas, de uma coisa sabemos: ele acreditou no que ela lhe disse e mais, percebeu isso nela, sem sombra de dúvidas. Assim, o narrador nos fala: “ela era realmente uma grande cacica, filha de valorosos caciques e senhora de vassallos, o que mostrou claramente em sua pessoa” (DEL CASTILLO, 2012, p.50, tradução nossa).²³¹ Aqui ele nos conta a impressão que Malinche causou nele, que ela era uma mulher de porte imponente, que aparentava grande dignidade e que se distinguia dentre as outras dezenove mulheres que recebera de presente: “Mais adiante, vou falar sobre como e de que maneira ela foi levada para lá. Eu não me lembro bem do nomes de todas as outras mulheres, nem é relevante nomeá-las”

²²⁹ *Alvarado Was Besieged and Mexico Was in Revolt* (DEL CASTILLO, 2012, pp. 299-330)

²³⁰ “We did not understand why they said that, but you will see further on. I have forgotten to write about the joy we felt in seeing alive our doña Marina.” CASTILLO, 2012, p. 323).

²³¹ “She was truly a great cacica, daughter of great caciques and mistress over vassals, which clearly showed in her person.” (DEL CASTILLO, 2012, p.50).

(DEL CASTILLO, 2012, p.50).²³² As outras, não valia nomeá-las. À Malinche, valia acrescentar o epíteto de *doña* antes de seu nome.

Em inúmeras passagens, o narrador interrompe sua fala para enaltecer Malinche. Aqui está uma delas: “*Doña* Marina foi e falou com eles dessa forma ela sabia muito bem como fazer.” (DEL CASTILLO, 2012, p.166). O narrador deixa entrever a admiração pela maneira e expertise de Malinche falar com os nativos e fazer o seu trabalho como tradutora, sendo capaz de conseguir o que queria. Pequenos detalhes, duas palavras, mas o narrador a exalta: “para tudo ela tinha uma sagacidade afiada”²³³ (DEL CASTILLO, 2012, p.168) Se ressalta, mais uma vez, a necessidade do narrador reconhecer a capacidade de percepção de Malinche e sua capacidade de reagir rápida e habilmente.

Outra pausa de narração para falar sobre Malinche, deve nos alertar da importância dela, para o autor que se esconde sob o narrador, já que esta narrativa faz questão de se nomear *História Verdica*:

Vamos deixar isso e falar sobre como Dona Marina, de como ela, apesar de ser uma mulher nativa, tinha força e coragem tão viril que, mesmo sabendo que todos os dias queriam nos matar e comer a nossa carne com chiles e que tenha nos visto cercados nas batalhas recentes e que, agora, estávamos todos feridos e doentes, nunca vimos fraqueza nela, mas força muito maior que de uma mulher. (DEL CASTILLO, 2012, p.126)²³⁴

Encontra-se aí, nesse excerto, uma contradição, se pensarmos que Malinche foi acrescentada ao livro apenas para ser uma espécie de donzela medieval a quem nunca empregariam palavras como coragem viril para descrevê-las, já que são frágeis e femininas, precisando de um homem-herói que as defendesse e para isso serviam os cavaleiros medievais. Malinche, ao contrário, é representada como imprescindível, de qualidades varonis. Infere-se, muitas vezes, da *História Verdica*, que sem ela, os espanhóis, não teriam conseguido muitas de suas proezas. A força que o narrador via nela, ou que lhe emprestava, sentia necessidade de expressar. O que o narrador via nela estava muito além disso. Ele a considerava jovem e

²³² “Further on I will talk about how and in what way she was brought there. I do not remember well the names of all the other women, nor is it relevant to name them.” (DEL CASTILLO, 2012, p.50).

²³³ “in everything she was very sharp witted” (DEL CASTILLO, 2012, p.168)

²³⁴ Let us leave this and talk about how *doña* Marina, even though she was a native woman, had such manly strength and courage that, even though she heard each day that they wanted to kill us and eat our flesh with chiles and had seen us surrounded in the recent battles and saw that now we were all wounded and sick, we never saw weakness in her, but much greater strength than a woman's. (DEL CASTILLO, 2008, p.126).

atraente. O narrador, nessa passagem, não se lembrou de dizer que a mulher, nativa de Cholula, se interessou por Malinche porque a considerou jovem, porque, na opinião dela, Malinche era bonita. Não! O narrador falou: “Ela tinha visto que Dona Marina era jovem, bonita e rica”²³⁵ (DEL CASTILLO, 2012, p.168). Essa é a conclusão que ele, o narrador, chegou. Aqui está Malinche, conforme a visão dele. Segundo ele, não poderia ser de outra maneira, pois Malinche era jovem e bonita, a nativa de Cholula não poderia ter visto outra coisa, ainda que beleza seja uma percepção do sujeito que vê.

Segundo pesquisadores, já mencionados neste trabalho, seria improvável que, se Malinche permanecesse em Cholula, ficaria viva. O mais improvável é que uma senhora de lá, esposa do cacique viesse oferecer casamento a ela. Mas foi isso que o narrador de *História Verdica* escreveu: “ela se casaria com o filho dela”²³⁶ (DEL CASTILLO, 2012, p.168). O escritor mais provável de saber desse fato, de escrever sobre ele e de acreditar, indubitavelmente, que ofereceram casamento à Malinche, que ela, certamente, sem sombra de dúvidas, casaria com o filho do cacique seria Hernán Cortés e não Bernal Díaz del Castillo. Outra questão é sobre a quem interessaria à Malinche, que soubesse esse detalhe. É mais provável que ela quisesse que Hernán Cortés e não Bernal Díaz del Castillo soubesse que alguém queria casar-se com ela. Com certeza ela diria isso a Cortés, o homem com quem ela mantinha relações íntimas, e que, mais tarde, fez um filho com ela.

O nome de Marina, quando em conjunto com o de Aguilar, o tradutor elementar, de acordo com Gómara, é citado em sempre em primeiro lugar. Isso deve significar alguma coisa porque essa ordem de citação é vista em muitas páginas, durante a narrativa. E, muitas vezes, o nome de *doña* Marina, aparece sozinho, sem a companhia de Aguilar, traduzindo as palavras. Importante mencionar que, ao lado do nome de *doña* Marina, há reincidência da menção do lugar onde ela estava: “*Doña* Marina, nossa intérprete estava sempre em sua companhia” (DEL CASTILLO, 2012, p.147), “Cortés estava a cavalo e *doña* Marina perto dele” (DEL CASTILLO, 2012, p.170), “*doña* Marina, que próxima a Cortés” (DEL CASTILLO, 2012, p.192). Se Aguilar é mencionado, a menção especial, como a mais próxima a Cortés, era

²³⁵“She had seen that *doña* Marina was young, good-looking, and rich”(DEL CASTILLO, 2012, p.168).

²³⁶She would marry her to her son” (DEL CASTILLO, 2012, p.168).

Malinche: “que sempre estiveram com ele, especialmente *doña Marina*.”²³⁷ (DEL CASTILLO, 2012, p.195).

Talvez ela não tenha tido a participação que Hernán Cortés relatou a seu rei, na segunda *carta de relación*, (CORTÉS, 1986, p.74-75) por ter sido interpelado sobre a grandeza do massacre que tinha comandado contra o povo de Cholula²³⁸ e muitas outras atrocidades denunciadas na Espanha, por Las Casas,²³⁹ e, anos mais tarde, quisesse saldar uma dívida, que sabia que tinha com ela.

Talvez ela tenha mesmo descoberto o complô contra os espanhóis, (CORTÉS, 1986, p.74-75) tenha contado a ele e salvado sua vida e a de seus companheiros e escrever sobre ela seria uma forma de agradecimento pela ajuda prestada. Nem pensou ele que isso gravaria o nome dela na história futura como a de traidora de sua gente.

3 Imagens de Malinche: narrativas literárias do século XXI

Existem incontáveis romances produzidos no século XX²⁴⁰ tendo Malinche como figura que os protagoniza. As representações e narrativas que incluem Malinche têm insistido na intenção de reequacionar episódios ocorridos. Elas procuram reverberar e fazer reflexões sobre essa personagem e trazê-la para seu presente. Ainda que façamos breve menção a esses romances, nos centraremos, nas obras produzidas no século XXI, a saber: o romance *Malinalli of the Fifth Sun*:

²³⁷ “*doña Marina* our interpreter was always in his company” (DEL CASTILLO, 2012, p.147), “Cortés was on horseback and *doña Marina* near him” (DEL CASTILLO, 2012, p.170), “*doña Marina*, who was next to Cortés” (DEL CASTILLO, 2012, p.192), “who were always with him, especially *doña Marina*” (DEL CASTILLO, 2012, p.195)

²³⁸ Talvez tenha se tornado um bode expiatório para justificar a derrota dos nativos. (JONES, 2018) (nesse trabalho: María Elena Jones, El rol de intérprete de la Malinche en la Masacre de Cholula: ¿traidora o traicionada?).

²³⁹ Hernán Cortés foi tomado como herói em suas cartas de relación, em Gómara, em Bernal Díaz, em Motolinía e Mendieta, mas “nos textos de Las Casas tomaram outra forma, pois mostravam um Cortés tirano, sem escrúpulos, ladrão e assassino que mediante uma série de crimes havia arrasado os índios sem piedade. As denúncias de Las Casas tiveram tamanha repercussão entre setores da Igreja e da intelectualidade europeias que na cidade de Valladolid entre 1550 e 1551, ocorreu um famoso debate ético e filosófico a respeito da conquista e da presença espanhola na América, travado entre Bartolomé de Las Casas e o humanista Juan Gines de Sepúlveda.”(PORTUGAL; MORAIS, 2010, p.93).

²⁴⁰ *The Golden Princess* (1954), de Alexander Baron, *O Deus da Chuva Chora Sobre o México* (1963) de Laszlo Passuth; *Malinche* (1981) de Jane Lewis Brandt; *La Princesa Azteca* (1992) de Colin Falconer. *Amor y Conquista: La novela de Malinalli, mal llamada la Malinche*, de Marisol Martín del Campo.

The Slave Girl Who Changed the Fate of Mexico and Spain (2005) de Helen Heightsman Gordon; *Malinche* (2006) de Laura Esquivel, *La verdadera historia de Malinche* (2009) de Fanny Del Río, *War God: Nights of the Witch*, livro I (2013) bem como *War God: Return of the plumed serpent*, livro II (2014), ambos de Graham Hancock, *A Maldição de La Malinche* (2016) de Haino Burmester. *La Malinche: Doña Marina, Malinaltzin, Malintzin, Malinalli. Una sola mujer* (2019) de César Librado Gutiérrez Y Samperio; *The Erotic Modern Life of Malinalli The Vampire* (2019) de V. Castro.

3.1 Helen Heightsman Gordon “calça as sandálias” de *Malinalli em Em Malinalli do Quinto Sol: A Menina Escrava que mudou o Destino do México e da Espanha* (2005)

Em *Malinalli do Quinto Sol: A Menina Escrava que mudou o Destino do México e da Espanha* de Helen Heightsman Gordon (2005), a personagem é apresentada por uma narradora em terceira pessoa, onisciente, que narra a história. O romance fala de uma Malinalli que nasceu em Paynala, depois foi vendida como escrava em uma feira na cidade de Xicalango e que depois de ter sido doada aos espanhóis, é batizada com o nome de Marina. A personagem se considera venturosa por ter tido uma vida além de suas próprias expectativas, uma mistura de infortúnios até que encontre o espanhol e triunfos após ter participado da vida de Hernán Cortés e suas aventuras. Malinche é romanticamente enamorada de Hernán Cortés. Aparentemente, Cortés também está enamorado da indígena, mas, mesmo assim, após a “conquista” permite que sua esposa legítima retorne e passe a conviver com ele, com todos os direitos que julga que uma esposa possui. Ao mesmo tempo, Cortés consente que ela case com Jaramillo, para que todos, em um clima afinal ameno, reconstruam o México, sob a religião cristã e usufruam dos triunfos que usurparam juntos por terem conseguido entrar no território asteca, por terem conquistado o coração do espanhol e por ter tido um filho dele. Ao final, casa com Juan Jaramillo, um espanhol honrado que a constituiu, pelo casamento, em uma senhora de respeito.

Helen Heightsman Gordon é professora de língua inglesa na escola Bakersfield situada na Califórnia. Ela escreveu poesia, contos, artigos acadêmicos e

para jornais, mas *Malinalli do Quinto Sol: A Menina Escrava que mudou o Destino do México e da Espanha*²⁴¹ é seu primeiro romance. Ela ensina francês e literatura para turmas de “sophomores”²⁴², bem como também ministrou cursos de estudos para mulheres que se tornavam especialistas em “Mulheres na literatura”. Ela tem um interesse contundente em literatura feminina, bem como em ver a história recontada novamente, do ponto de vista de mulheres que desempenharam papéis importantes, mas cujas histórias não foram totalmente contadas.

A autora Helen Heightsman Gordon (2005) assim justifica seu interesse por Malinche:

A história de Marina me fascinou desde que ouvi sobre ela, pela primeira vez, há quinze anos atrás, mas estou convencida de que os tratamentos fictícios dela e de Hernán Cortés não lhes fazem justiça. **Eu tentei me colocar nas sandálias de Marina**, para inferir em que tipo de mundo ela vivia, que experiências ela poderia ter, quais traços pessoais poderiam ter permitido que ela sofresse dificuldades traumáticas, mas que, ainda assim, a levou a alcançar grandes conquistas. (GORDON, 2005, s/n, introdução, tradução nossa, grifo nosso).²⁴³

Interessante perceber que o que levou a autora a escrever sobre Malinche tenha sido o fato de que, segundo sua percepção, a história e os historiadores não tenham tratado a figura de Malinche em suas devidas proporções. Essa percepção fez com que a escritora pesquisasse a história dos indígenas, da sociedade pré-colombiana, tanto dos Astecas quanto dos Maias, e a maneira como vivem hoje seus descendentes. Para isso, também viajou pelo México e Espanha, leu mais de cinquenta livros sobre o século XVI que tratavam da antropologia, religião, história, arte, biografias, meio ambiente, literatura e língua desses povos: “Tentei ser o mais fiel possível aos eventos e personagens históricos, preenchendo os espaços em branco com personagens ficticiais e eventos que podem explicar por que as vidas

²⁴¹ Malinalli of the Fifth Sun: The Slave Girl Who Changed the Fate of Mexico and Spain (2005)

²⁴² Em alguns países de língua inglesa, em especial nos Estados Unidos, é comum que os estudantes recebam uma classificação diferente dependendo da sua idade ou do ano que está cursando: *sophomore* é o nome adotado para alunos do segundo ano do ensino médio e dos primeiros anos da graduação.

²⁴³ Marina's story has fascinated me since I first heard it fifteen years ago, but I'm convinced that past fictional treatments of her and Hernan Cortes do not do them justice. I've tried to place myself in Marina's sandals, to infer what kind of world she lived in, what experiences she might have had, what personal traits might have enabled her to suffer traumatic hardships yet rise to great achievements. (GORDON, 2005, s/n, introduction).

de Marina e Cortés se desenrolaram como aconteceram.” (GORDON, 2005, s / n, introdução).

Frisando, a autora se permitiu preencher as lacunas que a história deixou em branco e que se esforçou para que esses espaços fossem preenchidos de maneira realística, que dessem a impressão ao leitor de que foi dessa maneira que a história realmente aconteceu.

3.1.1 Prólogo - *The many names of Malinalli*

A autora Helen Heightsman Gordon (2005) escreve uma introdução de uma página e meia e a coloca em seu livro, intitulado-a *The many names of Malinalli*, para falar sobre o que a levou a escrever o romance sobre Malinche. Neste prólogo, a autora escreve que Malinche teve a liberdade de escolher o próprio nome e o fez de acordo com o som do nome de Virgem Maria, escolheu Marina, como nome a ser usado a partir do batismo cristão, informação que ela obteve ao pesquisar a vida de Malinche. Baseada em suas pesquisas, a autora dá outra razão para Malinalli escolher esse nome que seria pelo seu significado que era “vinda do mar”, na língua espanhola. Parece altamente improvável que Malinalli soubesse o significado de uma palavra de outra origem que não fosse nahuatl, ou maia; não teria tido tempo de aprender o espanhol, pois o batismo se deu assim que as escravas chegaram, para que pudessem ser distribuídas como presentes aos homens espanhóis, companheiros de Cortés. Segundo o romance e a história, imediatamente após a chegada das indígenas e o batismo, ela foi doada a Puertocarrero, o homem favorito de Cortés e passou a servi-lo, inclusive na cama. Logo que este homem partiu de volta para Espanha, ela passou à cama de Hernán Cortés, o chefe da expedição espanhola. Malinche logo passou a ser indispensável aos europeus por tornar possível a comunicação entre esses e o povo autóctone. Ela facilitou a que os espanhóis fizessem um pacto com o povo de Tlaxcala e que se unissem contra Montezuma e os Mexicas. Ao casar-se com Juan Jaramillo, mais tarde, após a “conquista”, teve seu futuro assegurado. Como senhora Jaramillo, conseguiu proteção do México e da Espanha.

Gordon (2005) escreve, em seu prólogo, que Malinche, logo após os eventos em que participou ficou conhecida como uma mulher de coragem e honra, mas que,

anos após sua morte, teve sua reputação mudada e passou a ser conhecida por “nomes feios”: “O pior dos nomes veio trezentos anos de sua morte de nacionalistas mexicanos que se revoltaram contra o domínio espanhol.” (GORDON, 2005, p. 3, tradução nossa).²⁴⁴ Então, a autora afirma que espanhóis que vieram depois de Cortés, exploraram o México. A narrativa põe-se ao lado de Cortés para defendê-lo, afirmando que apesar de ter saqueado o México, ele trouxe freis mendicantes da Espanha para ensinar os nativos a plantar e a criar animais, freiras para ensiná-los a cozinhar novas receitas, estabeleceu negócios e abriu rotas comerciais entre o velho e novo mundo para a venda de mercadorias como borracha, algodão, milho e chocolate. Apesar de toda essa bondade de Hernán Cortés, vista pelos olhos de Helen Heightsman Gordon, os nacionalistas odiavam tudo que ele significava para o México e, por consequência, passaram a odiar Malinche que o tinha ajudado e a considerá-la traidora. Escreve Gordon (2011): “Mesmo que essas acusações sejam falsas ou distorcidas, a reputação de Marina sofreu pelos próximos cem anos.” (GORDON, 2005, p. 4).²⁴⁵ As acusações que pesam sobre Malinche não são mais do que pontos de vistas dos nacionalistas, uma das maneiras de interpretá-la. O que se sabe de Malinche, os poucos fatos irrefutáveis, permitem essa visão ou muitas outras. Seu apagamento histórico deixa margem para várias possíveis interpretações de seu papel.

Fazendo um diálogo com a decolonialidade, quando se refere a novas formas de articulação e de reconhecimento de sujeitos e de suas vozes, percebe-se que a autora, enquanto dona da oportunidade para que se faça uma ampliação do universal e da diversidade, não traz um discurso crítico para o primeiro plano e contenta-se com ressaltar as qualidades do espanhol e legitimar o discurso eurocêntrico, reescrevendo-o. A autora perde, ainda, a oportunidade de fazer emergir as potencialidades críticas e epistemológicas do processo da decolonialidade; confirma e enaltece a colonização.

O passar dos anos e dos séculos não fez por melhorar a imagem de Malinche, afirma a autora Helen Heightsman Gordon:

²⁴⁴ “The worst of the names came three hundred years of her death from the Mexican Nationalists who revolted against Spanish rule.” (GORDON, 2005, p. 3).

²⁴⁵ “Even though these accusations were untrue or badly distorted, Marina’s reputation suffered for the next hundred years.” (GORDON, 2005, p. 4).

À medida que a lenda se espalha e a falsidade se espalha, seu nome se torna mais difamado. A lenda se misturou à sua história com a de uma deusa antiga *La llorona* que supostamente matou seus filhos e chorou e lamentou por eles todas as noites. (GORDON, 2005, p. 4, tradução nossa).²⁴⁶

O que se disse de Malinche através dos séculos, como já afirmamos, não pode ser considerado falsidade, justamente pela falta de confirmação de dados. Diversos modos de vê-la são possíveis. Ela pode ser vista, inclusive como Gordon a vê e descreve em seu romance: uma mulher que fez o que foi possível para si, dentro de determinadas circunstâncias e depois foi viver tranquilamente com o marido e a filha, fazer viagem até a Espanha, vestida de roupas europeias, com modos europeus que ainda não dominava, mas que se esforçava para tal.

O que poderia ser uma forma de desconstrução da colonialidade através da literatura e trazer outras visões desse “desencontro” de civilizações acaba por confirmar a verdade universal do pensamento eurocêntrico. A obra não provoca a fratura entre modernidade e colonialidade e não é uma apologia ao movimento de resistência teórico e prático, político e epistemológico.

A autora Gordon (2005) escreve também uma das afirmações que se levanta contra Malinche é que ela teria maltratado seus escravos. Defende a autora que Marina-Malinche teve seu nome confundido com outra mulher nomeada Marina, dona de terras e escravos que atormentava demais seus nativos. Gordon não dá referências sobre essa outra dona de *encomienda* que teria explorado os seus trabalhadores.

Não encontramos essas evidências de que existisse outra Marina como dona de encomiendas, sobre as quais se refere Gordon. Não há, nos escritos estudados, nada que fale sobre como Malinche tratava os escravos que recebeu como pagamento por seus serviços aos espanhóis. Apenas que os recebeu, bem como terras e que viveu, depois da conquista, dos frutos desses bens. Todavia, não afirmamos que não há documentos que comprovem que havia duas Marinas donas de escravos no Novo Mundo.

Las Casas passou à história com uma imagem controvertida de quem foi a favor da escravidão dos negros, desde que os nativos mexicanos fossem libertados,

²⁴⁶ As the legend spreads and the falsehood spread, her name became more vilified. The legend mixed up with her story with that of an ancient goddess *La llorona* who supposedly killed her children and wept and wailed for them nightly. (GORDON, 2005, p. 4).

de quem foi proprietário de “encomiendas” e de escravos que as faziam prósperas e um ferrenho lutador em favor do fim dos maus-tratos e escravidão indígena. Sobre essa contradição, assim o representa Helen Heightsman Gordon (2011):

Bartolome de Las Casas havia desistido de seus amigos indígenas em um domingo de 1514, depois de ter uma epifania religiosa. Ele foi negado a comunhão por um padre dominicano porque era um encomendero e sentiu-se injustamente tratado até ler as palavras de Eclesiastes 34: 2: “o pão dos necessitados é a vida deles; aquele que o tira é um homicida.” Em um sermão ardente, Bartolome prometeu dedicar sua vida a defender a causa dos índios, mas nunca conseguiu conquistar o amor deles, tão amargo que ficou tentando denunciar seus inimigos. Ele era estranhamente silencioso em relação à importação e venda de escravos negros em Cuba, mesmo sendo um mensageiro eloquente no detalhamento dos abusos praticados pelos espanhóis contra os índios. Aqueles que o conheciam melhor concluem que foi a erradicação do pecado, e não o amor dos perseguidos, que tinha o primeiro lugar em seu coração. Esse ódio ao pecado foi o principal motivo de oposição a seu velho amigo Hernan Cortés pelo resto de suas vidas. (GORDON, 2011, p 153, tradução nossa).²⁴⁷

Talvez a epifania a que a autora se refere tenha sido o sermão pregado pelo frei Antonio de Montesinos que está descrito no livro do também frei Carlos Josaphat, o certo é que Las Casas escreveu cartas inflamadas ao Conselho das Índias, entrou em confronto direto com Sepúlveda (Juan Ginés de Sepúlveda, historiador da Corte, que defendia a aplicação da teoria aristotélica da escravidão natural) que conseguiu a proibição da publicação de sua obra em toda a Europa, e se envolveu em um conflito com teólogos e juristas em um debate que ficou conhecido como a Junta de Valladolid²⁴⁸

²⁴⁷ Bartolome de Las Casas had given up his own Indian encomiendas on a Sunday in 1514, after having a religion epiphany. He had been denied communion by a Dominican priest because he was an encomendero and he felt unjustly treated until he read the words of Ecclesiastes 34:2, “the bread of the needy is their life; he had defrauded him thereof is a man of blood. In a fiery sermon, Bartolome pledged to devote his life to championing the cause of the Indians, but he was never able to earn their love, so bitter he became in trying to denounce their enemies. He was strangely silent on the matter of black slaves being imported and sold in Cuba, even as he was an eloquent messenger in detailing the abuses practiced by Spaniards against the Indians. Those who knew him best conclude that it was the eradication of sin rather than the love of the persecuted that had first place in his heart. That hatred of sin was top lace him in opposition to his old friend Hernan Cortes for the remainder of their lives. (GORDON, 2005, p 153).

²⁴⁸ O debate foi realizado em agosto de 1550, a primeira sessão, e a segunda em maio de 1551. O presidente da Junta foi dominicano Domingo de Soto. Os debatedores foram Juan Ginés de Sepúlveda e Bartolomeu de Las Casas. Sepúlveda defendeu a tese de que aos nativos se aplicava a Teoria da Escravidão Natural, sob a qual era justo declarar guerra contra aqueles que, por uma condição natural, deviam obediência a outros, que nasceram para comandar, mas que se recusavam a obedecer. “Poder-se-ia dizer que o que aconteceu em Valladolid foi a culminação de um processo intelectual mediante o qual se pretendeu classificar os índios como bárbaros, carentes de razão e com um tipo inferior de humanidade. Tudo isto com a finalidade de aplicar-lhes a doutrina da barbárie, que muitos séculos antes tinha sido anunciada por Aristóteles, e que tinha como conclusão que os

Novamente, pode-se argumentar que Las Casas foi um dono de escravos e que apesar disso lutou para que fossem libertos, ou pelo menos tratados com humanidade, e que com Malinche poderia ter acontecido o mesmo, afinal Sahagún diz que ela ajudou a cristianizar os indígenas. Poderia se argumentar que Malinche tratava seus escravos bem, já que era indígena, como eles. Entretanto, poderíamos argumentar que não, visto que ajudou nesse processo de escravizamento e que fez parte no processo de colonialidade, se enquadrando nos códigos do discurso hegemônico. Sahagún se refere a ela, na página 827 de seu livro. Ele testemunha que ela ajudou a catequizar os indígenas. Sahagún afirmou que ela fazia uso de seu conhecimento das línguas para convertê-los à religião católica. Conforme já citado, Jager (2015, p. 53) também afirma que Malinche foi uma evangelista eficaz que instruiu os ouvintes indígenas à religião católica. Essas duas afirmações, de Sahagún e Seger, podem confirmar essa declaração de Helen Heightsman Gordon de que Malinche não teria maltratado seus escravos, tanto que se preocupava em convertê-los à religião católica. A escritora continua sua defesa de Malinche dizendo que esse engano sobre ela, se prolongou através dos séculos XIX e XX:

Os escritores, artistas e dramaturgos que escreveram sobre Marina nos séculos XIX e XX, pensando que as lendas sobre ela eram verdadeiras, a chamaram de muitos nomes feios. Ela costumava ser chamada de *chingada* (puta) e *puta* (prostituta). Seu nome foi adotado no idioma dos chicanos, ou mexicano-americanos, de modo que ser chamada de “Malinchista” (traidor) é um insulto a homens e meninos, assim como a mulheres e meninas. (GORDON, 2005, p. 4, tradução nossa).²⁴⁹

O conceito “nacionalismo” que serve para dizer que ela não era uma traidora, pois não pertencia à mesma etnia dos que seriam escravizados, também serviria para que se diga que não havia motivo para que ela tivesse maiores preocupações com esses indígenas, pois não eram de sua etnia e ela não os reconhecia como iguais.

Os nacionalistas, durante o processo de independência, encontraram em Malinche um contraponto de uma consciência nacional. A intenção de se inventar

bárbaros eram naturalmente escravos. Então, só restava mostrar que os índios eram bárbaros. Com isso, pretendia-se justificar ideologicamente a escravidão dos índios.” (GUTIÉRREZ, 1990, p. 09).

²⁴⁹ The writers, artists and dramacists who have written about Marina in the nineteenth and twentieth centuries, thinking that the legends about her were true, hed called her many ugly names. She hab been called a *chingada* (slut) and a *puta* (whore). Her name has been taken into the language of the chicanos, or Mexican-Americans, so that to be called a “Malinchista” (betrayar) is na insult to men and boys as well to women ang girls. (GORDON, 2005, p. 4).

uma cidadania, criar uma identidade, ver o indígena como uma figura mítica, como um símbolo, fez encontrar em Cuauhtémoc, o herói indígena e em *La Malinche*, a anti-heroína, o contraponto da fidelidade nacional.

Logo, literatos e acadêmicos, segundo Montandon, se incumbiram de tentar suavizar os constantes ataques a ela, vista como espiã de seus contemporâneos e conterrâneos a favor de Hernán Cortés, tão frisados pelo discurso nacionalista. Em meio a controvérsias, intensificou-se a aparição de Malinche em pinturas coloniais de artistas nahuatl até que retornou com força total no final do século XVIII. Seed afirmou que nos anos que antecederam a independência da Espanha em 1821, intelectuais mexicanos tornaram-se cada vez mais interessados em temas indígenas. *La Malinche* ressurgiu: o jesuíta colonial e historiador Francisco Javier Clavijero transformou Malinche em uma heroína romântica e, assim, sua imagem se estendeu até o final de no século XIX. Então surgiu o questionamento de que ela não conhecia o conceito de pátria, que foi vendida pelos nativos e doada como um objeto, como oferenda de paz, que não havia traído ninguém e que não reconhecia os indígenas como compatriotas. Em um segundo momento do governo de Porfirio Dias (1876 – 1911), houve a tentativa de resgatar a imagem de Malinche para fazer-se uma reconciliação entre liberais e conservadores hispanistas, como a responsável pelo nascimento do México mestiço, mãe da criança-ícone da fusão entre espanhóis e indígenas.

Malinche, paradoxal, controversa nesses discursos e inconsciente dessa discussão futura que viria a provocar, poderia ter sido boa e indulgente com seus escravos indígenas e, como alega Gordon, foi confundida com outra Dona Marina que os maltratava. No entanto, poderia não ter sido, pois se não reconhecia conceito de pátria, e não os considerava seus iguais, patrícios, não precisariam ser tratados de outra forma que não como escravos. E não podemos esquecer que, na história dos homens, aquele que troca de classe social e passa ao *status quo*, quase sempre esquece a classe subalterna a que pertencia. Malinche trocou de posição, de escrava, galgou um importante degrau ao mancomunar-se com Hernán Cortés contra os indígenas e depois recebeu terras e escravos como recompensa e não os recusou. Sobre isso há documentos disso, sabemos com certeza: tornou-se dona de escravos indígenas e viveu como rica senhora de terra, na casa grande, cercada por luxos conseguidos graças à desgraça dos seus semelhantes, que foram

transformados em escravos dos forasteiros a quem ela ajudou. Sobre isso há documentos, não são apenas hipóteses. O que não sabemos é se ela foi boa ou não com eles e isso nem é relevante. Se foi boa, melhor, afinal eles já trabalhavam de sol a sol nas plantações dela, para que ela vivesse confortavelmente.

Não restou nada escrito para nos dizer como foi Malinche com seus escravos, ou como foi sua vida após a conquista. Não há nada no livro, de Bernal Díza que foi o autor que mais escreveu sobre ela; nada após seu casamento, nem sobre sua vida no Novo Mundo. Escreve Christian Duverger que ele, Bernal Díaz , em 1539, levou um pedido de reconhecimento de seus direitos a terras no novo México, que lhe foi negado, inclusive pelo Conselho das Índias, ele se apresenta em 09 de fevereiro de 1539 diante de diante do *alcaide* da Cidade do México para renovar seu pedido. Isso está documentado. Não há sombra de dúvida, segundo Duverger. Esse não é ninguém mais, nem menos que Juan Jaramillo, o marido de Malinche. E Jaramillo diz que não o conhece. Isso está escrito no processo: o autor do pedido lhe era desconhecido. Todavia, no capítulo V do livro *Historia Verdadera*, Bernal Díaz declara que esteve presente no casamento. Quando Jaramillo diz que não o conhece, ele teria que ter retrucado: – Como não, se estive em seu casamento? Você pode não se lembrar de mim, o que me faz concordar com Gómara, então, pois ele diz que você estava bêbado. Malinche, com certeza, lembra-se de mim. Éramos amigos íntimos. Sei muito sobre ela, mais que todos os escritores de fontes primárias juntos. E se Jaramillo não gostasse desse argumento, negaria que estivesse bêbado no casamento e isso então constaria no livro de Bernal, quando discordou de Gómara. Seria mais um argumento que ele poderia ter lançado mão. E se Jaramillo estivesse bêbado na noite do casamento, a ponto de não se lembrar de Bernal, isso é irrelevante; mas ele deveria lembrar-se de Bernal de qualquer outra ocasião, durante todo o caminho até Tenochtlán. Impossível que ele não conhecesse o homem que era tão amigo de sua futura esposa. E Bernal Díaz, com certeza, porque ganhar essas terras deveria ser de suma importância; teria perguntado para Jaramillo, ou pela cidade, onde morava Malinche, dona de terras, de escravos, parte importante na conquista. E se tinha feito anotações durante toda a conquista, anotações essas que serviriam para um livro, anos mais tarde, não seria interessante visitar Malinche, ver como vivia, como tratava seus escravos

indígenas, como era sua vida com Jaramillo, para escrever no futuro livro? Enfim, conversar sobre os velhos tempos com uma velha amiga. Isso seria o natural. Mas ele não foi. Não viu a antiga *doña* Marina, tão respeitada por ele. Não ganhou terras, pois anos mais tarde ainda estava tentando consegui-las. Conforme escreve Duverger, esse homem que se chamava Bernal escreveu uma carta a Carlos V, em 22 de fevereiro de 1552, com a intenção, entre outras, de peticionar terras no Novo Mundo. Já que estamos fazendo proposições, se Cortés fosse o autor de *História Verdadera de La conquista de la Nueva España* seria mais lógico que ele não soubesse mais da esposa do alcaide. Malinche já tinha se tornado esposa de outro, o próprio Cortés estaria casado com uma espanhola que seu pai havia escolhido para ele. Não haveria ambiente propício para que o ex-amante fosse visitá-la, ou quisesse saber de sua vida presente. Ainda, se ele estava escrevendo sob o pseudônimo de Bernal Díaz, soldado que somente teve contato com Malinche durante a campanha, e não sabendo que outro Bernal estava pedindo terras no Novo Mundo, e que este não fora reconhecido por Jaramillo, não mencionaria, em seu livro, mesmo que soubesse fatos mais atuais da vida da mulher. Esses fatos não seriam relevantes para os fatos cavalheirescos da “conquista”, que eram o que o autor queria que constassem nesse livro, qualquer que fosse seu autor.

Gordon (2005) argumenta que se Malinche soubesse escrever, ela poderia contar sua história, defender-se e talvez pudesse fazer com que as pessoas vissem que ela fez o bem para o povo. A partir de uma posição de preservação da imagem de Malinche e de seus atos, a autora Helen Heightsman Gordon (2005) defende que Malinche agiu ativamente, fazendo com que os indígenas se tornassem cristãos e que ofereceu a eles um deus que salvou a humanidade em vez dos deuses originais em que acreditavam que exigia sacrifícios humanos.

Se bem que ser convertido a abandonar suas crenças e professar uma nova, sem que houvessem pedido ou querido, não significa ser bem tratado. A maneira como foram convertidos pode ser uma e a descrição dessa conversão pode ter sido outra, diferente da que foi descrita por Sahagún e pelos historiadores.

Chegando às temáticas do sagrado e da religião, Gordon ignora um debate sobre o extermínio sistematizado da religião indígena forçada pela colonização, da

assimilação forçada do cristianismo e da religião católica para sublimar o “oferecimento” intermediado por Malinche, de um deus que salvou a humanidade.

Quando a história começa a ser contada pela narradora, em terceira pessoa, em setembro de 1529, Malinalli está em uma pousada, preparando-se para ir para a Espanha com Jaramillo e o filho Martin, então com sete anos de idade.

Frei Juan de Zumarraga,²⁵⁰ personagem histórico, aparece em cena no romance de Gordon (2005) com a intenção de enviar uma carta à Espanha. Conversa com um marinheiro e conta-se acusado pelos homens que ficaram governando o México enquanto Cortés visitava o rei Carlos V e o papa, de derrubar ídolos, de ser cruel com os nativos e de queimar os manuscritos dos mexicas. Assim, o personagem toma a palavra para contar sua história, através do discurso direto:

O rei Carlos me enviou aqui como primeiro bispo do México e protetor dos nativos. Por mais de um ano e meio, tenho testemunhado abusos cruéis contra eles. Quando Hernán Cortés partiu para a Espanha, essa crueldade aumentou. Minhas queixas foram ignoradas por Beltran Nuño de Guzmán, presidente da audiência, porque ele próprio era brutal com os nativos. Ele tratou a mim e a todos os apoiadores de Cortés como inimigos. (GORDON, 2005, p. 13, tradução nossa).²⁵¹

Segundo o frei, Beltran Nuño de Guzmán e a *Audiencia* eram os responsáveis pela crueldade contra os nativos, o que originava escravidão e venda de pessoas, após a “conquista”. A narradora toma a palavra para contar:

Zurramaga reclamou especialmente sobre o abuso de encomienda: "Supostamente", ele disse, "sob a *encomienda*, o espanhol recebe lucros. Eles devem educar seus vassallos ao cristianismo em troca de uma parte do produto ou trabalho dos nativos, mas os abusos tornaram-se escandalosos. Em algumas *encomiendas*, aqueles que não produzem colheitas, ou ouro suficientes para satisfazer seus mestres, eram mutilados, açoitados ou

²⁵⁰ Entre os anos de 1528 e 1532 Juan de Zumárraga esteve particularmente envolvido nos conflitos entre a Coroa e o conquistador Hernán Cortés. A Criação da Primeira Audiência expressou um ataque direto da Coroa contra os poderes assumidos por Cortés, seus membros empreenderam um combate contundente tanto ao Marquês do Vale quanto aos seus partidários. Os franciscanos em grande parte partidários e favorecidos desde a chegada dos primeiros sacerdotes pelo conquistador tornaram-se alvos diretos das retaliações da Coroa. Desta forma, e de maneira inevitável, Zumárraga se encontrava nas linhas de frente do conflito, levando-o a assumir uma contrapartida junto aos de sua ordem. (GOULART, 2005, p. 1).

²⁵¹ King Carlos sent me here as first Bishop of Mexico and protector of the natives. For over a year and a half, I have been witnessing cruel abuses against them. When Hernán Cortés left for Spain, these cruelty increased. My complaints were ignored by Beltran Nuño de Guzmán, presidente of the audiência because he himself was brutal with the natives. He has treated me and all of Cortés'supporters as enemies. (GORDON, 2005, p. 13).

queimados. Para atender às demandas, os pobres trabalhadores mexicanos às vezes tiveram que vender suas esposas e filhos como escravos.” (GORDON, 2005, p. 13, tradução nossa).²⁵²

A maneira os indígenas vencidos e escravizados o que acabou provocando a indignação de Las Casas. Em trechos em que estão combinados o discurso direto e o indireto, o leitor tem acesso à história do frei. No romance, o personagem espanhol, frei Juan de Zumárraga conta do colapso da população, de como para os mineiros a vida era ainda pior, que eram sobrecarregados como se fossem mulas e que tinham que andar léguas e léguas até chegarem às minas e que muitos deles, mais de três mil homens, já tinham morrido pelo caminho. Também faziam com que os homens nativos construíssem moinhos e armazéns para estocar mercadorias, sem férias nem descanso, que trouxessem o material utilizado e em troca davam tão pouco milho aos homens que estes morriam de fome; exigiam as mulheres nativas mais bonitas e até roubavam mulheres de conventos. Guzmán mantinha oitenta dessas mulheres como suas próprias concubinas. O frei pede ajuda ao marinheiro para que esse carregue a carta ao rei Carlos, no mesmo navio em que Malinalli iria à Espanha. Sabe-se que os nativos eram vendidos e abarrotavam navios que afundavam de tão cheios de escravos, que os nativos fugiam das vilas para não serem presos e não se intercruzavam com suas esposas para não gerarem filhos que seriam escravos.

Mesmo que a escravidão indígena tenha entrado no foco do romance e não tenha ficado de fora das discussões, em nenhum momento é dada a palavra a um personagem indígena para que este fale de sua condição própria e de sua escravidão, nem para expor suas verdades.

Outro “presente” mencionado no romance teria sido a língua espanhola, que segundo a autora, serve de comunicação para todo o continente, principalmente para pessoas que tinham como primeira língua o nahuatl e o maia e, também como contribuição, deu aos nativos um alfabeto para complementar a escrita pictórica dos códices astecas.

²⁵² Zurramaga complained especially about the abuse of encomienda: “Supposedly” he said, “under the encomienda, Spaniards are granted ‘trusts’. They must educate their vassals about cristianity in exchange of a portion of natives’ produce or labor, but abuses have become scandalous. In some encomendas, those who not produce enough crops or gold to satisfy their másters were maimed or flogged or burned. To meet the demands, the poor mexicas laborers have sometimes had to sell their wives and children into slavery.” (GORDON, 2005, p. 13).

Não se menciona, no romance, a proibição sistemática do uso da língua originária, ou do encobrimento intencional da cultura indígena. Segundo a autora Helen Heightsman Gordon (2005) Malinche não fez senão contribuir com o mundo indígena levando Hernán Cortés e o bando de espanhóis até suas entranhas e acabado totalmente com seu mundo, sua cultura, sua sociedade e seu modo de vida, passando a serem vistos a partir de um viés excludente.

Helen Heightsman Gordon (2005) se considera uma das responsáveis por recontar a história de Malinche como ela própria teria contado, se tivesse tido a oportunidade: “Esta é a história dela - a verdadeira história de Marina (também conhecida como La Malinche) e Hernán Cortés, como ela própria poderia ter contado.” (GORDON, 2005, p. 5, tradução nossa).²⁵³

Conclui-se que há, no romance, muito da lógica colonial; perpassando por todo o romance as dialéticas do poder hierarquizante. Malinche é representada como a boa dama europeizada, que prestou bom serviço aos indígenas, como se ela própria não o fosse, e que de maneira desvelada passa a doutriná-los na religião capaz de salvar a todos. Não foi dada à voz indígena, em nenhum momento, o direito de contar seu lado da história.

3.1. 2 O que poderia ter sido escrito por Malinche

Durante a caminhada até o navio, Malinalli faz uma retrospectiva da vida no México e conclui que a entrada de gado e ovelhas, no território, teria sido mais um dos benefícios que o povo nativo obteve apesar do derramamento de sangue e das devastações da conquista, já que nem todos os espanhóis teriam sido tão humanos quanto Hernán Cortés, no tratamento com a população, mas ela conclui que a tirania dos espanhóis não duraria para sempre e que alguns bravos sempre resistiriam.

Quando Martín pergunta pelo pai, Jaramillo diz que este está voltando ao México, que estará casado e vivendo com uma nova esposa, que, provavelmente, só tornará a vê-lo quando for um adulto, mas que Cortés se importava com ele, a prova era que pagava por sua educação.

²⁵³ “This is her story - the true story of Marina (alias La Malinche) and Hernán Cortés, as she might have told it herself.” (GORDON, 2005, p. 5).

Malinalli considera Jaramillo um bom marido ainda que, às vezes se excedesse na bebida. Na entrada do navio, um dos marinheiros sofre um acidente. Ela corre para ele e grita por ajuda. Assim ela conhece frei Beltran Nuño de Guzmán O episódio de Marina gritando no deque do navio provoca a ira de Jaramillo que a acusa de comportar-se como uma escrava dizendo que ela o embarça por pensar como uma nativa e não como uma dama da sociedade.

Jaramillo, um espanhol, casa-se com uma indígena e age deixando clara a imposição eurocêntrica, exigindo que se comporte como uma senhora espanhola.

Malinche não poderia ser a indígena que era, valorizando assim a ideia de raça unificada ao projeto de superioridade e dominação.

No camarote do navio, Juan Jaramillo lê, a pedido de Malinalli, uma carta enviada por Hernán Cortés que diz que ela receberá uma *encomienda*: “Também darei a você uma encomienda, com uma renda que pagaria pela educação de Matin. Essa renda continuará a sustentá-lo se você viver mais que eu.” (GORDON, 2005, p.19, tradução nossa).²⁵⁴ Quando ele retorna a carta à Malinche ficamos sabendo que ela já sabia de seu conteúdo: “Ela já ouvira a carta antes e conhecia seu conteúdo.” (GORDON, 2005, p.19, tradução nossa).²⁵⁵ Por que pedir a Jaramillo que lesse, então? Para que ele ficasse sabendo que possuíam uma *encomienda*? Ele diz que era um nobre empobrecido da Espanha e que se sente feliz de terem terras, escravos e riquezas para viverem muito bem. Jaramillo, ao saber do conteúdo, afirma que se casou por amor à Marina, que se casaria mesmo que ela não tivesse um dote:

Um dote é o presente que a família de uma noiva dá a ela e ao marido quando ela se casa - respondeu Juan. "E se uma mulher não tiver dote?" Então ela tem menos opções para um marido. Alguns homens não se casam com uma mulher sem dote.
"Mas você fez."
"Eu sou o sortudo", disse ele, brincando, erguendo o rosto para encarar diretamente o dela. "Casei por amor". (GORDON, 2005, p.19, tradução nossa).²⁵⁶

²⁵⁴ “I shall also give you an encomienda, the income from which should pay for Matin’s education. That income will continue to support you if you live longer than I.” (GORDON, 2005, p.19).

²⁵⁵ “She had heard the letter before and knew its contents.” (GORDON, 2005, p.19).

²⁵⁶ A dowry is the gift a bride’s Family gives to her and her husband when she marries,” Juan replied. “What if a woman has no dowry?”

Then she has fewer choices for a husband. Some men will not marry a woman without a dowry.”
“But you did.”

“I’m the Lucky ones,” he said playfully, lifting his face to stare directly into hers. “I married for love”. (GORDON, 2005, p.19).

Malinche relembra do casamento, e diz que decidiram casarem-se impulsivamente:

Marina sorriu contente para Juan, lembrando-se da decisão impulsiva de se casar durante uma campanha militar, em uma noite em que Juan bebia muito *pulque*. Alguns de seus amigos pensaram que ele tinha sido muito irritado, que seu julgamento foi prejudicado pela embriaguez, mas ele sempre negou isso com firmeza. (GORDON, 2005, p. 20, tradução nossa).²⁵⁷

Helen Heightsman Gordon (2005) refere-se, logo no início de seu romance, e não será uma única vez, às controversas primeiras narrativas que discutem se Juan Jaramillo estava bêbado durante o casamento com Malinche, como já foi abordado neste trabalho.

A escritora funda-se e posta-se ao lado de Bernal Díaz que julgava indigno que o marido estivesse bêbado durante a cerimônia o que reforçaria que ele tenha sido de alguma maneira forçado ao casamento com uma indígena, mulher inferior em classe social, reforçando e exaltando a colonialidade do pensamento no processo civilizatório.

Quanto a essa carta de Hernán Cortés no navio, talvez haja algo estranho dentro da realidade interna do romance. Nela, há a notificação de que Malinche recebe uma *encomienda* do espanhol. Entretanto, no romance, antes que fosse aludido ao casamento de Malinche com Jaramillo, Cortés é representado fazendo os papéis para a doação dessas terras: "Primeiro, ele elaborou documentos dando uma *encomienda* a Marina, concedendo seu título a uma vila cujos moradores forneceria comida e renda para ela e Martin se ele fosse morto ou adoecesse na viagem." (GORDON, 2005, p. 445, tradução nossa).²⁵⁸

Marina teria direito a uma cópia do documento: "Ele mandou fazer duas cópias da cópia legal - uma para Marina guardar, mesmo que ela não pudesse lê-la, e uma para ser confiada aos frades franciscanos por segurança". (GORDON, 2005, p. 446, tradução nossa).²⁵⁹

²⁵⁷ Marina smiled contentedly down at Juan, remembering their impulsive decision to marry during a military campaign, on a night that Juan had been drinking too much pulque. Some of his friends thought he had been too hash, that his judgment was impaired by drunkenness, but he had always steadfastly denied that. (GORDON, 2005, p. 20).

²⁵⁸ First, he drew up papers giving an *encomienda* to Marina, granting her title to a village whose residents would provide food and income for her and Martin if he should be killed or become ill on the journey." (GORDON, 2005, p. 445).

²⁵⁹ "He had two copies made of the legal document - one for Marina to keep, even though she could not read it, and one to be trusted to the Franciscan friars for safekeeping." (GORDON, 2005, p. 446).

Uma vila e uma *encomienda* tem o mesmo significado, como percebemos logo a seguir: (GORDON, 2005, p. 447). "Mesmo com uma *encomienda* para fornecer a ela renda, Marina ainda mantinha o status legal de escrava." (GORDON, 2005, p. 447, tradução nossa).²⁶⁰

Isso entrou em consideração para que o personagem Hernán Cortés decidisse dá-la em casamento a Juan Jaramillo. Cortés queria deixá-la bem, por isso deu a ela uma *encomienda*. Entretanto, ela ainda seria somente uma escrava e a melhor ideia, além de dar-lhe bens, seria casá-la com um espanhol, espanhol esse que não seria ele próprio. Concluindo, quando Malinche casou-se com Jaramillo, já era proprietária de terras.

E quanto aos pensamentos de Malinche que a levam a relembrar do casamento impulsivo, durante uma campanha, nada mais foi do que uma decisão levada pela negativa de Cortés de casar-se com ela. Quem falou com Jaramillo sobre o casamento com Malinche foi Cortés. Não fica esclarecido se Cortés incluiu nessa proposta a posse de Marina sobre uma *encomienda*. O que fica claro é que houve uma negociação entre Jaramillo e Cortés e que o subalterno obrigou-se a casa com uma indígena que considerava inferior, apesar de rica. Também fica claro que o fato de Malinche ter saberes, identidade e voz indígena desgostava o marido.

O trabalho de Helen Heightsman Gordon (2005) claramente tem a intenção de representar Malinche como uma mulher cheia de qualidades, admirada pelo marido Juan Jaramillo, com quem mantinha um bom casamento, apesar de que às vezes ela envergonhava o marido por ignorar protocolos que uma senhora espanhola não ignoraria:

Juan sabia que Marina era geralmente sincera, embora sua esperteza em dar respostas ambíguas tivesse salvado a vida dos conquistadores mais de uma vez. Essa mulher o fascinou com sua complexidade; suave, mas corajosa, orgulhosa, porém humilde, ingênua, mas sábia aos modos de um mundo cruel. Ela podia ser vexatória às vezes, ignorando protocolos e conversando com os criados como se fossem seus iguais. Sua feminilidade natural trouxe à tona sua própria masculinidade, mas ela frequentemente fazia perguntas femininas. Ela também tinha como obedecer: fazia tudo o que ele pedisse, mas nada que ele ordenasse. (GORDON, 2005, p. 27, tradução nossa).²⁶¹

²⁶⁰ "Even with an *encomienda* to supply her with income, Marina still held the legal status of a slave." (GORDON, 2005, p. 447).

²⁶¹ Juan knew that Marina was usually truthful, though her cleverness in giving ambiguous answers had saved the lives of the conquistadors more than once. This woman fascinated him with her complexity; soft but courageous, proud yet humble, ingenuous yet wise to the ways of a harsh world. She could be vexatious at times, ignoring protocols and chatting with servants as if they were her

Mais provável que Helen Heightsman Gordon (2005) estivesse descrevendo uma dama europeia, uma esposa aos moldes da sociedade nobre, que uma Malinche nativa que não conhecia os comportamentos aceitáveis para ser uma boa esposa europeia. Importante perceber que Malinche não luta por seu direito à diferença e que tenta comportar-se à europeia para não desgostar o marido.

Durante a viagem, a personagem recorda a infância em Paynala, a mãe, Cimatl, o pai, Itzamitl, e os amigos e parentes que a rodeavam. Era uma menina curiosa, falante e inteligente, criada em um ambiente familiar harmonioso. Ouvia as histórias dos pais e parentes sobre o deus Quetzacoátl, os sacrifícios humanos e o quarto fim do mundo que estava previsto para o próximo quinto sol.

O pai era um *tecuhitli*, um chefe bondoso. Percebe-se que a representação da infância de Malinche a coloca em uma família de elevada classe social indígena, que o pai era o chefe da cidade. Malinche é colocada em um cenário semelhante ao descrito por Bernal Díaz.

Quando Malinalli questiona injustiça dos astecas com os habitantes de Paynala, o pai acrescenta a palavra Tenepal ao seu nome: aquela que fala muito e com vivacidade, viticinando o futuro daquela que galgaria a escada da ascensão social através da palavra.

Os presságios a que se referem várias primeiras narrativas são descritos por Helen Heightsman Gordon (2005):

O ano 4 - Calli (1509) trouxe um presságio estranho. Por muitas noites no mês de Tlacaxipehualiztli, um grande brilho, em forma de pirâmide, como um templo, elevou-se do horizonte oriental em direção ao céu. Disparou faíscas e flashes tão brilhantes que parecia chover fogo na Terra e iluminou o céu como uma labareda do amanhecer. Apareceu à meia-noite e ainda podia ser visto ao amanhecer, mas durante o dia foi sufocado pela força e vigilância do sol. Muitos moradores de Paynala se voltaram para o sacerdote, aterrorizados, batendo as palmas das mãos contra a boca, em prantos, gritando e chorando. (GORDON, 2005, p. 96, tradução nossa).²⁶²

equals. Her natural femininity brought out his own masculinity, yet she often asked womanly questions. She had her own way to obeying him, too: she would do anything he asked, but nothing he commanded. (GORDON, 2005, p. 27).

²⁶²The year 4- Calli (1509) brought a strange omen. For many nights the month of Tlacaxipehualiztli, a great brightness, in a shape of a pyramid, like a temple, rose from the eastern horizon toward the heavens. It shot out such brilliant sparks and flashes that it seemed to rain fire onto the Earth, and it brightened the sky like a blaze of daybreak. It appeared at midnight and could still be seen at dawn, but in the day time it was quelled by the force and brilliance of the sun, Many villager in Paynala turned to their priest in terror, beating the palms of their hands against their mouths, weeping and shouting and crying out. (GORDON, 2005, p. 96).

Helen Heightsman Gordon (2005) dá voz à Malinalli para expressar pensamentos filosóficos sobre o mundo feminino e masculino e o que fazer para sobreviver:

Ela não pôde expressar seu pensamento mais profundo aos oito anos de idade, mas estava começando a internalizar a verdade de que existem duas maneiras de lidar com o mundo da autoridade: obedecer quando necessário para sobreviver ou agradar e resistir quando necessário para preservar um senso de dignidade. (GORDON, 2005, p. 105, tradução nossa).²⁶³

Cortés, ao chegar a Cuba, seria o secretário do tesouro. Helen Heightsman Gordon (2005) descreve a amizade de Cortés com Velásquez, o casamento com Catalina Suárez a quem representa como uma caçadora de fortuna, calcando-se amplamente nas fontes primárias.

Nessa época, Malinalli entra no templo de Quetzacátl para receber educação formal, aprender a falar bem e a se comportar socialmente, ter boas maneiras, a conhecer a história dos astecas e também a compreender os sacrifícios destinados aos deuses, seus divinos propósitos.

Quanto ao massacre de Cholula, Gordon (2005) representa uma Malinche negando o casamento oferecido pela nobre de Cholula por amor a Cortés:

Ela contou a ele o que a esposa do cacique havia dito a ela naquela tarde. "Não quero deixar você, mesmo que morra ao seu lado", disse ela, e acrescentou: "Te amo". Eu também te amo", disse Cortés, "mas nenhum de nós morrerá amanhã, eu prometo." (GORDON, 2005, p. 300, tradução nossa).²⁶⁴

Nesse romance, Malinche age motivada pelo amor romântico a Hernán Cortés o que a fez subir imensamente no conceito dele: "No silêncio daquele tempo sozinho com ela, ele se maravilhou com sua lealdade e devoção. Ela havia sido oferecida casamento ao filho de um cacique, mas ela escolheu a escravidão." (GORDON, 2005 p. 301).²⁶⁵ O romance apresenta uma indígena leal ao homem

²⁶³ She could not voiced her deepest thought at the age of eight but she was beginning to internalize the truth that there are two ways to deal with the world of authority: to obey when necessary to survive or to please, and to resist when necessary to preserve a sense of dignity. (GORDON, 2005, p. 105).

²⁶⁴ "She told him what the cacique's wife had told her that afternoon.

"I don't want to leave you, even if I die at your side," she said, and added, "Te amo."

I love you, too", Cortés said. "but neither of us will die tomorrow, I promise." (GORDON, 2005, p. 300).

²⁶⁵ "In the quiet of that time alone wit her, he marvelled at her loyalty and devotation. She had been offered marriage to a cacique's son, yet she chose slavery." (GORDON, 2005, p. 301, tradução nossa).

branco e estrangeiro, pretendendo mostrar que ainda são marcantes as estruturas de poder onde se deve devoção ao branco superior e colonizador.

Encontramos Bernal Díaz de Castillo como personagem de Helen Heightsman Gordon (2005). Ele estava presente quando os espanhóis arquitetaram o plano de afastar Montezuma de seus guardas pessoais, para fazê-lo refém. Bernal Díaz é descrito pela autora conforme o que viria a ser considerado no futuro: um veterano de muitas campanhas e um observador astuto. No momento de colocar o plano em prática, Malinche traduziu as palavras acusatórias de que Montezuma teria mandado um soldado para matar espanhóis que estavam em Vera Cruz e Cempoala. Montezuma negou, mas isso não alterou o que se seguiu. Quando Velasquez de Leon segurou uma faca na garganta de Montezuma e disse a Cortés que se eles tivessem que morrer ali, levariam junto Montezuma, Malinche não traduziu essas palavras. Decidiu dizer outras palavras, por livre iniciativa que induzia Montezuma a obedecer e a retirar-se para seus aposentos, obediente e calado, sob ameaça de morte.

Claramente, nessa representação, Malinche não atuou como tradutora, mas completamente dentro de seu papel de colaboradora dos espanhóis. Ela disse essas palavras com gentileza, segundo a autora, palavras que poderiam parecer amigáveis e conselheiras, mas na verdade traduziam uma grave ameaça. Poderíamos, resguardada a anacronia, fazer uma analogia à tática dos dois policiais em que um faz o papel de bom, e o outro representa o bom que adverte contra o policial ruim, provocando o desamparo e o medo na vítima.

No episódio da matança dos soldados que dançavam aos deuses, no Templo Maior, Malinche não é mencionada no romance de Gordon (2005).

Percebe-se que a autora retira sua personagem de qualquer papel relevante que pudesse condená-la. Quando Montezuma morre, a morte é atribuída a pedras atiradas pelo próprio povo asteca, novamente isentando a raça europeia de atos condenáveis, evitando corromper a essência eurocêntrica, preferindo deixar o assassinato do *tatloani* a cargo dos indígenas.

Enquanto Montezuma agoniza, lhe é oferecido batismo pelos espanhóis, pretendendo negar a ele a dignidade mínima de morrer fiel aos seus próprios deuses, fazendo-o, antes da morte, súdito da Espanha e fiel ao deus europeu. Tanto

na representação de Gordon, quanto na história registrada pelas fontes primárias, Montezuma não aceita a conversão, pautado pela essencialidade de seus valores e pela própria autoidentificação religiosa.

Malinche também não é mencionada no episódio do assassinato do *tatloani*.

Quanto à morte de Cuauhtemoc, em que há a menção à participação de Malinche que aconselha Cortés a matá-lo, como mencionamos algumas vezes, não acontece no romance de Gordon (2005), pois o romance termina antes que esse episódio aconteça.

Conclui-se que a representação não apresenta uma nova percepção do tempo, de ideologias e de espaço, pautando-se por valores exclusivamente europeus.

3.2 Laura Esquivel - protagonista sob proteção em *Malinche* (2006)

A escritora Laura Esquivel é mexicana, nasceu em 30 de setembro de 1950; foi roteirista e escrevia roteiros para filmes até que escreveu o romance *Como água para chocolate* (1989) que foi traduzida para mais de trinta idiomas, trazendo fama à escritora. Escreveu também *La ley del amor* (1995), *Íntimas succulencias* (1998), *Estrellita Marinera* (1999), *El libro de las emociones* (2000), *Tan veloz como el deseo* (2001), *Malinche* (2006) e *Escribiendo la nueva historia* (2013).

A autora parece acreditar em uma literatura que evidencie o potencial feminino e vê de maneira positiva o avanço da produção de escritoras tanto na América Latina quanto na Europa, compreendendo-a como um avanço das mulheres no espaço público. Esquivel crê na existência de uma literatura feminina. Em *Malinche* (2006) há um esforço da autora em trazer à pauta a questão feminina, que ganha relevo por meio da personagem indígena. Assim a autora descreve seus objetivos ao escrever seu romance: “Esse livro é o resultado de minha busca de respostas para as seguintes perguntas: como era Malinche? O que pensava? O que sabia? Que ideias a acompanhavam?” (ESQUIVEL, 2006, p. 198). A autora afirma que encontrou as respostas que buscava em livros de história, em conversas com amigos e em contato com o invisível, em um lugar que o tempo se dissolve. Neste lugar atemporal, a autora vê a possibilidade de nós termos encontros felizes com o

passado: “No ar, no invisível, circulam infinidades de ideias em movimento. No percurso, se cruzam e produzem encontros luminosos que mais tarde se organizam em imagens, sons, palavras: em conhecimento.” (ESQUIVEL, 2006, p. 198). As ideias estão no universo, soltas. Ao serem encontradas por alguém disposto a servir-se delas, elas se transformam em uma história. Sendo assim, Malinche estaria no universo, em forma de conceitos, como personagem pronta a ser encontrada e descrita, em forma de romance.

Malinche de Laura Esquivel (2006) intenta mostrar uma personagem com muitos sentimentos e conflitos internos, dúvidas e aspirações, ilusões e desejos de amar e ser amada. O romance não deixa de pousar um olhar sobre o México, sobre as relações entre os mexicanos e sobre a condição feminina, uma vez que traz uma personagem acusada de traidora, de vender seu país ao estrangeiro.

Maes (2013) afirma que Laura Esquivel obviamente não seguiu a lei de menor esforço para fornecer sua versão da personagem Malinche visto que Esquivel lança mão da ideia de vítima ou benfeitora como a de vitimizadora, e que ouviu o que se tinha a dizer contra e a favor de Malinche.

A autora tenta, no romance, seguir um posicionamento crítico, onde o mal seria representado pelos europeus e o bem pelos indígenas em uma perspectiva decolonial que acaba desviando-se pela justificativa do amor romântico que leva a personagem a agir conforme os interesses europeus. Malinche nunca assume uma responsabilidade por seus atos, escondendo-se atrás desse amor que a leva a praticar maus atos, a engajar-se politicamente aos europeus.

Ela seria um ser intermediário entre o bem e o mal: “Malinalli a quem Laura Esquivel deu à luz em *Malinche* é um ser complexo ou híbrido que fez o mal, acreditando fazer o bem.” (MAES, 2013, p. 20)²⁶⁶. Praticou atos maus, acreditando que nunca teria tido a intenção de causar ressentimentos contra ela.

Sua única culpa teria sido confiar cegamente nos espanhóis, especialmente Hernán Cortés, a quem amou: “Esquivel traz à tona Malinche como uma espécie de “culpada inocente” que não era senão vítima de sua própria beleza e inteligência.”

²⁶⁶ “Queda claro que la Malinalli a quien dio existencia Laura Esquivel en *Malinche* se perfila como un ser complejo o híbrido quien hizo el mal, creyendo hacer el bien (“the in-between”).” (MAES, 2013, p. 20).

(MAES, 2013, p. 20).²⁶⁷ Malinche teria sido vítima de sua ingenuidade e inconsciência. Laura Esquivel reflete em todo o seu romance essa visão protetora para com sua personagem, bem como um modo de pensar feminista.

A tese *El sexto sol de Malinali* (2013), de Janaína de Azevedo Baladão de Aguiar, se propõe a analisar, entre outras coisas, o complexo de inferioridade e o *malinchismo*, e, para isso, usa como base de seu texto a personagem Malinche de Laura Esquivel. Segundo a autora da tese, Esquivel (2006) teria a ambição de desmistificar a imagem de traidora que Malinche carrega consigo, dentro de uma perspectiva decolonial.

Aguiar (2013) escreve sobre a tentativa de Laura Esquivel de descobrir uma nova abordagem, apresentar outra visão de Malinche, que vai se percebendo através do desenvolvimento psicológico da personagem, que revelaria suas angústias frente aos fatos mais violentos da história da invasão ao território mexicano. “Em seu romance histórico Malinche, Laura Esquivel (2006) apresenta uma história da perspectiva de sua protagonista, Malinalli (o nome antes da Conquista), que, apropriando-se da palavra, expressará sentimentos, medos e dúvidas em relação à chegada. e permanência dos conquistadores. Malinalli conta sua própria história.” (AGUIAR, 2013, p.197).²⁶⁸

Laura Esquivel teria representado uma Malinche que, através de fluxos de consciência, uma personagem que tenta se constituir dentro de um movimento de renovação crítica, o que a distanciaria daquela imagem de traidora que se forjou em torno dela: “Em Malinche, Malinalli funciona como uma refutação do indivíduo pérfido e sombrio que traiu seu povo, já que sua imagem foi radicalmente forjada. Seu personagem, pelo contrário, exhibe, repetidamente, um comportamento que toca o pueril, às vezes rústico, baseado na sabedoria popular, diante do evento histórico que mudaria o destino de todos ao seu redor.” (AGUIAR, 2013, p.41).²⁶⁹ Entretanto,

²⁶⁷ “Esquivel hace surgir a Malinche como una especie de ‘culpable inocente’ que no resultó víctima de su propia belleza e inteligencia.” (MAES, 2013, p. 20).

²⁶⁸ En su novela histórica Malinche, Laura Esquivel (2006) presenta un relato desde la perspectiva de su protagonista, Malinalli (el nombre anterior a la Conquista), quien, al apropiarse de la palabra, expresará sentimientos, temores y dudas con relación a la llegada y permanencia de los conquistadores. Malinalli cuenta su propia historia. (AGUIAR, 2013, p.197).

²⁶⁹ En Malinche, Malinalli funciona como una refutación del individuo pérfido y sombrio que traicionó a su pueblo, como tradicionalmente se forjó su imagen. Su personaje, al contrario, exhibe,

a personagem não reage diante das situações de opressões vivenciadas, preferindo manter-se em silêncio, eximindo a si própria de seguir um papel ativo.

Esquivel escolhe chamá-la por Malinalli, pois assim ela foi nomeada ao nascer. Malinalli não tem o peso que o nome Malinche carrega. A personagem ao ser chamada de Malinalli pode ou não ser responsável pelo epíteto através do qual vem a ser conhecida mais tarde. Só o transcorrer da narrativa pode dizer ao leitor se essa adjetivação foi merecida pela possuidora.

A linguagem da autora ajuda nessa tentativa de suavizar a representação de Malinche e a aproxima de elementos da natureza, como por exemplo, a água:

A água é uma constante no romance: é através dela que se dá o nascimento, a transformação, a purificação e a morte de Malintzin. No entanto, os outros elementos - que aparecem nos cinco sóis do México - também estão presentes: a terra, o fogo, o vento (é possível dizer que o romance é dedicado a esse elemento) e o movimento do sol. Não é por acaso que as primeiras palavras da narrativa parecem saudar o vento e a água, elementos que trazem uma nova luz ao mundo indígena (AGUIAR, 2013, p.198).²⁷⁰

Helen Heightsman Gordon (2005), no romance *Malinalli of the Fifth Sun: The Slave Girl Who Changed the Fate of Mexico and Spain*, como outras romancistas, por exemplo, Laura Esquivel (2006), usam não somente os documentos históricos para elaborarem seus relatos e transformarem fatos que constam nas fontes primárias, mas utilizam-se do mesmo misticismo com elementos da natureza, como a água e o vento. As escritoras procuram representar a água como importante na vida de Malinalli: “Você viu como as águas do oceano nos trazem presentes dos deuses, mas as águas mantêm seu mistério. Somos como formigas rastejando sobre esta tigela; podemos ir apenas um pouco para a água. A água pode nos trazer tanto a morte quanto a vida.” (GORDON, 2005, p. 147, tradução nossa).²⁷¹ Del Río

reiteradamente, un comportamiento que roza lo pueril, a veces rústico, basado en la sabiduría popular, ante el acaecimiento histórico que cambiaría el destino de todos a su alrededor. (AGUIAR, 2013, p.41).

²⁷⁰ El agua es una constante en la novela: es por medio de ella que se da el nacimiento, la transformación, la purificación y la muerte de Malintzin. Sin embargo, los demás elementos —que constan en los cinco soles de México— también se hacen presentes: la tierra, el fuego, el viento (cabe decir que la novela está dedicada a ese elemento) y el movimiento del sol. No es casual que las primeras palabras de la narrativa parezcan saludar al viento y el agua, elementos que propician una nueva luz al mundo indígena. (AGUIAR, 2013, p.198).

²⁷¹ You have seen how the Waters of the ocean brings us gifts from the gods, yet the Waters keep their mystery. We are like ants crawling around on this bowl; we can go only a little way into the water. the water can bring us death as well as life. (GORDON, 2005, p. 147).

também se utiliza de elementos da natureza para elaborar sua personagem: "Eu gostava de sentar com ele na margem do rio e ver a água lisa passar fresca como o braço de uma donzela." (DEL RÍO, 2009, p. 19, tradução nossa).²⁷²

Em Esquivel (2006), elementos da natureza e do universo cósmico asteca0 estariam ligados à Malinalli, a terra, o vento, o fogo e sol. A dedicatória ao vento é quase um poema no qual o vento anuncia a tempestade que lavaria os altares sujos de sangue. É um presságio? Não. É um eufemismo, porque o vento seriam os europeus que viriam para terminar com os sacrifícios de sangue. Entretanto, conforme fica claro mais tarde, o fim dos sacrifícios viria através de um banho ainda maior de sangue. Os espanhóis não seriam a chuva que limpa, que lava, seriam a tormenta, que atormenta. Os altares ficaram limpos do sangue das vítimas, mas o chão se coalhou de mortos.

De qualquer maneira, as primeiras linhas do romance de Laura Esquivel, pareciam querer mostrar que os ventos trariam a chuva purificadora. Os que observavam a chuva pensaram que Tlaloc, seu deus da chuva, queria dizer-lhes algo ao enviar a torrente de águas. Pensaram "que se lançava sobre eles uma nova luz, uma nova visão que faria sentido às suas vidas". (ESQUIVEL, 2006, p. 8). De certa forma foi, uma nova visão cristã que viria substituir seus deuses; ainda que não soubessem o preço que pagariam por essa nova forma de fé que lhes seria imputada.

Assim Santos, (2015) compreendeu a dedicatória aos ventos:

A dedicatória ao vento, talvez, possua alguma relação como esse imbricamento, que será, ao final, a constatação de um processo de transformação já em vias de conclusão. Fica evidente no desenvolvimento da história o potencial imperceptível que o vento possui para modificar padrões, isso porque, mesmo não sendo visível, ele age sobre a matéria, transformando-a. Ademais, Quetzacoatl, o maior de todos os deuses, advém do vento, e também, o vento (ar), marca o nascimento e a morte, signo extremo de transformação pelo qual passa o ser humano. Nesse sentido, Esquivel pode estar cantando, por meio de seu texto, a transformação inegável pela qual, tanto o ser humano quanto a sociedade mexicana, tenham que passar. (SANTOS, 2015, p. 16).

²⁷² "Me gustaba sentarme con él a la orilla del río y ver pasar el agua tersa, fresca como un brazo de doncella." (DEL RÍO, 2009, p. 19).

O vento viria para trazer um novo padrão, a transformação. E trouxe. Todavia, para os povos da redondeza, não foi uma boa transformação. Prova é que, na noite mencionada, noite de tormenta, nasceu Malinalli.

Em muitas representações de Malinalli, a natureza se une às vozes narrativas para desencadear tempestades, tormentas, maus agouros. Animais peçonhentos vêm se unir a esas representações. A título de ilustração, se em Esquivel (2006) o destino de Malinche é prenunciado pelo vento que traz uma enorme tempestade no nascimento dessa, no romance *A morte do Quinto sol* de Somerlott (1992), a sorte de Malinche é prenunciada por uma serpente que se introduz no leito da mãe, quando da hora do parto.

Os olhos de uma cobra grande subiram, de uma cascavel mortal com losangos na pele das costas. A cobra, ou o demônio que assumira sua forma, devia ter passado pelas paredes das Baleares e se acorrentado em cobertores quentes. Quando sua mãe viu suas presas e a língua rachada que emergiu em sua direção com movimentos rápidos, ela se sentiu tão dominada pelo horror que não conseguiu articular um som. Mas a parteira acordou e gritou com tanta violência que o criado se afastou de sua mãe e atacou a mulher que gritava no meio de seus pulmões. Ele morreu com o grito em seus lábios enquanto sua mãe fugia da casa. (SOMERLOTT, 1992, p. 25).²⁷³

A serpente, como o vento, são prenúncios de maus presságios que acompanhariam a personagem desde o nascimento. Em *A norte do Quinto Sol*, de Somerlott (1992) a mãe de Malinalli tenta afogá-la no rio, justificando que a criança tinha sido "designada como portadora de desgraça" (SOMERLOTT, 1992, pp. 31-33).²⁷⁴

Curiosamente, o vento também vem assombrar aqueles que esperavam Malinalli nascer, em *Malinche* de Jane Lewis Brandt, (1951). Assim a autora descreve o nascimento de sua personagem: "Minha avó me contou tudo isso depois, e também que, naquela noite, o vento estava prestes a tomar o teto da cerca e

²⁷³ Los ojos de una gran serpiente se elevaron en los suyos, de una mortífera serpiente de cascabel con rombos en la piel del lomo. La serpiente, o el demonio que había tomado su forma, debió de haberse deslizado através de las paredes de bálago y dentro das mantas calientes. Quando tu madre le vio los colmillos y la lengua rajada que surgía hacia ella con rápidos movimientos, se sintió tan sobrecojida por el horror que no pudo articular ni un sonido. Pero la comadrona se había despertado, y gritó tan violentamente que laa sierpiente se apartõ de tu madre y atacó a la mujer que chillaba a pleno pulmón. Murió com el grito en los labios mientras tu madre salía huyendo de la casa. (SOMERLOTT, 1992, p. 25).

²⁷⁴ "estaba designada como portadora de infortunio." (SOMERLOTT, 1992, pp. 31-33).

balançou furiosamente as chamas dos entorchas, lançando sombras peculiares no rosto tatuado do sumo sacerdote." (BRANDT, 1981, p. 10).²⁷⁵

Os prenúncios de Malinche como portadora de má sorte e desgraças acompanham as personagens criadas por esses escritores de literatura. Caso falhassem em defendê-la do epíteto de traidora, o leitor poderia ainda acreditar que ela estava fadada ao azar, má-sorte, já que até elementos da natureza já jogavam sobre ela maus auspícios.

A autora Esquivel escreve seu romance dividindo-o em oito capítulos, assim definidos por Aguiar: "O romance é dividido em oito capítulos, como os oito presságios anteriores à conquista que tanto incomodavam Moctezuma. A estrutura alterna passado com o presente." (AGUIAR, 2013, p. 197).²⁷⁶ Santos também comenta a narrativa que se estrutura em torno de oito capítulos:

No que diz respeito **aos oito capítulos**, é possível considerar ao menos dois índices. O primeiro retoma o caráter mítico da simbologia para a cultura asteca e conta, de modo lendário, os oito presságios funestos aos quais Montezuma teve acesso, o que o levou a considerar que algo muito grave poderia vir a ocorrer durante o exercício de seu poder. O segundo se relaciona à explicação dada por Malinche porque ela gostava do número oito: estaria ligada à união invisível entre dois mundos, a representação da mestiçagem. Situação que nos leva a pensar na possibilidade de representação, por parte da autora, de dois mundos através de oito capítulos. Isso porque visualizamos, de início, o desvendamento/representação do universo mexica, e passamos, pouco a pouco, para um contato que irá imbricando mais e mais dois mundos, por meio da adoção de procedimentos característicos da cultura espanhola. Mesmo que isso ocorra de modo inconsciente, a princípio, e proposital, posteriormente, quando se colocará em foco a 'nova raça', concretizada pela mescla/hibridez dos nascimentos (SANTOS, 2015, p. 16-17).

Escreve também Aguiar (2013) que Esquivel (2006) associa sua história aos presságios. "Assim como os presságios funestos, não houve tempo para interpretar corretamente os sinais e advertências de uma mudança significativa em seu mundo, uma vez que os espanhóis, aqueles que trouxeram os espelhos, chegaram mais

²⁷⁵ "Mi abuela me contó más tarde todo esto, y también que, aquella noche, el viento estuvo a punto de llevarse el techo de barda e hizo oscilar furiosamente las llamas de las entorchas, proyectando peculiares sombras sobre la cara tatuada del sumo sacerdote." (BRANDT, 1981, p. 10).

²⁷⁶ La novela se divide en ocho capítulos, como los ochos presságios anteriores a la Conquista que tanto trastornaron a Moctezuma. La estructura alterna pasado con presente. A partir de esa organización que se acerca a lo místico y al universo mítico prehispánico. (AGUIAR, 2013, p.197).

cedo” (AGUIAR, 2013, p. 198).²⁷⁷ Esses sinais estariam ligados ao destino de Malinalli, prenunciavam terrores que viriam, eventos que mudariam o curso da história do México, nos quais Malinche esteve envolvida. Tais presságios a que as autoras se referem foram descritos por Sahagún (2009). Escreve ele que a chegada dos espanhóis causou a quase extinção do povo chamado asteca e essa destruição veio em forma de vários sinais²⁷⁸, de acordo com as lendas daquele povo, reunidas pelo frei Bernardino de Sahagún.

Uma delas consta que uma mulher ressuscitou e pressagiou a derrocada dos astecas:

Outro sinal ocorreu na época de Montezuma, porque uma mulher do México Tenochtitlan morreu de uma doença e foi enterrada no pátio, e pedras foram colocadas em cima de seu túmulo, que ela ressuscitou depois de quatro dias de sua morte, à noite, com grande medo e pavor daqueles que estavam presentes ali, porque a sepultura foi aberta e as pedras foram jogadas longe. E a dita mulher que se levantou novamente foi à casa de Montezuma e contou-lhe tudo o que tinha visto, e disse: "A causa porque eu ressuscitei é dizer que, em seu tempo, o senhorio do México terminará e você é o último senhor, porque outras pessoas vêm, e eles tomarão o senhorio da terra, e eles povoarão o México." (SAHAGÚN, 2009, p.36, tradução nossa).²⁷⁹

León-Portilla (1992, p. 51) esclarece que os presságios que estão descritos do *Código Florentino* de Sahagún (2009) são semelhantes aos descritos por Muñoz Camargo (1986) e que outros sinais foram vistos na cidade de Tlaxcala, povo que logo se tornou aliado dos espanhóis contra os astecas, com quem mantinham

²⁷⁷ “Así como los presagios funestos, no hubo tiempo para interpretar correctamente las señales y los avisos de un cambio significativo en su mundo, pues los españoles, los que trajeron los espejos, llegaron antes.” (AGUIAR, 2013, p.198).

²⁷⁸ 1- una llama de fuego muy grande y muy resplandeciente; 2- capitel de un cu de Uitzilopuchtli, que se llamaba Tlacatecca, se encendió milagrosamente y se quemó; 3-cayó un rayo sobre cu de Xiuhtecutli, Dios del fuego, cual estaba techado con paja; 4- de día, haciendo Sol, cayó una cometa; 5-se levantó la mar de México com grandes olas; 6- se oía en aire de noche una voz de mujer que decía: «¡Oh, hijos míos, ya nos perdemos!». Algunas veces decía: «¡Oh,hijos míos! ¿Dónde os llevaré?» 7- los cacadores de las aves del agua cacaron una ave parda del tamaño de una grulla, y luego la fueron a mostrar a Moctezuma, [...]y la segunda vez que miró en espejo que tenía ave, de ahí a um poco vio muchedumbre de gente junta que venían todos armados encima de caballos. 8-aparecieron muchas veces monstruos em cuerpos monstruosos. Llevábanlos a Moctezuma, y en viéndolos él en su aposento que se llamaba Tlillancalmécac, luego desaparecían. (SAHAGUN, 2009, pp. 401- 403)

²⁷⁹ Acaeció otra señal en tiempo de Moctezuma, porque una mujer vecina de México Tenochtitlán murió de una enfermedad y fue enterrada en el patio,y encima de su sepultura pusieron unas piedras, la cual resucitó después de cuatro días de su muerte, de noche, con gran miedo y espanto de los que se hallaron presentes allí, porque se abrió la sepultura, y las piedras derramáronse lejos. Y la dicha mujer que resucitó fue a casa de Moctezuma y le contó todo lo que había visto, y le dijo: «La causa porque soy resucitada es para decirte que en tu tiempo se acabará el señorío de México, y tú eres último señor, porque vienen otras gentes, y ellas tomarán el señorío de la tierra, y poblarán a México. (SAHAGÚN, 2009, p. 36).

guerras há muitos anos. Os tlaxcaltecas viram, entre esses sinais, um turbilhão de poeira que subiu e revestiu o topo do *Matlalcueye*, depois chamado de Sierra de Tlaxcala e hoje em dia conhecido como *La Malinche*.

Esquivel se refere a todos os presságios. O sexto presságio do livro corresponde exatamente ao descrito por Sahagún (SAHAGUN, 2009, pp. 401- 403), e as palavras são as mesmas: O sexto presságio foi a aparição de Cihuacoatl, a mulher que chorava às noites, dizendo: “Filhinhos meus! Aonde os levarei? Temos que ir para longe.” (ESQUIVEL, 2006, p. 28).

Instigada pela personagem Malinche e seu papel na crítica feminista como aclaradora da condição feminina na sociedade mexicana, Maria Luana dos Santos (2015) escreveu sua dissertação de mestrado, *Malinche: o ‘novo mundo’ é feito de representações*, no qual a estudiosa se propõe a analisar a obra de Laura Esquivel com objetivos vários; sendo que um deles discutir as relações de gênero. Escreve a autora:

A questão feminina ganha relevo por meio da personagem que dá título ao livro, e pela tentativa de evidenciação de uma gênese feminina para a formação social Asteca, o que tentaria nos levar a acreditar em uma sociedade originária de uma divindade feminina, antes da chegada dos espanhóis em solo americano com seu Cristo/Deus masculino. (SANTOS, 2015, p. 13).

Cortés vê em Malinche uma possibilidade: “Seus olhos se cruzaram com os de Malinalli, e uma faísca materna conectou-os no mesmo desejo. Malinalli sentiu que esse homem poderia protegê-la; Cortés sentiu que essa mulher poderia ajudá-lo como só uma mãe faria: incondicionalmente” (ESQUIVEL, 2006, p. 55).

Segundo a obra, mesmo atraído por Malinche, Cortés a doa a Puertocarrero. Ela serve Puertocarrero de boa vontade: “Se Cortés, principal capitão dos estrangeiros, a mandava servir esse senhor que parecia um respeitável soberano, era porque vira algo bom nela. Claro que Malinalli gostaria de ficar sob o serviço direto de Cortés, o senhor principal, mas não se queixava” (ESQUIVEL, 2006, p. 55). Cortés queria dar um bom presente a Puertocarrero, que era um nobre na Espanha, Malinche queria agradecer ao senhor principal, o homem que ela percebera, era o mais importante entre todos, e para isso, se precisava agradecer àquele que lhe parecera quase tão importante quanto o chefe, ela agradaria. Malinche não tinha, para Cortés, uma serventia maior do que agradecer ao nobre sobre seu comando. Era apenas uma indígena bonita, entre outras.

Essa representação de Malinche naturaliza as relações coloniais; a personagem não se rebela à ideia de servir ao espanhol; ao contrário, desempenha seu papel com satisfação e orgulho, confirmando que as relações sociais que se conformavam eram relações de dominação.

A relação entre os dois começou com uma relação de troca: Malinche daria a ele sua habilidade linguística e receberia algo em contrapartida: “Cortés pediu a Malinalli que o ajudasse a traduzir e em troca lhe daria a liberdade” (ESQUIVEL, 2006, p. 77).

Até mesmo o primeiro ato sexual entre os dois foi uma relação de troca, não no sentido natural. Em troca de deixar-se penetrar, Malinche recebeu um sentimento de alívio da carga de ser responsável por seus atos, conforto de voltar a ser somente um objeto. Ela se converteu “numa simples mulher.” Ao ser usada como objeto sexual, não teria que ser sujeito, não teria responsabilidade por seus atos, “pois lhe era bem mais familiar a sensação de ser objeto a serviço dos homens do que ser criadora de seu próprio destino” (ESQUIVEL, 2006, p. 85).

A palavra de Malinalli, ao final, volta-se contra Cortés, em acusação pela relação de trocas ter sido mal sucedida: “Você me prometeu liberdade e não me deu. Para você não tenho alma nem coração, sou um objeto falante usado, sem qualquer sentimento, para suas conquistas. Sou a besta de carga de seus desejos, seus caprichos, loucuras” (ESQUIVEL, 2006, p. 160). Mas, se a relação era de troca, de intercâmbios previamente estabelecidos (você traduz as palavras e eu darei recompensas em troca) não havia direito a reclamações posteriores.

Seja razoável de novo, Marina. Não permita que seus sentimentos envenenem o sentido de nossas vidas e aceite que sua missão é ser simplesmente minha língua. Não volte a interromper meus pensamentos com disparates. Não pense em repetir a estupidez de seus lamentos. Não extravie meu tempo. Dedique-se a agradecer o que foi feito por você, porque é mais importante que sua vida. (ESQUIVEL, 2006, p. 161).

A troca final foi Cortés dar um marido à Malinalli, em troca de continuar tirando proveito do que importava a ele: a habilidade dela com a língua:

Cortés elegeu Jaramillo para casar-se com Malinalli porque, além de ser um de seus homens mais prezados, era em quem mais confiava. Queria unir Malinalli com Jaramillo por duas razões: para subjugar Jaramillo à sua vontade e para lidar com Malinalli de uma distância mais racional, menos emotiva. Dessa maneira poderia tirar mais proveito daquela mulher surpreendentemente inteligente e imprescindível para seus planos. (ESQUIVEL, 2006, p. 163).

Escreve o doutor César Librado Gutiérrez Y Samperio, autor de *La Malinche: Doña Marina, Malinaltzin, Malintzin, Malinalli. Una sola mujer*. “Doña Marina fue leal a Cortés hasta que fue repudiada y casada con Juan Jaramillo, era disciplinada pero expresaba libremente sus ideas.” (GUTIÉRREZ Y SAMPERIO, 2019, pp. 2118). O romance representa uma Malinalli que casa-se com Jaramillo, após ter sido desprezada por Cortés, como quem aceita um pagamento compensatório, quase do mesmo valor: um casamento com um homem de uma elite superior que lhe traria segurança, confirmando o processo de opressão, já que não expressava livremente seus ideais, mas submetia-se às instâncias da colonização.

O caso é que pouco a pouco, Malinalli e Cortés se distanciaram. A necessidade de trocas se extinguiu. A língua já não era um problema e Malinalli tinha um marido que a protegesse.

A escritora Laura Esquivel associa Malinalli à Virgem de Guadalupe e à Llorona:

Malinalli não é apenas a mãe que morre e acaba com suas dores, mas ela é a própria Virgem de Guadalupe, que atravessou o oceano e se transformou na cultura mexicana, com suas rosas abençoadas. [...] Malinalli também é associado com a Llorona, quando duas cenas são cruzadas que têm ela e Moctezuma como protagonistas. O primeiro diz sobre Malinalli. (AGUIAR, 2013, p. 206)²⁸⁰

A personagem é constantemente associada à deusa Cihuacoatl, também chamada Quilaztli, que seria a mãe do gênero humano, talvez relegando à Malinche o papel de mãe da mestiçagem que se formou no México, da qual seu filho com Hernán Cortés seria o primeiro representante nomeado.

Sobre a deusa, Esquivel (2006) escreve que Malinalli, quando criança, chorava como Cihuacoatl:

À noite, percorria os canais da grande Tenochtitlan chorando por seus filhos. Aqueles que a escutavam já não podiam dormir. Seus lamentos de dor e preocupação pelo futuro dos filhos eram aterradores. Falava aos gritos do perigo e da destruição que os espreitavam. Malinalli, como Cihuacoatl, chorava por não poder proteger a sementeira. (ESQUIVEL, 2006, p. 20).

Malinalli, na narrativa de Esquivel (2006), ouve a voz da deusa-serpente, Cihuacoatl: “No silêncio do amanhecer, Malinalli podia jurar que escutara os lamentos, os prantos de Cihuacoatl. (ESQUIVEL, 2006, p. 29).

²⁸⁰ Malinalli no solo es la madre que muere y pone fin a sus dolores, sino que es la propia Virgen de Guadalupe, que cruzó el océano y se transformó en la cultura mexicana, con sus rosas benditas. [...] Malinalli también se asocia a la *Llorona*, cuando se cruzan dos escenas que tienen como protagonistas a ella y a Moctezuma. La primera dice respecto a Malinalli (AGUIAR, 2013, p.206).

Ao crescer e se tornar escrava, Malinalli, ouve falar dos estrangeiros que chegavam e dos presságios que os prenunciavam. Nesta época da vida de Malinalli, o povo estava assustado com as oito profecias. O terror chegou a Montezuma, no palácio: “Quero saber se ouviram chorar Cihuacoatl, pois quando vai suceder algo, ela sabe antes de todos, vem antes de acontecer.” (ESQUIVEL, 2006, p. 29). As referências à deusa que chora são várias, durante a narrativa.

Ao mencionar que Malinche é frequentemente relacionada a entidades femininas, percebe-se uma persistência de autores a representá-la sob a proteção de uma avó paterna protetora. Por exemplo, em *A morte del Quinto sol (La muerte del quinto sol)* de Robert Somerlott (1992) a avó representa também, à semelhança do romance de Laura Esquivel, um papel decisivo na vida da personagem Malinche: “A senhora Cuchillo de Pedernal, mãe de meu pai, tinha suas próprias crenças religiosas, e foi isso que salvou minha vida” (SOMERLOTT, 1992, p. 24).²⁸¹

Por coincidência, apesar de não haver nenhum dado nas fontes historiográficas estudadas sobre a presença de uma avó na infância de Malinche, no romance de Jane Lewis Brandt (1981), a avó é a personagem que cuida de Malinalli pois assim que se dá o nascimento a mãe finge dormir para não tocá-la: “Foram os braços da minha avó que primeiro me cercaram com amor” (BRANDT, 1981, p. 10).²⁸²

Em Esquivel (2006), a avó é uma personagem forte e constante, que povou a infância de Malinalli, que representa todo o carinho que Malinalli recebera: “A avó, após participar ativamente de todo o parto, olhou com alegria e cheia de arrebatamento a maneira como Malinalli abria os olhos e movia seus braços com vigor.” (ESQUIVEL, 2006, p. 10). A avó é quem batiza a menina e escolhe para ela o nome de Malinalli: “Poucos días depois, a menina foi batizada pela própria avó, pois a traição indicava que fosse feito pela parteira que trouxera uma mulher ao mundo.” (ESQUIVEL, 2006, p. 11). A avó é a pessoa que cuida a menina, que a mãe não dava atenção: “A avó fora sua melhor companheira de brincadeiras, sua maior aliada, sua melhor amiga.” (ESQUIVEL, 2006, p. 31).

²⁸¹ “Dama Cuchillo de Pedernal, la madre de mi padre, tenia sus propias creencias religiosas, y eso fue lo que me salvó la vida.”(SOMERLOTT, 1992, p. 24).

²⁸² “Fueron los brazos de mi abuela los primeros que me envolvieron amorosa.” (BRANDT, 1981, p. 10).

O pai, num momento de inspiração que não sabia de onde vinha, falou palavras que mais pareciam uma profecia, um dos presságios sobre os quais falaram os sobreviventes dessa época: “Sua palavra será fogo que transforma todas as coisas. Sua palavra estará na água e será espelho da língua. Sua palavra terá olhos e olhará, terá ouvidos e escutará, **terá habilidade para mentir com a verdade e dirá verdades que parecerão mentiras**” (ESQUIVEL, 2006, p. 14, grifo nosso). Aqui, Esquivel (2006) poderia ter parado de contar sua história. Definiu, com poucas palavras, a história de Malinche, a história que nos chega, aos saltos, através dos escritos das primeiras narrativas.

Novamente, percebe-se a predição de um futuro ligado ao poder da palavra que virá a transfigurar a vida de Malinche e que possibilitará um efetivo domínio europeu.

Para ilustrar, o futuro agourento de Malinche é prenunciado em outro autor literário. A predição do sacerdote, na hora do batismo de Malinalli, que era chamada por esse nome, e suas palavras de mau augúrio também se encontram em Somerlott (1992): “Seu nome é Ce Malinalli, uma erva da penitência. Traz consigo a luta e a destruição. A morte a rodeava, a morte e a destruição de casas antigas. Essa garota é uma estranha.” (SOMERLOTT, 1992, p. 26).²⁸³

A capacidade de Malinche de proferir e dominar as palavras é representada relacionada ao seu nascimento procurando justificar suas ações futuras, como uma espécie de mal inevitável que a acompanha de maneira compulsória. Com base na realidade atual, tentando isentá-la de seus designios, esses romances buscam justificativas inerentes ao seu nascimento, uma maneira de ser que já era intrínseca da qual ela não poderia fugir, mesmo que tivesse querido.

E, de fato, a personagem, ao encontrar os espanhóis, descobre esse poder da palavra, predito em seu nascimento:

Nunca antes experimentara a sensação gerada por estar no comando. **Logo aprendeu:** quem controla a informação, os significados, adquire poder. Ao traduzir, dominava a situação, e não apenas isso: **a palavra podia ser uma arma.** A melhor das armas (ESQUIVEL, 2006, p. 70, grifo nosso).

²⁸³“Su nombre es Ce Malinalli, una hierba de penitencia. Trae consigo la lucha y la destrucción. La Muerte la rodea, la muerte y la destrucción de antiguas casas. Esta niña es una desconocida.” (SOMERLOTT, 1992, p. 26).

Malinche, quando usava da palavra, sabia que tinha em seu poder o controle da situação. Poderia favorecer a quem dirigisse esse poder. Cabia a ela a decisão sobre o que fazer com esse poder, a quem favorecer com sua palavra. Malinche perde o compasso do tempo citado por Quijano (2005): “[...] é tempo de aprendermos a nos libertar do espelho eurocêntrico onde nossa imagem é sempre, necessariamente, distorcida. É tempo, enfim, de deixar de ser o que não somos” (QUIJANO, 2005, p. 126). Malinche, usou da palavra para contribuir com o processo de dominação e escravidão; propiciou o começo da divisão entre superiores e inferiores que começaria com o colonialismo e que se estenderia, ainda, após sua destruição e que faria com que o povo que ali vivia passasse, de forma coercitiva, a ser o que não eram.

Como Malinche só conseguiria sua liberdade ao lado dos espanhóis, a personagem alia-se aos recém-chegados, estabelecendo a relação de dominantes e dominados.

Só o triunfo dos espanhóis garantiria sua liberdade, e por isso não tinha vergonha de afirmar várias vezes com **palavras veladas** que na verdade os espanhóis eram enviados do senhor Quetzacoatl e não apenas isso, mas que o próprio Cortés era a encarnação do venerado deus. (ESQUIVEL, 2006, p. 71, grifo nosso).

Premeditadamente, para influenciar o triunfo dos espanhóis, e a si própria, Malinche escolhe fazer os mexicas acreditarem na chegada do deus a quem esperavam: "Malinche poderia impedir isso, poderia proclamar que os espanhóis não eram enviados de Quetzacoatl e, num segundo eles seriam destruídos..." (ESQUIVEL, 2006, p. 73).

Quando Malinche e os espanhóis estão em Cholula, Malinche reflete que o queria da vida era uma terra que fosse sua, onde pudesse viver em liberdade e se questiona: “Era válido defender a vida **à base de mentiras?** E quem assegurava que eram mentiras?” (ESQUIVEL, 2006, p. 73, grifo nosso). Ela estava se referindo às palavras ditas por ela que faziam o povo acreditar que os espanhóis eram enviados do deus Quetzacoatl, o que ela própria não acreditava. Suas divagações continuam: “Talvez estivesse sendo injusta em seus julgamentos. Talvez os espanhóis fossem mesmo enviados de Quetzacoatl e era sua obrigação colaborar com eles até a morte compartilhando uma informação privilegiada que obtivera de uma mulher de Cholula.” (ESQUIVEL, 2006, pp. 73-74).

A mentira seria que, mesmo que soubesse que os espanhóis não eram deuses, Malinche afirmava que eram; a personagem, em mais de uma cena, foi representada para saber que de deuses eles não tinham nenhuma característica que o confirmasse. Se não, seria uma traição, pois Cholula era uma cidade sagrada, orientada pela crença ao deus Quetzacoatl. Os tormentos interiores de Malinche “As vozes em seu cérebro dizendo para se calar, para não passar aos espanhóis nenhuma informação valiosa que pudesse salvar-lhes a vida” (ESQUIVEL, 2006, p. 74). Estava em seu poder negar o novo modelo que viria a ser seguido que confirmaria as relações de superioridade e inferioridade.

O que se sobressaiu das considerações internas e conflitos de consciência de Malinche foi que mesmo os espanhóis sendo grosseiros, bruscos, cheirassem mal, vociferassem insultos, fossem sujos e mal lavados, carregassem uma imensa cobiça por ouro e demonstrassem um desinteresse pela terra e pela semeadura do milho (presente de Quetzacoatl) e que se fossem enviados de algum deus seria de Tezcatlipoca, o deus mau e guerreiro, eles eram o lado superior, com maior possibilidade de vencer. A maior preocupação da personagem foi seu próprio eu: “O que mais preocupava Malinalli, a despeito de os espanhóis conseguirem seu propósito de derrotar Montezuma era sua vida e sua liberdade” (ESQUIVEL, 2006, p. 77).

Embora Esquivel tenha representado a cena de Cholula de acordo com as primeiras narrativas, que uma mulher nativa tenha contado a respeito do complô armado contra Cortés, a autora escolhe não deixar sobre Malinche a carga de ter contado a Cortés. A personagem, embora sabendo sobre a cilada, guarda segredo para si, mesmo ao convidá-lo para um banho de vapores e contando em detalhes o que interessaria a ele saber sobre Quetzacoatl e como utilizar essas informações.

O interessante é que apesar de ter feito com que Cortés soubesse por outros meios sobre o complô, Esquivel (2006) representa uma Malinche (fato que não se consegue explicar completamente) culpada:

Qual seria a reação a esse horrendo assassinato de que ela se sentia tão culpada? Tentava desculpar-se pensando que, embora não tivesse confiado a Cortés a conversa com a mulher choculteca - que lhe propusera fugir com ela e seu filho, antes que os espanhóis fossem eliminados -, Cortés se inteirara dos planos por outros meios. (ESQUIVEL, 2006, p. 102).

Então a narradora frisa novamente: “Os aliados de Cortés, **sem que ela dissesse nada**, já o haviam informado” (ESQUIVEL, 2006, p. 102).

O certo é que Malinche soube dos fatos, seguidos e transcritos no romance, exatamente conforme principalmente Bernal Díaz, alegado por Cortés e confirmado mais tarde por Gómara: o massacre ocorreu e que foram mortos mais de seis mil pessoas (ESQUIVEL, 2006, p. 103), (informação também conforme as primeiras narrativas) e, sem que ela tivesse contado ao capitão espanhol, se sentiu culpada. Se ela não interviu no massacre, não contando sobre o complô aos espanhóis, como afirmam Cortés e Bernal Díaz, mas interviu direcionando suas palavras para que Cortés fosse vitorioso, detalhando as dúvidas dos astecas, e de Montezuma, sobre Cortés ser ou não o deus que retornava e sobre a expectativa dos mexicas em torno do retorno de Quetzacoatl, tinha motivos, igualmente, para sentir-se culpada do massacre, embora não tenha colaborado diretamente para que ele acontecesse. Suas palavras teriam sido usadas para mentir, propositalmente. Suas palavras, da mesma maneira, causaram o massacre.

Durante o ato sexual Malinche se sente, por momentos, destituída da palavra. pode deixar de carregar sem carregar seu peso; “a enorme responsabilidade de construir com sua saliva a conquista” (ESQUIVEL, 2006, p. 77). Ela sabia que era o elemento facilitador para os planos de Hernán Cortés, que, pela força de sua palavra, estava presenteando a ele seu objetivo final, confirmando as futuras relações de colonialidade.

Quando os espanhóis finalmente entraram em Tenochtlán e Montezuma os recebeu bem, com todas as honras devidas a visitantes ilustres, Malinalli novamente sentiu culpa por se sentir diretamente responsável, por suas palavras, por essa capitulação:

Suas pernas tremeram. Ver seu rosto constituía uma transgressão suprem. Ela conhecia perfeitamente a proibição de olhar o rosto de Montezuma, e quem o olhasse era condenado à morte e, no entanto, olhou-o. O olhar que obteve de volta indicou que Montezuma não condenou em absoluto sua atitude e, longe de se mostrar incomodado, permitiu que eu continuasse traduzindo o discurso de boas-vindas. Malinalli traduziu respeitosamente. Considerou a maior honra de sua vida transmitir as palavras de Montezuma. O que não poderia imaginar é que Montezuma abdicaria do trono em favor de Cortés e que, **por ser tradutora, fora ela quem praticamente dera o reino a Cortés** (ESQUIVEL, 2006, p. 125, grifo nosso).

Malinche, Esquivel escreve a seguir, se sente emocionada e triste pelo fato de Montezuma ter recebido os espanhóis pacificamente. O fato de ela ter sido

tradutora, não implicaria culpa, nem ela teria tido motivo para se sentir responsável. Fato é que ela não somente traduziu as palavras ditas, mas interviu nas palavras ditas. E disse outras, além das que cabia a ela dizer, palavras extras, que modificaram o rumo dos acontecimentos. Por isso ela sabe que foi a responsável por ter entregado o reino a Cortés e ter condenado os indígenas a uma subordinação econômica sob o jugo da Espanha.

Na matança do Templo Maior, segundo Esquivel (2016) Malinche não esteve presente: “Atormentavam-na as imagens de uma matança que não vira.” (ESQUIVEL, 2006, p. 139). Durante a morte de Montezuma, também ela se calou: “Malinche não entrou no jogo das explicações. Nada disse” (ESQUIVEL, 2006, p. 144). Malinalli também não teve nada a dizer, de acordo com a representação de Esquivel, com a morte de Cuauhtémoc. A narradora conta que ele foi levado junto na viagem a Honduras e que foi batizado sob o nome de Fernando e enforcado em uma paineira.

Malinalli é também representada como tendo perdoado a mãe. “Com que direito a acusara se ela própria fora capaz de abandonar o filho!” (ESQUIVEL, 2006, p. 144). Aqui, Malinche é aproximada ao mito mexicano de *La Llorona*, o fantasma que vagava pelas noites a chorar pelos filhos perdidos e à deusa Cihuacóatl, a “deusa serpente”, outro mito dos mexicanos, aquela que carregava um berço nas costas, símbolo do abandono aos filhos.

Cortés acreditava que o discurso, a palavra dita, a maneira que a palavra é dita, era a arma mais poderosa para concretizar seus planos: “Como poderia utilizar sua melhor e mais efetiva arma diante daqueles nativos que falavam outra língua?” (ESQUIVEL, 2006, p. 41). Malinche dá a Hernán Cortés a arma mais poderosa com a qual ele poderia determinar o destino de sua empreitada e sair vitorioso. Do coração daqueles povos, ele conseguiu extrair, ou melhor, ser presenteado, com aquela que poderia lhe entregar a presa, sem que ele precisasse de outras estratégias. Ao explorar a figura de Quetzacoált, ao deixar crer que ele era o deus branco que retornava e reforçar a crença já latente naquele povo que esperava esperançoso o regresso do seu deus, Cortés vence. Malinche ganha a guerra e invade o México quando direciona para que Cortés seja recebido por Montezuma.

Sobre o poder de Malinche, ao traduzir palavras, escreve Jager (2015): “Por meio dos conselhos de Malinche, Cortés conseguiu entender os conflitos nativos e,

com a tradução dela, ele conseguiu convencer milhares de indígenas a se unirem aos espanhóis em oposição ao domínio asteca". (JAGER, 2015, p. 28, tradução nossa).²⁸⁴

Montezuma era líder de milhares de guerreiros; de forma respeitosa e passiva, recebeu Cortés, como se o estrangeiro violento e ambicioso fosse uma visita de importância.

Ao tornar do conhecimento de Cortés a crença em um deus que poderia retornar a qualquer momento, e retomar seu reino através de um poderio militar, Malinche e os astecas estão dando a mais preciosa munição para o capitão espanhol, o poder de direcionar o discurso e o imaginário em seu favor. (SANTOS, 2015, p.42)

Ambos, Cortés, porque vinha para invadir e se apropriar do que quer que fosse que tivesse para ser apropriado; ela para vingar-se de sabe-se o que realmente tenha acontecido com ela. Os dois aproveitam-se da fé daqueles que esperavam por uma divindade e utilizaram-se disso para exterminar a civilização asteca; não só Montezuma, não só seus herdeiros, mas também o povo pacato que talvez nunca tenha visto o rosto de Montezuma, nunca teve a coragem de erguer os olhos para vê-lo. Ele ganha o que viera buscar, ela ganha o que nunca tinha pensado, a fama de traidora, daquela que se dá ao estrangeiro.

Ao final, a relação que os unira, começara pelo poder da palavra e terminara pelo poder da palavra. Quando não houve mais necessidade de tradução, eles se separaram:

Pensou nos momentos em que a boca de Cortés e a sua boca eram uma única boca, e o pensamento de Cortés e sua língua, uma única ideia, um universo novo. A língua os unia e a língua os separava. A língua era culpada de tudo. **Malinalli destruiu o império de Montezuma com sua língua.** Graças às suas palavras, Cortés fizera aliados que asseguraram sua conquista. (ESQUIVEL, 2006, p. 161, grifo nosso).

Esquivel representa uma Malinche que se sabe culpada da destruição do México e que sabe que a responsável pela destruição foi sua palavra, palavras de quem contou segredos que de outra maneira, Hernán Cortés jamais chegaria a saber. Mesmo que a autora tenha representado Malinalli com seu nome anterior à palavra que se aderiu a ela em momentos posteriores, para livrá-la da condição de

²⁸⁴ "Through Malinche's counsel Cortes gained insight into Native conflicts, and through her translation he was able to persuade thousands of Indians to join the Spaniards in opposition to Aztec domination." (JAGER, 2015, p. 28).

traidora, mesmo que a tenha desenhado em tormentosos conflitos de consciência, para torná-la mais desamparada, a autora construiu uma Malinche culpada e que se reconhece culpada.

Hélène Maes (2013), em sua dissertação, analisa, entre outras duas, a obra de Esquivel (2006):

A autora em sua obra *Malinche* (2006) une à opinião negativa e à positiva, alegando circunstâncias atenuantes em benefício da intérprete, embora sem isentá-la inteiramente de sua responsabilidade, a mexicana Laura Esquivel obviamente não seguiu a lei do mínimo esforço em fornecer sua versão dos fatos e projetar seu *Malinche*. Incorporando em seu romance tanto a ideia de vítima ou benfeitora e vitimadora, a escritora pretende dar ouvidos às pessoas a favor e contra Doña Marina, (MAES, 2013, p. 19).

Malinche parece poder ser vista somente sob uma das perspectivas. Para defendê-la se deve retirá-la de eventos que não permitem defesa. Esses seriam os massacres praticados pelos espanhóis às comunidades indígenas. Se qualquer autor pretende defendê-la, não é possível deixá-la ter participação no massacre de Cholula, por exemplo. Não há como argumentar que ela contou ao amante que haveria um complô contra o espanhol por amor. Se ela o amava e fosse tão cega a ponto de não saber que não haveria um massacre, então ela seria obtusa e não há postar-se ao lado de uma personagem com pouca capacidade intelectual.

Escreve a autora que analisa o romance: “nossa autora parece validar a teoria da passividade que destrói a reputação da protagonista” (MAES, 2013, pp. 19). A mulher de Cholula conta a ela que haveria um complô. Esquivel dá a chance à personagem de decidir se contaria ou não aos espanhóis. *Malinche* não decide, nada! Nem contar ao amante, nem em advertir o povo de Cholula que não tentasse nada, que os espanhóis eram perigosos, que deveriam aliar-se a ele ou deixá-los partir, livres. E o que faz *Malinche* com essa informação? “Ser a “língua” era uma enorme responsabilidade” (ESQUIVEL, 2006, p. 67). Era o que concluía a personagem, antes e saber do complô.

A pessoa que falava tinha poder, conclui logo após. Sabia então do poder que possuía. Não era tão obtusa. Mas nada faz, apesar de afirmar para si mesma, ainda mais uma vez, que “ser a “língua” implicava grande compromisso espiritual.” (ESQUIVEL, 2006, p. 69).

A *Malinche* de Esquivel quase desliza pelo acontecimento. O leitor quase não percebe quando ela afirma para si mesma que “era sua obrigação colaborar com

eles (espanhóis) até a morte, compartilhando a informação privilegiada obtida da boca da mulher de Cholula. O que a mulher lhe conta era: “O plano era aprisioná-los, envolvendo-os em redes, e logo **levá-los vivos** a Tenochtitlán.” (ESQUIVEL, 2006, p. 74, grifo nosso). Malinche poderia ter dito que o plano era ingênuo, que os espanhóis não se deixariam aprisionar, que possuíam espadas, que arrancavam pedaços de milhares de corpos em segundos, cavalos que pisoteavam e esmagavam. Esquivel coloca a personagem a fazer amor com seu dono, sem decidir mais nada, nas páginas seguintes, 81, 82,83, 84,85 e intervalo. Uma página em branco e no capítulo seguinte, os faz tomar banhos nus, no *temascal*, casa de banho de vapor, nas páginas 87,88 : “Pedira a Cortés que antes de qualquer ação contra o povo de Cholula, relaxasse dentro do *temascal*.” (ESQUIVEL, 2006, p. 87, grifo nosso) e levam outras páginas a tomar banho, enquanto Cortés aproveita para “lamber e sugar” seus mamilos, (ESQUIVEL, 2006, p. 90). O intercuro sexual percorre ainda as páginas 91,92,93 e 94, 95, 96, 97. Nesta página 97 o banho termina e Cortés, aliviado da tensão pelo banho propiciado por Malinche, toma uma decisão: “Cortés decidira sair na frente e matar os habitantes de Cholula, o que ele considerava um ato de defesa” (ESQUIVEL, 2006, p. 97). Reuniu todos no pátio e pediu à Malinche que traduzisse algumas palavras e fechou as portas da cidade. E o massacre começa. Malinche vê mais de seis mil corpos destroçados e corre para a beira do rio para sentir a leveza da água: “Malinche evitou-os (os corpos) e correu até chegar ao rio.” (ESQUIVEL, 2006, p. 100).

Pelas ações de Malinche, contrariamente ao desejo da narrativa que pretendia isentá-la da decisão e papel ativo no massacre, ela torna-se diretamente responsável, por omissão, do massacre de Cholula.

Continuamos aqui a análise de Maes (2013): “Apesar disso, Laura Esquivel também tenta - embora pareça contraditória - cuidar dos interesses de Malinalli e “reduzir a pena”, enfatizando suas boas intenções.” (MAES, 2013, p. 19). Sendo como afirma Maes, não há advogado de defesa, por mais que tivesse estudado em sua vida para ser um excelente advogado, que consiga defender essa personagem criada por Esquivel: a personagem é indefensável, por mais que a autora se esforce.

Na visão da autora mexicana - e a frequência com que ela recorre a esse argumento, parece que tem mais peso para ela - era a aversão inata pelo déspota Moctezuma e o desejo de pôr fim aos sacrifícios humanos que fizeram Malinche criptografar suas esperanças em Cortés e seus soldados, a moça crédula **não tinha outro desejo além de ver seu povo livre do**

jugo ditatorial e é por isso que ela se entregou ao capitão da Extremadura que ela inicialmente considerou "o Redentor", mas acabou sendo um líder tão cruel quanto o dos astecas. (MAES, 2013, p. 20, grifo nosso).

O desejo dela era ver seu povo livre, entretanto não fica claro qual seria o povo ao qual ela está se referindo. Malinche reconhecia-se como parte deste povo, conforme Esquivel (2013) pretende inferir, afirmando que salvá-lo era sua única intenção. Entretanto, se omite de decisões e o entrega, sem liberdade de escolha, aos espanhóis, para que sejam escravizados.

Todavia, se essa fosse a visão da autora mexicana como afirma Maes (2013) deveria ter evitado expor sua personagem ao narrar seus desejos íntimos: "agora era necessitada, valorizada, tanto ou mais do que contas de cacau. **Para seu azar, essa posição privilegiada era instável.** Até sua vida corria perigo. Só o triunfo dos espanhóis garantiria sua liberdade." (ESQUIVEL, 2006, p. 71). Outro erro é por Malinche a pensar: "O que mais desejava era um pedaço de terra seu." (ESQUIVEL, 2006, p. 73). Nessas linhas, fica claro que Malinche desejava bem mais do que a liberdade do **seu** povo: desejava terra e desejava liberdade. Ainda mais: ela desejava continuar em posição privilegiada de poder, que só conseguira ao associar-se aos futuros colonizadores.

Na verdade, nossa autora afirma que nunca foi a intenção da indígena excitar o ressentimento, mas ela teve alguma culpa ao confiar cegamente nos espanhóis e, assim, adotar uma postura passiva ou "aberta" como definida por Paz. (MAES, 2013, p. 20).

Malinche não confiava nos espanhóis cegamente: "Malinche poderia impedir isso, poderia proclamar que os espanhóis não eram deuses "num segundo eles seriam destruídos...mas ela seria assassinada junto com eles e não queria morrer como escrava." (ESQUIVEL, 2006, p. 73). Malinche já tinha aprendido o gosto de comandar: "quem controla a informação, os significados, adquire poder." ESQUIVEL, 2006, p. 70). Malinche não era ingênua, ainda que Esquivel possa ter pretendido fazer isso, como insiste Maes (2013): "Esquivel faz Malinche emergir como uma espécie de inocente culpada que não era vítima de sua própria beleza e inteligência, mas sim de sua própria ingenuidade e inconsciência, atributos que a empurraram para os braços do inimigo." (MAES, 2013, p. 20). Se assim foi, não conseguiu; Malinche sabia muito bem o que estava fazendo, ponderou muito antes de tomar cada decisão, ou não tomar.

Segundo Maes (2013), Laura Esquivel tentou, em seu romance, dar à Malinche três perspectivas, olhá-la e percebê-la sob três adjetivos, a boa, a má e a que ficou entre os dois, nem boa, nem má, uma personalidade híbrida, que transitou entre as culturas e entre os sentimentos de maldade e bondade.

Conclui-se que, mesmo tendo procurado circunstâncias atenuantes, mesmo tentando acentuar o lado mais ingênuo de Malinche e omiti-la de posicionar-se, Laura Esquivel não conseguiu isentá-la do epíteto de traidora.

Conclui-se ainda que o romance não logrou representar Malinche de outra forma que não fosse através das poucas provas e fatos que as fontes historiográficas registram e que os acadêmicos puderam rastrear.

Esquivel (2006) ao tentar resgatar e narrar sua personagem por outros ângulos, representou uma Malinche culpada do extermínio de um povo através de rios de sangue e responsável por pilhas de mortos, por mais que isso causasse remorsos tardios na personagem.

O que transparece nas páginas do romance é uma Malinche consciente do que fez, e que não gosta de carregar na consciência a certeza de que foi a responsável pelos atos de um Hernán Cortés que se mostrou mais sanguinário, ou pelo menos tão feroz quanto ela julgava que os astecas eram, com quem ela compactuou deliberadamente.

Os que não conseguiram morrer pelas mãos dos espanhóis e pelas escolhas de Malinche se transformaram naquilo que Santos (2015) descreve: “com a chegada dos espanhóis, perderam o seu status de seres masculinos para se tornarem seres inferiores, marginais. Eles passaram da condição de indígenas à condição de colonizados” (SANTOS, 2015, p. 82).

Escreve Ribeiro sobre o trabalho de Esquivel: Ela “tem como propósito desconstruir o discurso histórico oficial, ao apresentar uma personagem feminina consciente de seus atos e palavras” (RIBEIRO, 2017, p. 474), discordando de Maes (2013, p. 20) que pretende dizer que o trabalho de Esquivel dá a Malinche uma única culpa, a de confiar cegamente nos espanhóis adotando uma postura passiva ou "aberta", como aquela determinada por Paz (1947).

Esquivel nem construiu uma personagem feminina ativa, nem uma personagem passiva que agiu por amor cego, mas uma personagem que procurava

disfarçar-se de passiva e que chega a afirmar que gostava da posição de escrava, pois “sentiu alívio ao recuperar sua condição de submissão” (p. 85). Apesar de esforçar-se para dar a ela uma expressão de pureza, de um ser preocupado com o vento, o ar, a natureza, a personagem tinha objetivos bem sólidos. A autora procurou enfatizar a menina pura, criada por uma avó especial, encantada com o sexo que o espanhol lhe proporcionava e cega de amor.

Esquivel tentou não representar Malinche do evento de Cholula e em outros massacres. Poderia, assim, retirar-lhe o epíteto de traidora. No seu plano de construção da narrativa, não representou Malinche contando a Cortés o plano de complô da nobre de Cholula. Todavia, fazendo-a saber dos planos que se formavam pelos habitantes, mesmo que não interferisse, culpou-a. A passividade de Malinche, consciente do poder da palavra que carregava, implicou-a. Por não agir, tornou-se cúmplice do massacre.

No desenrolar do romance, a personagem vai desmascarando-se. Ao final, admite que ficara ao lado de Cortés pela “maior das luxúrias: o desejo de poder, de ser diferente, única e especial” (ESQUIVEL, 2006, p. 159). Mesmo que pareça debater-se, imersa em dúvidas, conflitos e pensamentos sobre o que seria certo ou errado, nada impede a personagem de seguir influenciando o curso dos acontecimentos.

Laura Esquivel não logrou seu intento de desmitificar sua personagem porque a faz muito consciente de suas ações que a levam ao objetivo prévio de permanecer em posição privilegiada de poder, de conseguir sua liberdade e terras.

3.3 Desejo de remissão em *La verdadera historia de la Malinche* (2009)

Fanny del Río, desde menina, escreveu contos e poemas. Mexicana de origem, casou-se e foi morar no Uruguay, com o marido. Foi conselheira cultural na Embaixada do México e se concentrou em jornalismo até que ficou viúva, em 2001. Mesmo de longe, em outro país, buscou sua inspiração para seu primeiro romance

na história do México e escreveu *La verdadera historia de la Malinche* (2009). Esse romance foi indicado para o Prêmio Planeta na Espanha.²⁸⁵

Na dissertação de mestrado intitulada *La Malinche descifrada a través de la carta 'privada' Análisis comparativo de las novelas epistolares Amor y Conquista (1999) de Marisol Martín del Campo y La verdadera historia de Malinche (2009) de Fanny del Río*, Maes (2013) traça um paralelo entre a vida de Fanny del Río e a de Malinche, encontrando neste os motivos para que a escritora se sentisse atraída pela vida da tradutora de Hernán Cortés. Maes salienta que as duas mulheres casaram-se com estrangeiros, e que nenhum dos dois casamentos foi bem recebido pelos mexicanos patriotas e que isso também teria rendido à escritora o rótulo de traidora, à semelhança de Malinche. As duas mulheres também teriam vivido, ambas, sob a sombra de uma personalidade considerada mais importante que elas próprias. Com relação à língua, as duas também teriam sido consideradas forasteiras visto que não dominavam bem os idiomas espanhol e castelhano uruguayo o que ambas, com o passar do tempo, conseguiram dominar. Outro fator de aproximação entre as duas mulheres poderia ter algo no sentido de feminismo o que teria levado a escritora a sentir-se próxima de Malinche, mãe arquetípica dos mexicanos.

O romance *La verdadera historia de la Malinche* (2009) de Fanny del Río é um romance epistolar. Maes (2013) argumenta que essa foi uma maneira da escritora dar a palavra à própria Malinche, conceder-lhe o direito de falar totalmente por si própria, sem a intervenção da narração, visto que cada um escreve suas cartas de acordo com sua própria personalidade; "ao escrever uma carta, o emissor sugere automaticamente vários aspectos que revelam sua identidade ou traem o que sentem dentro de si". (MAES, 2013, p. 35, tradução nossa).²⁸⁶ É difícil escapar, ao escrever uma carta, de revelar seu foro íntimo.

Em relação ao escritor/autor que forja essas cartas, na intenção de dar voz diretamente ao personagem, Maes (2013) faz suas digressões:

²⁸⁵ Biografia de Fanny del Río se baseia no trabalho *La Malinche descifrada a través de la carta 'privada' - Análisis comparativo de las novelas epistolares Amor y Conquista (1999) de Marisol Martín del Campo y La verdadera historia de Malinche (2009) de Fanny del Río*, de Hélène Maes, 2013: "(Nuestra biografía de Fanny del Río se fundamenta en su mayor parte en un artículo de María Eugenia Martínez, sacado del Portal periodístico de noticias y actualidad sobre Uruguay y el Mundo: <<http://www.180.com.uy/articulo/La-hiperactiva-amiga-de-Malinche>>."

²⁸⁶ "A la hora de redactar una carta, el emisor automáticamente deja entrever varios aspectos que revelan su identidad o traicionan lo que siente en su fuero interno." (MAES, 2013, p. 35);

Bem, em uma carta fictícia, parece que o verdadeiro autor estabelece uma relação telepática com seu protagonista, seja ele inventado ou existente, transmitindo diretamente seus pensamentos e sentimentos e, assim, atraindo a personalidade desse indivíduo ausente no tempo e no espaço. No entanto, **é inevitável que elementos dependentes da vontade do escritor material escorreguem, isto é, fatores que revelam seu próprio ponto de vista e apontam para um objetivo pré-concebido.** (MAES, 2013, p. 35, tradução nossa, grifo nosso).²⁸⁷ .

No objeto final que é o romance, esse escritor deixaria entrever seus próprios objetivos, um plano traçado para deixar sua personagem dar-se a conhecer. Muito provavelmente, esse plano viria a ser identificado pelo leitor. É possível que os escritores que escolhem a personagem Malinche para seus romances, procurarem dar a ela um papel mais ativo do que traduzir passivamente a língua, sem interferência no que discurso que estará sendo transmitido. Também se pode pensar que esses romancistas emprestarão algo de si mesmo, de suas posições políticas e ideológicas e venha a emprestar alguns dos pensamentos mais profundos de si mesmo à personagem. Um leitor perspicaz seria capaz de entrever o que é a personagem e o que é a autora, por detrás de sua criação.

Malinche é uma personagem histórica, possui algumas poucas características que não podem ser mudadas, sob pena de ficar irreconhecível enquanto tal. Alguns poucos fatos específicos a identificam enquanto Malinche: Era mulher indígena, nativa do México e foi tradutora que trabalhou para os espanhóis. Basicamente são esses. Qualquer coisa a mais, sobre ela, que tenha submergido nos lapsos dos registros históricos, que tenham permanecido nebulosos, pode abrir espaço a ser alterado pela imaginação dos escritores, pelo momento histórico, pelas necessidades políticas do momento espacial e geográfico, para uma nova re(leitura) da sociedade, por seus ideais, princípios, valores, pensamentos ou filosofias de vida.

Escritores podem ou não se utilizar das fontes primárias para encontrar outras bases, podem escolher escrever que ela entregou-se a Cortés por vontade ou se foi coagida, se ela o amava ou não, se ela tinha interesses egoístas para ajudá-lo na “conquista”, se foi persuadida ou se apenas trabalhou como mulher escrava sem

²⁸⁷ Bueno, en una carta ficticia, parece que el autor real establece una relación telepática con su protagonista sea inventado, sea existente, transmitiendo directamente sus pensamientos y sentimientos y dibujando así la personalidad de este individuo ausente en tiempo y espacio. No obstante, resulta inevitable que en la carta se deslizen elementos dependientes de la voluntad del escritor material, es decir, factores que revelan su propio punto de vista y apuntan hacia un objetivo preconcebido. (MAES, 2013, p. 35).

livre vontade. Podem fazê-la má, traidora da pátria, uma pessoa que entregou seus patrícios por ambição, para ganhar lucro próprio após a vitória. Podem usar essa personagem para proporem inovações e alternativas ajustadas à interculturalidade e transculturalidade, para defender o feminismo enquanto mulher, dar voz aos oprimidos enquanto indígena, contestar a sociedade falocêntrica, eurocêntrica e patriarcalista, acusar os vencedores e dar, enfim, voz e visão aos vencidos. Nada vem a impedir, entretanto, que escritores revisitem a história e o personagem Malinche a partir de uma visão que elogia o eurocentrismo, perdendo assim uma ocasião de contestar essa visão de mundo que tende a colocar a Europa como elemento basilar na constituição da sociedade moderna, podendo assim ser considerado um passo a menos em direção ao processo de decolonização.

Malinche é um “livro aberto”, esperando para ser escrito, uma personagem que permite os mais livres voos.

No entanto, esses “voos” permitidos pela personagem não podem deixar de mostrar como foi utilizada sua figura histórica, quais foram os elementos que dependiam da vontade do escritor e que esses deixaram escorregar, quais fatores que revelam seu próprio ponto de vista e quais apontam seu objetivo pré-concebido, quais foram suas intenções ao construí-la de um determinado ponto de vista em detrimento de outro.

Quanto à obra de Fanny del Río, Maes (2013) acredita que a autora tenha escolhido essa forma de romance epistolar para definir o tom que predominará por todas as cartas, esse tom mais direcionado ao diálogo entre mãe, que será a figura central, e filho, interlocutor do diálogo:

Na carta, que substitui o plano alternado pelo plano curto e direciona a atenção para uma pessoa em particular, os 'contornos', isto é, os pensamentos e sentimentos do protagonista, são delineados com mais clareza para que eles percam seu caráter “vago” e ganhe mais vivacidade. A obra de Fanny del Río, *A verdadeira história de Malinche*, afirma desde o início a forte presença de sua figura central, Dona Marina, e imediatamente define o tom que predominará na sucessão de cartas endereçadas a seu filho, Martín Cortés: MAES, 2013, pp. 35-36, tradução nossa).²⁸⁸

²⁸⁸ Em la carta, que sustituye pues el plano picado por el plano corto y dirige la atención hacia una persona em particular, se delinean de manera más nítida los 'contornos', o sea, los pensamientos y sentimientos, del protagonista de modo que pierda este su carácter 'vago' y adquiera más viveza. La obra de Fanny del Río, *La verdadera historia de Malinche*, afirma ya desde el principio la fuerte presencia de su figura central, Doña Marina, y marca inmediatamente el tono que predominará en la sucesión de cartas dirigidas a su hijo, Martín Cortés: (MAES, 2013, pp. 35-36).

A atenção do romance é direcionada, dessa maneira, exclusivamente à Malinche, somente sua voz é ouvida, embora tenha o filho por interlocutor, enquanto conta como foi a sua trajetória. Enquanto faz uma regressão e fala de si e da conquista e de Cortés, Malinche dá vazão a um fluxo de consciência, no qual se mostra mãe, que sente falta do filho e quer se explicar a ele, dar-se a conhecer:

Vou lhe contar tudo como aconteceu, Martín Cortés, não como Dom Fernando disse à corte, mas como eu, Malinali, a herdeira traída, a escrava indiana que aceitou a hóstia e, com ela, o nome de Marina, a que viu seu pai chorar duas vezes, aos pés de um *ahuehuete* e durante seu nascimento, aquela que conhecia nahuatl e maia e aprendeu a língua de Castela, e percorreu todos os caminhos, travou todas as guerras e dominou sua náusea para não ficar doente, a névoa da morte e o fedor terrível do sangue podre. Eu sou essa, que aprendeu a perdoar tudo, porque vou precisar que **eles me perdoem, me perdoem todo o perdão do universo a partir de agora, me perdoem**, Martín Cortés, filho de Malinche. (DEL RÍO, 2009, p. 16, tradução nossa).²⁸⁹

Malinche se declara cristã e como tal diz que perdoou e pede perdão pelos atos que cometeu. Essa é a intenção primordial da personagem: conseguir, pedir perdão pelos seus atos anteriores e neste trajeto, explicar-se. A personagem sabe-se culpada, declara que seus atos precisam de perdão.

Fanny del Río traz uma figura central em cena, aparentemente em paz consigo mesma e bem consciente de seus atos vingativos. Em outras palavras, esse Malinche parece experimentando uma constância da mente ou um senso de harmonia ou 'unidade mental', que também governa a discurso em questão. De fato, de acordo com sua personalidade, a Malintzin de del Río fornece ao destinatário uma dissertação unitária e "direta ao ponto", isto é, sem muitas digressões e sem muito vestuário, e é precisamente nessa 'linearidade' e certeza que reside força convincente. Deve-se notar, então, que aqui quase não há apelo às técnicas literárias que aceleram a condenação, exceto pelo uso ocasional do imperativo, ação que confere ao texto um tom leve julgador e às vezes parece privar o destinatário da oportunidade de refutar argumentos ou dar seu parecer próprio. (MAES, 2013, p.42).²⁹⁰

²⁸⁹ Voy a contarte todo como pasó, Martín Cortés, no como lo narró a la Corte don Fernando, sino como lo sufrí yo, Malinali, la heredera traicionada, la esclava india que aceptó la hostia y, com ella, el nombre de Marina, la que vio llorar a tu padre dos veces, al pie de un ahuehuete y durante tu nacimiento, la que sabía náhuatl y maya y aprendió la lengua de Castilla, y anduvo todos los caminos y luchó todas las guerras y dominó su náusea para no enfermarse con el vaho de la muerte y el espantoso hedor de la sangre pudriéndose. Soy ésta, la que ha aprendido a perdonarlo todo porque yo voy a necesitar que me perdonen a mí, que me dispensen todo el perdón del universo en adelante, que me perdones tú, Martín Cortés, hijo de Malinche. (DEL RÍO, 2009, p. 16).

²⁹⁰ Como ya sacamos a luz, Fanny del Río hace entrar en escena a una figura central por lo visto en paz con sí misma y bien consciente de sus actos vengativos. Dicho de otro modo, esta Malinche parece experimentar una constancia de ánimo o un sentido de armonía o 'unidad mental', el cual también rige el discurso en cuestión. Efectivamente, conforme a su personalidad, -y como advertimos repetidas veces en los pasajes citados arriba⁵⁸ - la Malintzin de del Río le facilita al destinatario una

A personagem conta sua história, onde, apesar de ter um tom escusatório a si mesma, em princípio, logo cede a um discurso em que não admite julgamentos ou interferências. Humilde e culpada começa a escrever suas cartas que deixará ao encargo do marido Jaramillo enviá-las ao filho que mal conhece, visto que foi enviado à Espanha para ser educado sob os cuidados do avô e não retorna para ver a mãe.

Hélène Maes acredita que escritores da segunda metade do século XX não souberam levar em consideração uma perspectiva da própria Malinche, apesar de ter havido um avanço na visão que, se percebe totalmente vexatória nos anos 50.

Malinche descreve a forma pelo qual é reconhecida, como a mulher que vendeu sua gente:

Agora eles dizem que vendi meu povo à escravidão e à desonra, que dei a nossos inimigos a dignidade e a alma de minha raça, que sou responsável pela ruína dos homens e mulheres do grande povo mexicano, que eu deveria ter dado Hernán para a foice. Acredita-se, Martín, que estava em minhas mãos impedir a ruína de México-Tenochtitlan, que, se não fosse por minha ajuda, Cortés teria sucumbido ao grande exército de heróis de Culhua, sob o comando de Cuitláhuac e Cuauhtémoc. Dizem que eu poderia ter parado o assassinato. (DEL RÍO, 20089, p. 16).²⁹¹

Põe-se a própria Malinche a reclamar de sua fama após os eventos, de quem diz que é uma traidora por ter vendido sua gente aos espanhóis, responsável pela escravidão e desonra dos povos nativos. A mãe pede ao filho que seja indulgente ao julgá-la. Ela se defende dizendo que não teria podido mudar o destino nem a história, mesmo que não tivesse traduzido as palavras dos estrangeiros. Escreve ela: “Dizem que eu personifico a traição e que sou a encarnação da vergonha; por minha causa, os mexicanos se consideram escória.” (DEL RÍO, 2009, p. 17,

disertación unitaria y 'to the point', o sea, sin muchas digresiones y sin mucho atavío, y es precisamente en esta 'linealidad' y derechura que reside la fuerza convincente. Cabe anotar entonces que aquí casi no se apela a técnicas literarias que agilizan el convencimiento, a excepción del uso ocasional del imperativo, acción que le confiere al texto un leve tono sentencioso y, a veces, parece privarle, como quien dice, al destinatario de la oportunidad de rebatir los argumentos o de dar su propio parecer. (MAES, 2013, p.42).

²⁹¹ Ahora dicen que vendí a mi gente a la esclavitud y a la deshonra, que a nuestros enemigos entregué la dignidad y el alma de mi raza, que soy responsable de la ruina de los hombres y las mujeres del gran pueblo mexicano, que debí entregar a don Fernando a la guadaña. Se cree, Martín, que en mis manos estaba impedir la ruina de México-Tenochtitlan, que de no haber sido por mi ayuda, Cortés habría sucumbido al numeroso ejército de héroes culhua que hubo bajo el mando de Cuitláhuac y Cuauhtémoc. Dicen que pude haber frenado la matanza. (DEL RÍO, 20089, p. 16).

tradução nossa).²⁹² Essa Malinche que escreve parece ter lido os escritos de Octávio Paz, *Los hijos de La Malinche*. Como Malinche não viveu os anos 50 ou 60, não sabe que foi nesta época que passou a ser considerada traidora, nem leu Octávio Paz (1947). A personagem se refere ao período de logo após a conquista, durante o processo de colonização dentro da narrativa no qual ela tinha se tornado ciente de como os sobreviventes passaram a conhecê-la e considerá-la uma traidora de sua gente. Por mais que os indígenas que passaram a ser seus escravos quase imediatamente após os eventos estivessem perturbados pela fatalidade que lhes havia caído em cima, pareceria estranho que Malinche não sentisse sobre si alguns olhares acusatórios, alguns cochichos quando virava as costas, visto que continuou vivendo entre eles e que tivesse se tornado dona de escravos indígenas. Poderia ter havido também, acusações diretas, se houvesse alguém com coragem suficiente para tal. Divagações à parte, o fato é que a Malinche deste espaço diegético sabe das acusações que lhe dirigiam, ou as que lhe fariam no futuro. Por alguma aporia ou distorção do tempo, talvez tenham chegado até a personagem informações sopradas pela escritora Fanny del Río. Independente da vontade da escritora, elementos “escorregaram” até a personagem, num efeito sincrônico.

Relembrando do tom acusatório, as releituras desse personagem vão passando a positivas, a partir dos anos 70 até os anos 80, quando a culpabilidade de Malinche é relativizada.

Ao analisar dois romances epistolares,²⁹³ Maes (2013) percebe que as duas autoras deram o direito à Malinche de escrever por si mesma, podendo, enfim, tomar a palavra, com objetivos prováveis de “elucidação deste mistério cativante” e de uma “possível identificação pessoal com a intérprete de Cortés” (MAES, 2013, pp. 12-13, tradução nossa).²⁹⁴ Além de afirmar que o enigma que envolve Malinche, a falta de dados confirmatórios sobre suas ações, o silêncio histórico sobre essa personagem

²⁹² “se dice que personifico la traición y que soy la encarnación de la vergüenza; que por mi culpa, los mexicanos piensan en sí mismos como escoria.” (DEL RÍO, 2009, p. 17).

²⁹³ MARTÍN DEL CAMPO, Marisol. *Amor y Conquista: La novela de Malinalli, mal llamada la Malinche*. México D.F.: Editorial Planeta Mexicana, 1999.

RÍO, Fanny del. *La verdadera historia de Malinche*. L. México D.F.: Plaza y Janés, 2009.

²⁹⁴ “dilucidación de este misterio cautivador”, “posible identificación personal con la intérprete de Cortés” (MAES, 2013, pp. 12-13).

que instigaram as duas escritoras, foi uma identificação pessoal que levou as duas escritoras a se envolverem pessoalmente com essa figura misteriosa.

Malinche escreve as cartas como uma forma de dar seu testemunho. Compreende Maes (2013) que essas cartas que Malinche escreve ao filho distante, têm a intenção de que este conheça sua trajetória e a maneira pela qual ela própria se percebe:

O leitor sente-se diretamente arrastado por uma espécie de "fluxo de consciência" de uma Malinche dinâmica, isto é, com sua própria voz, que, em primeiro lugar, é uma mãe de carne e osso. Através do fluxo de impressões que, já nas primeiras linhas da carta, são oferecidas ao leitor através dos olhos de Malintzin, ele primeiro entra em contato direto com a pessoa principal que ele acompanhará em sua jornada epistolar. (MAES, 2013, p. 36, tradução nossa).²⁹⁵

La verdadera historia de Malinche, de Fanny Del Río (2009) investe sua personagem Malinche em uma visão que apela ao lado maternal, conclama um olhar mais terno para a mulher que teve um filho que foi criado longe de seus olhos, que foi retirado de si para que fosse educado à europeia.

O romance é narrado através de 30 cartas nas quais Malinche conta de si para o filho Martín, que teve com Cortés, e ao final, deixa com as cartas, seu próprio testamento.

Primeira carta: A Don Martín Cortés, de sua mãe, Marina Tenepoalti, cidade de México-Tenochtitlan, reino da Nova Espanha, no mês de julho de 1530, ano do Senhor. Resumo e explicação a ser dada sobre as cartas que são entregues aqui (DEL RÍO, 2009, p. 15, tradução nossa).²⁹⁶

Malinche é a fonte primária de toda a informação e dá a si mesma os títulos de princesa Malintzin e *doña* Marina.

O romance segue o ponto de vista contido no livro de Bernal Díaz, revivendo a informação de que Malinche seria filha de nobres.

Na segunda carta, escreve Malinche sobre a sua infância em Painala:

Onde eu me refiro aos meus eventos de infância como Malinali, que na língua mexicana significa "trança sobre a coxa", porque quando deixei o ventre de minha mãe, escorreguei das mãos da parteira, que, ao me

²⁹⁵ El lector se siente directamente arrastrado por una especie de 'stream of consciousness' de una Malinche dinámica, es decir, con voz propia, que, ante todo, resulta ser madre de carne y hueso. Mediante el flujo de impresiones que, ya en las primeras líneas de la carta, se le ofrece al lector a través de los ojos de Malintzin, este primero directamente entra en contacto con la persona principal a la que acompañará en su viaje epistolar. (MAES, 2013, p. 36).

²⁹⁶ Carta primera: A don Martín Cortés, de su madre, Marina Tenepoalti, ciudad de México-Tenochtitlan, reino de la Nueva España, en el mes de julio de 1530, año del Señor. Resumen y explicación que han de darse de las cartas que aquí se entregan. (DEL RIO, 2009, p. 15).

agarrar, me dobrou na saia, e decidiu assim ao mesmo tempo meu nome e meu destino, porque as estrelas indicavam que, como em meu nascimento, o curso da minha vida teria várias reviravoltas. (DEL RÍO, 2009, p. 19, tradução nossa).²⁹⁷

Del Ríó Malinche usa do misticismo, visto em outras obras desse corpus já mencionadas anteriormente: o nascimento de Malinche se deu sob a influência de estrelas indicativas de um futuro turbulento.

Malinche se confessa, como tinha se confessado ao autor de *História Verdadeira*, que foi uma criança vendida pela mãe. Tais fatos, explica a personagem, “**a endureceu e causou sua precocidade**” ou a maturidade pela qual que se desenvolveu. Essa imagem da mulher feita com uma personalidade definida, “consciente de si mesma e, além disso, de todas as vozes que circulam sobre sua pessoa, reaparece nas passagens introspectivas das cartas” (MAES, 2013, p. 38, tradução nossa, grifo nosso).²⁹⁸

Malinche se revela marcada pelo trauma que sofreu durante a infância, o abandono pela mãe e a morte do pai, informação essa que está amplamente comentada em Bernal Díaz. Quem faz uso dela está diretamente baseado em *A verdadeira história da conquista da Nova Espanha*. Conta que era uma princesa, que o pai foi preso pelos astecas (mexicas) e foi sacrificado no altar a Huitzilopochtli, deus asteca, daí o ódio aos habitantes do México - Tenochtitlan. A mãe casa-se com um mexica e a vende a comerciantes.

Quando escreve, Malinche conta o casamento com Juan Jaramillo. Ela mora no México e o filho, a quem chama *Hijo de Malinche* e se encontra na Espanha. Hernán Cortés é chamado de *mi Capitán*. Ao comparar as letras com que se escreve a língua espanhola e os desenhos pictóricos com que são feitos os trabalhos dos

²⁹⁷ Carta segunda

Donde refiero los acontecimientos de mi infancia como Malinali, que en lengua mexicana quiere decir “trenzar sobre el muslo”, porque cuando salí del vientre de mi madre me resbalé de las manos de la partera, quien, al asirme, me dobló en su falda, y decidí de esa manera a la vez mi nombre y mi destino, pues las estrellas indicaban que, como en mi nacimiento, el curso de mi vida tendría varias torceduras. (DEL RÍO, 2009, p. 19).

²⁹⁸ “la endureció y originó su precocidad o la madurez con la que se desarrolló. Esta imagen de la mujer hecha con una personalidad definida, consciente de sí misma y, además, de todas las voces que circulan acerca de su persona, vuelve a aparecer en los pasajes introspectivos de las cartas.”(MAES, 2013, p. 38).

nativos, tais como o *lienzo*, por exemplo, Malinche mostra sua preferência pelo alfabeto espanhol.

Fala das acusações que Hernán Cortés sofreu, após a “Conquista”: “Agora eles acusam Cortés de ter se apoderado do ouro do rei, de não obedecer à Audiência Real, de governar com tirania os índios e com soberba os soldados de Castela.” (DEL RÍO, 2009, p. 16, tradução nossa).²⁹⁹

Cortés sofreu muitas dessas acusações e passou anos da sua vida tentando defender-se delas.

Nessa ocasião da narrativa, como em muitas outras, poderia ter havido um resgate da essência humana de Malinche. De acordo com o projeto de decolonialidade que pressupõe uma liberdade de poder, de ser e de saber, a autora poderia partir da história para apontar, delatar, discutir, interrogar e propor transformações e alternativas; em vez disso, representa uma Malinche cristã, temente a um deus cristão, feliz de ter servido aos propósitos do capitão, invasor e colonizador europeu. Ela agradece ao ter sido escrava do povo Maia, pois se não fosse isso, “eu não teria aprendido a língua maia, nem poderia ter servido a Cristo, sua majestade imperador Carlos e meu capitão Don Fernando. “(DEL RÍO, 2009, p. 25, tradução nossa).³⁰⁰ Fanny Del Río (2009) representa uma Malinche totalmente devotada à cultura, religião e pensamentos espanhóis.

Na quarta carta, Malinche afirma que se mantém honrada e por isso conquistou aos espanhóis, inclusive o título de *doña* que teria ganhado de todos os soldados do rei Carlos V (e não somente de Bernal Díaz). Escreve ela:

E por esquecer-se disso, por ridicularizar meus anos de privação e sofrimento, por denegrir meu sacrifício e minha renúncia, o último príncipe mexicano, o jovem e arrogante Cuauhtémoc, terminou seus dias e os do império pendurado em uma árvore e do qual ninguém se lembra.³⁰¹ (DEL RÍO, 2009, p. 32, tradução nossa).

Interessante Malinche escrever ao filho que o último dos tatloanis foi morto e que ninguém lembra, pois os dois são os dois lados da mesma moeda. “Cuauhtémoc e Doña Marina são, portanto, dois símbolos antagônicos e

²⁹⁹ “Ahora acusan a Cortés de haberse apoderado del oro del rey, de no obedecer la Real Audiencia, de gobernar con tiranía a los indios y con soberbia a los soldados de Castilla.” (DEL RIO, 2009, p. 16)

³⁰⁰ “yo no hubiera aprendido la lengua maya ni habría podido servir a Cristo, a su majestad el emperador Carlos y a mi Capitán, don Fernando.” (DEL RÍO, 2009, p. 25).

³⁰¹ Y por olvidarse de esto, por burlarse de mis años de privación y sufrimiento, por denigrar mi sacrificio y mi resignación, el último príncipe mexicana, el joven y altaneiro Cuauhtémoc, terminó sus días y los del imperio colgando de um árbol que nadie ni siquiera recuerda. (DEL RÍO, 2009, p. 32).

complementares.” (PAZ, 1947, p. 35, tradução nossa)³⁰² Assim como Malinche é lembrada como a traidora da Pátria, Cuauhtémoc é comemorado, no México, como um herói: "Cuauhtémoc significa "águia que cai." O chefe mexicano ascende ao poder quando o cerco de México-Tenochtitlan começa, quando os astecas foram sucessivamente abandonados por seus deuses, seus vassallos e seus aliados. Ele sobe apenas para cair, como um herói mítico.” (PAZ, 1947, p. 34, tradução nossa).³⁰³ Eles fazem parte do mesmo acontecimento histórico, da chegada dos espanhóis até a queda de Tenochtitlan e continuam, cada um com seus papéis, agindo até o assentamento dos espanhóis no México. Ele, aos 25 anos, se tornou o tatloani. Foi torturado por Hernán Cortés para que revelasse onde havia mais ouro para matar a fome dos espanhóis.

Cuauhtémoc luta consciente da derrota. Nesta aceitação íntima e ousada de sua perda está o caráter trágico de seu combate. E o drama dessa consciência que vê tudo desmoronar ao seu redor e, acima de tudo, seus deuses, criadores da grandeza de seu povo, parece presidir toda a nossa história. Cuauhtémoc e seu povo morrem sozinhos, abandonados por amigos, aliados, vassallos e deuses. Na orfandade. (PAZ, 1947, p. 40, tradução nossa).³⁰⁴

Irônico que, depois dessas palavras, somos levados a lembrar de que Malinche morreu não se sabe em que dia e nem em que ano, nem se sabe quem estava com ela, se havia alguém com ela e de que morreu. No maior anonimato, que a história não se preocupou em datar. O que se sabe, de fato, é que morreu de forma ignorada, fato comprovado por documentos nos quais nem consta a data da morte dela nos quais há a informação, isso sim, de que houve brigas e questionamentos pela herança dela, nos cartórios do Novo Mundo.

Na última viagem que Malinche e os espanhóis empreenderam a Honduras, Cuauhtémoc foi forçado a acompanhá-los, como cativo de Cortés. Ele não voltou dessa viagem, pois foi enforcado na árvore a que se refere Malinche. Ao contrário do

³⁰² "Cuauhtémoc y doña Marina son así dos símbolos antagónicos y complementarios." (PAZ, 1947, p. 35).

³⁰³ "Cuauhtémoc quiere decir "águila que cae". El jefe mexicana asciende al poder al iniciarse el sitio de México-Tenochtitlán, cuando los aztecas han sido abandonados sucesivamente por sus dioses, sus vasallos y sus aliados. Asciende sólo para caer, como un héroe mítico." (PAZ, 1947, p. 34).

³⁰⁴ Cuauhtémoc lucha a sabiendas de la derrota. En esta íntima y denodada aceptación de su pérdida radica el carácter trágico de su combate. Y el drama de esta conciencia que ve derrumbarse todo en torno suyo, y en primer término sus dioses, creadores de la grandeza de su pueblo, parece presidir nuestra historia entera. Cuauhtémoc y su pueblo mueren solos, abandonados de amigos, aliados, vasallos y dioses. En la orfandad. (PAZ, 1947, p. 40).

que ela escreve na quarta carta, o último tatloani é lembrado e celebrado até hoje e celebrado como herói do México.

Conclui-se que não houve, no romance, uma ressignificação da história dos lugares, nem tampouco uma valorização da diversidade e dos sujeitos. A personagem usa seu espaço diegético para acentuar que Cuauhtémoc e seu povo morrem sozinhos, abandonados por amigos, aliados, vassallos e deuses, quando poderia reconhecer que foram guerreiros resistentes à invasão, dizimados pelo estrangeiro ao qual ela se aliou e que os poucos indígenas sobreviventes enfrentaram, no período que se seguiu, a dominação e a transferência de poder.

Na quinta carta, Malinche conta que foi entregue a serviço dos novos senhores, os espanhóis. Na sexta carta, Malinche escreve: “Eu me refiro aqui às minhas impressões dos espanhóis e de minhas idolatrias bárbaras e de como fui, por causa deles, trazida à verdadeira fé.” (DEL RÍO, 2009, p. 41, tradução nossa).³⁰⁵ Escreve ela: “Deus é tudo perdão e amor; mas foi só quando ouvi o credo de nosso Pai Nosso que minha verdadeira conversão começou a acontecer; então, deslumbrada com a beleza daquelas palavras, comecei a abraçar a fé de meus novos mestres.” (DEL RÍO, 2009, p. 43, tradução nossa).³⁰⁶ Malinche, segundo Del Rio (2009), passa a crer no deus católico ao ouvir a primeira missa e ainda sem entender bem a língua espanhola.

E na sétima carta, Malinche mostra sua devoção a Cortés, uma devoção maior do que devotava ao deus cristão. Por suas palavras, coloca-se, em relação a ele, numa posição ínfima:

O homem que era mestre dos meus mestres, líder de um exército invencível, chefe de animais mágicos e bravos soldados, pediu-me algo que, por minha única condição de escrava, era obrigada a dar-lhe; Seria esse Cavaleiro Branco, que matara incontáveis tropas em solo estrangeiro, seria o mesmo que pedira, com delicadeza inesperada e indubitavelmente imerecida, a ajuda de Malinali, a última de suas servas, a pior de todas? (DEL RÍO, 2009, p. 48, tradução nossa).³⁰⁷

³⁰⁵ Carta sexta

Refiero aquí mis impresiones de los españoles y cómo de mis idolatrias bárbaras fui por ellos traída a la fe verdadera. (DEL RIO, 2009, p. 41).

³⁰⁶ Dios es todo perdón y amor; pero no fue sino hasta que escuché el credo del padrenuestro que comenzó a darse mi verdadera conversión; entonces, deslumbrada por la hermosura de aquellas palabras, comencé a abrazar la fe de mis nuevos amos. (DEL RIO, 2009, p. 43).

³⁰⁷ El hombre que era amo de mis amos, líder de un ejército a todas luces invencible, jefe de mágicas bestias y bravos soldados, me pedía algo que por mi sola condición de esclava yo estaba obligada a darle; este dzul blanco, que había abatido a un sinnúmero de tropas en suelo extraño, ¿era acaso el

Ao se tornar a tradutora, Malinche encontrou problemas dos quais deveria se ver livre. Um deles era o tradutor Aguilar, que não lembrava corretamente o espanhol por ter vivido entre os maias durante muito tempo e também porque ele tinha medo de perder, para ela, a posição de tradutor e o outro era Alonso Puertocarrero, que a possuía e poderia passar a ter ciúmes da nova relação dela com Cortés. O tradutor, como já vimos, acabou ficando para trás, em algum ponto da jornada e o capitão a quem Cortés tinha presenteado Malinche foi enviado a uma viagem sem retorno a Espanha.

Malinche e Cortés recebem os embaixadores de Montezuma e ela percebe a indecisão do tatloani de receber os espanhóis ou não e, ao mesmo tempo, sua certeza de que Cortés era o deus branco, Quetzalcóatl que retornava. Ela receia não ter domínio suficiente da língua espanhola, para dar ciência a Cortés da importância do fato. Ela sabe que Cortés e seus homens são seres humanos e não deuses “eles eram apenas isso: pessoas; não filhos de deuses, não descendentes de reis lendários, mas simplesmente de carne e sangue, mortais e palpáveis. Com os vícios e fracassos das pessoas comuns ”(DEL RÍO, 2009, p. 52, tradução nossa)³⁰⁸, mas considerava importante que Cortés soubesse e tirasse proveito do fato de que os astecas acreditassem que ele era o deus que esperavam: “Don Hernán comprendía que no México acreditava-se que ele era um filho do deus Quetzalcoatl? Como ele reagiria a essa circunstância que, bem aproveitada, poderia lhe dar um ganho inesperado?” (DEL RÍO, 2009, p. 52, tradução nossa).³⁰⁹ Em Del Rio (2009) Malinche traduz a Cortés esse fato que de outra forma ele não poderia saber, que muitos acreditavam, talvez, muito provavelmente, Montezuma. Assim, ao revelar que “o imperador mexicano via neles os herdeiros do trono que ocupava Mecuhzoma” (DEL RÍO, 2009, p. 54),³¹⁰

mismo que solicitaba, com delicadeza inesperada y sin duda inmerecida, la ayuda de Malinali, la última de sus siervas, la peor de todas? (DEL RIO, 2009, p. 48).

³⁰⁸ “eran solamente eso: personas; no hijos de dioses, no descendientes de reyes legendarios, sino simplemente de carne y hueso, mortales y palpables. Con los vicios y las faltas de la gente común” (DEL RÍO, 2009, p. 52).

³⁰⁹ “¿Había comprendido don Fernando que en México se lo creía un hijo del dios Quetzalcóatl? ¿Cómo respondería a esa circunstancia que, bien aprovechada, podía darle una ganancia inesperada?” (DEL RÍO, 2009, p. 52).

³¹⁰ “el emperador mexicano veía en ellos a los herederos del trono que ocupaba Motecuhzoma” (DEL RIO, 2009, p. 54).

Malinche ascenderia de escrava à protagonista, de objeto a sujeito, tomaria parte nos eventos, mas se submete totalmente a Cortés, a quem admira incondicionalmente:

Que homem corajoso e digno, don Hernán, eu pensei, então,! Eu admirava sua autoridade, imputada a golpes inteligentes, mas com a mão tirânica que, na minha opinião, não faz senão delatar a presença de um coração ardente; não tremia a mão para imputar uma punição, não importa o quão difícil fosse, sempre que fosse merecido o exemplo. Eu teria ido até o fim do mundo por Cortés, pois, a medida que passavam os dias, mais nos unia a necessidade de nos compreendermos mutuamente; ele, para conquistar esta terra; **eu, para servir a ele.** (DEL RÍO, 2009, p. 56, grifo nosso, tradução nossa).³¹¹

A intenção dos estudos pós-coloniais seria compartilhar um novo discurso e uma desconstrução dos essencialismos, fazer uma severa crítica às concepções que dominaram, e ainda dominam, as sociedades. Representá-la como uma indígena servil, que idolatra o espanhol, que sente orgulho em servi-lo, não faz senão reforçar a visão europeia da colonização, pouco contribuindo para que se possa ter outra maneira de encarar o que representa, para essas sociedades, o colonialismo. Perde-se assim a oportunidade de, através da literatura, descentralizar as narrativas, resgatar a importância dos historicamente excluídos e devastados e desconstruir o processo de dominação europeia sobre a sociedade asteca, por exemplo, reconhecendo e valorizando o esforço de resistência dos indígenas. Essa representação servil da figura feminina ao europeu só vem a contribuir para o alastramento de pensamento colonizado.

Bernal Díaz aparece na nona carta, como um personagem de Del Río (2009) também extremamente leal a Cortés. Na décima quarta carta, Malinche conta as guerras que os tlaxcaltecas lutaram contra os espanhóis antes que fossem vencidos e se tornassem aliados.

Quando rumaram a Cholula, (décima-sexta carta) Malinche, já extremamente devota à fé cristã, encarava os deuses de Cholula como falsos deuses: “Cholula

³¹¹ ¡Qué hombre más arrojado y valeroso me parecía entonces don Fernando! Admiraba su autoridad, imputada a golpes de astucia más que con el puño tiránico que, a mi juicio, no hace sino delatar la presencia de un corazón blando, aunque no le temblaba la mano para imponer un castigo, por duro que fuera, siempre y cuando resultara merecido o ejemplar. Yo hubiera ido hasta el confín del mundo por Cortés, pues además, a medida que pasaban los días, más nos unía la necesidad de comprendernos mutuamente; él, para conquistar esta tierra; yo, para servirlo a él. (DEL RÍO, 2009, p. 56).

tinha cerca de 200 templos dedicados a adorar diferentes deuses, que eram maravilhosos. Os nativos desta província, muito confiantes que estariam protegidos por **suas falsas divindades**, pensaram que nada poderia contra eles o exército do meu capitão.” (DEL RÍO, 2009, p. 93, grifo nosso, tradução nossa).³¹²

Quanto ao massacre de Cholula, Fanny del RíO segue os fatos relatados nas primeiras narrativas, (Cortés e Bernal Díaz) de que teria sido ela a descobrir o complô contra os espanhóis:

Uma mulher nobre que permaneceu com o marido, na cidade, vendo-me como inseparável de Don Fernando, deve ter pensado que eu era uma pessoa importante e que minha amizade a serviria, se o boato de que se considerava os espanhóis invencíveis fosse verdade, então ele se aproximou de mim para me dizer que fazia tempos que estava procurando uma esposa para o filho mas que, como não havia nenhuma garota em Cholula que se igualasse comigo em beleza, ele queria me levar com ela; Ela tinha certeza de que o filho dela se prenderia a mim assim que me visse. Eu imediatamente notei o engano, mas fingi estar lisonjeada com suas lisonjas e agradecendo-lhe a proposta de me fazer esposa do filho, disse a ele que parecia apropriado que, antes de sair com ela, eu queria saber quem era a pessoa importante que estava com ela, ela respondeu que era um cacique, que tinha soldados, todos guerreiros preparando para matar os espanhóis na manhã do dia seguinte e que, portanto, eu teria que fugir durante a noite se eu quisesse sair dali viva. Como eu poderia esconder a inquietude que me causou notícias tão alarmantes e fazer parecer que eu estava disposta a fazer o que a mulher me pedia, para conhecer em detalhes os planos encomendados do México por Motecuhzoma para acabar com o exército de Don Fernando. Despedi-me com um sincero agradecimento, porque, embora ela não soubesse, ela me dera a imensa alegria de poder ser útil ao meu capitão, ao descobrir a traição que eles estavam preparando contra ele e a prova que nossa verdadeira Mãe colocara em minhas mãos. Eu fui rápido informar a Don Hernán de tudo. Ele imediatamente prendeu a mulher; com seu testemunho e o de dois sacerdotes cholultecas confirmaram. Cortés convocou seus capitães e concordaram que haveria de se prevenir contra a guerra que os habitantes daquela província planejavam dar-lhes. (DEL RÍO, 2009, pp. 93-94, tradução nossa).³¹³

³¹² Cholollan tenía alrededor de 200 templos dedicados a adorar distintos dioses, que eran de maravillarse. Los naturales de esta provincia, muy confiados en la protección de su falsa divinidad, pensaban que nada podría contra ellos el ejército de mi Capitán. (DEL RÍO, 2009, p. 93).

³¹³ Una mujer noble que permanecía, con su marido, en la ciudad, al verme tan inseparable de don Fernando, debió pensar que yo era persona de importancia y que mi amistad le convendría, si era cierto el rumor que tenía por invencibles a los españoles, de manera que se acercó a mí para decirme que desde hacía tiempo andaba buscando para su hijo una novia pero que, pues no había moza en Cholollan que me igualara en belleza, quería llevarme con ella; segura estaba de que su hijo se prendería de mí en cuanto me viera. De inmediato me percaté del engaño, pero fingí que me halagaban sus zalamerías y agradeciéndole la propuesta de hacerme esposa de su hijo, le dije que me parecía apropiado que, antes de irme con ella, me viera tan principal persona, a lo que me respondió que, como era capitán, con su guarnición estaba, pues todos los guerreros se preparaban para dar muerte a los españoles por la mañana del siguiente día y que, por eso, me debía ir hasta su casa para escapar durante la noche si deseaba salir de allí con vida Como pude disimulé la inquietud que me causó tan alarmante noticia y aparenté que estaba dispuesta a hacer cuanto la mujer me pedía, a fin de conocer al detalle los planes, ordenados desde México por Motecuhzoma, para acabar con el ejército de don Fernando. Me despedí con un agradecimiento sincero, pues aun cuando ella no

Cabe essa citação em sua totalidade para que se perceba que a autora se atém aos fatos relatados por Cortés na sua carta ao rei Carlos V. Segue, igualmente os relatos de Bernal Díaz del Castillo, do mesmo evento. Malinche encontra uma senhora no povoado, pertencente à nobreza, que fala a ela sobre uma conspiração armada contra os espanhóis. Os fatos excedentes que a romancista apresenta, pois deles não há evidências históricas, são os sentimentos de Malinche quanto aos acontecimentos. Malinche finge lisonja quanto ao oferecimento da nobre em casá-la com seu filho, finge agradecimento pelo aviso que lhe salvaria a vida. A romancista dá forma aos sentimentos de Malinche quanto aos acontecimentos que desencadearão, imediatamente, o Massacre de Cholula: Malinche fica extremamente feliz e corre a contar a Cortés, sem esconder sua imensa alegria de poder ser útil ao elemento desestabilizador, o espanhol Hernán Cortés.

O próximo passo, igualmente descrito por Del Castillo, é que Cortés mandou chamar os nobres e o massacre aconteceu. A escritora não descreve os sentimentos seguintes de Malinche, perante o massacre desordenado que se seguiu. Não menciona sentimentos de horror diante das mortes dos indígenas, homens, mulheres, crianças e velho, vítimas decorrentes do ato de Malinche de contar as “boas” novas ao espanhol.

E assim que ele teve os nobres em frente a ele, ordenou que eles fossem mantidos naqueles cômodos que, conforme combinado anterior entre os de Cempoala e os de Tlaxcala, ele tinha os falsos carregadores trancados na praça, que não eram nada além de guerreiros, e tal punição eles receberam, surpreendendo-os, que em menos de duas horas mais de três mil deles morreram [...] Os nobres agonizaram empalados do lado de fora dos aposentos em que Don Hernán Fernando fechou em suas caras por sua empáfia. Aqueles que buscavam refúgio nos templos ardiem em chamas, presos nas mesquitas de deuses surdos às suas súplicas. **No centro da praça, montado em seu cavalo, Cortés deixara de dar ordens; o assassinato seguiu um curso caótico próprio** e não era sábio tentar organizá-lo. (DEL RÍO, 2009, p. 95, tradução nossa, grifo nosso).³¹⁴

lo sabía, me había dado la inmensa dicha de poder serle útil a mi Capitán, al descubrir la traición que contra él se preparaba y cuya prueba nuestra Madre verdadera había puesto en mis manos. Fui rápido a poner al tanto de todo a don Fernando, que de inmediato hizo apresar a la mujer; con su testimonio y el de dos sacerdotes chololteca que lo confirmaron, Cortés llamó a sus capitanes, y se acordó prevenir antes de ser prevenido contra la guerra que los de esa provincia planeaban darles. (DEL RÍO, 2009, pp. 93-94).

³¹⁴ Y ni bien tuvo enfrente a los nobles, mandó que se les tuviera presos en aquellos aposentos mientras, por concierto previo con los de Cempoala y los de Tlaxcala, hacía encerrar en la plaza a los fingidos tamemes, que no eran sino guerreros, y tal castigo se les dio, al tomarlos por sorpresa, que en menos de dos horas murieron más de tres mil de ellos.[...] Los nobles agonizaban empalados afuera de los aposentos en que don Fernando les echó en cara su bellaquería. Aquellos que buscaron refugio en los templos ardían en llamas, atrapados en las mezquitas de dioses sordos a sus

A narrativa se concentra em reclamar da desorganização do massacre já que os responsáveis não foram sábios o suficiente para tentar organizá-lo. Poderia, esse assassinato em massa ter decorrido em paz, se Hernán Cortés conseguisse conduzi-lo em certa ordem, mas o espanhol não teve essa sapiência, pois deixou que o massacre acontecesse à revelia de uma ordem sistemática.

Se Fanny del Rio pretendeu fazer de Malinche uma mulher piedosa, cristã, e menos culpada da traição a que a culpam, apagar seu epíteto de traidora e Judas de sua nação, não conseguiu. A representação que escolheu fazer dela faz jus ao substantivo que se fez de seu nome, o termo pejorativo “malinchismo”.

Na décima sétima carta, Malinche descreve o encontro com Montezuma.

Era ordenado que ninguém ousasse olhá-lo no rosto, sob pena de morte, era tão grande, se destacava em comando e senhoria, você era o rei mais temido desde a fundação de Tenochtitlan, que ninguém jamais teria tentado, se não fosse para aquele filho da Espanha, que não apenas levantou os olhos para estudar seu rosto, mas estava a um passo de jogar os braços em volta do pescoço. Foi impedido pelo seu irmão Tezozomoc [...] nem lhe ocorreu que fora da sua comitiva alguém ousou tocá-lo, **então você ficou parado, eu quase diria inerte**, quando Cortés quis te abraçar e depois colocar na sua cabeça um pobre colar de margaridas que você não deu nem uma olhada, porque, por certo, os presentes destinados a você eram soberbos, embora sempre produzissem uma espécie de vazio, um sentimento de profundo aborrecimento. No entanto, o gesto de Cortés, que te pegou de surpresa, secretamente lhe causou graça, uma simpatia inesperada e fora do lugar a qual, entretanto, você cedeu e despertou em você um apreço, pois meu capitão conseguira desarmar seus inimigos da distante Cempoala até o umbigo do império mexicano. (DEL RÍO, 2009, p. 100, tradução nossa, grifo nosso.)³¹⁵

O que Malinche descreve como humilhação de Montezuma, Cortés ousar tocar o tatloani, quando ninguém ousava, deve-se mais a uma diferença cultural. De

súplicas. En el centro de la plaza, montado en su caballo, Cortés había cesado de dar órdenes; la matanza seguía un caótico curso propio y no resultaba prudente intentar organizarlo. (DEL RÍO, 2009, p. 95).

³¹⁵ estaba ordenado que nadie jamás osara mirarte a la cara, so pena de muerte, y tan grande eras, tanto sobresaliste en mando y señoríos, fuiste rey tanto más temido que ninguno desde la fundación de Tenochtitlan, que nadie lo habría intentado nunca de no ser por aquel hijo de España, que no solamente alzó los ojos para estudiar tu semblante, sino que estuvo a un paso de echarte los brazos al cuello. Se lo impidieron tu hermano Tezozomoc [...] a ti no se te ocurrió siquiera que fuera de tu séquito alguien osara tocarte, por lo que te quedaste quieto, casi diría inerte, cuando Cortés quiso abrazarte luego de colocar en tu cabeza real un pobre collar de piedras margaritas al que no echaste ni una ojeada, pues dabas por descontado que los obsequios destinados a ti eran soberbios aunque te producían siempre una suerte de vacío, un sentimiento de hondo fastidio. Con todo, el gesto de Cortés, que te tomó por sorpresa, secretamente te causó gracia, una simpatía inesperada y fuera de lugar a la que, no obstante, cediste, y despertó en ti el aprecio con que mi Capitán había logrado desarmar a sus enemigos desde la lejana Cempoala hasta el ombligo del imperio mexicana. (DEL RÍO, 2009, p. 100)

onde Cortés vinha, os homens se abraçavam, mas certamente, Cortés não ousaria abraçar Carlos V. No máximo, ousaria curvar-se diante dele, a uma distância reservada e tocar os joelhos na tapeçaria do palácio real. Acostumado a fazer trocas, no mundo dos indígenas, trocando ouro por quinquilharias, espelhos e colares de contas baratas, achou que poderia encantar o tatloani dos astecas com uma bugiganga qualquer e abraçá-lo como se fosse um homem comum. O que Malinche descreve com orgulho, a ousadia e atrevimento de Cortés, o filho da Espanha, foi para colocar-se em pé de igualdade com aquele que regia os astecas.

De dentro de seu projeto de dominação, relegar o tatloani a uma pequena importância através do primeiro ato de desrespeitar esse líder máximo do povo que pretendia subjugar e liderar, Cortés construía outras verdades e um novo modelo civilizatório, o de colonialidade.

Na décima oitava carta, Malinche conta que não acompanhou Cortés em sua viagem até Narváez, que permaneceu em Tenochtitlan quando ocorreu a matança do Templo Maior, conforme descrito nas primeiras narrativas. O que não está registrado nelas, mas apenas sugerido no *Lienzo de Tlaxcala*, é a participação de Malinche nesse massacre. Estes detalhes ficarão a cargo da imaginação da autora literária Fanny del Rio, na décima nona carta:

A festa do toxcatl, semelhante à Páscoa de nosso Senhor Jesus Cristo, só consagrou a ressurreição do milho com a chegada da primavera [...] Aparentemente, o que desencadeou a primeira briga foi a ganância de um dos Os soldados apostaram em Alvarado, depois acertaram o ídolo no nariz, que parecia uma flecha de ouro incrustada com pedras finas, para manter aquele pedaço do metal cobiçado. A afronta, que viu um guardião Irmão de Huitzilopochtli, não pôde ficar impune, e acertou o guarda com sua equipe sagrada, que foi permitida pelas leis de Tenochtitlan, mas Alvarado o ignorou ou escolheu ignorá-lo, e quando seus soldados caíram o índio a luta se tornou geral. Os espanhóis cortaram as mãos dos bateristas e depois decapitaram os cantores. Os mexicanos entraram em pânico porque, quando queriam se defender, descobriram que os partidários de Tonatiuh estavam estacionados nos portões que impediam que alguém saísse vivo do Pátio Sagrado e, como não carregavam armas de nenhum tipo, o assassinato ordenado por Dom Pedro era realmente verdadeiro. Uma festa para seus soldados. (DEL RÍO, 2009, p. 110, tradução nossa)³¹⁶

³¹⁶ La fiesta del tóxcatl, semejante a la Pascua de nuestro Señor Jesucristo, no hacía sino consagrar la resurrección del maíz con la llegada de la primavera.[...] Al parecer, lo que desencadenó la primera trifulca fue la codicia de uno de los soldados apostados por Alvarado, pues golpeó al ídolo en la nariz, que parecía una flecha de oro incrustada de piedras finas, para quedarse con esa pieza del codiciado metal. La afrenta, que vio un Hermano guardián de Huitzilopochtli, no podía quedar impune, y golpeó con su bastón sagrado al guarda, lo que le estaba permitido por las leyes de Tenochtitlan, pero Alvarado lo ignoraba o eligió ignorarlo, y cuando sus soldados cayeron sobre el indio la pelea se hizo general. Los españoles cortaron las manos de los tañidores de tambores y luego decapitaron a los cantores. Los mexica fueron presa del pánico, pues cuando quisieron defenderse encontraron que en

Pode-se perceber que o romance não coloca Malinche como participante ativa do evento, mas apenas como observadora do processo que provocou a revolta da população asteca e desencadeou a luta contra os espanhóis, liderada primeiramente por Cuitlahuac e ao final por Cuauhtémoc.

Analisa Maes (2013): “Malintzin de Del Río fornece ao destinatário uma dissertação unitária e “até ao ponto”, isto é, sem muitas digressões e sem muitos trajés, e é precisamente nesta “linearidade” e direito que reside a força convincente.” (MAES, 2013, p. 42, tradução nossa)³¹⁷. Malinche não esconde o que é e o que foi, não procura encobrir-se, apesar de querer explicar-se para o filho.

Ao pensar-se no filho, o destinatário das cartas, Maes argumenta que Malinche “escreve suas cartas não com a mera intenção de defender-se ou defender seus próprios interesses sem mais delongas, mas provocar reações - positivas - e encontrar aceitação (MAES, 2013, p. 45, tradução nossa).³¹⁸ Malinche deseja que o filho participe de suas confidências e que a julgue, se possível de maneira positiva e que tenha orgulho de ser filho dela e de Cortés. “Em outras palavras, este Malinche então tira o destinatário de seu papel teoricamente passivo e o proclama “porta-voz” ativo à pessoa em questão.” (MAES, 2013, p. 45, tradução nossa).³¹⁹

Na vigésima carta, Malinche traz datas: Martin nasceu em 22 de outubro de 1522, e em 12 de outubro de 1524 foi mandado a Espanha para receber uma educação cristã. A escritora das cartas também narra ao filho que se casou com Hernán Cortés, em segredo, em 27 de maio de 1521 em Cempoala.

Interessante observar que Del Río é a autora do único romance de nosso *corpus* que dá a Malinche um casamento religioso católico a Malinche e Cortés:

las puertas estaban apostados partidarios de Tonatiuh que impedían que alguno saliera del Patio Sagrado con vida, y como no llevaban consigo armas de ninguna clase, la matanza ordenada por don Pedro resultó verdaderamente una fiesta para sus soldados. (DEL RÍO, 2009, p. 110)

³¹⁷ “Malintzin de del Río le facilita al destinatario una disertación unitaria y ‘to the point’, o sea, sin muchas digresiones y sin mucho atavío, y es precisamente en esta ‘linealidad’ y derecha que reside la fuerza convincente.” (MAES, 2013, p. 42).

³¹⁸ “escribe sus cartas no con la mera intención de sacarse la espina o defender sus propios intereses sin más sino para provocar reacciones –sea positivas- y encontrar aceptación. (MAES, 2013, p. 45)

³¹⁹ Dicho en otros términos, esta Malinche despoja entonces al destinatario de su papel teóricamente pasivo y proclama ‘tornavoz’ activo a la persona en cuestión.”

"Fomos casados pelo padre Olmedo, mas esse casamento foi anulado." (DEL RÍO, 2006, p. 174, tradução nossa).³²⁰ No testamento a personagem revela que o casamento seria, mais tarde, anulado.

Segundo as fontes primárias, Cortés teria se recusado, e recusado a seus homens que se deitassem com mulheres indígenas antes que fossem batizadas, sinal de imensa consideração com a igreja católica. Tal fato é reiterado na narrativa do romance, já que Malinche e as outras dezenove mulheres foram batizadas antes que fossem entregues aos seus homens. Seria paradoxal que ele tivesse casado com Malinche, por meio de um padre católico. Cortés já era casado com uma mulher chamada Catalina, que ficara morando em Cuba. Claro está que Del Río não precisaria se manter fiel às fontes históricas, mas o caso é que quanto a esse primeiro casamento de Cortés, a narrativa se mantém. Portanto, é estranho que tenha representado esse casamento entre Cortés e Malinche, pois representa Cortés como um homem religioso e fiel aos rituais católicos.

Na carta seguinte são narrados o assassinato de Montezuma e os acontecimentos da chamada *Noite Triste*, 30 de junho, quando os espanhóis e Malinche tiveram que fugir do México, perseguidos pela população asteca e pelo exército liderado por Cuitlahuac. Na vigésima segunda carta, Malinche compara Cortés ao deus cristão, e a si mesma, como nada, antes de conhecê-lo: "Antes que eu pertencesse a seu pai, eu não era nada, não tinha nada e meus dias passavam sem direção; mas meu capitão me deu orientação para minha vida, e ao seu lado eu nunca hesitei, pois para mim sua palavra era sagrada, como a de Deus." (DEL RÍO, 2009, p.126, tradução nossa).³²¹ Coloca-se, a si mesma, como um objeto que só passou a ter valor pelos olhos do dono.

Na vigésima terceira carta, os estrangeiros retomam uma Tenochtitlan destruída pela epidemia de varíola e cheia de mortos que os espanhóis tinham deixado. Nesta carta, Cortés pediu a Cuauhtémoc que se entregassem sem resistência. Assim Malinche descreve a recusa do último tatloani: "O arrogante

³²⁰ "fuimos casados por el padre Olmedo, pero ese matrimonio se anuló." (DEL RÍO, 2006, p. 174).

³²¹ Piensa, hijo, que antes de pertenecerle a tu padre, yo no era nada, ni tenía nada, y mis días transcurrían sin dirección; pero mi Capitán le dio rumbo a mi vida, y a su lado jamás vacilé, pues para mí su palabra era sagrada, como la de Dios. (DEL RÍO, 2009, p. 126).

Cuauhtémoc, que se recusou a aceitar a paz: sim, Martín, que queria ser um herói sozinho, ainda que soubesse que a época do império havia acabado." (DEL RÍO, 2009, p.134, tradução nossa).³²² Negar-se a entregar-se pacificamente aos invasores era um sinal de arrogância aos olhos da indígena, nativa daquelas terras.

Representando-a assim, a escritora não contribui em nada para retirar-lhe a o estigma de traidora que lhe pesa sobre o nome.

Neste encontro, narra Malinche, Cuauhtémoc disse a ela algumas palavras: "Vá, volte com Malinche enquanto pode, mas lembre-se de que, cada noite que você o serve, que você usa a língua do invasor, será pelo seu espírito que sua raça falará, aquela que você escolheu trair." (DEL RÍO, 2009, p.135, tradução nossa).³²³

Malinche confiou de imediato no deus cristão, colocando-o acima dos deuses indígenas e adotando todos os dogmas da igreja católica, inclusive a ideia de pecado. Essas palavras fizeram com que a personagem, que se tornou cristã desde seu batismo, perceber que havia pecado, que estava cheia de ódio pelos astecas.

Ainda assim, crenças se misturam em Malinche, que se afirma profundamente imersa na fé cristã:

Lembre-se, assim, de sua mãe, Martín: como uma mulher profundamente bem-aventurada, não dentro de mim, porque nada me diferencia da paz do mundo: idos para sempre o exterior e o interior, **mortais inimigos daqueles que buscam a Deus, e meu coração bate sem emoção, ou com a verdadeira emoção que é a paz do Senhor**; e isso é como se as coisas, todas as coisas, o reino animal, vegetal e humano, eles serão detidos; não imóveis, mas quietas, como se fosse seu perfeito funcionamento estivesse a cargo de uma máquina mágica de precisão divina, e nesse descanso das coisas não há presença de **Ehécatl, o deus-criança que faz de nosso porvir, um vento mutável e aleatório**. (DEL RÍO, 2009, p. 171, tradução nossa, grifos nossos).³²⁴

³²² "El arrogante Cuauhtémoc, que se negó a aceptar la paz: yo creo, Martín, que quiso ser un héroe para su pueblo, aunque de sobra sabía que estaba por terminarse el tiempo del imperio." (DEL RÍO, 2009, p. 134).

³²³ Anda, vuélvete con Malinche mientras puedas, pero recuerda cada noche cuando le sirvas que aun cuando uses la lengua del advenedizo será por tu espíritu que hablará tu raza, aquella que has elegido traicionar. (DEL RÍO, 2009, p. 135).

³²⁴ Recuerda así a tu madre, Martín: como una mujer profundamente dichosa; no en mi interior, pues ya nada me diferencia de la paz del mundo: idos para siempre son el afuera y el adentro, mortales enemigos de quienes buscan a Dios, y mi corazón palpita sin emoción, o con la verdadera emoción que es la paz del Señor; y es como si las cosas, todas las cosas, el reino animal, vegetal y humano, se hallaran detenidas; no inmóviles sino quietas, cual si su perfecto funcionamiento estuviera a cargo de una mágica máquina de precisión divina, y en ese descansar de las cosas no cabe la presencia de Ehécatl, el dios-niño que hace de nuestro devenir un viento mudable y azaroso. (DEL RÍO, 2009, p. 171)

Deus católico e deus vento, Ehécatl, formam esse personagem contraditório, que pede perdão católica e exige mortes, por vingança.

O vento é conclamado quando do nascimento de Malinche: “O vento da obsidiana sopra e a felicidade é curta e nos machuca” (DEL RÍO, 2009, p. 17, tradução nossa). Todavia, ao contrario de Esquivel em que a água limpa, lava os altares de sacrificios, apesar de encher o chão de mortos, em Del Río, o vento é de obsidiana, um vento cortante, não um vento benfazejo; traz mau agouro e encurta a felicidade.

Em Del Río, Malinche que é representada pedindo perdão, inteiramente convertida à religião católica, deixa escapar um vislumbre de retorno à velha religião e antiga crença. O vento se assemelha a uma divindade verdadeira: “Nunca saberemos quão terrível, senão que felicidade indizível nos reservou o vento Ehécatl, verdadeiro deus que nos governa.” (DEL RÍO, 2009, p. 18, tradução nossa).³²⁵ Ela trocou de crença, ansiosamente curvou-se ao deus católico, mas em um lugar desavisado de sua narrativa, baixa a guarda, deixando aflorar imemoriais conceitos e velhas convicções: “Lembro-me de pensar que por muitos anos naquela clareira, o sangue fluiria das plantas e, quando o vento soprasse, você podia ouvir os lamentos lamentáveis daqueles que estavam morrendo lá hoje”. (DEL RÍO, 2009, p. 39, tradução nossa).³²⁶ Velhas crenças de quem viveu tão perto da natureza e acredita que nada brota, nasce, cresce ou pode ser cortado sem que os ancestrais, a natureza e os espíritos atuem sobre esses fenómenos, atuam nos pensamentos de Malinche, cristã por batismo. Seres humanos, fantasmas, almas de mortos misturam-se ao vento e fazem as plantas sangrarem. “Desde então, como presságio medonho, essa visão fantasmagórica me assombrou: uma parede desolada, o som do vento, a incerteza do que espera do outro lado.” (DEL RÍO, 2009, p. 77, tradução nossa).³²⁷

³²⁵ Nunca sabremos qué terrible sino o qué felicidad inconfesable tiene reservado para nosotros el viento Ehécatl, verdadero dios que nos gobierna. (DEL RÍO, 2009, p. 18).

³²⁶ “Recuerdo haber pensado que por muchos años venideros en ese claro brotaría sangre de las plantas y, cuando el viento soplara, se podría oír los lastimosos lamentos de quienes hoy allí agonizaban.” (DEL RÍO, 2009, p. 39)

³²⁷ “Desde entonces me ha perseguido, como un presagio funesto, esa visión fantasmal: un muro desolado, el sonido del viento, la incertidumbre de lo que aguarda al otro lado. (DEL RÍO, 2009, p. 77).

Na vigésima quarta carta, se menciona novamente a água pela qual foi elaborada a representação indígena de *La Malinche*. Depois de a água ter sido controlada pelos espanhóis, o povo de Tenochtitlán passou a morrer de sede. Paradoxalmente, este foi um dos crimes atribuídos por Malinche e os espanhóis a Cuauhtémoc. Assim o acusa La Malinche:

Em que você estava pensando, Águia Caída, quando seus súditos arranharam a terra em busca de raízes e ervas para comê-las cozidas, tentando enganar a fome? No que, quando não havia mais nada e seu povo começou a comer cascas de árvore? Foi fácil você adormecer enquanto chorava sem lágrimas, infelizmente, as crianças com seus rostos velhos pelo sofrimento de não ter que colocar algo na sua boca? Você sabia disso falta de água a pele deles estava marcada? Você os viu tremer de frio, mesmo em meio a calor sufocante? (DEL RÍO, 2009, p. 139, tradução nossa).³²⁸

A culpa seria do líder Cuauhtémoc; alguém deveria assumi-la. Segundo Malinche, os culpados seriam os próprios astecas e principalmente de seu líder que permitiu que o povo morresse de fome e sede ao tentar se rebelar contra os espanhóis, pois o bando de Cortés queria paz, além de dominá-los, pacificamente e saquear suas riquezas, em completa tranquilidade. Seria tão mais fácil para Cuauhtémoc render-se pacificamente, sem lutas.

Del Río representa Malinche como personagem altamente contraditória, que quer ser boa mãe para um filho que não viu crescer, uma boa católica, que faz o mal premeditadamente, mas que se arrepende e quer perdão do filho e de Deus. Todavia, essa personagem que remete a responsabilidade para Cuauhtémoc e os que opunham resistência ao invasor. Segundo ela, é dos indígenas a culpa pela própria morte por fome e peste; mesmo sendo os espanhóis, com a ajuda dela, os que os sitiaram na própria cidade, guardaram sob mira de armas de fogo as fontes de água para que não bebessem, atacaram as embarcações que lhes trazia comida e lhes transmitiram vírus para que adoecessem.

³²⁸ ¿En qué pensabas, Águila que Cae, cuando tus súbditos rascaban la tierra en busca de raíces y yerbas para comerlas cocinadas, tratando de engañar el hambre?

¿En qué, cuando ya no quedaba cosa para sacar y tu gente se ponía entonces a comer corteza de árboles?

¿Acaso te fue fácil conciliar el sueño ¿Acaso te fue fácil conciliar el sueño mientras lloraban sin lágrimas, lastimosamente, los niños con sus caritas de anciano por el sufrimiento de no tener qué llevarse a la boca? ¿Sabías que por la

falta de agua les quedaba marcada la piel al tacto? ¿Los viste temblar de frío, aun en medio de un calor sofocante?

Em Del Río, esse sentimento conflitante entre a culpa e o remorso e uma confusão de deuses a acompanham à morte:

Estou cercada **por anjos**, e tudo aqui é transparente, luz acesa pela luz celeste, e me sinto entrando em um novo mundo, uma realidade luminosa de estar em pureza em que não é mais necessário esforçar-se por existir, mas como presença contínua: o estar fundindo-se com um hino magnífico, bonito e silencioso à vida. Estendo minhas mãos e ofereço minha testa ao **Quinto Sol**, que queima o coração sem me causar dor. Nesta alegria celestial não há lugar para lembranças ingratas, nem remorso que estão tão distantes, e agora percebo que Malinali e Marina eram apenas nomes da época, e cheguei a uma unidade que não é necessário entender: **cheguei ao perdão**. (DEL RÍO, 2009, p. 172, tradução nossa, grifos nossos).³²⁹

Malinche se representa como um ser de hibridez religiosa, perdida entre mundos de crenças, que faz uma miscelânea que inclui o quinto sol asteca, os anjos celestiais e o perdão católico. Ela, ainda que inconscientemente, mantém sua cultura e suas conexões com a terra de seus antepassados, e os mescla à nova cultura europeia. Ela não deseja recuperar sua identidade étnica que renega, entretanto preserva tradições e histórias. Isso a revela com resistente à transculturação na qual se deseja imersa. Del Río representa, através de Malinche, a aculturação a que foi submetido o povo mexicano quando da chegada dos espanhóis, quando todos os seus elementos culturais autênticos foram descaracterizados e reintroduzidos outros. Foi-lhes dito que os recém-chegados valores eram mais altos e nobres que seus mitos e deuses de origem, como por exemplo o quinto sol, equivalente à época em que viviam, quando os espanhóis chegaram. Essas pessoas foram obrigadas a derrubarem seus altares, suas crenças foram proibidas, transpostas forçosamente para uma crença que a princípio não devia fazer sentido, um verdadeiro sentido. Segundo a crença asteca o mundo em que viviam, sob o quinto sol estava destinado a desaparecer num grande terremoto, depois de monstros que viriam do oceano para matar a todos os seres humanos. Essa referência de Del Río ao quinto sol certamente faz alusão a essa crença que também deveria ser de Malinche como o

³²⁹ Estoy rodeada de ángeles, y todo cuanto aquí hay es transparente, luz acendrada de la luz celeste, y me siento entrar a un nuevo mundo, una luminosa realidad de ser en pureza en la que ya no es necesario esmerarse por existir sino como presencia continua: el ser fundiéndose en el estar, un magnífico, hermoso y silente himno a la vida. Extiendo las manos y ofrezco la frente al Quinto Sol, que me abraza el corazón sin causarme ningún dolor. En este gozo celestial no hay lugar para los recuerdos ingratos, ni para remordimientos, que han quedado tan lejos, y ahora me doy cuenta de que Malinali y Marina no fueron sino nombres del tiempo, y he alcanzado una unidad que no es necesario comprender: he alcanzado el perdón. (DEL RÍO, 2009, p. 72).

era dos povos que ali viviam. Na hora da morte ela recorre a esse pensamento para fazer relação com a chegada dos espanhóis com o fim da quinta era.

Quando Catalina, a esposa de Cortés, vem ao México, passa a morar com Cortés. Malinche tem que sair da casa principal e passa a viver em aposentos aparentemente anexos à casa para dar espaço à esposa que chegava, o que faz voltar o estranhamento pelo mundo ficcional que a autora criou. Se ele casou-se com Malinche pela igreja, o mais coerente é que ele não voltasse a morar com a esposa. No entanto, ele retira Malinche da casa e passa a morar com uma esposa que não via há anos e que não tinha convidado a que viesse ao Novo Mundo.

Entre a valoração de mundos e de cultura, Cortés opta por apreciar e naturalizar os valores europeus e, como reflexo desse contexto, trata Malinche como excludente.

Logo, entretanto, ele a assassina. Não é um fato histórico comprovado que Cortés a tenha matado, mas ela foi encontrada morta, com um colar rebentado, marcas na garganta e as pérolas espalhadas pelo chão. Uma possibilidade para a diegese de Del Río seria de que ele já pretendesse matar Catalina quando esta chegasse e a melhor maneira para isso é se fosse morar com ela, sem escândalos e sem brigas. Para matá-la sem testemunhos e sem evidências públicas.

Dentro dos parâmetros de Cortés, ele não poderia repudiar a esposa espanhola, isso não seria aceito pelo rei, pela corte e pelos membros da igreja, mas poderia assassiná-la dentro de sua casa, se isso fosse feito na ausência de testemunhas. Esse fato rendeu a Cortés um julgamento no qual sua culpa não foi comprovada.

Entretanto, em Del Río a situação assim se resolve: Catalina manda chamar Malinche, pede para adotar Martín, o filho de Malinche e Cortés. Malinche nega e Catalina tenta matar a criança. Malinche foge para seus aposentos. Mais tarde, Cortés chega, suado e nervoso e diz ter matado Catalina.

Cortés, por isso, responde a processo, nega o assassinato; nada fica provado. Notadamente, o enredo segue os fatos registrados pelas fontes primárias.

Eu entendi que a morte de Catalina só nos separaria: as acusações. Elas abririam a porta para os inimigos de Cortés, que não poderiam provar, sem impor sua inocência e a minha nesse ato involuntário. Mesmo se me fosse concedido encontrar misericórdia na justiça dos homens, Deus não poderia me perdoar, porque no meu coração **eu ansiava pela morte daquela mulher**, que me tornava tão culpada como se minhas próprias mãos

tivessem apertado seu pescoço até que sua respiração foi cortada. Superado pela impotência de alterar o que já havia sido feito, percebi que Don Fernando, agora viúvo, estava em posição de fazer um novo elo: lembrei-me do nosso casamento anulado e, por um momento fugaz, minhas esperanças foram revividas, mas o passado, Martín, nunca se recupera. (DEL RÍO, 2009, p. 72, p.150), tradução nossa, grifo nosso.³³⁰

Del Río poderia não ter traçado seu plano de escrita do romance e poderia ter evitado que Malinche, na carta, tivesse expressado seu desejo de matar Catalina. A defesa de Malinche teria sido se dado mais suavemente. Vem daí o desejo de concordar com Maes (2013), quando essa afirma que “Fanny del Río traz uma figura central para a cena aparentemente em paz com ela e bem ciente de seus atos vingativos.” (MAES, 2013, p. 42, tradução nossa).³³¹ Ou, pelo menos, uma personagem que deseja contar seus sentimentos mais perversos. A Malinche que ansiava por desculpar-se, nas cartas iniciais, parece que se desintegra. Não pretende mais fazer-se perdoada, mas confessar todos os pecados. A personagem parece escrever mais para um deus onisciente, que já sabe seus desejos e sentimentos mais íntimos e mais negativos que ao filho, que inicialmente queria mostrar uma boa imagem.

As esperanças de Malinche renascem, mas, na vigésima sétima carta, conta de seu casamento com Juan Jaramillo. Segundo a carta, não é um casamento arranjado por Cortés; Jaramillo diz-se apaixonado por ela e a pede em casamento. Ela se aconselha com Hernán Cortés para decidir-se a casar com Jaramillo. Cortés dá permissão e faz a festa de casamento. Nesta carta também é contado o reencontro com a mãe, então velha, pobre e arrependida de ter vendido a filha, que pede perdão à Malinche, ainda que essa personagem não seja cristã. A ideia de perdão parece mais de Malinche, que a traz consigo por ser cristã desde seu

³³⁰ Comprendí que la muerte de Catalina no haría sino apartarnos: las acusaciones abrirían la puerta a los enemigos de Cortés, que no podría probar, sin imponer, su inocencia y la mía en este acto involuntario. Incluso si me fuera concedido hallar clemencia en la justicia de los hombres, Dios no podría perdonarme, pues en mi corazón había anhelado la muerte de esa mujer, lo que me hacía tan culpable como si mis propias manos se hubieran apertado en torno de su cuello hasta cortarle el aliento. Vencida por la impotencia para alterar lo que ya hecho estaba, me di cuenta de que don Fernando, ahora viudo, quedaba en posición de realizar un nuevo enlace: recordé nuestra boda truncada y, por un fugaz momento, revivieron mis esperanzas, pero el pasado, Martín, jamás se recupera. (DEL RÍO, 2009, p. 150).

³³¹ Fanny del Río hace entrar en escena a una figura central por lo visto en paz con sí misma y bien consciente de sus actos vengativos. (MAES, 2013, p. 42).

batismo e que a personagem fala em nome da mãe, a conceda à mãe, já que a voz que fala é exclusivamente de Malinche.

Na carta vigésima oitava, Cortés e Malinche vão a Honduras. Nesta viagem, como já foi mencionado anteriormente, é executado Cuauhtémoc. O que não foi citado foi que esse tatloani foi executado, porque Malinche, mais uma vez, descobre um suposto complô e corre a contar a Cortés. Cortés soube por Malinche que alguém teria dito a ela, que o jovem líder indígena tinha esboçado um plano para matar o capitão espanhol.

Portanto, quando soube que ele havia forjado um plano para se levantar contra o meu capitão, a felicidade nublou minha mente. Ouvi atentamente a história dos traidores que me procuravam para trair o imperador, mas tomei cuidado para não revelar a felicidade que eu finalmente tinha em minhas mãos. Ficar livre de Cuauhtémoc! Com quanta ansiedade eu esperei por este momento! Eu estava pronto para transmitir as notícias ao meu capitão, que mergulhou num triste silêncio. (DEL RÍO, 2009, p.160, tradução nossa).³³²

O que ela sente ao descobrir foi um sentimento estranho: felicidade. Tal felicidade que lhe nublou a mente. Felicidade por ter um motivo para se livrar do tatloani. Também não há explicação para essa urgência da morte do indígena, visto que Malinche se casa, nessa viagem mesmo, e os dois se afastam; ela para de acompanhar Cortés em viagens e reuniões. Não fica claro na diegese qual seria o obstáculo que um Cuauhtémoc vivo representaria para Malinche. Ela aconselha Cortés que claramente hesitava em matar Cuauhtémoc, que este deveria ser executado para exterminar de uma vez com a resistência aos espanhóis que a liderança do último tatloani incitava:

Tal crime deveria ser punido com a morte, porque, dizem, o levante não teria mais objetivo. Insisti para que ele executasse o traidor para purgar novos levantes: sua execução seria exemplar para quem abrigasse em seu coração o sonho de reconstruir o regime sangrento e cruel dos descendentes de Acamapichtli. Falei com tanta convicção de que meu capitão, sombrio e cansado, exigiu que o réu fosse trazido diante dele e exigiu uma explicação. Ele protestou sua inocência; ele tinha ouvido, sim, alguns de seu povo que sugeriram conspirar para derrubar os espanhóis quando pareciam derrotado pela selva, mas ele se recusou, ordenando a seus senhores que aceitassem sua derrota com resignação. Contra sua vontade, Cortés ordenou que ele fosse punido com a pena máxima, desde que ele percebeu que não poderia cometer o constrangimento de conceder

³³² Por eso, cuando supe que éste había fraguado un plan para alzarse contra mi Capitán, la dicha me nubló el entendimiento. Escuché con atención el relato de los traidores que acudieron a mí para delatar a su emperador pero bien me cuidé de no revelar la felicidad que me producía tenerlo finalmente en mis manos. ¡Ser libre de Cuauhtémoc! ¡Con cuánta ansiedad había aguardado este momento! Fui presta a transmitir las nuevas a mi Capitán, que lo sumieron en un apesadumbrado silencio. (DEL RÍO, 2009, p. 160).

um perdão que a Nova Espanha veria como um sinal de fraqueza. (DEL RÍO, 2009, p. 160, tradução nossa).³³³

Malinche, como cristã, acha que a Nova Espanha não perdoaria em Hernán Cortés um sinal de fraqueza, mas que perdoaria mais uma execução de um dos seus líderes. Entretanto, ela enquanto cristã, não concede esse mesmo perdão ao ex-tlatloani e insiste para que o espanhol execute o prisioneiro indígena. Ela mesma afirma que persevera, que é incisiva, até que o espanhol o mate. Malinche deixaria, então, nesse excerto de Fanny del Río, de ser uma personagem passiva, que somente obedeceria ordens, que não veria alternativa a não ser traduzir o que lhe fosse exigido. E, também, não é mais representada como agente que opera por amor, ou uma indígena inerte que é compelida a traduzir o que falam, mas sim uma influente política, interessada no regime da nova sociedade em que pretendia para si.

A influência de Malinche sobre a decisão final foi decisiva: Cortés executa um indígena que já fora derrotado, aprisionado, amarrado e humilhado. Mesmo assim, para ela, a morte desse personagem foi essencial, para demonstrar a força de Cortés, para que ele não parecesse fraco diante de toda a Nova Espanha. Malinche não parece ter nenhum conflito de consciência por ter influenciado, exigido, a morte de Cuauhtémoc. Agiu premeditadamente, ansiosa por vingança pelos anos vividos ali, antes de conhecer o espanhol: "Malinche parece experimentar uma constância mental ou uma sensação de harmonia ou "unidade mental", que também governa o discurso em questão" (MAES, 2013, p. 42, tradução nossa).³³⁴

³³³ Un crimen tal debía castigarse con la muerte pues, acéfala, la sublevación no tendría ya objeto. Insistí en que debía ajusticiar al traidor, para purgar nuevos alzamientos: su ejecución resultaría ejemplar para todo aquel que albergara en su corazón el sueño de reconstruir el sangriento y cruel régimen de los descendientes de Acamapichtli. Hablé con tanta convicción que mi Capitán, sombrío y fatigado, exigió que llevaran ante sí al acusado, y le demandó una explicación. Aquél protestó su inocencia; había prestado oído, sí, a algunos de los suyos que le sugerían conspirar para derrocar a los españoles cuando parecían vencidos ya por la selva, pero él se había negado, ordenando a sus señores que aceptaran su derrota con resignación. Contra su voluntad, Cortés dispuso que se le castigara con la máxima pena, pues se daba cuenta de que no podía cometer la torpeza de otorgar un perdón que la Nueva España toda vería como un signo de debilidad. (DEL RÍO, 2009, p. 160).

³³⁴ Malinche parece experimentar una constancia de ánimo o un sentido de armonía o 'unidad mental', el cual también rige el discurso en cuestión. (MAES, 2013, p. 42).

Ao final do livro, e das cartas, Malinche conta que começou a trabalhar em um hospital, a tratar dos mexicanos doentes. Ao final, percebeu que todos seguiam a fé errada e pôs-se a catequizá-los para a fé católica que poderia “dar ao povo da Nova Espanha uma nova e verdadeira liberdade.” (DEL RÍO, 2009, p.167, tradução nossa).³³⁵ E Malinche morre, rodeada de anjos, alcançando o perdão católico para seus erros. As cartas de Malinche, “em essência, tentam garantir os interesses de Doña Marina e reprimir as mais severas detrações.” (MAES, 2013, p. 41, tradução nossa).³³⁶

Não poderia haver nada mais perverso do que a pretensão da personagem de dar ao povo liberdade através de uma religião imposta, exatamente após tirar-lhe a voz, os bens, a cultura, a identidade, os deuses e a religião.

Maes (2013) arremata seu texto escrevendo que a confissão quase imperturbável de Malinche se traduz em um discurso conciso e quase literal dos fatos e que Fanny Del Río pretendeu dar à Malinche um direito à voz, primeiramente por simpatia e empatia, e logo a seguir, por reconhecer nela uma personagem importante.

Mas, ao final da escrita, parece que isso não se efetua e que essa simpatia por Malinche desaparece. Maes (2013) afirma houve uma “evolução implícita e em direção negativa da imagem textual de Malintzin” (MAES, 2013, p. 51, tradução nossa)³³⁷ e que, no decorrer do romance, das cartas e das confissões, a protagonista de del Río parece cair cada vez mais baixo.

Ficou claro que essa não intervenção do destinatário - que, novamente, parece uma decisão ponderada da autora - prejudicou a credibilidade de *Doña Marina*, isto é, degradou-a de uma dama ainda relativamente estimada para uma mulher fraca que viu sua reputação aniquilada. (MAES, 2013, p. 51, tradução nossa).³³⁸

Embora Hélène Maes (2013) tenha concluindo seu trabalho se referindo não só ao romance epistolar de Fanny Del Río, mas também ao romance de Marisol

³³⁵ “podía darle al pueblo de la Nueva España una nueva, verdadera libertad.” (DEL RIO, 2009, p. 167).

³³⁶ “en esencia trata de velar por los intereses de Doña Marina y de sofocar las detracciones más austeras.” (MAES, 2013, p. 41).

³³⁷ “trazan una evolución implícita y en dirección negativa de la imagen textual de Malintzin.” (MAES, 2013, p. 51).

³³⁸ Resultó claro que esta no intervención del destinatario – que, otra vez, parece una decisión considerada de las autoras materiales- dañó la credibilidad de *Doña Marina*, o sea, la degradó de una dama aún relativamente estimable a una mujer endeble que vio aniquilada su reputación. (MAES, 2013, p. 41).

Martín del Campo (1999), colocamos aqui seus comentários finais que consideramos importante, pois ela faz uma análise interessante em relação ao aparecimento da personagem Malinche nesses romances. Nesses comentários a autora inclui o romance de Laura Esquivel (2006), bem como faz referência a Octávio Paz (1947), ambos estudados em nosso trabalho:

Finalmente, colocando nosso corpus na tradição literária que debate a reputação do “símbolo da rendição”³³⁹ constatamos que ambos, ao facilitar uma imagem multifacetada e heterogênea de Malinche, se inscrevem na geração mais recente, confirmando assim a ideia da “era híbrida” que se abriu nas últimas décadas. A questão é que, aproximando-se de sua respeitada compatriota Laura Esquivel, Fanny del Río e Marisol Martín del Campo sugerem, em primeira instância, colecionar as excitadas visões de Rosario Castellanos e Sabina Berman, complementando-as depois com concepções pessimistas no estilo de Octavio Paz, embora menos rigoroso. Em outras palavras, nossas escritoras parecem hesitar entre a estima e o desprezo pela Índia, mantendo-a, por um lado, com suas defesas, mas condenando-a, por outro lado. (MAES, 2013, p. 55, tradução nossa).³⁴⁰

As representações de Malinche, tanto em Fanny Del Río, quanto em Laura Esquivel hesitam, ao final dos seus romances, na defesa de Malinche. Nos dois romances, há a tentativa clara de isentar Malinche, de livrá-la da condenação por atos que a transformaram em traidora. A prova disso é as cartas que ela escreve ao filho, em Del Río (2009), para se desculpar, para esclarecer o que possam dizer dela; para dar ao filho sua versão dos acontecimentos. Esquivel (2006) busca o lado bom de Malinche, uma mulher que tinha dificuldade em dormir atormentada pelas mortes dos indígenas a mando de Cortés e, ao mesmo tempo, a representa com orgulho de ser a mulher do “homem mais importante do mundo.”³⁴¹

Malinche sofre pelo abandono da mãe e, entretanto, abandona o próprio filho; sente-se usada por Cortés, mas permite-se usar o casamento com Jaramillo para transformar-se em senhora. Malinche paira entre o bem e o mal.. Em *A verdadeira*

³³⁹ Expressão de Octávio Paz.

³⁴⁰ Ubicando, finalmente, nuestros corpus en la tradición literaria que debate la reputación del “símbolo de la entrega” (Paz 1990: 103), comprobamos que ambos, por facilitar una imagen polifacética y heterogénea de Malinche, se inscriben dentro de la generación más reciente, confirmando así la idea de la ‘época híbrida’ que se abrió en las últimas décadas. El asunto está en que, aproximándose así a su compatriota lograda Laura Esquivel, Fanny del Río y Marisol Martín del Campo en primera instancia sugieren recoger las visiones ilusionadas difundidas por Rosario Castellanos y Sabina Berman, complementándolas después con concepciones pesimistas al estilo de Octavio Paz, aunque menos rigurosas. En otros términos, nuestras escritoras parecen pues vacilar entre la estima y el desprecio para con la india, sosteniéndola, por un lado, con sus defensas, pero condenándola, por otro lado. (MAES, 2013, p. 55).

³⁴¹ (ESQUIVEL, 2006, p. 157).

história de Malinche, a protagonista se mantém firme e irradia determinação, buscando consolidar sua posição exemplar e conquistar a benevolência de seu filho.

Maes (2013) argumenta: “Del Río apresenta uma forte exposição a favor da indígena”. (MAES, 2013, p. 41).³⁴² Todavia, essa intenção inicial não se mantém.

Na morte do último imperador asteca, ela é representada com remorsos pela veemência com que exigiu sua morte:

O último imperador do México, herdeiro da tribo asteca liderada pelo diabo Huitzilopochtli, foi enforcado em uma *ceiba*, a árvore *pochotl*, que no *Mayab* é um símbolo de abrigo e denota a mais alta autoridade, para que todos os presentes soubessem que a dinastia que havia dominado estava terminando na terra. Centenas de velas acenderam a noite e podia-se ver, com total clareza nos pés de Cuauhtémoc, as cicatrizes do tormento com óleo a que foi submetido pelos membros do Tesouro Real, para revelar onde o tesouro estava escondido perdido de seus avós. Quando ele sentiu a corda ao seu redor pescoço, o último rei de Tenochtitlan disse: - Malinche: houve dias em que devia ter entendido que você me daria essa morte, eu sei que suas palavras eram falsas, porque você me mata sem justiça! Deus te demande, porque eu não me dei conta quando você mostrou sua pessoa na minha cidade do México.

Da árvore sagrada da terra maia, onde sofri tanto, pendia a figura moribunda do homem que aprendi a odiar; mas em vez de descanso esperado, um fardo pesado foi depositado em meu coração, e eu sabia que ele havia cometido um erro grave. Descanse em paz, Cuauhtemotzin, e que todos os seus pecados sejam perdoados, porque Marina não encontrou tranquilidade novamente: se enquanto você estava vivo, fui tomada pelo ódio, Sua morte me obrigou a me arrepender. (DEL RÍO, 2006, p. 161, tradução nossa).³⁴³

A autora do romance procura proteger Malinche, dar a aparência de justa ou razoável mesmo a ação que não o é. Malinche justifica seus atos pela infância em que foi mal amada, pelo amor que sente por Cortés, pelo fato de ser humana, uma mulher de carne e osso, que queria defender-se a si própria. Ela se mostra

³⁴² “Del Río presenta una exposición de índole contundente en favor de la indígena”. (MAES, 2013, p. 41).

³⁴³ El último emperador de México, heredero de la tribu azteca a la que guió el diablo Huitzilopochtli, murió ahorcado de una ceiba, el árbol pochotl, que en el Mayab es símbolo de abrigo y denota la máxima autoridad, para que todos los presentes supieran que se estaba poniendo término a la dinastía que había dominado la tierra. Cientos de cirios iluminaban la noche, y se podía distinguir con total claridad en los pies de Cuauhtémoc las cicatrices del tormento con aceite hirviendo al que fue sometido por miembros de la Hacienda Real, para que revelara dónde se ocultaba el tesoro perdido de sus abuelos. Cuando sintió que la soga le rodeaba el cuello, el postrer rey de Tenochtitlan dijo: ¡Oh, Malinche: días había que yo tenía entendido que esta muerte me habrías de dar y había conocido tus falsas palabras, porque me matas sin justicia! Dios te la demande, pues yo no me la di cuando me entregabas tu persona en mi ciudad de México. Del árbol sagrado de la tierra maya, donde tanto sufrí, pendía la figura agónica del hombre que aprendí a odiar; pero, en lugar del descanso esperado, se depositó en mi corazón un pesado fardo, y supe que había hecho un grave mal. Descansa en paz, Cuauhtemotzin, y que te hayan sido perdonados todos tus pecados, pues Marina no volvió a encontrar tranquilidad: si mientras vivías fui presa del odio, tu muerte me ató al remordimiento. (DEL RÍO, 2006, p. 161).

arrependida por exigir a morte do *tatloani*, mesmo depois que este se achava submisso, humilhado, que tivera os pés queimados com óleo quente para confessar onde mais existiria ouro asteca. Entretanto a autora hesita em defender completamente Malinche. A autora falha, nessa defesa, quando dá vazão ao ódio da personagem e a faz confessá-lo:

Bem, eu odiava Cuauhtémoc com tanta intensidade que a raiva me impedia de adormecer, e eu preferia passar as noites imaginando, com sanhas de crueldades, as formas da minha vingança; Eu odiei muito Cuauhtémoc. Eu queria saber se eu não estava sendo vítima de alguma feitiçaria, e eu quase esperava me ver mudar de rosto, desovar garras e presas afiadas, olhos noturnos e um corpo veloz e poderoso com o qual poderia viajar pelas ligas que me separavam dolorosamente dele, para alcançá-lo, para caçá-lo e matá-lo e devorar suas entranhas. (DEL RÍO, 2006, p. 135, tradução nossa).³⁴⁴

O ódio é excessivo que vai além do personagem que nada fez além de lutar contra o invasor e conclamar o povo a tentar a liberdade. O personagem histórico e fictício em Fanny del Río, Cuauhtémoc, diz à Malinche palavras que expressam sentimentos e lançaram dúvidas que podem ter perdurado através de séculos: "Mas lembre-se, todas as noites, quando você for servi-lo, que mesmo quando você usa a linguagem desses que chegaram, será para o seu espírito que sua raça falará, aquela que você escolheu trair." (DEL RÍO, 2006, p. 135, tradução nossa).³⁴⁵

O desprezo que a personagem nutre por Cuauhtémoc pode ser um ódio que conserva, fundo em seu ser, por si mesma. Esse sentimento de ódio pode ter se mantido dissimulado, latente. E esse ódio, potencial e não-manifesto, não é sentimento revelado facilmente, pois Malinche era cristã, religião na qual o próximo deve ser amado. Ao começar suas cartas, Malinche quer perdão, se considera uma cristã autêntica. Provavelmente nem ela mesma esperasse vir a confessar esse sentimento de ódio ao filho: "Sou uma verdadeira cristã e disse aos que me acusaram de estar errada que eu o faria de bom grado novamente, porque com isso eu obedeci às escrituras sagradas e às minhas. A fé ainda não conhece limites, embora muitas vezes tenha sido testada nos terrenos sujos do ser humano." (DEL

³⁴⁴ Pues odié a Cuauhtémoc con tal intensidad que la ira me impedía conciliar el sueño, y prefería pasar las noches imaginando con cruel saña las formas de mi revancha; tanto odié a Cuauhtémoc que me preguntaba si no habría sido víctima de alguna hechicería, y casi esperaba verme cambiar de aspecto, engendrar garras y afilados colmillos, ojos nocturnos y un cuerpo veloz y poderoso con el que me sería dado recorrer las leguas que me separaban dolorosamente de él hasta alcanzarlo para darle caza y matarlo y devorar sus entrañas. (DEL RÍO, 2006, p. 135).

³⁴⁵ "pero recuerda cada noche cuando le sirvas que aun cuando uses la lengua del advenedizo, será por tu espíritu que hablará tu raza, aquella que has elegido traicionar." (DEL RÍO, 2006, p. 135).

RÍO, 2006, p. 118, tradução nossa).³⁴⁶ A autora concede à sua personagem o alívio do arrependimento, através do qual ganharia o perdão absoluto, pois a religião que professava ao morrer, lhe permitiria e lhe concederia um lugar no paraíso eterno: “Antes de tudo, coloco minha alma nas mãos de nosso Senhor Deus que a criou e peço que você me perdoe meus pecados e me leve à sua morada no Céu quando meu espírito deixar meu corpo.” (DEL RÍO, 2006, p. 173, tradução nossa, grifo nosso).³⁴⁷

Todavia, ainda importante ressaltar, a incongruência do personagem e sua confusão sobre quem era de fato, a acompanham à morte:

Eu, princesa Malinali, herdeira legítima da chefia de Painala, língua e **mulher de Fernando Cortés, esposa de don Juan de Jaramillo**, mãe de Martín e María; Eu, que recebi o sacramento do batismo pelo qual eu era conhecida como Dona Marina, eu digo: ***tocatzin tetatzin yuan tepiltzin yuan spirit sancto nicpeualtia in notestamento***, Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. (DEL RÍO, 2006, p. 173, tradução nossa, grifos nossos).³⁴⁸

Malinche se reconhece até à hora da morte, mulher do capitão espanhol e esposa de outro, a quem se submeteu pelo casamento. É a tradutora da língua espanhola, que aprendeu e que lhe deu prestígio e poder, mas que volta ao nahuatl para dizer o rito católico.

Ao final da obra, é representada como quem acaba dando-se por vencida e que se descobre a si mesma: “Por trás da quimera da minha pretensa bondade, havia apenas uma criatura venial, cheia de arrogância e tragicamente errada.” (DEL RÍO, 2006, p. 137, tradução nossa).³⁴⁹

³⁴⁶ Soy una cristiana auténtica, y a cuantos me han acusado de equivocarme les he dicho que de buen grado volvería a hacerlo, pues con ello obedecí las escrituras sagradas, y mi fe todavía no ha conocido límites, aunque a menudo se haya puesto a prueba en los sucios terrenos de lo humano. (DEL RÍO, 2006, p. 118).

³⁴⁷ “Primeramente mi alma la pongo en manos de nuestro Señor Dios que la crió y le ruego que me dé por merced el perdón de mis pecados y me lleve a su morada en el Cielo cuando mi espíritu abandone mi cuerpo.” (DEL RÍO, 2006, p. 173).

³⁴⁸ Yo, la princesa Malinali, legítima heredera del cacicazgo de Painala, lengua y mujer de Fernando Cortés, esposa de don Juan de Jaramillo, madre de Martín y de María; yo, que recibí el sacramento del bautismo por el que fui conocida como doña Marina, digo: In ica y tocatzin tetatzin yuan tepiltzin yuan espíritu sancto nicpeualtia in notestamento. En el nombre del Padre y del Hijo y del Espíritu Santo. (DEL RÍO, 2006, p. 173).

³⁴⁹ “tras la quimera de mi pretendida bondad, no había sino una criatura venial, llena de soberbia y tragicamente errada.” (DEL RÍO, 2006, p. 137).

Com o ato de escrever, Malinche, que a princípio se considerava boa, conclui sobre quem era. Poderia ter feito o que fez e ainda ser alguém sem más intenções, poderia ter rechaçado o epíteto de traidora, mas não consegue. Ao final, reconhece-se movida por maus intuitos.

Concluimos considerando que no romance, Fanny del Río deu voz à personagem histórica e fictícia, Malinche. Isso poderia ser representativo de uma ação decolonial já que a personagem indígena pode contar o seu lado do processo, sua versão dos fatos e fazer sua defesa. Entretanto, a personagem não fez mais do que afundar-se e mostrou-se mais cruel que os próprios estrangeiros. Após revelar que foi um importante elemento no processo de domínio de uma população, retirando delas o direito de ser que os tornou historicamente invisíveis e marginalizados dentro de sua própria sociedade, deu-lhes a conhecer a desigualdade social e espacial, tirou-lhes o direito ao seu território, mostrou-lhes o que é o racismo, deu-lhes a consciência de que existem colonizados e colonizadores negando-lhes toda a possibilidade de futuro, demonstra-se preocupada de trazer-lhes a liberdade através da religião católica.

3.4 Malinche nos romances de Hancock - *War God*: (2013) (2014)

Dados biográficos³⁵⁰ do site oficial³⁵¹ de Graham Hancock nos informam que o autor nasceu em Edimburgo, na Escócia e que passou sua infância na Índia. Graduou-se em Sociologia, na universidade de Durham, ao norte da Inglaterra. Trabalhou como jornalista, foi co-editor da revista *New Internationalist* e correspondente do *The Economist* na África Oriental. No início dos anos 80, Hancock começou a escrever romances.

³⁵⁰ Born in Edinburgh, Scotland, Hancock's early years were spent in India, where his father worked as a surgeon. Later he went to school and university in the northern English city of Durham and graduated from Durham University in 1973 with First Class Honours in Sociology. He went on to pursue a career in quality journalism, writing for many of Britain's leading newspapers including The Times, The Sunday Times, The Independent, and The Guardian. He was co-editor of *New Internationalist* magazine from 1976-1979 and East Africa correspondent of *The Economist* from 1981-1983. In the early 1980's Hancock's writing began to move consistently in the direction of books.

³⁵¹ Site oficial de Graham Hancock: <http://grahamhancock.com/>

War God: Nights of the Witch, livro I (2013), de Graham Hancock é um romance, em parte fato histórico, em parte fantasia, que vem completar as lacunas históricas com a imaginação de Graham Hancock que conta que aventureiros espanhóis, chefiados por Hernán Cortés, invadem a capital do império asteca. O autor não classifica seu romance como histórico, mas esclarece que apenas utilizou fatos e personagens históricos quando convinha a seus interesses na construção do mundo ficcional, “onde quer que eu sentisse que serviria aos interesses da minha história. Por isso, não hesitei em divergir de uma estrita observação de fatos históricos.” (HANCOCK, 2013, p. 514, tradução nossa).³⁵² Ainda que seja uma novela baseada em alguns fatos históricos, ele não se atém estritamente a eles. O escritor classifica seu romance de outra forma, o coloca como uma narrativa que se assemelha aos épicos de cavalaria, romances tão estimados por Hernán Cortés, como já vimos anteriormente.

Deus da guerra é um romance sobre um momento extraordinário da história, mas não é um livro booleano. Além disso, é uma obra de fantasia e **aventura épica na tradição de Amadis de Gaula, a liga pós-arturiana da contos de cavaleiros**, na qual os conquistadores do início do século dezesseis viram seus próprios atos refletidos enquanto realizavam sua busca muito real e perigosa nas estranhas e terríveis terras do México. (HANCOCK, 2013, p. 514, tradução nossa, grifo nosso).³⁵³

Por essas palavras, podemos perceber que Hancock (2013) procura dar ao seu romance um olhar à Amadis de Gaula, escolhendo contar uma aventura épica, recheada de aventuras vividas por novos cavaleiros andantes que seriam esses homens do século XVI que saem pelo mundo conquistando terras selvagens e que nessas andanças tiveram que enfrentar canibais selvagens, monstros a serem derrotados.

Sobre Malinche, ele esclarece que a representa conforme fatos contidos em fontes históricas que chegaram até nós: “Sua biografia, como eu a relato - filha de uma filha, deserdada e vendida como escrava por sua própria mãe após a morte de seu pai (porque sua mãe favoreceu um filho em seu segundo casamento) - está de

³⁵² Wherever I felt it served the interests of my story. I have therefore not hesitated to diverge from a strict observance of historical facts. (HANCOCK, 2013, p. 514).

³⁵³ War God is a novel about an extraordinary moment in history but it is not a history bool. Rather it is a work of fantasy and epic adventure in the tradition of Amadis de Gaula, the post-Arthurian tale of Knight-errantry in which the conquistadors of the early sixteenth century saw their own deeds reflected as they pursued their very real and perilous quest in the strange and terrible lands of Mexico. (HANCOCK, 2013, p. 514).

acordo com os fatos que foram passados para nós." (HANCOCK, 2013, p. 515, tradução nossa).³⁵⁴

Ao ficcionalizar sua Malinche, percebemos que dá a ela a versão histórica contida na obra que mais detalha dados biográficos sobre essa figura, *A verdadeira história da conquista da Nova Espanha (1632)* de Bernal Díaz del Castillo, autoria contestada por Duverger (2014). Ao final de seu romance, Hancock (2014, p. 442) declara que se baseou, especialmente, nos livros de Hernán Cortés, *Letters from México* e *The conquest of New Spain*, de Bernal Díaz, livros que já constam em nossas referências.

Segundo Hancock (2013), Malinal (Malinche) era de origem nobre (p. 92), bem de acordo com Bernal Díaz, deixando transparecer as influências narrativas de seus escritos em *A verdadeira história da conquista da Nova Espanha*. Malinal nasceu em Potochan, falava Chontal Maia, serviu como escrava sexual dos astecas, e aprendeu a língua nahuatl.

Malinal (que também era conhecida como Malinali, Malintzin e La Malinche e a quem o conquistador chamava doña Marina, era mais provavelmente uma mulher Nahua da Costa do golfo que aprendeu a língua maia do que uma mulher maia - como eu a tenho - que se tornou fluente em nahuatl. Por outro lado, sua biografia, como eu relatei - filha de um chefe, deserdada e vendida como escrava por sua própria mãe depois da morte de seu pai (porque sua mãe era a favor do filho pelo segundo casamento), está de acordo com os fatos, como eles foram passados para você. (HANCOCK, 2013, p.515, tradução nossa).³⁵⁵

Vale lembrar que quem a chamava de dona Marina era Bernal Díaz em *A verdadeira história da conquista da Nova Espanha*. Hernán Cortés se referia a ela como a *uma índia*.

As razões de ter-se tornado escrava não são, logo de início, esclarecidas no romance de Hancock, mas viemos a saber, história já amplamente divulgada em Bernal Díaz, que ela foi doada a mercadores, pois casara-se em segundo

³⁵⁴ Her biography as I relate it- daughter of a chief, disinherited and sold into slavery by her own mother after her father's death (because her mother favoured a son by her second marriage)- conforms to the facts as they have been passed down to us." (HANCOCK, 2013, p. 515).

³⁵⁵ Malinal (who was also known as Malinali, Malintzin and La Malinche and whom the conquistador called Doña Marina, was more likely a Nahua woman of the Gulf coast who have learned the Mayan language than a Mayan woman - as I have her- who have become fluent in Nahuatl. On the other hand, her biography, as I related it - daughter of a chief, disinherited and sold into slavery by her own mother after her father's death (because her mother favoured a son by second marriage) conforms to the facts, as they have been passed down to you. (HANCOCK, 2013, p.515).

matrimônio, tivera um filho e precisava livrar-se de Malinal. Ao ser vendida como escrava, servira a seus donos sexualmente. Malinal engravidou duas vezes, mas foi forçada a beber *epazote* para forçar abortos. Esteve, pelos últimos cinco anos, servindo com escrava de Ahuizotl um alto sacerdote de Montezuma. Também serviu sexualmente ao irmão de Montezuma, Cuitláhuac. Quando necessário, traduziu as palavras entre Montezuma e uma testemunha que tinha sido mandada para espionar os espanhóis que chegavam.

O protagonismo no romance vai para o espanhol Hernán Cortés e seu papel de conquistador. Malinche não é mais que a mulher que ajudou o protagonista em sua “aventura épica”, uma Aldonça Lourenço indígena.

Porque os espanhóis são os heróis-protagonistas, o autor se posta a favor do povo de Tlaxcala, aliado de Cortés na guerra contra os astecas e justifica-os: “Os tlaxcaltecas sofreram as depredações do Mexica mais profundamente do que os outros”. (HANCOCK, 2013, p. 516, tradução nossa).³⁵⁶ Não há especificado, até onde sabemos, uma razão principal da inimizade entre o povo de Tlaxcala e os astecas, nos livros estudados. As razões para o ódio dos tlaxcaltecas ao povo mexica poderiam ser muitas, tais como disputas políticas, de poder ou de terras. Ainda, devemos lembrar que os tlaxcaltecas também lutaram contra os espanhóis e somente se renderam e concordaram em lutar contra os astecas, depois de derrotados. Também não se encontra em registros que esse povo tenha sido o mais prejudicado que outros povos das vizinhanças. Entretanto, esse foi o primeiro povo que os espanhóis enfrentaram em seu caminho até Tenchtitlán e, posteriormente, seus primeiro e principal aliado. Por consequência, como o líder tlaxcalteca, Shikotenka, lutou e perdeu para os espanhóis, Hancock também o qualifica de bravo: “Somente quando Cortés esmagou Shikotenka na batalha, **o bravo general** finalmente se curvou às exigências do Senado da Tlaxcala para que fizesse uma aliança com os espanhóis.” (HANCOCK, 2013, p. 517, tradução nossa).³⁵⁷ Apesar de bravo, Shikotenka perdeu para os espanhóis. Qualificá-lo de covarde ou de um

³⁵⁶ “Os tlaxcaltecas sofreram as depredações do Mexica mais profundamente do que os outros”. (HANCOCK, 2013, p. 516).

³⁵⁷ “Only when Cortés had smashed Shikotenka in battle did the brave general finally bow to the demands of the Tlascalan Senate to make an aliance with the Spaniards.” (HANCOCK, 2013, p. 517).

opponente fraco não engrandeceria a vitória dos espanhóis sobre esse líder e seu povo.

Muitas populações subjugadas pelos astecas ajudaram Hernán Cortés, pois pagavam impostos em forma de produtos como ouro em pó, joias, milho, sal, peles de jaguar, cacau e algodão. A aliança de Cortés com esses povos dominados facilitou a destruição dos astecas.

O romance abre-se descrevendo Tenochtitlan e o templo de Huitzilopochtli, principal deus cultuado na capital do império Tenochtitlan. Essa divindade era totalmente concebida pelo povo asteca, sem nenhuma conexão com outra civilização mesoamericana, diferentemente de outros deuses do panteão asteca; os povos escravizados forneciam escravos para servirem de sacrifícios, principalmente a esse deus. Segundo o romance, como o povo vizinho chamado Tlaxcala recusava-se a cair sob as ordens de Montezuma, isso ocasionava frequentes batalhas com os astecas, e conseqüentemente, uma fatia de vítimas sacrificiais oferecida ao deus Huitzilopochtli era composta de tlaxcaltecas.

A descrição pormenorizada de Tenochtitlan e arredores corresponde à realidade da época, encontrada principalmente em Sahagún e Bernal Díaz del Castillo. Encontram-se, também, nas primeiras narrativas as profecias e o envolvimento dos deuses Quetzalcoált, deus da paz e contra sacrifícios humanos e Huitzilopochtli, que clamava por sangue e corações humanos bem como Texcatlipoca, irmão de Quetzalcoátl, importante deus, que representava o lado obscuro dessa deidade. Hancock (2013) segue a história quando se refere às três cidades da tríplice aliança e as outras envolvidas em disputas com os astecas, como a cidade de Tlaxcala.

Segundo a narrativa de Graham Hancock, as profecias, descritas em detalhes por Sahagún, conhecidas há muitos anos, estavam perto de se manifestarem e são numeradas, uma a uma. (HANCOCK, 2013, pp.50-51)

Hancock nos escreve sobre a maior das lendas, aquela que se refere ao “Serpente Emplumada”, o deus Quetzacoatl:

O politicamente correto também tentou difundir que o mito Quetzacoatl, o deus da barba de pele branca que foi profetizado para retornar no ano *Um-vermelho*, e a manipulação de Cortés desse mito, em grande parte como sendo uma invenção dos conquistadores - mas isso também pode não ser correto. Mais uma vez, a imensa erudição de Sahagún em sua História

Geral contém muitos detalhes a serem ignorados. (HANCOCK, 2013, p.518)³⁵⁸

A profecia do retorno de Quetzalcoált³⁵⁹, que se cumpre com a chegada de Cortés, cuja representação é construída a partir de uma visão eurocêntrica onde ele é o glorioso conquistador, “a serviço de Deus” (HANCOCK, 2013, p.102, tradução nossa). O personagem Hernán Cortés é descrito por Hancock: “Um brilhante comandante militar e operador político, esperto, maquiavélico, manipulador, absolutamente implacável, vingativo e ousado, mas com um traço paradoxal de cristianismo messiânico.” (HANCOCK, 2013, p.509)³⁶⁰ Cortés seria movido por uma imensa fé e não pelo desejo de ouro. O escritor Graham Hancock, ao constituir suas representações das figuras históricas, mantém-se bastante fiel aos fatos encontrados nas primeiras narrativas, ao que se refere a Cortés, Pedro de Alvarado, Velásquez, Cristobal de Olid, Diego de Ordaz e Pánfilo de Narváez. Quanto a Bernal Díaz, Hancock o descreve como um soldado fiel a Cortés, amante das letras. Cortés o descreve a Pedro de Alvarado como um literato que “mantém um diário”. (HANCOCK, 2013, p.132, tradução nossa), quando esse se refere a Bernal Díaz como sendo apenas um camponês.³⁶¹ O romancista apresenta e justifica o posterior livro de Bernal Díaz. “Isso fala de certa seriedade mental, você não acha, certa dedicação quando um de sua classe lê e escreve? Você julga pelas aparências superficiais, Pedro. Eu olhei mais fundo e vejo um grande potencial, alta inteligência, habilidades incomuns, todas reunidas neste jovem.” (HANCOCK, 2013, p.132, tradução nossa.)³⁶² O escritor faz de Bernal Díaz um personagem, soldado de Cortés, pronto para servi-lo e agradá-lo, inclusive a pegar carnes e mantimentos

³⁵⁸ Political correctness has also tried to airbrush out the Quetzacoatl mythos of the White-skinned beard god who was prophesied to return in year One-Reed, and Cortés’s manipulation of this myth, as largely a fabrication of the conquistadors - but this too cannot be correct. Again Sahagún’s immense scholarship in his General History contains too much details to be ignored. (HANCOCK, 2013, p.518).

³⁵⁹ O ano de 1519, quando o conquistador espanhol Hernán Cortés desembarcou no Golfo do México, coincidiu com Ce Ácatl, ano do calendário asteca marcado para a volta de Quetzalcóatl, a Serpente Emplumada, e o fim do período do Quinto Sol. (RIZZON, 2005. p. 13).

³⁶⁰ A brilliant military commander and political operator, he is clever, Machiavellian, manipulative, utterly ruthless, vengeful and daring, but with a paradoxical streak of messianic Christianity. (HANCOCK, 2013, p.509).

³⁶¹ Ele é um literato. Ele mantém um diário. (HANCOCK, 2013, p.132)

³⁶² “It speaks of a certain seriousness of mind, don’t you think, a certain dedication when one of his class reads and writes? You judge by surface appearances, Pedro. I’ve looked deeper and I see great potential, high intelligence, unusual abilities, all gathered in this young man.” (HANCOCK, 2013, p.132).

para que Cortés possa partir com a expedição antes que Velásquez possa saber, permitir ou impedi-la e assim burlar suas ordens.³⁶³ Graças à confiança depositada no soldado e ao sucesso da empreitada, Cortés o promove a alferes.

Bernal Díaz torna-se personagem fictício em Hancock (2013), que para justificar sua excelente memória, o torna escritor de um diário, onde este registra suas experiências junto à expedição. Daí, desse diário, surgiria mais tarde, o livro de Bernal Díaz ou de Cortés, como sugere Duverger, permanecendo escondido sob um autor fictício.

Nesse trânsito entre presente e passado, as figuras de Montezuma, Cuitláhuac, Cuautehmoc (Guatemoc) e Cacacama são revisitadas a partir da lógica europeia: “Que raça vil e cruel esses mexicas realmente eram - uma raça de valentões arrogantes, corajosos e desbocados, cujo maior prazer era a profanação de outros” (HANCOCK, 2013, p.177, tradução nossa)³⁶⁴ e que “era indispensável exterminar “uma raça cuja maldade e crueldade não conheciam limites.” (HANCOCK, 2013, p.177, tradução nossa).³⁶⁵ Os astecas eram reconhecidos por seu “absoluto, implacável, descompromissado comprometimento com o poder” e por sua “capacidade ilimitada de violência”. (HANCOCK, 2013, p.33, tradução nossa).³⁶⁶

Os espanhóis seriam brilhantes guerreiros cristãos, os astecas homens violentos que queriam o poder, quando na verdade, essa não foi a questão de Cortés naquelas terras, que se justificou pela extração de bens econômicos, alicerçada pela desculpa de evangelização. Seguindo esse pensamento, Hancock reforça aquelas práticas econômicas e de violência, estupro e saques e que dispensavam vidas humanas, justificado como sendo inferiores e dispensáveis.

³⁶³The governor of Cuba, Diego Valázquez authorized Cortés’s mission to explore Mexico and return with a full report. Valázquez immediately began to worry about Cortés, who had earned a reputation as a flamboyant opportunist with selfish intentions. Valázquez decided to recall the expedition, but Cortés, sensing the withdrawal of his commission, quickly departed before all necessary provisions were gathered. (JAGER, 2015, p. 52). O governador de Cuba, Diego Valázquez autorizou a missão de Cortés para explorar o México e retornar com um relatório completo. Valázquez imediatamente começou a se preocupar com Cortés, que ganhou reputação de oportunista extravagante com intenções egoístas. Valázquez decidiu recordar a expedição, mas Cortés, sentindo a retirada de sua chefia, rapidamente partiu antes que todas as provisões necessárias fossem reunidas. (JAGER, 2015, p. 52).

³⁶⁴ “What a vile, vicious race these Mexica truly were- a race of arrogant, strutting, loud-mouthed bullies whose greatest pleasure was the desecration of others.” (HANCOCK, 2013, p.177).

³⁶⁵ “a race whose wickedness and cruelty knew no bounds. (HANCOCK, 2013, p.177).

³⁶⁶ “absolute, ruthless, uncompromising commitment to the power” [...]“limitless capacity for violence.” (HANCOCK, 2013, p.33).

Shikotenka, guerreiro tlaxcalteca, luta com Cuauhtemoc, sobrinho de Montezuma e o vence, indo contra a história já que Cuauhtemoc foi o último tatloani e foi capturado por Hernán Cortés. (HANCOCK, 2013, pp.50-51) Como em *War god: the nights of the witch*, Graham Hancock segue fielmente as fontes históricas quanto à infância de Cortés, sua doença dos pulmões enquanto era bebê, a promessa de sua babá, Maria de Esteban a São Pedro, se ele ficasse curado, seria corajoso de sua parte representar a morte de Cuauhtemoc pelas mãos de um indígena tlaxcalteca. Mas, como estratégia, ele usa do poder do escritor para reviver os mortos e colocá-los em contato com os deuses, no mundo fictício; Cuauhtemoc é mandado de volta à vida pelo deus da guerra, Huitzilopochtli (pp.168-170) depois de tê-lo feito perder a luta contra um homem do povo de Tlaxcala e ser assassinado por ele, querendo mostrar com isso, que em uma luta corpo-a-corpo, um asteca é mais fraco que um tlaxcalteca.

A visão de Hancock (2013) é tão eurocêntrica que Hernán Cortés, além de estar fazendo um trabalho divino, é repreendido por São Pedro, em seus sonhos, por ter deixado vivos, nas ilhas de Taino, alguns membros da vasta humanidade pagã:

Tudo isso é muito sério. Você deve fazer o trabalho de Deus.
"Obrigado, padre", disse Cortés. "Eu tentei fazer o trabalho de Deus nessas ilhas."
"E com grande sucesso. Os Taino estavam profundamente afundados em idolatria e superstição para que suas almas fossem salvas ... - Pedro hesitou. "Eu vejo, porém, que alguns ainda estão vivos."
"Somente aqueles que aceitaram a fé e estavam prontos para nos servir ..."
'Oh, bem, está bom então. Muito bom. Além disso... uma tarefa muito maior está à sua frente.
"Nas novas terras, pai?"
Um olhar distante apareceu nos olhos de Pedro. "Você será a espada de Deus lá, Don Hernán". (HANCOCK, 2013, p.102, tradução nossa).³⁶⁷

Ao que parece, segundo Hancock (2013), Deus, ele próprio, desejava que Hernán Cortés aniquilasse os nativos que não tinham conhecimento de sua

³⁶⁷ All of this is very serious. You are to do God's work.

'Thank you, Father' said Cortés. 'I have tried to do the God's work at these islands.'

'and superstition for their souls ever to be saved...' Peter hesitated. 'I see though, that some still alive.'

'Only those who willingly accepted the Faith and were ready to serve us...'

'Oh, well, good then. Very good. Besides... a far greater task lies ahead of you.'

And with great success. The Taino were too deeply sunk in idolatry

'In the New lands, Father?'

A faraway look had come into Peter's eyes. 'You will be the sword of God there, Don Hernando.'
(HANCOCK, 2013, p.102).

existência, o que por si só, era um crime punível com o extermínio, que para isso decidiu enviar para lá Hernán Cortés, empunhando a cavalaria salvadora. Como não foi o bastante, Deus enviou também vírus e bactérias para ajudá-lo em seu trabalho abençoado.

São Pedro promete ao cavaleiro cristão: “Derrube os pagãos e os adoradores do diabo, traga-os à palavra de Cristo e você será recompensado neste mundo e no próximo.” (HANCOCK, 2013, p.103, tradução nossa).³⁶⁸

Não há evidências de que Deus tenha recompensado Hernán Cortés nessa vida, pois, mesmo assassinando tantos infiéis à Igreja, houve tentativas de profanação de seu corpo, assim como a intenção de destruir seus restos mortais, motivo pelo qual seus ossos, que foram levados para lá e para cá, permaneceram escondidos por muito tempo:

Ele quase não é lembrado, mas parece haver um esforço para se lembrar que Cortés deve ser esquecido. Não há monumentos em seu nome e o seu túmulo se localiza em lugar de difícil acesso, dentro de uma pequena igreja, discreto e quase imperceptível, não aparecendo nem mesmo como ponto turístico a ser visitado, ao passo que a estátua de Cuauhtémoc, último líder dos astecas, pode ser facilmente admirada em uma das principais avenidas da cidade com forte tradição e representação clássica. Cortés, por outro lado, representa a dor, o nascimento sofrido, a morte do passado indígena e a gestação do mundo colonial. Essa memória cambiante de Cortés pode ser exemplificada na enorme quantidade de vezes que os seus restos foram enterrados e desenterrados, ou seja, nas inúmeras vezes em que se procurou um lugar fixo e eterno para Cortés. Qual seria, então, o lugar de Cortés? Em que local e de que modo ele será lembrado? (MORAIS, 2011, p. 16).

Como resultado de seus feitos, e apesar da promessa de São Pedro, ele quase não é lembrado no México, onde, apesar de seus restos mortais estarem enterrados lá, não são reverenciados, visto que permanecem numa igreja pouco conhecida e mal iluminada onde, para se chegar, é preciso uma longa caminhada.

Completando, a viagem de Hancock ao passado não foi muito inovadora no que se refere a revisar eventos e apresentar uma interpretação crítica na apreciação dos acontecimentos, enfim, a trazer um novo modo de ver a história sob o ponto de vista dos outros povos; pelo contrário, assinala e valoriza a hegemonia europeia, faz de Cortés um personagem cheio de carisma e charme, irresistível, loquaz, capaz de tornar seu ponto de vista irresistível a quem o ouvia. Um *gentleman*, disposto a enganar, subornar, de uma maneira charmosa e às vezes, engraçada; capaz de

³⁶⁸ Overthrow the heathens and the devil-worshippers, bring them to word of Christ and you will be rewarded in this world and the next.” (HANCOCK, 2013, p.103).

ignorar más ações, como as do frei Muñoz, para fazer o trabalho de Deus, tudo em nome de Deus e de seu empreendimento.

São misteriosos os desígnios de Deus e intrigantes as mentes dos escritores que tendo a oportunidade de rever conceitos, de se oporem à presunção de que o conhecimento ocidental é melhor porque hegemônico, porque parte de homens brancos e superiores, todavia, preferem continuar na lógica subjacente do colonialismo no qual se abonam, privilegiam e justificam a inserção e a sublimação de valores europeus.

Tozi, Coyotl, Xoco, personagens totalmente fictícios, tlaxcaltecas, prisioneiros, guardados para o sacrifício ao deus Huitzilopochtli encontram uma moça que se chama Malinal (nome original de Malinche) e juntos, fogem da prisão dos astecas.

Pepillo, personagem fictício, vem a contracenar com os personagens históricos como Cortés, Velásquez e a descrevê-los.

Em certa passagem do romance, Malinche olha nos olhos de Montezuma e percebe que este é um covarde, que teme. Ao traduzir as palavras e falar dos estrangeiros, Malinal vê o medo transparecer nos olhos de Montezuma:

Arrisquei um relance e vi que o medo havia chegado ao Grande Orador ao receber a notícia. Acredite em mim. Eu vi. Sua mandíbula solta. Suas mãos tremendo. Seus olhos deslizando de um lado para o outro. Não esperamos que o governante dos xexicas seja um covarde, Tozi, mas é o que Montezuma é - um covarde. (HANCOCK, 2013, p.118, tradução nossa).³⁶⁹

No romance, Hancock acentua constantemente a covardia de Montezuma, o qual classifica de psicótico: “Para ganhar o ouro Mexica, Cortés e sua pequena força de apenas quinhentos homens terão que derrotar **o imperador psicótico Moctezuma e os exércitos de caçadores de mil que ele comanda.**” (HANCOCK, 2014, p. 431, tradução nossa, grifo nosso).³⁷⁰

³⁶⁹ I risked a glance and I saw that fear had come upon the Great Speaker as he received the news. Believe me. I saw it. His jaw hanging loose. His hands shaking. His eyes sliding from side to side. We don't expect the Speaker of the Mexica to be a coward, Tozi, but that's what Montezuma is - a coward. (HANCOCK, 2013, p.118).

³⁷⁰ In order to win the Mexica gold, Cortés and his small force of just five hundred men will have to defeat the psychotic emperor Moctezuma and the armies of hundereds of thousand he commands. (HANCOCK, 2014, p. 431).

Ganhar, o verbo empregado, é escolhido para suavizar a ação que seria de roubar, extrair à força. A luta dos espanhóis era justa, para Hancock, já que estes lutaram contra um líder psicótico que tinha um exército de milhares de homens. Montezuma, ainda assim, comandando um exército tão poderoso, perdeu a guerra para um punhado de 500 homens espanhóis. Ao se referir, dessa vez, somente aos espanhóis, esquecendo os milhares de tlaxcaltecas que lutaram a mesma batalha ao lado dos espanhóis, Hancock (2014) exalta a superioridade espanhola já que lutava em inferioridade numérica e mesmo assim venceu um exército poderoso.

Montezuma, o *tatloani* dos astecas, é representado como vaidoso e seguro de si; chamado pelo codinome “Senhor furioso”, é capaz de passar, ele próprio, o dia inteiro, enfiando facas em vítimas para o deus Huitzilopochtli, para que este, saciado, evitasse a chegada dos valentes homens brancos espanhóis: “Montezuma estava matando desde a manhã, mas agora, nas profundezas da noite, seu trabalho iluminado por tochas bruxuleantes e braseiros brilhantes, ele não sentia fadiga.” (HANCOCK, 2013, p.183, tradução nossa).³⁷¹ Ele é representado como um indígena ambicioso e sanguinário que ama sacrificar, ele mesmo, prisioneiros aos deuses. Sabe-se que Montezuma era um homem adorador do deus Quetzacoatl que era contrário aos sacrifícios e muitos estudiosos acreditam que ele tenha confundido Cortés com o deus que retornava e que por isso não reagiu logo que o espanhol chegou. Muitos estudiosos³⁷² são contrários a essa lenda, (acreditam a maioria dos estudiosos mesoamericanistas, que o "mito de Quetzalcoatl-Cortés" (RESTALL, 2001, p. 114) surgiu no período inicial pós-conquista, aproximadamente em 1530, mas muitos³⁷³ a defendem. Mesmo que a lenda fosse verdade, conforme dizem seus defensores e que Montezuma tenha entregado seu império a Cortés acreditando que ele era o deus que retornava, isso só provaria que ele era mesmo admirador de Quetzacoatl e que só mantinha os sacrifícios ao deus Huitzilopochtli, porque era crença do povo e que não cabia a ele, como *tatloani*, interferir. Hancock representa as vítimas gritando apavoradas, mas se sabe que elas eram sedadas e drogadas por *Iztli* e por uma bebida feita a base de cipó, antes de chegarem aos altares dos

³⁷¹ “Montezuma had been killing since morning, but now, in the depths of the night, his work illuminated by flickering torches and glowing braziers, he felt no fatigue.” (HANCOCK, 2013, p.183).

³⁷²RESTALL, Matthew, 2003; LOCKHART, James,1992; TOWNSEND Camilla, 2003; BURKHART, Louise, 2001.

³⁷³CARRASCO, David,1982.

deuses e que não tinham, no momento do sacrifício, exata compreensão do fato³⁷⁴.

Diz Hancock (2013) sobre os sacrifícios humanos tão exaltados em seu livro:

Então, há a questão do sacrifício humano, um tema recorrente em *War God*. Eu faço muito disso? Eu me debruço sobre isso de uma forma que não é justificada pelos fatos? Honestamente, não, acho que não. Os fatos, incluindo a engorda dos prisioneiros e seu encarceramento em currais especiais antes do sacrifício, são tão abomináveis, tão bem evidenciados e tão exagerados que a imaginação é simplesmente desconcertada por eles. (HANCOCK, 2013, p.516).³⁷⁵

E o escritor se refere a ter havido, na História, uma intenção de apagamento da memória sobre os sacrifícios humanos da história asteca e que ele os descreve para que não aja essa supressão. Assim, ele escreve sobre essa tentativa de mudança de visão sobre os sacrifícios humanos, na atual política:

Ao dizer isso, reconheço que a mão preponderante da correção política nos últimos anos tentou varrer a extravagante carnificina e horror dos rituais de sacrifício dos mexicas sob a mesa da história, sugerindo que as testemunhas oculares espanholas estavam exagerando em propaganda ou propósitos religiosos. No entanto, isso não pode estar certo. Muito menos a massa de evidências arqueológicas e as representações de sobrevivência do sacrifício humano, cremalheiras de caveiras, voo e desmembramento de vítimas, canibalismo, etc, em esculturas e arte mexica, temos relatos detalhados dessas práticas dadas a cronistas confiáveis dentro de alguns anos de a conquista dos mexicas. (HANCOCK, 2013, p.517).³⁷⁶

No romance, há a condenação explícita dos sacrifícios humanos e um exagero em retornar a eles a todo o momento, como se o território asteca não fizesse outra coisa a não ser oferecer sacrifícios aos deuses. “Ele tem que trazer cem mil vítimas de Tlaxcala para o Hummingbird este ano. (p. 4)³⁷⁷ Cem mil para o deus da guerra! Um ser humano demora vinte ou trinta anos para se tornar um

³⁷⁴ CARRASCO, David. *City of Sacrifice: Violence From the Aztec Empire to the Modern Americas*, New York: Beacon Press, 2000; ALDHOUSE-GREEN, Miranda Jane. *Dying for the Gods: Human Sacrifice in Iron Age & Roman Europe*, New York: Sutton Publishing 2001; TIERNEY, Patrick. *The Highest Altar*, New York: Penguin Books, 1989.

³⁷⁵ Then, there is the matter of human sacrifice, a recurrent theme throughout *War God*. Do I make too much of it? Do I dwell on it at a length that is not justified by the facts? Honestly, no, I don't think I do. The facts, including the fattening of prisoners and their incarceration in special pens prior to sacrifice, are so abhorrent, so well evidenced and so overwhelming that the imagination is simply staggered by them. (HANCOCK, 2013, p.516).

³⁷⁶ In saying this I recognize that the prim hand of political correctness has in recente years tried to sweep the extravagant butchery and horror of Mexica sacrificial rituals under the table of history by suggesting that Spanish eyewitness were exaggerating for propaganda or religious purposes. Yet, this cannot be right. Let alone the mass of archaeological evidence and the survival depictions of human sacrifice, skull racks, flying and dismemberment of victims, cannibalism, etc, in Mexica sculptures and art, we have detailed accounts of these practices given to reliable chroniclers within a few years of the conquest by the Mexica themselves. (HANCOCK, 2013, p.517)

³⁷⁷ He has to bring a hundred thousand Tlascalan victims to Hummingbird this year. (HANCOCK, 2013, p. 4).

homem, um guerreiro. Se morresse, a cada ano, cem mil homens (não esquecendo que as mulheres também eram oferecidas aos deuses, separadas em currais extras, onde ficavam engordando) não haveria homens adultos nos territórios mexicas. A cada quatro baias de homens, havia uma para mulheres, portanto 25 por cento; 25 mil mulheres: “quatro dos cinco currais de engorda distribuídas nas bordas do recinto sagrado [...] estavam reservadas para homens. No momento, apenas uma possuía prisioneiras.” (HANCOCK, 2013, p. 4)³⁷⁸ Logo, o abastecimento para o deus da guerra rarearia até terminar completamente. Não esqueçamos, ainda, que os próprios mexicas podiam servir, (e serviam), de oferendas aos deuses mexicas e, como já escrevemos sobre isso, muitos se ofereciam em sacrifício, como uma honra a determinado deus. Nenhum rei seria assim tão imprevidente e desleixado em não se preocupar em racionar o alimento de seu deus. Se fossem feitos com a constância e exagero a que a narração se refere, não restariam mais vizinhos ou cidadãos sobre a terra, não havendo mais nada para os espanhóis conquistar quando chegaram. Toda a população já teria perecido nos altares.

Outra questão que merece crítica é que o oferecimento dos sacrifícios aos deuses era cultural e todos, todos, os astecas consideravam que ele era necessário para alimentar os deuses, que de outra forma enfraqueceriam e não seriam capazes de proteger os deuses. Cada povo tem sua cultura e suas crenças religiosas e essa era a deles. No momento de escrever uma narrativa localizada a partir de uma cultura, o escritor precisa deixar de lado suas próprias crenças e julgamentos, sob pena de exceder-se em ajuizamentos que o texto vai teimar em deixar transparecer.

Quase todas as tribos e povoações faziam, a princípio, oferecimento de sangue a seus deuses para aplacá-los. Inclusive a religião católica, basta ler o antigo testamento para comprovar. O deus cristão aceitou o sacrifício de Abel que ofereceu, o sangue de uma criatura viva, enquanto Caim ofereceu legumes e verduras. Se Deus tivesse aceitado os dois presentes, teria evitado o assassinato entre irmãos, mas preferiu o sangue que Abel oferecia, em detrimento das frutas.

O escritor representa o líder dos astecas, que dominava quase todos os povos das redondezas, um Montezuma covarde, além de sanguinário, capaz de

³⁷⁸ Four of the five fattening pens distributed around the edges of the sacred precinct [...] were reserved for men. Only one at present held women prisoners. (HANCOCK, 2013, p. 4).

evacuar de medo diante do poderio espanhol que chegava: “Ele apertou sua barriga! Suas entranhas se transformaram em água. [...] ele apenas cagou lá, bem na nossa frente.” (HANCOCK, 2013, p.118, tradução nossa).³⁷⁹

Esse medo de Montezuma se reflete mais uma vez, em descontrole intestinal, quando uma mulher suicida-se antes de ser sacrificada, pelo próprio Montezuma, ao Deus, e logo após, duas mulheres, Tozi e Malinal o olham nos olhos, o que era proibido a todos os comuns: “O intestino de Montezuma apertou e afrouxou, apertou e afrouxou, uma maldição antiga retornando para assombrá-lo, mas ele não podia evacuar aqui, no topo da pirâmide em plena visão pública.” (HANCOCK, 2013, p.184, tradução nossa).³⁸⁰ O grande orador dos astecas, *Huey Tlatoani*, parece que não tinha utilidade para fazer outras coisas a não ser carnear, ter medo e evacuar. Sabe-se, entretanto, que não se tornava *tatloani* asteca, grande orador, somente por hereditariedade, ainda que vitalício; os candidatos a governantes deveriam ser de famílias nobres, passavam por provas severas, incluindo habilidades de grande guerreiro e que, aos astecas, eram ensinadas as artes da guerra, desde a infância.

Escreve-nos Hancock sobre Montezuma, quando fala sobre seu livro e seus personagens. O plano artístico do autor inclui um total desprezo pela figura do *tatloani* asteca:

Se Montezuma tivesse sido um tipo diferente de governante, se ele tivesse possuído um pingote de bondade ou decência, se houvesse alguma capacidade nele de amar, então ele certamente não teria orado sobre povos vizinhos por sacrifícios humanos para oferecer seu povo ao deus da guerra, caso em que ele poderia ter ganhado sua devoção e respeito ao invés de sua repugnância universal e, portanto, poderia estar em posição de liderar uma oposição unida aos conquistadores e esmagá-los completamente em semanas de pisar em suas terras. (HANCOCK, 2013, p.519).³⁸¹

Montezuma poderia ele mesmo, com seu exército próprio, ter massacrado os homens de Hernán Cortés. Se não o fez, foi por outros motivos, mais complexos que superioridade numérica. Como exemplo, podemos nos apegar à revolta liderada

³⁷⁹ He clushed his belly! His bowels turned into water. [...] he just shat right there, in front of us. (HANCOCK, 2013, p.118)

³⁸⁰ Montezuma's bowel cramped and loosened, cramped and loosened, an ancient curse returning to haunt him, but he could not evacuate here, at the top of the pyramid in full public view.”

³⁸¹ If Montezuma had been a diferente sort of ruler, if he had possessed a shred of kindness or decency, if there had been any capacity in him to love, then he surely would not have prayed upon neighbouring peoples for human sacrifices to offer up to his war god, in which case he could have earned their devotion and respect rather than their universal loathing, and thus might have been in a position to lead a united opposition to the conquistadors and to crush them utterly whitin weeks of setting foot in his lands. (HANCOCK, 2013, p.519).

pelo senhor de Texcoco, Cacamatzin, sobrinho de Montezuma, contra os espanhóis. Montezuma articulou e mandou aprisionar o líder rebelde, alegadamente para evitar mortes entre a população asteca³⁸², perdendo assim a oportunidade de expulsar os estrangeiros. Montezuma acreditava, e supostamente estava certo, de que poderia derrotar o exército de Cortés, se quisesse, pois contava com duzentos mil soldados. Difícil, quase impossível, afirmar que ele tenha sido vencido pelo medo, ou por falta de apoio das comunidades vizinhas.

Resta dizer que o povo que mais ajudou os espanhóis foram os tlaxcaltecas que eram inimigos do povo asteca, mas que, antes de ceder aos estrangeiros, lutaram bravamente. (SEGER, 2014, p. 129) Só depois de terem sido derrotados foi que se resignaram ao poderio de canhões e cavalos do inimigo. (DEL CASTILLO, 2012, p.117). O povo de Cholula também não preferiu o inimigo que chegava e resistiu como pode, mas foi queimado por Cortés e seus homens, bem como os demais povos que resistiram a eles.

O próprio romance de Hancock (2013) menciona povos de Potochan fugindo, motivados pelo retorno de espanhóis:

Eles exigiram nossa comida, nosso ouro e tentaram nos fazer adorar seu deus. Eles até queimaram alguns de nós em grandes incêndios. Então, no final, guerreamos contra eles. Eles eram poucos, mas possuem armas assustadoras e mataram muitos antes de os expulsarmos. (HANCOCK, 2013, p.379, tradução nossa).³⁸³

E, resta ainda dizer, que a derrota não se deu, como única e exclusiva razão, devido a qualquer ódio ou desejo de vingança contra Montezuma, mas pela novidade das armas, cavalos e pólvora do inimigo e mais tarde, ainda mais, foram vencidos pelos vírus trazidos pelos corpos dos homens brancos, para os quais os indígenas não conheciam defesa. Basta ler os relatos de Las Casas (2006), Clayton (2011), (Vásquez de Tapia, 1972), Gómara (2009) - (Guerra de Tapeaca), (Del Castillo, 2012, p. 334) e tantos outros.

O império dos astecas durou 196 anos, segundo Arias Ramírez (2016), sobre milhões de pessoas. Não se sabe o número exato, há estimativa de que, quando Hernán Cortés chegou ao México, em 1519, havia lá, entre 15 e 30 milhões de

³⁸² “mandando apreender á Cacamatzin rey de Acolhucán, para entregarlo á Cortés” (ZÁRATE, 1898, p.64).

³⁸³ They demanded our food, our gold and tried to make us worship their god. They even burnt some of us in great fires. So in the end we went in battle against them. They were few, but they possess fearsome weapons and they killed many before we drove them off. (HANCOCK, 2013, p.379).

moradores e de que, ao final do século XVI, mal restavam dois milhões. Se a mortandade derivada de sacrifícios aos deuses fosse tão elevada quanto menciona Hancock (2013) e Montezuma passasse seus dias, de sol a sol, a esfaquear as pessoas e retirar-lhe os corações, o império não seria tão numeroso e tão forte e Montezuma não teria sobre quem governar. E segundo Marcily (1975, p. 87) havia cinco mil pessoas a serviço do deus Huitzilopochtli e outra quantidade espantosa de sacerdotes dedicados às ciências, astrologia, filosofia, teologia e, a servir a todos os deuses, visto que eram numerosos, pois os astecas adotavam os deuses dos povos vencidos, já que um deus a mais não fazia diferença em um panteão já tão numeroso. Improvável que o tatloani, o líder máximo se dedicasse a carnear pessoas, por mais medo que sentisse de tão formidáveis guerreiros que chegavam.

E, segundo Marcily (1975): “Os astecas se esforçavam para se conduzir com grandeza, dignidade e compreensão, sendo seu objetivo atrair definitivamente o povo vencido na confederação do império, evitando tocar em suas estruturas profundas, tradições, língua, enfim, em seu modo de vida habitual.” (MARCILY, 1975, p. 142). Os vizinhos, através de guerras, tratadas por embaixadores, nunca de surpresa ou traição (MARCILY, 1975, p. 133), provinham pessoas para o sacrifício, mas também recebiam proteção em troca, e mantinham relação de comércio. Para os astecas “nada devia alterar o julgamento dos deuses. A vitória devia ser daquele que mais a merecesse do princípio ao fim da ação.” (MARCILY, 1975, p. 134).

Sobre as guerras astecas, ainda nos diz Marcily (1975):

Se tivessem podido conhecer nossas guerras chamadas “totais”, combinadas com “capitulações sem condições”, em particular o último conflito mundial, os astecas talvez tivessem ficado horrorizados com uma carnificina tão estupidamente inútil, uma vez que, definitivamente, os vencedores sofrem quase tanto quanto os vencidos. (MARCILY, 1975, p. 142).

Transcendendo os juízos de valor, os astecas conheceram uma guerra total, impetrada a eles pelos estrangeiros cristãos, visto o número de mortos deixados após a hecatombe que foi a “conquista”. Antes tivessem eles, os cristãos, se espelhado nas guerras astecas e selecionado apenas alguns, para oferecer em sacrifício ao deus deles. Assim, teriam poupado milhares de todos os outros, gente do povo, alheia à guerra, que morreram pela guerra de deuses e de poder da qual não participaram, exceto com suas vidas.

Se os espanhóis ficaram tão horrorizados com os sacrifícios devem ter se esquecido da Santa Inquisição que acontecia na Europa, ao mesmo tempo, e tantos outros assassinatos, em nome de Deus.

Vamos contar com o fato de que a morte, que é tão terrível para nós, ocidentais, não o era para os indígenas astecas:

O povo asteca construiu uma mitologia em torno da morte que contradiz o perceptível lado cruel dessa sociedade nos seus rituais sanguinários e na sua belicosidade. Ele não teme a morte que é encarada com naturalidade e embelezada por visões que a relacionam com a natureza. Esta é extremamente importante para a continuidade deste povo. (SOUSA et all, 2006, p. 9)

Lembremos que morrer pelos deuses era uma honra, os guerreiros astecas acreditavam que quem morresse nos altares de sacrifício ou guerreando iriam para um paraíso ao leste do sol, e acompanhá-lo-iam diariamente, nas suas voltas pelo céu. “Uma das mais exaltadas era a morte dos guerreiros nos campos de batalha. Estava instantaneamente salvo aquele que morresse lutando. Estes iam morar com o sol por quatro anos e depois retornavam como colibris ou borboletas. Acreditava-se que as pessoas mortas nos rituais de sacrifício tinham o mesmo fim dos que morriam guerreando.” (SOUSA et all, 2006, p. 6). Algumas mortes eram mais prestigiadas que outras. “Os astecas acreditavam que existiam cinco formas de morte. São elas: a morte comum, a morte dos guerreiros, a morte na pedra de sacrifícios, a morte relacionada à água e a morte de crianças pequenas. Apenas as quatro últimas proporcionavam a salvação incontestável.” (SOUSA et all, 2006, p.6).

Era contumaz guerreiros astecas, como pedido de recompensa ao tatloani, após terem tido vitórias esplêndidas, solicitavam serem sacrificados aos deuses para que obtivessem, deles, regalias celestiais.

Aqui, Hernán Cortés, em suas cartas de relação, descreve, com profunda naturalidade, um genocídio, não contra o povo asteca, mas contra o povo vizinho, os cholutecas:

Lutaram conosco bravamente, mas quis Nosso Senhor dar tanta força aos seus que entramos pela água até o peito e fomos conquistando a vitória. **Matamos mais de seis mil índios entre homens, mulheres e crianças, número que se tornou considerável em vista da ação dos índios nossos amigos, os quais, vendo como íamos conquistando a vitória, iam matando a torto e a direito.** Quando chegou a noite recolhi a minha gente e pus fogo em algumas casas. (CORTEZ, 2007, p. 99).

A maneira de Cortés contar talvez seja mais terrível do que a visão da morte de seis mil pessoas, índios, como ele se refere. Ele escreve e deixa transparecer

certo orgulho, de alguém satisfeito com seus grandes atos. Não inteiramente satisfeito, e não cansados demais, tiveram energia para queimar as casas. Grandes espanhóis: homens corajosos, viris, inesgotáveis em forças.

Por falar em barbárie e crimes de guerra, nos escreve Marcily (1975) ao relembrar das pessoas, assim como Hancock, que se dizem indignados diante dos sacrifícios astecas aos deuses, das torturas e mortes que se deram em nome da fé católica:

Em sua vivacidade, o interlocutor esquece as torturas do processo civil europeu do século XVIII, as da Santa Inquisição, as fogueiras católicas que consumiram até Joana D'arc. As guerras de religião; as "colunas infernais" da República da Vendéia, nos campos belgas, as campanhas romanas; a guilhotina do Terror, o genocídio de milhares de índios, pelos americanos do Norte, na segunda metade do século XIX; o de seis milhões de judeus, pelos nazistas; só Deus sabe quantos milhões de indivíduos, camponeses russos, cossacos, tártaros ou oponentes políticos, foram "liquidados" pelos stalinistas da III Internacional. O interlocutor esquece, também, muito depressa, o comportamento de Pizarro, de Cortés que, se puserem fim aos sacrifícios humanos, o fizeram às custas da destruição dos impérios astecas, Inca e Maia. Ora, se esses assassinatos não ocorreram, muitas vezes, senão para satisfazer ao mais baixo materialismo, para se apoderar dos bens ou para destruir a influência moral de outrem. E se ocorreram para o serviço de um príncipe, de uma fé ou de uma ideologia, assemelham-se aos assassinatos coletivos dos Astecas (MARCILY, 1975, p. 94).

E para terminar, ele, Jean Marcily (p. 94) relembra muito bem "o sacrifício de Abraão, pronto para imolar seu filho Isaac" e de que o costume de sacrificar vítimas aos deuses fazia parte também da religião católica, coisa que parece que nem Hernán Cortés, nem Hancock, lembraram. E que quando Deus disse a Abraão que poupasse Isaac, não desistiu totalmente de um sacrifício, apenas trocou o menino por uma ovelha, que foi imolada em seu nome. Até hoje, comemos o corpo de Cristo, mesmo que simbolicamente, e de que bebemos seu sangue, rastros, quem sabe, de uma antiga antropofagia.

Ao representar uma Malinche que teria ajudado os espanhóis porque os sacrifícios humanos a revoltava, sempre é bom lembrar que Malinche foi criada nessa cultura ou em alguma outra similar. Não importando se ela fosse mexica, nahuatl ou maia, tlaxcalteca ou cholulteca, todos eles faziam sacrifícios humanos aos deuses. Como ela cresceu em uma dessas culturas, e só se tornou cristã após a chegada dos espanhóis, também acreditava ser necessário o oferecimento de sangue humano aos deuses, para fortalecê-los. Esse, com certeza, não foi o motivo que fez com que Malinche passasse para o lado dos espanhóis. Os sacrifícios

humanos não a repugnavam, pois fazia parte da religião na qual acreditava, na qual crescera acreditando.

Hancock (2013), em um excerto, escreve que, quando estava perto de ser esfaqueada por Montezuma, no altar do deus Huitzilopochtli, Malinali o olhou nos olhos.

Convém lembrar que as vítimas não eram oferecidas aos deuses em estado de lucidez; Malinche estaria, provavelmente, sob o efeito de alucinógenos, o que mostra um erro na realidade própria da narrativa. Na diegese, entretanto, Montezuma, após lutar contra o medo que sentiu ao olhar nos olhos dela, sentiu dor no seu intestino e, após conseguir controlá-los, a ambos, o medo e o intestino, prepara-se para enfiar-lhe a faca quando a vê sorrir. Mais surpreendente ainda para o *tatloani* foi que ouviu a voz do deus ordenando que ela deveria ser poupada, pois tinha um importante trabalho a realizar. Malinali, então, contou ao governante asteca que tinha sido usada sexualmente por seu sacerdote. Depois de ter ouvido o deus e logo a Malinche, Montezuma, nervoso e ansioso, sentiu-se mal: “Outra cãibra devastadora atingiu seu estômago e uma bolha de ar azedo sai de sua boca, ele tomou sua decisão” (HANCOCK, 2013, p.185, tradução nossa).³⁸⁴ Ainda tentou matá-la, mas foi impedido pelo deus, que o paralisou e sufocou. Ela consegue sair do altar de sacrifício, com a amiga Tozi e Coyotl. Como lição dos eventos, Tozi descobriu seu poder mental de controlar a mente dos outros e assim entrara na mente de Montezuma fazendo com que ele ouvisse a voz do deus. A personagem, inteiramente fictícia, soube como aproveitar-se do medo dos outros, “entendeu o novo poder que encontrou. Foi o poder de ampliar o medo do outro. Ela o dirigiu a Montezuma e ampliou seu medo de que seus intestinos o traíssem.” (HANCOCK, 2013, p.196).³⁸⁵ Entendeu também que o deus da guerra exigiu, ele mesmo, devido à comunicação direta com Montezuma, que este libertasse Malinche, para que ela fizesse o trabalho que deveria fazer, nomeadamente, encontrar Cortés. Tozi, raciocinando sobre os acontecimentos, conclui que esse era o trabalho que ela e Malinal tinham reservado para si, pelo deus Huitzilopochtli.

³⁸⁴ “Another devastating cramp gripped his stomach and a bubble of sour air burst from his mouth, he made his decision.” (HANCOCK, 2013, p.185).

³⁸⁵ “understood the new power she had found. It was the power to magnify other’s fear. She had directed it at Montezuma and magnified his fear that his bowels would betray him.” (HANCOCK, 2013, p.196).

Tozi mandou Malinche de volta a Potochan para que trouxesse o deus Quetzacoatl, (Cortés) o único que pararia os sacrifícios humanos, já que esse deus era contrário a essa prática, o que não tem lógica, porque bastaria que o deus Huitzilopochtli, que tinha um canal aberto diretamente com a mente de Montezuma, dissesse a este para parar com os sacrifícios. Entretanto, aí estaria uma explicação um direcionamento para o desenrolar da história: Malinche encontraria Hernán Cortés, falaria a ele sobre a lenda de Quetzacoatl, sobre a crença de Montezuma na volta deste deus e o faria acreditar que Hernán era o deus que retornava; Montezuma o receberia, o deixaria entrar em Tenochtitlan, sem usar seus soldados, seu imenso exército. Malinche seria a responsável direta pelo aniquilamento de Tenochtitlan e dos astecas.

O escritor a representa como uma conhecedora da lenda de Quetzacoatl: “Se foi puro acaso ou se algum desígnio incrustável esteve em ação, Malinal acabou, eventualmente, ensinando Cortés a explorar o mito de Quetzacoatl.” (HANCOCK, 2013, p. 511).³⁸⁶ Ela teria, não somente, servido de intérprete a Hernán Cortés, como o dirigiu a aproveitar-se da lenda para entrar em Tenochtitlán e ser recebido por Montezuma. Segundo Hancock (2013,) legítimo representante da mentalidade europeia, São Pedro pede a Hernán Cortés que destrua os indígenas de Potochan: “Você deve punir os maus caminhos dos índios de Potochan. Você deve colocar minha vingança sobre eles. Você deve destruí-los completamente até que seus mortos estejam no chão. Só então você vai ganhar sua recompensa” (HANCOCK, 2013, p. 320, tradução nossa).³⁸⁷ Parece lógico para o escritor, defensor do mito da superioridade branca, que São Pedro, pertencente à igreja que defende que é mais fácil um camelo passar pelo buraco de uma agulha do que um poderoso, alguém que possuísse devoção à riqueza material entrar no reino dos céus, se postasse ao lado do branco europeu. Seria inconcebível que o Santo preferisse ficar ao lado de milhares de indígenas que nada mereciam exceto serem destruídos, já que eram reles seres delegados à condição de incultos e bárbaros. Destruí-los seria um fato merecedor de recompensas, não só as divinas, como as riquezas materiais que

³⁸⁶“Whether this was pure chance or whether some incrustable design might have been at work, Malinal would eventually teach Cortés how to exploit the myth of Quetzacoatl.” (HANCOCK, 2013, p.511).

³⁸⁷“You must punish the wicked ways of the Indians of Potochan. You must lay my vengeance upon them. You must destroy them utterly until their dead lie thick upon the ground. Only then will you earn your reward.” (HANCOCK, 2013, p. 320).

Cortés salivava por colocar as mãos, assim que os destruísse. Nada mais digno que um santo da igreja católica intervir para que a destruição acontecesse e que fosse completa. Seguindo a narrativa, percebemos a legitimação e a validação do pensamento baseado no colonialismo que confirma a verdade irrevogável da história: Hernán Cortés era o ungido, o escolhido dos santos e de Deus, ao passo que os seriam indígenas criaturas ignorantes e ferozes e que certamente não tinham almas e que não mereciam nada além de serem vencidos e destruídos.

Antes que os espanhóis se deparassem com Malinche, eles encontram Jerônimo de Aguilar, (p.351) espanhol, por anos vivendo entre os indígenas e que passa a servir de intérprete dos espanhóis. Enquanto isso Montezuma lutava, ainda, com seu estômago: “seu estômago estava constantemente perturbado, movimentado, inclinado a estranhos resmungos e uivos, como se tivesse tomado uma vida própria. Só quando ficava cheio até à saciedade ficava quieto por um breve momento e lhe dava paz.” (HANCOCK, 2013, p. 358, tradução nossa).³⁸⁸

Para sentir o estômago em paz, ele deveria comer “um cozido da coxa de um menino delicado que ele havia sacrificado ao amanhecer” (HANCOCK, 2013, p. 358).³⁸⁹ Montezuma não era somente um assassino, carniceiro, que pessoalmente enfiava facas em suas vítimas; era um açougueiro, que matava, tirava certos Cortés da vítima e levava para que seus cozinheiros servissem no jantar.

Mas, seu estômago, apesar de trazer a ele incômodos desde o começo da narrativa, não era o menor de seus problemas. O escritor decidiu que Montezuma tivesse também problemas de ereção, pois “seu *tepulli* parou de funcionar como deveria e nem suas esposas, nem mesmo as mulheres mais atraentes em seu harém, o persuadiam a ter uma ereção” (HANCOCK, 2013, p. 359, tradução nossa).³⁹⁰

Montezuma continuaria a ter problemas, o que se evidencia por Malinche estar prestes a encontrar Hernán Cortés. Quando ela chega a Potochan e toma conhecimento dos assassinatos cometidos pelos espanhóis, ela sugere ao povo que foge pelas estradas, que eles seriam deuses e não homens, mas esses respondem

³⁸⁸ "His stomach was constantly disturbed, bustling, inclined to strange grunts and howls, as if he had taken a life of his own. Only when it was filled to fullness would it be quiet for a brief moment and give it peace." (HANCOCK, 2013, p. 358).

³⁸⁹ "one cooked from the thigh of a delicate boy he had sacrificed at dawn" (HANCOCK, 2013, p. 358).

³⁹⁰ "his *tepulli* has ceased his function as it should and neither his wives, nor even the most appetizing females in his harem had coaxed him to an erection." (HANCOCK, 2013, p. 359).

a ela que são homens, pois matam como homens, comem como homens e cheiram como homens. (HANCOCK, 2013, p.380). Mesmo assim, ela vai atrás dos espanhóis, é capturada como escrava e vê a luta entre maias e os espanhóis: “Se eles não eram deuses, ela pensou, esses espanhóis certamente provavam ser corajosos, com habilidades de luta excepcionais, de fato quase super-humanas.” (HANCOCK, 2013, p.463, tradução nossa).³⁹¹ Malinali, indígena, reconhece a superioridade bélica dos estrangeiros e deseja que eles vençam:

Estranhamente ela achava que sua lealdade aos maias tinha se tornado tão desapegada que ela realmente queria que os espanhóis ganhassem? Bem, porque não? O que seu próprio povo - até mesmo sua mãe - fez por ela? Eles a enviaram para a escravidão e humilhação e perigo e quando ela retornou, eles a escravizaram novamente. Eles mereciam o castigo que os homens brancos lhes infligiam. Eles mereciam perder essa batalha (HANCOCK, 2013, p.463, tradução nossa).³⁹²

Ela não odiava somente os astecas, como também os maias, que Hancock (2013) decidiu representar como se fosse seu povo de origem e nascimento. Novamente, ou a diegese ou Malinche apresenta-se problemática. Todas as pessoas amam seus povos, com raras exceções, e tendem à xenofobia. Para Hancock, de um ponto de vista que se lança de uma hegemonia da raça branca, parece óbvio que Malinche odiasse os astecas, os maias, os cholultecas, enfim, tudo que tivesse a ver com sua própria raça. O natural é que Malinche odiasse o estrangeiro que chegava, obviamente com intenções de usurpação, fosse das riquezas, fosse das terras. Por mais inocente que Malinche fosse, deve ter percebido isso. Malinche poderia odiar umas poucas pessoas que a escravizaram, se isso fosse uma verdade e não uma fantasia de Bernal Díaz ou dela própria para encantá-lo e fazê-lo acreditar que era uma nobre. Entretanto, não poderia, contra todas as probabilidades, odiar todo o seu povo, sua terra, sua cultura e suas crenças a ponto de querer entregar tudo a estrangeiros. Alguém ali ela deveria amar, a alguém ela deveria admirar, por toda a lógica que a acompanha.

³⁹¹ “If they were no gods, she thought, these spaniards certainly proving themselves to be brave men, with exceptional, indeed almost superhuman, fighting skills.” (HANCOCK, 2013, p.463).

³⁹² Weirdly she found her loyalty to the Maya had become so detached that she actually wanted the Spaniards to win? Well, why not? What had her own people - even her own mother - ever done for her? They had sent her into slavery and humiliation and danger and when she had returned, they have slaved her again. They deserved the punishment the white men were inflicting on them. They deserved to lose this battle. (HANCOCK, 2013, p.463).

Após perder a batalha contra os espanhóis os maias doam Malinche para os vencedores, com outras dezenove jovens mulheres, tal qual já foi narrado por Bernal Díaz. (HANCOCK, p.487). E, com a ajuda de Aguilar, ela tentou falar sobre o deus Quetzacoatl, sobre Cortés representá-lo em uma forma humana. Ela diz também que estava disposta a levá-lo até Tenochtitlan, para tomar o lugar do usurpador, Montezuma e que, lá, na capital dos astecas, os espanhóis achariam muito ouro.

Ela propôs que Aguilar traduzisse para o espanhol as palavras que Malinal traduziria do nahuált.

Malinche se referiria a Montezuma como usurpador, entretando ele foi o legítimo herdeiro do trono, filho de Axayácatl e substituiu seu tio Ahuitzotl, era um literato, mas também foi um guerreiro, sacerdote e chefe da Calmecac, uma escola das classes superiores. Não havia nem questionamento sobre outros possíveis herdeiros ou rumores de que ele houvesse usurpado o trono de alguém.

A história prossegue e Aguilar não só não traduziu suas palavras, como pediu aos guardas de Cortés a atirassem na rua.

Logo após ela foi doada a Alonso PuertoCarrero, um dos capitães de Hernán Cortés. Hancock (2013) chega, em sua ficção, à mesma conclusão que Robert Somerlott (1992) chegou: Aguilar teria sentido ciúmes de Malinche e não disse a Cortés que ela falava nahuált fluentemente, ainda que isto não tivesse a conotação sexual dada por Somerlott. Mas, ele logo saberia que ela falava aquela língua: “Quando ele o fizesse, ela estaria lá, para ocupar seu lugar de direito na história.” (HANCOCK, 2013, p.505, tradução nossa).³⁹³

Ao final do primeiro livro de Hancock (2013), percebe-se que ele não se sentiu atraído especialmente pelo personagem histórico Malinche, como outros escritores que a escolheram. Malinche torna-se apenas um instrumento representativo para fazer com que o personagem fictício Montezuma pague pelos sacrifícios humanos que, historicamente, infligiu sobre os outros povos vizinhos, apesar de que se sabe que Montezuma evitou, o que pode, que houvesse derramamento de sangue, mesmo quando foi aprisionado por Cortés e seus espanhóis:

Tendo os espanhóis chegado à sua capital, o comportamento de Montezuma é ainda mais singular. Não somente ele se deixa prender por Cortez e seus homens [...] com o punhado de homens que tem prende o imperador asteca, cercado pelo poderoso exército asteca); como também,

³⁹³ “When he did, she would be there to take her rightful place in history.” (HANCOCK, 2013, p.505).

uma vez preso, só se preocupa em evitar qualquer derramamento de sangue. (TODOROV, 2003, p. 32).

Hernán Cortés é representado como o herói, o cavaleiro do bem, a serviço de Deus, que consegue, com a ajuda ansiosa de Malinche, acabar com seu antagonista, o personagem do mal, Montezuma, o anticristão.

Segundo autores e romancistas, como por exemplo *Malinche* de Laura Esquivel, do nosso corpus literário, e aqui se inclui *War God: Return of the plumed serpent*, livro II de Graham Hancock (2014) Malinche falou a Cortés sobre a profecia do retorno de Quetzacoatl, o deus serpente emplumada que viria do Leste. O espanhol aproveitou-se de uma lenda, que conheceu de antemão, para entrar em Tenochtitlán e apresentar-se a Montezuma, que acreditava ser ele o deus que retornava. Fazemos aqui uma analogia entre as ações de Cortés e Colombo, que por saber que um eclipse logo aconteceria, disse aos índios que se não lhe trouxessem comida, roubaria a lua. Cortés usou de um estratagema parecido.

Aliás, a única comunicação real mente eficaz que ele estabelece com os indígenas baseia-se em sua ciência das estrelas: é quando, numa solenidade digna de Tintin, se aproveita do fato de conhecer a data de um eclipse iminente da Lua; encalhado na costa jamaicana há oito meses, não consegue mais convencer os índios a trazer mantimentos gratuitamente; então, ameaça roubar-lhes a Lua, e na noite de 29 de fevereiro de 1504, começa a cumprir a ameaça, diante dos olhos assustados dos caciques... O sucesso é imediato. Mas duas personagens coexistem em Colombo (para nós), e quando o ofício de navegador não está mais em jogo a estratégia finalista torna-se preponderante em seu sistema de interpretação: não se trata mais de procurar a verdade, e sim de procurar confirmações para uma verdade conhecida de antemão (ou, como se diz, tomar desejos por realidade). (TODOROV, 2003, p.12).

Ao conhecer a lenda, fez acreditar que seria o deus que retornava e exigiu ouro. Montezuma, assustado como os caciques que viam a lua desaparecer, cedeu aos pedidos de Cortés, o convidou a entrar e entregou-lhe o ouro. Se a lenda existia ou não, antes da chegada dos espanhóis, não se pode ter certeza, mas é provável.

Muitas lendas indígenas nos falam de um homem branco, loiro e barbudo, que teria sido um rei que partiu, não se sabe ao certo o motivo, e que os astecas e muitos outros povos indígenas esperavam que retornasse e sobre ele escreve Jean-Claude Valla (1976). Diz o escritor que essas lendas míticas sobre um deus branco, na América Central e América do Sul pré-colombianas apresentam um encadeamento de fatos, semelhanças e ligações e que, portanto, não poderia ser apenas coincidências. Diz ele que no planalto de Anahuac, hoje cidade do México, viviam tribos neolíticas, e que uma delas prosperou sob as ordens de um soberano,

que lhes deu leis e ordens: eram os toltecas e esse soberano tinha o nome de Quetzacoatl. Todorov (2013) nos diz que os astecas não eram, na verdade, descendentes dos toltecas, mas que apenas fingiam sê-lo: “os astecas se comprazem em se apresentar como sucessores legítimos dos toltecas, a dinastia anterior, quando, na verdade, são usurpadores, recém-chegados” (TODOROV, 2003, p. 32). Sobre as memórias históricas dos toltecas³⁹⁴ e outras nações de Anahuac, e a lenda de Quetzacoatl também nos falam Clavijero (2013) e Sahagún (2009), (1982).

Valla (1986) escreve, sobre o deus serpente emplumada: “As ruínas de Chichen Iza revelaram-nos a data de fundação da cidade por Quetzacoatl: Katun 4 ahau, quer dizer, ano 987 da nossa era, o que nos permite fixar por volta do ano 967 sua chegada a Panuco” (VALLA, 1986, p. 51). Ele nos explica quem era Quetzacoatl e qual era sua origem:

Era, segundo as descrições que temos, um nórdico e, se a forma de seus barcos não se devia a uma simples coincidência, um escandinavo. Melhor ainda: chamava-se, sem dúvidas Ullman, o homem de Ull, deus dos caçadores de origem germânica. [...] essa terra de origem seria o país de Olman. [...] Olman, Ulman, logicamente só pode ser o nome do país de Quetzacoatl-Kukulcan ou o próprio nome deste ultimo. Não existe na Europa nenhum nome de lugar desse gênero. Em compensação, Ullman é um nome próprio escandinavo que se encontra ainda hoje. Tudo parece indicar então que o rei branco dos toltecas se chamava Ulman. Entretanto, foi sob o nome de Quetzacoatl que os mexicanos, após sua partida, o divinizaram, mais ou menos confundido com seu deus supremo, Ollin Tonatiuh. (VALLA, 1986, p. 51).

³⁹⁴ Foi então (século VIII), que entraram em cena, pela primeira vez na história do México, os povos de língua nahuatl, que a partir daí viriam a desempenhar um papel predominante. Oriundos do norte, os toltecas fundaram sua cidade, Tula, sobre o local da aldeia otomi chamada Mamêhni, em 856 d.C, segundo a cronologia tradicional. É provável que os primeiros imigrantes toltecas, ainda bárbaros e pouco numerosos, tenham aceitado durante mais ou menos um século, de certo modo voluntariamente, a hegemonia de uma classe sacerdotal originária de Teotihuacán e fiel à tradição teocrática da era clássica. É isso que simboliza, nos relatos histórico míticos, o rei-sacerdote Quetzalcoatl, a Serpente de Plumas, que falava, segundo se conta, uma língua diferente do nahuatl, proibia sacrifícios humanos, celebrava o culto do deus da chuva e se mostrava profundamente bom e virtuoso em todas as circunstâncias. Mas, com a chegada de sucessivas vagas migratórias provenientes do norte, esse frágil equilíbrio iria se romper. Os indígenas do norte traziam consigo novas idéias e novos ritos: a religião astral, o culto da Estrela da Manhã, a noção de guerra cósmica, os sacrifícios humanos e uma organização social militarista. Todo esse complexo está simbolizado no deus-feiticeiro Tezcatlipoca, deus da Grande Ursa, do céu estrelado, do vento noturno e protetor dos guerreiros. O ciclo épico de Tula evoca uma série de conflitos, guerras civis e encantamentos, graças aos quais Tezcatlipoca consegue banir Quetzalcoatl em 999; o rei derrotado parte para o exílio em direção ao misterioso "país negro e vermelho", Tlillan Tlapallan, que se acreditava situar-se além do "mar divino", por trás do horizonte oriental. (SOUSTELLE, 1987, p. 11). Os astecas procuraram um soberano da Unha tolteca de Colhuacán: assim, sua dinastia se religaria ao da prestigiosa idade do ouro de Tula. Esse soberano, Acamapichtli ("Punho de Bambu"), foi entronizado em 1375. (SOUSTELLE, 1987, p. 16).

Montezuma pode ter acreditado na volta de um deus branco. Esse pode ter sido o motivo de ele ter deixado Hernán Cortés e seus espanhóis entrarem em sua capital, sem acionar seus duzentos mil soldados.

Escreve Todorov (2003):

Em certas crônicas, Montezuma é descrito como um homem melancólico e resignado; afirma-se também que é corroído pela má consciência, expiando em sua pessoa um episódio pouco glorioso da história asteca mais remota: os astecas se comprazem em se apresentar como sucessores legítimos dos toltecas, a dinastia anterior, quando, na verdade, são usurpadores, recém-chegados. Este complexo de culpa nacional teria feito com que ele imaginasse que os espanhóis eram descendentes diretos dos antigos toltecas, que teriam vindo recuperar seus bens? Veremos que, neste caso também, a ideia é em parte sugerida pelos espanhóis, e é impossível afirmar com certeza que Montezuma acreditasse nisso. (TODOROV, 2003, p. 32).

Impossível saber com certeza se Montezuma acreditou que os que chegavam eram descendentes dos toltecas e que voltavam para reclamar o trono. O certo é que ele vacilou, não tomou uma decisão rápida e definitiva para impedir os invasores, e sobre isso falam muitos cronistas e historiadores. Nem mesmo quando Cortés saiu da capital, ele tentou agir contra ele e seus homens: procura impedir por todos os meios que a guerra se instale em sua cidade: prefere abandonar seu poder, seus privilégios e suas riquezas.

Mesmo durante a breve ausência de Cortez, quando este vai enfrentar a expedição punitiva enviada contra ele, não tentará se aproveitar da situação para livrar-se dos espanhóis. [...] A personagem Montezuma tem certamente algo a ver com esta não resistência ao mal. No entanto, esta explicação é válida unicamente para a primeira metade da campanha de Cortez, pois Montezuma morre no decorrer dos acontecimentos, de modo tão misterioso quanto tinha vivido (provavelmente apunhalado por seus carcereiros espanhóis). (TODOROV, 2003, p. 33).

Evitou o derramamento de sangue dos espanhóis e de seu povo; só não conseguiu evitar o seu próprio e mesmo assim foi representado, pelo romancista Graham Hancock (2014), como um açougueiro, carnicheiro que passava o dia inteiro a esquartejar pessoas. A maneira que Hancock (2014) escolheu para explicar esse Montezuma vacilante foi fazer com que uma bruxa, Tozi, com poderes mágicos de desaparecer e manusear as mentes das pessoas, manipulasse a mente de Montezuma, para tirar-lhe a capacidade de reagir:

Tozy julgou que o risco valeria a pena para encher as noites de Montezuma com sonhos arrepiantes e seus dias com pavores inomináveis, gradualmente corroendo sua autoconfiança e atormentando-o com a incerteza. Seu objetivo era torná-lo fraco, tímido e ineficaz, de modo que ele seria incapaz de lutar quando chegasse a hora - que devia chegar logo - do retorno de Quetzacoatl, o deus da paz, que daria início a uma nova era, livre

de sacrifícios humanos, livre de tortura, livre de escravidão, livre de dor, livre de sofrimento. (HANCOCK, 2014, p. 32, tradução nossa)³⁹⁵

O tempo de paz que a personagem do livro *War God: Return of the plumed serpent*, Tozi, imaginou e esperou que viesse, se sabe que não foi possível. Graham Hancock (2014), ao escrever as notas finais ao leitor, menciona, acuradamente, um fato indiscutível: “É um fato histórico que, no prazo de cinquenta anos após a conquista espanhola, a população indígena do México foi reduzida através da guerra, da fome e da introdução de doenças de trinta milhões para apenas um milhão.”³⁹⁶ (HANCOCK, 2013, p. 435, tradução nossa). Desgraçadamente, por mais fértil que seja uma imaginação, nenhum escritor seria capaz de mudar esse fato histórico que nos leva à conclusão de que a entrada dos espanhóis no México foi uma hecatombe, uma agonia.

Os espanhóis ficaram e por consequência vinte e nove milhões de indígenas pereceram; os que ficaram e seus descendentes, têm, em suas memórias e mitos, nomes que permanecerão entrelaçados: Hernán Cortés e Malinche e, em suas praças e ruas, estátuas de um herói que resistiu enquanto pode, Cuauhtémoc, mas não pode vencer as emboscadas e estratégias dos espanhóis.

À época de Las Casas (2006) escrever sobre as injustiças e extermínio dos indígenas pelos espanhóis, a mortandade por guerras, doenças e trabalho escravo já eram em imenso número: “Podemos dar conta boa e certa que em quarenta anos, pela tirania e ações diabólicas dos espanhóis, morreram injustamente mais de doze milhões de pessoas” (LAS CASAS, 2006, 58).

Os espanhóis escravizaram os indígenas de todos os povos, não foram somente os astecas que pereceram.

Tzvetan Todorov em seu livro *A conquista da América: a questão do outro*, pergunta: “Quais são os motivos imediatos que levam os espanhóis a essa atitude?” (TODOROV, 2003.p. 79). Questão difícil que o escritor tenta responder: “Um é,

³⁹⁵ Tozy judged the risk worth taking to fill Montezuma’s nights with chilling dreams and his days with nameless dreads, gradually eating away at his self-confidence and plaguing him with uncertainty. Her purpose was to render him weak, timid and ineffective, so he would be unable to put up a fight when the time came - as it soon must - for the return of Quetzacoatl, the god of peace, who would usher in a new age free of human sacrifices, free of torture, free of slavery, free of pain, free of suffering. (HANCOCK, 2014, p. 32).

³⁹⁶ “It is a historical fact that within fifty years of the Spanish conquest the indigenous population of the Mexico has been reduced through war, famine and introduced diseases from thirty million to just one million.” (HANCOCK, 2013, p.435).

incontestavelmente, o desejo de enriquecer, rapidamente e muito, o que implica tratar com negligência o bem-estar e até a vida dos outros: torturam para arrancar o segredo sobre os esconderijos dos tesouros; exploram para obter benefícios.” (TODOROV, 2003.p. 79). Ficar rico parece ser uma das principais motivações. Somete enriquecer não poderia justificar tanta barbárie eles impetraram contra os astecas. O autor nos traz outras explicações:

De qualquer modo, o desejo de enriquecer não explica tudo, longe disso; e se é eterno, as formas que toma a destruição dos índios, assim como suas proporções, são inéditas, e às vezes excepcionais; a explicação aqui é insuficiente. Não se pode justificar o massacre de Caonao por uma cobiça qualquer, nem o enforcamento das mães nas árvores, e das crianças nos pés das mães; nem as torturas nas quais a carne das vítimas é arrancada com tenazes, pedaço por pedaço; os escravos não trabalham mais se o senhor dormir com suas mulheres por sobre suas cabeças. É tudo como se os espanhóis encontrassem um prazer intrínseco na crueldade, no fato de exercer poder sobre os outros, na demonstração de sua capacidade de dar a morte (TODOROV, 2003.p. 79).

Por mais que se debata sobre as motivações que leva o homem à crueldade, não se chegaria a uma conclusão única e esse não é o objetivo desse trabalho. O que nos relembra esses ímpetos da natureza humana é a relação que eles têm com a representação de Malinche, o que a induziu a participar dos eventos que se seguiram no México e o que a leva a ser lembrada até hoje, por tantos escritores quando nos referimos a esse período de invasão dos espanhóis, o extermínio dos astecas e a colonização que se seguiu, no México.

“Meu interesse principal é mais o de um moralista do que o de um historiador. O presente me importa mais do que o passado.” Assim, Todorov (2003, p.4) justifica a escolha do tema ao escolher as “conquistas”, os astecas, Hernán Cortés e Malinche como objeto de estudo do maior genocídio da história da humanidade que o século XVI viu perpetrar.

Malinche falou a Cortés sobre a profecia do retorno de Quetzacoatl, o deus serpente emplumada que viria do Leste. Podemos dizer que ele aproveitou-se de uma lenda, que conheceu de antemão, para entrar em Tenochtitlán e apresentar-se a Montezuma, que acreditava ser esse o deus que retornava. Podemos fazer uma aproximação de Colombo, que por saber que um eclipse logo aconteceria, disse aos índios que se não lhe trouxessem comida, roubaria a lua. Cortés usou de um stratagema parecido. Seria o deus que retornava e exigia ouro.

Aliás, a única comunicação real mente eficaz que ele estabelece com os indígenas baseia-se em sua ciência das estrelas: é quando, numa solenidade digna de Tintin, se aproveita do fato de conhecer a data de um

eclipse iminente da Lua; encalhado na costa jamaicana há oito meses, não consegue mais convencer os índios a trazer mantimentos gratuitamente; então, ameaça roubar-lhes a Lua, e na noite de 29 de fevereiro de 1504, começa a cumprir a ameaça, diante dos olhos assustados dos caciques... O sucesso é imediato. Mas duas personagens coexistem em Colombo (para nós), e quando o ofício de navegador não está mais em jogo a estratégia finalista torna-se preponderante em seu sistema de interpretação: não se trata mais de procurar a verdade, e sim de procurar confirmações para uma verdade conhecida de antemão (ou, como se diz, tomar desejos por realidade). (TODOROV, 2003, p.12).

Graham Hancock representa uma Malinal que tentava chamar a atenção de Cortés, a quem ela já não acreditava ser um deus, mas queria enviá-lo para combater Montezuma como se fosse o deus Quetzacoatl e viu sua oportunidade quando ele precisou de tradutor que falasse nahuált. Com isso, como primeira regalia, ela ficou desobrigada dos trabalhos na cozinha. Passou a aprender castelhano com um menino, Pepillo, que fazia parte da expedição. Com as palavras que tinha aprendido e com a ajuda de Aguilar, ela falou a Cortés sobre sua história e de como o deus Huitzilopochtli a salvou para que ela fosse atrás do deus Quetzacoatl e o trouxesse para derrotar Montezuma, uma vez que o deus dos espanhóis seria mais forte que o próprio Huitzilopochtli: “Acho que talvez seja porque o seu deus, o deus dos cristãos, é mais poderoso que o Hummingbird. Acho que ele fez Moctezuma nos libertar para que pudéssemos ajudá-lo a derrotá-lo.” (HANCOCK, 2014, p. 67, tradução nossa).³⁹⁷ Talvez fosse mais fácil para o deus Huitzilopochtli matar Montezuma, ou dizer a ele que não queria mais sacrifícios humanos, ou ir atrás de Hernán Cortés e convencê-lo a acabar com os sacrifícios humanos e libertar todos os indígenas do pagamento de tributos aos astecas e medo do altar do sacrifício, ou ir ao encontro diretamente com o deus cristão e pedir-lhe ajuda. Mas um escritor decide como quer conduzir sua história e seus personagens.

Cortés admitiu que a ideia de passar-se pelo deus era realmente possível, já que Malinal o ajudara muito, com descrições que ela havia fornecido nos últimos dias sobre a vasta riqueza dos mexicas e suas casas de tesouros cheias de ouro, prata e joias - o que o fez mais determinado a visitá-los - juntamente com seus relatos de sua religião vil e diabólica, com seu vício em sacrifício humano, o que era

³⁹⁷ “I think, perhaps, it is because your god, the god of the Christians, is more powerful than Hummingbird. I think he made Moctezuma release us so we could help you to defeat him.” (HANCOCK, 2014, p. 67).

uma abominação e que era seu dever, como Cristão, reprimir. (HANCOCK, 2014, p. 67, tradução nossa).³⁹⁸ Cortés, se viu impelido a acabar com os sacrifícios humanos e, *en passant*, pegaria, para si, seus homens e seu rei, ouro, prata e jóias. Não se pode esquecer de mencionar, e talvez ele ainda não soubesse, Malinal ainda não tinha contado, mas estava no *script*, poderia fazer escravos para as lavouras e minas, daqueles que não morressem durante a invasão.

A lição sobre os mexicas ainda não tinha acabado. Malinal falou a Cortés sobre a lenda de Quetzacoatl, acentuando que conhecimento fará dos espanhóis vencedores:

Eu lhe falarei sobre este deus que é chamado Quetzacoatl, a serpente emplumada - não só porque o que eu tenho que dizer sobre ele prova que não é uma coincidência que me trouxe aqui, mas também porque se vocês espanhóis se armarem com conhecimento, ajudará vocês a terminar com os grandes exércitos dos astecas e destruir suas cidades poderosas e tomar sua riqueza e torná-la sua e acabar para sempre seu reinado cruel nessas terras. (HANCOCK, 2014, p. 68, tradução nossa).³⁹⁹

Em Hancock (2014) a chegada de Cortés, no mesmo ano que estava prevista o retorno do deus Quetzacoatl era o cumprimento da vontade do deus cristão para levar os espanhóis para o caminho da vitória (p. 69). Cortés pergunta à Malinche como deve agir, se deveria se fazer passar pelo deus, o que ele não faria, pois mentir e enganar seria contrário à fé cristã. Ela o aconselha a não mentir, dizer a verdade, que era apenas um homem:

Mas saiba, enquanto você diz essas coisas, que os mexicas acreditam que seus deuses são trapaceiros, muito enganosos e desonestos, grandes amantes de máscaras e disfarces, que gostam de fingir ser os outros do que são [...] Então diga que você é um homem, mas aja como um deus, esse é o meu conselho para você. (HANCOCK, 2014, p. 69, tradução nossa).⁴⁰⁰

³⁹⁸Cortés allowed that this was indeed possible, since Malinal had already helped him a great deal with descriptions she had provided over the past days about the vast wealth of the Mexica and their treasures houses filled with gold, silver and jewels - which made him all the more determined to visit them - coupled with her accounts of their vile and diabolical religion, with its addiction to human sacrifice, which was an abomination and which was his duty as a Christian to suppress. (HANCOCK, 2014, p. 67).

³⁹⁹I will tell you about this god who is called Quetzacoatl, the plumed serpent - not only because I have to say about him proves that it is not coincidence that brought me here, but also because if you Spaniards arm yourselves with Knowledge, it will help you to lay low the great armies of the Mexica and destroy their powerful cities and take their wealth and make it yours and end forever their cruel and evil reign in these lands. (HANCOCK, 2014, p. 68).

⁴⁰⁰But know while you say these things, that the Mexica believe their gods to be tricksters, very deceitful and dishonest, great lovers of masks and disguises, who like to pretend to be others than what they are [...] So say you are a man, but act like a god, that is my advice for you. (HANCOCK, 2014, p. 68).

Cortés foi aconselhado por Malinal, a não mentir, já que isso contrariava sua fé; a mentira de que ele era o deus viria da própria imaginação enganosa dos astecas. Ele diria a verdade, mas não impediria de que os outros acreditassem em uma mentira, inclusive agiria de maneira a persuadi-los disso, deixaria que se convencessem que ele era o deus branco que retornava.

Quando a delegação dos astecas, enviados por Montezuma chega para ver Cortés, Malinal já está dando ordens ao “Caudilho”: “Eles devem esperar”, disse ela em maia. “Diga ao caudilho! Deixe-me ver quem eles são primeiro, então eu aconselharei. (HANCOCK, 2014, p. 70, tradução nossa).⁴⁰¹ Aqui, Hancock (2014) coloca Malinal em primeiro plano, responsável pelos atos que se sucederão. Ela escolhe o que fazer e como fazer. De escrava submissa, que serve submissamente em todas as esferas, à senhora da situação, capaz de dizer ao líder dos espanhóis que a partir dali, ela será a líder deles, porque ela sabe como prosseguir para que a conquista se dê.

Apesar do conhecimento da delegação, de sua língua e do que representavam para a sociedade asteca e do papel que vieram representar e de poder organizar a recepção deles de maneira a pensarem que Cortés era um deus, Malinal é representada como alguém capaz de credices e superstições e cabe ao esclarecido Cortés iluminá-la:

Essas criaturas curiosas, disse Malinal, são feiticeiros da corte de Montezuma, e foram enviadas para lançar feitiços malignos e geralmente prejudicam os espanhóis. Ela parecia acreditar que eles poderiam ser realmente capazes de fazer isso, mas Cortés disse a ela com firmeza que a ideia era risível: “Estamos protegidos”, disse ele, “pelo próprio Senhor Deus”. (HANCOCK, 2014, p. 71, tradução nossa).⁴⁰²

A sede de ouro⁴⁰³ de Cortés transparece nos mínimos detalhes. Os sacerdotes de Montezuma trazem a ele roupas. Uma delas é enfeitada com o símbolo de *Serpente emplumada* e Malinal o aconselha a que escolha essa, pois seria do gosto de Quetzacoatl. Ele escolhe, mas mostra seu desgosto aos

⁴⁰¹ ‘They must wait,’ she said in Mayan. ‘Tell the caudillo! Let me see who they are first, then I will advise.’ (HANCOCK, 2014, p. 70).

⁴⁰² These curious creatures, Malin said, are Montezuma’s court sorceres, and had been sent to cast evil spells and generally work harm on the Spaniards. She seemed to believe they might really to beable to do this, but Cortés told her firmly that the idea was laughable: ‘We are protected’, he said, ‘by the Lord God himself’. (HANCOCK, 2014, p. 71).

⁴⁰³ Cortés was in his early thirties in 1519. He was a man on the make, eager to find wealth and glory in the New World. (JAGER, 2015, p. 52). Cortés tinha trinta e poucos anos em 1519. Ele era um homem em ascensão, ansioso para encontrar riqueza e glória no Novo Mundo. (JAGER, 2015, p. 52).

sacerdotes porque a roupa contém pouco ouro. Só fica satisfeito quando são oferecidas a ele várias cestas com objetos de ouro. O sacerdote ainda pede para levar um capacete para que Montezuma veja, e Cortés pede que o capacete seja devolvido cheio de grãos de ouro, mas, quando o sacerdote pergunta a ele o que vieram fazer naquelas terras, Cortés, que não pode mentir porque sua religião não permite, não diz que veio pelo ouro, diz que veio pela religião: “porque sua religião, chamada cristianismo, era a única fé verdadeira na terra, e esse era seu dever como cristão em trazer notícias a outros povos ao redor do mundo.” (HANCOCK, 2014, p. 77, tradução nossa).⁴⁰⁴ Ao despedir-se, Cortés dá aos sacerdotes, miçangas, espelhos e tesouras dizendo que quer trocá-las por ouro. Cortés pede ainda que um crucifixo seja colocado no altar dos deuses astecas e o sacerdote se nega, dizendo que tal pedido era inaceitável. Paradoxalmente, os astecas aceitavam todos os deuses estrangeiros em seu panteão, pois era prática asteca incluir deuses estrangeiros em sua estrutura politeísta; “de um politeísmo envolvente, o panteão mesoamericano, tomando-se como base o dos mexica, podia incorporar deuses tomados ou adotados de povos conquistados ou aliados.” (MONTANDON, 2007, p. 59). Portanto, não se negariam a aceitar mais um. Historiadores dizem que Montezuma propôs a inclusão do deus cristão entre os seus quando Cortés exigiu que todos os deuses astecas fossem derrubados. Cortés não aceitou, exigindo que todos fossem derrubados e substituídos.

Antes de chegar à Cholula, os espanhóis precisavam vencer o povo de Tlaxcala, para mostrar poder e conseguir aliados. Quando Cortés diz a Santo Pedro, seu conselheiro onírico, que, para isso, precisará queimar vilas tlaxcaltecas, recebe a bênção:

Terei que espalhar o terror entre eles, devastar suas aldeias e casas e fazendas com fogo e espadas, antes que eles abaixem seus pescoços duros para mim.

"Faça isso", pediu o santo. "Faça isso, meu filho. Você tem a bênção do Senhor."⁴⁰⁵ (HANCOCK, 2014, p. 323, tradução nossa).

E Cortés fez o que o santo pediu a ele, em sonhos: Cortés empunhou a lança: "Matem todos, rugiu [...] Saquearam e queimaram quatro

⁴⁰⁴ because his religion, called Christianity, was the only true faith on earth, and that was his duty as a Christian to bring news of it to other peoples around the world. (HANCOCK, 2014, p. 77).

⁴⁰⁵ I will have to spread terror among them, lay waste their villages and homes and farms with fire and swords, before they bow their stiff necks to me.

'Do it', the saint urged. 'Do it, my son. You have the blessing of the Lord.' (HANCOCK, 2014, p. 323).

aldeias esta manhã. [...] - pés e mãos amputados, mulheres estupradas e assassinadas, velhos castrados, narizes e ouvidos de crianças cortados fora.” (HANCOCK, 2014, p. 325).

Conseguidos os aliados tlaxcaltecas, Cortés parte para Cholula. Ir à Cholula, pois ali havia uma vitória para os espanhóis, foi uma ideia que apareceu a Cortés, segundo o romance, de um sonho que este teve com São Pedro. O santo, frequentador assíduo de seus sonhos, sugeriu que ele fosse para ali, antes de chegar a Tenochtitlan.

Para justificar a mortandade acontecida lá, mais tarde precisaria ter uma justificativa, pois até aqui Cortés foi representado como um guerreiro cristão, protagonista e destinado a vencer e acabar com os sacrifícios humanos. Se não pela coerência interna do romance, no mundo fictício, Cortés seria chamado a se justificar, pelos apelos de Las Casas e por exigência de Carlos V, no mundo real.

Então, lá, em Cholula, cidade adoradora do deus Quetzacoatl, é montado um altar ao deus Huitzilopochtli, sob as ordens de Montezuma e do próprio deus, que mandam para lá um feiticeiro com esse propósito; começa a haver enorme quantidade de sacrifícios humanos: “Acopol impôs sua vontade, em nome de Moctezuma e fez vassalos [...] Eles, inclusive, permitiram que ele construísse um altar para o Hummingbird na pirâmide de Quetzacoatl.” (HANCOCK, 2014, p. 207, tradução nossa).⁴⁰⁶

Segundo Hancock (2014), na noite de 29 de setembro, São Pedro ocupou, mais uma vez, os sonhos de Hernán Cortés para avisá-lo de que teria uma emboscada de Montezuma preparada para quando os espanhóis chegassem à Cholula. O santo poderia ter aconselhado o chefe dos espanhóis a evitar Cholula, mas quem sabe sobre os motivos e os desígnios divinos? O santo conselho foi: "Faça um massacre para Deus em Cholula, meu filho." (HANCOCK, 2014, p. 379, tradução nossa).⁴⁰⁷

Um tlaxcalteca disse a Cortés que os habitantes de Cholula estavam colocando pedras nos telhados das casas, todos esperavam armados para fazer, dos espanhóis, vítimas de sacrifício nos altares. Mesmo com o desejo do santo de

⁴⁰⁶ Acopol has imposed his will on it, in Moctezuma's name and made vassals [...] They've even allowed him to build an altar to Hummingbird on Quetzacoatl's pyramid. (HANCOCK, 2014, p. 207).

⁴⁰⁷ 'Make a massacre for God in Cholula, my son.' (HANCOCK, 2014, p. 379).

exterminar Cholula e com a denúncia do tlaxcalteca, Malinche não foi eximida de participação no massacre. Ela mesma se disfarçou de mulher da cidade e descobriu, andando pelas ruas de Cholula, que havia armadilhas nas vias, cobertas de terra que ela escavou com as mãos, feitas para que os cavalos caíssem e morressem vítimas de estacas escondidas nos buracos disfarçados. Ela ainda soube que vinte homens tinham sido oferecidos em sacrifício aos deuses para obter vitória quando os habitantes atacassem os espanhóis.

Ela também ouviu dizer, o que acreditou ser confiável, que muitas cordas e robustas estacas com coleiras de couro foram recentemente preparadas e armazenadas no arsenal do palácio, prontas para serem usadas para nos manter prisioneiros, bem como redes nas quais vamos ser amarrados e levados para Tenochtitlan para o sacrifício. (HANCOCK, 2014, p. 389, tradução nossa).⁴⁰⁸

De posse de todos esses detalhes que descobriu na caminhada pela cidade, Malinal os levou aos espanhóis. Os espanhóis confrontaram dois caciques da cidade, eles negaram que isso fosse verdade, "mas Malinal, sem alardes, informou o caudilho que eles estavam mentindo" (HANCOCK, 2014, p. 389, tradução nossa)⁴⁰⁹ Os leitores não são informados como a tradutora ficou sabendo, com certeza, que eles estavam mentindo. Mesmo após contar tudo isso aos espanhóis, Malinal se surpreende quando descobre que Cortés decide exterminar Cholula. Ao final do massacre, Malinal assiste de uma sacada, o chão coalhado de mortos; ela "olhou para baixo, para os montes de corpos, a grande piscina e as poças de sangue, os templos em chamas e os soldados espanhóis que fervilhavam por toda parte, acabando com os feridos, através das roupas servindo-se dos pertences dos mortos." (HANCOCK, 2014, p. 400, tradução nossa).⁴¹⁰

Hancock (2014) não desmente *Historia verdadeira* e as cartas de relação de Cortés quando descrevem o encontro de Malinche com a mulher nobre de Cholula e de como ela teria contado do complô armado contras os espanhóis. Entretanto ele não as confirma. O escritor a representa andando pela cidade e obtendo informações nas ruas, mercados e praças e relatando a Cortés. Não pormenoriza o

⁴⁰⁸ She also heard it said, she believes reliable, that many ropes and stout poles with leather collars attached had recently been prepared and stored in the armoury of the palace, ready to be used to hold us prisoner, as well as hammocks in which we are to be tied and carried off to Tenochtitlan for sacrifice. (HANCOCK, 2014, p. 389).

⁴⁰⁹ 'but Malinall informed the caudillo quietly they were lying' (HANCOCK, 2014, p. 389).

⁴¹⁰ 'she looked down on the heaps of bodies, the great pool and puddles of blood, the burning temples and Spanish soldiers swarming everywhere, finishing off the wounded, going through clothing, helping themselves to the belonging of the dead.' (HANCOCK, 2014, p. 400).

que ela conta, não nega e não afirma. Nessas informações que a mulher coleta, poderiam estar aquelas sobre o complô, ou não.

Colocando a origem dessa descoberta diretamente em Malinche, ela se tornaria participante ativa do acontecimento, tirando o protagonismo dos espanhóis. Retirando dela a informação, coloca-a em papel coadjuvante, de simples ajudante sem conhecimento e discernimento do que seria importante daquelas que poderiam ser “bobagem de mulher”; ela não poderia dar-se conta da importância, cabendo ao espanhol a capacidade de julgar a relevância do fato.

Entretanto, ambigualmente, o romancista a faz envergonhar-se dos espanhóis enquanto os assiste agindo como aves de rapina. (HANCOCK, 2014, p. 400). Uma vergonha sem lógica interna, quando Malinche foi representada, páginas antes, como odiando todos os povos indígenas.

No romance de Hancock (2014), o personagem Bernal Díaz também tem uma participação direta no massacre de Cholula, que é representado assassinando muitos e muitos cholultecas: “Díaz provou o cheiro metálico de sangue em sua boca enquanto matava e matava de novo, com o rosto marcado, o braço da espada já doendo.” (HANCOCK, 2014, p. 397, tradução nossa).⁴¹¹

Bernal Díaz mantém seu diário e é sugerido, por um personagem que ele escreva um livro, algum dia, predizendo *História Verdadera de La conquista de la Nueva España* e às várias vezes que o autor, na obra, se *autoproclama inculto*:

No final desta campanha, garanto que você terá uma história incrível para contar. Tenho certeza de que há muitos que vão querer lê-lo.
O que? Uma história de um idiota iletrado como eu?
Bernal Díaz Sempre se sentia muito desconfortável quando soldados faziam piadas sobre seu constante rabiscar. (HANCOCK, 2014, p. 109, tradução nossa).⁴¹²

Hancock (2014), também se refere ao amor conhecido de Bernal Díaz aos romances de cavalaria e a Amadis de Gaula. (p. 109). E ele volta à analogia,

⁴¹¹ ‘Díaz tasted the metallic tang of blood in his mouth as he killed and killed again, his face set, his sword arm already aching.’ (HANCOCK, 2014, p. 397).

⁴¹² By the end of this campaign I warrant you’ll have na incredible story to tell. I’m sure there’s many who woul want to read it.

What? A story by an illittrate idiot like me?

Bernal Díaz Always felt enormously uncomfortable when soldiers made jokes about his constant scribbling. (HANCOCK, 2014, p. 109).

páginas mais tarde, reforçando que, pelo ponto de vista de Bernal Díaz, a aventura era digna de cavaleiros e Malinche a princesa perfeita:

Quatorze cavaleiros contra tantos que pareciam ser lunáticos, mas a verdade era que tudo sobre esse quadro era uma espécie de loucura romântica tiradas diretamente das páginas de Amadis de Gaula, onde os poucos, se tivessem coragem suficiente, podiam, de fato, às vezes contra os muitos. Havia até, pensou Díaz, uma princesa de contos de fadas na forma de Malinal. (HANCOCK, 2014, p. 315) (HANCOCK, 2014, p. 315, tradução nossa).⁴¹³

Também menciona a necessidade do autor de *História Verdadera* em ser levado a sério, ser acreditado, tanto que leva essa palavra no título: O personagem de Hancock pondera sobre o livro, sobre a necessidade que os fatos acontecidos no Novo Mundo devem ser levados a público: “Alguém tem que escrevê-lo, ou em tempos posteriores, nunca terá crédito. Mas se eu escrevê-lo como romance, nunca terá crédito de qualquer maneira.” (HANCOCK, 2014, p. 110).⁴¹⁴

Hancock se mostra leitor de Del Castillo quando dá o tratamento de *doña* a Malinche: “Minha senhora, ele começou. Não era o termo correto para se referir a uma nativa; Puertocarrero, que a possuía, simplesmente a chamava de "mulher" ou "ei, você", mas havia algo elegante, até mesmo aristocrático nela.” (HANCOCK, 2014, p. 137, tradução nossa).⁴¹⁵ Relembrando que em nenhum outro dos trabalhos estudados se acha esse tratamento dado a ela, somente em Bernal Díaz.

No romance de Hancock (2014) Bernal Díaz del Castillo pensa sobre Malinal, e esses pensamentos são quase uma descrição exata dela, como a encontramos em *História Verdadera*:

Ela era de uma grande beleza, o que alguns diriam, já bastava, mas também era forte e esperta - a rapidez com que aprendeu castelhano era notável - e, como um bom soldado, nunca reclamava. Ela era a mulher de Cortés, é claro, e, portanto, além de seu alcance, mas isso não impediu Díaz de admirá-la de longe. (HANCOCK, 2014, p. 314).⁴¹⁶

⁴¹³ Fourteen riders against so many seemed like lunatic odds, yet the truth was that everything about this campaign was a sort of romantic madness straight from the pages of Amadis de Gaula, where the few, if they have courage enough, could indeed sometimes against the many. There was even, Díaz thought, a fairy-tale princess in the form of Malinal. (HANCOCK, 2014, p. 315).

⁴¹⁴ Someone has to write it down, or in later times, it will never be believed.

But if I write it as romance, it will never be believed anyway. (HANCOCK, 2014, p. 110).

⁴¹⁵ “‘My lady’ he began. It was not the right term to address for a native; Puertocarrero, who owned her, simply called her ‘woman’ or ‘hey, you’ but there was something ladylike, even aristocratic about her.” (HANCOCK, 2014, p. 137).

⁴¹⁶ She was a great beauty, which some might say, was enough in itself, but she was also tough and smart - the speed with she learned Castilian was remarkable - and, like a good soldier, she never complained. She was Cortés’woman, of course, and therefore, beyond his reach, but that didn’t stop Díaz admiring her from afar. (HANCOCK, 2014, p. 314).

É natural, ao ler *História Verdadera*, pensar em um Bernal Díaz como um admirador de Malinche, ou, até mesmo, um apaixonado, visto constarem, neste livro, as mais detalhadas descrições da Índia que traduziu as palavras de Hernán Cortés. Natural, também, serem representados juntos, durante a viagem, e conversarem longamente; se não, como Bernal Díaz poderia saber tanto sobre ela?

Malinal e Cortés se tornam amantes, cujo romance é mantido em segredo, e ela continua a servir Puertocarrero. “Você me faz sexo agora e Puertocarrero descobre [...] Que se dane Puertocarrero./ Que se dane ele muito bom, mas se ele te cheirar em mim, me bate com certeza. Talvez mate.” (HANCOCK, 2014, p. 161, tradução nossa).⁴¹⁷ Ela é usada sexualmente por Cortés, mesmo se não quisesse, (p.162), mas homens são um jogo para ela, que aprendeu a arte de manejá-los, podendo chorar quando quisesse para conseguir o que desejava: “Malinal podia chorar por vontade, uma habilidade que ela havia aprendido em Tenochtitlan, e chorou agora, lágrimas jorrando pelas suas bochechas.” (HANCOCK, 2014, p. 162, tradução nossa).⁴¹⁸ Se percebe em Hancock (2014) uma Malinal que aprendeu a negociar com o homem com quem fazia sexo por algo que desejava: “Você tem a minha palavra./Malinal fechou os olhos, relaxou [...] Não foi difícil porque ela o amava afinal de contas, mas não havia nenhum mal em fazer um pequeno negócio ao longo do caminho. Os homens eram mais fáceis de manipular quando estavam excitados.” (HANCOCK, 2014, p. 162, tradução nossa).

Malinal não é uma escrava, nem somente uma tradutora; escolhe livremente ajudar os espanhóis e os aconselha de maneira a dar-lhes a vitória. Ela se declara, diante de Guatemoc, livre para ajudar Cortés: “Eu sou livre para fazer o que eu escolher - e eu escolho ajudar esses *tueles* de pele branca” (HANCOCK, 2014, p. 125, tradução nossa).⁴¹⁹

Concluimos que os livros de Hancock (2013), (2014) não chamaram a atenção para os efeitos de esquecimento, invisibilidade e ocultação de personagens e sujeitos históricos considerados pela narrativa histórica como ambíguos, quando

⁴¹⁷ You sex me now and Puertocarrero find out [...] Damn Puertocarrero./ Damn him very good, but if he smell you on me beat me sure. Maybe kill. (HANCOCK, 2014, p. 161, tradução nossa).

⁴¹⁸ ‘Malinal could cry at will, a skill she had learned in Tenochtitlán, and wept now, tears gushing hot down her cheeks.’ (HANCOCK, 2014, p. 162).

⁴¹⁹ ‘I am free to do as I choose - and I choose to help these white-skin tueles.’ (HANCOCK, 2014, p. 125).

não, secundários, na história da colonização espanhola da América, como no caso de Malinche.

As interpretações historiográficas, que se sucedem com o passar do tempo, se mantem vivas na releitura de Hancock. Seu romance conserva diversos conteúdos das fontes primárias, cristalizado e obstinado em sua resistência às novas ideias.

O escritor poderia se valer das contribuições de estudiosos que orientaram para a revisão das diversas narrativas tornadas oficiais por uma historiografia de elogio ao conquistador Hernán Cortés. Ao repor em discussão as soluções estabelecidas, ele coloca Malinche, uma indígena e mulher, no papel de dar ordens, de escolher como fazer, no entanto, o elogio vai para Cortés. Malinche é um instrumento para que os espanhóis vençam, ainda que pareça que é ela quem comanda certas ações. Embora haja a afirmação de que ela ama Cortés (p. 162) ela se vale dessa relação para conseguir coisas que deseja; enquanto ela se sujeita a eles, a Puertocarrero e a Cortés, simultaneamente, ela também usa de sua sexualidade para alcançar seus objetivos próprios, usando técnicas que aprendeu nas casas de sexo em Tenochtitlan , e em outros povos onde servia aos homens. Ela é, ainda, instrumento dos deuses, que decidiram que ela devia intervir e mostrar o conhecimento de como prosseguir para que a vitória espanhola se dê.

Os livros de Hancock (2013) (2014) se basearam nos escritos de Bernal Díaz para representá-lo enquanto personagem, corajoso, adorador de Hernán Cortés e amante das novelas de cavalaria, que mantinha um diário que mais tarde se transformaria no livro *Historia verdadera*. O mais importante, seguiu a lógica de que Bernal só poderia ser um apaixonado por Malinche, para dedicar-lhe um capítulo inteiro em seu livro, mais tarde.

Malinche também foi representada sob essa visão de Bernal, a indígena de origem nobre que segue Cortés, traduz suas palavras e deseja que ele vença para livrá-la dos povos que a fizeram escrava.

3.5 Tese e defesa de Haino Burmester em *A Maldição de La Malinche* (2016)

Em *A Maldição de La Malinche*, a personagem encontra um defensor. Haino Burmester (2016) a retrata como mulher valente que participou, junto com Hernán Cortés, da conquista do México e assumiu um papel de protagonista nos eventos

mais importantes. No romance, Malinche é defendida fielmente por uma mulher homônima do século XXI, que procura recuperar sua memória.

Haino Burmester é um médico, radicado em São Paulo, descendentes de europeus emigrados para o Paraná no século XIX, que morou no México entre os anos de 1969 e 1971. Nesta época, sentiu-se atraído pela história do México e pela figura histórica de Malinche. Assim descreve ele o despertar de seu interesse por Malinche:

Quanto a meu interesse por La Malinche advém do fato de eu ter morado ao pé da montanha/vulcão chamada *La Malinche* e ali, convivendo com os locais, fui aprendendo muita coisa sobre ela e sua maldição “comprovada” pela quebra da cruz por raios, cada vez que havia tempestade. Como consequência passei a buscar na literatura mais informações e meu interesse só aumentou a ponto de eu me decidir a escrever o livro fazendo paralelos com *La Llorona*, Medéia e outros momentos e figuras históricos (BURMESTER, 2019).⁴²⁰

A maldição de La Malinche é uma defesa ardente da personagem, um lugar de asilo para a personagem. Esse romance mistura características literárias e outras características textuais, tais como relatos médicos.

Um pouco antes do parto, uma mulher escolhe o nome de Malinche para a filha prestes a nascer. Quando conta ao pai da criança este se surpreende que a mãe queira dar à recém-nascida o nome de uma montanha, mas não opõe objeções.

A menina Malinche, já crescida, vai ao Museu Nacional de Antropologia, na cidade do México e se depara com um desenho do rosto de Malinche e a partir desse momento, Malinche se tornou uma obsessão. Passou a sonhar continuamente com Malinche e a percebê-la como mãe. Começou a pesquisar sobre a figura, descobriu que a chamavam traidora, o que a desgostou. Continuou a buscar textos que falassem sobre Malinche. Muitos desses textos são transcritos no romance, de forma didática.

Malinche conseguiu ir estudar na cidade do México e seus estudos de Malinche se direcionaram à etno-história e à figura de La Malinche:

E, mais que nada, queria provar que La Malinche não era uma traidora e que, portanto, a suposta maldição não tinha sentido. [...] La Malinche era um tema bastante estudado, em diferentes formas e por diferentes autores, mas

⁴²⁰ O autor Haino Burmester escreveu essas palavras, justificando seu interesse por Malinche, por e-mail, à autora da tese, em 27 de maio de 2019.

todos chegavam, talvez por caminhos tortuosos, a praticamente sempre as mesmas conclusões. Malinche buscava algo diferente e original que pudesse comprovar sua tese. (BURMESTER, 2016, p. 85).

A protagonista estudou nos cursos de graduação e pós-graduação estava pronta para defender sua tese, cujo tema era Malinche. Sobre essa tese, falaremos dos pontos que interessam a este trabalho, o que é muito, já que a tese da protagonista do livro é, também, nosso objeto. O que Malinche apresentou à sua banca de defesa está inteiramente descrito nas páginas do livro que estudamos.

O primeiro capítulo da tese de Malinche é intitulado *A conquista do México*. Malinche escreve que a conquista do México é descrita por fontes que se originaram em escavações antropológicas e evidências arqueológicas encontradas, por exemplo, no Templo Mayor, nos relatos dos conquistadores, especialmente nas cartas de Cortés e nos escritos de Bernal Díaz, no código Florentino de Sahagún. Seguem-se informações sobre o *Códice*, sobre as *cartas de relación*, sobre o idioma *nahuatl* e sobre o povo asteca, a história de seu trajeto, como chegaram ao lugar onde fundaram Tenochtitlan e como passaram a dominar os povos circundantes.

Menciona que Cortés ganhou Marina como presente entre outras mulheres indígenas, que ela foi batizada pelos cristãos de Marina. Logo a seguir, descreve como o capitão se “desvinculou” de Velásquez. Logo a seguir escreve: “**Cortez percebeu** que o Império Asteca tinha atritos com outros povos mesoamericanos; começou então a elaborar estratégias e fazer alianças com os povos rivais.” (BURMESTER, 2016, p. 92, grifo nosso). Malinche não é mencionada como ajuda estratégica para essa percepção de Cortés sobre a rivalidade entre os povos.

3.5.1 Malinche- participação ativa (em detalhes) no massacre de Cholula

Sobre o massacre de Cholula, o autor escreve:

Em outubro de 1519, Cortez chega a Cholula, segunda maior cidade do México central e aliada dos astecas. Segundo crônicas da época, *uma anciã e alguns sacerdotes do templo de Cholula alertaram Hernán Cortez sobre uma cilada* e imediatamente ele reagiu contra **os indígenas que lhe preparavam uma emboscada**, vencendo-os numa **batalha que ficou conhecida como o massacre** de Cholula. (BURMESTER, 2016, p. 92).

Novamente há uma suavização dos fatos. A autora da tese escreve que segundo crônicas da época, houve esse massacre. Três cronistas que contam esse massacre mencionam Malinche: Cortés, Gómara e Bernal Díaz. No romance de

Burmester não menciona Malinche nesses eventos. Ele escreve que uma anciã e dois sacerdotes do templo alertaram Cortés, sabendo que seriam mortos? Contaram ao inimigo que chegava que fariam uma emboscada para matá-los?

A jovem estudiosa Malinche, ao escrever sua tese, no afã de defender Malinche, nem a menciona, nem alude a nenhuma das primeiras narrativas ou à historiografia que a relacionam ao “evento” acontecido em Cholula. Mesmo que a participação da indígena tenha sido afirmada somente por Cortés, Bernal Díaz e corroborada por Gómara e que não haja uma prova contundente, se um estudioso do século XXI for mencionar esse evento, a conquista do Novo Mundo, deveria, ao menos citá-los. Nessa citação, se levantaria a hipótese de que Malinche foi a provável causadora do massacre de Cholula, ou que pelo menos, assim, como tal, tinha sido citada na carta de Cortés e do livro de Bernal. Uma tese como um documento que ficará nos anais de uma universidade deveria colocá-la, se não no fato, pelo menos em uma menção a ele.

Logo a seguir, a escritora da tese, no romance de Burmester, conta que houve uma batalha e que essa batalha ficou conhecida como massacre. Há uma enorme diferença de sentido entre essas duas palavras. Não tem como uma batalha ter passado a ser conhecida como massacre. Não foi uma batalha, foi um massacre que começou repentinamente. Os cholultecas não portavam armas, nem espadas, nem escudos. Uma batalha não acontece sem que um dos lados esteja desarmado. Quando uma facção que guerreia está armada até os dentes, com canhões e armas de fogo, e o outro está sem nenhuma arma, nem ao menos pedras ou paus, não se chama uma batalha; o nome certo é massacre mesmo, como, acertadamente, passou para a História.

O tema do massacre de Cholula será de vital importância já que o epíteto de traidora, que Malinche carrega consigo se deve, em grande parte, a esse acontecimento. Talvez, se ele não houvesse ocorrido, ou se não tivesse ocorrido da maneira que Del Castillo o conta, talvez ela ainda viesse a ser chamada de traidora, pois se posta ao lado do estrangeiro. Entretanto, esse fato seria mais defensável, visto que ela era uma mulher, indígena, escrava, a quem não restaria muitas alternativas. Entretanto, a participação direta dela em um fato que provocou seis mil mortes estaria indelevelmente ligado a ela na imaginação de que viessem escrever sobre ela, futuramente.

Insera-se, aqui, o excerto do livro *A verdadeira história da conquista da Nova Espanha* que relata os acontecimentos de Cholula:

Uma velha indígena, esposa de um cacique, por conhecer o acordo e a armadilha que haviam criado, veio secretamente à dona Marina, nossa intérprete. Vira que Dona Marina era jovem, bonita e rica, por isso falou com ela e aconselhou-a a acompanhá-la a sua casa, se quisesse escapar com vida, porque era certo que naquela noite ou no dia seguinte, eles matariam todos nós; o grande Montezuma já havia ordenado e arranjado que, entre as forças daquela cidade e a dos mexicas, nenhum de nós permaneceria vivo, exceto os que seriam levados para o México. Por saber disso e pela compaixão que sentia pela dona Marina, ela disse que tinha vindo lhe dizer que deveria reunir todos os seus pertences e acompanhá-la até sua casa, e que ali a casaria com seu filho, irmão de outro jovem que estava em companhia da velha. Quando Dona Marina ouviu isso, e que em tudo que era muito perspicaz, disse à velha: “Mãe, quanto lhe agradeço pelo que me contou! Gostaria de ir com você agora, exceto que não tenho ninguém em quem possa confiar para carregar minhas roupas e joias de ouro, que são muitas. Por sua vida, mãe, espere um pouco aqui, você e seu filho, e hoje à noite iremos, mas agora você vê que esses os brancos estão vigiando e vão nos ouvir. A velha mulher acreditou no que dona Marina lhe disse e ficou conversando com ela, e dona Marina perguntou como eles iriam nos matar e como e quando e onde o acordo foi feito. A velha disse-lhe, nem mais nem menos, do que o que os dois pajés haviam dito. Dona Marina respondeu: “Bem, esse caso é tão secreto, como você ficou sabendo?” Ela disse que o marido havia contado a ela; ele era capitão de uma das partes daquela cidade e, por ser capitão, agora estava com os guerreiros a seu cargo, organizando uma reunião com os esquadrões do grande Montezuma nas ravinas, e ela acreditava que eles estariam juntos esperando por nós quando partíssemos, e lá eles matariam todos nós. Ela conhecia o plano havia três dias, porque o marido havia recebido um tambor dourado do México, e Montezuma também enviara mantos ricos e joias de ouro aos outros três capitães, para que nos levassem amarrados ao seu senhor Montezuma. Quando ouviu, Dona Marina enganou a velha e disse: “Oh, como me alegro em saber que seu filho, com quem você quer se casar comigo, é uma pessoa importante. Conversamos bastante; eu não quero que eles nos notem. Por esse motivo, mãe, fique aqui; começarei a trazer minhas posses, porque não poderei removê-las todas, e você e seu filho, meu irmão, cuidarão delas, e então poderemos ir!” A velha acreditava em tudo. A velha sentou-se para descansar com o filho. **Dona Marina foi imediatamente ao capitão** e contou-lhe tudo o que aconteceu com a indígena, a quem Cortés imediatamente ordenou que lhe fossem trazidos. Ele a questionou sobre as traições e acordos; e ela não contou, nem mais nem menos, que os pajés. Ele colocou um guarda vigiando para que ela não fosse embora. Quando amanheceu, foi algo de se ver a pressa com que os caciques e pajés trouxeram os guerreiros, explodindo em gargalhadas e encantados, como se já tivessem nos pegado em suas armadilhas e redes! Eles trouxeram mais guerreiros indígenas do que havíamos pedido e não cabiam no pátio, mesmo que fosse grande e, ainda hoje, em memória do passado, não foram destruídos. Já na manhã em que os cholultecas vieram com os guerreiros, já estávamos muito preparados para o que tinha que ser feito. Os soldados com espadas e escudos foram colocados no portão do grande pátio, para não deixar nenhum índio armado partir. Nosso capitão estava a cavalo acompanhado por muitos soldados como guarda. Logo quando viu que os caciques, pajés e guerreiros haviam chegado, ele disse: “Esses traidores querem nos ver nas ravinas para que possamos se devorar em nossa carne; mas Nosso Senhor fará melhor por

nós”. Ele pediu aos dois pajés que haviam revelado o segredo, e elas disseram que os pajés estavam no portão do pátio com os outros caciques que estavam prestes a entrar. **Cortés ordenou Aguilar, nosso intérprete,** para dizer-lhes para irem para suas casas, que não precisávamos deles agora; ele fez isso porque eles nos haviam feito uma boa ação e não deveriam sofrer danos por isso; assim, eles não seriam mortos por nós. Como Cortés estava a cavalo e com Dona Marina perto dele, ele perguntou aos caciques por que eles queriam nos matar na noite anterior quando não lhes fizemos nenhum mal e se fizemos ou dissemos algo para fazê-los armar com traições, além de avisá-los sobre as coisas que contamos às pessoas em todas as cidades por onde passamos, a saber, que elas não devem ser más, nem sacrificar homens, nem adorar seus ídolos, nem comer a carne de seus vizinhos, que não devem praticar sodomia, e que eles deveriam ter um bom modo de vida, e coisas tocando em nossa santa fé, tudo isso sem obrigá-las a nada. Por que, então, eles prepararam recentemente muitos bastões longos e robustos e muitas cordas em uma casa e por que há três dias eles faziam barricadas e buracos nas ruas e trabalhos de defesa nos telhados, e por que eles tiraram seus filhos, mulheres e bens da cidade? Ele disse que a má vontade deles era muito óbvia e que eles não podiam ocultar suas traições; eles nem sequer nos deram nada para comer e, como zombaria, trouxeram água e madeira e disseram que não havia milho. Ele disse que sabia muito bem que eles tinham muitas capitânias de guerreiros em alguns barrancos perto dali, com muitos outros guerreiros que se juntaram a eles esta noite para fazer a traição que haviam arranjado, acreditando que íamos seguir esse caminho para o México. Então, como pagamento pela nossa vinda e por tê-los como irmãos e dizer-lhes o que Nosso Senhor Deus e o rei ordenam, eles queriam nos matar e comer nossa carne e já haviam preparado as panelas com sal, pimenta e tomate. Se eles quisessem fazer isso, teria sido melhor nos atacar nos campos como bravos e bons guerreiros, como haviam feito seus vizinhos os Tlaxcaltecas. Ele sabia com toda certeza tudo o que haviam planejado naquela cidade e até mesmo que prometeram ao seu ídolo, defensor da guerra, que eles iriam sacrificar vinte de nós antes do ídolo, e que três noites atrás, eles sacrificaram sete índios, então o ídolo lhes daria a vitória, o que prometia, mas como o ídolo é mau e falso, ele não tem, nem teve, poder contra nós, e toda essa maldade e traição que eles organizaram e colocaram em prática agora voltariam a eles. **Dona Marina disse tudo isso a eles e os fez entender muito bem.** (DEL CASTILLO, 2012, pp. 168-172, tradução nossa, grifo nossos).⁴²¹

⁴²¹ An old Indian woman, wife of a cacique, because she knew the agreement and trap they had set up, came secretly to doña Marina, our interpreter. She had seen that doña Marina was young, good-looking, and rich, so she spoke to her and counseled her to come with her to her house if she wanted to escape with her life, because it was certain that night or the next day they were going to kill all of us; the great Montezuma had already ordered and arranged that, between the combined forces of that city and the Mexicans, none of us would stay alive except those to be carried to Mexico. Because she knew this and from the compassion she had for doña Marina, she said she had come to tell her that she should gather all her belongings and come with her to her house, and that there she would marry her to her son, brother of another young man who accompanied the old woman. When doña Marina heard this, and in everything she was very sharp witted, she said to the old woman: “Oh mother, how much I thank you for what you have told me! I would go with you now except that I have no one here whom I can trust to carry my clothes and golden jewels, which are many. For your life, mother, wait here a little while, you and your son, and tonight we will go, but now you see that these teules are on watch and will hear us.” The old woman believed what doña Marina said to her and stayed there talking with her, and doña Marina asked her how they were going to kill us and how and when and where the arrangement was made. The old woman told her neither more nor less than what the two papas had said. Doña Marina replied: “Well, that affair being so secret, how did you come to know about it?” She said her husband had told her about it; he was a captain of one of the parties of that city

Bernal del Castillo não menciona que Malinche tenha procurado Aguillar para que os dois fossem juntos contar a Cortés, ainda que ele ainda estivesse no acampamento e que Cortés pedisse a ele que falasse com os dois homens para que

and, because he is a captain, he was now with the warriors in his charge, arranging for them to join with the squadrons of the great Montezuma in the ravines, and she believed they would be together waiting for us when we left, and there they would kill all of us. She had known of the plan for three days, because her husband had received a gilded drum from Mexico, and Montezuma had also sent rich cloaks and Golden jewels to the other three captains so they would carry us bound to their lord Montezuma. When she heard it, doña Marina deceived the old woman and said: "Oh, how I rejoice in knowing that your son, to whom you want to marry me, is an important person. We have been talking a great deal; I do not want them to notice us. For that reason, mother, stay here; I will begin to bring my possessions, because I will not be able to remove them all, and you and your son, my brother, will take care of them, and then we will be able to go!" The old woman believed it all. The old woman sat down to rest with her son. Doña Marina went immediately to the captain and told him everything that happened with the Indian woman, whom Cortés immediately ordered to be brought before him. He questioned her about the treasons and agreements; and she told him no more and no less than the papas. He posted a guard over her so she would not leave. When dawn broke, it was something to see the haste with which the caciques and papas brought in the warriors, bursting with laughter and delighted, as if they had already caught us in their trap and nets! They brought more Indian warriors than we had asked for, and they did not fit in the courtyards, even as large as they are, and still today, in memory of the past, they are not destroyed. As early as it was in the morning when the Cholulans came with the warriors, we were already very prepared for what had to be done. The soldiers with swords and shields were posted at the gate of the great courtyard so as not to let any of the armed Indians leave, and our captain was on horseback accompanied by many soldiers as his guard. When he saw how early the caciques and papas and warriors had come, he said: "How much these traitors want to see us in the ravines so they can gorge themselves on our flesh; but Our Lord will do better for us!" He asked for the two papas who had given away the secret, and they told him the papas were at the gate of the courtyard with the other caciques who were about to come in. Cortés ordered Aguilar, our interpreter, to tell them to go to their homes, that we did not have any need of them now; he did this because they had done us a good deed and should not receive harm for it, so in this way they would not be killed by us. As Cortés was on horseback and doña Marina near him, he asked the caciques why they wanted to kill us the night before when we had done them no harm and whether we had done or said something to make them deal in treasons, other than warn them about the things that we told people in all the towns through which we had come, namely, that they should not be evil, nor sacrifice men, nor worship their idols, nor eat the flesh of their neighbors, that they should not practice sodomy, and that they should have a good way of life, and things touching on our holy faith, all this without compelling them in anything. Why, then, did they now recently prepare many long and stout poles and collars and many ropes in a house near the great cu, and why for three days have they made barricades and holes in the streets and defense works on the rooftops, and why have they taken their children and women and goods from the city? He said their ill will had been very obvious, and they could not conceal their treacheries; they had not even given us anything to eat, and as a mockery they brought water and wood and said there was no maize. He said he knew well that they had many captaincies of warriors in some ravines near there, with many other warriors who had joined them this night to do the treachery they had arranged, believing that we were going to go by that route to Mexico. So as payment for our coming to have them as brothers and tell them what Our Lord God and the king order, they wanted to kill us and eat our flesh and had already prepared the pots with salt and ají 1 and tomatoes. If they wanted to do this, it would have been better to attack us in the fields like brave and good warriors, as their neighbors the Tlaxcalans had done. He knew for very certain everything they had planned in that city and even that they promised their idol, advocate of war, that they were going to sacrifice twenty of us before the idol, and that three nights ago, they sacrificed seven Indians so the idol would give them victory, which it promised, but as the idol is evil and false, it neither has nor had power against us, and all this wickedness and treachery that they arranged and put into place would now fall back onto them. Doña Marina said all this to them and made them understand it very well. (DEL CASTILLO, 2012, pp. 168-172).

fossem para suas casas. Provavelmente Malinche precisaria de Aguilar para explicar tantos detalhes da conversa com a senhora nobre. Não devia dominar tão bem o espanhol porque tinham acabado de trazer os tlaxcaltecas para o lado deles, e isso aconteceu muito no início da conquista. Não deveria ter vocabulário suficiente para uma trama tão complexa e detalhada.

No entanto, menciona que é à Malinche que ele pede que se dirija aos cholultecas para lhes explicar por que morreriam. E acrescenta que ela soube explicar muito bem, que os fez entender muito bem. Parece que há uma insinuação de que ela os fez entender muito bem, porque sabia ser convincente, falar palavras que fossem diretas ao entendimento deles, que os conhecia e sabia como falar-lhes;

Camilla Townsend (2006) acredita que a história do casamento oferecido a ela pela senhora de Cholula é altamente improvável porque tal conspiração teria sido arquitetada pelos tlaxcaltecas. A pesquisadora argumenta, também que Malinche não teria razões para acreditar nas promessas de tal mulher, se é que elas foram feitas. Se houve uma mulher que se aproximou dela para falar do futuro evento, ela certamente teria sido sacrificada se permanecesse em Cholula após um massacre dos espanhóis, pois ela tinha chegado ao povoado, acompanhada pelos inimigos. Escreve a autora:

Se Malintzin se juntou aos tlaxcaltecas ao falar de uma conspiração, e se ela mencionou qualquer oferta para ficar, ela o fez apenas para lembrar seus supostos senhores de sua lealdade até agora e de sua dependência em sua contínua boa vontade. Pois se ela valorizasse a sua vida, não poderia haver qualquer contestação em sua mente sobre ficar atrás de qualquer lugar que os espanhóis fossem (TOWNSEND, 2006, p. 75, tradução nossa).⁴²²

Supondo que tudo fosse verdade, e ela aceitasse o convite, seria uma concubina, uma subalterna, pois não tinha família que pudesse favorecer a ela em um casamento com algum homem do lugar. Então, nada mais inteligente da parte dela dizer que tinha recebido um convite para permanecer em Cholula e deixar que os espanhóis fossem mortos. Ela poderia fazer isso se quisesse; se não o fez, os espanhóis tinham que reconhecer, era porque era leal e de grande valia. Por

⁴²² If Malintzin joined the Tlaxcalans in speaking of a conspiracy, and if she mentioned any offer to stay, she did so only to remind her purported masters of her loyalty thus far and of their dependence on her continuing goodwill. For if she valued her life at all, there could not have been any contest in her mind about remaining behind anywhere that the Spanish went. (TOWNSEND, 2006, p. 75).

consequente, merecia uma grande recompensa mais tarde, depois da vitória, como de fato, recebeu.

Porém, interessa, de fato, é que Bernal usa, em sua narrativa, o discurso direto para comentar o que falaram. Discurso direto usa-se para dar vazão à imaginação, ao criarmos uma narrativa ou para ser minucioso quanto ao diálogo. O fato é que Bernal Díaz, ao escrever essa passagem, já estava velho, muitos anos depois dos eventos, mas lembrava das palavras exatas que Malinche disse, que a mulher velha disse, quem traduziu, se foi Aguilar, se foi Malinche, quantos indígenas eles sacrificaram aos deuses. O que salta aos olhos é que Bernal Díaz não estava presente na conversa com entre Malinche e a nobre. A única testemunha seria o outro filho da mulher; mas Bernal sabia da proposta de casamentos, da desculpa de Malinche que teria que buscar seus pertences.

E como um narrador onisciente, sabia que a velha mulher acreditou no que dona Marina lhe disse. Bernal Díaz poderia não saber, poderia ter criado todo esse diálogo. Ele escreveu que fazia três dias que a mulher sabia o plano do marido. Três, não dois ou quatro dias. Exatamente três. E sabia o presente que esse marido tinha ganhado de Montezuma para executar o plano: um tambor dourado do México. Bernal Díaz também sabia, e nunca esqueceu, que Montezuma também enviara mantos e joias de ouro a três capitães. Novamente, não dois, nem quatro. Três.

O que salta aos olhos é que Bernal não diz que estava presente, nem no encontro das mulheres, nem quando Malinche conta a Cortés.

Malinche conta a Cortés. Malinche não conta a Bernal Díaz. Nem há sugestão de que após, Malinche tenha contado a ele. Ele, como já dissemos, é o narrador onisciente, que tudo sabe, que tudo vê, que tudo tem certeza. E Malinche, ainda que tenha contado a Bernal, não teria todo esse vocabulário, para descrever o discurso inteiro, as perguntas que dirigiu à mulher, a resposta dela, as joias que tinha, as roupas, a quantidade.

Bernal torna a repetir: “– a velha acreditava em tudo.”

Diz-se que quanto mais detalhes uma história tiver, mais verdadeira ela parecerá. Se Bernal queria que a história parecesse verdadeira ele acrescentaria muitos detalhes que só ele saberia. Ninguém mais saberia: “–A velha sentou-se para descansar com o filho.” Isso, esse detalhe, nem Malinche saberia, porque já tinha

saído para contar tudo a Hernán Cortés. Enfim, são detalhes demais para que esta história seja verdadeira.

Todavia, se ela não foi escrita por Bernal, por quem teria sido? Por aquele a quem Malinche contou, de fato, a história:– Hernán Cortés.

Há, ainda, a possibilidade de que ela tenha sido totalmente inventada. Que tenha sido somente uma criação de Hernán Cortés para defender-se. História da imaginação de Hernán Cortés. Se assim fosse, Malinche não teria nada a ver com essa história, foi apenas uma personagem fictícia, em uma história fictícia.

3.5.2 Malinche afastada dos eventos principais

Durante a continuação da tese analisam-se os eventos que se passaram em Tenochtlán, o primeiro encontro com Montezuma e o apresamento deste e o ataque ao Templo Maior.

Malinche não é citada até nem mesmo no que ficou conhecido como *La Noche triste*, quando os espanhóis são finalmente rechaçados por Cuauhtémoc. Então, podemos ler: “Nessa noite, com ela ao seu lado, Cortez sentou-se embaixo de uma grande árvore em Popotla e chorou a perda de seus homens e de quase tudo que havia conseguido até então em sua empreitada mexicana. Foi consolado por La Malinche que o ajudou a curar suas feridas físicas e da alma.” (BURMESTER, 2016, p. 94). O segundo capítulo da tese que Malinche, a protagonista apresenta à banca de defesa não interessa ao nosso trabalho porque se refere a um povo chamado chichimeca. O terceiro capítulo é intitulado *La Malinche* e há a seguinte descrição, entre outras:

A história da conquista aponta a influência de diversos atores no desenrolar da ação espanhola do México, no entanto, todos concordam que um dos que merece destaque é *La Malinche*, pelo que fez durante esse período. Por isso ela é considerada a mãe da nação mexicana e, injustamente, também simboliza o papel de traidora. Por ser mãe de um casal de mestiços mexicanos, La Malinche é, de fato, considerada por muitos como a mãe da nação mexicana; seus filhos seriam os dois primeiros mestiços nascidos no México. Esses dados servem mais como símbolo do que propriamente como registro da realidade, porque é praticamente impossível saber, na imensidão do que foi a conquista, saber realmente quem foram as primeiras pessoas nascidas no México, com pelo menos um dos pais sendo estrangeiro e o outro mexicano. (BURMESTER, 2016, p. 99).

La Malinche é, simbolicamente, a mãe da nação mexicana, aquela que teve dois filhos com estrangeiros. Como as indígenas eram dadas de presente aos

espanhóis para que os servissem, muito provavelmente outros mestiços nasceram nessa época, antes e depois dos filhos de Malinche.

Por tudo que ela fez no México, ganhou papel de destaque. E, por algumas coisas que supostamente fez durante esse período, ela ganhou o epíteto de traidora.

Não se pode ter certeza, e nunca poderemos, provavelmente, saber se o título foi merecido ou injusto.

Segundo Burmester (2016), o termo *malinchismo* foi atribuído à Malinche por ela ter servido de tradutora de Hernán Cortés. Escreve ele que a expressão é usada no México e em outros países vizinhos com o “sentido de tradutor ou traidor.” (BURMESTER, 2016, p. 100) e que o Malinchismo⁴²³ tem o sentido pejorativo de traição, de contar segredos dos povos nativos ao estrangeiro, de deixá-los vulneráveis à ambição daquele que chegava. Ao contar tais segredos, dirigiu-o à vitória. Assim há a referência no texto, uma explicação para a aproximação de Malinche em seu papel de tradutora à alcunha de traidora:

La Malinche fez o tal papel aparentemente com muita propriedade, por ter sido a interprete de confiança de Cortez. Muitos mexicanos consideram isso como se ela tivesse passado para o lado dos espanhóis, para o lado do inimigo. Por isso, para esses mexicanos, La Malinche foi uma traidora. (BURMESTER, 2016, p. 100).

A tese continua sua defesa, alegando que o simples fato de Malinche ter atuado como intérprete do estrangeiro não a transforma em traidora, como muitos mexicanos consideram:

Ora, o fato de se transformar em intérprete de Cortez não necessariamente fez de La Malinche uma traidora; **a noção de história distorcida dos fatos é que a fez traidora.** Além do que, é preciso que se situem os acontecimentos exatamente naquele momento histórico em que se interpretam dois idiomas muito diferentes em suas estruturas. (BURMESTER, 2016, p. 100).

Malinche ter atuado somente como intérprete de Hernán Cortés, talvez nem a tivesse colocado na história, e certamente, não lhe traria o epíteto de traidora. O que lhe deu essa alcunha foi o que fez a mais que excedeu seu papel de tradução.

⁴²³ El *malinchismo* es un término que ha servido para nombrar la traición femenina en América Central. Ese término reactualizado por escritores principalmente, traduce la tragedia histórica del hombre mestizo a causa de una mujer: Malinche, la India que recibió en ofrenda al conquistador Hernán Cortés al llegar a tierra mexicana. (PALMA, 1990, p.138) O *malinchismo* é um termo que serviu para nomear a traição feminina na América Central. Esse termo reativado pelos escritores principalmente, traduz a tragédia histórica do homem mestiço por causa de uma mulher: Malinche, a Índia que foi oferecida ao conquistador Hernán Cortés ao atingir o solo mexicano. (PALMA, 1990, p.138, tradução nossa).

E então não há como retirar-lhe esse adjetivo a não ser retirando-a dos eventos que foram considerados massacres. E não basta só retirá-la dos eventos, porque ela foi mencionada nele, na carta de Cortés. E a participação dela foi ativa, foi o pivô inicial, culpada direta. Então, ela está implicada neles. A única maneira de retirá-la deste evento seria provar que Cortés mentiu e sobre isso há a impossibilidade material, ou seja, não há nenhuma prova. A menos que fosse encontrado algo nos documentos de Cortés de que ela não falou sobre o complô que se armava contra ele, sempre restarão as dúvidas: ele mentiu que havia um complô para justificar-se pela matança ou não? Não há como saber. Não basta não falar sobre esses eventos para inocentar Malinche.

Segundo *La maldição de La Malinche*, outro fato expressivo foi o ciúme que teria sentido Aguilar, mas não explicita em que os sentimentos dele teriam contribuído para ser um agravante para a fama posterior de Malinche.

Também é preciso que se ressalte a polêmica ciumeira causada pelo padre franciscano Gerônimo de Aguilar que, até a chegada de La Malinche, era o único intérprete de Hernán Cortez do idioma 'maia' para o espanhol. Com a necessidade de Cortez se entender com os indígenas da parte central do México, que falavam *nahuatl*, foi preciso outro intérprete. É quando *La Malinche* aparece para fazer a ponte entre espanhol, maia e *nahuatl*; ela passava as mensagens em *nahuatl* para o maia e Aguilar vertia para o espanhol. Como *La Malinche* rapidamente aprendeu também o espanhol, logo foi possível prescindir de Aguilar, pois ela fazia todas as traduções de que Cortez necessitava, mas até chegar nesse ponto vários desencontros aconteceram, porque Aguilar não aceitava perder sua posição junto ao chefe. (BURMESTER, 2016, p. 101).

Aguilar poderia ser uma prova, pois segundo a história de Gómara, ela contou a Aguilar e foram, juntos, contar sobre o complô, a Cortés. Bernal Díaz, como vimos, não explicita esse detalhe, mas certamente Malinche não teria sido capaz de explicar tudo com seu domínio da língua espanhola ainda incompleto.

Outro fator argumentativo, segundo a autora da tese, é que a figura de uma mulher sendo descrita, é ímpar. Não era costume, num mundo de homens, que uma mulher fosse sequer mencionada muito menos como aquela que desempenha um papel importante. Era incomum encontrar-se uma mulher desempenhando uma tarefa de importância e com desenvoltura:

O aparecimento da intérprete *La Malinche* na história daquele período indica uma peculiaridade nas descrições que se têm desse tempo, porque representou a figura de uma mulher em meio aos homens que foram mencionados nas diferentes histórias daquela época; só por isso já se pode notar a importância que se lhe dava. Analisando as histórias da conquista, é possível notar que a constante presença dessa personagem nas narrativas

dos fatos aconteceu devido à importância que ela foi adquirindo com o passar do tempo. (BURMESTER, 2016, p. 101).

Malinche foi citada em muitos fatos da época; no *Lienzo de Tlaxcala* ela foi figura proeminente nas representações. A pergunta a ser feita é se ela se manteve unicamente em seu papel de intérprete, não se tornando nunca sujeito ativo diante de fatos cruciais, como o massacre de Cholula e o de Tepeaca, a morte de Cuauhtémoc, a descoberta pelos espanhóis do retorno do deus Quetzacoatl, se ela teria se tornado figura tão proeminente. Aguilar foi intérprete e mais outros antes dele. Eram homens que, entretanto, não se tornaram importantes através da História. Fica a questão sobre o que levou uma intérprete a se tornar tão mencionada. Na verdade, essa é exatamente a pergunta-chave, a incógnita que está conectada ao nome de Malinche. O que não resta dúvida é que o que move esse trabalho é uma curiosidade intensa a respeito dela, de saber o que tem mantido aceso o interesse de tantos por essa mulher, qual é o instância contemporânea em reexaminar essa figura feminina, indígena, escrava que morreu, precocemente e que depois da “conquista” teve uma vida obscura, entre os bens materiais que recebeu como paga por seus atos. Ainda assim, ou por isso mesmo, ela é representada em muitos mundos ficcionais. Essa figura que foi esquecida e silenciada por fontes primárias continua a acossar a imaginação dos estudiosos que se debruçam na interpretação de seu papel. Ela desestrutura o consenso entre historiadores contemporâneos e romancistas que vem fazê-la desempenhar vários papéis de representações que, muito provavelmente, depende de seus engajamentos político e social e que se servem dessa figura emblemática para representar essas posições.

Segue a tese da jovem Malinche e seus principais pontos de defesa:

Um deles vale mencionar porque ainda é inédito nesse trabalho; o nome Malinalli significa, segundo Burmester (2016), leque ou abanador. Escreve o autor do romance: “Esse significado parece apropriado para ela que sempre procurava desanuviar (ou abanar?) o ambiente de dissensões buscando a harmonia ou discórdia.” (BURMESTER, 2016, p. 102). As palavras “harmonia” e “Malinche” ainda não tinham sido aproximadas em nenhum outro dos trabalhos estudados.

Há, no livro de Burmester (2016), uma pequena biografia de Malinche, basicamente tirada do capítulo de Bernal Díaz, contando a morte do pai, o segundo casamento da mãe, o reencontro com a mãe e o irmão e outro argumento apaixonado de defesa:

Sua história pessoal demonstra a necessidade de superar-se, duas vezes dada como escrava e, ainda assim sabendo tirar proveito dessa situação e não se deixando abater pela adversidade. Espírito indômito, consegue sempre articular suas forças internas para emergir incólume mesmo nas situações mais difíceis.[...] Como se pode ver, desde o início de sua vida ela se caracteriza como uma sobrevivente, adaptando-se às diferentes circunstâncias, sabendo tirar proveito delas sem perder a essência de seu caráter indômito e autônomo. (BURMESTER, 2016, p. 103).

O romance retirou fatos da infância e adolescência de Malinche do livro de Bernal Díaz, entretanto não citou as declarações dele sobre o massacre de Cholula. Fica evidente que a consulta dos fatos na obra de Bernal foi seletiva, com ocultação de fatos que não serviriam à defesa da tese sobre Malinche. Até aqui não foi mencionado nenhuma atitude negativa de Malinche, nada que se referisse a ela ter tido outra participação na “conquista” do México que não fosse o restrito cumprimento de seu dever de traduzir as palavras dos diálogos. Então, acontece a justificativa sem atos condenatórios: “Seguramente, **muito do que ela fez** foi devido a este início de vida que marcou sua personalidade. **Não há como criticá-la por suas atitudes da vida adulta**, sabendo-se que ela passou por momentos tão traumáticos em sua infância.” (BURMESTER, 2016, p. 103, grifos nossos). O que quer que Malinche tenha feito, além de traduzir, não foi mencionado na tese até agora. Em qualquer ato a mais que ela tenha estado implicada, como sugerem as primeiras narrativas e destaca a historiografia, o nome de Malinche não foi mencionado. O adjetivo Malinchista se refere à traição (muito *en passant*) e ao ato de traduzir e se refere ao “muito do que ela fez” deve ser creditado à dor que passou na infância.

Sobre isso, escreve Jager (2015): “A maior parte do que sabemos sobre a vida de Malinche vem de um soldado do exército de Cortés, chamado Bernal Diaz.” (JAGER, 2015, p. 29, tradução nossa).⁴²⁴

O que se sabe, com absoluta certeza é que Malinche existiu, que foi dada aos espanhóis entre outras vinte escravas. Isso está escrito na carta de Hernán Cortés, sem grandes alardes e deve ser, portanto, verdadeiro, porque sobre isso ele não teria motivos evidenciáveis para mentir. Sabe-se, também, que ela serviu como tradutora entre os povos. É fato incontestável, pelos mesmos motivos: Cortés contou

⁴²⁴ “Most of what we know about Malinche’s life comes from a foot soldier in Cortes’s army named Bernal Diaz.” (JAGER, 2015, p. 29)

em suas cartas que uma índia que conhecia nahuatl o ajudava na tradução dos diálogos entre os povos que falavam essa língua e que Aguilar não conhecia. É altamente plausível que uma indígena conhecesse duas ou mais línguas dos povos que ali transitavam, sendo nobre ou escrava. É irrelevante a maneira pela qual ela tivesse aprendido essas línguas.

O que mais se sabe sobre ela pode ser contestado.

Talvez fosse uma nobre que foi vendida pela mãe, como descreve Bernal Díaz. Poderia ter sido. Entretanto, poderia não ter sido. Ela poderia ter falado isso ao colega de acampamento para fazer-se importante, para cooptar sua simpatia. Poderia não ter dito nada, supondo que Bernal apenas quisesse fazer um capítulo de seu livro e tivesse desejado incluir nele uma dama à moda das novelas de cavalaria e criasse toda a história de sua imaginação.

Ainda assim, ainda que fosse isso, que ela foi, tão-somente uma personagem de Bernal Díaz para compor sua novela, os fatos que ele coloca em sua diegese poderiam ser verdadeiros. Pode ser que a própria Malinche tivesse contado a ele tudo o que ele declarou. Pode. Pode ser que ela tivesse contado a ele a verdade sobre si mesma. Pode.

Outra hipótese altamente possível de ser verdadeira é que próprio Bernal Díaz pode não ter existido enquanto soldado e ter sido somente fruto da imaginação tardia de Cortés, auxiliado por seu secretário Gómara, quando seus escritos assinados por ele próprio foram cassados e destruídos pelo rei Carlos V, como sugere Christian Duverger, baseado em suas amplas pesquisas. Sendo assim, todas as provas, ou faltas de provas, e que Duverger tivesse descoberto o que nenhum outro pesquisador ou historiador tivesse a perspicácia de descobrir, Bernal Díaz não existiu. Foi um personagem. Provavelmente um personagem de Hernán Cortés.

Então, tudo o mais que se sabe sobre Malinche foi invenção, imaginação de um autor que na verdade era um personagem. Bernal Díaz e Malinche teriam sido personagens, Malinche mais verdadeira que Bernal, porque ela sim existiu, não foi somente imaginação pura. Bernal teria sido um personagem provável, porque era muito aceitável que tivesse existido tal como foi descrito. Tão provável que não levantou suspeitas sobre si, passando como verdadeiro, por vários séculos. Se não fosse pela visão aguçada de Christian Duverger, nenhuma suspeita teria sido revelada sobre essa identidade forjada, pois até então, ninguém tinha imaginado tal

hipótese, apesar de tantas evidências e incongruências sobre a autenticidade de tal personagem.

Entretanto, outra vez, pode ser que a história de Malinche fosse verdadeira, que ela tenha revelado fatos que tivessem acontecido com ela, ao próprio amante. Cortés lembrou esses fatos, anos mais tarde, quando escrevia sobre suas memórias e achou que não fazia mal contá-las anos mais tarde, já que nada o comprometeria, escondido sob o pseudônimo Bernal Díaz.

Mais uma vez, sendo que Cortés tivesse sido o autor por trás do pseudônimo de Bernal Díaz, os fatos sobre Malinche podem ser mentirosos. Não que ele próprio tivesse mentido ou criado de sua imaginação. Pode ser que ele tivesse escrito como verdades, que Malinche pudesse ter contado a ele tais fatos, depois de uma noite íntima, ou não, mas que quisesse somente fazer-se de importante. Que fosse apenas uma escrava passada de mão em mão, de tribo em tribo, mas quisesse exaltar sua própria pessoa diante dos olhos do homem estrangeiro importante, capitão de tantos.

Se foi assim ou não, o relevante é que não se sabe, ainda, com certeza, nada sobre Malinche. Somente que existiu, que foi doada aos espanhóis.

O que mais se sabe com certeza é que teve relações sexuais, com Hernán Cortés. Se foi consentida ou não, também há dúvidas e divergências em pesquisas de estudiosos.

Dúvidas quanto a isso à parte, as relações sexuais aconteceram, estupro ou não. Prova é que ele assumiu a paternidade do filho que ela deu à luz. Isso está documentado.

Outra inferência respeitável é que ela teve importância na vitória dos espanhóis sobre os indígenas. Isso se infere porque ela ganhou propriedades, após os acontecimentos; *encomiendas*. E propriedades, e escravos. Isso está documentado.

No *Lienzo de Tlaxcala*, ela ocupa figura central, sempre ao lado de Cortés, em muitas lâminas. Mas até isso pode ser questionado. Os tlaxcaltecas podem ter criado uma narrativa, na qual eles tiveram importância crucial nos eventos. E que tinham uma intermediária, Malinche, amiga, que estava ali de testemunha dos fatos. Não se pode esquecer que talvez a participação dela e dos tlaxcaltecas no evento de Cholula é duvidoso. Há a possibilidade de que o complô não existisse, que tenha

sido uma invenção do povo de Tlaxcala para acabar com o povo de Cholula, seus inimigos e que tenham contato com a cumplicidade da indígena. A maneira mais provável de que essa história de complô chegasse aos ouvidos de Cortés seria pelas palavras de Malinche. Cortés não duvidaria da intérprete, pois ela conhecia a língua que era falada pelos habitantes de Cholula; poderia, com toda a certeza, ter ouvido tal conversa.

Todavia, sobre essa participação de Malinche, não vamos esquecer, há dúvidas: ela pode ser tão-somente o bode expiatório de Cortés, diante de um rei que exigia explicações sobre a matança de indígenas.

Contudo, essa relevância sobre a importância dela na conquista, se ela foi ou não vital para a derrota dos povos nativos pode ser contestada. Ela pode ter ganhado terras e riquezas simplesmente por ser a mãe de um filho que Cortés assumiu. Ele pode ter pensado no futuro do filho, queria que ele fosse bem cuidado. Mas sobre isso há, também, dúvidas. Não podemos esquecer que muito cedo, ainda na tenra infância, Martín, o filho mestiço foi retirado dos cuidados da mãe e enviado à Europa para ser educado e não voltou mais para viver com ela.

Outro fato é que ela realmente casou-se com Jaramillo. Sobre isso há documentos. As dúvidas que restam é o porquê desse casamento, quais razões que levaram Malinche a casar-se com Jaramillo, se teria sido um acordo, se ela teria sido coagida por Cortés, se essa teria sido a única alternativa que restara a ela para não voltar a ser escrava, se teria sido uma condição para ganhar bens materiais que ficariam sobre a tutela de um espanhol. Não se sabe. Podem ter sido uma ou todas essas possibilidades. Malinche pode ter sido coagida a casar e igualmente, isso pode ter servido aos seus propósitos, pois através do casamento, estaria apta a viver nas terras recebidas, como a esposa de um espanhol, assegurando que jamais voltaria a ser escrava.

Não há registros sobre isso a não ser uma querela entre Gómara, que afirma que o noivo estava bêbado na noite do casamento e uma intensa negativa do fato por Bernal Díaz.

3.5.3 A infância de Malinche

O que chegou até nós são as palavras que Malinche disse, ou muito melhor, o que Bernal Díaz escreveu sobre o que Malinche disse: “Alguns dias antes, a senhora **Marina me disse** que ela vinha daquela província e era a dona dos vassallos.” (DEL CASTILLO, 2012, p. 55, grifo nosso, tradução nossa).⁴²⁵

Podemos citar também o que escreveu Gómara e que ele alega que foi dito a ele por Malinche:

Marina, que recebeu esse nome depois de cristã, **disse** que era de Xalisco, de um lugar chamado Viluta, filha de pais ricos e parentes do senhor daquela terra; e que, quando menina, fora roubada por certos comerciantes em tempos de guerra e levada para vender na feira Xicalanco, que é uma grande cidade em Cozacualco, não muito longe de Tabasco; e de lá chegou ao poder do Senhor de Potonchán. (GÓMARA, Capítulo XXVI, p. 54, grifo nosso).⁴²⁶

Malinche disse a Bernal Díaz que era Painala, uma cidade perto de Guazacualco e disse a Gómara que era de Xalisco, de um lugar chamado Viluta. Supondo que Malinche disse mesmo a eles de onde era, ela mentiu a um ou a outro, porque só essas duas informações já não conferem. Concluindo esse pensamento, não sabemos nada com certeza, sobre a vida de Malinche. E o que não sabemos é se qualquer ato que possa ter feito em sua vida adulta pode ser justificado por sua infância, que não sabemos como foi.

Sobre a narrativa que Bernal Díaz ouviu de Malinche, se ouviu, se não foi imaginação, criatividade da mente do autor de História Verdídica, Camilla Townsend fez uma análise em *Malintzin's Choices An Indian Woman in the Conquest of Mexico*.

Bernal Díaz, em uma narrativa separada, ofereceu uma história que parece buscada muito ao extremo em comparação com os muitos cenários plausíveis. Ele disse que ela era nobre de ambos os lados, que seu pai morreu e que sua mãe, depois de ter casado novamente, a queria fora do caminho para que seu filho, pelo segundo marido, pudesse ter sucesso. Ela a contrabandeou para os mercados e divulgou que a garota havia morrido. É verdade que, se o pai de Malintzin morresse, sua primeira esposa poderia tê-la vendido se ela fosse filha de uma concubina impotente. Isso pode ter acontecido. Mas uma primeira esposa não teria vendido sua própria filha. Além da improbabilidade em termos humanos, não faz sentido, dentro do esquema Nahua, que uma mulher tenha herdado tanto poder político ou, se por alguma razão incomum ela tenha, que uma filha tenha

⁴²⁵“Some days earlier **doña Marina told me** that she came from that province and was the mistress over vassals. (DEL CASTILLO, 2012, p. 55, grifo nosso).

⁴²⁶ Marina, que así se llamaba después de cristiana, **dijo** que era de Xalisco, de un lugar dicho Viluta, hija de ricos padres, y parientes del señor de aquella tierra; y que siendo muchacha la habían hurtado ciertos mercaderes en tiempos de guerra, y traído a vender a la feria de Xicalanco, que es un gran pueblo sobre Cozacualco, no muy aparte de Tabasco; y de allí era venida a poder del señor de Potonchán. (GÓMARA, Cap. XXVI, p. 54, grifo nosso).

impedido a sucessão. Em todo caso, como a criança poderia saber qual história foi divulgada depois de seu desaparecimento? Os estudiosos há muito notaram que a história é semelhante à do cavaleiro cristão virtuoso Amadis de Gaula, que foi um dos contos favoritos de Díaz e recém-publicado na Espanha. Então talvez eu tenha inventado tudo sozinho. Ou talvez Malintzin o tenha encorajado a acreditar em pelo menos parte. O próprio Díaz comenta sobre a estranha semelhança da narrativa com a história de José, e Malintzin esteve ocupada estudando o cristianismo na época em que a conheceu. A história da criança amada, o meio-irmão de outra mãe, vendida como escrava por seus próprios meio-irmãos e depois alcançando o poder sobre aqueles que o rejeitaram poderia facilmente ter trazido alguém para o seu lado. Díaz certamente queria acreditar que a Marina que ele admirava era uma princesa enganada em sua herança; A própria Malintzin preferiu que ele acreditasse nisso em vez de saber a verdade completa. Seja o que for que ela tenha ou não entendido sobre as atitudes espanholas em relação aos escravos e à escravidão, ela mesma veio de um mundo em que era vergonhoso ter sido vendida pela família e ter sido forçada a viver como uma estranha nas casas dos outros. (TOWNSEND, 2006, p. 31, tradução nossa).⁴²⁷

Townsend afirma que a história que Malinche contou a ele, se contou realmente, é altamente improvável por alguns motivos: A própria mãe não venderia a primeira filha para dar o cacicado para o filho mais novo, do segundo casamento, pois, muito provavelmente, a esposa não herdaria poder político para decidir sobre isso e, mesmo que herdasse, não teria problemas para passar o poder ao filho homem.

⁴²⁷ Bernal Díaz, in a separate narrative, offered a story that seems far fetched in the extreme compared to the many plausible scenarios. He said that she was royal on both sides, that her father died, and her mother, having remarried, wanted her out of the way so that her son by her second husband could succeed instead. She smuggled her off to the merchants and gave it out that the girl had died. It is true that if Malintzin's father had died, his primary wife could have sold her if she were the daughter of a powerless concubine. That may have happened. But such a primary wife would not have sold her own daughter. Beyond the unlikelihood in human terms, it makes no sense within the Nahua scheme of things for a wife to have inherited so much political power, or, if for some unusual reason she had, for a daughter to have stood in the way of the succession. In any case, how could the child possibly have known what story was given out after her disappearance? Scholars have long noted that the story parallels that of the virtuous Christian knight Amadís de Gaula, which was one of Díaz's favorite tales and newly published in Spain. So perhaps he made it up all on his own. Or maybe Malintzin encouraged him to believe at least parts of it. Díaz himself remarks on the narrative's uncanny resemblance to the story of Joseph, and Malintzin was busy studying Christianity at the time he knew her. The story of the beloved child, the half brother by another mother, sold into slavery by his own half siblings and later himself attaining power over those who rejected him could easily have moved someone in her situation. Díaz certainly wanted to believe that the Marina whom he admired was a princess cheated of her inheritance; Malintzin herself probably preferred he believe this than know the full truth. Whatever she did or did not understand about Spanish attitudes toward slaves and slavery, she herself came from a world in which it was shameful simply to have been sold by one's family and to have been forced to live as na outsider in the homes of others. (TOWNSEND, 2006, p. 31)

Outra possibilidade é que o autor tivesse fantasiado, muitos anos depois, toda a história, para que ela fosse comovente e servisse ao seu intento de fazer um romance tendo como base, e inspiração, os romances de cavalaria.

Ainda outra hipótese bem provável, segundo Townsend (2006) é que Malinche, ela própria, tivesse entrado em contato com a história bíblica de José, já que aprendera a língua espanhola; que a tivesse lido ou alguém tenha lido para ela, e criasse uma história semelhante para si mesma, para promover empatia por sua figura, no ouvinte.

E talvez, ainda, e essa hipótese é minha, que ao contar a história, Malinche, como era uma criação sua, tenha errado seu próprio lugar de origem; isto é, tenha escapado a ela, alguns pequenos detalhes, ao recontar a história errada para mais de uma pessoa, como no caso de Gómara. Como diz o ditado popular, mentira tem perna curta. Isso explicaria as diferentes versões sobre seu lugar de nascimento.

Camilla Townsend escreve que, tanto Bernal quanto a própria Malinche, teriam preferido mais essa história sofrida e comovente do que a verdade, fosse ela qual fosse. Afinal, a verdadeira história, a vida real de Malinche, encaminhou-se para que ela fosse uma mulher escrava, doada de presente, como espólio de guerra.

Haino Burmester (2016) escreve que Malinche, “aparentemente se apaixonou verdadeiramente do conquistador” (BURMESTER, 2016, p. 104). É uma possibilidade com a qual Camilla Townsend (2006) não concorda e ela explica que seria muito pouco provável que as mulheres indígenas doadas aos espanhóis como escravas, para serem usadas de acordo com as vontades de seus donos nutrissem qualquer fantasia romântica em relação a eles:

As concubinas de Nahua em cativeiro não costumavam entreter fantasias do século XXI sobre amor romântico ou relacionamentos de companhia, especialmente não em relação aos seus mestres polígamos. E mesmo que Malintzin estar apaixonada por Cortés não fosse culturalmente improvável, há outras evidências contra isso ter sido um fator particularmente relevante: se ela alguma vez tivesse sentido algo por ele, seu comportamento nos últimos anos certamente teria clareado a visão dela sobre ele. Ele não lhe mostrara nenhuma ternura particular, mas, ao contrário, havia tido mais favoritas indo e vindo no curto espaço de tempo que ela o conhecera do que podemos contar hoje. Sabemos que Malintzin era uma mulher bonita, talentosa e confiante, prática e politicamente astuta. Não há razão para acreditar que ela tivesse falhado em ver a verdade. (TOWNSEND, 2006, p. 129).⁴²⁸

⁴²⁸ Captive Nahua concubines did not tend to entertain twenty-first-century fantasies about romantic love or companionate relationships, especially not in regard to their polygamous masters. And even if Malintzin's being in love with Cortés were not culturally improbable, there is other evidence against its

Se isso tivesse acontecido, acrescenta Townsend (2006), isso não teria sido relevante ou decisivo a ponto de afetar suas decisões porque ele tinha outras mulheres a sua disposição, mesmo quando esteve com ela, inclusive sua própria esposa Catalina.

Para corroborar os outros relacionamentos de Cortés, escreve Haino Burmester (2016): “Logo em seguida, Cortés deu o mesmo nome (do filho que teve com Malinche) ao seu primeiro filho legítimo que teve com Joana de Zúñiga. Por já ser casado, Cortez arranhou um casamento para La Malinche com Juan Jaramillo.” (BURMESTER, 2016, p. 105).

Concluindo, a partir de temáticas decoloniais, importante movimento de renovação epistemológica, o livro de Burmester rompe com a essência eurocêntrica, garantindo uma visão humana e digna à indígena Malinche, colocando-a em meio a situações de opressão que implicaram ações e reações, em meio às quais ela reagiu da melhor maneira que pode.

3.6 Representação e tutela de César Librado Gutiérrez Y Samperio - de *La Malinche: Doña Marina, Malinaltzin, Malintzin, Malinalli. Una sola mujer* (2019)

César Librado Gutiérrez Y Samperio também tem por profissão a medicina e assim como Burmester, decide escrever sobre Malinche. Ele pertence à Academia Mexicana de Cirurgia, à Associação Mexicana de Gastreenterologia e Associação Mexicana de cirurgia geral, e mais algumas.

Doutor César Librado Gutiérrez escreve, em seu Prólogo de *La Malinche: Doña Marina, Malinaltzin, Malintzin, Malinalli. Una sola mujer*, que o romance é baseado em dados históricos e tem como intenção refletir sobre a vida de uma mulher, Malinche, que alguns consideram uma heroína que defendeu seu povo,

having been a particularly relevant factor: if she had ever felt anything for him, his behavior in the past few years would certainly have cleared her vision. He had shown her no particular tenderness but, rather, had had more favorites come and go in the short span of time that she had known him than we can count today. We know that Malintzin was a beautiful, talented, and selfconfident woman who was both practical and politically astute. There is no reason to believe that she would have failed to see the truth: “If anyone ever really loved Marina,” one Mexican historian has written bluntly, “it was not don Hernán Cortés.” (TOWNSEND,2006, p. 129)

outros pensam que era uma feminista que pelo fato de ser uma mulher pode ser posta em defesa da mulher, espanhola, mexicana, mestiça ou crioula. Outros ainda consideram que ela era uma mulher submissa e servil com os conquistadores e que traiu seu povo e sua raça. Ele se propõe, enquanto autor que escreve sobre a vida de Malinche a escrever sobre o sofrimento de uma menina que foi depreciada e oferecida pela mãe como presente a um comerciante e que dali acabou servindo aos espanhóis.

Faz reflexões filosóficas e éticas enquanto romanceia a vida de Malinche ainda que se apoie em dados históricos e bibliográficos, o que o leva a pensar que esse romance pode ser considerado histórico, ainda que o mesmo não tenha a estrutura literária de um romance histórico.⁴²⁹

Esclarece ele que a população autóctone chamava essa mulher de Malinche, uma expressão depreciativa já que ela preferia os espanhóis e seus costumes ao seu próprio povo; os astecas chamavam Hernán Cortés de Senhor Malinche. Destes dois fatos surgiu o termo “Malinchismo” que se refere a quem dá maior importância aos estrangeiros do que ao autóctone, ao que pertence a si próprio.

Com o título em que se refere a todos os nomes pelos quais ela ficou conhecida, ele pretende invocar essa mulher a quem tantos se referiram cada qual a sua maneira.

Os nomes “Malinal, Malintzin, Malinche, Marina, Ce-Malinalli e Dona Marina se referem à mesma pessoa, o (in) famoso Malinche. Através da grande variedade de nomes usados para denotá-la, surgem as múltiplas descrições muitas vezes contraditórias. Malinali - a escrav; Malintzín - a princesa, Dona Marina - a senhora cristianizada, e La Malinche - a traidora”. Seu nome Náhuatl, Ce-Malinalli, foi dado a ela no nascimento. Entre as primeiras mulheres indígenas a serem convertidas ao cristianismo, os conquistadores espanhóis batizaram Marina. Em muitos casos, Malinalli foi reverentemente chamada de "Malintzin" pelos índios e "Doña Marina" pelos espanhóis, indicando seu status especial entre os dois grupos. O nome "Malinche", no entanto, é o mais frequentemente usado ao longo da história. (HÖLLER, 2010, p. 40).⁴³⁰

⁴²⁹ o romance histórico corresponde às narrativas, cujo objetivo explícito consiste em promover uma apropriação dos fatos históricos de uma dada comunidade humana, em um determinado momento. O autor dessa espécie narrativa vai se valer de eventos surgidos de fatos reais, buscando uma identificação entre sua criação e o factual, que será matéria fundamental de apropriação do que se tornará arte, literatura, sem perder o vínculo intrínseco com a realidade. A assimilação nesse caso se faz de forma explícita, mesmo porque essa acomodação tem um fim lógico e plausível. (CANEDO SILVA, 2016, p.88).

⁴³⁰ The names “Malinal, Malintzin, Malinche, Marina, Ce-Malinalli, doña Marina all refer to the same person, the (in) famous Malinche. Through the sheer variety of names used to denote her, the multiple often contradictory descriptions of her role emerge Malinali – the slave; Malintzín – the princess, Doña

O que o levou a escrever sobre Malinche não foi a intenção de impor sua opinião particular sobre ela, se a considerava boa ou má, com virtudes ou vícios, mas que, ainda que pretendesse permanecer impessoal, reconhece que não foi possível e que através das páginas deixa transparecer alguns conceitos que enaltecem ou denigrem os personagens, mas que, sobretudo, deixa ao leitor, ao seu critério pessoal e à sua escala de valores o poder de colocar Malinche em um lugar que lhe corresponderá. O que ele pretende, na verdade, é deixar clara a visão entre o mundo e a essência da vida dos povos pré-colombianos, dar a ideia de seu habitat, sua organização social, seus costumes e crenças e contrastá-lo com o mundo conhecido após a chegada dos espanhóis. O autor se fixa no choque deste encontro entre dois povos que, separados por um oceano e pelo tempo de repente se veem em meio a batalhas sangrentas, à destruição de um império e a construção de outro mundo sob suas ruínas. Acredita que, após a leitura, possamos compreender, enquanto leitores, as ações, atitudes e estados emocionais destes personagens que tiveram que conviver e tomar atitudes em meio a essa turbulência de acontecimentos.

Em suas *Reflexões finais*, o autor escreve que não há como o evento que é chamado de “conquista do México” não ter deixado muitas perguntas sem respostas satisfatórias, como por exemplo, como pode que tão poucos homens tenham conquistado um território tão grande? Houve muitas causas para que isso tivesse acontecido, muitos fatores precisam ser considerados, como as crenças religiosas, as influências das lendas do deus Quetzacoátl, a coincidência de Hernán Cortés ter chegado ao México em 1519, ano *Ce Acatl*, em que acontecimentos premonitórios interpretados como um anúncio da volta do deus asteca. É preciso lembrar ainda, do medo dos indígenas aos soldados a cavalo, animal que desconheciam e que por isso acreditaram que se tratava, o cavalo com seu cavaleiro, como um monstro de duas cabeças, a inferioridade das armas dos guerreiros autóctones, o desconhecimento do poder da pólvora. Importante fator foi que os astecas faziam

Marina – the Christianized lady, and la Malinche – the traitor”. Her Náhuatl name, Ce-Malinalli was given to her at birth. Among the first indigenous women to be converted to Christianity, Spanish conquerors baptized her Marina. In many instances, Malinalli was reverently called “Malintzin” by the Indians and “Doña Marina” by the Spanish, indicating her special status among both groups. The name “Malinche,” however is the one most frequently used throughout history. (HÖLLER, 2010, p. 40).

suas guerras floridas e que nelas, os inimigos eram capturados vivos, que se evitava a todo custo matá-los no campo de batalha. Convém lembrar, ainda, as habilidades de Cortés em estabelecer alianças com os caciques e povos nativos, sobretudo os tlaxcaltecas, sem esquecer sua crueldade, os castigos que era pródigo em distribuir a quem era contra suas ordens, as matanças no Templo Mayor e em Cholula. Há ainda mais a dizer sobre Hernán Cortés:

Embora ele às vezes tenha demonstrado misericórdia e desejo de proteger os nativos, ele quase sempre os tratava como seres inferiores, ignorando suas crenças e costumes religiosos, sem respeitar a suposição hierárquica dentro da nobreza, sem respeitar sua dignidade como seres humanos. ...] Ele contemplou a escravidão e maltratou os derrotados, o que é contrário aos princípios da religião católica que professam dizer. (GUTIÉRREZ Y SAMPERIO, 2019, pp. 2103 -104, tradução nossa).⁴³¹

Quanto à Malinche o autor escreve que seu papel de intérprete foi definitivo para estabelecer as alianças necessárias e que seus conselhos ao espanhol e sua influência política foram determinantes em muitos momentos decisivos nos acontecimentos para a conquista o México. Assim ele a define, tentando compreender essa mulher que provoca tantas opiniões controversas até os dias de hoje e tenta situá-la em meio aos tempos em que ela estava inserida, e à realidade em que vivia, o tempo da chegada dos espanhóis no México e o lugar que ela ocupava entre duas culturas diferentes, a asteca e a espanhola e como foi vista por esses dois diferentes pontos de vista e as divergentes abordagens com que é representada através dos diferentes autores e séculos:

Ela não era uma bruxa feiticeira ou prostituta, como mencionado em alguns escritos, nem era Deusa como a consideravam em algumas comunidades indígenas. Ela defendeu as condições das mulheres, mas muitas a consideram a primeira feminista no México, ela foi a iniciadora da miscigenação, de uma nova mistura de sangue espanhol e indígena. Alguns a consideram traidora de seu povo por causa de sua preferência por estrangeiros, da qual surge o termo malinchismo. É necessário lembrar que, na época da conquista, os povos indígenas não estavam unificados, havia uma grande rivalidade entre eles, a poligamia e a escravidão eram aceitas, o que explica em parte a atitude tolerante de Malintzin em relação aos espanhóis. (GUTIÉRREZ Y SAMPERIO, 2019, p. 2144, tradução nossa).⁴³²

⁴³¹ Aunque en ocasiones mostró piedad y deseo de proteger a los indígenas, casi siempre los trato como seres inferiores, pasando por alto sus creencias religiosas y sus costumbres, sin respetar suposición jerárquica dentro de la nobleza, sin respetar su dignidad como seres humanos.[...] Contemporizó con la esclavitud y maltrató a los vencidos, lo que este en contra de los principios de la religión católica que decía professar. (GUTIÉRREZ Y SAMPERIO, 2019, pp. 2103- 104).

⁴³² No fue bruja hechicera o prostituta como se menciona en algunos escritos, tampoco fue Diosa como la consideraban en algunas comunidades indígenas. Defendió las condiciones de la mujer per lo muchos la consideran la primera feminista de México, fu ela iniciadora del mestizaje, de una nueva mezcla de sangre española y la indígena. Algunos la consideran traidora de su Pueblo por su preferencia por los extranjeros, de onde surge el término malinchismo. Es necesario recordar que en

Em suas *Reflexões finais*, o autor compartilha com o leitor muitas informações históricas sobre Malinche, uma peregrinação que teria feito, sua morte e o local em que estaria enterrada, informações que valem ser descritas neste trabalho, visto a raridade delas.

Sobre a peregrinação que Malinche fez, podemos deduzir que ela não estava morta até 1530 e o mais importante; podemos inferir que ela mantinha fé nos deuses mexicas, revelando que não estava totalmente convertida à fé católica. Mesmo que acreditasse no deus dos espanhóis, orava para os deuses astecas:

Ele decide fazer uma peregrinação à colina de Tepeyac, onde estava localizada a escultura da Deusa Tonantzin, segue a fila de Quetzacóatl e chega à colina de Tepeyac em 12 de dezembro de 1530, prostrando-se diante de Tonatzin e pede ajuda para encontrar-se novamente depois de tantas incertezas. (GUTIÉRREZ Y SAMPERIO, 2019, p. 2171, tradução nossa).⁴³³

Sobre a morte de Malinche:

Não sabemos qual foi a doença que terminou com a vida de Malinalli, ela padeceu com estoicismo, tomando os remédios naturais aprendidos com seus ancestrais; a data exata de sua morte é ignorada, provavelmente ela morreu entre 12 de dezembro, Data de 1530 de sua peregrinação a Tepeyac e 12 de dezembro de 1531, data da aparição da Virgem de Guadalupe, aproximadamente seis meses antes do segundo casamento de seu viúvo Juan Jaramillo com Beatriz de Andrada. (GUTIÉRREZ Y SAMPERIO, 2019, p. 2201, tradução nossa).⁴³⁴

O livro de César Librado Gutiérrez Y Samperio (2019) se baseia em extensa pesquisa bibliográfica conforme consta na extensa lista de referências (sete páginas) ao final do romance. Essas considerações finais são de dados pesquisados em fontes bibliográficas e em uma cuidadosa revisão da história da Conquista do México e do nascimento da Nova Espanha. (GUTIÉRREZ Y SAMPERIO, 2019 p. 2319).

el tempo de la conquista los pueblos indígenas no estaban unificados, habia gran rivalidade entre ellos, la poligamia y la esclavitud eran aceptadas, lo que explica en parte la actitud tolerante de Malintzin com los españoles. (GUTIÉRREZ Y SAMPERIO, 2019, p. 2144).

⁴³³ Decide hacer una peregrinación l cerro del Tepeyac, donde se encontraba la escultura de la Diosa Tonantzin, sigue lar uta de Quetzacóatl y llega al cerro del Tepeyac el 12 de diciembre de 1530, se postra ante Tonatzin y le pyede ayuda para reencontrarse después de tantas perdidas. (GUTIÉRREZ Y SAMPERIO, 2019, p. 2171).

⁴³⁴ No sabemos cuál fu ela enfermedad que terminó com la vida de Malinalli, ella la pedeció com estoicismo tomando los remédios naturales aprendidos de sus ancestros, se ignora la fecha exacta de su muerte, lo más probable es que haya falecido entre el 12 de diciembre de 1530 fecha de su peregrinaje al Tepeyac y el 12 de diciembre de 1531, fecha de la aparición de la Virgen de Guadalupe, aproximadamente seis meses antes del segundo matrimonio de su viudo Juan Jaramillo com Beatriz de Andrada. (GUTIÉRREZ Y SAMPERIO, 2019, p. 2201).

É provável que os restos de Doña Marina sejam encontrados em Xilopotec, enterrados no átrio do templo de San Pedro e San Pablo, ou no jardim da casa em que ela morava com seu marido e filhos legítimos. [...] Tendo morrido na cidade do México, provavelmente seus restos mortais foram depositados no convento de São Francisco, em Coyoacán. (GUTIÉRREZ Y SAMPERIO, 2019 p. 2214, tradução nossa).⁴³⁵

Sobre o local em que estaria enterrada, não há nenhuma informação precisa, porque não as tem a História. Sobre esse lapso histórico, escreve o autor:

Destaca-se a pouca importância que o INAH e as autoridades civis deram aos locais onde Doña Marina viveu em seus últimos anos. No monumento localizado no átrio da Igreja de San Pedro e San Pablo, onde tudo indica que sua filha Maria enterrou seus restos mortais em 1555, um monumento com cerca de um metro e meio de altura, coroado por uma cruz de pedra em cujo centro está Na face de Cristo, com vários caracteres indígenas e gravuras nos suspensórios da cruz, não há placa explicando a importância histórica do local. (GUTIÉRREZ Y SAMPERIO, 2019 p. 2214, tradução nossa).⁴³⁶

A mesma falta de importância histórica se verifica em relação à casa onde morou Malinche até sua morte:

A casa onde Malinalli morava, localizada em um lado do templo de San Pero e San Pablo se estendia até um canto da praça da cidade, é muito mal preservada, na parte que dá para o jardim que eles construíram instalações comerciais e um segundo andar não há placa ou placa que indique a importância do local. (GUTIÉRREZ Y SAMPERIO, 2019 p. 2214, tradução nossa).⁴³⁷

Apesar de ela despertar a atenção de tantos literatos e acadêmicos, romancistas e feministas, continua sendo um personagem a que a história moderna (à semelhança das fontes históricas) dá pouca ou nenhuma importância. Os locais em que viveu, sua vida ao separar-se de Hernán Cortés, o local onde viveu, morreu ou foi enterrada, que deveriam ser marcos históricos, não despertam a atenção, são ignorados.

⁴³⁵ Los restos de Doña Marina probablemente se encuentran en Xilopotec, sepultados en el átrio del templo de San Pedro y San Pablo, o en el jardín de la casa que habitó con su legítimo esposo y sus hijos [...] De haber fallecido en ciudad del México, probablemente sus restos se hubieron depositado en el Convento de San Francisco, en Coyoacán. (GUTIÉRREZ Y SAMPERIO, 2019 p. 2214).

⁴³⁶ Es de llamar la atención la poca importancia que el INAH y las autoridades civiles han dado a los sitios donde Doña Marina vivió en sus últimos años. En el monumento situado en el atrio de la Iglesia de San Pedro y San Pablo, donde todo indica que su hija Maria sepultó sus restos in 1555, un monumento de aproximadamente cuatro metros de altura, coronado por una cruz de piedra en cuyo centro se encuentra el rostro de Cristo, con múltiples caracteres y grabados indígenas en los brazos de la cruz, no existe ninguna placa en la cual se explique la importancia histórica del lugar. (GUTIÉRREZ Y SAMPERIO, 2019 p. 2214).

⁴³⁷ La casa donde habitó Malinalli, situada a un lado del templo de San Pero y San Pablo, la que se extendía hasta una esquina de la plaza del pueblo, está muy mal conservada, en la parte que da al jardín le construyeron locales comerciales y un segunda planta, tampoco existe ningún letrero o placa que indique la importancia del lugar. (GUTIÉRREZ Y SAMPERIO, 2019 p. 2214).

No romance *La Malinche: Doña Marina, Malinaltzin, Malintzin, Malinalli. Una sola mujer* Malinalli, após a morte do pai, um cacique, continuou sendo o que era para a mãe, uma serviçal que fazia incansavelmente os serviços da casa. Quando queria descansar, a mãe arrumava mais o que fazer, para não ver a menina parada. Logo essa mãe casa-se com outro homem que pede para que Malinalli seja vendida a um mercador de escravos de Xicalango, desejo que é atendido prontamente pela mãe, pois queria que o filho recém-nascido deste casamento fosse o próximo cacique, no lugar que pertenceria à menina. Os comerciantes tornaram a vendê-la a uma família que tinha acabado de perder uma filha e que se tornaram como pai e mãe, apaixonados pela menina. Quando a entregaram a Hernán Cortés lhe disseram que era uma honra para ela servir aos espanhóis considerados enviados do deus Quetzacoátl.

Malinche tinha severas dúvidas de que Cortés não era, de fato, um deus. Ela teria percebido isso em muitas ocasiões, especialmente quando este manda enforcar espanhóis como Jesús Escudero e Diego Cermeño, ordena a amputação dos pés de Gonzalo de Umbría e Alonso Penalva: “É possível que esses eventos inesperados criem em Malintzin a primeira dúvida sobre a origem divina do conquistador; se ele tratasse seus soldados como esperado, trataria os povos conquistados.” (GUTIÉRREZ Y SAMPERIO, 2019, pp 706-707, tradução nossa).⁴³⁸

Ainda que tivesse suas próprias dúvidas ou certezas sobre a origem humana de Cortés e suas qualidades ao tratar os seres humanos, Malinche continua convencendo os povos que encontravam pelo caminho que Cortés e os espanhóis eram o lado certo a permanecer:

A participação de Malinaltzin para convencê-los de que haviam sido liderados pelo jugo da asteca e agora eram seus aliados, foi decisiva para consertar as coisas. Em cada cidade onde Malinaltzin chegou eles repetiram o mesmo discurso, que os espanhóis vinham em paz, enviados do rei Carlos V, que era o representante do Papa de Roma, que o deles era o Deus verdadeiro, que proibia sacrifícios humanos e que se comesse as vítimas, que eram enganados pelos seus falsos deuses, aqueles que em algumas partes já haviam sido destruídos, sem que nada acontecesse, sem que houvesse punição. (GUTIÉRREZ Y SAMPERIO, 2019, p. 859, tradução nossa).⁴³⁹

⁴³⁸ “É possível que estos inesperados hechos crearam en Malintzin la primera duda sobre el origen divino del conquistador, si así trataba a sus soldados como se esperaba tratara a los pueblos conquistados.” (GUTIÉRREZ Y SAMPERIO, 2019, pp 706-707).

⁴³⁹ La participación de Malinaltzin para convencerlos de que habiam sido liderados del yugo asteca y ahora eran sus aliados, fue determinante para arreglar las cosas. En cada pueblo al que llegaban Malinaltzin repetía el mismo discurso, que los españoles venían en paz, enviados del rey Carlos V,

Não se sabe o que os povos nativos entendiam dos discursos de Malinche, nem quais figuras formavam em suas mentes dos distantes e desconhecidos Carlos V e desse Papa, ou como formulavam os pensamentos quando alguém que vinha e lhes dizia que seus deuses eram falsos e insignificantes e que um outro era verdadeiro e poderoso. Não parece crível que alguém mude suas crenças religiosas porque alguém lhes comunica que são falsas. Talvez o que eles realmente entendessem dos discursos de Malinche fosse que ela era um deles e que, o que se falava com convicção devia ser verdade, se ela tinha aceitado servir aos estranhos, mesmo sendo indígena. Se ela se convencera e aceitara servir aos desconhecidos que poderiam trazer algo melhor a eles do que o que já sabiam, que os astecas lhes proporcionava eles poderia se convencer também, já que o desconhecido muitas vezes exerce poder de atração. Talvez eles pensassem que não poderia ficar pior e não soubessem que tudo sempre pode piorar. O certo é que o papel de Malinche, a presença delas ao lado dos estrangeiros tem que ter tido um papel de extrema importância no rumo dos acontecimentos. Se ela não convencesse Xicontecatli, chefe dos tlaxcaltecas, de que os espanhóis queriam ser amigos deles e que juntos lutassem contra os astecas; se não tivesse o apoio dos cinquenta mil tlascaltecas, Cortés, certamente, não teria vencido. Se ela agiu em Cholula, isso também evitou que os espanhóis fossem derrotados.

Em *La Malinche: Doña Marina, Malinaltzin, Malintzin, Malinalli. Una sola mujer* Malinche é representada como em dúvida se entregava seu “próprio povo” aos espanhóis:

Um dilema surge aqui para Malinaltzin ou Doña Marina, por um lado, como solidariedade com seu povo para se calar e permitir que o exército espanhol seja derrotado, com o que a conquista do México teria parado ou atrasado, por outro, se comunicaria com Cortés o que foi revelado pela velha e desmantelar a intriga das colultecas e astecas. A fidelidade ao conquistador, amor ou identificação com quem ela considerava um emissário de Quetzacoátl a fizeram favorecer a segunda opção. (GUTIÉRREZ Y SAMPERIO, 2019, p. 1067).⁴⁴⁰

quien era el representante del Papa de Roma, que el suyo era el Dios verdadero, que prohibia los sacrificios humanos y se comieran a sus víctimas, que ellos están engañados por sus falsos Dioses, los que en algunas partes ya habían sido destruídos, sin que se pasara nada, sin que ocurriera ningún castigo. (GUTIÉRREZ Y SAMPERIO, 2019, p. 859).

⁴⁴⁰ Surge aqui um dilema para Malinaltzin o doña Marina, por um lado, como solidariedad com su pueblo guardar silencio y permitir que el ejército español fuera derrotado, com lo que se hubiera detenido o retrasado la conquista do México, por el otro, comunicar a Cortés lo revelado por la anciana y desmantelar la intriga de cholultecas y aztecas. La fidelidad al conquistador, amor o

Ao se por contra seu povo, seus iguais, nativos e habitantes do México, como argumentos, o autor diz que ela o teria feito por amor, por identificação ou por considerá-los enviados do deus asteca. O certo é que Malinche estava lá e que assistiu à chacina de seus iguais, homens, mulheres, velhos e crianças e que mesmo assim continuou servindo aos estrangeiros. Provavelmente ela esperase muito desses homens, que lhe trouxessem um destino melhor, que acabassem com os sacrifícios humanos, que trouxessem a paz e uma vida melhor. Talvez os argumentos de que ela teria agido por amor ou identificação possam ser válidos e que ela realmente amasse um homem que matava velhos e crianças. Não se sabe se ela acreditava que Cortés era enviado do deus Quetzacoátl, um deus do amor, contrários aos sacrifícios e à morte dos homens.

Depois da matança ela transmitiu aos tlaxcaltecas as ordens de Cortés para que entrassem e comesçassem à pilhagem de Cholula. Quando Montezuma estava preso, depois da matança no Templo Mayor, ela convence Montezuma a sair no terraço do palácio e pedir ao povo que não matassem os espanhóis: “Meu senhor diz que sua intervenção pode ser usada para evitar mais mortes, e os espanhóis são enviados de Quetzacoátl, para que sua intervenção possa ser considerada como “um ato por ordem divina”. (GUTIÉRREZ Y SAMPERIO, 2019, p. 1330).⁴⁴¹ E Montezuma saiu à sacada, pedir que o povo não linchasse os espanhóis. Esse foi o ato humano mais lamentável da História. Montezuma perdeu, assim, a última oportunidade de que os espanhóis fossem rechaçados, mortos, que o fato histórico que se chamou de “conquista” fosse interrompido, que uma civilização organizada e próspera fosse dizimada e feita escrava, que sua arte e sua cultura fosse vilipendiada e que dela só permanecesse sobras e fragmentos.

Após a reconquista de Tenochtitlán, os espanhóis passaram a gerir a cidade e os povos nativos. Malinche passou a viver confortavelmente. Librado Gutiérrez Y Samperio (2019) descreve as terras que o casal recebeu de Cortés:

A encomienda de Xilotepec ao capitão Juan Jaramillo foi muito extensa, com vários milhares de dólares sob sua responsabilidade, estendendo-se dos limites de Tenochtitlán a Suan Juan del Río, no estado de Querétaro, e

identificación com quien ella consideraba emisario de Quetzacoátl hizo que se inclinara por la segunda opción. (GUTIÉRREZ Y SAMPERIO, 2019, p. 1067).

⁴⁴¹ “Dice mi señor que su intervención puede servir para evitar más muertes, además os españoles son enviados de Quetzacoátl, por lo que su intervención se puede considerar como “un acto por mandado divino.” (GUTIÉRREZ Y SAMPERIO, 2019, p. 1330).

Ixmiquilpan, no estado de Hidalgo, o que resultava ser muito lucrativa (GUTIÉRREZ Y SAMPERIO, 2019, p. 2144).⁴⁴²

Em troca dos seus trabalhos e esforços, Malinche recebeu uma casa enorme, encomiendas e viveu tranquila enquanto lhe foi permitido e pode observar um colibrí que retirava néctar das flores e ele é descrito como uma metáfora para o que seria o México a partir dali: “Aqui chamamos Huitzilin, é o símbolo do renascimento, da renovação da vida. De repente, o pássaro caiu aparentemente morto, Malinalli o pegou nas mãos e o levou ao peito, lentamente começou a voar sobre as asas e começou o voo.” (GUTIÉRREZ Y SAMPERIO, 2019, p. 1485).⁴⁴³

Helen Heightsman Gordon (2005) escreveu que queria contar a história de Malinche como se fosse ela própria quem a contasse, se não estivesse morrido. O bom seria que a personagem fosse viva para ler palavras de Eduardo Galeano e pensar na caída do México que ela ajudou os espanhóis a “conquistar”:

Com tiros de arcabuz, golpes de espada e sopros de peste, avançavam os implacáveis e escassos conquistadores da América. [...] Os espanhóis “deleitavam-se. Como se fossem macacos levantavam o ouro, como que se encantassem, gestos de prazer, como que se lhes renovasse e iluminasse o coração. Como que certo é que isso desejam com muita sede. Se lhes incha o corpo por isto. Como uns porcos famintos que anseiam pelo ouro”, diz o texto nahuatl, preservado no Códice Florentino. Mais adiante, quando Cortez chega Tenochtitlán, a esplêndida capital asteca de 300 mil habitantes, os espanhóis entram na casa do tesouro, “e logo fizeram uma grande bola de ouro, e puseram fogo, incendiaram, atearam fogo a tudo que restava, por mais valioso que fosse: com o que tudo ardeu. E em relação ao ouro, os espanhóis o reduziram a barras...” Houve guerra, e finalmente Cortez, que havia perdido Tenochtitlán, a reconquistou em 1521. [...] A cidade, devastada, incendiada e coberta de cadáveres, caiu. [...] Fernão Cortez havia-se horrorizado ante os sacrifícios dos indígenas de Veracruz, que queimavam entranhas dos meninos para oferecer a fumaça aos deuses; todavia, não houve limites para sua própria crueldade na cidade reconquistada. “E toda a noite choveu sobre nós.” Mas a força e o tormento não foram suficientes: os tesouros arrebatados não preenchiam nunca as exigências da imaginação, e durante muitos anos escavaram os espanhóis o fundo do lago do México em busca do ouro e dos objetos preciosos que os índios teriam escondido. (GALEANO, 1971, p. 15)

⁴⁴² La encomienda de Xilotepec al capitán Juan Jaramillo era muy extensa com vários millares d índios a su cargo, se extendía desde los limites de Tenochtitlán hasta Suan Juan del Río en el Estado de Querétaro e Ixmiquilpan en el Estado de Hidalgo, per lo que redituaba muy buenos dividendos. (GUTIÉRREZ Y SAMPERIO, 2019, p. 2144).

⁴⁴³ “Aqui lo llamamos Huitzilin, es el símbolo del renacer, de la renovación de la vida. Intempestivamente el pajarillo se desplomó al parecer muerto, Malinalli lo tompo en sus manos y lo acercó a su pecho, poco a poco comenzó a over sus alas y emprendió el vuelo.” (GUTIÉRREZ Y SAMPERIO, 2019, p. 1485).

E o México não morreu; ressuscitou, como o colibri que Malinche segurava nas mãos:

Mas este era “o país da desigualdade” e Humboldt pôde escrever sobre o México: “Em nenhuma parte a desigualdade é mais espantosa... a arquitetura dos edifícios públicos e privados, a finura do enxoval das mulheres, o ar da sociedade; tudo anuncia um extremo esmero que se contrapõe extraordinariamente à nudez, ignorância e rusticidade do populacho.” As novas veias de prata engoliam homens e mulas nas ondulações das cordilheiras; os índios, “que viviam só para sair de dia”, sofriam fome endêmica, e as pestes matavam como moscas. Num único ano, 1784, uma onda de doenças provocadas pela falta de alimentos, gerada por uma geada arrasadora, tinha ceifado mais de oito mil vidas em Guanajuato. (GALEANO, 1971, p. 27).

Concluimos que Malinche tem estado na mira de uma ampla e sistemática investigação, objetivando desvendar o sentido das suas ações. Disso, resultou um emaranhado tecido de desacordos e contrassensos, que se alternam em apontar o seu comportamento justo ou injusto, a sua altivez e distinção ou sua mesquinhez, a sua coragem ou crueldade e desejo de vingança, seu nacionalismo ou seu desprezo a uma pátria e seus concidadãos.

Malinche seria diretamente ligada aos fatores atuais de pobreza do México. Essa, entre muitas acusações que pesam sobre ela, afeta sua imagem. Ela e Cortés seriam os responsáveis, ou responsabilizados, por várias ações desastrosas. Tendo ela sido uma ajuda das mais importantes, juntamente com o povo de Tlaxcala, pela vitória dos espanhóis e a subjugação dos astecas e de Montezuma, contribuiu para a atual situação desse país de terceiro mundo que nunca mais se reergueu. Malinche, possibilitando aos espanhóis conhecer as fragilidades do que viria a ser o Novo Mundo, ajudou a que suas riquezas fossem espoliadas por saques e extração de minérios. Apenas despojos e sobras foram deixados pelos espanhóis. Isso aconteceu na maioria dos países colonizados, dificultando o crescimento futuro dessas civilizações.

Outra acusação de importância seria a efetiva participação dela em grandes massacres, como o de Cholula. O autor de *La Malinche: Doña Marina, Malinaltzin, Malintzin, Malinalli. Una sola mujer* não a menciona na matança do templo mayor. Menciona, em detalhes o encontro de Malinche com a mãe, o medo desta de que a companheira dos espanhóis lhe fizesse mal, o choro das duas e o perdão de Malinche que se comparava à mãe, pois também não vivia em companhia do filho

Martín. Escreve que sobre a morte de Cuauhtémoc "não se sabe ao certo qual era o papel de La Malinche" (GUTIÉRREZ Y SAMPERIO, 2019, p. 1837).⁴⁴⁴

Conta o narrador que Malinche furou a língua com espinho de *maguey*, teve uma grande hemorragia e que após a cicatrização não pode voltar a ser a tradutora de Cortés. Casada já com Juan Jaramillo, instalada em sua *encomienda*, não tinha mais motivos ou razões para andar pelos desfiladeiros e estradas acompanhando o conquistador. Também já não havia o que conquistar.

Para ilustrar o poder linguístico e o bilinguismo de La Malinche, vale citar o excerto que Helen Heightsman Gordon inclui em seu romance: "Ela tem duas línguas, como uma cobra, eles dizem," o guerreiro mais velho rosnou. "Malinche fala através dela." (GORDON, 2005, p. 356).⁴⁴⁵ O comentário que faz analogia à cobra, relacionando-a e assemelhando-a à capacidade de Malinche de falar duas línguas, vem por meio de personagens nativos, antigos companheiros de Malinalli. Convém lembrar que o epíteto de traidora, indelevelmente ligado à Malinche, deve-se a sua habilidade com as línguas e que uma serpente está ligada ao episódio bíblico no qual Eva come a maçã.

3.7 V. Castro - Sexualização e imortalidade de Malinche em *The Erotic Modern Life of Malinalli The Vampire* (2019)

The Erotic Modern Life of Malinalli The Vampire da autora V. CASTRO (2019) é um exemplo disso. Esse é um romance que se passa em Dublin, basicamente um romance erótico, com muitas cenas de sexo. A autora, mexicana-americana, nasceu em San Antonio, Texas e escreve que a cultura mexicana é sua primeira inspiração.

O enredo do romance é completamente inesperado quando se busca uma leitura no qual a personagem principal seja Malinche, a mesma personagem que viveu entre os astecas e ajudou a destruí-los juntamente com Hernán Cortés e encontramos em uma moderna vampira. O livro é contado em primeira pessoa, pela própria Malinche. Em meio a inúmeras cenas de sexo descritas explicitamente, em

⁴⁴⁴ "no se sabe a ciencia cierta cual fue el papel de La Malinche" (GUTIÉRREZ Y SAMPERIO, 2019, p. 1837).

⁴⁴⁵ "She has two tongues, like a snake, they say," the older warrior snarled. "Malinche talks through her." (GORDON, 2005, p. 356).

detalhes, o leitor é informado que o nome da personagem é Malinalli e que ela nasceu no México: "Eu sou do Mexico. Foi um sonho de toda a vida explorar toda a Europa, um lugar de cada vez. " (CASTRO, 2019, p. 16, tradução nossa).⁴⁴⁶

Em um bar, a moça conhece um escritor de romances de terror, e vai com ele até seu apartamento. Sente-se familiarizada com alguns objetos que vê nas paredes da sala: "Um crânio envernizado preto de animais, com grandes chifres, está pendurado na parede, com os olhos ocos e negros olhando para toda a sala." (CASTRO, 2019, p. 7, tradução nossa).⁴⁴⁷ Através de pequenos indícios o leitor vai percebendo que a história remete aos astecas e à Tenochtitlán e seus deuses: "A caveira negra com enormes chifres chama minha atenção novamente. Isso me lembra de minha vida passada. Isso é como um deus sombrio que apenas testemunhava e abençoava nosso matrimônio profano e sexual. "(CASTRO, 2019, p. 12, tradução nossa).⁴⁴⁸

Malinalli, no momento da narrativa tem 522 anos de idade; é uma morta-viva, irresistivelmente sensual, vampira desde os 30 anos.

A personagem conta que não precisa se esconder do sol como conta a lenda de vampiros, pois nasceu no México, uma nahua, adoradora do deus Sol: "É totalmente falso. Eu amo o sol. Na verdade, é uma fonte de paz e calma para mim. Afinal, nasci uma adoradora do sol - sou do que agora é o México, mas sou Nahua por nascimento"(CASTRO, 2019, p. 35, tradução nossa).⁴⁴⁹

Escrava depois da Conquista do México, nos tempos modernos trabalha com antiguidades:

Quando os espanhóis chegaram ao Novo Mundo, sua mente não estava senão pilhagem e conquista. Seu desejo por riquezas e sua crueldade. Fui dado a um espanhol muito poderoso como escravo e a par de todos os segredos espanhóis. Nunca subestimou a mulher silenciosa. Você nunca sabe o que ela vê ou mantém trancado em sua mente para uso posterior. Depois de me tornar uma vampira, usei todo o meu conhecimento para esconder tesouros roubados em várias cavernas no México e na América

⁴⁴⁶ "I'm from Mexico. It's been a life-long dream to explore all of Europe, one county at time." (CASTRO, 2019, p. 16).

⁴⁴⁷ A black varnished animal skull with large antlers hangs on the wall, its black hollow eyes overlooking the entire room. (CASTRO, 2019, p. 7).

⁴⁴⁸ The black skull with enormous antlers catches my eyes again. It reminds me my past life. This thing is like a dark god that just witnessed and blessed our sexual unholy matrimony. (CASTRO, 2019, p. 12).

⁴⁴⁹ It's totally false. I love the sun. In fact, it's a source of peace and calm for me. I was born a sun worshipper after all- I'm from what is now called Mexico, but I am Nahua by birth. (CASTRO, 2019, p. 35).

do Sul. Com o passar do tempo, eu visitava minhas hordas secretas para vender a colecionadores ou museus. Hoje eu brinco com antiguidades de todo o lado. (CASTRO, 2019, p. 38, tradução nossa).⁴⁵⁰

Começou a esconder tesouros astecas em cavernas no México e vende a colecionadores, museus e também se utiliza da internet para vender as obras que teria salvado das mãos e da cobiça dos espanhóis. Interessante que Malinche, essa personagem, diz que os espanhóis foram cruéis e ambiciosos, interessados somente em riquezas e o que ela consegue, ao se transformar em vampira, usar todo o seu conhecimento para esconder tesouros que a possibilitaram a viver economicamente bem por 500 anos. “Eu escolhi uma vida egoísta e solitária, baseada na sobrevivência. Estávamos todos tentando sobreviver após a chegada dos espanhóis.” (CASTRO, 2019, p. 58, tradução nossa).⁴⁵¹ Pelo que revela, foi tão ambiciosa e egoísta quanto os espanhóis, pois que também saquearam e deixaram na pobreza o povo mexicano, contribuindo para que suas riquezas e obras de arte fossem parar em museus e colecionadores particulares.

Em tempo, a personagem reconhece que escolheu uma vida egoísta cuja maior preocupação era a sobrevivência. Há, no romance a afirmação de Malinche: “Eu tive que deixar meus filhos que não estavam mais interessados em mim e, finalmente, abandonar a única vida que eu conhecia para o desconhecido.” (CASTRO, 2019, p. 58, tradução nossa).⁴⁵² No romance não há uma explicação de porque teve que abandonar os filhos, que se sabe que eram dois, Martín e Maria. Essa referência pode ser relacionada ao mito *La Llorona* a mulher vestida de branco que vagava pelas noites a chorar pelos filhos perdidos à deusa Cihuacóatl, a “deusa serpente”, também vestida de branco e carregando um berço nas costas.

A escritora V. Castro (2019) se valeu de uma permutabilidade temática, transformou La Malinche em uma vampira completamente adaptada ao século XXI, que usa os homens para seu prazer sexual. Para a compreensão dessa mutação

⁴⁵⁰ When the spanish came to the New World their mind was on nothing but plunder and conquest. Their lust for riches as great as their cruelty. I was given to a very powerful Spaniar as a slave and privy to all the Spanish secrets. Never underestimated silent woman. You never know what she sees or keeps locked away in her mind for later use. Once I become a vampire I used all my knoledge to hide stolen treasures in various caves around Mexico and South America. As time ent out I would visit my secret hordes to sell to collectors or museums. Today I dabble in antiquities from all over. (CASTRO, 2019, p. 38).

⁴⁵¹ I chose a selfish, lonely life based on survival. We were all just trying to survie after the Spanis arrival. (CASTRO, 2019, p. 58).

⁴⁵² I had to leave my children who were no longer interested in me, and ultimately abandon the only life I knew for the unknown. (CASTRO, 2019, p. 58).

temática, achamos importante mencionar o texto de Juliana Porto Chacon Humphreys, apesar de não ser o objetivo estudar o vampirismo, mas pensando apenas nessa alteração que ocorreu na personagem Malinche no romance *The Erotic Modern Life of Malinalli The Vampire* no seu percurso que se deu enquanto personagem histórica até adentrar a literatura e transformar-se em uma moderna vampira. Em seu artigo, Humphreys (2018) compara um texto intitulado *Crê a moça minha amada (O Vampiro)*, de Henrich August Ossenfelder, escrito em 1748. A autora escreve que a poesia de H. August Ossenfelder introduz “um importante elemento à função do vampiro: o amor, ou seu correlato, o sexo; verdadeiramente, a conotação de uma relação íntima entre um humano e uma criatura sobrenatural, com aspectos de desejo e lascividade.” (HUMPHREYS, 2018, p.316).

O fato é que ocorreu essa transição da personagem histórica Malinchee ela se achou representada como uma vampira em pleno século XXI.

Ao escrever seu artigo, Humphreys (2018) percebe que uma das recorrências na literatura de vampiros diz respeito ao passado humano do vampiro, pois que ele “possui um passado humano de glórias **em guerras e conquistas.**” (HUMPHREYS, 2018, p.327, grifo nosso). A autora Humphreys (2018) percebe que essa permutabilidade do tema se dá devido “a qualidades de uma determinada personagem, bem como a suas funções, que são transmitidas de um conto a outro, de uma narrativa a outra.” (HUMPHREYS, 2018, p.312). O fato é que a personagem histórica Malinche teve seu nome relacionado a fatos muito sangrentos da história, não tão falados e lamentados universalmente quanto o holocausto ou quanto nosso período de ditadura, (nesse caso nacionalmente). Esse silenciamento e distanciamento na literatura mundial sobre a morte de indígenas pode se dever exatamente ao fato de que eram indígenas, grupos minoritários e silenciados e, fato mais relevante, do terceiro mundo. Se esses fatos são lembrados, é para homenagear os valiosos espanhóis, grandes “conquistadores” que, com uma ou duas centenas de homens, dizimaram milhares de indígenas sem nome, sem rosto e sem defensores. Se o mundo falocêntrico e branco precisava de alguém para chamar de traiçoeira e entreguista do país ao estrangeiro, Malinche serviu perfeitamente, pois não só era mulher, como também uma “índia”. Não surpreende que ela tenha chegado ao século XXI transmutada de vampira, a que suga sangue, que sugou o sangue dos astecas, povo que ajudou a destruir e a saquear. Fato

relevante para essa análise é que ela tenha sido representada como alguém que tenha sobrevivido 500 anos graças às obras de arte e tesouros roubados dos astecas.

Apaixonada pelos prazeres da vida, diz que nunca mais quer ser escrava de ninguém como foi dos espanhóis. Para completar o pensamento, Malinche, no romance, diz que a experiência de ser escrava não se repetiria na vida dela: “Passei anos sob o domínio espanhol, passei de mão em mão, ofendida e chamada de La Malinche. Você aprende a endurecer quando é escravo.” (CASTRO, 2019, p. 45).⁴⁵³ Só lembrando, a personagem histórica deixou atrás de si, milhares de nativos trabalhando de escravos nas minas, extraindo riquezas para os espanhóis. A experiência também não agradou a esses, que chegavam ao desespero de matar os filhos e esposas antes de se suicidarem, para ficarem livres da escravidão que lhes tinha restado.⁴⁵⁴

É também importante perceber que no romance de V. Castro (2019) há uma relação de sexualidade extremada da personagem Malinche com o homem que conhece no bar. Quantos aos intensos apelos sensuais, Humphreys (2018) frisa que o desejo sexual, inicialmente primazia do vampiro, se estenderá ao humano da relação: “mais tarde, será sentido por ambas as partes, por mais que nesse momento seja privilégio do vampiro.” (HUMPHREYS, 2018, p.316). A vampira Malinche alimenta-se do sangue que paga para conseguir. O exemplo dado é que ela caminha em uma rua em que se concentram prostitutas para conseguir o alimento. Por meio de um pagamento com o qual a vítima concorda em receber pela venda de seu sangue através de uma mordida no pescoço. Malinalli oferece anestesia à vítima para que esta não sinta dor ao seu sangue ser sugado. Interessante que a pessoa que vende seu sangue, não se torna um vampiro, nem sofre definhamento paulatino, como nas histórias tradicionais de autores bem

⁴⁵³ I spent years like that under Spanish rule, passe from hand to hand, reviled and called La Malinche. You learn to harden yourself when you are a slave. (CASTRO, 2019, p. 45).

⁴⁵⁴ os indígenas foram completamente exterminados nas lavagens do ouro, na terrível tarefa de revolver as areias auríferas com a metade do corpo debaixo d'água, ou lavrando os campos até a exaustão, com as costas dobradas sobre pesados instrumentos de arar trazidos da Espanha. Muitos indígenas da Dominicana se antecipavam ao destino imposto por seus novos opressores brancos: matavam seus filhos e se suicidavam em massa. O cronista oficial Fernández de Oviedo assim interpretava, em meados do século XVI, o holocausto dos antilhanos: “Muitos deles se matavam com veneno para não trabalhar, e outros se enforcavam com as próprias mãos”. (GALEANO, 1971, p. 19).

conhecidos como Bram Stoker, Henrich August Ossenfelder, Lord Byron ou John Willian Polidori.

Em verdade, o desejo sexual, que era primazia do vampiro, se estendeu ao humano: o personagem masculino sente-se tão atraído que permite que Malinche sugue seu sangue para alimentar-se, desde que não o abandone. “O último é a perpetuação da vida, o registro do final feliz e volta à normalidade. Os finais das histórias envolvendo o vampiro stokeriano ocorrem com o registro da volta à normalidade e, mais do que isso, o amor entre um casal humano revela-se como o instrumento para perpetuação da vida.” (HUMPHREYS, 2018, p.329). Não há a volta à normalidade anterior ao encontro, mas a transformação do humano em vampiro. Quando o homem pergunta à Malinalli o que pode transformar um humano em vampiro ela responde que ela deve pedir permissão e a pessoa deve consentir para que a transformação ocorra: “Preciso perguntar se você aceita meu presente por vontade própria. Eu dreino todo o seu corpo do seu sangue, mas pouco antes da morte, eu lhe dou meu sangue.” (CASTRO, 2019, p. 55, tradução nossa).⁴⁵⁵ Concluindo, a permutabilidade do tema nesse romance, de uma personagem histórica para uma vampira, segue algumas lógicas: “os padrões da personagem, de sua função na trama e seus cacoetes de performance foram sendo carregados para outras etapas.” (HUMPHREYS, 2018, p.329). Fato totalmente inovador é que o personagem vampiro tenha sido uma mulher, o que foge um pouco à regra do vampirismo na literatura. Há o “fascínio exercido pelo vampiro em uma vítima feminina.” (HUMPHREYS, 2018, p.326). Via de regra, o vampiro é um homem que atrai a mulher; como exceção, podemos perceber o homossexualismo no vampiro de Lord Byron.

Não é sem sentido que, excepcionalmente, *La Malinche*, figura feminina, mulher que ajudou a “sugar o sangue” do povo asteca, tenha sido transformada em uma vampira do século XXI.

⁴⁵⁵ “I need to ask you if you accept my gift of your own free will. I drain your entire body of your blood, but just before death, I give you my blood.” (CASTRO, 2019, p. 55).

3.7.1 Chicanas-mexicana-americanas

Como mencionado anteriormente a autora V. Castro é mexicana-americana, nascida em San Antonio, Texas, portanto, uma chicana: "Dentro de um novo entendimento, o rótulo chicano/a passou a denotar o sentimento de viver entre duas culturas." (HÖLLER, 2010, p. 12, tradução nossa).⁴⁵⁶ Michaela Höller (2010) em *I am what I am, take it or leave me alone* "translating chicananess with the ayuda of la Malinche", explica mais sobre o termo:

Os termos Chicana/o e mexicana-americano se referem a pessoas de ascendência mexicana e são usados por muitos escritores de forma intercambiável. No entanto, o uso pode diferir consideravelmente em termos de perspectivas políticas; como resultado, este estudo geralmente prefere o primeiro). Como meu foco enfatizará textos feministas, o genérico 'Chicano' foi substituído pelo feminino 'Chicana', a menos que se refira explicitamente aos homens. Os termos mexicana ou mexicano são usados quando se refere especificamente a imigrantes de primeira geração que não se definem como americanos. Ao lidar com não-Latinas / os, o termo Anglo ou Anglo American é empregado. (HÖLLER, 2010, p. 5, tradução nossa).⁴⁵⁷

Ao estudar a literatura escrita por chicanas, Michaela Höller (2010) se esforça em perceber como as protagonistas femininas dos textos de seu *corpus* literário conseguem se definir sem serem forçadas a categorias restritivas. Portanto, para a autora, será importante descobrir como Malinche, a famosa tradutora mítica/histórica pode ajudar as personagens estudadas a reivindicar suas vozes, bem como pensar em *La Malinche* como uma maneira possível de destruir a dicotomia virgem/prostituta e, conseqüentemente, a estigmatização das chicanas que abraçam as múltiplas partes de suas identidades como é estigmatizado. Para isso a autora descreve como capital uma revisão da figura de Malinche, "um pilar crucial para ajudá-las a construir pontes e, portanto, suas próprias identidades. Independentemente de Malinche ser percebida de maneira positiva ou negativa, sua voz ecoa por toda a cultura mexicana e chicana e não deve ser ignorada." (HÖLLER,

⁴⁵⁶ "Within a new understanding, the label Chicano/a has come to denote the feeling of living between two cultures." (HÖLLER, 2010, p. 12).

⁴⁵⁷ Os termos Chicana / o e mexicano-americano se referem a pessoas de ascendência mexicana e são usados por muitos escritores de forma intercambiável. No entanto, o uso pode diferir consideravelmente em termos de perspectivas políticas; como resultado, este estudo geralmente prefere o primeiro. Como meu foco enfatizará textos feministas, o genérico 'Chicano' foi substituído pelo feminino 'Chicana', a menos que se refira explicitamente aos homens. Os termos mexicano ou mexicana são usados quando se refere especificamente a imigrantes de primeira geração que não se definem como americanos. Ao lidar com não-Latinas / os, o termo Anglo ou Anglo American é empregado. (HÖLLER, 2010, p. 5).

2010, p. 10, tradução nossa).⁴⁵⁸ A autora considera importante relacionar a figura de Malinche, figura histórica real do passado factual do México, reescrevê-la para reescrever a história da mulher chicana que vive entre duas realidades e identidades, visto que ela deu origem a uma variedade de mitos reverberando pela psique mexicana e chicana, prova cabal é que autores contemporâneos, alemães⁴⁵⁹, norte-americanos, mexicanos e latino-americanos releiam e reescrevem continuamente a história de *La Malinche*.

Michaela Höller (2010) frisa que as chicanas enfrentam triplas opressões, incorporando o "Outro" oposto aos homens anglos e mexicanos, bem como às mulheres brancas e que com a ajuda de *La Malinche* e a releitura de outras figuras arquetípicas, elas poderão traduzir-se em ser e criar um espaço por conta própria fora da influência patriarcal. A autora cita escritoras chicanas que se utilizaram de uma releitura de Malinche para articularem uma identidade latina polimórfica: "Alguns exemplos de chicanas relendo e adaptando a história de Malinche são Flor Saíz, Adaljiza Sosa Riddell, Alicia Gaspar de Alba, Lucha Corpi, Lorna Dee Cervantes, Lupe A. Gonzáles, Pat Mora, Cherríe Moraga, Carmen Tafolla, Demetria Martínez etc. (HÖLLER, 2010, p. 46, tradução nossa).⁴⁶⁰ Cita ainda os trabalhos de Gloria Anzaldúa e da chicana Adelaida R. Del Castillo, completando que esta foi uma das primeiras críticas chicanas a desconstruir uma interpretação masculina imposta de La Malinche em Malintzin Tenépal: um olhar preliminar sobre uma nova perspectiva: "ela culpa a sociedade patriarcal por inventar Malinche como bode expiatório e reduzi-la a um ser sexualizado." (HÖLLER, 2010, p. 47, tradução nossa).⁴⁶¹ A estudiosa frisa que uma releitura de Malinche pode aumentar a consciência das pessoas sobre a forte conexão entre racismo e sexismo bem como pode forçar a que percebam que as opressões não só vêm de fora, mas também de dentro da própria cultura. Malinche, sendo dedicada primeiro ao deus asteca

⁴⁵⁸ "a crucial pillar to help Chicanas construct bridges, and thus their own identities. Regardless, whether Malinche is perceived in a positive or negative way, her voice echoes throughout Mexican and Chicana/o culture and must not be ignored." (HÖLLER, 2010, p. 10).

⁴⁵⁹ DRÖSCHER, Barbara. *La Malinche: Zur Aktualität der Historischen Gestalt für die Lateinamerikaforschung*. Berlin, 2000. LANG, Peter. *Philosophie und literatur in Lateinamerika*. Germany: Frankfurt, 2006.

⁴⁶⁰ "Some examples of Chicanas rereading and adapting Malinche's story are Flor Saíz, Adaljiza Sosa Riddell, Alicia Gaspar de Alba, Lucha Corpi, Lorna Dee Cervantes, Lupe A. Gonzáles, Pat Mora, Cherríe Moraga, Carmen Tafolla, Demetria Martínez, etc." (HÖLLER, 2010, p. 46).

⁴⁶¹ "Malintzin Tenépal: *A Preliminary Look into a New Perspective*: she blames patriarchal society for inventing Malinche as a scapegoat and reducing her to a sexualised being." (HÖLLER, 2010, p. 47).

Quetzalcoátl e, depois de seu batismo, ao Deus do cristianismo faz parte de uma visão que pode refutar acusações repetidas de que ela fosse uma mulher fraca impulsionada por sua sexualidade e que essa visão pode ajudar a raciocinar que a principal motivação da tradutora nahuatl para ajudar os espanhóis fosse seu profundo compromisso espiritual e não sua luxúria descontrolada pelo conquistador. Mais um argumento se destaca: a população do México era extremamente diversa. Havia lá muitos povos diferentes e, portanto, Malinche não era desleal com seu próprio povo, mas lutava contra os astecas opressivos, que governavam ferozmente o país e completamente desprezados por um grande número de grupos indígenas. Malinche pode ser, assim, vista como traída, por ter sido escrava, vendida a diferentes povos mais do que traiçoeira. Ela devia, provavelmente, ter acreditado em um futuro melhor, livre do governo sangrento de Moctezuma. Essa visão é de extrema importância para que as escritoras chicanas pudessem escrever sobre Malinche, libertando-a do estigma de traiçoeira e depravada, que se entregou por luxúria ao estrangeiro. Ao destacar a fé de Malinche, bem como a desigualdade predominante em todo o império asteca, se cria uma visão objetiva dos fatos. Basear-se nessa visão ajudou muitas escritoras a observarem esse lado religioso que pode ter dirigido suas ações. “Uma interpretação mais compreensiva de La Malinche como sobrevivente não se expressa na mitigação dos atos horríveis do espanhol durante a conquista, mas para libertá-la da difamação contínua.” (HÖLLER, 2010, p. 47, tradução nossa).⁴⁶² Essa narrativa suaviza a maneira pela qual Malinche pode ser vista pelas escritoras literárias, pois não se pode esperar que uma criança que tenha sido vendida pela mãe seja a responsável pela queda de todo um império:

Malinzin foi traída por sua mãe, que a vendeu como escrava. Além disso, as chicanas/os cometem uma traição contra ela, colocando-lhe a culpa pela queda de um império inteiro nela. As chicanas que negam La Malinche e, conseqüentemente, seu próprio passado e identidade cultural, podem ser acusadas de deslealdade à mãe metafórica. Malinche forma uma parte essencial de sua formação cultural e é um excelente exemplo de mulher inteligente que foi difamada pela sociedade porque não se conformava às normas patriarcais. (HÖLLER, 2010, pp. 47-48, tradução nossa).⁴⁶³

⁴⁶² A more sympathetic interpretation of La Malinche as a survivor is not expressed in mitigation of the Spanish's horrid deeds during the conquest, but to free her from continual vilification. (HÖLLER, 2010, p. 47).

⁴⁶³ Along with a great number of historians and critics, Del Castillo states that Malinzin was betrayed by her mother who sold her into slavery. Furthermore, Chicanas/os commit treason against her by putting the blame for the downfall of an entire empire on her. Chicanas who negate La Malinche and

Como podemos perceber, Höller defende que uma versão mais humanizadora de Malinche, da qual tem se valido os escritores, principalmente as chicanas, pode explicá-la, conceituá-la e livrá-la dos estigmas que carrega e aplicar-lhe um conceito mais humanizado.

As feministas chicanas do século XX perceberam que, a fim de se libertarem das categorizações misóginas, tinham que começar a defender sua “mãe” indígena. Com relação à forte conexão entre Malinche e chicanas, a representação odiosa da primeira como prostituta e traidora transforma a segundas em filhas de uma pessoa desprezível, levando inevitavelmente a uma autoimagem negativa. Em vez de condenar Malinche, um grande número de escritoras usa a ideia de tradutora e procriadora como uma ferramenta capacitadora para (re) reivindicar ela e sua própria posição. (HÖLLER, 2010, p. 48, tradução nossa).⁴⁶⁴

Reescrevendo a história de Malinche, essas que se escreveram sob visões patriarcais, as chicanas reescrevem suas próprias histórias e reafirmam suas identidades polimorfas.

María Elena Gaborov Jones escreve um trabalho sobre o papel da representação de Malinche nos romances escritos por chicanas no qual ela diz que não acredita que se recorra à figura de Malinche tendo apenas como justificativa de 500 anos de opressão. Ela considera não ser possível que a mulher mexicana, ou até mesmo a chicana, possa completamente entender quais fossem as consequências de seu papel exato como intérprete em termos de conquista. Por outro lado, não considera que sábia a representação que o Movimento Chicano faz da interpretação de Malinche porque a liberdade de ação da indígena era reduzido, tão somente à sua tarefa de atuação: “O movimento chicano tem um tom revolucionário que Malinche, mesmo que quisesse, não poderia ter.” (GABOROV

consequently their own cultural past and identities, can be accused of disloyalty to their metaphorical mother. Malinche forms an essential part of their cultural background and is a prime example of an intelligent woman who was vilified by society because she did not conform to patriarchal norms. (HÖLLER, 2010, pp. 47-48).

⁴⁶⁴ Influenced by Adelaida Del Castillo’s new interpretation, Chicana feminist writers of the 20th century realised that in order to free themselves from misogynist categorisations they had to start defending their indigenous “mother”. Regarding the strong connection between Malinche and Chicanas, the former’s hateful depiction as a whore and traitor turns the latter into daughters of a despicable person, inevitably leading to a negative self-image. Instead of condemning Malinche, a great number of female writers use the idea of “Malintzin-translator and Malintzin-procreator” as an empowering tool to (re)vindicate her and their own position. (HÖLLER, 2010, p. 48).

JONES, p. 81, tradução nossa)⁴⁶⁵ Entretanto, essa representação não deixa de ser um começo, um bom ponto de partida.

No entanto, um novo movimento social surgiu, o Chicano, composto por escritores feministas e artistas que criaram seu próprio palimpsesto; alguém que lhes permita dar voz a Malinche e, assim, reivindicá-la, porque em algum momento eles pensaram que estavam em uma situação semelhante. Para entender seu próprio papel como membros de dois grupos, duas línguas, duas realidades em dois países diferentes, eles se apropriaram de sua história e destacaram seu papel ativo e decisivo no processo de criação de uma nova raça mestiça. (GABOROV JONES, 2018, p.80).⁴⁶⁶

A própria María Elena Gaborov Jones (2018) considera que Malinche foi uma mulher extremamente inteligente, que foi pega de surpresa por uma realidade inteiramente nova e que ao perceber a importância de seu papel como intérprete, pensou em si própria, em próprios interesses e em sua integridade física, social e econômica e, (por que não?), em seu futuro.

O fato é que o movimento existe e alguns de seus membros usam Malinche como representação um papel enquanto libertária, mãe dos mexicanos, mulher que desempenhou livremente suas tarefas em um mundo patriarcal e masculino, sem se deixar intimidar. Representando Malinche dessa maneira, elas procuram representar a si próprias, mulheres ativas e livres, resistindo em um mundo ainda essencialmente masculino.

3.7.2 Representações da vida sexual e amorosas da mulher Malinche

A sexualidade está presente nas representações literárias sobre Malinche. Esse e tantos outros aspectos da vida do povo no qual Malinche viveu estão no livro *Malintzin's choices An Indian Woman in the Conquest of Mexico* (2006), uma tentativa de compreender a situação sobre a vida de Malinche. Trabalhando com documentos escritos em nahuatl, comparando com os outros existentes,

⁴⁶⁵ El movimiento chicano tiene un tinte revolucionario que la Malinche, aunque así lo hubiera querido, no hubiera podido tener. De todas formas, creo que es un buen punto de partida. (GABOROV JONES, p. 81)

⁴⁶⁶ Sin embargo, ha surgido un nuevo movimiento social, el chicano, conformado por escritoras y artistas feministas que han creado su propio palimpsesto; uno que les permite dar voz a la Malinche y de esta forma, reivindicarla, porque en algún momento han pensado que están en una situación similar. Con el fin de entender su propio rol como miembros de dos grupos, dos lenguas, dos realidades en dos países distintos, se han apropiado de su historia y resaltan su rol activo y decisivo en el proceso de creación de una nueva raza mestiza.(GABOROV JONES,2018, p.80).

pretendendo trabalhar com os contextos da época, espera responder duas questões: Que importância teve Malinche para a conquista? E o que os eventos turbulentos de sua vida significaram para ela própria? A primeira pergunta logo é respondida: Malinche foi de extrema importância, pois manipulou a situação para que fosse proveitosa para ela. Sem ela, provavelmente, Cortés teria morrido ou forçado a retroceder e isso não atenua o fato de que se ela não existisse, outras Malinches, outras mulheres nativas, outros nativos estariam prontos a ajudar Cortés a exterminar os astecas, visto que eles eram os líderes e exigiam pesados impostos. É normal que os subjugados se revoltam contra quem os controla.

Tudo leva a crer que os mercadores venderam Malinche aos Chontal Maya que devem tê-la comprado dando em troca feijões ou tecidos. Assim nos diz Townsend:

A própria Malintzin fora comprada por Maias: podemos ter certeza disso porque em poucos anos ela se tornou fluente em maias chontais. Ela também aprendeu o maia Yucateca, uma língua substancialmente diferente, então alguém, na casa em que ela viveu e trabalhou, deve ter sido o iucatano (TOWNSEND, 2006, p. 33, tradução nossa).⁴⁶⁷

A autora nos diz que, igualmente, é provável que Malinche tenha sido usada sexualmente, enquanto era escrava.

A título de ilustração, percebemos que alguns autores que decidiram fazer de Malinche sua protagonista, decidem ignorar esse aspecto sexual anterior a Cortés, em seus romances.

Fanny Del Río (2009) em *La verdadera historia de Malinche*, representa, na quarta carta, uma Malinche cristã no momento em que escreve, comenta que peca contra um dos mandamentos cristãos: "Não fornicarás" Eu fui desonrada contra a minha vontade e contra a minha vontade fui rebaixada a viver como escrava, mas nunca me adaptei ao destino da Cortésã; Eu nunca fui libertina nem viciosa e a desordem não me desgraçou." (DEL RÍO, 2009, p. 32, tradução nossa).⁴⁶⁸

⁴⁶⁷ "Malintzin herself had been purchased by Mayas: we can be certain of this because within a few years she became fluent in Chontal Maya. She also learned Yucatec Maya, a substantially different language, so someone in the household where she lived and worked must have been Yucatecan." (TOWNSEND, 2006, p. 33).

⁴⁶⁸ "“No fornicarás”. Fui deshonrada contra mi voluntad, y contra mi voluntad fui rebajada a vivir como esclava, pero nunca me abandoné al destino de cortesana; no fui libertina ni viciosa y no me envileció el desorden." (DEL RIO, 2009, p. 32).

Jane Lewis Brandt (1981), quando escreve *Malinche*, ignora esse fato e cria uma Malinche literária que, ao tornar-se escrava, torna-se amiga da primeira esposa e com sua ajuda não é molestada sexualmente, permanecendo virgem, como em quase todos romances de viés romântico. E foi assim, para que os estrangeiros fizessem dela o que quisessem, que ela foi presenteada, juntamente com mais dezenove meninas escravas, a Hernán Cortés e seus homens, os inimigos que chegavam e foi batizada como Marina, palavra que ela provavelmente pronunciaria *Malina*. Foi doada por Cortés a Alonso Hernández Puertocarrero para que se tornasse sua propriedade.

Laszlo Passuth (1963) escolhe, em seu romance *O Deus da Chuva Chora Sobre o México*, não mencionar que Malinche, sua personagem literária, foi dada de presente por Cortés a Alonso Hernández Puertocarrero, mas sim que ela e Cortés logo se sentiram atraídos um pelo outro e passaram a ter relações sexuais. Um dos mensageiros de Montezuma⁴⁶⁹, que no romance é chamado de Senhor Furioso, assim descreve a ele, um encontro de Cortés com Malinche. Neste trecho, o autor decide demonstrar que houve amor na relação entre Malinche e Cortés:

Figurai-vos o estrangeiro de cabelos de ouro deitado entre as árvores em companhia da escrava. E seus rostos já exprimiam o amor mais intenso. A lua brilhava em suas cabeleiras, e era como se o ouro e a prata se misturassem.[...]Eu me dizia que talvez ele quisesse oferecer um sacrifício a um deus misterioso, que aquele era o cerimonial, e que iria atravessar com seu punhal reluzente o coração da jovem. [...] Aquele momento era para mim de grande importância. Porque os deuses não se unem aos mortais. E um deus que deseja uma de nossas filhas não é um deus. (PASSUTH, 1963, p. 115)

No romance *La muerte del quinto sol*, Robert Somerlott (1992) escolhe representar uma Malinche mais experiente, que encontra problemas com Aguilar, o outro tradutor, homossexual que não gostava de Malinche por ter ciúmes de Cortés:

Ele, claro, ficou com ciúmes de mim. Eu estava com ciúmes do meu conhecimento, minha mente e minha resistência. Eu tinha certeza de que também estava com ciúmes das noites que passei sendo segurada pelos músculos do Capitão, rodeada por seus braços, ligada com ele, compartilhando a alegria de sua paixão. Em outras palavras, eu estava exatamente na posição que Aguilar queria ocupar, mesmo que ele realmente não percebesse seus desejos e tivesse morrido, envergonhado

⁴⁶⁹Moctezuma II had been receiving consistent reports regarding the arrival of strangers. (JAGER, 2015, p. 52) Moctezuma II vinha recebendo relatórios consistentes sobre a chegada de estranhos. (JAGER, 2015, p. 52, tradução nossa).

de si mesmo, mesmo que os outros não tivessem suspeitado disso. (SOMERLOTT, 1992, p.82, tradução nossa)⁴⁷⁰

Como se percebe ao longo desse trabalho, ao representar Malinche de uma maneira defensiva, os autores negam o lado sexual do papel das mulheres nativas entregue aos espanhóis, especialmente Malinche.

César Librado Gutiérrez Y Samperio (2019) nega que Malinche tenha servido sexualmente a Portocarrero e que foi entregue a ele para que este somente a protegesse:

Dona Marina acompanhou Cortés em todas as suas incursões, ao receber as donzelas e para evitar maledicências, ele a designou para Alonso Hernández Portocarrero, com a indicação de que ela era respeitada e protegida para que pudesse ser “a língua” do conquistador, Dona Marina se recusou a ter relações de amor voluntárias com soldados espanhóis. (GUTIÉRREZ Y SAMPERIO, 2019, p. 567, tradução nossa).⁴⁷¹

Ela também, segundo a representação de César Librado Gutiérrez Y Samperio (2019), deixa claro que não teria relações sexuais com Cortés:

_Serás la mujer de Portocarrero, pero seguirás viviendo conmigo para que seas mi intérprete, te convertirás en mi lengua.

_ Así lo haré mi señor, si así me lo mand, pero le hago saber que por mi voluntad no deseo tener relación carnal con su excelencia. (GUTIÉRREZ Y SAMPERIO, 2019, p. 581, tradução nossa).

Mas, ainda assim, quando Portocarrero é enviado à Espanha, o autor menciona que ele está fora do caminho de Cortés e Malinche: “Com Portocarrero fora do caminho, La Malinche acompanhou Cortés em sua viagem às terras altas.” (GUTIÉRREZ Y SAMPERIO, 2019, p. 648, tradução nossa).⁴⁷²

Ao descrever os sentimentos de Malinche para com o homem Hernán Cortés, o autor esclarece que ela se sentiu atraída pelo espanhol:

Tenía sentimientos encontrados hacía el conquistador[...]. Por ratos también miraba a Cortés como um hombreraro, com el cuerpo cubierto de vello y una brba cerrada que ocultaba la mitad inferior de la cara, sentía atracción

⁴⁷⁰ Él, naturalmente, estaba celoso de mi. Tenia celos de mis conocimientos, de mi mente y de mi resistencia. Yo estaba segura de que también sentía celos de las noches que pasaba estrechada por los musculos del Capitán, rodeada por sus brazos, amarrada por él compartiendo el júbilo de su pasión. Em otras palavras, yo estaba exatamente em la posición que Aguilar ansiaba ocupar, aunque él no se diera realmente cuenta de sus deseos y hubiera muerto, avergonzado de si mismo, de haberlo sospechado los demás. (SOMERLOTT, 1992, p. 82)

⁴⁷¹ Doña Marina acompañó a Cortés en todas sus incursiones, al recibir las doncelas y para evitar maledicencias la asignó a Alonso Hernandez Portocarrero , com la indicación de que fuera respetada y protegida para que pudiera ser “La lengua” del conquistador, Doña Marina se negó a tener relaciones amorosas voluntarias com los soldados españoles. (GUTIÉRREZ Y SAMPERIO, 2019, p. 567).

⁴⁷² “Com Portocarrero fuera del camino, La Malinche acompañó Cortés en su viaje hacia el altiplano.” (GUTIÉRREZ Y SAMPERIO, 2019, p. 648).

por este hmbre, preguntándose cuál sería la sensación al estar en contato com su cuerpo. (GUTIÉRREZ Y SAMPERIO, 2019, p. 758, tradução nossa).

O primeiro encontro sexual entre os dois teria sido assistido por Juan Jaramillo que já observava Malinche banhar-se nua nas águas de um rio. Sem saber-se observado, Cortés se aproxima, tira suas roupas, entra no rio e abraça Malinche:

Ele se aproximou dela e a abraçou com força, o que a fez estremecer, quando o conquistador pegou sua mão e a levou para a margem do rio, seu corpo tremia incontrolavelmente. Colocou-o na grama, separou os joelhos, atirou-se sobre ela e a penetrou com violência uma e outra vez, até que esvaziou nela toda a sua luxúria. Malinalli, que a princípio o abraçou com força, com as unhas em suas costas, também ficou flácida na grama. (GUTIÉRREZ Y SAMPERIO, 2019, p. 703, tradução nossa).⁴⁷³

A representação mostra sentimentos de atração da mulher pelo homem, em que as emoções de Malinche que estremece ao primeiro abraço e que durante o ato treme sem controle são descritas, mas não é mencionada nenhuma emoção do homem. Após o ato sexual Cortés "se levantou, voltou ao rio para lavar o corpo, vestiu-se lentamente e sem dizer uma palavra, afastou-se por onde viera." (GUTIÉRREZ Y SAMPERIO, 2019, p. 783).⁴⁷⁴

Importante ressaltar que o autor faz questão de mencionar a virgindade de Malinche:

Talvez o pensamento de Malinaltzin tenha mudado com o que havia acontecido, o conquistador havia encerrado sua virgindade em um ato guiado pelo amor ou por seus instintos, um ato humano ou animal que mostrava que Cortés não era um Deus, estava vivo. Que ele se comportou como homens e animais. (GUTIÉRREZ Y SAMPERIO, 2019, p. 783, tradução nossa).⁴⁷⁵

E, após o ato sexual, o autor de *La Malinche: Doña Marina, Malinaltzin, Malintzin, Malinalli. Una sola mujer* escreve que Malinche teve mais uma evidência de que ele não era um deus.

⁴⁷³ Se acercó a ella y la abrazó con fuerza, lo que la hizo estremecerse, cuando tomada de la mano el conquistador la llevo a la orilla del rio su cuerpo temblaba sin control. La tendió sobre la yerba, separó sus rodillas se arrojó sobre ella y la penetró con violencia una y otra vez, hasta que vació dentro de ella toda su lujuria. Malinalli que al principio lo abrazó con fuerza hubiendo las uñas en su espalda también se abandonó flácida sobre la hierba. (GUTIÉRREZ Y SAMPERIO, 2019, p. 703).

⁴⁷⁴ "se puso de pie, se introdujo nuevamente al rio para lavar su cuerpo, se vestió con lentitud y sin decir una palabra se alejó por donde había venido." (GUTIÉRREZ Y SAMPERIO, 2019, p. 783).

⁴⁷⁵ Tal vez el pensamiento de Malinaltzin cambió con lo que había pasado, el conquistador había terminado con su virgindad en un acto guiado por el amor o por sus instintos, un acto humano o animal que demostraba que Cortés no era un Dios, era un ser vivo que se había comportado como lo hacían los hombres y los animales. (GUTIÉRREZ Y SAMPERIO, 2019, p. 783).

Devido aos dados biográficos que nos chegaram da vida de Malinche, sabemos que viveu entre muitos povos, como escrava, antes de encontrar os espanhóis. Logo ao encontrar os espanhóis, é dada de presente a um dos capitães de Hernán Cortés antes de passar às mãos desse. É improvável esse ponto de vista de que ela teria permanecido intocada pelos homens como esses autores escolheram representá-la.

A escritora Helen Heightsman Gordon (2005) procurando ater-se mais ao que poderia ter acontecido na vida de Malinche, e como ela mesma mencionou, calçar as sandálias de Malinche, e somente preencher as lacunas de uma maneira que parecesse o mais realístico possível⁴⁷⁶ Portanto, pela possível lógica dos fatos, quando Malinche foi dada a Cortés e os espanhóis, ela era uma escrava, uma mulher destinada a servir seus donos das mais diversas maneiras, inclusive a sexual. A segunda possível lógica era que Malinche era bonita, pelo menos aos olhos de Puertocarrero e Cortés, pois ambos se envolveram sexualmente com ela. Escreve Gordon (2005) sobre Malinche e o capitão de Hernán Cortés: "Quando Puertocarrero estendia a mão para tocá-la intimamente, ela entendia a necessidade dele sem palavras e tirava a saia obedientemente." (GORDON, 2005, p. 247, tradução nossa).⁴⁷⁷

Antes de chegar ao acampamento espanhol, presenteada a Hernán Cortés para que fizesse o que quisesse com as vinte moças que estavam no mesmo lote que Malinche, a autora infere que despertar desejos sexuais poderia já ter acontecido na vida de escrava que Malinche tinha levado até então.

Gordon (2005) representa uma Malinche que foi mandada embora pela mãe a pedido do seu segundo marido. A mãe a acorda no meio da noite dizendo que a mocinha estaria sendo perseguida pelos inimigos do pai, que deveria fugir e nunca mais voltar. Esse segundo marido tinha pedido já à mãe de Malinche que a envenenasse. Essa foi uma das justificativas porque Malinche não poderia permanecer na casa: "Ela até tentou dar em cima de mim" (GORDON, 2005, p. 189, tradução nossa).⁴⁷⁸ a mãe de Malinche tinha percebido os olhos do marido sobre

⁴⁷⁶ "I've tried to be as true as possible" (GORDON, 2005, introduction)

⁴⁷⁷ "When Puertocarrero reached under it to touch her intimately, she understood his need without words and removed her skirt obligingly." (GORDON, 2005, p. 247).

⁴⁷⁸ "She even tried to lead on me" (GORDON, 2005, p. 189).

Malinche: "Ela via a luxúria nos olhos do marido quando ele olhava para Malinalli." (GORDON, 2005, p. 189, tradução nossa).⁴⁷⁹

Em relação a uma possível virgindade de Malinche, quando ela chega ao acampamento espanhol, é destruída por Gordon (2005):

No entanto, ela também se sentia revoltada e degradada. Seus pais e sacerdotisas haviam emitido muitos avisos terríveis sobre a responsabilidade de uma garota permanecer casta até o casamento. Como essa qualidade intangível e preciosa da castidade pode ser comprada como um vaso de cerâmica barata, vendida por um punhado de feijões, usada ou induzida ao capricho de seu comprador, mesmo que seja um presente vulgar de um comprador grosseiro para outro? Sentimentos de raiva e traição voltaram à tona, novamente foram derrotados pela necessidade prática. No entanto, a pergunta persistiu: por que ela fora educada a valorizar a honra, a castidade e a justiça, quando as próprias pessoas que faziam as regras podiam zombar dessas virtudes?

Depois que Ah Cux adormeceu, ela vestiu o *kub* e a saia e silenciosamente voltou para o quarto de dormir dos criados. (GORDON, 2005, pp. 205-206, tradução nossa).⁴⁸⁰

O supérfluo de manter uma virgindade desvalorizada por todos que a rodeavam e a própria condição de escrava foram condições usadas por Gordon para representar Malinche passando a noite com Ah Cux, personagem totalmente fictício a quem Malinche fora dada de presente por um mercador Maia.

Segundo Gordon (2005) o relacionamento sexual entre Malinche e Cortés deu-se sem maiores atribulações, a princípio: "Ele a havia tomado para o ato sexual antes, embora não com frequência, e ela havia obedecido obedientemente." (GORDON, 2005, p. 270, tradução nossa).⁴⁸¹

Para ilustrar a sexualidade em romances inspirados por Malinche percebemos que, de um romance a outro, Malinche pode ser representada de diversas formas. Da personagem da escritora Helen Heightsman Gordon (2005) de quem tinha se dava obedientemente, passamos à representação de uma Malinche que obtém

⁴⁷⁹ "She had seen the lust in her husband's eyes when he looked at Malinalli." (GORDON, 2005, p. 189).

⁴⁸⁰ Yet she also felt revolted and degraded. Her parents and the priestesses had issued many dire warnings about a girl's responsibility to stay chaste until marriage. How could this intangible, precious quality of chastity be bought like a vessel of cheap pottery, sold by a handful of beans, used or misused at the whim of its purchaser, even given as a vulgar gift from one crass buyer to another? Feelings of anger and betrayal again surfaced, again were beaten down in practical necessity. Yet the question persisted: Why had she been educated to value honor, chastity and justice, when the very people who made the rules, could make a mockery of these virtues? After Ah Cux fell asleep, she put on her *kub* and skirt and quietly walked back to the servants sleeping room. (GORDON, 2005, pp. 205-206).

⁴⁸¹ "He had taken her in the sex act before, though not frequently, and she had complied dutifully." (GORDON, 2005, p. 270).

prazer sexual e que o procura livremente no romance *The Erotic Modern Life of Malinalli The Vampire*, da escritora chicana V. Castro: “Não faz muito tempo desde a última vez que fiz sexo, mas não me lembro de quando tive o último orgasmo assim. Esse cara me deixa tão quente que, se ele me dissesse que existem duendes e potes de ouro, eu provavelmente acreditaria nele.” (CASTRO, 2019, p. 16, tradução nossa).⁴⁸²

Nas páginas seguintes de Gordon (2005) lemos o avanço de sentimentos para o amor, tanto da parte de Malinche, quanto de Hernán Cortés. Ainda assim, Cortés recusa casamento à Malinche, quando ela pede que ele se case com ela: “Eu te amo Marina, mas não posso conceder seu desejo”. (GORDON, 2005, p. 453, tradução nossa).⁴⁸³ O impedimento, segundo o personagem, era de que já teria um casamento na Espanha, para o qual tinha dado o consentimento para que pai contratasse. Assim sendo, permitiu que Malinche se casasse com Juan Jaramillo: “Ele provavelmente seria mais fiel a você do que eu. É claro que ele bebe demais - alguns dizem que é uma falha - e joga um pouco, como a maioria dos soldados.” (GORDON, 2005, p. 453, tradução nossa).⁴⁸⁴ Coube à Malinche responder: “Diga a Juan que ele seria aceitável para mim como marido e amante.” (GORDON, 2005, p. 453, tradução nossa).⁴⁸⁵ Helen Gordon volta aos comentários históricos sobre Juan Jaramillo beber um pouco além da conta, e optou por usá-los, ainda que tenham sido peremptoriamente negados por Bernal Díaz.

O gênero e a beleza de Malinche podem ter sido causas de outras situações.

Em Gordon (2005), Aguilar é representado como amigo de Malinche, mantido como escravo dos maias até encontrar-se com os espanhóis da expedição de Hernán Cortés. O que a História nos conta é que Aguilar tinha problemas com Malinche e com Cortés. Aguilar pode ter sido apaixonado por ela. Ou, quem sabe, poderia ter sido justamente porque se sentiu desprezado como tradutor em detrimento de Malinche. O certo é que, em 1529, registrou oficialmente uma acusação contra Cortés: “Literalmente dezenas de ações judiciais foram movidas

⁴⁸² “It hasn’t been long since I last had sex, but I can’t remember when I last orgasmed like that. This guy makes me so fucking hot that if he told me leprechauns and pots of gold existed I’d probably believed him.” (CASTRO, 2019, p. 16).

⁴⁸³ “I do love you Marina, but I can’t grant your wish”. (GORDON, 2005, p. 453).

⁴⁸⁴ “He’d probably be more faithful to you than I’ve been. Of course, he drinks too much - some say to a fault - and he gambles a little, like most soldiers.” (GORDON, 2005, p. 453).

⁴⁸⁵ “Tell Juan he would be acceptable to me as a husband and a lover. (GORDON, 2005, p. 453).

contra Cortés no mesmo ano, [...] duas por Jerónimo de Aguilar, que achava que não havia recebido sua recompensa justa.” (TOWNSEND, 2006, 138, tradução nossa)⁴⁸⁶

Sabe-se, também, que Malinche foi morar com Cortés num palácio em Coyoacan e passou a receber os coletores de impostos e há rumores de que começou a guardar, sem que o rei Carlos V soubesse, uma parte generosa do que recebia para si e para Cortés. Isso foi dito por Jerônimo de Aguilar, mas pode não ter sido verdade.

Cortés foi intimado pela Coroa a prestar depoimento sobre acusações⁴⁸⁷ que o acusavam de receber mercadorias dos nativos e guardar para si, mais do que deveria. Ele não negou, apenas disse que mercadorias excedentes iam para o palácio de Coyoacan, eram presentes, mas não para ele e sim para Malinche.

3.7.3 Representações de *La Malinche* - *La Llorona*, *Medéia* e *barragã do México*

Escreve Nascimento (2018) que “os estudos culturais e os estudos descoloniais emergem com a intenção de produzir uma ruptura nas discussões realizadas a respeito de culturas e povos subalternizados ao longo dos séculos.” (NASCIMENTO, 2018, p. 85). Sob essa nova visão se revisa e questiona como se deu a representação de acontecimentos históricos.

Levando em consideração esse pano de fundo, os estudos culturais questionam a produção de hierarquias sociais e políticas a partir de oposições entre e inovação, entre a grande arte e as culturas populares, ou, então, entre níveis de cultura – por exemplo, alta e baixa, cultura de elite e cultura de massa. **A consequência natural desse debate é a revisão dos cânones estéticos ou mesmo de identidades regionais e nacionais que se apresentam como universais ao negarem ou encobrirem determinações de raça, gênero e classe.** (ESCOSTEGUY, 2010, p. 47, grifo nosso).

Incentivada por esses estudos se revisita e revisa personagens históricos sob um novo olhar que não aqueles sedimentados pelas concepções patriarcalistas e eurocêntricas, a saber *La Malinche* e seu papel na história, como ela é representada na literatura e o que mais se pode dizer de sua trajetória na qual ganhou o epíteto de traidora.

⁴⁸⁶ “Literally dozens of lawsuits were filed against Cortés that same year, [...] two by Jerónimo de Aguilar, who felt he had not received his just rewardp.” (TOWNSEND, 2006, p.138).

⁴⁸⁷ “This would not be the last time that Spanish authorities questioned Cortés’s motives in Mexico.”(JAGER, 2015, p. 52). Essa não seria a última vez que as autoridades espanholas questionam Cortés sobre seus motivos no México. (JAGER, 2015, p. 52).

Cabe concluir qual a participação do homem ocidental na sua representação posterior, se ela foi representada pelo conhecimento deste ser masculino e europeu “como o único capaz de alcançar uma consciência universal, bem como dispensar o conhecimento não ocidental por ser particularístico e, portanto, incapaz de alcançar a universalidade.” (GROSFOGUEL, 2008, p. 124).

Montandon (2007) escreve: “Tudo indica que foi Altamirano quem deu o tiro de largada na carreira de La Malinche como traidora.” (MONTANDON, 2007, p. 150);

Escreve ela que Ignácio Manuel Altamirano também aproximou a figura de Malinche à figura de *La Llorona*:

La Malinche e *La Llorona* unidas pela culpa, novamente e sempre a culpa feminina. Mas como a toda culpa corresponde um castigo, Altamirano transformou os índios em verdugos encarregados de aplicá-lo à traidora, por meio de, dizia, “suplícios lendários”, transformando-a em chorona. (MONTANDON, 2007, p. 150).

Do trabalho de Rosa Maria Spinoso de Montandon (2007, p. 149) *La Llorona. Mito e Poder no México*, retiramos as palavras de Altamirano, nas quais ele se refere à Malinche:

Temos no México uma Medéia, menos brilhante, menos exaltada pelos ingratos a quem serviu de instrumento, menos terrível do que a princesa cólquida, porém não menos influente nos acontecimentos da Conquista, e inteiramente semelhante àquela, pelos seus talentos, pelos seus amores com o conquistador, pelo seu posterior abandono e pela sua traição a sua pátria, em favor de seu inimigo. Esta Medéia é a Malinche, a manceba de Cortés, sua efficientíssima auxiliar em todas as peripécias da Conquista. (ALTAMIRANO Apud MONTANDON, 2007. pp. 154-155).⁴⁸⁸

O que aproximou as figuras femininas foi a traição, o caso amoroso com o estrangeiro, a preferência ao estrangeiro em detrimento de seu próprio povo e um posterior abandono pelo homem escolhido:

Mediante a assimilação de La Malinche a La Llorona, **através da traição e da ingratidão**, a culpa tornou-se coletiva e nacional, processo que ocorreu via Medéia, tendo como mentor intelectual a ninguém menos que Ignácio Manuel Altamirano. (1834-1893). Não que tenha sido ele o primeiro em proferir tal discurso, antes dele, e como uma Medeia, que tinha traído a sua pátria para entregá-la a mãos estrangeiras. Mas Altamirano teve um papel bem mais relevante no cenário político e cultural do país, e que ainda conserva. Nos textos escolares, por exemplo, ele ainda é contemplado com o título de “Pai da Literatura Nacional”. Foi a ele, diz Enrique Krauze, a quem coube “escrever a condenação definitiva do México liberal contra Hernán Cortés”, condenação que fez extensiva a La Malinche. (MONTANDON, 2007, p. 142 grifo nosso).

⁴⁸⁸ ALTAMIRANO, Ignacio Manuel. Medea. 1988.

Malinche não matou os filhos, mas, de acordo com Montandon (2007), Ignacio Manuel Altamirano a aproximou de *La Llorona* e à Medéia pela traição, pela associação aos estrangeiros:

Medéia ficou imortalizada como assassina de seus filhos, mesmo crime que levou *La Llorona* a ser condenada a vagar eternamente sem descanso. Contudo, neste caso, **não foi o infanticídio o que equiparou as três mulheres lendárias, senão a traição**. Ainda que o tema da mulher que mata os filhos tenha sido recorrente no imaginário ocidental, desde os tempos a-históricos dos mitos, o tema da traição era mais condizente com o projeto nacionalista dos intelectuais mexicanos que, liderados por Altamirano, se propunham uma homogeneização cultural e um perfil identitário para o país. Tal tarefa implicava por sua vez o desenho e a definição de uma cidadania normatizada, cívica e moralmente, para o qual a equiparação de **Medeia** e **La Malinche**, assim como a assimilação desta com **La Llorona**, se prestavam maravilhosamente. (MONTANDON, 2007, p. 145, grifos nossos).

Montandon acredita que o patriotismo elevado de quem preferiu sempre a glória do próprio sobre a glória do estranho, fez sobreviver essas figuras milenarmente. Ainda que não tenha sido o caso de Malinche, bem pelo contrário, mas mesmo assim, ou talvez por isso mesmo, tenha sobrevivido no imaginário coletivo, pois há uma “propensão do povo mexicano para com as histórias fantásticas de assombrações” (MONTANDON, 2007, p. 146), explica a autora.

Para encontrar os elementos simbólicos que possibilitaram a fusão literária entre *La Llorona* mexicana, da tradição indígena, e a Medéia grega, oriunda da dramaturgia, teremos que insistir na tragédia que facultou a sobrevivência milenar de ambas. Sobrevivência que, no caso de Medéia, era explicada por Altamirano em termos nacionalistas. [...] Prerrogativas de que certamente não gozou *La Malinche*, a quem sem dúvida visavam suas crônicas, mas cuja sobrevivência no imaginário coletivo, tanto quanto a da grega, pode ser explicada pela função catártica e universal da tragédia. A tragédia existe porque os seres humanos estão presos ao destino, traçado pelos designios divinos, que no caso de *La Malinche*, estava já impresso no seu próprio nome. (MONTANDON, 2007, p. 146, grifos nossos).

Haino Burmester (2016) escreve que, no século XVIII, prevalecia, no México, uma cultura de machismo e misoginia, e que isso propiciou a propagação da figura de Malinche como traidora da pátria. Um dos primeiros a fazer essa associação, escreve também Haino Burmester, foi Ignacio Manuel Altamirano. Como tais sentimentos e essa cultura do machismo não são mais predominantes, se pode retirar essa culpa que Malinche carrega, argumenta ele: “Então, também se pode argumentar que, pela cultura prevalecente agora, não cabe mais atribuir a ela essa pecha que ela não fez nada para merecer.” (BURMESTER, 2016, p. 105).

Quanto a isso, gostaria de acrescentar, para justificar esse rancor a Malinche que ainda paira na história, que houve essa resistência ao povo de Tlaxcala,

presumivelmente pela mesma ajuda que eles deram aos estrangeiros. Transcreve, para corroborar a ideia, um excerto do livro *A maldição de La Malinche*:

Os jesuítas que foram para o norte do México e o sudoeste dos Estados Unidos, onde instalaram suas missões, frequentemente incluíam em partes dos seus aglomerados de pessoas os guerreiros tlaxcaltecas, que li permaneciam para proteger a missão. Por exemplo, em 1577, a quase catorze anos após a fundação de Saltillo, em Coahuila, uma comunidade Tlaxcalteca foi reassentada em uma vilas próxima, denominada San Esteban de Nueva Tlaxcala, para cultivar a terra e ajudar nos esforços de colonização. Devido à hostilidade com que foram recebidos nesse local, os espanhóis tiveram que lutar muito para garantir sua permanência e pela presença impor seu idioma. (BURMESTER, 2016, p. 115).

Em 1577, 56 anos depois dos eventos ocorridos, ainda havia resistência aos tlaxcaltecas e aos espanhóis.

Retornando à aproximação da figura de Mallinche à Medéia por Altamirano, escreve Burmester (2016) fazendo com que sua personagem Malinche continue argumentando, em sua tese, pela defesa da personagem *La Malinche*: “Não se sabe ao certo quais interesses teria esse senhor, mas o fato é que ele é responsável, em grande parte, pela perpetuação do mito de La Malinche como traidora.” (BURMESTER, 2016, p. 135).

Ainda que Ignacio Manuel Altamirano tenha atribuído à La Malinche o epíteto de traidora, ele se perpetuou e inspirou muitos trabalhos, historiográficos e literários.

Em defesa ou acusação à Malinche, essa nomeação de traidora foi o que inspirou tantas defesas e acusações, e certamente é um dos fortes motivos de atração que essa personagem infunde.

Laura Esquivel (2006) dedica seu romance inteiramente à Malinche, embora incorpore os personagens ao seu redor, principalmente Hernán Cortés por quem Malinche se apaixona. Esquivel (2006) cria uma representação de Malinche que em seu íntimo se julga protagonista do aniquilamento dos povos autóctones, seus semelhantes. Malinche tem seus momentos em que não pode evitar trair o povo indígena, mas após fazê-lo tem severas crises de consciência. A autora se preocupa em enfatizar esses momentos em que Malinche sofre pelas traições que comete, principalmente quando vê os resultados de suas ações. Em contrapeso às ações de Malinche, a escritora teima em frisar o antagonismo que esta sente por Montezuma, além de enfatizar os sacrifícios humanos, que servem de desculpas às ações de Malinche.

Malinche foi representada com defeitos e qualidades humanas; uma mulher que se rendeu ao encanto pelos estrangeiros, que foi seduzida por eles e que agiu em detrimento de seu próprio povo, talvez julgando que fazia o que era certo. Agindo como ingênua, evitou o mais que pode ver que Cortés era tão ou mais sanguinário que Montezuma a quem ela desprezava. Para isentar totalmente Malinche, Esquivel (2006) teria que esquecer ou ignorar a historiografia existente a respeito da personagem, o que a autora não ousou fazer, pois seguiu a representação de acordo com o imaginário coletivo mexicano que remete à péssima imagem que ficou de Malinche, no México, e que persegue a figura da indígena.

Em *La verdadera historia de la Malinche*, Fanny del Río (2009) escolheu representar uma Malinche de extração histórica, que se confessa de acordo com os fatos declarados pelas fontes históricas. Ela se dirige ao filho suas cartas, na esperança de que ele reconheça nela uma pessoa de importância, que teve voz ativa nos acontecimentos, estando sempre ao lado do pai dele.

Através das cartas e das confissões de Malinche se pode entrever uma Malinche responsável por seus atos, dona de si e consciente do que acontecia, que escolheu ajudar o estrangeiro. No romance, Malinche desculpa a si própria por amar, e garante que Cortez a tinha como uma mulher que amava e que ele só conhecera o amor nos braços dela. O amor entre os dois a consola, conforta e justifica as más ações que tenha cometido. Segundo ela, depois da conquista, reinava paz no México. Ela e Cortez viviam entre luxo e fausto, e nesta época, depois do nascimento do filho, Cortez já não se aproximava dela, mas ela insiste em considerar que os corações deles batiam ao mesmo compasso. Jaramillo a pede em casamento e Cortez permite com indisfarçado alívio, faz uma grande festa e anuncia a todos o casamento dela.

Apesar disso, confessa seu ódio pelo último tatloani indígena, Cuauhtémoc, e que insiste para que Cortez o mate. Diz ela que teve que usar de muita convicção para que o asteca fosse executado. Comenta que os rostos que acompanhavam a tortura a que foi submetido o indígena e, mais tarde, a execução, mostravam angústia, mas que os presentes não se atreviam a interceder, pois o exército de Cortez tinha se tornado imenso. Malinche argumenta ao filho, destinatário das cartas, que isso precisava ser feito, segundo a opinião dela, para que a autoridade de Cortez fosse reconhecida.

De acordo com as cartas, depois disso, Cortez fez com que ela e Jaramillo fizessem a viagem de volta em comitivas separadas. Ela dá a entender que por ter forçado a morte de Cuauhtémoc provocou a aversão de Cortez, trazendo, então, para si, a responsabilidade pela queda final do Império Asteca, justificando o epíteto de traidora e *chingada*.

Malinche revela suas ações, que são tão negativas que parecem destruir qualquer esperança que a personagem possa ter de redimir-se. Ela não consegue o seu intento de fazer-se melhor aos olhos do filho, embora esse não tenha dado uma resposta à mãe, ao final do romance. O que começa como sendo uma tentativa de redenção parece acabar com uma condenação que se sabe condenada a ser *la chingada* e conhecida por mais expressões pejorativas. O que parece certo é que as duas escritores não conseguiram redimir a imagem que Malinche deixou para a posteridade e que foi tão severamente descrita por Paz (1947).

Hancock (2013) não pretende reinterpretar o discurso da história oficial, pois não traz novos pontos de vista na leitura da história da conquista do Novo Mundo; posiciona-se a favor do *status quo* da força colonial espanhola, bem como não teve a intenção de focar-se no personagem histórico Malinche. Na diegese, a indígena protagonista é representada de maneira irreal: uma moça que teima em acreditar que Cortés é o deus Quetzacoált e que escolhe, teimosamente, contra todas as evidências, não ver suas qualidades e defeitos humanos. A intenção do autor foi enaltecer os feitos dos espanhóis, representado por Hernán Cortés, da mesma maneira que denigre a imagem dos indígenas representados pelo imperador asteca Montezuma. Hernán Cortés é o herói; Montezuma, o anticristão, o anti-herói, é colocado na posição do vilão, o personagem a quem faltam atributos morais. Se Montezuma ataca Cortés isso é descrito como se ele atacasse covardemente, à traição (HANCOCK, 2014, p. 409).⁴⁸⁹ Embora seja claro que Hernán Cortés não foi ao México para fazer amigos, Hancock assim representa o personagem:

Era minha intenção visitar Tenochtitlan para ver Moctezuma, fazer-me um amigo para ele, falar com ele em harmonia e até pedir conselhos sobre todas as coisas que devem ser feitas nesta terra, mas agora irei a ele em guerra, fazendo-lhe todo o mal que puder como inimigo." (HANCOCK, 2014, p. 410).⁴⁹⁰

⁴⁸⁹ (So cowardly a way) (HANCOCK, 2014, p. 409).

⁴⁹⁰ It was my intention to visit Tenochtitlán to see Moctezuma and make myself a friend to him and speak with him in harmony and even ask him advice on all the things that must be done in this land,

Também nos contam as primeiras narrativas que Montezuma recebeu Cortés e os espanhóis como uma visita de honra e que mesmo assim foi aprisionado e morto.

De acordo com Hancock (2013, 2014) Cortez merece triunfar e Malinche é a personagem colaboradora, vista sob um viés secundário, apenas a indígena que o serve com a intenção de dar-lhe essa vitória.

A intervenção de Malinche na vitória é reconhecida por Cortés na mesma proporção da ajuda que recebeu de Deus: “Depois de Deus, devemos Malinal ao nosso sucesso nesta terra.” (HANCOCK, 2014, p. 410)⁴⁹¹. Mas, quando ela pergunta a ele se realmente pensava isso dela, não consegue ter certeza se ele realmente pensava isso. A fala dele, ainda que reconheça a utilidade dela é concentrada na primeira pessoa do singular, é projetada e elaborada em torno de sua própria figura:

Hernán. Você disse que, depois de Deus, você devia a mim o sucesso nesta terra: Isso foi uma piada? Ou você quis realmente dizer isso?

Cortés pareceu pensar, o que deixou Malinal, por um momento, ainda mais irritada. "Eu quis dizer cada palavra", ele disse eventualmente. "Estamos ganhando aqui porque pude conversar com pessoas, ameaçar pessoas, negociar com pessoas, e eu não poderia ter feito nada disso sem você. Estamos vencendo porque você me ajudou a entender os costumes locais, as formas locais de pensar, as superstições locais. Eu não poderia ter feito nada disso sem você, também. O mais importante de tudo é que estamos vencendo porque você me ajudou a entrar na cabeça de Montezuma e derrotá-lo no campo de batalha da mente e eu certamente não poderia ter feito isso sem você."

Malinal não conseguiu decidir se estava zombando dela ou falando sério. (HANCOCK, 2014, p. 423).⁴⁹²

Cortés não menciona, nas suas cartas ao rei, qualquer importância de Malinche, o que não quer dizer que ela não tenha tido importância, pois a intenção dele ao escrever suas cartas era procurar justificativas para suas ações, nem que para isso precisasse mentir, enganar e distorcer a verdade. Fernandez Prieto (2003)

but now I will come to him at war, doing him all the harm I can as na enemy.” (HANCOCK, 2014, p. 410).

⁴⁹¹ “After God we owe our success inn this land to Malinal.” (HANCOCK, 2014, p. 410).

⁴⁹² ‘Hernán. You said, after God, you owed success in this land to me, Was that a joke? Or did you mean?’

Cortés appered to think about it, which made Malinal, for a moment, even angrier. ‘I meant every word’ he said eventually. ‘We’re winning here bause Ive been able to talk to people, theraten people, negotiate with peopel, and I could’nt have done any of that without you. We’re winning because you helped me to understand the local customs, the local ways of though, the local superstitions. I couldnt have done any of that without you either. Most important of all, we’re winning because you’ve helped me get inside Moctezuma’head and defeat him on the btterfiel of the mind and I certainly couldn’t have done that without you.

Malinal couldn’t decide wether he was mocking her or serious. (HANCOCK, 2014, p. 423).

escreve: “Precisamente esse uso fraudulento dos discursos da verdade destaca como os conquistadores espanhóis contaram a história de acordo com seus interesses políticos, silenciando o quanto isso poderia lhes levar ao descrédito diante de seus superiores.” (FERNÁNDEZ PRIETO, 2003, p. 156).⁴⁹³

No romance de Hancock (2014) o que Hernán reconhece, embora Malinche não tenha certeza do que ele realmente pensava, é o que diversos historiadores e pesquisadores acreditam, conforme esse trabalho tem mostrado. Malinche foi responsável em grande parte pela vitória de Hernán Cortés no novo Mundo. Ela deu a ele as informações necessárias para vencer, os conhecimentos particulares daqueles povos, os segredos mais escondidos, a fórmula do sucesso. Dessa consciência da responsabilidade de Malinche no extermínio dos astecas e do sucesso dos estrangeiros, se originou o epíteto de traidora que até hoje é atrelado à figura de Malinche, e que embora muitos tentem retirar e apagar, como também vimos neste trabalho, se agarra indelevelmente a ela, e provavelmente, a menos que se descubra alguma fonte ainda desconhecida que traga novas informações sobre a figura história de Malinche, seu nome continuará sendo conhecido como a traidora, ou como escreveu José Fernando Ramírez⁴⁹⁴, a “barragã de Cortés a quem lembramos com indignação”, aquela que entregou seu povo ao estrangeiro que chegava.

Em Hancock (2013, 2014) Cortés é um instrumento da vontade de Malinal, Tozi e Pepillo, os dois últimos personagens totalmente fictícios, para acabar com o reinado de Montezuma e para isso, eles fazem com que o conquistador seja reconhecido como o deus Quetzacoált que retorna. Sendo assim, Malinche seria totalmente responsável pela derrota dos astecas e não apenas uma das responsáveis:

Eu não me importo se ele é Quetzacoatl retornando para reivindicar seu reino como eu acreditava uma vez, ou apenas um homem como você me disse, mas o fato é que ele está aqui, com o poder e a vontade de evitar esse erro horrível e grave. É nossa responsabilidade garantir que ele o faça.”(HANCOCK, 2014, p. 427).⁴⁹⁵

⁴⁹³ “Precisamente este uso fraudulento de los discursos de verdad pone de relieve como los conquistadores españoles contaban la historia de acuerdo con sus intereses políticos, silenciando cuanto podía acarrearles desprestigio ante sus superiores.” (FERNÁNDEZ PRIETO, 2003, p. 156).

⁴⁹⁴ Códice Ramírez, um manuscrito descoberto no México em 1856 por José Fernando Ramírez.

⁴⁹⁵ I care not whether he is Quetzacoatl returning to claim his kingdom as I once believe, or just a man as you have told me, but the fact is he's here, with the power and the will to prevent this horrible and grievous wrong. It's our respnsabilty to ensure that he does.” (HANCOCK, 2014, p. 427).

Ainda, em Hancock (2014) Malinche é representada como uma negociadora, que usa seus parceiros espanhóis para conseguir seus objetivos. Ao fazer sexo com Puertocarrero pensa em como poderia agradar e satisfazer, em um dia no futuro, ao objeto de seus desejos, Hernán Cortés.

Ela escolhe movimentar-se para atingir suas metas que é encontrar os espanhóis para ajudá-los.

Nos dois livros de Hancock (2013), (2014) Malinche é um instrumento para dar a vitória aos espanhóis. Conclui-se que não se rompe o cânone europeu, pois Cortés e os espanhóis são protagonistas e os autóctones são continuam marginalizados, indivíduos a serem vencidos e escravizados.

Burmester (2016) em contraposição aos romances de Laura Esquivel, Fanny del Río e Graham Hancock, dedica-se peremptoriamente a defender a imagem de Malinche. Muitos fatos que constam na historiografia e nas primeiras narrativas são escondidos ou suavizados para que a defesa da personagem e da figura história de Malinche se efetue.

Considerações finais

Pretendendo concluir esse trabalho, vemos que esse estudo nos fez chegar mais perto dessa personagem controversa, Malinche, que assim, controversa, cheia de enigmas e de vazios e espaços, passou à História. Para entender um pouco dessas obras literárias a que nos propusemos em nosso *corpus*, procuramos indícios e fatos nas fontes primárias, em estudiosos, pesquisadores e historiadores que se basearam nessas fontes. Apesar das análises, não podemos chegar a uma conclusão definitiva sobre quem foi Malinche, e com os poucos recursos à disposição, ninguém poderia. Todavia, foi possível nos concentrarmos nos processos literários de ficcionalização contidos em nosso *corpus*; obras que escolheram trazer à tona essa figura quase esquecida em um tempo pretérito e por isso se prestaram a essa tentativa de entender a maneira pela qual ela foi representada nestes mundos ficcionais dos romancistas do século XXI que optaram por resgatar essa figura, confirmando que ela continua a persegui-los. Mesmo depois de cinco séculos percebemos que essa figura continua sendo representativa, bem como um símbolo que se presta a muitas causas. Todas as obras analisadas

conservam claramente um diálogo com a história pretérita, mas estão atreladas ao seu tempo de criação e ao posicionamento ideológico de seus autores.

Helen Heightsman Gordon intenta retratar Malinche como se estivesse calçando suas sandálias. Laura Esquivel visa agregar ao personagem Malinche aspectos de uma personalidade psicológica inocente e sua suavização de forma consciente ou inconsciente. Fanny del Río, via arte, dá a ela a oportunidade de escrever cartas e pedir perdão pertinente ao ritual católico. Graham Hancock faz uma recuperação do passado, mas com uma velha visão de sociedade. Embora colocando indivíduos indígenas como personagens e os mostrando em baalhas, percebe-se que eles estão imbuídos em um jogo destinados à derrota, desde o princípio, já que suas táticas para engendrar batalhas não estão ao alcance da inteligência do exército espanhol. Em Hancock, Malinche não foi nada além de um peão do jogo em um imenso tabuleiro de xadrez. Para esse jogo, havia já um resultado inevitável: a vitória da supremacia europeia, das pedras brancas do tabuleiro. Haino Burmester possibilita às esferas anteriormente silenciadas se posicionarem diante das esferas silenciadoras. César Librado Gutiérrez Y Samperio faz uma ponderação crítica e dá voz à Malinche enquanto aqueles que foram emudecidos. V. Castro representa uma Malinche erótica e livre, a partir da revisão dos regimes e relações de poder de empoderamento de uns sobre os demais.

Todas essas elaborações artísticas estabeleceram um diálogo profícuo com as relações estabelecidas e entre si; ou subvertendo versões correntes e hegemônicas da colonização, ou concordando com elas.

Retomando às fontes primárias consultadas, na segunda carta ao rei Carlos V, Cortés relata a participação de Malinche no massacre de Cholula. Ele não relativiza essa participação, não diz se foi boa ou má, expõe apenas. O que importa em seu relato é que havia um complô contra os espanhóis. Restava a ele somente se defender de consequências que seriam mortais, se ele não tivesse agido com antecedência. Assim, justifica-se perante o rei e as acusações que pesavam contra ele. Deste modo foi descrita essa participação, sem avaliações morais, nem de grau de importância dos atos dela. Sobre isso, três fontes, Cortés, Bernal Díaz e Gómara citaram que ela teve uma participação mais direta nesse massacre.

Sobre esse ataque e massacre da cidade de Cholula, outra fonte primária, Sahagún, não a menciona; não liga Malinche a esse evento. Para Sahagún o massacre teria acontecido para facilitar a entrada de Cortés em Tenochtlán. A matança de Cholula que a precedeu foi um facilitador do evento da conquista que se deu tranquilamente, sem maiores resistências. Essa fonte primária concentrava-se em analisar o processo total, suas consequências e sua grandeza. Malinche não se enquadrava nesse projeto magnífico e, provavelmente, nem ocupava os pensamentos do historiador.

León-Portilla, em *Visión de los vencidos*, ao revisar e recontar o que leu no Código Florentino, não a liga ao episódio porque não a encontra mencionada lá em Sahagún.

Frei Bartolomé de Las Casas, contemporâneo e inimigo de Hernán Cortés, em *De la Nueva España*, se refere ao massacre de “ovelhas mansas”, mais de seis mil habitantes de Cholula, mas não se refere à Malinche. Las Casas acredita que o massacre se deu para fazer os cholultecas temerem cada vez mais os espanhóis. Em *Brevísima relación de la destrucción de las Indias*, Las Casas não se refere à Malinche, nem uma única vez, em todo o episódio da entrada dos espanhóis no México. O papel de um simples indígena seria, certamente, no início da “conquista”, totalmente ignorado pelo cristão, frei, representante da igreja católica no Novo Mundo, ainda que anos mais tarde, libertasse os escravos indígenas que mantinha em suas propriedades e brigasse com a Coroa para defendê-los.

O códice Albin acrescenta que os espanhóis chegaram a uma Tenochtitlan e encontraram os astecas desarmados, devido ao massacre de Cholula. Tápia escreve sobre a ansiedade de Cortés em guerrear e não cita qualquer participação de Malinche.

Gómara, secretário, capelão e biógrafo de Cortés escreve, aliás, reescreve, o que está escrito na segunda carta de Cortés. Se não tivesse encontrado esse fato descrito, Gómara não o teria mencionado, já que não o presenciou. Seu livro e seus escritos refletem o ponto de vista de Cortés. Concluímos com certeza que Francisco López de Gómara utilizou as *Cartas de Relación* de Cortés como referente temporal e argumentativo sobre a conquista. Bernal Díaz del Castillo, muito provavelmente, se foi o autor da obra *A verdadeira história da conquista da Nova Espanha*, favoreceu-se da *Historia de la conquista de Mexico* de Gómara para elaborar a sua versão

particular do evento; Diego Muñoz Camargo escreveu sobre Malinche, mas enfatizou que, para falar de Marina, usou as informações do livro de Bernal Díaz como fonte. Esse autor usa o segundo capítulo de sua crônica para explicar quem era Malinche, mas esclarece que, para isso usou as informações do livro de Bernal Díaz, já que esse autor era testemunha ocular e que tinha convivido com Malinche. Outros cronistas também lançaram mão da leitura dos primeiros relatos, já que as novidades da América não constavam em livros antigos e nos autores clássicos.

Percebemos, ao longo da pesquisa, que há muitas contradições e controvérsias, afirmações e silenciamentos sobre o massacre de Cholula.

Malinche pode ter sido usada por Cortés para justificar-se perante o rei.

Entretanto, Cortés pode ter massacrado Cholula, inimigo do povo de Tlaxcala para conquistar definitivamente o apoio destes para investir contra Montezuma e Tenochtlán. Malinche poderia, e certamente estava, em intenso envolvimento na diplomacia e também na elaboração das estratégias da investida.

Malinche seria, com grandes possibilidades, próxima dos indígenas tlaxcaltecas. Eles, Malinche e os tlaxcaltecas, poderiam ter falado sobre uma conspiração, melhor dizendo, poderiam ter conspirado para que os espanhóis ficassem sabendo de um complô contra eles. Portanto, pode ser que tal complô tenha sido inventado por esses, que eram inimigos dos chocultecas, para que ela mencionasse a Cortés e pudesse mostrar a ele, dessa maneira, sua lealdade. Poderia ser que tenham inventado o tal complô juntos. Por isso eles, tanto os tlaxcaltecas quanto Malinche, receberiam, como de fato receberam, recompensas financeiras e políticas, depois da vitória. Corroboram em parte essa hipótese o *Código Florentino* de Sahagú, León-Portilha, e *Historia de Tlaxcala* de Diego Muñoz Camargo, descendentes do povo de Tlaxcala que afirmaram que os tlaxcaltecas eram inimigos do povo de Cholula, ajudaram os espanhóis no massacre e receberam muitas condescendências e riquezas da coroa espanhola.

O nome de Malinche não se relaciona ao evento de Cholula na *História de Tlaxcala* de Diego Muñoz, descendente de nativos de Tlaxcala, mas um desenho ocupa posição central, nesse massacre, no *Lienzo de Tlaxcala*. O historiador só menciona que a causa teria sido traição. Pode ser que Diego Muñoz Camargo quisesse que todo o protagonismo ficasse com os tlaxcaltecas, que foram premiados

e considerados pela ajuda que deram aos espanhóis, pois esses estão desenhados amplamente nas lâminas que representam o evento, tanto quanto Malinche.

Bernal Díaz, em seu livro, afirma e detalha que Malinche soube do evento por uma nobre de Cholula, o pedido de casamento pela mãe, enfim, particulariza os fatos do evento. Ele é o único historiador que conta o fato com minúcias. Entendemos, também que *Bernal Díaz, se existiu, escreveu baseado no livro de Gómara, bem como também* pode ter lido sobre esse fato nas cartas de Cortés que menciona a participação dela. Bernal leu e escreveu o mesmo, só que com mais detalhes, talvez para parecer verdadeiro, em *A história da conquista da Nova Espanha*. Ele escreveu seu livro somente depois que os escritos de Gómara e as cartas de Cortés já tinham sido publicados e amplamente divulgados.

Tápia escreve sobre a participação dos tlaxcaltecas, mas não menciona Malinche ou alguma participação dela no massacre de Cholula. Observado em romances do século XX e anteriores, a participação de Malinche no evento de Cholula é recontada de diversas maneiras, mas sempre presente nele.

Entrelaçando passado e presente, se percebe que ela nem sequer existiria registrada enquanto figura histórica se Hernán Cortés não a tivesse mencionado nas suas *cartas de relación*, talvez para justificar um erro perante aqueles que exigiam uma desculpa, o massacre de Cholula, nomeadamente o rei Carlos V. Se sabe que sua participação no massacre não é descrito por Sahagún, não é mencionado por León-Portilla, pelo Codex Ramirez, nem pela *XII relacion* de Alva Ixtlilxochitl, nem pelo Codex Aubin, nem por Vásquez de Tapia, Las Casas ou Diego Muñoz. Ainda que apareça em meio ao massacre no *Lienzo de Tlaxcala*, não se pode ter certeza absoluta que ela tivesse um papel de sujeito ativo no massacre. Gómara a menciona, mas ele não desqualifica a tese de que ela não existiria enquanto figura literária se Bernal Díaz Del Castillo não quisesse apoiar Cortés em sua narrativa e não tivesse decidido usá-la em seu livro como personagem fictícia à altura das donzelas de contos medievais, pois ele era biógrafo de Cortés e escrevia o que esse lhe contava ou lhe ditava. Malinche não existiria como personagem literário para tantos outros escritores, se ele, o autor de *História Verdica* não a tivesse escolhido primeiramente para enfeitar sua história. Não existiria enquanto maldita sem Hernán Cortés, que talvez sem querer, sem pensar, sem medir consequências, sem pensar nela por mais do que uns minutos, coloca nela uma culpa que ela carrega,

provavelmente inocente, por mais de quinhentos anos, em duas linhas ele a tornou proscrita, amaldiçoada, xingada, insultada e injuriada.

Retomando o caminho percorrido pela figura de Malinche, vimos que ela tem participação negativa na visão de autores, na década de cinquenta, alcançando a de sessenta. Octavio Paz a acusa veementemente, Carlos Fuentes, com mais indulgência, mas ambos os escritores ajudaram a propagar uma imagem altamente negativa dessa figura. Em *El laberinto de La soledad*, Paz enquadra o relacionamento de Cortés e Malinche como estupro, uma metáfora de uma violência da Espanha sobre o México e afirma que Malinche teria sido uma figura covarde e odiosa por permitir-se “rachar”, agachar-se, e que não passaria de uma puta, uma *chingada*. Essa passividade dela teria sido um motivo de vergonha que passaria, através dos séculos, a todos os descendentes dessa união, cobertos dessa ignomínia e infâmia, sem maneira de eximirem-se. Paz completa que os mexicanos carregam, por isso, até hoje uma forma de ser acabrunhada e escondida dentro de si mesmos. Durante todo o século XX, muitos romances, tais como, por exemplo, *Malinche* de Jane Lewis Brandt (1981) e *La Princesa Azteca*, Colin Falconer (1992) focaram-se nessa figura para fazê-la sua protagonista.

Entre os romances do século XXI, a autora Helen Heightsman Gordon (2005), descreve a participação de Malinche no massacre de Cholula. É oferecido à Malinche um casamento com o filho de uma senhora, Quilitl, que pede que ela se afaste dos espanhóis, pois esses morrerão. Ela corre a contar o plano para Cortés, que fica maravilhado por ela ter rejeitado um casamento com um nobre por amor a ele. As palavras de Malinche a Cortés são de amor incondicional. Preferia o massacre a deixá-lo morrer, mesmo que ela conseguisse salvar-se casando com o filho da senhora nobre que lhe contara sobre o complô. Essa participação de Malinche não foge ao descrito pelos historiadores, cujos depoimentos descrevemos anteriormente, e contado em detalhes por Bernal Díaz.

Supondo que Malinche tivesse criado essa história para seduzir Cortés na vida real, de que teria sido pedida em casamento pela esposa do cacique e que poderia ter vivido no meio da nobreza cholulteca e de que abriria mão dessa prerrogativa para salvar os espanhóis podemos inferir qual foi o resultado. Ela foi, de uma maneira ou de outra, privilegiada e honrada pelos espanhóis e por isso foi

recompensada economicamente, vivendo em abundância pelo resto de sua vida, que não durou muito depois da “conquista”, pelo que se pode inferir pelas poucas provas remanescentes. Enquanto isso, sem sombras de dúvida, ela foi papel preponderante no fim de uma cultura estabelecida que teve sua religião, sua arte, suas esculturas, e a quase totalidade de suas vidas ceifadas pelos espanhóis.

Outra autora, Esquivel (2006) representa uma Malinche que não mencionou nada a Cortés sobre o massacre de Cholula. Retira sua personagem de qualquer relação com o massacre de Cholula. Mantém o relato de Cortés na sua carta ao rei Carlos V e a descrição Bernal Díaz del Castillo de que Malinche soubera dos eventos através de uma mulher nobre que lhe oferece o filho em casamento para que ela fique livre dos espanhóis, mas nega que ela tenha contado qualquer coisa a Cortés. Insiste que Cortés já tivera conhecimento do complô que se armava contra os espanhóis. Ao mesmo tempo, enigmaticamente, representa sua personagem sentindo-se culpada por tentar uma liberdade à base de mentiras. Não se consegue saber, no mundo representado por Esquivel, a que mentiras Malinche está se referindo. Se ela não teria mentido, nem mencionado haver um complô para chamar a atenção do homem que amava ou se a senhora de Cholula não tinha realmente oferecido a ela o filho em casamentos. Fica a dúvida sobre qual teria sido a mentira, mas a obviedade de que tinha havido mentiras. A narração reforça, no decorrer da narrativa que Malinche não tivera nenhuma culpa do massacre já que Cortés já sabia do complô por outras fontes. Esquivel a isenta, contrariando o relato das fontes primárias que ela não tem nenhuma razão de seguir, de uma participação que teria sido, provavelmente, a maior acusação que pesa sobre os ombros de Malinche, através da história, numa tentativa de aliviar sua personagem desse ato. Entretanto, o romance mostra a personagem cujos milhares de cadáveres desmembrados, sem vida, sem vontade apoderam-se da alma de Malinalli, o que a faz sentir remorsos e problemas de consciência.

Em Del Río (2009), o romance segue o relato de Cortés na sua carta ao rei Carlos V e a descrição cronológica dos relatos de Bernal Díaz del Castillo e descreve uma Malinche extremamente feliz por poder contar a Cortés o complô e mostrar sua utilidade e lealdade. A história da velha nobre que tenta casá-la com o filho e livrá-la da morte prevista aos espanhóis pelo ataque coordenado por Montezuma e executado pelos habitantes de Cholula.

Voltando somente à representação de Gordon (2005), então, certamente, ela conseguiu fascinar o espanhol, que reconheceu sua lealdade a ponto de permitir que ela se casasse com outro para assegurar-lhe um lugar seguro na nova sociedade que se formou após o extermínio da anterior. O romance tenta justificar, à semelhança de Laura Esquivel e Fanny del Río, a participação de Malinche no massacre de Cholula. Ela teria que ser justificada pelo amor que dedicava ao espanhol.

Ainda que nessas obras possa haver a participação dela no evento, elas a apresentam com um pesado fluxo de consciência e remorsos.

Essas escritoras, a exemplo de Rosario Castellanos, Colleen A. Sweet, Sabina Berman e Elena Garro, citadas anteriormente, enquadram-se entre aquelas que se rebelam contra o patriarcalismo e uma supremacia masculina e tentam colocar-se no lugar de Malinche para dar-lhe voz. Nos anos setenta, uma onda feminista fez emergir a figura de Malinche e com ela outra forma de interpretá-la. Malinche é então vista como uma mulher, que em meio a um ambiente machista, dominada por homens, conseguiu sobreviver e fazer-se notada e necessária. Essa sociedade masculina era dominada por homens brancos e, como agravante, estrangeiros.

Elas vêm, então, de acordo com os estudos descoloniais, a dar voz e participação a essa figura, Malinche. Essa visão mais feminista reinterpreta Malinche, trazendo outra forma de ver essa figura feminina que se formou dentro de normas de dominação masculina, que foi por eles silenciada, calada, e até mesmo escondida ou rejeitada.

Nesse contexto, vale ressaltar que houve a excessão de Bernal Díaz, branco e europeu, que se preocupou em dizer que Malinche era uma excelente mulher e muito boa tradutora e que seus feitos acompanharam, ajudaram e modificaram os caminhos dos espanhóis nas guerras do Novo Mundo, Tlaxcala e México.

Se considerarmos que Christiam Duverger estava certo, o que nos levam a crer todas as evidências que ele levantou acerca da existência ou não do soldado escritor Bernal Díaz, esse autor nem existiu, mas foi, talvez, um personagem fictício criado por alguém, certamente Hernán Cortés. Se assim for, ele, Cortés, teria sido o homem por trás do personagem Bernal Díaz que criou para falar bem de si próprio. Nesse caminho, sendo necessário criar uma personagem feminina à moda dos

romances de cavalaria, aproveitou para criar sua personagem feminina, Malinche, Dona Marina como os espanhóis nomeavam as mulheres da nobreza a quem dirigiam seus feitos. Ao exaltar sua figura, contar detalhes sobre sua “dama romântica”, ele deu aos futuros historiadores e romancistas mais pistas sobre quem foi essa mulher indígena que se envolveu na entrada e conquista de Tenochtitlán.

O que não se pode deixar de assinalar é que autor Bernal Díaz, fictício ou não, real ou não, autor ou personagem, segue sendo a principal base para todos os estudos e romances que têm Malinche como personagem principal.

Esquivel segue as diretrizes de Bernal nos detalhes sobre Malinche. Também se baseia em Carlos Fuentes para construir seu personagem como alguém que agiu mal e que sente repugnância por si mesma e se arrepende de haver-se entregado a Cortés e, por consequência, deu a ele acesso ao mundo indígena. Ainda que mostre uma personagem cheia de arrependimento, não consegue isentá-la da controversa figura que é culpada por confiar em Cortés, acreditando que ele faria o bem aos indígenas e que entrega a ele segredos que de outra forma ele não teria como saber.

Del Río segue, igualmente, as diretrizes de Bernal para arquitetar sua personagem. A autora segue o plano construído para sua personagem e intenta fazê-la pedir perdão, ao filho e por extensão, aos que vieram depois. No começo da obra, realmente, apresenta uma Malinche humilde e em um grande embate de sentimentos, mas que ao longo do texto vai mostrando-se como alguém que age motivada por sentimentos de vingança e ódio.

Em Hancock (2014) não há a preocupação com Malinche a ponto de priorizá-la em relação ao massacre de Cholula, nem a outros eventos. Ela é a personagem secundária no romance, apesar de ser a figura feminina mais próxima do personagem central, Hernán Cortés. A personagem, embora ativa, é a barragã, mais fútil e a serviço do masculino brilhante e guerreiro. O plano seguido pelo romance não se concentra nas menções feitas a ela em *Historia verdadeira* e nas cartas de relação de Cortés, quanto ao massacre de Cholula e outros eventos mais sanguinários. Simplesmente a põe a andar pela cidade, a observar os cidadãos e a recolher informações para contar a Cortés, sugerindo aí que talvez ela possa, ou não, ter ouvido alguma “fofoca” sobre o assunto. Como a narrativa de Hancock (2014) se concentra em protagonizar Cortés, a participação de Malinche, ou não, é

irrelevante. O proeminente é que Cortés e os espanhóis venceram os indígenas e não que os derrotados tenham sido ou não massacrados. Não parece digno de nota a problematização “menor” de se uma indígena teve alguma participação especial nesse evento na trilha de conquista.

Haino Burmester (2016) e César Librado Gutiérrez Y Samperio (2019) não relacionam Malinche ao massacre de Cholula. Desta maneira, não precisaram acrescentar isso ao processo de defesa da personagem. Sem delito, não há acusação, não há necessidade de justificativa.

Não cabe afirmar, portanto, que Malinche encontrou suas defensoras somente nas mulheres que dirigiram seus interesses para essa figura. Os escritores homens também conduziram seus interesses a ela. Se dirigirmos nossos olhares para o nosso corpus literário formado por quatro mulheres e três escritores homens, percebemos que três escritoras se propuseram a vê-la sob nova contemplação e tiveram o intuito de retirar-lhe o estigma de traidora. Uma delas, V. Castro (2019), procurou dar-lhe um caráter de liberdade sexual que vaga pelo mundo sugando o sangue de homens e mulheres e vivendo da riqueza indígena que afanou e escondeu. A aproximação entre Malinche e massacre de Cholula e em outros eventos sanguinários está metaforizado na representação dela como uma vampira, um ser que se alimenta de sangue de suas vítimas, bem como no fato da indígena vampira viver, durante 500 anos, do espólio dessas riquezas e vidas que foram tiradas.

Um homem a considerou uma mulher de certa importância, que foi fêmea e admiradora de Hernán Cortés. Dois homens, escritores brancos e cultos, escolheram defendê-la aferradamente, tornando-se seus protetores.

A participação de Malinche na totalidade dos eventos que se relacionam à “Conquista” fizeram com que seu nome fosse lembrado como traidora, desalmada, vendida, aberta ao estrangeiro.

O massacre de Cholula e a participação de Malinche na sequência do acontecimento são fatores que estão indelevelmente ligados ao nome da indígena e seu nome instiga autores, através dos anos e séculos.

Muitos romancistas vislumbraram que Malinche foi deixada de lado pelos discursos que contam no traçado histórico porque aí se privilegia o masculino e a proeminência dos que preferiram ignorar o lado relevante de Malinche enquanto mediadora entre culturas, como dona da intermediação e das línguas e, muito provavelmente, seu conhecimento dos lugares e das etnias que habitavam o novo mundo.

Por esse vislumbre, por deduzir que havia muito a ser dito sobre ela e muitas formas de representá-la, ela se tornou objeto de interesse que atravessa séculos e fronteiras e se mantém atual.

Voltando ao nosso *corpus*, percebemos que os livros de Hancock (2013), (2014) espelham as perspectivas dominantes e perpetuam representações de identidade e de diferença. Não se centram em atenuar os efeitos de esquecimento, invisibilidade e ocultação de personagens e sujeitos históricos, inscritos na narrativa histórica como ambíguos, quando não, secundários ou até mesmo registros percebidos como relapsos na história da colonização espanhola da América. Nesses registros se encontra, ou deveria se encontrar Malinche, cuja biografia é quase apagada pela omissão e menosprezo dos relatos dos conquistadores, ou operada, ideologicamente, a serviço da manutenção dos discursos oficiais. O escritor não pretendeu se valer das contribuições de estudiosos para uma revisão das diversas narrativas tornadas oficiais por uma historiografia de elogio ao conquistador Hernán Cortés. Malinche foi enquadrada em um papel de sexualidade e até mesmo subalternidade, o mesmo acontecendo com os outros indígenas, seguindo as normas conduzidas pela colonialidade do poder.

Os dois médicos, Haino Burmester (2016) e César Librado Gutiérrez Y Samperio (2019) não desejam de maneira nenhuma mencionar qualquer fato que seja contra Malinche. Pode-se perceber que a imagem de Malinche vem representada com grande admiração e respeito e que o epíteto de traidora causa desconforto e indignação e eles tentam, de todas as maneiras, retirá-lo, torná-lo sem efeito. Esforçam-se para vê-la como a mãe dos mexicanos, como uma mulher de valor, capaz de resistir e também de adaptar-se às incongruências da vida, uma mulher que foi escrava, vendida, oprimida, que saiu não se sabe bem de onde, mas que conseguiu, embora não opondo resistência ao que teria sido uma violação, pois

não tinha como fazê-lo, transformar-se em uma figura importante e emblemática na história mexicana, não fazendo jus ao que se fala dela, em contrário.

The Erotic Modern Life of Malinalli The Vampire de V. Castro (2019), não menciona Malinche nem os eventos históricos, não segue nessa linha histórica, como por exemplo localizá-la no massacre de Cholula, mas a representa como vampira que se alimenta de sangue de suas vítimas. A despeito disso, a representa como uma mulher livre, dona de sua sexualidade, liberta de amarras sociais e preconceitos e símbolo de resistência à subalternização e amarras de qualquer sistema, sobretudo o sistema colonial. Essa representação de Malinche concebe um desejo de vingança pela difamação que as chicanas, como a autora, sentem em suas próprias peles, como foi discutido anteriormente. A apropriação pelas feministas chicanas do símbolo Malinche é uma forma de colocá-la como intermediação das tendências feminista. Malinche seria uma agente mediadora dos próprios interesses das chicanas, que buscam sua própria identidade e ideias de libertação. Enquanto lutam pelos direitos femininos, representam Malinche como uma mulher que transita livre entre países e amantes, sem laços, sem padrões e sem donos.

Seja como for que se recorde a figura de Malinche, o fato é que, sua imagem e sua lembrança ainda estão muito vivas; seja de forma histórica, acadêmica ou literária. Intacta, modificada ou enigmática, para o bem ou para o mal. Malinche é uma personagem vívida que agiu além de seu ofício como intérprete e que traduziu códigos culturais inteiramente distintos uns dos outros.

Os livros de Hancock (2013) (2014) se basearam nos escritos de Bernal Díaz para representá-lo enquanto personagem, corajoso, adorador de Hernán Cortés e amante das novelas de cavalaria, que mantinha um diário que mais tarde se transformaria no livro *Historia verdadera*. O mais importante, seguiu a lógica de que Bernal só poderia ser um apaixonado por Malinche, para dedicar-lhe um capítulo inteiro em seu livro, mais tarde. Malinche também foi representada sob essa visão de Bernal, a indígena de origem nobre que segue Cortez, traduz suas palavras e deseja que ele vença para livrá-la dos povos que a fizeram escrava.

Muitos autores se basearam enormemente em Bernal Díaz que atçou a imaginação dos escritores ao descrever Malinche⁴⁹⁶.

Cortés era um adorador das novelas de cavalaria, o que se sobressai em suas cartas. Basicamente, à semelhança de Cortés, Bernal Díaz também, o que é gritante no seu livro.

Se Bernal Díaz não existiu, seguindo o pensamento de Duverger, Malinche foi uma narrativa surgida de Hernán Cortés, seu amante e pai de seu filho, que mais tarde precisou livrar-se dela por ser o que era, uma indígena.

Malinche foi representada em diferentes mundos ficcionais e neles foi resgatada; ganhou vida enquanto personagem esquecida e silenciada pela história ao longo do tempo. Em cada um deles tomou forma e teve a oportunidade de tomar a palavra e explicar-se. Também foi analisada e lembrada por historiadores e estudiosos ao longo dos anos. Porque Cortés falou dela, primeiramente em suas cartas e possivelmente depois, sob o codinome de Bernal Díaz, Malinche foi a única intérprete da conquista espanhola do México a estar entre os personagens principais e tornar-se uma das figuras mais frequentadas das crônicas. Ela tornou-se, por consequência, personagem de tantos trabalhos acadêmicos que pesquisam essas fontes e tantos escritores que a fazem ressurgir em seus trabalhos literários. Por servir ao estrangeiro e por mencionar sua participação no massacre de Cholula, foi considerada traidora e não pode ser esquecida enquanto tal. Talvez por esse enigma que se mantém até hoje, e talvez para sempre, nenhuma outra intérprete mulher e indígena teve representado seu passado, sua história de vida e sua atuação no México como Malinche. E do México alcançou o mundo, acionando mentes que pretenderam acusá-la ou defendê-la.

Malinche primeiramente foi mencionada nos parâmetros do cânone ocidental, mais tarde sua figura foi sendo reproduzida de acordo com estudos brotados de dentro de uma lógica falocentrica sob um título despectivo. Logo, foi vista sob a

⁴⁹⁶Due to Bernal Díaz del Castillo's immense influence in the transmission and mystification of Malinche's story, it is worth dealing with his version, even though it is apparent that he sometimes lacks evidence. (HÖLLER, 2010, p. 41).

Devido à imensa influência de Bernal Díaz del Castillo na transmissão e mistificação da história de Malinche, vale a pena lidar com sua versão, mesmo que seja aparente que ele às vezes carece de evidências. (HÖLLER, 2010, p. 41, tradução nossa).

conjuntura do período pré-hispânico e por uma sociedade dominada por uma determinada forma de colonialidade. Bem mais tarde, foi vista sob o ângulo do feminismo e defendida em sua condição de mulher e, no século XXI, pode ser vista sob a vertente do pós-colonialismo e de outros ângulos, sem a constância da subordinação.

A figura de Malinche despertará a curiosidade como *la chingada* e que o que atrai os escritores para defendê-la ou acusá-la é essa, justamente essa, participação em eventos sanguinários que lhe garantiram o epíteto de traidora. É essa chaga que compele os olhares com que a olham e olharão, os historiadores, acadêmicos e escritores, presentes e futuros. Alguns tentarão retirá-la completamente de participação nesses eventos, sem mencioná-los; outros admitirão essa participação, mas a representarão com pesados fluxos de consciência ou simplesmente vão representá-la como participante ativa, uma barragã que se vendeu aos espanhóis, culpada pela pobreza e contaminação do México, uma figura sem grandes valores morais, personagem secundária, sem intenção de atualização, mas de dar continuidade à colonização e ao imperialismo, permitindo que opressão tenha força sobre a representação desta personagem.

As narrativas do nosso corpus literário são, essencialmente, de extração histórica e todas estabelecem uma origem e uma relação entre si; compartilham de um mesmo estímulo e fomento. O ponto de partida se concentra nos mesmos personagens históricos, Malinche e Cortés. Apesar de possuírem diferentes eixos estético-ideológicos que estimulam e alimentam as narrativas, elas seguem as sequências de eventos descritos pelas fontes primárias. Em diferentes níveis, esses processos literários de ficcionalização subvertem e revolvem versões correntes e hegemônicas da colonização portuguesa, mas não as destroem ou arruinam completamente, pois que são suas linhas norteadoras.

O livro de Jane Lewis Brandt, *Malinche*, de 1981 tem um excerto que define a história de Hernán Cortés e Malinche. Parece arrogante e machista, mas cabe citá-la aqui. Quando estava para morrer, Hernán fala com um soldado que tinha sido apaixonado por Malinche. O soldado diz que lamentava que ela tivesse preferido Cortés a ele. Cortés responde que se Malinche tivesse preferido esse personagem, ela não teria sido mais do que a companheira de um soldadinho de a pé. Em

troca, ele, Cortés, a transformou em uma lenda. Cortés acrescenta que ninguém poderia negar isso, e que nem mesmo a História negaria tal fato. Estas palavras definem Malinche, talvez não pelo sentido que o ego e o narcisismo do personagem Hernán Cortés o fizeram dizê-las, mas pelo personagem histórico tê-la citado nas *cartas de relación* e de tê-la mencionado no evento do massacre de Cholula. Sendo ele o autor de *História verídica da nova Espanha* como afirma Duverger, então ele é duplamente responsável pela inserção de Malinche na História. Sem nomeá-la, dizendo apenas que era uma índia e que vinha de Putunchan, Cortés imortalizou seu nome e o vinculou irremediavelmente ao seu. Cortés tornou o nome dela conhecido e sua pessoa rodeada de enigmas que até hoje muitos estudiosos, literatos e acadêmicos através do mundo tentam desvendar.

Mesmo com uma biografia excessivamente lacunar, não se sabendo exatamente como se chamava, de onde veio e qual seu papel no extermínio de milhares de indígenas, ou exatamente por isso, La Malinche povoa o imaginário de tantos e tantos querem preencher o vácuo deixado pela história. Ela se tornou um dos personagens mais esquadrihados pelos romancistas, a começar por *História verídica da nova Espanha*, escrita por um autor conhecido como Bernal Díaz del Castillo.

Talvez seja exatamente essa biografia lacunar, essa dúvida sobre seus atos, esse enigma sobre a vida dessa mulher indígena, que desperta o desejo de esquadrihá-la.

E, pode-se dizer mais, talvez seja esse nimbo de traidora que se criou em torno dela que desperte nos pesquisadores e literatos a vontade de defendê-la ou de acusá-la. Sua condição de mulher e indígena, de frágil, esquecida pela história ou pouco mencionada pela maioria das primeiras narrativas que preferiram dar o papel de destaque a Hernán Cortés, o conquistador glorioso que com poucas centenas de homens tomou posse de um lugar resplandecente, tenha despertado o desejo de fazer-lhe justiça.

Ao ser acusada de traição, Malinche fez nas mulheres e feministas o ímpeto de defendê-la. Em Fanny del Río e em Laura Esquivel parece que foi isso o que aconteceu. Mas, ao repetir os fatos mais famosos como por exemplo o massacre de Cholula e a morte de Cuauhtémoc, as escritoras se perceberam incapazes de resguardá-la adequadamente e retirar-lhe o epíteto que rodeia seu

nome. Graham Hancock a trouxe para seus romances como um personagem coadjuvante. No afã de exaltar Hernán Cortés e execrar Montezuma, Malinche foi trazida como uma arma de vingança, para ajudá-lo nessa empreitada.

Haino Burmester, ao escrever sobre ela, foi mais um advogado de defesa, um esclarecido cavaleiro da justiça que procurou trazer luz aos fatos obscuros e justificar suas ações. Trouxe sua história para uma banca acadêmica de defesa como um homem da lei traria seu acusado para um tribunal e lutou pela sua causa.

Se esse epíteto de traidora que acompanha Malinche fosse totalmente esclarecido e ela fosse isentada da participação em todos os eventos-chaves e se provasse que ela permaneceu unicamente no papel de objeto passivo às ordens de Hernán Cortés e que nunca tivesse agido como sujeito, se limitasse apenas a traduzir as palavras do espanhol e a ter seu filho, como muitas outras indígenas que serviram aos espanhóis, seria imediatamente esquecida.

O que a ilumina são suas ações, sua participação ativa nos eventos.

Como sabemos, há poucos fatos comprovados da vida de Malinche. A maior parte é o que está descrito Bernal Díaz.

Sabe-se, com certeza, pois consta nas cartas de Cortés, que Malinche existiu, que foi dada aos espanhóis junto com outras vinte escravas, que conhecia nahuatl, que o ajudava na tradução pois havia, ali, povos que falavam uma língua que Aguilar não conhecia.

Se era nobre ou escrava, são fatos não comprovados. Poderia ser que ela tivesse criado essa história ou que tenha sido imaginada pelo próprio Bernal Díaz que pode não ter existido enquanto soldado, conforme sugere Christin Duverger que afirma que ele seria uma criação de Cortés, que seria verdadeiro autor de *Historia Verdadeira*. Sendo Cortés o autor, pode ter lembrado Malinche tal qual a lembrava, ou pode ter criado fatos sobre como gostaria que tivesse sido a mulher com a qual teve um filho que ele fez questão de registrar como seu. Cortés deu a essa indígena terras e escravos. Ela casou-se com Jaramillo e teve mais uma filha Maria e depois de sua morte, deixou testamento e bens que foram contestados.

No *Lienzo de Tlaxcala*, ela ocupa figura central nas lâminas que o compõem. No evento de Cholula tem participação duvidosa; pode ter sido o pivô da matança, ou pode ter sido um bode expiatório de Cortés, tentando defender-se.

Teve seu filho Martín retirado de seus cuidados e mandado para ser educado em Espanha. Casou-se com Jaramillo e a comprovação desse fato encontra-se documentado.

Não há dúvidas que o livro de Bernal Díaz era o mais eloquente sobre Malinche, onde constavam declarações que ninguém questionava. Há diversas afirmações de pesquisadores, muitas nessa tese, que afirmaram isso. Em sendo provadas as argumentações de Christian Duverger, sobre as quais pesam alguns questionamentos entre alguns historiadores, mais fica evidente que quase nada sobre Malinche foi comprovado e documentado. Os romances e pesquisas mais recentes que se baseiam, em sua maioria, nesses fatos que se encontravam nas fontes primárias, ficam dia a dia mais duvidosos.

Entretanto, não acreditamos que, por isso, a curiosidade sobre Malinche, e a constante recorrência à figura dela cessarão. Malinche e suas representações estão acima dos fatos históricos comprovados.

Recorre-se a ela justamente porque na sua representação, cabem muitas representações. Ela serviu perfeitamente a Octávio Paz e suas alegações de que ela era uma vendida, que se entregou ao estrangeiro, sendo culpada, portanto, da atual condição dos mexicanos. Serve às feministas que intentam defendê-la e assim defender a si próprias. Convém, como símbolo, às chicanas para as quais Malinche é aquela que ainda que, sendo mulher, se saiu muito bem em uma campanha de homens, obtendo um papel de destaque. Os códigos do discurso hegemônico em que se baseava a colonialidade não deixaram de existir completamente, pois a figura de Malinche também está à disposição de escritores de visão eurocêntrica que conseguem dar a ela um papel de destaque sem que deixe de ser a mulher indígena que serve de uso sexual aos desejos do homem branco. Ainda que as lentes do decolonialismo tenham permitido uma nova maneira de ler a história, percebe-se que a estrutura opressora da colonialidade e os códigos do discurso hegemônico ainda permanecem, de muitas formas, petrificados.

Escritores preocupados com a causa da igualdade feminina e em postarem-se ao seu lado na luta e a advogar por seus direitos encontrarão em Malinche, também, várias questões a defender. Cada um com suas ideologias e diversas

posições políticas poderão, e certamente o farão, encontrarão em Malinche uma figura representativa que se encaixará perfeitamente em suas convicções.

Concluimos que são exatamente esses lapsos em sua história. São as lacunas deixadas em aberto pelos historiadores que servem de acordo com interesses, particularidades e especificidade do momento histórico em que Malinche foi estudada. São as diversas oportunidades deixadas ao alcance das mais diferentes posições ideológicas que intentem preenchê-las.

Concluimos ainda que a maioria dos escritores de literatura usam as fontes primárias como base para construir seus romances; refazem o caminho descrito pelos historiadores. Quando ela deixa de ser citada nas fontes históricas, isso coincide com o final dos romances literários.

Referências

- AGUIAR, Janaína de Azevedo Baladão. **El sexto sol de Malinali**. Porto Alegre, 2013. Disponível no link: <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/107281/000945236.pdf?sequence>.
- ALDHOUSE-GREEN, Miranda Jane. *Dying for the Gods: Human Sacrifice in Iron Age & Roman Europe*, New York: Sutton Publishing 2001.
- ALTAMIRANO, Ignacio Manuel. **Medea**. In: *Crônicas Teatrales*. In: *Obras Completas*. Edición y Notas de Héctor Azar. México DF: Secretaría de Educación Pública, 1988.
- ALVA IXTLILXÓCHITL, Fernando de. **Obras históricas**. Edición de Edmundo O'Gorman, 2 vols., México, Universidad Nacional Autónoma de México, 1975-1977.
- ARIAS RAMÍREZ, Virgilio Adrián. **Malinche La abuela zoque**. México: CONECULTA, 2016.
- ARACIL, Beatriz. **Hernán Cortés desde ambas orillas: dos propuestas dramáticas sobre el conquistador en el contexto del V Centenario del Descubrimiento**.: in Beatriz Aracil et al. (ed.), *América Latina y Europa. Espacios compartidos en el teatro contemporáneo* Madrid, Visor, 2014, pp. 55-69.
- BAENDERECK, Bruno. **Os mexicas em época de conquista: enunciações de sua alteridade pelos espanhóis e tezcocanos**. Dissertação de Mestrado, 2010. Disponível no link: https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/93222/baendereck_b_me_fran.pdf;jsessionid=5A0F49763A3A231F729C4D285047B9A8?sequence=1.
- BALLESTRIN, Luciana. **América Latina e o giro decolonial Decolonial turn and Latin America**. Brasília: Revista Brasileira de Ciência Política, nº11, pp. 89-117, 2013.
- BARON, Alexander. **The Golden Princess**. United Kingdom: Goring-by-Sea, SXW, 1954.
- BARTRA, Roger. **La jaula de la melancolía: Identidad y metamorfosis del mexicano**. México: Grijalbo, 1987.
- BERMAN, Sabina, **Águila o Sol**. México: Editores Mexicanos Unidos, 1975.
- BORGES, Jorge Luis. **História universal da infâmia**. (1935) / Jorge Luis Borges; tradução Davi Arrigucci Jr. — 1. ed. — São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

BRAGATO, Fernanda Frizzo; CASTILHO, Natalia Martinuzzi. **A importância do pós-colonialismo e dos estudos descoloniais na análise do novo constitucionalismo latino-americano.** In VAL, Eduardo Manuel; BELLO, Enzo. O PENSAMENTO PÓS E DESCOLONIAL NO NOVO CONSTITUCIONALISMO LATINO-AMERICANO. - Caxias do Sul, RS : Educs, 2014.

BUARQUE DE HOLANDA, Sérgio. **Visão do paraíso.** São Paulo: Brasiliense, 1994.

BURKHART, Louise. **Before Guadalupe: The virgin Mary in Early Colonial Nahuatl Literature.** Albany Institute for Mesoamerica Studies, University at Albany. State University of New York, 2001.

BURMESTER, Haino. **A Maldição de La Malinche.** São Paulo: Scortecci, 2016.

BRANDT, Jane Lewis. **Malinche.** Barcelona: Plaza e Janés, S.A. 1981.

CALVO, Thomas; PINEDO, Aristarco Regalado. **CONQUISTA Y ASENTAMIENTO DEL REINO DE LA NUEVA GALICIA (1524-1570).** Mexico: Universidad de Guadalajara, 2016.

CANEDO SILVA, Rogério Max. **O romance histórico da colonização: a figuração artística transgressiva do passado em O tetraneto del-rei, de Haroldo Maranhão, A gloriosa família, de Pepetela, e As naus, de António Lobo Antunes.** Brasília, 2016. Disponível no link: https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/20766/3/2016_Rog%C3%A9rioMaxCanedoSilva.pdf.

CARRASCO, David. In: **The History of the Conquest of New Spain by Bernal Díaz del Castillo.** Albuquerque: University of New Mexico Press. 2008.

_____, David. **City of Sacrifice: Violence From the Aztec Empire to the Modern Americas,** New York: Beacon Press, 2000.

CASTAÑEDA, Jorge. **Caminhos da democracia na América Latina.** Porto Alegre: Unisinos, 1990.

CASTELLANOS, Rosario. **El eterno femenino: farsa.** México, D.F.: Fondo de Cultura Económica, 1975.

CASTRO. V. **The Erotic Modern Life of Malinalli The Vampire.** USA: U.S, 2019.

CHAVES, Rita. **O passado presente na literatura africana.** In: Revista Via Atlântica. São Paulo, nº 7, p. 147-161, out. 2004.

CLAYTON, Lawrence A. *Bartolomé de las Casas and the Conquest of the Americas.* United Kingdom: John Wiley & Sons, 2011.

CYPESS, Sandra Messinger. **La Malinche as Palimpsest II**. In: CARRASCO, David. **The History of the Conquest of New Spain by Bernal Díaz del Castillo**. Albuquerque: University of New Mexico Press, 2008.

CODICE AUBIN - MANUSCRITO AZTECA D E LA BIBLIOTECA REAL D E BERLIN, Anales in mexicano y geroglífico desde la salida d e las tribus de aztlan hasta la muerte de Cuauhtémoc. Mexico: Oficina tipográfica de la secretaría de fomento, 1902.

CORTÉS, Hernán. **Letters from Mexico**. Edited and translated by Anthony Pagden. Introduction by J. H. Elliott. New Haven, CT: Yale University Press, 1986.

CORTÉS, Hernán. **Segunda carta-relación de Hernán Cortés al Emperador Carlos V**. Biblioteca Virtual Universal. 2003. Disponível no link: <http://www.biblioteca.org.ar/libros/134.pdf>.

CORTEZ, H. **A conquista do México**. Porto Alegre: L&PM, 2007.

DE LANDA, fray Diego. **Relación de las cosas de Yucatán**. Ciudad de México: Fondo de Cultura Económica, 2010.

COSTA, Sérgio. **Dois Atlânticos: teoria social, anti-racismo e cosmopolitismo**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

DEL CASTILLO, Bernal Díaz. **The True History of the Conquest of New Spain**. Translated, with an Introduction and Notes, by Janet Burke and Ted Humphrey. Indianapolis/Cambridge: Hackett Publishing Company, Inc., 2012.

_____. **The History of the Conquest of New Spain by Bernal Díaz del Castillo**. Albuquerque: University of New Mexico Press, 2008.

DEL CAMPO, Marisol. **Amor y conquista: la novella de Malinalli, mal llamada La Malinche**. México: Planeta Mexicana, 1999.

DEL RÍO, Fanny. **La verdadera historia de Malinche**. México. Randomhouse Mondadori, 2009.

DURÁN, Fray Diego. **Historia de las Indias de Nueva España e Islas de tierra firme**. México: Dirección General de Publicaciones, 1995.

DUVERGER, Christian. **Cortés e seu duplo- pesquisa sobre uma mistificação**. São Paulo: Editora Unesp, 2014.

ELLIOTT, J. H. in PADGEN, Anthony. *Hernán Cortés: Letters from Mexico*. Translated, edited, and with a new introduction by Anthony Pagden. United States of America. Yale University Press, 1986.

ESQUIVEL, Laura. **Malinche**. Rio de Janeiro: Ediouro publicações, 2007.

FALCONER, Colin. **La Princesa Azteca**. México: Martínez Roca, 1992.

FERNÁNDEZ PRIETO, C. **Historia y novela: poética de la novela histórica**. 2. Ed. Navarra: EUNSA, 2003.

FORGUES, Roland. **Mujer, creación y problemas de Identidad en America Latina**. Venezuela: Consejo de Publicaciones de la Universidad de los Andes, 1999.

FRANCO, Jean. **La Malinche: del don al contrato sexual**. 2016. Disponível no link: http://www.debatefeminista.pueg.unam.mx/wp-content/uploads/2016/03/articulos/011_13.pdf.

FUENTES, Carlos. **Todos los gatos son pardos**. México D.F.: Siglo XXI editores, 1970.

GABOROV JONES, María E. **El rol de intérprete de la Malinche en la Masacre de Cholula : ¿traidora o traicionada?** Bridging Cultures, 3 , 2018. Disponível no link: <http://bibliotecadigital.uca.edu.ar/greenstone/cgibin/library.cgi?a=d&c=Revistas&d=ro-l-interprete-malinche-masacre>.

GALEANO, Eduardo. **As Veias Abertas da América Latina**. Rio de Janeiro: Paz e Terra. Do original em espanhol: Las venas abiertas da America Latina, 1971.

GARRO, Elena. **La culpa es de los Tlaxcaltecas**. México: Grijalbo, 1989.

GERBI, Antonello. **Novo Mundo: história de uma polêmica (1750-1900)**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

GLANTZ, Margo. **Las hijas de la Malinche**, 2006. Disponível no link: http://www.debatefeminista.pueg.unam.mx/wpcontent/uploads/2016/03/articulos/006_10.pdf.

GÓMARA, Francisco Lopez. **De La conquista de México**. Barcelona: Linkgua ediciones S.L., 2009.

GORDON, Helen Heightsman. **Malinalli of the Fifth Sun: The Slave Girl Who Changed the Fate of Mexico and Spain**. Bloomington: iUniverse books, 2005.

GOULART, Saulo M. **JUAN DE ZUMÁRRAGA E A INQUISIÇÃO PARA INDÍGENAS NO VALE DO MÉXICO (1536-1543)**. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH. São Paulo, 2011.

GROSGOUEL, R. **Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais: transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global**. Revista Crítica de Ciências Sociais, Coimbra, n. 80, 2008.

GUTIÉRREZ, Jorge Luis. **Aspectos históricos sobre a brevíssima relação da destruição das índias de frei Bartolomeu de Las Casas na ocasião da recente publicação da tradução para o português dos tratados.** Nº 1 – 2º semestre de 2010 – Ano 1 - Centro de Ciências e Humanidades – Mackenzie, 2010.

GUTIÉRREZ, Jorge Luiz Rodriguez. **A Controvérsia de Valladolid: aplicação aos índios americanos da categoria aristotélica de escravos por natureza.** Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Universidade Estadual de Campinas, 1990.

GUTIÉRREZ Y SAMPERIO, Dr César Librado. **La Malinche: Doña Marina, Malinaltzin, Malintzin, Malinalli. Una sola mujer.** Publicado independentemente, julho, 2019. Disponível no link: <https://ler.amazon.com.br/?asin=B07TW4J7H2>. Acesso em novembro, 2019.

HANCOCK, Graham. **War God: Return of the plumed serpent**, livro II. Great Britain: Hodder & Stoughton, 2014.

HASSIG, Ross. **Mexico and the Spanish Conquest.** U.S.A., Oklahoma: University of Oklahoma Press, 2006.

HERNÁNDEZ, Cristina Gonazález, **Doña Marina (La Malinche) y la formación de la identidad mejicana.** Madrid: Ediciones encuentros, 2002.

HERNÁNDEZ, Sonia. **Malinche in Cross-Border Historical Memory.** In: **José Limón and La Malinche: The dancer and the Dance.** United States of America: University of Texas press, 2008.

HERREN, Ricardo. **Doña Marina, La Malinche.** Barcelona: Planeta, 1992.

_____. **La conquista erótica de las Indias.** Barcelona: Planeta, 1991.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Visão do paraíso.** São Paulo, Brasiliense, 1994.

HÖLLER, Michaela. **“I am what I am, take it or leave me alone” translating chicananess with the ayuda of la Malinche.** Dissertação de mestrado. USA: Stanford University, 2010.

HUIZINGA, Johan. **O sonho do heroísmo e do amor.** In: **O declínio da Idade Média,** São Paulo:Verbo/Edusp, 1978.

HUMPHREYS, Juliana Porto Chacon. **O vampiro na literatura: um estudo sobre a constituição o da performance da personagem através da permutabilidade do tema.** Revista de Letras JUÇARA, Caxias – Maranhão, v. 02, n. 01, p. 312 – 331, jul. 2018.

JACOB, Jorcy Foerste. **Os filhos de Malinche: as representações sobre os indígenas na ótica de Diego Rivera (1920-1940)**. Vitória, 2014. Disponível no link: <http://repositorio.ufes.br/handle/10/3517>.

JAGER, Rebecca Kay. **Malinche, Pocahontas, and Sacagawea: Indian Women as Cultural Intermediaries and National Symbols**. Oklahoma: University of Oklahoma Press, 2015.

JANOTTI, Maria de Lourdes. **O livro Fontes históricas como fonte**. In: **Fontes históricas**. PINSK, Carla Bassanezi (org). São Paulo: Contexto, 2005.

JONES, María Elena Gaborov. **El rol de intérprete de la Malinche en la Masacre de Cholula: ¿traidora o traicionada**. Bridging Cultures – Nro. 3 – Año – Departamento de Lenguas, Facultad de Filosofía y Letras, Universidad Católica Argentina, 2018.

JOSAPHAT, Carlos. **Bartolomeu de las Casas, espiritualidade contemplativa e militante**. São Paulo: Paulinas, 2008.

JOSÉ, Maria Emilia Granduque. **A presença de Malinche nas crônicas de índias do século XVI**. Franca, 2011. Disponível no link: https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/93224/jose_meg_me_fran.pdf?sequence=1&isAllowed=y.

JOSEPH, Gilbert M. (Editor), HENDERSON, Timothy J. (Editor) **The Mexico Reader: History, Culture, Politics (The Latin America Readers)**, USA: Duke University Press, 2002.

KELLOGG, Susan. **Marina, Malinche, Malintzin Nahúa Women and the Spanish Conquest**. In: **José Limón and La Malinche: The dancer and the Dance**. United States of America: University of Texas press, 2008.

LACERDA, Marina Basso. **As mulheres no Brasil Colonial. Colonização dos corpos: Ensaio sobre o público e o privado. Patriarcalismo, patrimonialismo, personalismo e violência contra as mulheres na formação do Brasil**. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Direito da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2010.

LACROIX, Jorge Gurría. **Historia de la conquista de México - PRÓLOGO Y BIBLIOGRAFÍA** In: GÓMARA, Francisco López de. **HISTORIA DE LA CONQUISTA DE MÉXICO**. Venezuela: Ayacucho, 2007. pp. IX- XXXII.

LAS CASAS, Bartolomé De. **Bartolomé de las Casas Brevíssima relación de la destrucción de las Indias**. Edición y notas José Miguel Martínez Torrejón Prólogo y cronología Gustavo Adolfo Zuluaga Hoyos. Medellín. Colombia: Fundación Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes y Universidad de Alicante, 2006.

LEÓN-PORTILLA, Miguel. **The Broken Spears The Aztec Account of the Conquest of Mexico**. Originally published in Spanish under the title of *Vision de los vencidos*, 1959. Boston: Beacon Press books, 1992.

LEVY, Buddy. **CONQUISTADOR Hernán Cortés, king Montezuma, and the last stand of the aztecs**. New York, New York: Bantam books, 2008.

LOAEZA, Pablo García; KAUFFMANN, Leisa. **Estudios de Cultura Náhuatl**, 53, enero-junio 2017. Disponível em: www.historicas.unam.mx/publicaciones/revistas/nahuatl/nahuatl.html.

LOCKHART, James. **The Nahuas after the Conquest**. Stanford, California: Stanford University Press, 1992.

LOPES, Marcos Antônio. **Explorando um gênero literário: os romances de cavalaria**. 2009, pp.147- 165. Disponível no link: <http://www.scielo.br/pdf/tem/v16n30/a07v16n30.pdf>.

MACEDO, José Rivair. **Mouros e cristãos: a ritualização da conquista no velho e no Novo Mundo**. Bulletin du centre d'études médiévales d'Auxerre. BUCEMA, Hors-série n° 2 , 2008. Disponível em: <https://journals.openedition.org/cem/8632>.

MAES, Hélène. **La Malinche descifrada a través de la carta 'privada' - Análisis comparativo de las novelas epistolares Amor y Conquista (1999) de Marisol Martín del Campo y La verdadera historia de Malinche (2009) de Fanny del Río**. 2013. Dissertação de mestrado. Disponível no link: https://lib.ugent.be/fulltxt/RUG01/002/060/361/RUG01002060361_2013_0001_AC.pdf.

MARCILY, Jean. **A civilização dos Astecas**. Rio de Janeiro: Otto Pierre, 1975.

MARCOCCI, Giuseppe. **Escravos ameríndios e negros africanos: uma história conectada. Teorias e modelos de discriminação no império português (ca. 1450-1650)**. Disponível no link: <http://www.scielo.br/pdf/tem/v16n30/a03v16n30.pdf>. Acesso em 09.08.2019.

MARTÍNEZ, José Luis. **Hernán Cortés**. México: Fondo de Cultura Económica;, 1992.

- MATURO, Carol, L. **Malinche e Cortés, 1519-1521. An Iconographic study.** Connecticut: University of connecticut, 1994.
- MENENDEZ, Miguel Angel. **Malitizn.** México: La Prensa, 1994.
- MIGNOLO, Walter D.. **COLONIALIDADE: O LADO MAIS ESCURO DA MODERNIDADE.** Rev. bras. Ci. Soc. [online]. 2017, vol.32, n.94, e329402. Epub June 22, 2017. Disponível no link: <http://dx.doi.org/10.17666/329402/2017>.
- _____. **Desobediencia epistémica: retórica de la modernidad, lógica de la colonialidad y gramática de la descolonialidad.** Argentina: Ediciones del signo, 2010.
- MONTANDON, Rosa Maria Spinoso de. **La Llorona. Mito e poder no México.** Niterói, 2007. Disponível no link: http://www.historia.uff.br/stricto/teses/Tese_2007_MONTANDON_Rosa_Maria_Spinoso-S.pdf.
- MORAIS, Marcus Vinícius de. **Hernán Cortés: a memória do conquistador.** Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH • São Paulo, julho 2010.
- MUÑOZ CAMARGO, Diego. **Historia de Tlaxcala.** Madrid: Información y Revistas, S.A., 1986.
- MURIEL, Josefina. **Las mujeres en la historia de Bernal Díaz del Castillo.** In: Díaz del Castillo, Bernal, *Historia verdadeira de la conquista de la Nueva España.* México, Gobierno del Estado de Chiapas-Miguel Ángel Porrúa, 1992.
- NASCIMENTO, Fernanda. **Estudos culturais e estudos descoloniais: diálogos e rupturas na construção de uma pesquisa de recepção.** São Paulo: Novos Olhares - Vol.7 N.1, 2018.
- OLIVEIRA, Susane Rodrigues de. **As mulheres indígenas nas lutas contra a opressão e dominação colonial no Peru (séculos XVI -XIX).** Fazendo Gênero Nº 9, Diásporas, Diversidades, Deslocamentos, 2010. Disponível no link: http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1277868857_ARQUIVO_Mulher_esnaslutas.pdf.
- PADGEN, Anthony. **Hernán Cortés: Letters from Mexico.** Translated, edited, and with a new introduction by Anthony Pagden. United States of America. Yale University Press, 1986.
- PALMA, Milagros. **Malinche, el malinchismo o el lado femenino de la sociedad mestiza.** Quito: ABYA-YALA, 1990.

- PASSUTH, Laszlo. **O Deus da Chuva Chora Sobre o México.** Belo Horizonte: Itatiaia, 1963.
- PAZ, Octavio. **Los hijos de la Malinche.** Cap. 4 In: El laberinto de la Soledad. Mexico City: Cuadernos Americanos, 1947.
- PEREIRA, Analúcia Danilevicz, MEDEIROS, Klei. **O PRELÚDIO DA COOPERAÇÃO SUL-SUL: da Conferência de Bandung à Conferência de Buenos Aires (1955-1978).** I Seminário Internacional de Ciência Política. Universidade Federal do Rio Grande do Sul | Porto Alegre | Set. 2015. Disponível no link: <https://www.ufrgs.br/sicp/wp-content/uploads/2015/09/PEREIRA-MEDEIROS-2015-O-Prel%C3%BAudio-Da-Coopera%C3%A7%C3%A3o-Sul-Sul.pdf>.
- PINSK, Carla Bassanezi. **Fontes Históricas.** São Paulo: Contexto, 2005.
- PORTUGAL, Ana Raquel; MORAIS Marcus Vinícius de. **HERNÁN CORTÉS E FRANCISCO PIZARRO: História e Memórias.** Temas & matizes - Vol. 9 - Nº 18 , 2010.
- PRESTA, Ana María. **Indígenas, españoles y mestizaje en la región andina.** In: Morant, Isabel (dir.). Historia de las mujeres en España y América Latina. Vol. II: El mundo moderno. Madrid: Cátedra, pp. 555-581 2006.
- RESTALL, Mathew. **Seven myths of Spanish Conquest.** New York: Oxford, 2001.
- RIBEIRO, F. A.. **Malinche e a narrativa histórica feminina no século XXI.** Letrônica, Porto Alegre, v. 10, n. 1, p. 470-483, jan.-jun., 2017.
- RIZZON, Carlos Garcia. **Memória de um tempo circular no território de Carlos Fuentes.** Porto Alegre: 2005.
- QUIJANO, Aníbal. **Colonialidad del poder y clasificación social.** Journal of world-systems research, v. 11, n. 2, p. 342-386, 2000.
- QUIJANO, Anibal. **Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina.** In: LANDER, Edgardo. A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais - perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO, p. 107-130, 2005.
- SAHAGÚN, Fray Bernardino de. **Florentine Codex. General History of the things of New Spain.** Translated and Introductions by Arthur J. O. Anderson and Charles E. Dibble. Prefacio by Miguel Leon-Portilla. Utah: School of American Research University of Utah, 1982.
- SAHAGÚN, Fray Bernardino de. **Historia general de las cosas de la Nueva España.** 02 vols. Barcelona: Linkgua S.L., 2009.

- SALAZAR, Francisco Cervantes de. **Crónica de la Nueva España**. Madrid: Hispanic Society of America, 1914.
- SALOMÃO, Daniele. **Mestiçagem e construção de identidades: a trajetória da índia Malinali na sociedade mexicana**, Rio de Janeiro, 2011. Disponível no link: http://www.bdt.d.uerj.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=3555.
- SALVADORINI, Vittorio. **Las "relaciones" de Hernán Cortés**. Università di Pisa. BICC, XVIII, 1963. In *Historiadores primitivos de Indias*, (Biblioteca de Autores Españoles, núm. XXII), Madrid, 1946.
- SANTACRUZ, Francisco Ramírez; MARTÍNEZ, Héctor Costilla. **La Historia de Tlaxcala (1592) de Diego Muñoz Camargo: texto clave de los procesos de adaptación y reescritura en el México virreinal**. Boletín Hispánico Helvético, Número 31, 2018.
- SANTOS, Maria Luana dos. **Malinche: o 'novo mundo' é feito de representações**. MS: Dourados, 2015. Dissertação de Mestrado.
- SEGER, Magda Fabiane. **La Malinche, D. Marina: a "lengua" de Cortés segundo o "Lienzo de Tlaxcala"** São Leopoldo, 2014. Disponível no link: <http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/4253>.
- SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. **Dicionário de conceitos históricos**. São Paulo: Contexto, edição n. 2, 2006.
- SOCLOW, Susan Migden. **The Women of Colonial Latin America**. New York: Cambridge University Press, 2007.
- SOMERLOTT, Robert. **La Muerte del Quinto Sol**. México: Martínez Roca, 1992.
- SOUSTELLE, Jacques. **A Civilização Asteca**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1987.
- SOUZA, Juliana Beatriz Almeida de. **Las Casas, Alonso de Sandoval e a defesa da escravidão negra**. TOPOI, v. 7, n. 12, jan.-jun. 2006, pp. 25-59.
- SWEET, Colleen A. 2012. **Silence Through Representation: La Malinche as Christian, Mistress and Conquistadora**. Washington, DC: The Catholic University of America.
- TIERNEY, Patrick. **The Highest Altar**. New York: Penguin Books, 1989.
- TODOROV, Tzvetan. **A conquista da América: a questão do outro**. Tradução de Beatriz Perrone-Moisés. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- TOWNSEND, Camilla. **Malintzin's choices An Indian Woman in the Conquest of Mexico**. Albuquerque: University of New Mexico Press, 2006.

VALLA, Jean-Claude. **A Civilização dos Incas**. Rio de Janeiro: Otto Pierre Editores, 1976.

VÁSQUEZ DE TAPIA, Bernardino. **Relación de méritos y servicios del conquistador Bernardino Vázquez de Tapia VECINO Y REGIDOR DE ESTA GRAN CIUDAD DE TENUSTITLAN, MEXICO**. Estudio y notas de Jorge Gurría Lacroix. Mexico: Universidad Nacional Autónoma de México: Dirección General de Publicaciones. 1972.

VILLAVA, Helena Alberú de. **Malintzin el señor Malinche**. México: Edamex, 1995.

WALSH, Catherine. **Pedagogias decoloniales- Prácticas insurgentes de resistir, (re) existir y (re)vivir**. Série Pensamiento decolonial, Quito: Abya-Yala, 2017. Disponível no link: <https://www.amazon.com.br/Pedagog%C3%ADas-decoloniales-insurgentes-Pensamiento-decolonial-ebook/dp/B07MZ9GGB8>.

ZÁRATE, Julio. **Compendio de Historia general de México**. México: Herrero Hermanos, 1898.